

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Departamento de Jornalismo e Editoração

Monografia: Trabalho de Conclusão de Curso

Versão corrigida

Um Clássico “Expurgado de Defeitos”: Análise da Edição Lobatiana de

***A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo**

Gabriela Ferreira Fernandes

Curso: Comunicação Social com Habilitação em Editoração

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Departamento de Jornalismo e Editoração

Um Clássico “Expurgado de Defeitos”: Análise da Edição Lobatiana de

***A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo**

Trabalho de conclusão de curso entregue como requisito
para obtenção de título de Bacharel em Comunicação
Social com Habilitação Profissional em Editoração.
Orientação: Prof^a Dr^a Marisa Midori Deaecto

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Fernandes, Gabriela Ferreira
Um Clássico "Expurgado de Defeitos": análise da edição
lobatiana de A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo /
Fernandes, Gabriela Ferreira Fernandes; orientadora,
Marisa Midori Deaecto. - São Paulo, 2024.
1 v.: il. + Inclui um catálogo e cotejo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Monteiro Lobato. 2. mediação editorial. 3. A
Moreninha. I. Midori Deaecto, Marisa. II. Título.

070.5

CDD 21.ed. -

Aprovado em: 06 de dezembro de 2024

Banca Examinadora

Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto (presidência)

Profa. Dra. Lilian Escorel de Carvalho

Prof. Dr. Plinio Martins Filhos

A Thiago Fernandes, *in memoriam*, quem
a lembrança dispensa mediações.

AGRADECIMENTOS

Em 2024, ano em que termina esta pesquisa, talvez por certa ironia do destino, é o ano em que a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato completaria o seu centenário. Do mesmo modo, também faz cem anos que a Collecção Popular e a “edição cuidadosamente expurgada de defeitos” de *A Moreninha*, objeto desta pesquisa, foi lançada pela casa. Se há cem anos Monteiro Lobato promoveu seus “experimentos editoriais”¹, que marcaram a trajetória do livro no Brasil, hoje, tentando entender um pouco desse universo, também lanço meu primeiro “experimento”, que me apresentou à pesquisa em um ano repleto de descobertas e amadurecimento, que estimo ser apenas um começo.

Quantas são as pessoas e instituições que cruzam nossos caminhos neste modesto período! De início, registro meus agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que com seu programa de fomento possibilitou as condições para a dedicação a este trabalho. Também lembro da minha instituição sede, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em especial o seu Departamento de Jornalismo e Editoração, ao qual devo minha graduação, ora aqui finalizada.

Durante a pesquisa, pude consultar presencialmente os acervos riquíssimos de bibliotecas públicas, às quais deixo meu muito obrigada: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Biblioteca Florestan Fernandes, Biblioteca Mário de Andrade, Centro Cultural São Paulo, e, com destaque, a Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, onde fui recebida gentilmente várias vezes pelos bibliotecários Antônio e Clara, figuras essenciais para a localização e análise dos materiais, lembrados aqui carinhosamente. Também pude contar com o serviço online da Biblioteca Nacional. Além dessas instituições, agradeço ao sebo O Buquineiro Livros Raros, que possibilitou a consulta de obras do seu catálogo e foi extremamente hospedeiro.

Outrossim, expresso meus agradecimentos à minha querida professora e orientadora, Professora Marisa Midori Deaecto, pesquisadora admirável, que me acolheu, acompanhou, expurgou os defeitos e trilhou comigo essa fase em uma relação amigável e companheira. Outros professores também estiveram presentes, indicando leituras e contatos que me auxiliaram: Plínio Martins Filho, Thiago Mio Salla e Jean Pierre Chauvin; assim também, minha amiga, Ana Claudia Aparecida Veiga Almeida.

¹ Expressão utilizada por Juliana Siani Simonatto, *Monteiro Lobato & Cia. Uma Experiência Editorial*, São Paulo, Com-Arte, 2010.

Junto a esses, agradeço também aos demais membros do Núcleo de Pesquisa do Livro (Nupel), em especial Hugo Quinta, Cecília Salomon e Fabiana Marchetti, que me ajudaram mais de perto em diversas frentes; e às pesquisadoras Cilza Carla Bignotto e Lilian Escorel, lobatianas, que para além de seus trabalhos que compõem a bibliografia, me receberam e mantiveram contato, colaborando com a localização de documentos e com seus olhares sob os catálogos das editoras de Lobato.

Por fim, ressalto minha família, que sempre esteve presente: meus pais, Marcela Ferreira Fernandes, confidente de todos os planos, e Thiago Fernandes, *in memoriam*, que tanto se alegrou comigo no ingresso da faculdade, mas, infelizmente, não me verá concluí-la; meu irmãozinho, Vinícius, que sempre me tem um sorriso; e meu namorado, Raphael, companheiro e incentivador. Tenho o privilégio de habitar em uma casa unida, e, claro, cheia de livros.

Macedo é capilé com canela, bebido em caneca de folha.

MONTEIRO LOBATO²

² Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, São Paulo, Editora Globo, 2010, p. 414.

RESUMO

Esta monografia, apresentada como trabalho de conclusão de curso, sintetiza as descobertas da iniciação científica, desenvolvida na instituição, com o mesmo título, e busca analisar as práticas editoriais de Monteiro Lobato no romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, reeditado pela Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, em 1924, em uma edição “cuidadosamente expurgada de defeitos”, dentro da Coleção Popular. A partir disso, busca-se refletir sobre o papel e os limites da mediação editorial.

Palavras-chave: *A Moreninha*, Monteiro Lobato, Mediação Editorial

ABSTRACT

This undergraduate thesis, showed as Course Completion Work, systematized results of undergraduate research that made on the same university and as the same titled, and it seeks to analyze Monteiro Lobato's editorial practices in the romance *A Moreninha*, by Joaquim Manuel de Macedo, re-edited by Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato in 1924, in an edition “carefully purged of defects”, on the Coleção Popular. From this, we seek to reflect on the role and limits of editorial mediation.

Keywords: *A Moreninha*, Monteiro Lobato, Editorial Mediation

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01: Ilustração do frontispício da primeira edição de *A Moreninha* | 17
- Figura 02: Recorte da obra *Negros Vendedores de Aves*, de Jean-Baptiste Debret | 23
- Figura 03: Retrato de Joaquim Manuel de Macedo | 25
- Figura 04: Parte do Anúncio “Livros Barátíssimos”, *Jornal do Commercio*, 22 de agosto de 1881 | 27
- Figura 05: Trecho de “Pelos Theatros”, *Revista Ilustrada*, janeiro de 1881 | 27
- Figura 06: Trecho de “Kaleidoscopio”, *O Fluminense*, 14 de abril de 1882 | 28
- Figura 07: Primeira página do *Diario do Rio de Janeiro*, 30 de setembro de 1884 | 30
- Figura 08: Anúncio do *Jornal do Commercio*, 20 de setembro de 1845, p. 4 | 32
- Figura 09: Inserção de *A Moreninha* (1924) no Catálogo da Graphico-Editora Monteiro Lobato de 1925 | 33
- Figura 10 e 11: Frontispício da primeira edição de *A Moreninha* e página final de agradecimentos | 35
- Figura 12 e 13: Frontispício da segunda edição de *A Moreninha* e visão de uma estampa com conta-fios | 36
- Figura 14: Valsa distribuída com a *Marmota da Corte*, 1861 | 37
- Figura 15: *Jornal do Commercio*, 14 de dezembro de 1848 | 38
- Figura 16: *Jornal do Commercio*, 26 de janeiro de 1849 | 39
- Figura 17: *Correio Mercantil*, 13 de fevereiro de 1849, Hemeroteca Digital | 39
- Figura 18: Designação para Antonio Luis Fernandes da Cunha examinar a comédia: *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1861 | 41
- Figura 19: *Catálogo de Livros da Bibliotheca Fluminense*, de 1866, seção v, Ficção em Prosa | 42
- Figura 20: *Jornal do Commercio*, 10 de abril de 1849 | 42
- Figura 21 e 22: Frontispício dos dois volumes da edição de 1854 | 43
- Figura 23 e 24: Frontispício e página com a abertura da notícia citada, edição de 1860 | 44
- Figura 25 e 26: Falso olho com título da coleção e frontispício, edição de 1867, volume 1 | 45
- Figura 27 e 28: Cópia do anúncio de obras e do frontispício da edição de 1872 | 46
- Figura 29 e 30: Capa em tecido e frontispício da edição de 1889 | 47
- Figura 31: Reprodução dos frontispícios das edições de 1896 e 1899 | 48

Figura 32 e 33: Frontispício e índice da edição de 1904 | 49

Figura 34: Frontispício da edição de 1913 | 50

Figura 35: *Correio Paulistano*, 25 de junho de 1920 | 51

Figura 36: Reprodução do frontispício da edição de 1920 | 52

Figura 37 e 38: Frontispício e abertura da opereta de Arlindo Leal | 53

Figura 39: Frontispício da edição de 1921 | 54

Figura 40 e 41: Capa e frontispício da edição de 1924 | 55

Figura 42: Retrato de Monteiro Lobato, s.d. | 61

Figura 43: Diferentes logotipos das editoras encontrados nos acervos consultados | 62

Figura 44 e 45: Cópias da primeira e da última página do catálogo de 1923 | 64

Figura 46: Frontispício de obra aprovada para escolas de São Paulo, Paraná e Ceará | 67

Figura 47 e 48: Cópia de parte das seções de literatura e de não ficção do catálogo de 1924, respectivamente | 68

Figura 49 e 50: Capa de *Maria*, editado em 1925, e visão da ilustração pelo conta-fios. Impresso em *offset* | 69

Figura 51 e 52: Cópias da quarta capa e capa do catálogo de 1925 | 70

Figura 53: Capa de *Imposto sobre a Renda*, de 1925 | 71

Figura 54: Capa de *A Tempestade*, publicado em 1925 | 73

Figura 55: Recorte de vol.1, s.d. | 76

Figura 56: Recorte de vol.1, 1925 | 78

Figura 57: Vol. 2, 1937, *La Prensa*, Argentina. Começo da publicação de *Don Quixote de Los Niños* | 79

Figura 58: Vol. 2, 1937, *La Prensa*, Argentina. Reconstrução da diagramação de *Don Quixote de Los Niños* | 80

Figura 59: Vol. 2, 1921, sem identificação, Argentina. Anúncio das adaptações de contos lobatianos | 80

Figura 60: Vol. 2, 1921, sem identificação, Argentina. Tradução para jornal de *Negrinha* | 81

Figura 61: Vol. 3, sem identificação, anúncio da morte de Lobato | 82

Figura 62: Vol. 3, recorte de *O Estado de São Paulo*, 1953 | 83

Figura 63 e 64: Vol. 5, recorte de capa de Maurício de Souza na *Folhinha de São Paulo*, s.d., e anúncio sobre e selos em homenagem ao autor | 84

Figura 65: Aparição da coleção no catálogo de 1925 | 88

Figura 66: Livros da Collecção Popular juntos | 90

Figura 67 e 68: Capas de *O Doutor Rameau* e *A Moreninha*, esta com destaque no conta-fios
| 91

Figura 69: Versões de logotipos impressas nas quartas capas, sendo a primeira mais antiga
| 92

Figura 70: Frontispícios da coleção | 93

Figura 71: Frontispícios da coleção | 94

Figura 72: Exemplo de abertura de capítulo de *A Moreninha* | 95

Figura 73: A Pedra da Moreninha, por Júlio Pereira | 106

Figura 74: Elenco da novela *A Moreninha* – 2ª versão, 1975 | 106

Figura 75: A Casa da Moreninha | 107

Figura 76: Anúncio de peça de teatro no *Jornal do Commercio*, 1848 | 107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O Encontro com *A Moreninha* | 14

1. Mediação editorial: conceito e limites | 18

2. A Pena, a Prensa e seu Contexto | 21

2.1 A Primeira Filha de Macedo | 29

2.2 De Macedo a Monteiro | 34

3. Legalidade Filológica: Noções de Direitos Autorais e Domínio Público entre os séculos XIX e XX | 56

4. A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato e seu Editor | 59

4.1 Aos Olhos da Imprensa, a partir dos Álbuns de D. Purezinha | 76

5. Reeditar, Escoimar e Atualizar: A Collecção Popular | 85

6. *A Moreninha*, por Lobato: Cotejo das Edições de 1872 e 1924 | 97

6.1 Metodologia | 98

6.2 Análise Numérica | 101

6.3 A Pena do Editor | 103

CONCLUSÃO: A Elite dos Clássicos Populares | 109

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 111

ANEXO I: CATÁLOGO DE EDIÇÕES A MORENINHA, 1844-1924 | 117

ANEXO II: COTEJO COMPLETO DAS EDIÇÕES DE 1872 E 1924 | 133

INTRODUÇÃO: O Encontro com *A Moreninha*

Na verdade, é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros.

LAURENCE HALLEWELL³

Esta monografia é fruto de doze meses de pesquisa de iniciação científica, juntamente com um semestre na disciplina CJE0314: Projeto Experimental em Produção editorial, realizados na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com visitas a diversos acervos dentro e fora da universidade, leituras que abarcam o mundo do livro entre os séculos XIX e XX, análise material, além do extenso trabalho de comparação textual.

Um dos *insights* para a definição do objeto de pesquisa veio à tona após a leitura do mestrado de Lilian Escorel⁴, em livro, intitulado *Edição Lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias: Um Caso de Coautoria na História do Livro e da Literatura no Brasil*⁵, elaborado também na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). A autora analisou a edição de 1925 da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato do romance de Manuel Antônio de Almeida, dentro da Collecção Popular, identificada como “edição escoimada de vícios de forma”. Com isso, foi possível notar que o cotejo dos diferentes testemunhos de uma obra é muito importante para entender a mediação editorial no decorrer do tempo e evidenciar a mutabilidade do texto literário.

De modo geral, os romances dessa coleção são obras clássicas, brasileiras e estrangeiras, que foram reeditadas pensando em grandes públicos, e possuem outro traço em comum: a intensa mediação editorial. Nas palavras do editor:

É possível que a crítica berre, pois enfiei a pena a fundo nessas obras, mas se fizer escândalo, tanto melhor. Eu parti desse princípio: foram apontados como criminosos os autores das hediondas alterações desses livros? Não. Logo, não pode ser culpado quem as alterou para melhor⁶.

³ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2017, p. 31.

⁴ Lilian Escorel de Carvalho, *Edição Lobatiana das Memórias de um Sargento de Milícias: Um Caso de Coautoria na História do Livro e da Literatura no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.

⁵ Lilian Escorel, *Edição Lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo, Com-Arte, 2021.

⁶ Monteiro Lobato, “O Romance Brasileiro”, *Folha da Tarde*, apud *Revista do Brasil*, pp. 75-77, jan. 1925.

Sobre isso, foi diagnosticado por Cilza Carla Bignotto, em sua tese de doutorado *Novas Perspectivas sobre as Práticas Editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*⁷, defendida na Universidade Estadual de Campinas, que a edição lobatiana de *A Moreninha*, publicada na mesma coleção, ainda carecia de uma comparação textual integral.

Em complemento, a história editorial de tal romance mostra-se muito relevante para nossas letras, uma vez que ele entrou no cânone literário brasileiro, sendo muito citada por sua importância histórica, pois levou e leva até hoje o rótulo de ter sido o primeiro romance brasileiro, o que será esmiuçado no decorrer do trabalho. Além disso, é indiscutivelmente um *best-seller*, reeditado inúmeras vezes até a contemporaneidade, por pequenas e grandes casas editoriais.

Tal fama, devido à forma do romance, que segundo Meyer⁸ foi a grande referência para os folhetins brasileiros junto com os romances de José de Alencar, ao passar dos anos rendeu um erro acadêmico: muitos trabalhos (ver bibliografia) afirmam que este romance foi publicado em folhetim, pelo *Jornal do Commercio*, em 1844, o que não aconteceu⁹. Nos jornais deste ano há apenas um anúncio de sua publicação diretamente em livro, que logo foi adaptado para o teatro. Portanto, o fato de não ter sido publicado em folhetim não afetou sua popularidade na época.

Dentro desse contexto, na primeira parte da pesquisa, após o convite para a discussão sobre mediação editorial, está presente um levantamento da memória editorial do romance *A Moreninha*, desde sua primeira edição, até o seu encontro com o editor Monteiro Lobato, oitenta anos após a publicação. Esta etapa de análise material foi muito importante para entender o percurso do livro nesses anos de história e para definir qual seria o seu texto genuíno e, de certa forma, o seu perfil filológico.

Após esse levantamento, a pesquisa entrou no catálogo da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, a fim de entender a colocação dessa edição “expurgada de defeitos”, que foi cotejada por completo com a edição definida como a última vontade do

⁷ Cilza Carla Bignotto, *Novas Perspectivas Sobre as Práticas Editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese (Doutorado), Campinas, Unicamp, 2007. Em livro: Cilza Carla Bignotto, *Figuras de Autor, Figuras de Editor: As Práticas Editoriais de Monteiro Lobato*, São Paulo, Editora Unesp, 2018.

⁸ Marlyse Meyer, *Folhetim: Uma História*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

⁹ Esse equívoco foi confirmado pelo levantamento de Llana Heineberg, *La Suite au Prochain Numéro: Formation du Roman-feuilleton Brésilien à partir des Quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. Tese de Doutorado (Literatura Brasileira), Paris, Université de La Sorbonne Nouvelle, 2004.

autor. Junto a esses procedimentos, são discutidos os conceitos de mediação editorial, paratextos¹⁰ e a própria noção de direitos autorais.

Para a concretização da investigação, portanto, buscou-se na metodologia meios de analisar o livro do ponto de vista editorial, o que é de muita relevância acadêmica para a formação em Editoração. Para isso, teve-se como base o modelo seguido pelo pesquisador Laurence Hallewell¹¹, observando o livro não somente do ponto de vista literário, mas como um objeto inscrito em circunstâncias econômicas, sociais, materiais, gráficas e comerciais.

Junto a essa abordagem, a pesquisa se baseia em pressupostos enunciados principalmente por Roger Chartier¹², considerando a materialidade do livro inseparável do texto e reconhecendo a presença de mobilidade e instabilidade no objeto literário, características inerentes à mediação editorial, mas também com outras referências relacionadas, que buscam dar estrutura ao conceito de mediação, seu papel e limites no mundo editorial, utilizando-se do caso de Lobato como um exemplo para esmiuçar tal conceito.

Com isso, espera-se, dentro das limitações deste projeto, contribuir um pouco mais com os estudos em volta da figura de Monteiro Lobato¹³ e da obra de Joaquim Manuel de Macedo, juntamente com suas colocações dentro da trajetória do mercado editorial brasileiro.

Boa leitura!

¹⁰ A definição de paratextos utilizada foi a de Gérard Genette, *Paratextos Editoriais*, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2018.

¹¹ Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 25.

¹² Roger Chartier, *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, São Paulo, Editora Unesp, 2014, pp. 8-12.

¹³ É imprescindível ressaltar que há importantes estudos sobre Monteiro Lobato do ponto de vista literário, em especial os dirigidos por Marisa Lajolo, mas para compreendermos este notável personagem da história do livro no Brasil, também é necessário observar sua atuação como editor, como avançam as pesquisas de Alice Koshiyama, Cilza Bignotto e Lilian Escorel, além de Laurence Hallewell.



Figura 01: Ilustração do frontispício da primeira edição de *A Moreninha*
Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

1. Mediação editorial: conceito e limites

O importante é identificar como [a obra] foi concebida e expressada em cada momento da história — inclusive no nosso.

ROGER CHARTIER¹⁴

Conforme assinalado anteriormente, o objetivo específico desta pesquisa é analisar as práticas editoriais de Monteiro Lobato, a partir de sua edição do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Para isso, torna-se necessário a definição do conceito de mediação editorial, como também um panorama das funções e obrigações de um editor, dentro da época em que a edição em questão foi produzida.

Ao se fazer uma busca rápida na internet sobre o que é ser um editor de livros, de modo geral, recebe-se a informação que o editor é aquele profissional responsável por todo o processo de publicação de um livro, ou seja, no senso comum, é ele quem faz a intermediação entre o autor e o leitor. Essa ideia já está consolidada desde aproximadamente 1830¹⁵, e registrada em obras como o *Dicionário de Termos Gráficos*, de Arthur Arezio, de 1936, que afirma que um editor é “aquele que se responsabiliza pela publicação de um trabalho literário ou científico”¹⁶.

De acordo com o *Dicionário do Livro*, o editor é o principal profissional do ramo das artes gráficas, é aquele que assume a responsabilidade pela publicação e acompanha a produção de um livro ou impresso, o que pode envolver até a elucidação do texto¹⁷. Do mesmo modo, o editor contemporâneo Plínio Martins Filho, em *A Arte Invisível*, reforça o papel de todos os profissionais da cadeia produtiva do livro para que o leitor possa “habitar” no livro sem problemas¹⁸ de forma natural. Isso envolve conteúdo e forma, ambos responsabilidade dos editores e outros profissionais.

Essa ação passa também pela edição do texto, ilustrada de forma exemplar na biografia do editor norte-americano Max Perkins, contemporâneo de Monteiro Lobato. Na obra é possível observar como Perkins trabalhou ativamente nos originais de seus autores, cortando, recolocando parágrafos, alterando expressões linguísticas, entre outras ações que fizeram do manuscrito um livro publicado. Ele também afirmava ser necessário que o editor

¹⁴ Roger Chartier, *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, São Paulo, Unesp, p. 294.

¹⁵ Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *Dicionário do Livro*, São Paulo, Edusp, 2008, p. 271.

¹⁶ Arthur Arezio, *Dicionário de Termos Gráficos*, São Paulo, Com-Arte, 2017, p. 123.

¹⁷ Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *op.cit.*, p. 271.

¹⁸ Plínio Martins Filho, *A Arte Invisível*, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2008, pp. 13-14.

interviesse no texto antes que fosse publicado: “Antes que um autor destrua as qualidades naturais de sua escrita — é quando um editor deve intervir. Nenhum momento antes”¹⁹.

Roger Chartier, em sua obra *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, chama a atenção dos pesquisadores para a “coletividade de toda a produção textual”²⁰, ou seja, um livro não é apenas fruto de seu autor, mas é resultado de um processo (social, técnico e econômico) de publicação e recepção. Em contrapartida, vale lembrar que a partir do século XVIII, com a noção de propriedade intelectual, foi desenvolvido um “fetichismo com a mão do autor”, que supervalorizou os manuscritos assinados, e apagou, de certa forma, essa dimensão coletiva do texto²¹ e sua natural mutabilidade, uma vez que a impressão não garantiu que as mudanças no texto deixassem de ocorrer²².

Assim, por mais que a intervenção do editor no texto seja um pressuposto de sua profissão, esse processo nem sempre é percebido pelos leitores e pelos estudiosos. Quando se trata de autores mortos e obras já consolidadas, a mediação torna-se muito mais complexa. Cambraia, em *Introdução à Crítica Textual*, define que entre as modificações endógenas que um texto pode sofrer através dos anos existem aquelas que não são autorais, as quais podem ser voluntárias (como a atualização da ortografia ou a troca de expressões) ou involuntárias (chamados erros de transmissão)²³. Segundo o filólogo, essas modificações voluntárias, comumente, ocorrem por discordâncias entre o texto e quem o editou. Sua obra, portanto, defende, de certa forma, o papel das edições que recompõem o texto, o mais próximo de sua origem, ou que demonstram suas modificações e atualizações.

Mas será que todas as edições estão preocupadas em serem “filologicamente corretas”? Em contrapartida a essas definições, McKenzie, em *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*, afirma que:

Edições definitivas tornaram-se aparentemente um ideal impossível frente a tantas evidências de revisão autoral e, conseqüentemente, de instabilidade textual. Cada versão apresenta um argumento para ser editada de sua maneira, respeitando sua historicidade como artefato; ainda assim, a variedade de formas autorizadas abriu novas vias para a escolha editorial, chegando ao ponto de criar, por confluência ou até por formas mais ousadas de adaptações, novas versões que se imagina mais apropriadas às necessidades de mercados recentemente definidos²⁴.

¹⁹ Tradução nossa de: “Before an author destroys the natural qualities of his writing — that’s when an editor has to step in. But not a moment sooner” (Andrew Scott Berg, *Max Perkins: Editor of Genius*, New York, Thomas Congdon Books, 1978, p. 7).

²⁰ Roger Chartier, *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, São Paulo, Unesp, 2013, p. 10.

²¹ *Ibidem*. pp. 139-146.

²² *Ibidem*. pp. 105-106.

²³ César Nardelli Cambraia, *Introdução à Crítica Textual*, São Paulo, Martins Fontes, 2005, p. 07

²⁴ Donald Francis McKenzie, *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*, São Paulo, Edusp, 2018, p. 12.

Neste contexto, surge a discussão entre Direitos Autorais, ou seja, direitos relativos à exploração econômica e propriedade intelectual de uma obra, e os Direitos Morais do autor, aqueles relativos à integridade das ideias presentes no texto, o que tem, de certa forma, critérios mais subjetivos, que envolvem a essência da obra.

Com esse cenário, ao chegar com as suas edições “expurgadas”, “atualizadas”, “escoimadas” ou “novas”, publicadas nos anos de 1920, mesmo que na época ainda não houvesse na lei as noções de direitos morais do autor²⁵, Monteiro Lobato, apesar de não esconder a ação editorial dos leitores, através de paratextos como a designação da edição, e até mesmo uma nota editorial em sua edição do *Memórias de um Sargento de Milícias*, gerou, em suas palavras, uma certa polêmica na crítica por estar “deturpando” os romances²⁶.

Juntamente com a explicitação das alterações, pode-se destacar também os objetivos por trás de suas edições, dentre eles o de tornar certos romances populares, sem se esquecer da função do autor de entreter os leitores²⁷, e, de certa forma, corrigir os supostos erros que traziam esses textos, a fim de levar uma obra devidamente preparada para o público, o que está dentro das atividades de um editor, como reconhece Max Perkins: “no fim, um editor só pode tirar de um autor o que ele já tem”²⁸.

Tendo em vista esses conceitos, será analisada a edição de Monteiro Lobato do romance *A Moreninha*, onde se entenderão os meios pelos quais essa mediação foi exercida. Porém, antes disso, cabe voltar para o século XIX, e apresentar, em primeiro lugar, o que foi esse romance, cuja edição foi “cuidadosamente expurgada de defeitos”.

²⁵ Lilian Escorel, *Edição Lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo, Com-Arte, 2021, p. 32.

²⁶ Mapear a relação de Lobato com a crítica literária é um trabalho interminável. Sobre os livros da coleção, encontramos declarações do próprio editor e citações em edições posteriores. Há também alguns recortes de jornais em que essa relação é comentada para além da coleção, que aparece pouco na documentação, mas não foi possível identificar a quais periódicos correspondiam.

²⁷ Monteiro Lobato, “O Romance Brasileiro”, *Folha da Tarde*, apud, *Revista do Brasil*, pp. 75-77, jan. 1925.

²⁸ Tradução nossa de: “in the end an editor can get only as much out as an author as the author has in him” (Max Perkins, apud Andrew Scott Berg, *Max Perkins: Editor of Genius*, New York, Thomas Congdon Books, 1978, p. 6).

2. A Pena, a Prensa e seu Contexto

Insisto em dizer-lhe que a humanidade é romântica.

Não me queira mal por isso. Passe bem.

MONTEIRO LOBATO²⁹

Segundo o estudo de Leandro Thomaz de Almeida, *Trajetórias da Recepção Crítica de Joaquim Manuel de Macedo*, há um grande contraste entre a crítica literária contemporânea a Macedo, que recebeu sua obra de forma elogiosa, com àquela desenvolvida durante o século XX, que, de modo geral, classificou o autor como cheio de sentimentalismo e puerilidade e sua obra como sistematicamente repetida. Sobre isso, o estudioso afirma que é importante entender quais parâmetros foram utilizados em cada fase crítica, a fim de evitar anacronismos e juízos de valor perante essa produção.

Notáveis obras de história da literatura brasileira, como, por exemplo, *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido³⁰, *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi³¹, e *História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo³² refletem os mesmos posicionamentos acerca do autor e sua obra. Apesar das críticas, nem sempre gentis, é interessante notar o fato de que em todas essas obras Macedo é, de certa forma, posto no cânone literário, principalmente por conta da simbologia em volta de *A Moreninha*, que teria sido um dos primeiros romances brasileiros (ou o primeiro) reconhecido como tal³³, juntamente com sua indiscutível popularidade, lembrada por todos os seus críticos. Mesmo assim, é importante ressaltar que tal posicionamento não é uma constância na pesquisa acadêmica.

²⁹ Monteiro Lobato, “O Romance Brasileiro”, *Folha da Tarde*, apud *Revista do Brasil*, p. 77, jan. 1925.

³⁰ “Não poderíamos encontrar no Brasil, em todo o século passado, escritor mais ajustado a esta via de comunicação fácil do que Joaquim Manuel de Macedo. O pequeno valor literário da sua obra é principalmente social, pelo fato de ele se ter esforçado em transpor a um gênero novo entre nós os tipos, as cenas, a vida de uma sociedade em fase de estabilização, lançando mão do estilo” (Antonio Candido, *A Formação da Literatura Brasileira*, vol. 2, São Paulo, Editora Ouro Sobre Azul, 2014, pp. 122).

³¹ “Não admira que, achadas com facilidade as receitas já em *A Moreninha*, o escritor tenha sido tentado a diluí-las em mais dezessete romances” (Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 2015, p. 106).

³² “Pouco variam as situações e tipos dos romances de Macedo. Ou eram de fato uma e outros constantes na sociedade de que Macedo escreveu o romance, ou ao romancista faltou a arte de lhes descobrir as forçosas variações” (José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1915).

³³ É importante tomar cuidado com colocações e famas históricas tão exatas. Torna-se essencial citar que, cronologicamente, *O Filho do Pescador* (1843), de Teixeira e Sousa, é anterior a *A Moreninha*, apesar de muitas vezes este ser citado como o pioneiro.

De modo contrastante, o panorama traçado por Israel de Souza Lima, em sua *Biobibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo*, em consonância com outros estudiosos da literatura³⁴, defende a diversidade da obra de Macedo, composta por romances, peças de teatro, poesias, memórias, textos acadêmicos e até mesmo um anuário, o *Anno Biographico Brasileiro*³⁵. Além disso, há diferentes temáticas nos romances, desde os namoros mais “clichês”, até o romance fantástico e cômico, como *A Luneta Mágica*.

Não cabe aqui nenhum juízo de valor de qual posição crítica seria a mais “correta” ou “ideal”. Esses trabalhos foram muito brevemente descritos apenas para demonstrar que em diferentes épocas há diversos modos de se pensar a literatura, como também distintas interpretações sobre textos passados que continuam sendo recebidos pelos leitores. Como escreve Roger Chartier, ter clara a mutabilidade do texto e da crítica é “uma condição necessária para evitar todo anacronismo da compreensão das obras”³⁶.

Desse modo, para o início desta pesquisa, faz-se necessário entender a produção literária oitocentista, a qual foi marcada pela consolidação do romance como gênero literário. Resumidamente, o romance nasce com a fusão e a ruptura dos gêneros clássicos, característica fundamental para o discurso defensor e fundante do romantismo. Ou seja, uma mesma obra pode conter episódios com o gênero epistolar, lírico ou dramático. Conforme afirma Isaiah Berlin:

Portanto, a noção de incompatibilidade, de pluralidade de ideais, cada qual com sua própria validade, torna-se parte do grande aríete que o Romantismo arremessa contra a noção de ordem, contra a noção de progresso, contra a noção de perfeição, os ideais clássicos, a estrutura das coisas³⁷.

Olhando para o Brasil em específico, pode-se notar que o florescimento do romantismo coincidiu também, sobretudo na Corte, a partir de 1830, com o lento processo de urbanização e ampliação do público leitor. Juntamente a esses processos, há um projeto para construção do nacionalismo brasileiro, devido à recente independência e aos ajustes à nova classe burguesa, que estava se estabelecendo no período. Portanto, segundo o sociólogo e crítico literário Antonio Candido, para além das questões artísticas, é possível notar

³⁴ Pode-se citar também, acerca do panorama crítico, o breve levantamento feito por Chauvin, em “Joaquim Manuel de Macedo sob as Lentes da Crítica”, prefácio da edição de 2017 de *A Luneta Mágica*.

³⁵ Rio de Janeiro, Typographia e Litophia do Imperial Instituto Artístico, 1876.

³⁶ Roger Chartier, *À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude*, trad. Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002, p. 260, *apud* Leandro Thomaz de Almeida, *Trajetórias da Recepção Crítica de Joaquim Manuel de Macedo*, Dissertação de Mestrado (Teoria e História Literária), Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

³⁷ Isaiah Berlin, *As Raízes do Romantismo*, São Paulo, Editora Fósforo, 2022, pp. 209-210.

disposições sociais que permitiram o florescimento do romance e do romantismo, disposições essas que definiram também os modos de produção e distribuição do livro como objeto, o que tem seu reflexo e marcas no texto literário, que teria sido marcado, no começo do romantismo, pela presença de tipos-sociais, pelo sentimentalismo e pela influência da oralidade, características que harmonizaram perfeitamente com os romances-folhetins, muito populares no século XIX³⁸.

Toda essa disposição literária estava inserida em um cenário da economia do livro, cuja descrição é igualmente importante para os objetivos da pesquisa, pois “a materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto”³⁹.

Hélio Seixas de Guimarães, em sua obra *Os Leitores de Machado de Assis*, relembra, no começo de sua análise sobre a distribuição do livro no século XIX, a metáfora do leitor-carapicu, “personagem raro, catado com dificuldade pelo condutor-escritor nas ruas do Rio de Janeiro”⁴⁰. Essa relação, entre autor-obra-público, é descrita como cheia de desigualdades, obstáculos e peculiaridades nesse período, pois de um lado se tem o romance (uma forma moderna), e do outro, o negro escravizado com o balaio⁴¹, vendedor que carrega de porta em porta muitos objetos e produtos, inclusive os livros⁴².



Figura 02: Recorte da obra *Negros Vendedores de Aves*, de Jean-Baptiste Debret

Reprodução a partir de *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, p. 62

³⁸ Definição presente em: Antonio Candido, *A Formação da Literatura Brasileira*, vol. 2, São Paulo, Editora Ouro Sobre Azul, 2014, pp. 99-105.

³⁹ Roger Chartier, *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, São Paulo, Editora Unesp, 2014, p. 11.

⁴⁰ Hélio Seixas de Guimarães, *Os Leitores de Machado de Assis*, São Paulo, Edusp, 2004, p. 59.

⁴¹ Essa forma de comercialização de produtos é registrada (não com livros) desde a Colônia, como exemplifica a aquarela de Debret, reproduzida aqui.

⁴² *Idem*, p. 62.

Para compreender as dimensões da produção editorial brasileira oitocentista, vale lembrar também que, apesar do notável florescimento do romance, durante todo o século XIX as taxas de alfabetização em todo o Brasil não ultrapassaram os 30%⁴³. Para a comunicação com seus escassos leitores, o autor ainda se via dividido entre agradar a uma pequena maioria (que, de modo geral, tinha acesso aos pequenos volumes, lidos em auditórios domésticos⁴⁴) e agradar aos críticos (que tinham suas referências culturais na Europa⁴⁵).

Em complemento, segundo Marisa Midori Deaecto, em *O Império dos Livros*: “no Império, o estímulo à circulação de impressos — de jornais, sobremaneira — não resultou na consolidação de um sistema editorial com coloração nacional. Reforçaram-se antes, os velhos circuitos europeus”⁴⁶. Assim, observa-se que mesmo no Rio de Janeiro, onde importantes editores como Plancher, Villeneuve, Garnier e Leuzinger se firmaram, grande parte dos livros de literatura continuavam sendo impressos na Europa, consolidando o capital francês nos livros comercializados no continente americano⁴⁷. De igual modo, os franceses também tiveram notável influência no desenvolvimento das artes gráficas brasileiras, sobretudo na edição dos romances⁴⁸. Nesse mercado, há autores e autoras que circularam às margens, e tiveram publicações reconhecidas até os dias atuais, como Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula* (1859).

Mesmo na minoria de livros que eram impressos no Brasil, durante o século XIX, a maior parte do papel utilizado era importado, apesar de já existir uma discreta fabricação nacional desde 1808⁴⁹. Pode-se dizer também que o Rio de Janeiro concentrava grande parte da produção, com aumento significativo no II Reinado, o que esteve muito relacionado ao estabelecimento da corte e a urbanização da cidade⁵⁰.

Tendo esse contexto delimitado, pode-se observar a figura particular de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), médico, escritor, dramaturgo, poeta, professor e figura política, que escreveu e acompanhou algumas edições de *A Moreninha*.

⁴³ *Idem*, p. 66.

⁴⁴ *Idem*, p. 68.

⁴⁵ *Idem*, p. 69.

⁴⁶ Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros*, São Paulo, Edusp, 2019, p. 270.

⁴⁷ *Idem*, p. 271.

⁴⁸ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, Edusp, São Paulo, 2017, pp. 156-157.

⁴⁹ *Idem*, pp. 226-228.

⁵⁰ *Idem*, p. 125.



Figura 03: Retrato de Joaquim Manuel de Macedo

Acervo: Academia Brasileira de Letras

Com base na *Biobibliografia dos Patronos*, publicada pela ABL e pelos dados contidos na *História do Teatro Brasileiro*, de João Roberto Faria, é possível traçar uma visão biográfica do autor. Sabe-se que Macedo nasceu na cidade de Itaboraí, no Rio de Janeiro, frequentou colégios públicos da região e foi para a corte terminar os estudos preparatórios. Após concluí-los, estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde colou grau em 1844 como orador de sua turma e com um discurso que data seu primeiro texto publicado. No mesmo ano, foi eleito membro do Conservatório Dramático Brasileiro, onde atuou até 1863.

No ano seguinte, em 1845, ele foi indicado como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tornando-se, em 1848, seu secretário suplente. Em 1849 assumiu o cargo de professor do Colégio Pedro II, e começou sua atuação política, o que lhe rendeu, durante a vida, três homenagens do imperador d. Pedro II, por sua atividade como deputado e censor teatral.

Apesar de sua constante ligação com a imprensa periódica, como a revista *Minerva Brasiliense* (1844), os jornais *Correio Mercantil* e *Marmota Fluminense*, *Jornal do Commercio* (publicando folhetins e crônicas a partir de 1848) e a revista *Guanabara* (foi um

dos fundadores), Macedo não deixou de exercer a medicina e teve clínicas no Rio de Janeiro e em Itaboraí. Sua vida financeira nem sempre foi estável, tendo em 1879 seus bens penhorados. Mesmo assim, o “dr. Macedinho” sempre contou com o apoio do imperador, o que facilitou sua discreta reestruturação⁵¹.

Sua participação nas artes dramáticas foi notável, apesar de alguns episódios de tensões. Elizabeth Azevedo, em seu capítulo sobre o teatro romântico, em *História do Teatro Brasileiro*, descreve as características de sua obra extensa e variada, composta por dramas, comédias, burletas⁵² e dramas sacros. Ainda segundo a autora, as personagens de Macedo faziam muito sucesso e se afastaram do mundo clássico e da nobreza⁵³. Macedo também esteve presente na inauguração da Sociedade Dramática Nacional (em 1860), onde sua peça *Luxo e Vaidade* foi representada por grandes nomes, como Furtado Coelho, e seu texto fora impresso na Tipografia de Paula Britto⁵⁴.

Embora as peças de teatro sejam parte considerável de sua obra, os estudos dessa faceta de Macedo ainda estão muito “às margens dos estudos literários”⁵⁵, o que acontece também com outros dramaturgos brasileiros, pois uma história do teatro deve abarcar o texto dramático, a cena e a repercussão da encenação⁵⁶. Além disso, os acervos tradicionais possuem pouca coisa conservada do teatro brasileiro no século XIX, o que dificulta ainda mais entender todas as dinâmicas em volta dessa arte.

Suas obras literárias, por sua vez, passaram por várias casas editoriais, começando com seu primeiro romance publicado, *A Moreninha*, pela Typographia Franceza (de George Leuzinger). Após duas edições por diferentes casas editoriais⁵⁷, o autor também teve obras publicadas e reeditadas pela Casa de Domingos José Gomes Brandão. Seus romances ficaram espalhados por editoras e tipografias de jornais até a venda dos direitos de grande parte de sua obra, na década de 1870, para a Garnier, que concentrou por tempo considerável a edição de seus romances.

⁵¹ Israel de Souza Lima, *Biobibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2008, p. 37.

⁵² Trata-se de uma comédia musicada, originada no século XVIII, no território italiano.

⁵³ Elizabeth Azevedo, “Drama”, in: João Roberto Faria, *História do Teatro Brasileiro*, São Paulo, Perspectiva, 2012, pp.100-102.

⁵⁴ Israel de Souza Lima, *op.cit.*, p. 28.

⁵⁵ João Roberto Faria, *História do Teatro Brasileiro*, São Paulo, Perspectiva, 2012, p. 15.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 16.

⁵⁷ Laurence Hallwell, em *O Livro no Brasil*, p. 253, afirma que essas duas edições saíram pela mesma casa, a firma suíça de George Leuzinger. Apesar disso, os frontispícios dessas duas edições mostram impressas e endereços diferentes. Não foi encontrado nenhum documento que mostre alguma ligação entre as duas casas.

Em 1882, com a morte de Joaquim Manuel de Macedo, seus direitos autorais ficaram concentrados com a esposa, Maria Catarina Sodré de Macedo, com quem teria se casado após um emblemático namoro de dez anos. Maria Catarina administrou suas edições até a morte, em 1910, colaborando na publicação de obras póstumas, como *Amores de um Médico* (1904). Eles não deixaram herdeiros. A morte de Macedo repercutiu em todas as instituições das quais ele participou, como demonstram os anúncios da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

Apesar de *A Moreninha* ser apenas um dos primeiros capítulos da vida de Macedo, o romance lhe rendeu a alcunha de “o autor de *A Moreninha*”, por toda sua vida, como se pode notar em diversas aparições de seu nome em jornais da época. Porém, curiosamente, no anúncio de sua morte no *Jornal do Commercio*, o romance não é citado.

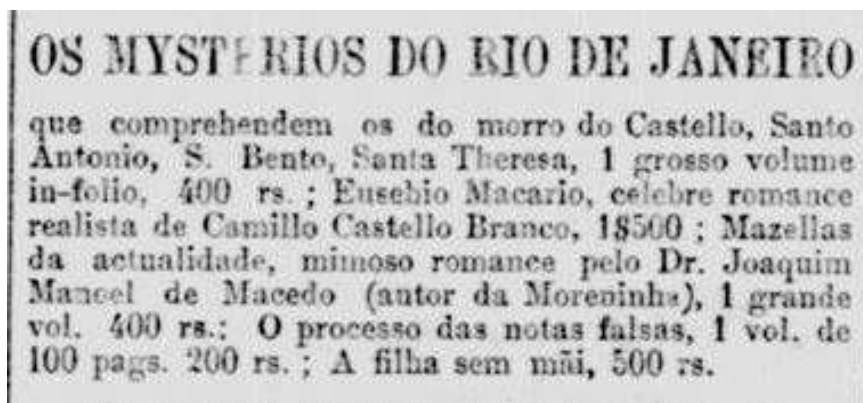


Figura 04: Parte do anúncio “Livros Baratíssimos”, *Jornal do Commercio*, 22 de agosto de 1881

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional



Figura 05: Trecho de “Pelos Theatros”, *Revista Ilustrada*, janeiro de 1881

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

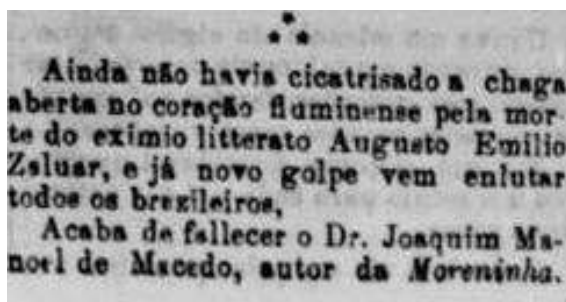


Figura 06: Trecho de “Kaleidoscopio”, *O Fluminense*, 14 de abril de 1882

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

Essas chamadas exemplificam como a sua imagem de autor, por toda a vida, esteve atrelada ao seu romance de estreia, publicado dentro do panorama aqui traçado.

2.1 A primeira filha de Macedo

Eu pois conto, que, não esquecendo a fama antiga, o publico a receba [A Moreninha] e lhe perdoe seos senões máos modos e leviandades. É uma criança, que terá, quando muito, seis mezes de idade: merece a compaixão que por ella imploro; mas se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenhão da ignorância do pay.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO⁵⁸

Ao se afirmar que *A Moreninha* foi o primeiro romance de Joaquim Manuel de Macedo, deve-se entender a premissa como o primeiro publicado. Há indícios de que *O Forasteiro* teria sido escrito em 1839, cinco anos antes de *A Moreninha*⁵⁹. Sobre esse tipo de informação, um tanto curiosa e envolvida com a vida privada de indivíduos que assumiram a “função autor”, Chartier⁶⁰ chama a atenção para a prática comum entre os séculos XIX e XX de escritores “forçarem a própria crítica genética”, por meio de arquivos, correspondências e declarações públicas.

Esse fato dialoga com outra questão levantada pelo mesmo acadêmico⁶¹: apesar do “fetichismo com a mão do autor”, a obra passa por um processo, que transfere a função de escritor, para a de autor, ou seja, aquele que assume a propriedade intelectual do texto publicado. Desse modo, essa afirmação assume a função autor de Macedo, entendendo *A Moreninha* como seu primeiro romance publicado.

Não foi possível, com as fontes consultadas, identificar o mês exato de publicação desse romance no ano de 1844. A primeira aparição encontrada na imprensa sobre a publicação data de 30 de setembro de 1844. Trata-se de uma crítica elogiosa, não assinada, na primeira página do *Diário do Rio de Janeiro*, na coluna “Miscelanea Literaria”. Neste texto, é evocada a metáfora do livro como a “primeira filha” do então Sr. Macedo (que ainda não havia colado grau em medicina), metáfora presente também em um dos paratextos que acompanham a obra, o prefácio “Duas Palavras”, onde a personagem Augusto apresenta o romance que teria escrito para contar sua história de amor.

⁵⁸ Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1844, p. 7.

⁵⁹ Israel de Souza Lima, *Biobibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2008, p. 19.

⁶⁰ Roger Chartier, *A Mão do Autor e a Mente do Editor*, São Paulo, Editora Unesp, 2013, pp. 32-34.

⁶¹ *Ibidem*, pp. 139-145.

Em dezembro do mesmo, há uma aparição discreta no *Jornal do Commercio*, com o anúncio de venda do volume, na rua da Alfândega, n. 24⁶², em meio a diversos outros artigos, como, por exemplo, mobílias. Entre outros anúncios da página, destaca-se o grande número envolvendo o comércio de escravos, desde aluguéis, até a procura de ama de leite. Tal configuração remete novamente à imagem evocada por Hélio Seixas de Guimarães, a afirmação de que José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, autores tão populares em seu tempo, estavam inseridos em um tipo de venda de volumes que convivia com muitas outras mercadorias, e não em um sistema exclusivo para os livros⁶³.

Sobre o enredo de *A Moreninha*, a coluna “Miscelanea Literaria” ressalta sua simplicidade e comicidade, ou seja, representante da literatura de entretenimento:

O enredo de *A Moreninha* é mui simples, talvez de mais; porém, essa mesma simplicidade foi o que me seduziu. Farto como estou das misteriosas e inextricáveis complicações do drama moderno. Aliás, tem graça, naturalidade, boas críticas, bastante scenas comicas, e algumas patheticas [...] Ri-me muito com o aperto do pobre Augusto⁶⁴.

Além disso, a coluna também ressalta que várias pessoas, em especial “moças bem galantes”, já estavam apreciando esse livro, que, segundo a própria coluna, estava inserido no momento de surgimento do romance brasileiro, o que nos sugere seu público leitor.

De modo geral, o enredo do romance parte de uma aposta entre os estudantes de medicina Augusto e Felipe, da qual quem saísse perdedor deveria escrever um romance. A aposta surgira após o convite de Felipe a seus amigos e também estudantes, Augusto, Fabrício e Leopoldo, para passarem o final de semana de Sant’Ana na casa de sua avó, D. Anna. A princípio, Augusto é o único relutante em aceitar o convite, mas acaba cedendo ao ouvir a descrição das lindas primas de Felipe, Joaquina e Joana, além de sua irmã, Carolina.

Ao fim da discussão, Augusto decide acompanhar os amigos, mas sob a aposta de que se gostasse de uma só mulher por mais de quinze dias, deveria escrever um romance se confessando. A partir dessa cena, o leitor é convidado a acompanhar esse agitado final de semana na Ilha... Talvez Paquetá⁶⁵. Durante a viagem, há um retrato dos costumes da época, como os bailes, saraus, as idas ao teatro, e o próprio relacionamento entre as diferentes camadas sociais.

⁶² “Atenção”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1844, p. 4.

⁶³ Hélio Seixas de Guimarães, *Os Leitores de Machado de Assis*, São Paulo, Edusp, 2004, pp. 59-61.

⁶⁴ “Miscelanea Literaria”, *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1844, p. 1.

⁶⁵ Discutiremos sobre o nome da ilha no capítulo 06, mas já é importante ressaltar que as edições da obra enquanto Macedo estava vivo não trazem o nome da ilha, o qual é marcado como “Ilha...”.

Augusto tenta manter-se firme à sua promessa, evita o contato com as primas de Felipe, mas acaba se aproximando de sua irmã, Carolina, “a moreninha”. Entre idas e vindas, Augusto conta à D. Anna um episódio que teria acontecido há alguns anos, quando conheceu uma menina na praia e prometera que se casaria com ela. Na ocasião, eles foram, de certa forma, “abençoados”, por um velho que socorreram após seu filho ter quebrado o momento dos dois, buscando auxílio para o pai que passava mal. O símbolo desse acordo era uma esmeralda e um camafeu, que os dois guardariam por toda a vida, mas ele já não tinha mais esperanças de encontrar a moça, de quem não sabia nem o nome, uma vez que só a chamava de “minha mulher”. Carolina escuta as conversas, mas não diz nada.

Após o final de semana, os estudantes voltam para o Rio de Janeiro, e, em alguns dias, Augusto volta para a ilha, a fim de rever Carolina, após um período em que esteve “doente de amor”. A Moreninha, durante o reencontro, confessa ser a menina com o camafeu, a qual ele tanto procurava. Os dois se casam e Augusto cumpre a promessa, escrevendo *A Moreninha*.

Para além da metalinguagem, o romance também possui episódios com canções e poesias, que contribuem com os traços de sua oralidade. A forma do romance torna-se um modelo e insere Macedo no círculo literário. Seu nome começa a aparecer cada vez mais nos jornais da época, e em 20 de setembro de 1845, é anunciado no *Jornal do Commercio*, desta vez de forma bem menos modesta, a segunda edição “desse bellissimo romance”:

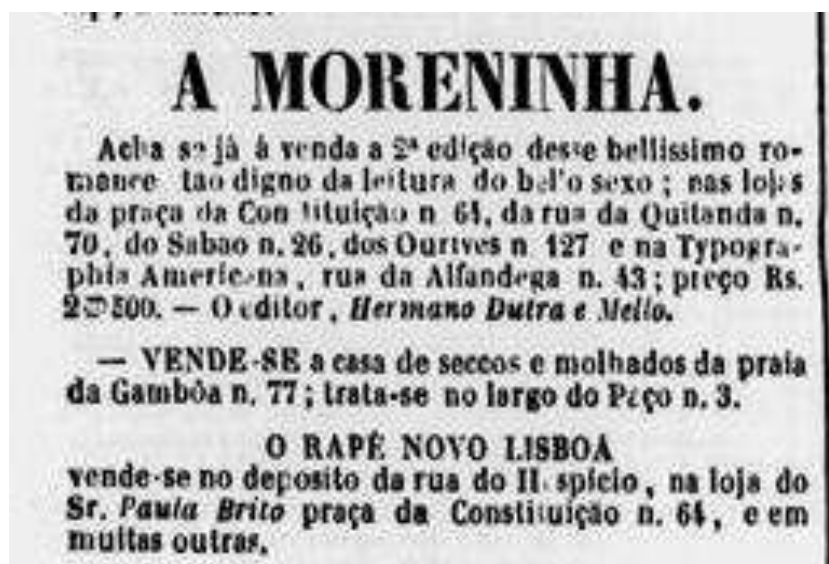


Figura 08: Anúncio do *Jornal do Commercio*, 20 de setembro de 1845, p. 4

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

A partir daí o amor de Carolina e Augusto irá traçar uma longa trajetória editorial marcada pela popularidade. Essa fama é constatada pela própria imprensa da época, o número de edições do romance⁶⁶, além das declarações da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, oitenta anos após a primeira edição:



Figura 09: Inserção de *A Moreninha* (1924) no Catálogo da Graphico-Editora Monteiro Lobato de 1925

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato

⁶⁶ Hélio Seixas de Guimarães (*Os Leitores de Machado de Assis*, São Paulo, Edusp, 2004, pp. 66-67) afirma que: “Os livros saíam em edições de mil exemplares, e apenas títulos muito bem-sucedidos chegavam à segunda edição, que podia demorar de dez, vinte ou trinta anos. [...] Exceções das exceções nesse estado de coisas, válido até mesmo para medalhões como José de Alencar e Machado de Assis, parece ter sido *A Moreninha*, de Macedo, que teve a primeira e a segunda edições lançadas em anos consecutivos”.

2.2 De Macedo a Monteiro

*Todos querem fazer parte do rol da “elite”...
e até hoje Alencar e Macedo permanecem sem substitutos.*

MONTEIRO LOBATO⁶⁷

O editor Zelio Valverde, na nota editorial (reproduzida também nas orelhas) da edição do centenário de *A Moreninha*, publicada em 1945, pela Livraria e Editora Zelio Valverde, chama a atenção do leitor para o fato de sua edição ter o texto mais “apurado” em comparação com as outras edições disponíveis. Em suas palavras:

A presente edição procura restabelecer o espírito da época em que foi escrito o romance, cujo texto vem sendo deturpado e mutilado através das numerosas edições que se tiraram *A Moreninha* — inegavelmente o livro mais lido e mais amado de toda a nossa literatura romântica⁶⁸.

Embora essa edição tenha sido feita 21 anos depois da edição lobatiana, objeto de pesquisa deste trabalho, sua citação é muito representativa para pensar a mutabilidade do texto pelas muitas edições anteriores (talvez até mesmo a do próprio Lobato), além de conter um apelativo de vendas sobre a qualificação do texto, que se propõe o mais próximo da última vontade autoral. Em complemento, tem-se novamente o fator da popularidade do romance, evidenciada por diversas fontes.

Portanto, para entender o percurso desse livro na história, desde sua primeira edição até o encontro com Monteiro Lobato, é essencial definir a sua memória editorial, a qual Lobato e seus leitores tinham, implícita ou explicitamente, acesso. Para isso, por meio de visitas a diferentes acervos e consulta dos periódicos da época, foi possível definir o *estema* do texto, ou seja, “a relação genealógica entre os testemunhos de um texto”⁶⁹.

Além disso, também foi realizada a análise material dos volumes consultados, o que rendeu um rico banco de metadados e imagens, que foi sistematizado no anexo I, intitulado *Catálogo de Edições de A Moreninha: 1844-1924*. Logo, nos próximos parágrafos há apenas a história editorial do romance, a análise detalhada encontra-se em anexo.

⁶⁷ Monteiro Lobato, “O Romance Brasileiro”, *Folha da Tarde*, apud. *Revista do Brasil*, p. 76, São Paulo, jan. 1925.

⁶⁸ Zelio Valverde, “Nota do Editor”, em Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, Rio de Janeiro, Livraria e Editora Zelio Valverde, 1945, p. 07.

⁶⁹ César Nardelli Cambraia, *Introdução à Crítica Textual*, São Paulo, Martins Fontes, 2005, p. 136.

Para começar essa história editorial, lembramos que a primeira edição de *A Moreninha* foi publicada pela Typographia Franceza, em um volume de pequeno formato, de 13,5 cm por 9 cm. Essa edição é a única que inclui uma página de agradecimentos no final.

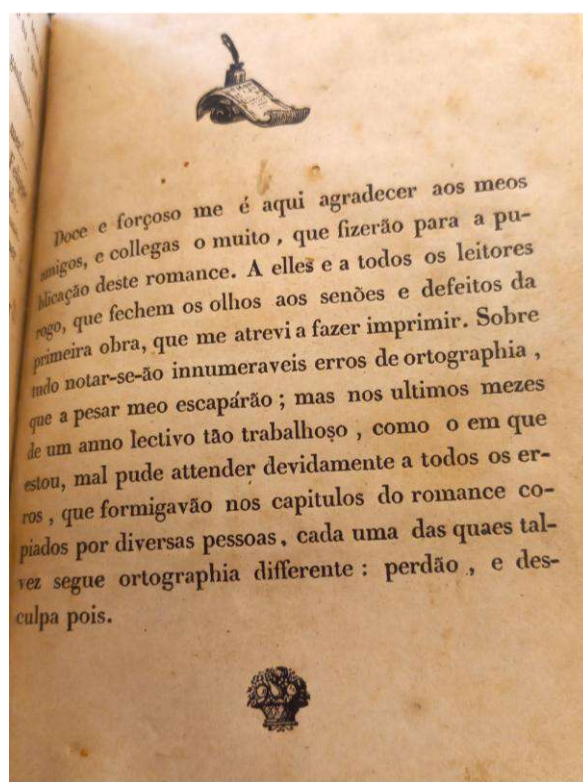
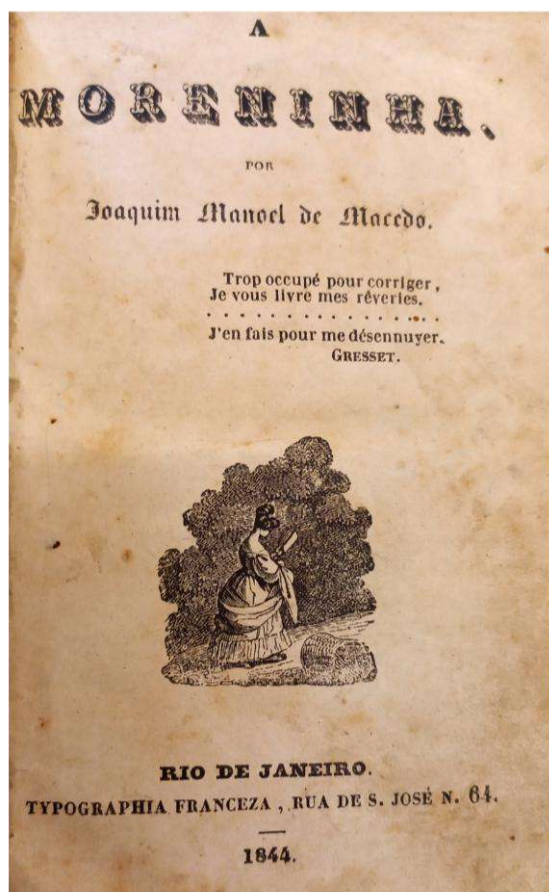


Figura 10 e 11: Frontispício da primeira edição de *A Moreninha* e página final de agradecimentos

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

Algumas informações sobre essa edição merecem destaque, a começar pela Typographia Franceza, que, segundo Hallewell⁷⁰, foi uma das tipografias adquiridas por Leuzinger em 1852, que a modernizou de forma expressiva. Antes disso, a tipografia já era destaque na impressão de xilogravuras e litografias, o que é evidente nessa edição, que possui vinhetas decorativas em xilogravura nos 23 capítulos e também nos paratextos.

A inserção do nome do autor também chama atenção, pois em algumas edições seguintes vê-se seu nome precedido por “Dr.” ou “Sr.”, além dos casos em que o nome não está completo. A epígrafe de Gresset também irá se repetir em muitas edições, como será

⁷⁰ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2017, p. 253.

demonstrado aqui. Desde essa citação, observa-se os recursos da “falsa modéstia”, desprestigiando o romance, que ainda seria uma obra imatura.

Além dos agradecimentos e frontispício, essa edição apresenta o prefácio ficcional intitulado “Duas Palavras”. Ou seja, na definição de Gérard Genette, um paratexto pré-textual, cujo autor usa para atribuir a escrita do romance a uma personagem da história, prática presente também em romances de Walter Scott, por exemplo⁷¹.

No ano seguinte, em 1845, a Typographia Americana de I.P. da Costa, com Hermano Dutra e Mello como editor, lança a segunda edição do romance, dessa vez, “com cinco estampas”. Essas estampas são impressas em um papel de maior gramatura, utilizando todo o espaço disponível, e são distribuídas pelos capítulos do livro. Observando-as com um conta-fios⁷², podemos identificar que são litografias aquareladas à mão.

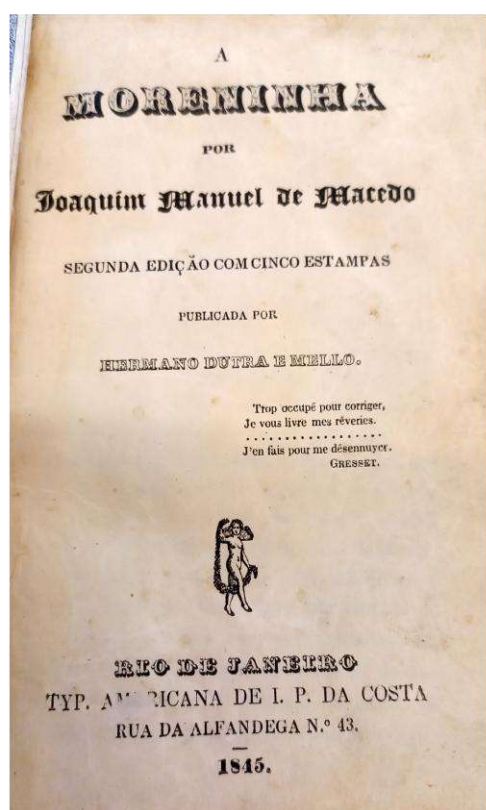


Figura 12 e 13: Frontispício da segunda edição de *A Moreninha* e visão de uma estampa com conta-fios

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

⁷¹ Gérard Genette, *Paratextos Editoriais*, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2018, pp. 244-246.

⁷² A análise teve como base as obras: *How to Identify Prints*, de Bamber Gascoigne; *The Keepers of Light*, de William Crawford e *The Printed Picture*, de Richard Benson.

Sobre o texto, pode-se observar que houve a supressão dos agradecimentos, mas o prefácio ficcional é mantido, tal como o epílogo e a estrutura em 23 capítulos nomeados. Há aparentes mudanças na pontuação. Além disso, segundo Israel de Souza Lima, há dúvida sobre o fato de essa edição ter sido acompanhada por uma partitura, que veio a fazer parte da peça de teatro inspirada no romance. Além da partitura, aqui reproduzida, a Biblioteca Luso-Brasileira Digital também possui outras partituras, para piano e outros instrumentos sem data, com o título do romance.

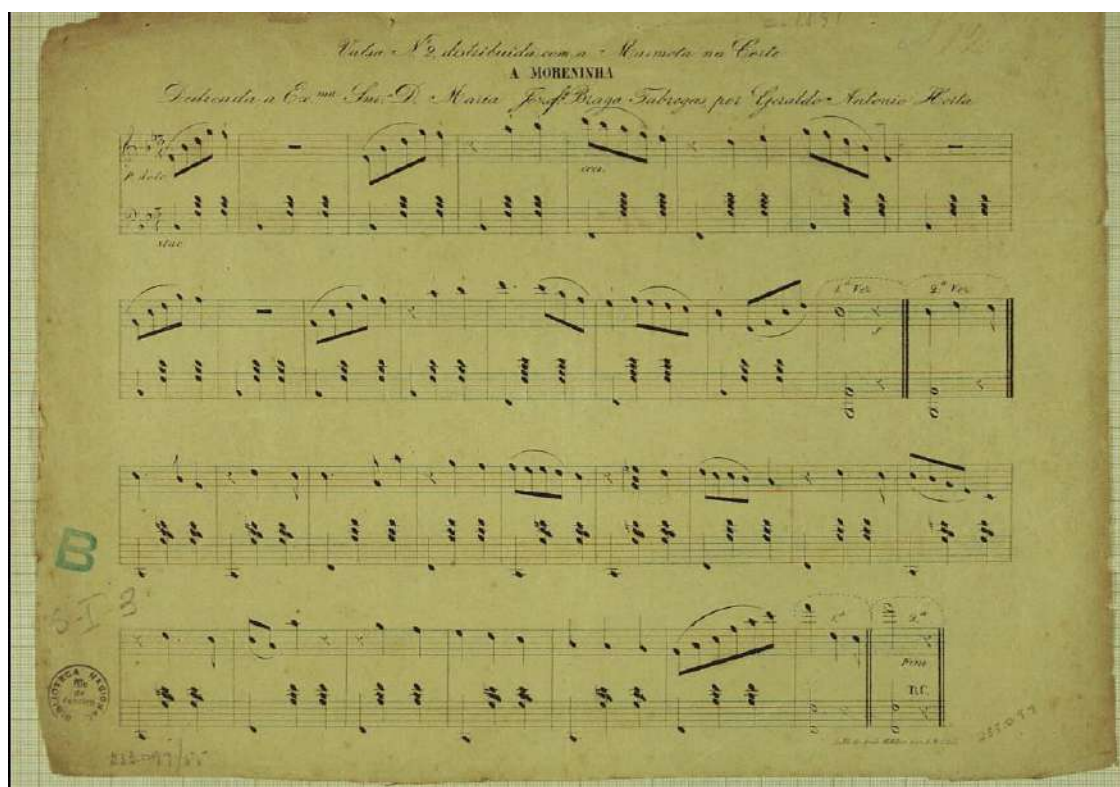


Figura 14: Valsa distribuída com a *Marmota da Corte*, 1861

Acervo: Biblioteca Luso-Brasileira Digital

Em 1848, *A Moreninha* é adaptada para o teatro pelo próprio Macedo. Os anúncios dessa comédia⁷³ começaram nos jornais do Rio de Janeiro no dia 14 de dezembro de 1848 e em São Paulo, em fevereiro do ano seguinte. No Rio de Janeiro, aparecem cada vez mais anúncios da obra “*Cantada pelo Sr. Lisboa*”⁷⁴, que continua em cartaz por muitos meses. A crítica da comédia é muito positiva nos jornais, e a obra é retratada como um modelo para

⁷³ De acordo com João Roberto Faria (*História do Teatro Brasileiro*, 2012, pp. 119-123), essa comédia segue a estrutura clássica, em cinco atos, e provavelmente foi distribuída em livros encadernados.

⁷⁴ *Jornal do Commercio*, anúncios de janeiro de 1849.

outras peças do gênero. Apesar disso, o autor é acusado de não ajudar os teatros e os atores. Não foi localizado nenhum exemplar dessa adaptação, até mesmo a reunião *Theatro do Doutor Joaquim Manuel de Macedo*, editado pela Garnier, em 1863, não traz os romances que foram adaptados para o teatro. Apesar disso, há muitos documentos, em especial os anúncios dos espetáculos nos jornais, que fornecem dados sobre a sua existência:

DE S. JANUARIO.

9ª RECITA DA ASSIGNATURA.

Sexta-feira 15 de dezembro de 1848

subirá à scena pela primeira vez a nova comédia em 5 actos e 8 quadros, ornada de canto e dança, intitulada

A MORENINHA
ou
UM MEZ DOS AMORES DE UM ESTUDANTE.

Ensaíada pelo actor João Caetano dos Santos.

Denominação dos quadros.

- 1.º A aposta imprudente.
- 2.º A falta de condescendencia.
- 3.º O jantar conversado.
- 4.º O café no jardim.
- 5.º Algum tempo de baixo da cama.
- 6.º A conferencia medica.
- 7.º O jury e depois o sarão.
- 8.º O encontro na gruta.

A acção é passada no Rio de Janeiro, de 27 de julho a 27 de agosto de 1843, na casa de Augusto no *Morro do Castello* onde tem principio, e termina na ilha de Paqueta, dia de Santa Anna.

Seguir-se-ha a applaudida aria do

PEDESTRE AMOROSO,

cantada pelo Sr. Costa acompanhado de côros.

Terminará o espectáculo com o

GRANDE BAILADO

composto e dirigido pelo Sr. Francisco Yorek, do qual farão parte os Srs. *Francisco Yorek, Clara Rocciolini e Henriqueta Pessini*, acompanhados de todo o corpo de baile.

Os bilhetes de camarotes, cadeiras e geraes, achão-se desde já à venda no escriptorio, e as pessoas que encommendarão bilhetes para ambos os espectáculos podem mandar por elles. Os espectáculos começarão às 8 horas 1/2.

Acha-se em estudo a tragedia em 5 actos, composição do Sr. Dr. Macedo, intitulada

O CEGO.

Théâtre St. Januario
COMPAGNIE LYRIQUE FRANÇAISE.
Jeudi 14 decembre 1848.

Figura 15: *Jornal do Commercio*, 14 de dezembro de 1848

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

THEATROS.
DE S. JANUARIO.

LINDO E VARIADO ESPECTACULO EM BENEFICIO DA IRMANDADE DO DIVINO ESPIRITO SANTO DE SANTA ANNA.

Hoje sexta-feira 26 de janeiro de 1849, impreterivelmente.

Depois de desempenhada uma das melhores ou-verturas, a companhia dramatica executará a muito interessante e sempre applaudida comedia em 5 actos e 8 quadros

A MORENINHA.

Seguir-se-ha, cantada pelo Sr. Lisboa, a jocosa aria

O IRMÃO DAS ALMAS.

A Sra D. Francisca do Paula Lobo e o Sr. Costa, por pedido e especial obsequio, prestão-se a cantar o muito engraçado e appetecido duetto

O MEIRINHO E A POBRE.

Findando o espectáculo com a engraçada farça

O MAMAHUXI.

E' este o divertimento que a irmandade offerece á consideração do respeitavel publico e dos devotos do Espirito Santo, e conta com sua generosa protecção para um fim tão santo e justo.

O resto dos bilhetes vende-se desde já no escriptorio do theatro, e por favor em casa do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 61.

O BENEFICIO PARTICULAR

annunciado para hoje, fica transferido para terça-feira 13 de fevereiro.

Figura 16: *Jornal do Commercio*, 26 de janeiro de 1849

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

THEATROS.

DE S. JANUARIO.

Beneficio particular.

Hoje, 13 de fevereiro, representar-se-ha a comedia em 5 actos e 8 quadros : A MORENINHA. Aria do Miudinho. Dansa. Um grande quarteto.

MOVIMENTO DO PORTO

SANIDAS NO DIA 12.

Figura 17: *Correio Mercantil*, 13 de fevereiro de 1849

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

Assim como o livro, a adaptação em teatro de *A Moreninha* teve grande sucesso. Apesar de não termos mais disponível o roteiro dessas peças (o que impede a constatação se houve alterações em sua estrutura e em sua narrativa de forma significativa), temos indícios de que elas foram encenadas por muitos anos enquanto Macedo estava vivo, como exemplifica a examinação da censura do Conservatório Dramático, de 1861, para autorização da peça.

Um fato curioso é que na primeira aparição da peça na imprensa, em 14 de dezembro de 1848, ela levava o subtítulo *Ou um Mez dos Amores de um Estudante*. Esse subtítulo já não aparece mais no ano seguinte, nem em nenhuma outra versão ou adaptação, o que pode representar uma simples escolha do autor e/ou editores, como também pode-nos servir de diagnóstico que os efeitos do subtítulo não saíram como o esperado, uma vez que o simples título *A Moreninha* ficou muito conhecido.

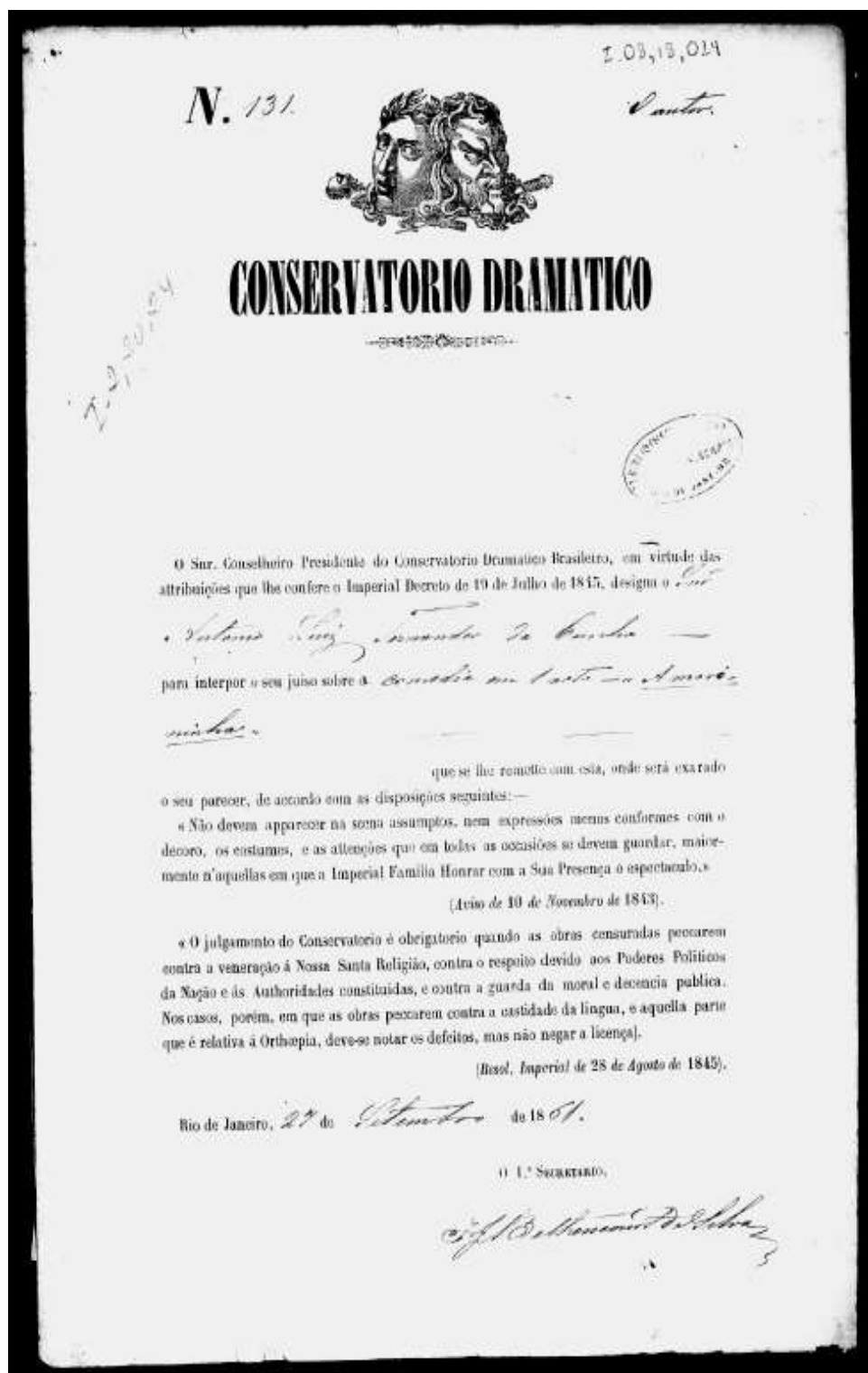


Figura 18: Designação para Antonio Luis Fernandes da Cunha examinar a comédia
A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo, 1861.

Acervo: Biblioteca Luso-Brasileira Digital

Em 1849, há uma terceira edição do romance, sobre a qual estão disponíveis poucas informações a partir de textos de bibliófilos⁷⁵. O registro da edição foi encontrado no Catálogo da Bibliotheca Fluminense, e também em um único anúncio sobre a edição no *Jornal do Commercio*.

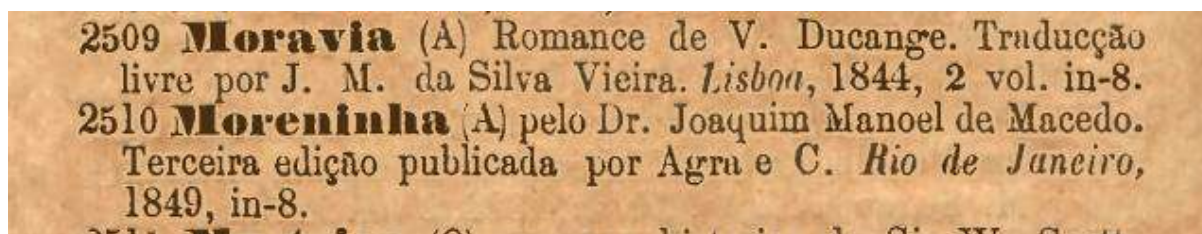


Figura 19: *Catálogo de Livros da Bibliotheca Fluminense*, de 1866, seção V, Ficção em Prosa.

Acervo: Biblioteca Luso-Brasileira Digital

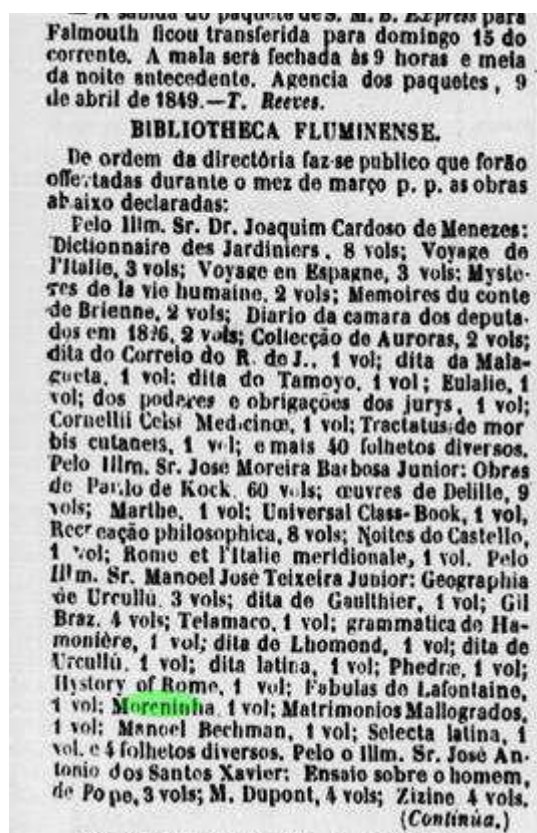


Figura 20: *Jornal do Commercio*, 10 de abril de 1849

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional

⁷⁵ Israel de Souza Lima, em sua *Bibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo* (p. 92), conta que J. Galante de Souza foi quem localizou essa edição nos catálogos, após as afirmações de Blank de que ela teria saído pela tipografia de Angra e C., o que esteve de acordo com os documentos localizados durante a pesquisa.

Após essas edições, *A Moreninha* chega em Portugal, a princípio por uma edição considerada clandestina, segundo foi documentado por Israel Souza Lima em sua publicação da Academia Brasileira de Letras. Tal edição foi feita em dois volumes, com os quatorze primeiros capítulos no primeiro. Ela foi publicada pela Typographia de José Lourenço de Sousa, em 1854, na coleção Bibliotheca das Damas.

Desde essa primeira versão portuguesa, está presente a indicação *Romance Brasileiro*, que irá se repetir não só nas demais edições portuguesas, como também em outros romances brasileiros editados em Portugal no período, como *O Gurany* e *Til*, de Alencar. Aqui também se observa a exclusão do prefácio ficcional, “Duas Palavras”, e da epígrafe. Há também a supressão dos primeiros nomes do autor, que é apresentado apenas como “J. Macedo”.

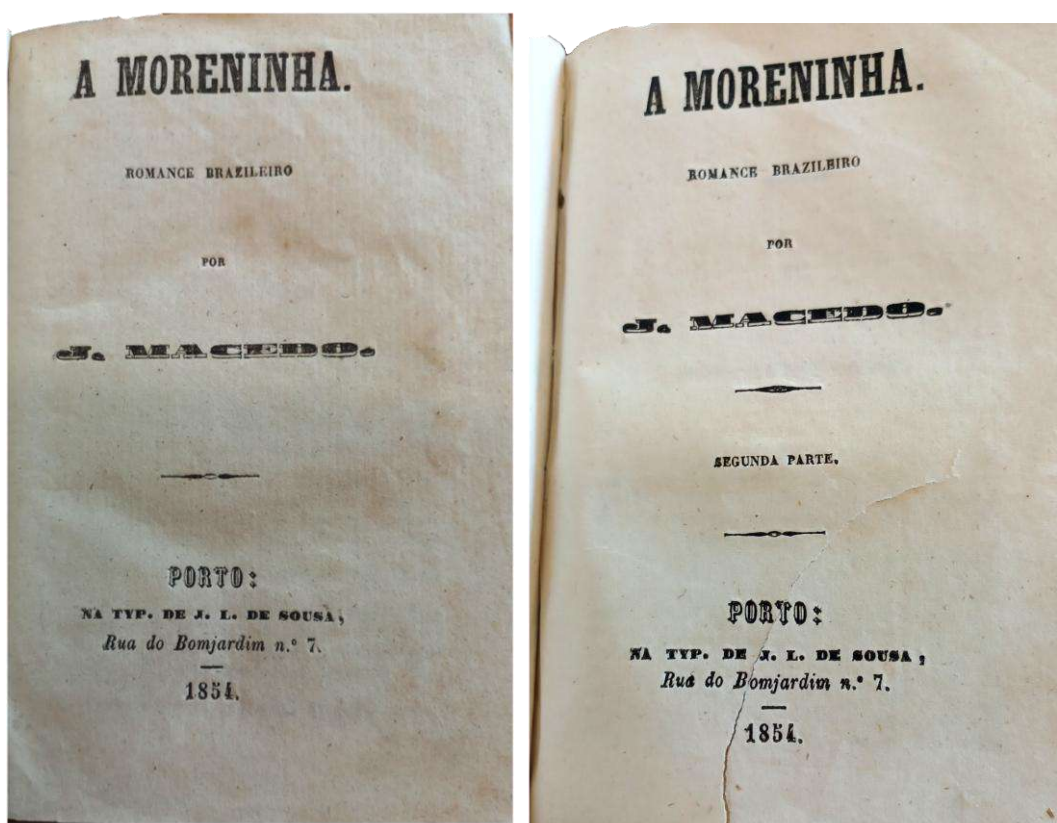


Figura 21 e 22: Frontispício dos dois volumes da edição de 1854.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

A quarta edição brasileira data de 1860, um volume com pequenas dimensões, 9,5 cm por 16,5 cm, que foi publicado pela Brandão e Irmão e impresso pela Typographia Imparcial de J.M.N.G. Esta publicação repete as litografias da segunda edição, porém dessa vez apenas em preto e branco e com algumas modificações no desenho, que foi impresso a partir de outra matriz.

Em complemento, possuí uma notícia do *Minerva Brasiliense* sobre o romance e, após o epílogo, um anúncio com as obras do mesmo autor. A composição das páginas é muito sofisticada, o volume possui diversas famílias de tipos e diferentes vinhetas nos capítulos.

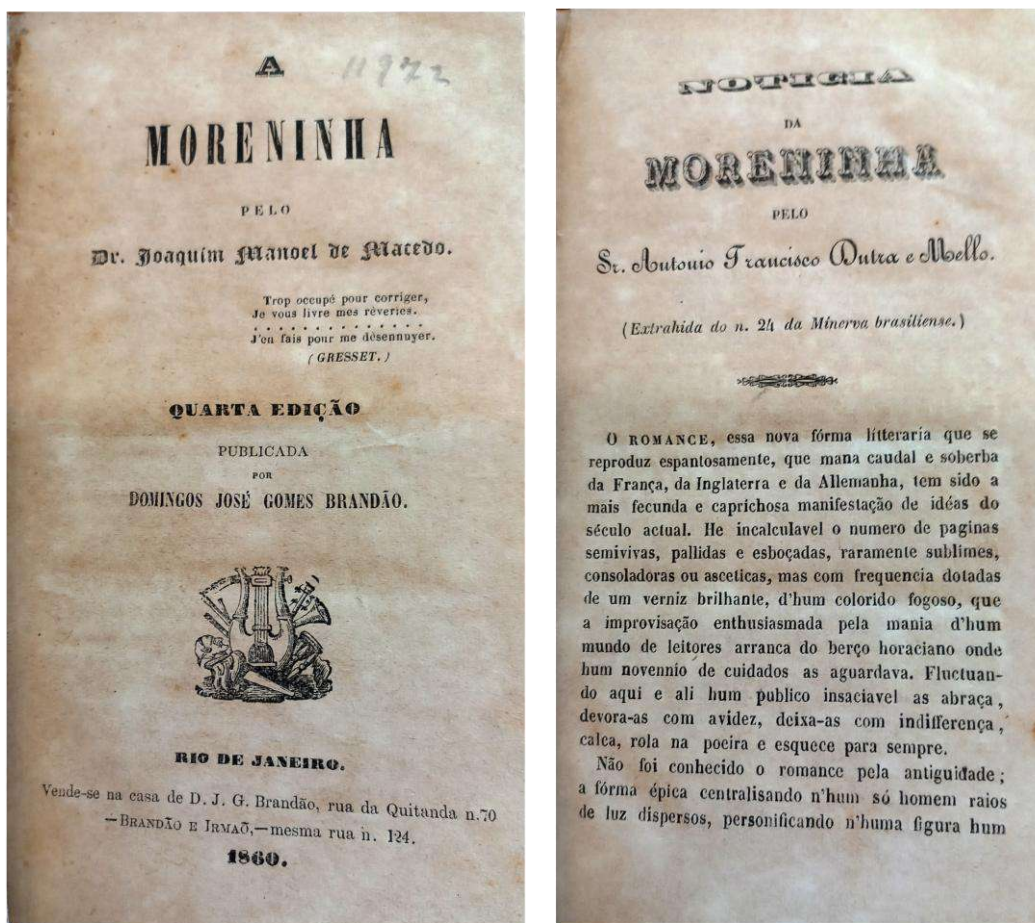


Figura 23 e 24: Frontispício e página com a abertura da notícia citada, edição de 1860.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

Em 1867, *A Moreninha* ganha sua segunda edição em Portugal, a qual é identificada como a segunda edição da Bibliotheca das Damas. Ela foi impressa pela Imprensa Popular, mas seu editor é o mesmo José Lourenço de Souza, apesar de essa edição não ser considerada clandestina pela Academia Brasileira de Letras, como foi a primeira.

Nota-se que as alterações da edição de 1854 são mantidas: a exclusão do prefácio ficcional, a apresentação dos dados na folha de rosto e até mesmo a divisão em dois volumes. Porém, dessa vez, os leitores tiveram que esperar até 1870 para terem acesso ao restante da história.

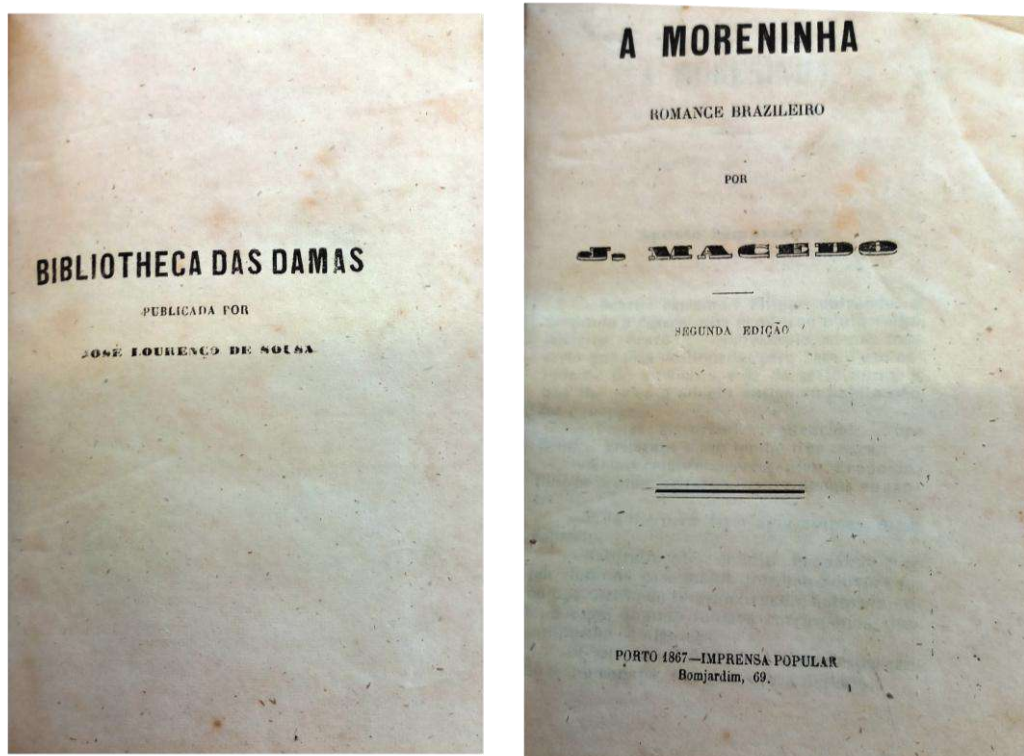


Figura 25 e 26: Falso olho com título da coleção e frontispício, edição de 1867, volume 1.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

Após esse percurso, em 1872, *A Moreninha* chega à renomada Garnier, sob os cuidados de Baptiste-Louis Garnier. Essa edição corresponde à quinta brasileira, e, além de ter sido a última publicada com o autor vivo, é também considerada sua última vontade, de acordo com Israel de Souza Lima e Zelio Valverde. Portanto, filologicamente, seria o texto base para a definição de seu texto genuíno⁷⁶ em edições posteriores.

⁷⁶ César Nardelli Cambraia, *Introdução à Crítica Textual*, São Paulo, Martins Fontes, 2005, p. 104.

Nessa edição, há o anúncio de obras do autor à venda pela mesma casa, como *A Luneta Mágica* e *Moço Louro*. Também há a mesma notícia do *Minerva Brasiliense*. O epílogo, epígrafe e o prefácio ficcional foram mantidos, mas as vinhetas decorativas, tão comuns nas edições brasileiras, não estão mais presentes, mantendo o caráter tipográfico da casa. A impressão é parisiense, prática de parte considerável dos livros da Garnier.

OBRAS QUE SE ACHÃO EM VENDA NAS MESMAS CASAS

A LUNETTA MÁGICA, romance. 2 v. in-8, br.	4 \$ 000
— — — — — enc.	5 \$ 000
AS VÍCTIMAS ALCOVES, quadros da escravidão. 2 v. br.	5 \$ 000
A NERCIOSA. 1 v. enc.	3 \$ 000
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.	3 \$ 000
MEMÓRIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc.	5 \$ 000
MOÇO LOURO. 2 v. enc.	5 \$ 000
OS DOIS AMORES. 2 v. enc.	5 \$ 000
ROMANCES DA SEMANA. 1 v. enc.	5 \$ 000
ROSA. 2 v. enc.	5 \$ 000
VICENTINA. 3ª edição. 5 v. br.	5 \$ 000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.	9 \$ 000
LUXO E VERDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comédias. 1 vol. in-8, br.	2 \$ 000
LUSSELLA, comédia. 1 v. in-8, br.	1 \$ 800
FANTASMA BRANCO, comédia, 1 v. in-8.	1 \$ 800
NOVO OTHELLO, comédia: 1 vol. in-8, br.	800
O PRIMO DA CALIFORNIA, comédia. 1 v. in-8, br.	1 \$ 000
NINA. 2 v., br.	4 \$ 000
— — — — — enc.	5 \$ 000
AS MULHERES DE MARILHA, romance historico. 2 v. br.	4 \$ 000
— — — — — enc.	5 \$ 000
A NAMORADEIRA. 3 v. br.	6 \$ 000
— — — — — enc.	8 \$ 000

PARIZ. — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUE D'ENFERTH, 1.

A
MORENINHA

PELO
D^o JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.
J'en fais pour me désennuyer.
GARNIER.

QUINTA EDIÇÃO

11-2-57

Gab^{te} Portuguez de Leitura
RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B.-L. GARNIER, EDITOR
9, RUA DO OUVIDOR, 89
PARIS. — E. BELMATE, LIVREIRO, RUE DE L'ABBAYE, 14

1872

Ficção reservadas todos os direitos de propriedade.

Figura 27 e 28: Cópia do anúncio de obras e do frontispício da edição de 1872.

Acervo: Fundação Biblioteca Nacional.

No ano de 1889, sai a segunda edição pela Garnier, oito anos após a morte do autor. De modo geral, os paratextos da edição anterior são mantidos e há ampliação do anúncio de obras do autor, que agora também conta com uma seção de teatro. É a primeira edição sem o autor em vida, e nota-se intervenções na ortografia e pontuação.

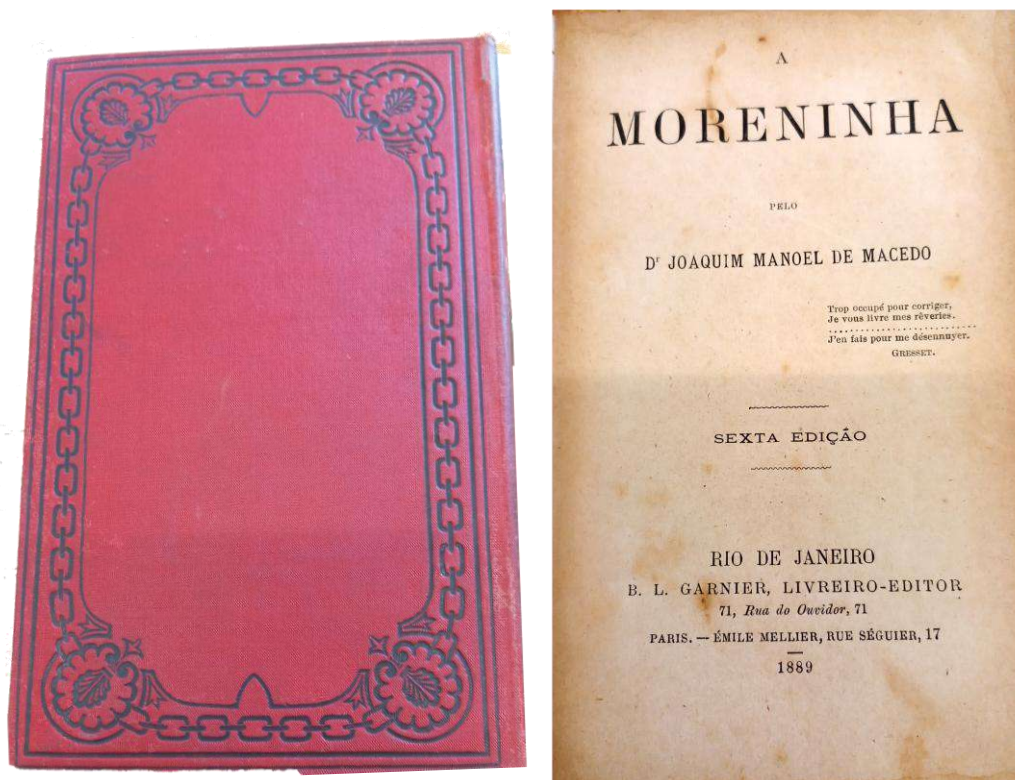


Figura 29 e 30: Capa em tecido e frontispício da edição de 1889.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

A partir das informações contidas nos frontispícios dos livros, sabe-se que houve uma sétima e uma oitava edição do romance pela Garnier, porém não foi encontrado nenhum exemplar ou documento sobre esses livros. A nona e a décima edição também saíram pela Garnier, mantendo o mesmo formato e paratextos. Nota-se a constância com que essa obra foi reeditada após sua chegada na editora e como essa informação pode fornecer dados sobre os gostos dos leitores através desses anos.

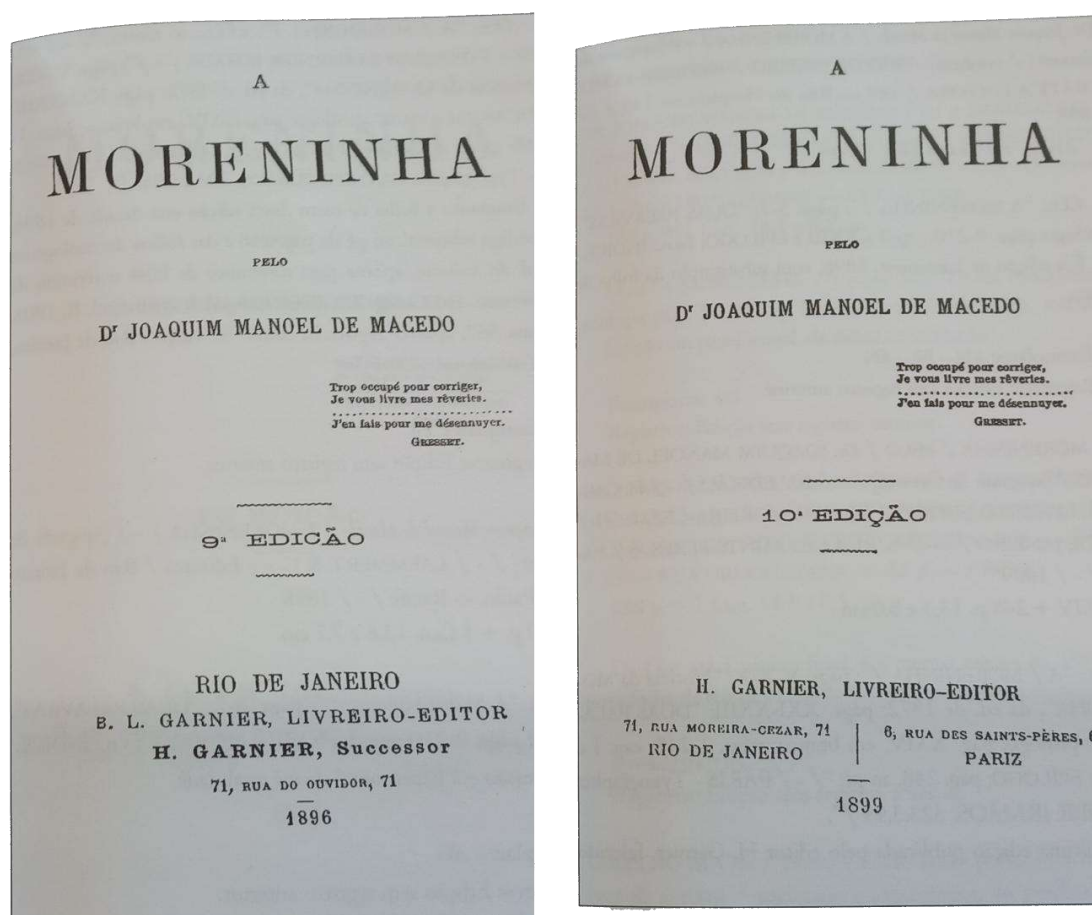


Figura 31: Reprodução dos frontispícios das edições de 1896 e 1899

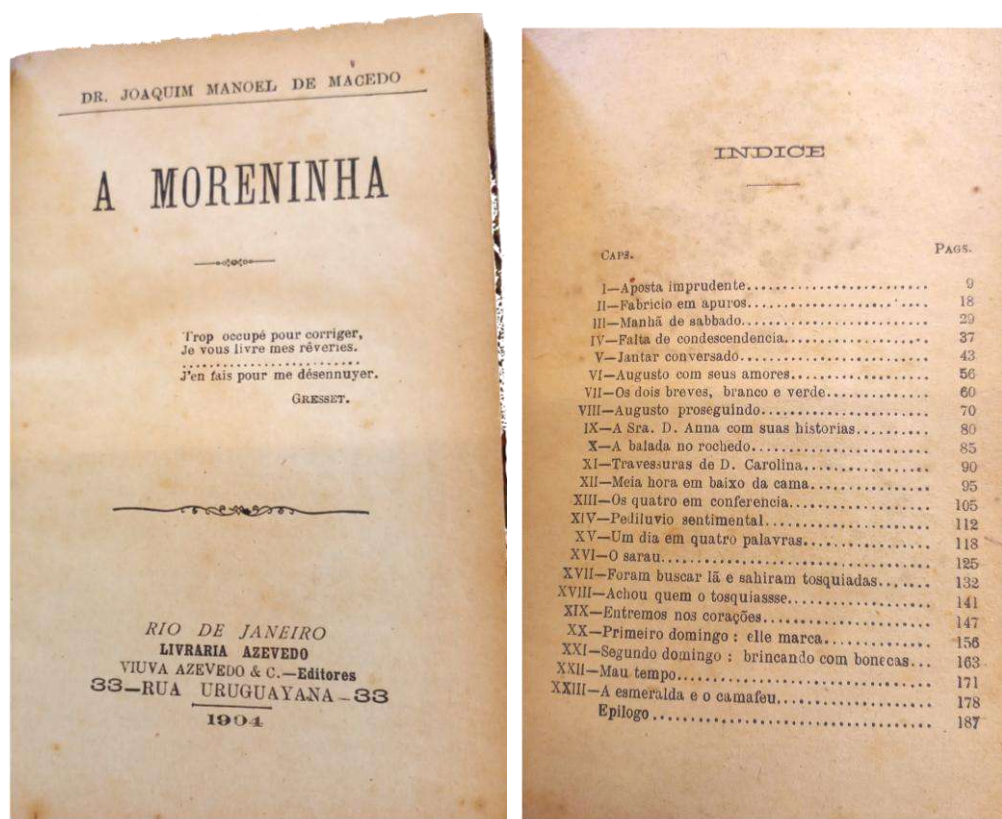
a partir da *Biobibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo*.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

A partir dessa data, a primeira edição fora da Garnier (apesar de a editora continuar lançando outras edições até 1921) que foi localizada é a de 1904, da Livraria Azevedo, identificada como Viúva Azevedo & C. Editores. Essa edição não possui a notícia do *Minerva Brasiliense*, mas apresenta, ao final, pela primeira vez, o índice dos capítulos, o que se repetiu em algumas edições posteriores. Vê-se também a economia na produção do volume, que possui uma mancha com margem reduzida, tipos em pequeno corpo e ausência de cabeços, o que se refletiu em um número menor de páginas (188), enquanto as demais passavam de duzentas.

Não foi localizada nenhuma fonte que comprove ou questione a legalidade da edição da Livraria Azevedo, uma vez que não se sabe se os direitos autorais de *A Moreninha*, legalmente, estavam com a Garnier ou com a viúva do autor, Maria Catarina, que faleceu

em 1910. Caso estivessem com a editora, a exclusividade, por lei, duraria até 1892, dez anos após a morte do autor⁷⁷.



Figuras 32 e 33: Frontispício e índice da edição de 1904.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

As edições portuguesas também não cessaram. Em 1910, há a primeira edição em Lisboa, dentro da Coleção Alves, definida como uma “Novíssima Edição”. Em 1912, há mais uma no Porto, pela Typographia da Emp. Litter e Typographica. Apesar dos registros dessas edições na Biobliografia dos Patronos, também não foi localizado nenhum exemplar.

Em 1913, a Livraria Garnier lança mais uma edição do romance. Observa-se que as atualizações na ortografia e na pontuação continuam a acontecer. O livro foi impresso na Tipografia Garnier Hermanos, em Paris, e constam ambos os endereços (o brasileiro e o francês) no frontispício.

⁷⁷ Cilza Carla Bignotto, *Figuras de Autor, Figuras de Editor*, São Paulo, Unesp, 2018, p. 201.

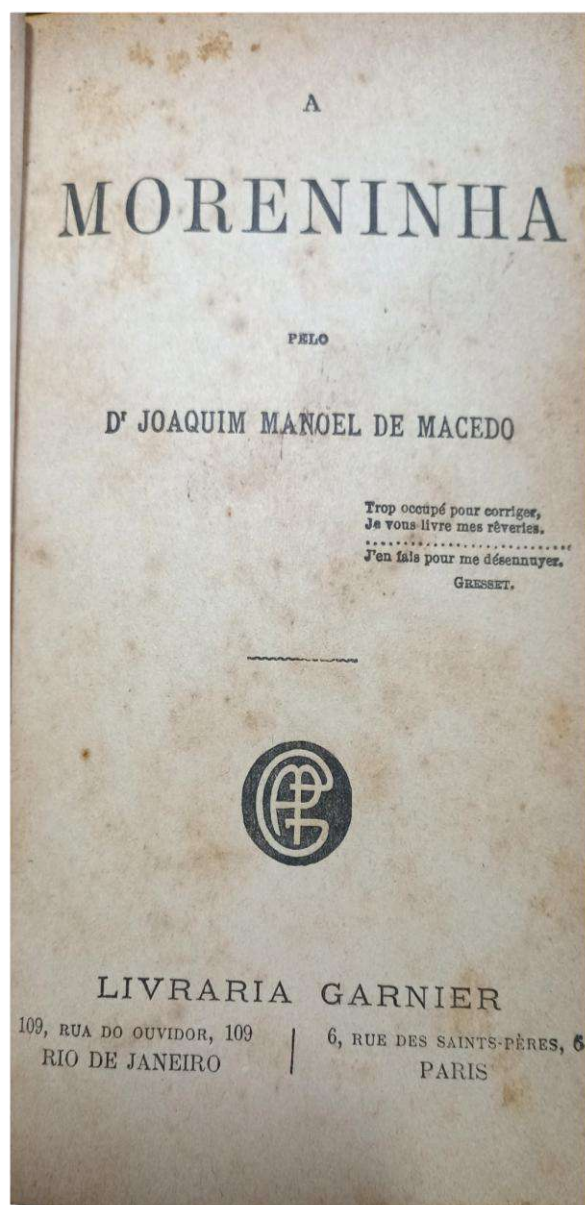


Figura 34: Frontispício da edição de 1913.

Acervo: O Buquineiro Livros Raros.

A Moreninha teve sua primeira edição paulista em 1920, pela editora Paulicéia, que a reeditou em 1926. A edição de 1920 saiu justamente no ano em que era comemorado pela Academia Brasileira de Letras o centenário de Joaquim Manuel de Macedo, evento que teve repercussão no *Correio Paulistano*.



Figura 35: Correio Paulistano, 25 de junho de 1920.

Acervo: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

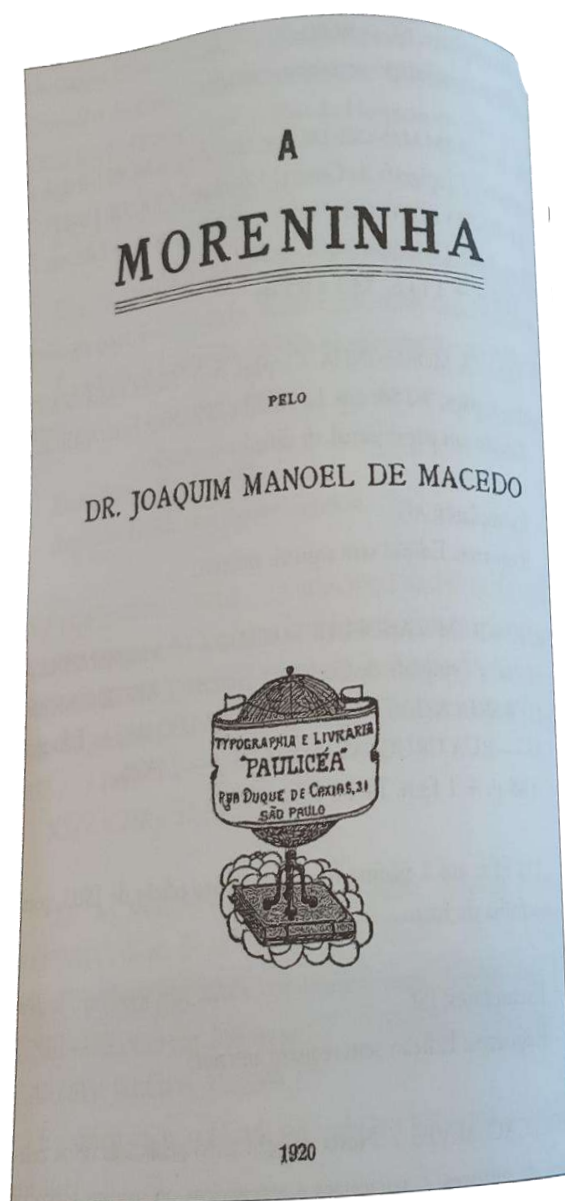


Figura 36: Reprodução do frontispício da edição de 1920

a partir da *Biobibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo*.

Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP).

Essas comemorações foram seguidas de concertos musicais do romance, os quais ocorreram durante toda a década de 1920. Desses concertos, foi possível consultar um exemplar anotado da opereta em três atos, escrita por Arlindo Leal, composta por Pedro Camin, registrada no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e na Sociedade Brasileira de Atores Theatraes, no Rio de Janeiro. O volume também leva o nome do Theatro Nacional.

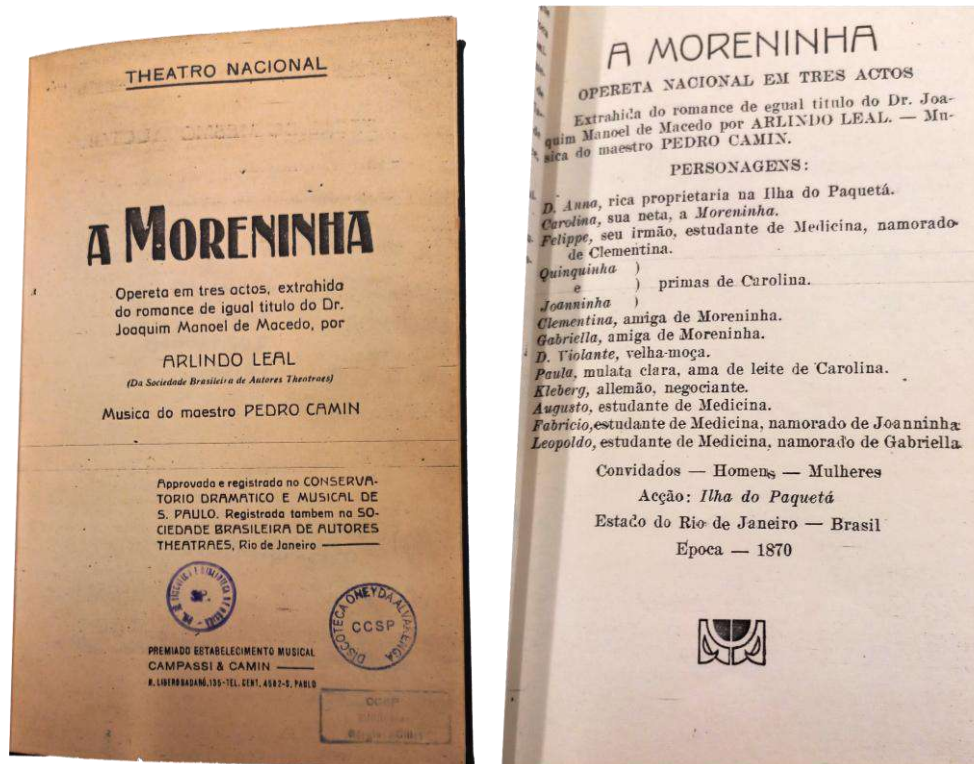


Figura 37 e 38: Frontispício e abertura da opereta de Arlindo Leal.

Acervo: Centro Cultural São Paulo (CCSP).

No ano de 1921, na Collecção de Autores Celebres da Literatura Brasileira, ao lado de grandes nomes como Machado de Assis e José de Alencar, *A Moreninha* teve sua última edição na Garnier. Mesmo dentro da coleção, os paratextos das demais edições são mantidos. As capas verdes de todos os livros da coleção tiveram algumas variações durante sua longa existência. Há volumes em que o cabeçalho da coleção não está na capa. Os frontispícios consultados possuem o mesmo cabeçalho da coleção, mas há pequenas variações com relação àqueles que estão em algumas capas, que são ornamentados.

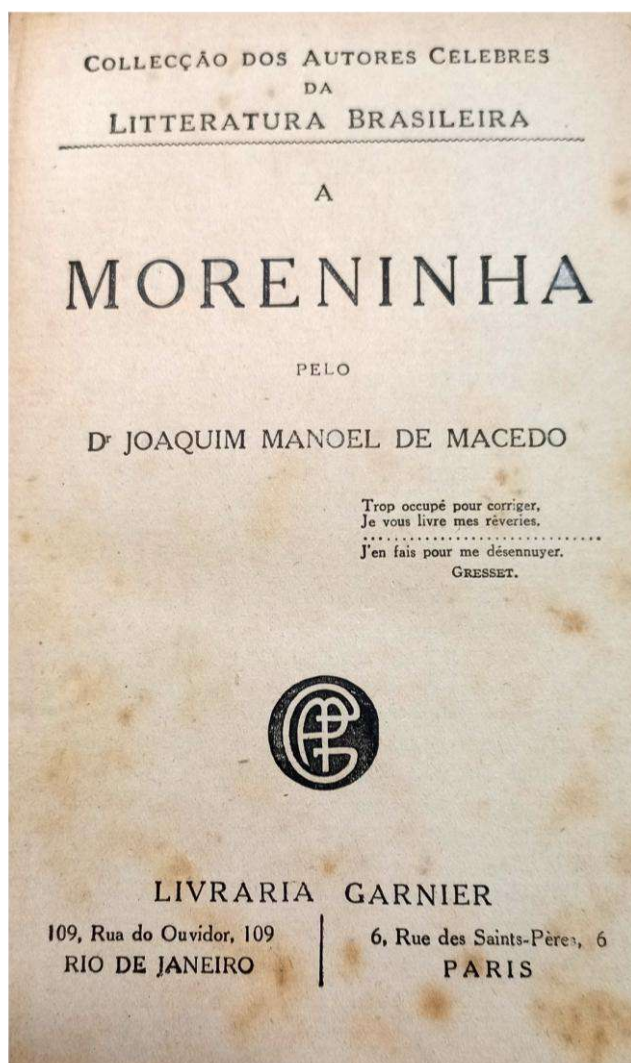


Figura 39: Frontispício da edição de 1921.

Acervo: O Buquineiro Livros Raros.

Por fim, chega-se à edição lobatiana, da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, de 1924, a “edição cuidadosamente expurgada de defeitos”, como um título da Coleção Popular. Ela foi vendida, como outros títulos da coleção, encadernada, com lombada arredondada e em brochura. Suas alterações e especificações serão aprofundadas nos próximos capítulos.

A edição foi enxuta nos paratextos, o prefácio ficcional, assim como a notícia do *Minerva Brasiliense* foram retirados. Apenas no frontispício há informações sobre a edição. O volume também não apresenta nome de outros profissionais envolvidos na produção.



Figuras 40 e 41: Capa⁷⁸ e frontispício da edição de 1924.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Uma ressalva importante a se fazer é que grande parte dos livros consultados foram encadernados novamente para conservação. Portanto, não foi possível ter acesso às capas (que já estavam presentes em algumas edições), nem aos métodos de encadernação contemporâneos a essas edições.

Com essa fortuna editorial levantada, a pesquisa entrará na Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, a fim de entender o contexto dessa edição e também suas alterações propriamente ditas e, assim, definir o que seria essa edição “expurgada de defeitos”.

⁷⁸ Não foi possível identificar o ilustrador da capa, o único vestígio encontrado é a própria assinatura, que aparece na parte inferior da ilustração: Kícac.

3- Legalidade Filológica: Noções de Direitos Autorais e Domínio Público entre os Séculos XIX e XX

Foram apontados como criminosos os autores das hediondas adultrações desses livros? Não. Logo, não pode ser culpado quem as alterou para melhor.

MONTEIRO LOBATO⁷⁹

Antes de adentrar no mundo editorial de Monteiro Lobato, faz-se necessário trazer uma breve explicação acerca da legalidade da ação do editor sobre o romance, uma vez que já foram explicitadas as divergências filológicas da edição de obras em domínio público.

Atualmente, os direitos autorais são regulamentados pela Lei 9610/98, predispondo o prazo de setenta anos após a morte do autor para que este entre em domínio público. Enquanto isso, os herdeiros devem ser, quando aplicável, remunerados para exploração da obra. A lei também destaca o dever do Estado para com a proteção da dignidade e integridade das obras em domínio público (artigo 24 § 2º), além de definir como “titular de direitos de autor quem adapta, traduz, arranja ou orquestra obra caída no domínio público”⁸⁰. O mesmo capítulo dispõe sobre os direitos morais do autor, que são inalienáveis e irrenunciáveis e vetam alterações nas obras que prejudiquem a reputação e honra do autor.

Observando as edições lobatianas sob os olhos da legislação atual, poder-se-ia entender que elas seriam passíveis de discussão acerca dos direitos morais do autor, apesar de não se encontrar grandes argumentos legais para isso. Em complemento, se fossem entendidas como adaptações, prática de Lobato como autor, não haveria restrições. Porém, essa configuração data apenas de 1998, antes disso, a regularização dos direitos autorais no Brasil passou por muitas etapas, e se resolveu tardiamente. Portanto, para não cometer anacronismos ao analisarmos a ação do editor, é necessário voltar ao século XIX e entender o percurso e estágio dessa legislação contemporaneamente às edições da Collecção Popular.

A primeira tentativa de regulamentação dos direitos autorais no Brasil ocorreu em 1821, ainda com o território dependente de Portugal, através dos artigos 8º, 9º e 10º das Bases da Constituição, os quais dispunham sobre a liberdade de imprensa. Apesar de não ser utilizada a expressão “direitos autorais”, o artigo 12º do decreto define que, por dez anos após a morte do

⁷⁹ Monteiro Lobato, “O Romance Brasileiro”, *Folha da Tarde*, apud *Revista do Brasil*, p. 76, São Paulo, jan. 1925.

⁸⁰ Lei de Direitos Autorais 9610/98, Capítulo II, Artigo 14.

autor, a “faculdade de imprimir qualquer livro, escrito ou original” é propriedade dos herdeiros⁸¹. A Lei da Imprensa, proposta em 1823, e assegurada pela Constituinte de 1824, também garantia aos inventores em geral a propriedade intelectual e proibia a exploração indevida e vulgarização de suas criações por tempo determinado⁸².

Essa legislação não se manteve estável durante o período imperial, tendo vários acréscimos e alterações, como, por exemplo, a instituição de sanções pelo Código Criminal, em 1830, para quem não respeitasse os direitos da propriedade do autor e de seus herdeiros, também pelo prazo de dez anos após a morte, o que ainda estava em vigor em 1844, ano de publicação de *A Moreninha*, que cairia em domínio público em 1892. Essa configuração se manteve até 1916 com a revogação do Código Civil, apesar de diferentes leis e projetos terem surgido nesse caminho e a responsabilização do Estado sobre as obras em domínio público ter se tornado mais forte.

Na época de Lobato, sob o Código Civil, a legislação conferia os direitos patrimoniais aos herdeiros de uma obra pelo prazo de sessenta anos após a morte do autor. Em 1924, fazia apenas 42 anos que Macedo havia morrido, porém, nesses casos, a lei exercida sobre sua obra não deixou de ser a do código de 1830, tornando sua obra domínio público já em 1892, de forma irreversível.

Dentro desse contexto, a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato gozava de direitos para a impressão e reedição do livro, não havendo ainda uma regulamentação sobre possíveis adaptações utilizando-se de uma mesma mídia, como ocorre na legislação atual.

Em complemento, pesquisas mostram o cuidado da editora com a legalidade das edições e do funcionamento da empresa, para além dos adiantamentos generosos, estendidos aos novos autores, prioridade da casa até meados de 1923, como o próprio editor conta em uma divertida entrevista dada à revista *Leitura*, em 1942:

Gente nova? Publicávamos. Pagamos os direitos, imagine que nós pagávamos os direitos, às vezes antecipados... Um escândalo, meu amigo! Mas, nada de velharias, medalhões, nada de acadêmicos com farda de general de opereta, do tempo de Luis XIV, armado daquela espadinha de cortar papel...⁸³

Ao analisar os diferentes tipos de documentos com valor contratual (contratos registrados ou não, cartas e notas), Cilza Bignotto demonstra como as edições de Lobato

⁸¹ Título I, Artigo 2º.

⁸² Cilza Carla Bignotto, *Figuras de Autor, Figuras de Editor*, São Paulo, Editora Unesp, 2018, pp. 92-93.

⁸³ Monteiro Lobato, “Monteiro Lobato, Editor Revolucionário”, Rio de Janeiro, *Leitura*, vol.10, 1942, p. 32.

estavam alinhadas com o Código de 1916, o que inclui os contratos de sua própria obra literária, também publicada nas editoras em que ele esteve à frente⁸⁴.

Desse modo, pode-se concluir que, apesar da discordância filológica, não é possível dizer que há problemas legais na edição ou mesmo em uma possível reimpressão. Logo, para além da discussão filológica já levantada, é necessário entender como critérios comerciais, importantes à mediação editorial e valorizados pelo editor⁸⁵, estão atrelados com os tipos de edição por ele promovidos, e como isso chega ao público leitor, aliás, como enfatiza McKenzie:

[...] no momento em que devemos explicar os signos em um livro, diferentemente de descrevê-los ou copiá-los, eles assumem *status* simbólico. Se um meio influencia uma mensagem em qualquer sentido, então a bibliografia não pode excluir de suas próprias preocupações a relação entre forma, função e significado simbólico⁸⁶.

O mesmo autor também discorre sobre os objetivos das edições, afirmando que as adaptações e possíveis alterações são “condições de sobrevivência [da obra]”⁸⁷, o que será abordado a partir de agora, entrando no mundo editorial da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato.

⁸⁴ Cilza Carla Bignotto, *Figuras de Autor, Figuras de Editor*, São Paulo, Editora Unesp, 2018, pp. 449-463.

⁸⁵ Na mesma entrevista concedida à *Leitura*, Lobato diz que “a mola de todas as coisas é a economia” e tece uma exposição interessantíssima sobre o mundo editorial, articulando a necessidade da leitura com a criação de um mercado economicamente viável.

⁸⁶ Donald Francis McKenzie, *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*, São Paulo, Edusp, 2018, p. 23.

⁸⁷ *Ibidem*. p. 84.

4. A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato e seu Editor

Divergir de Lobato é um comportamento perfeitamente lobatiano.

ALICE MITIKA KOSHIYAMA⁸⁸

Em *O Livro no Brasil*, de Laurence Hallewell, observa-se um aspecto curioso: o autor dedica seu livro ao pai, um admirador de Monteiro Lobato. Em suas palavras: “A meu pai, Hebert Joseph Laurence [...] contemporâneo quase exato de Monteiro Lobato, que tantas lembranças me trouxe dele [...]”⁸⁹.

É interessante notar como essa dedicatória mescla dois tipos de dedicatórios evocados por Gérard Genette: uma figura teoricamente desconhecida pelo público, mas que expressa uma relação pessoal do autor, juntamente com uma “relação de ordem pública”, ou seja, alguém conhecido, que tenha uma relação direta com o assunto tratado⁹⁰. Assim, já ao abrir essa extensa obra, o leitor se aproximará da figura de Monteiro Lobato, referido também em outros paratextos. Essa mensagem, de importância e protagonismo do editor, começa, mas não se limita aos paratextos. Ao fim do capítulo sobre Lobato, Hallewell afirma que:

Sem Paula Brito, é possível que quase não se houvesse literatura brasileira no século XIX, ainda que sua maioria acabasse sendo publicada por B. L. Garnier. Sem Lobato, possivelmente muito pouco se teria feito a respeito neste século, ainda que o crédito relativo à publicação da maioria dos autores se deva, de fato, à José Olympio, à Martins e outras editoras⁹¹.

Pelo excerto, é possível considerar que Hallewell, ao selecionar alguns nomes como grandes destaques editoriais, não considere apenas o sucesso da casa em número de publicações, há uma ideia mais profunda, de mudança, circulação e influência. Essa ideia dialoga com o que Antonio Candido definiu como “sistema literário”, o que depende não só de autores e leitores, mas também de “transmissores”, que tornam a obra pública⁹² e colaboram com a cultura letrada de um modo geral. Justamente nesse sistema é onde

⁸⁸ Alice Mitika Koshiyama, *Monteiro Lobato, Intelectual, Empresário, Editor*, São Paulo, Com-Arte/Edusp, 2006, p. 221.

⁸⁹ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2017, p. 07.

⁹⁰ Gérard Genette, *Paratextos Editoriais*, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2009, pp. 120-121.

⁹¹ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2017, p. 381.

⁹² Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Editora Itaraia Limitada, 2000, p. 23.

frequentemente vê-se o nome dos editores, inclusive o de Lobato, como esse marco editorial do século XX.

Apesar disso, Alice Mitika, em *Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor*, relativiza essa supervalorização do indivíduo no desenvolvimento do mercado editorial presente em muitas bibliografias, ao afirmar que:

[...] a ação de Monteiro Lobato é parte de um processo de mudanças no sistema de produção de livros, mas essas mudanças, por sua vez, ligavam-se a processos mais abrangentes, como o da industrialização dos anos trinta e quarenta. Foi enfrentando as condições conjunturais e estruturais da sociedade brasileira que Monteiro Lobato fez seu trabalho⁹³.

Do mesmo modo, Marisa Lajolo, ao defini-lo como “um brasileiro sob medida”, o que inclui todas as suas contradições e polêmicas, ressalta mais uma vez que mesmo com a fama de protagonismo sobre o mercado editorial, o autor, editor e político era um homem dentro do seu tempo⁹⁴, que presenciou o período das duas grandes Guerras Mundiais, a Era Vargas e a própria modernização paulista.

José Bento Renato Monteiro Lobato, registrado, a princípio, como José Renato Monteiro Lobato, o “Juca” para os mais íntimos, nasceu no final do século XIX, em 1882, em uma família de fazendeiros influentes em Taubaté, dos quais se destaca o seu avô, o Visconde de Tremembé, que cuidou dele desde os dezesseis anos de idade, quando ficou órfão. Contra a sua vontade, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1904, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Antes disso, durante o colégio, já colaborava com jornais estudantis, atividade que se intensificou na faculdade através do grupo *O Cenáculo*.

Depois de formado, Lobato regressou à Taubaté, mas, inquieto com a vida interiorana, fixou-se em São Paulo, já casado com Maria Pureza da Natividade, com quatro filhos e com a Buquira, fazenda herdada do avô praticamente falida e vendida — suas tentativas de modernização do campo no plantio de café não foram bem-sucedidas. Ao fazer essa mudança, seu nome já era conhecido na capital paulista, uma vez que, em 1914, ano de início da Primeira Guerra Mundial, seu famoso artigo “Velha Praga” já havia sido publicado em *O Estado de São Paulo*, bem como o conto *Urupês*, transformado em livro quase em uma autopublicação em 1918. Uma de suas notáveis biografias, *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, de Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta, chama atenção ao fato de que:

⁹³ Alice Mitika, *Monteiro Lobato, Intelectual, Empresário, Editor*, São Paulo, Com-Arte/Edusp, 2006, p. 16.

⁹⁴ Marisa Lajolo, *Monteiro Lobato: Um Brasileiro sob Medida*, São Paulo, Moderna, 2000, pp. 09-11.

A maioria cronológica de Monteiro Lobato coincide com a virada para o século XX, inaugurando uma época de caótica efervescência, criativa e desafiadora. Com a cabeça do jovem recém-chegado ao Largo de São Francisco. [...] sem dar conta, ele já sofria de um inconformismo crônico, responsável pela renitente mania de querer transformar o mundo⁹⁵.



Figura 42: Retrato de Monteiro Lobato, s.d.

Acervo: SEC/Unicamp

A aventura editorial de Monteiro Lobato iniciou-se em 1916, com sua chegada na *Revista do Brasil*, periódico que comprou em 1918 e atuou até 1926. Sobre esse período, é notável que os efeitos da Primeira Guerra Mundial foram um combustível para a indústria brasileira, em especial a paulista⁹⁶. Nos fins dos anos 1920, crescia a produção de bens de consumo, em geral têxteis e alimentícios, mas a industrialização ainda era pautada pelo setor agroexportador⁹⁷.

⁹⁵ Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, São Paulo, Editora Sesc, 1997, p. 30.

⁹⁶ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2017, p. 347.

⁹⁷ Alice Mitika, *Monteiro Lobato, Intelectual, Empresário, Editor*, São Paulo, Com-Arte/Edusp, 2006, p. 67.

Em algum momento, esses efeitos refletiriam sobre o mercado editorial, ainda em fase de profissionalização tardia⁹⁸ (com exceção dos didáticos) e que ainda dependia de importações portuguesas e francesas. Outros desafios consideráveis, sem dúvida, ainda eram a escassa rede de distribuição e a questão do papel, predominantemente importado e, no período, de má qualidade. Para além das empresas lobatianas, nos anos 1920 também se destacaram as casas: Melhoramentos, Casa Editora O Livro, Paulo Azevedo & Cia., entre outras⁹⁹.

Com o crescimento da exploração editorial da *Revista do Brasil*, em 1919, Lobato associou-se ao tipógrafo Olegário Ribeiro e outros sócios, mas a sociedade durou poucos meses¹⁰⁰. Ainda com o desejo de criar uma editora independente da *Revista*, no começo de 1920, após seu nome já ser muito conhecido com a adaptação cinematográfica de *Urupês*¹⁰¹, foi fundada a Monteiro Lobato & Cia., com um contrato onde já aparece o nome de Octalles Marcondes Ferreira como sócio minoritário¹⁰². A editora contou com diversos acionistas e teve seu capital ampliado a partir de 1922. Em 1924, com a inauguração de um complexo parque gráfico importado dos Estados Unidos, do qual Lobato se orgulhou muito em cartas, por incluir uma das primeiras máquinas Offset e Monotipo no Brasil, a empresa mudou de nome para Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato.



Figura 43: Diferentes logotipos das editoras encontrados nos acervos consultados.

Colagem pela autora.

⁹⁸ Marisa Lajolo e Regina Zilberman, *Formação da Leitura no Brasil*, São Paulo, Ática, 1996, pp. 88-95.

⁹⁹ Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, São Paulo, Edusp, 2017, p. 369.

¹⁰⁰ Cilza Carla Bignotto, *Figuras de Autor, Figuras de Editor*, São Paulo, Editora Unesp, 2018, p. 19.

¹⁰¹ *Os Faroleiros*, 1922. Direção de Miguel Milano e Antonio Leite.

¹⁰² *Idem*, p. 306.

Essa visão sobre o contexto também deve ocorrer em menor escala, ou seja, dentro da editora. Mesmo revelando apenas o seu nome, todo o intenso trabalho editorial que ela sustentou não foi feito apenas por Monteiro Lobato. Para além dos investidores, ela também contava com gráficos, administradores e profissionais envolvidos na produção editorial propriamente dita¹⁰³. Além disso, em cartas, pode-se confirmar as encomendas de trabalhos terceirizados, nos quais Godofredo Rangel esteve envolvido, principalmente nas traduções. Essa grande estrutura em volta de seu nome representa a sua função editor, como aquele que assume a responsabilidade de uma publicação, como foi discutido no capítulo 01 deste trabalho.

Para traçar um perfil da editora e entender sua política editorial, os catálogos são peças essenciais. Nesta pesquisa, foi possível consultar os catálogos e/ou suas cópias de 1923, 1924 e 1925, todos disponíveis na Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato. Apesar de somente o último ter a marcação do ano, foi possível identificar sua ordem a partir dos nomes da editora estampados na capa, juntamente com a correspondência das obras anunciadas em cada um. Soma-se a isso o recolhimento de relatos, que elucidam as escolhas dos títulos e sua materialidade.

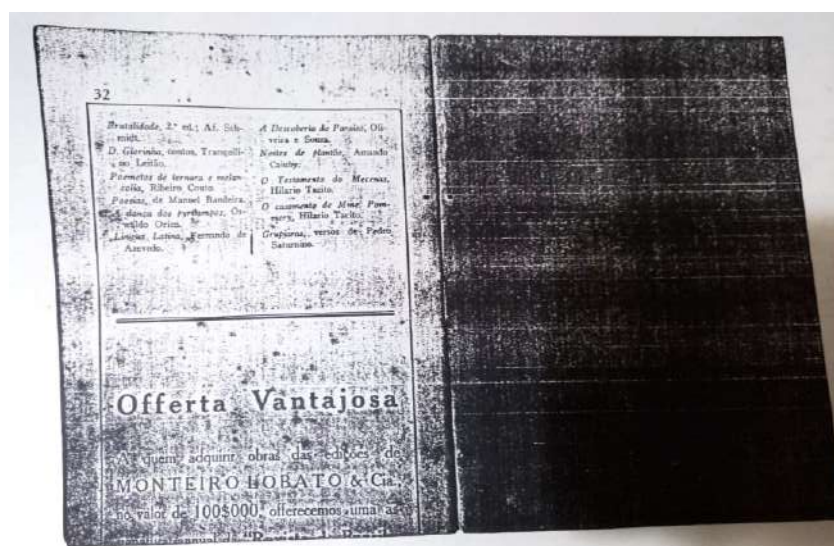
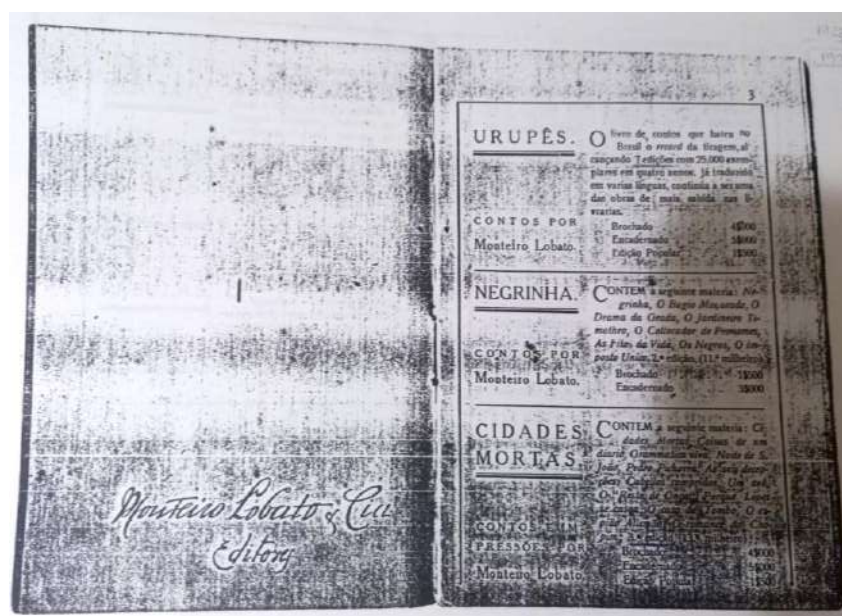
No começo da atividade editorial, umas das primeiras ações do editor foi a ampliação dos pontos de venda de livros, juntamente com a incorporação do sistema de consignação. Além disso, a editora sempre manteve um bom sistema publicitário, que fez com que seus livros chegassem por todo o país, não apenas nas livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo¹⁰⁴. As primeiras apostas foram os próprios livros de Monteiro Lobato, e outros títulos de nomes editados antes pela *Revista do Brasil*, como, por exemplo, Lima Barreto, autor que teve muito investimento da casa, apesar de suas vendas não alavancarem.

O catálogo mais antigo localizado, o de 1923, reflete essas ações. A primeira seção, com catorze títulos, é toda dedicada às obras de Monteiro Lobato. Também há um grande número de autores novos e de livros de poesia. Os títulos de não ficção aparecem timidamente, com destaque para os ensaios e crítica literária. Esse catálogo já conta com cerca de 83 títulos individuais, além das coleções Brasília, com oito títulos, e Bibliotheca da Rainha Mab, com três títulos. Ao final, também há o anúncio de obras que ainda estavam “A Sahir”, e uma promoção para quem comprasse mais de 100\$000.

¹⁰³ O levantamento completo de tudo o que a editora tinha pode ser consultado nos volumes de seu processo de falência, explorados pela pesquisa de Cilza Bignotto, juntamente com os diferentes contratos da casa.

¹⁰⁴ Alice Mitika, *Monteiro Lobato, Intelectual, Empresário, Editor*, São Paulo, Com-Arte/Edusp, 2006, p. 73.

Do ponto de vista gráfico, o catálogo destaca os títulos das obras em detrimento ao nome dos autores, comportamento diferente nos demais catálogos consultados, que trazem mais equilíbrio entre as duas informações, com corpos de letra em tamanhos próximos. Sua diagramação é toda em duas colunas, com o lado direito dedicado a descrições caprichosas das obras e destaque para os seus preços “populares”, como o próprio texto intitula.



Figuras 44 e 45: Respectivamente, cópias da primeira e da última página do catálogo de 1923.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

No ano seguinte, como Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, a editora lança um novo catálogo, com muitas diferenças. Após a capa, apenas tipográfica, a primeira página

é um anúncio para a assinatura da *Revista do Brasil*, com uma citação de Olavo Bilac sobre o periódico. Logo em seguida, alguns autores de literatura ganham uma seção própria, com os preços de seus livros editados pela casa. A quantidade de obras e seus autores são demonstradas na tabela a seguir:

AUTORES DESTACADOS	QUANTIDADE DE OBRAS
Monteiro Lobato	12
Oliveira Vianna	3
Léo Vaz	2
Visconde de Taunay	2
Menotti del Piccchia	7
J. A. Nogueira	3
Mario Pinto Serva	3
Mario Sette	2
Canto e Mello	2
Alberto Seabra	5
Breno Ferraz	2
Moacyr Piza	2
Ribeiro e Couto	2
João Ribeiro	2
Rodolpho Theophilo	2
G. Papini	2
Graça Aranha	1
Simão de Mantua	2
F.T. Souza Reis	2
Manfredo Leite	2
Lima Barreto	1
Amando Caiuby	2
Rosalia Coelho Lisboa	1
Oscar Wilde	1
Sud Mennucci	2
Candido Figueiredo	1

Tabela 01: Novos autores de literatura com seções próprias no catálogo de 1924.

Após esse destaque, o catálogo continua trazendo seções de literatura, porém, dessa vez, com destaque gráfico maior para os títulos. Também não há descrições das obras, como é notado no catálogo anterior, apenas o preço (que não ultrapassa os 10\$000 por volume) e a indicação de encadernado, ou brochura. Essas seções trazem autores vivos e clássicos, mas não trazem as obras *Menina e Moça* e *A Moreninha*, da Collecção Popular, as quais já haviam sido publicadas nesse ano. É curioso destacar que as coleções literárias não estão próximas a essas seções de literatura, elas estão mais ao fim do catálogo.

SEÇÕES LITERÁRIAS	QUANTIDADES
Romances	13
Literatura Feminina	2
Poesia	21
Contos e Novellas	22
Collecção Brasília	8
Bibliotheca da Rainha Mab	6

Tabela 02: Seções de literatura no catálogo de 1924.

Um destaque deste catálogo é o grande número de obras de não ficção, divididas em treze seções. Muitas dessas obras poderiam ser consideradas, em termos atuais, como não ficção *trade*, ou seja, são destinadas a um público geral, nem sempre especializado no assunto. Para além desses títulos, é notável também a entrada da editora no setor dos livros escolares. Algumas obras de literatura são apontadas como leitura escolar, como as *Fabulas*, de Monteiro Lobato. Também há uma seção denominada “Didactica”, a qual é fragmentada por autor e tem 25 títulos no total. É evidente que o investimento nos didáticos não era uma postura apenas do autor Lobato, mas do Editor, que foi um grande entusiasta do setor. Em carta no mesmo ano a Godofredo Rangel, ele escreve:

Teu livro está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática à frente de tudo mais. Só cuidamos agora de cartilhas, gramáticas, aritméticas – todos os instrumentos de torturar as crianças¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, São Paulo, Editora Globo, 2010, p. 478.

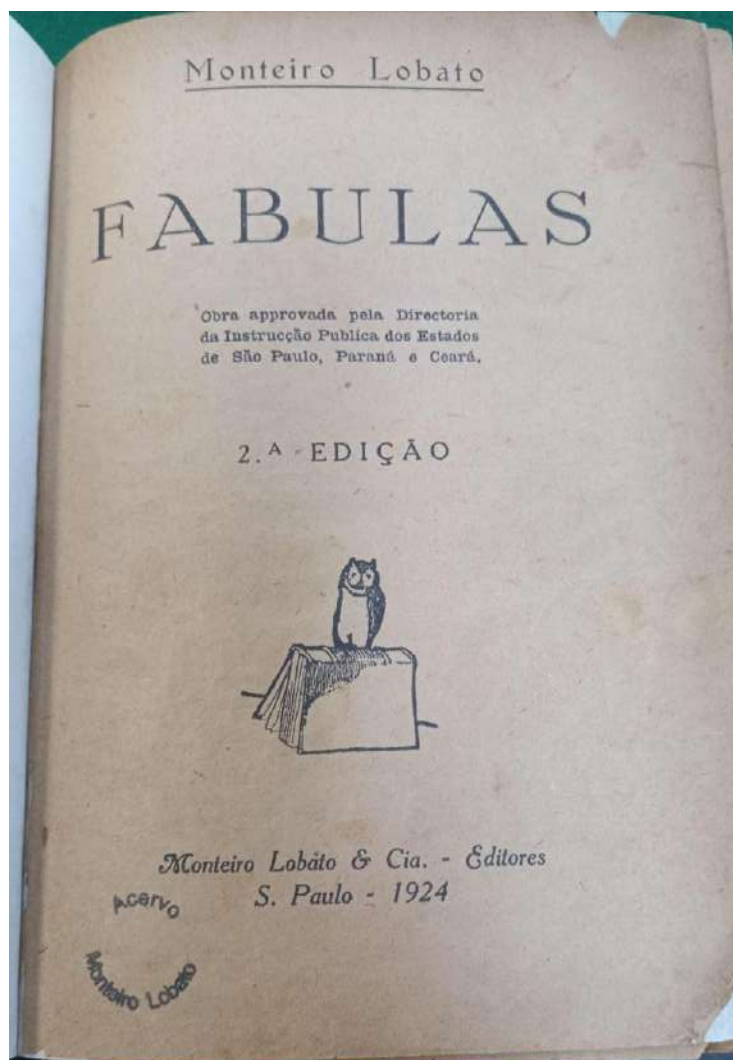
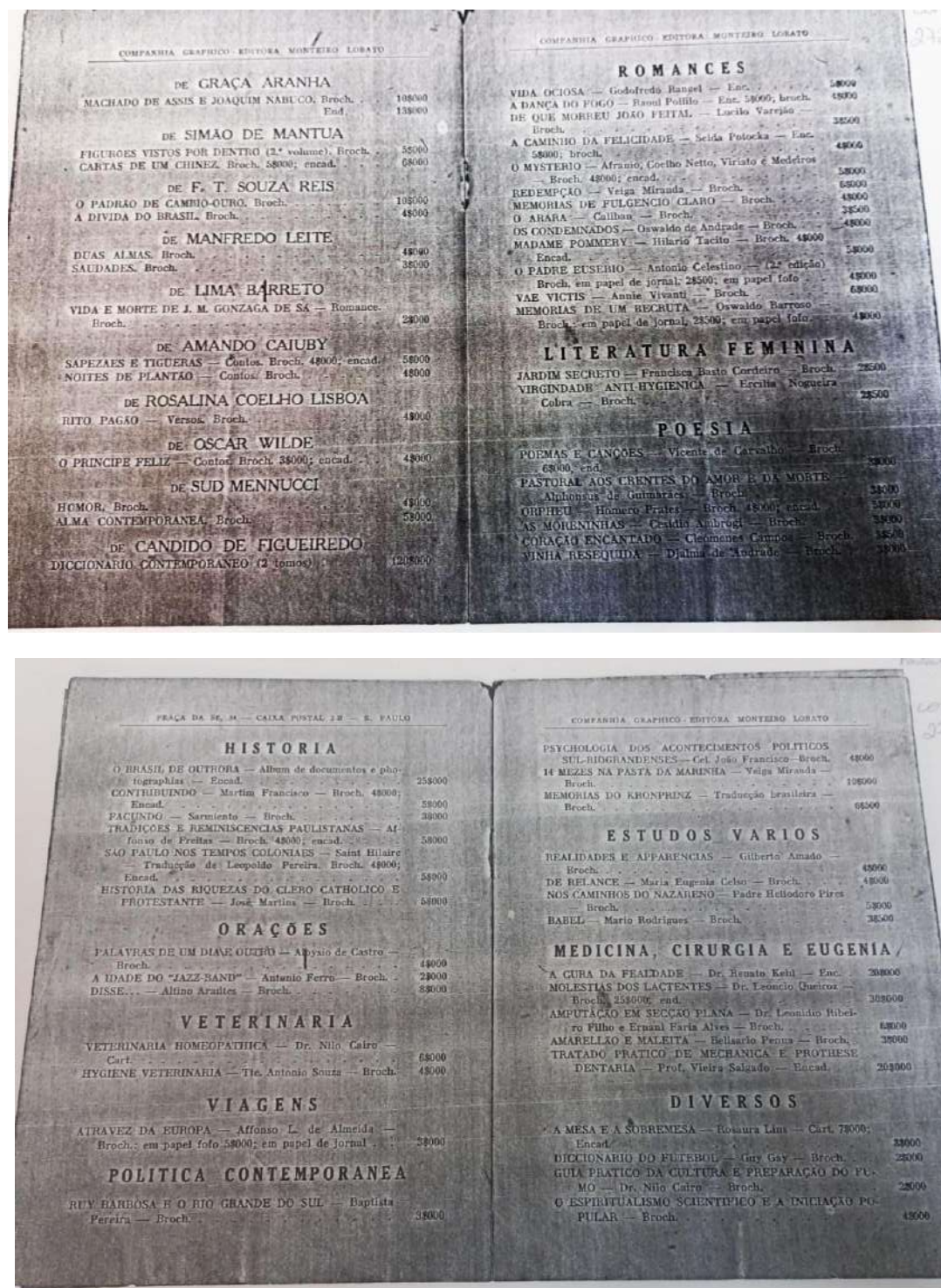


Figura 46: Frontispício de obra aprovada para escolas de São Paulo, Paraná e Ceará.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

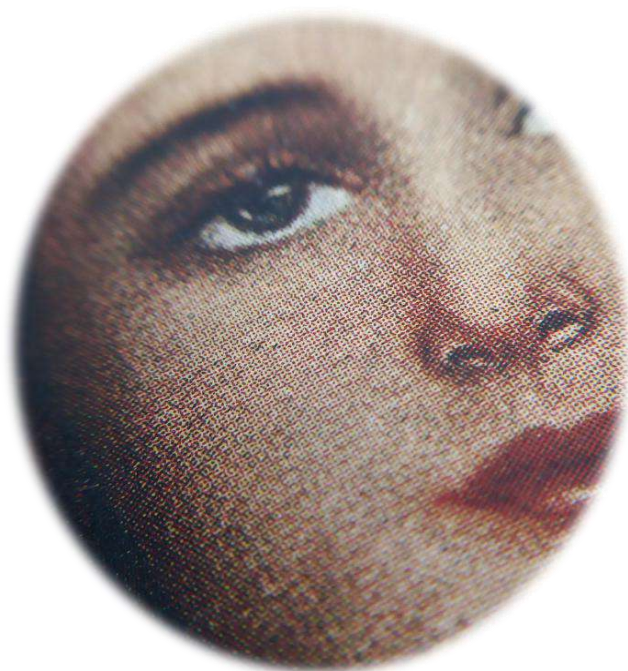
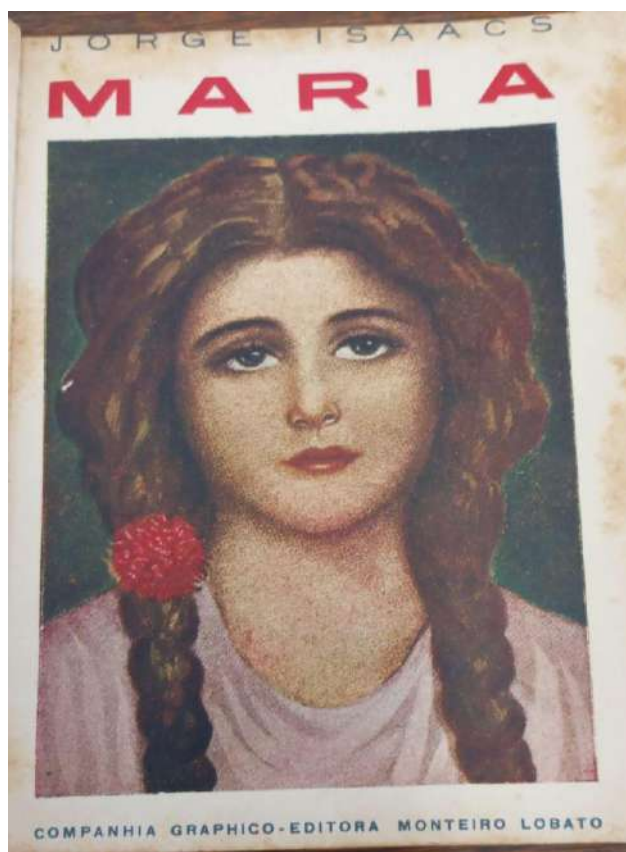
No total, o catálogo de 1924 possui aproximadamente 205 entradas (um aumento de 122 títulos em comparação com o ano anterior), considerando que alguns aparecem mais de uma vez em diferentes seções. Desses títulos, 114 são de não ficção e estão divididos em: Philologia, Crítica, História, Orações, Veterinária, Viagens, Política Contemporânea, Estudos Vários, Medicina, Cirurgia e Eugenia, Diversos, Direito, Contabilidade e Direito Comercial e alguns na seção de Didactica.



Figuras 47 e 48: Cópia de parte das seções de literatura e de não ficção do catálogo de 1924, respectivamente.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Outro acontecimento importante do ano de 1924 foi a incorporação do parque gráfico pela editora, o que não apenas transformou seu nome, mas concentrou a produção do livro dentro da casa e ampliou ainda mais seus títulos, impressos no Brás. A editora foi responsável pela primeira máquina Monotipo e uma das primeiras Offset do país e passou a se destacar ainda mais por sua produção gráfica, fazendo até “livros em branco”¹⁰⁶, apesar de ainda ter problemas com a qualidade do papel.



Figuras 49 e 50: Capa de *Maria*, editado em 1925, e visão da ilustração pelo conta-fios.

Impresso em offset.

Acervo: Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

¹⁰⁶ *Idem.*

O catálogo do ano seguinte continua crescendo, são 383 entradas, divididas em dezoito seções, metade com literatura e a outra metade continua com a não ficção, o que inclui livros acadêmicos, livros para o público geral e para nichos mais específicos, como é o caso do manual *Imposto sobre a Renda*, por Manuel Salles, voltado para negociantes da indústria.

A diagramação do catálogo é feita em duas colunas e há o equilíbrio na hierarquia entre nome do autor e obra. Todos os títulos também possuem uma descrição, e a maioria conta com os preços, que chegam até 15\$000. A capa do catálogo possui um grafismo floral e a quarta capa ressalta o parque gráfico adquirido.



Figuras 51 e 52: Cópias da quarta capa e capa do catálogo de 1925.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

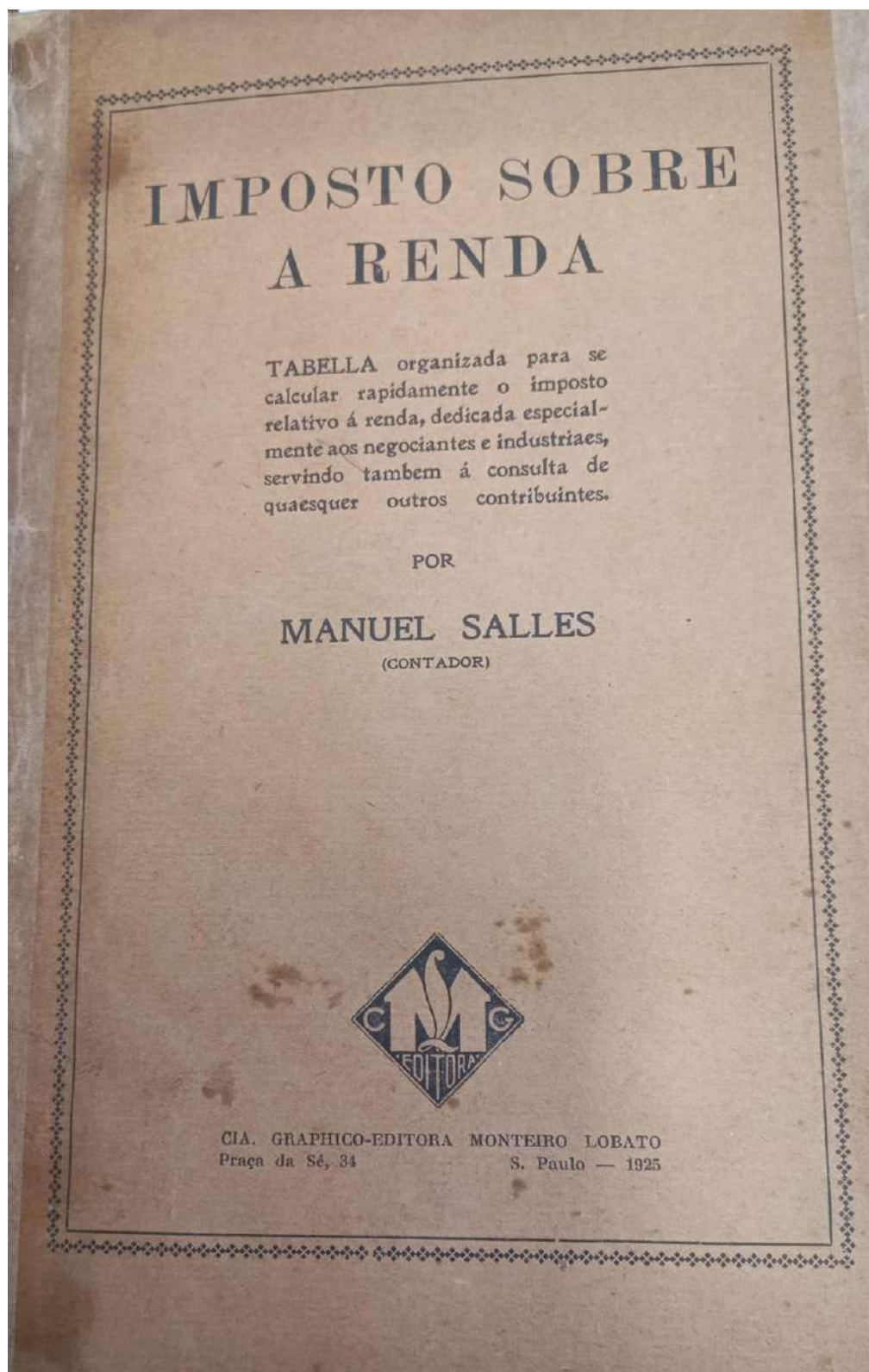


Figura 53: Capa de *Imposto sobre a Renda*, de 1925.

Acervo: Biblioteca Mário de Andrade.

Outras novidades deste catálogo são os livros de luxo para presentes, que podem ser encomendados: “Cada caixa dez e doze obras escolhidas, próprias para moços e moças”. Há também a possibilidade de comprar por encomenda catálogos de temas específicos: Livros Jurídicos, Livros Didáticos e Livros de Contabilidade. A tabela a seguir demonstra os números gerais do catálogo:

SEÇÕES	QUANTIDADES
Poesia	30
Contos	55
Romances	53
Literatura Infantill	11
Philologia	5
Sociologia	10
Medicina, higiene e veterinária	7
Techinca	7
Ensaio, Critica, etc.	40
História, Política e Viagens	21
Psychismo e ocultismo	5
Contabilidade	17
Direito	36
Didatica	41
Collecção Brasilia	8
Collecção Rainha Mab	12 (11 obras)
Collecção Popular	18
Livros de Luxo	7
TOTAL	383

Tabela 03: Seções gerais no catálogo de 1925¹⁰⁷.

Os livros em domínio público chegam neste catálogo com toda a força, uma mudança de paradigma na editora, que destacara, em 1923, os autores novos. Em carta a Godofredo Rangel, no final de 1924, Lobato afirma:

¹⁰⁷ Sobre as seções do catálogo, uma mudança notável, que deve ser problematizada é a troca de “Eugenia” (1944) por “Higiene” (1925).

Estamos agora com um programa de edições sem direitos autorais, coisas já em domínio público, desde Dumas até Alencar. Se tens tempo, poderei dar-te muita coisa a fazer¹⁰⁸.

É neste contexto que a Collecção Popular surge no catálogo da editora, o que será analisado mais detalhadamente no capítulo 05. A coleção não é uma atitude isolada sobre os livros clássicos. Justamente neste ano é publicado *A Tempestade*, de Shakespeare, traduzido por Godofredo Rangel, em um conjunto que seria denominado “Shakespeare para meninos”. O processo dessa tradução é longo, começa antes de 1921. Nas cartas de *A Barca de Gleyre*, é possível acompanhar o seu caminho e as intenções editoriais por trás dessas traduções, que, de modo geral, buscam deixar o texto mais “acessível”, o que irá se repetir também com os livros nacionais.

Recebi *Tempestade*. Vai traduzindo os outros contos shakespearianos, em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amares a original em matéria de forma – só em matéria de fundo. Quanto ao *Dom Quixote*, vou ver se acho a edição de Jansen. Venha logo!¹⁰⁹



Figura 54: Capa de *A Tempestade*, publicado em 1925.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 482.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 455.

É interessante notar que esse movimento, de começar com a literatura e os novos autores e acabar com os livros didáticos e o domínio público, não parece ter sido um caso isolado entre as editoras brasileiras. Em carta, Lobato relembra a trajetória de Francisco Alves, um grande nome da edição escolar e infantil, comentando justamente sobre esse percurso:

Tomo nota do teu plano de traduções. Estamos refreando as edições literárias para intensificação das escolares. O bom negócio é o didático. Todos os editores começam com a literatura geral e por fim se fecham na didática. Veja o Alves¹¹⁰.

Apesar desses grandes números, é importante lembrar que o ano de 1925 marcou a falência da Companhia, por um processo que já havia se iniciado em 1924, com a crise de energia elétrica e a Revolta Paulista de 1924¹¹¹. A gota d'água para as finanças da empresa teria sido a suspensão da compra da encomenda de livros didáticos da editora, após Lobato ter publicado uma furiosa carta contra o governo de Artur Bernardes, denominada “O Voto Secreto”.

Com essa situação, os bens pessoais e profissionais do editor foram leiloados, o maquinário gráfico foi comprado pelas empresas São Paulo Editora e Editora Gráfica Revista dos Tribunais. Parte do acervo editorial conseguiu ser transferido para a Companhia Editora Nacional, fundada no segundo semestre de 1925 por Lobato e Octalles Marcondes Ferreira¹¹². Assim, muitos livros publicados nessa fase final da editora acabaram encalhados e hoje são obras difíceis de serem encontradas. Em complemento, em conversas com pesquisadores da área, foi possível levantar uma hipótese muito plausível de que nem todos os títulos anunciados realmente chegaram a ser publicados.

Entretanto, a vida editorial de Monteiro Lobato não acabou com o fim da Companhia. Ele se manteve como sócio na Companhia Editora Nacional até 1929, quando faliu mais uma vez com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Mesmo não tendo mais parte na editora, continuou no mundo do livro, seja como autor ou tradutor. Sua última empreitada foi com Caio Prado Júnior, em 1943, a Editora Brasiliense. Além disso, também foi uma importante figura política pela indústria editorial nacional.

Suas ações não se restringiram ao contexto nacional, nos Estados Unidos e na Argentina, países onde viveu, tentou se firmar e atuou politicamente. Foi um influenciador

¹¹⁰ *Idem*, p. 477.

¹¹¹ Alice Mitika, *Monteiro Lobato, Intelectual, Empresário, Editor*, São Paulo, Com-Arte/Edusp, 2006, p. 96.

¹¹² *Idem*. pp. 97-98.

também na Campanha do Petróleo e do movimento eugenista, que ganhou a adesão de muitos intelectuais nos anos de 1920 e 1930, o que também esteve presente nos catálogos.

Monteiro Lobato morreu em 1948, um ano após retornar da Argentina e organizar sua *Obra Completa*, publicada pela editora Brasiliense. A dimensão de sua inserção no debate público, mesmo após sua morte, pode ser ilustrada com a própria imprensa da época, o que será brevemente discutido a seguir.

4.1. Aos olhos da imprensa, a partir dos álbuns de D. Purezinha

Por favor, não me chame de doutor. E cuidado com o que você vai escrever. Não altere demais. Ponha pelo menos alguma coisa do que eu disse...

MONTEIRO LOBATO¹¹³

Durante a pesquisa no acervo da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, uma fonte encontrada que se mostrou muito relevante para a pesquisa foram os álbuns da esposa de Monteiro Lobato, Maria Pureza da Natividade de Souza e Castro, conhecida como D. Purezinha. Trata-se de cinco grandes volumes de álbuns com recortes de jornais e revistas nacionais e internacionais onde o editor aparece, desde suas primeiras aparições com *Urupês*, até alguns anos após sua morte, em 1948. Há alguns recortes que datam depois de 1959, ano em que ela morreu, mas não se sabe quem deu continuidade ao trabalho.

Apesar da riqueza de informações encontrada nos álbuns, a maior parte dos recortes não possui identificação sobre a qual periódico pertenceriam e a data exata de sua publicação. Em alguns momentos, o nome de Lobato aparece grifado, e há até marcações com X vermelho em recortes não favoráveis à sua imagem. Trata-se de um documento afetivo, que hoje serve de fonte de pesquisa.

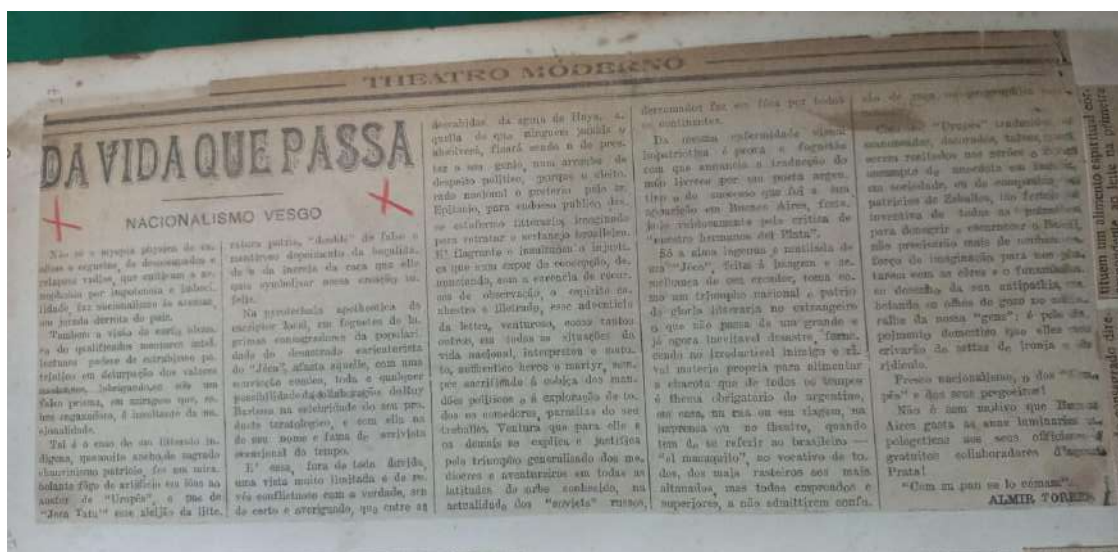


Figura 55: Recorte de vol.1 do álbum, s.d.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

¹¹³ Monteiro Lobato, “Monteiro Lobato, Editor Revolucionário”, *Leitura*, vol.10, p. 32, 1942.

O primeiro álbum, também o mais extenso, tem suas primeiras páginas dedicadas à atuação de Monteiro Lobato como autor e político, com recortes dos Estados Unidos e da Argentina junto aos do Brasil. As críticas de suas obras literárias são contraditórias e há possíveis divergências da visão que as mídias nacional e internacional construíram de sua figura. A candidatura para a Academia Brasileira de Letras e sua falência também rendem muitas páginas e colunas na imprensa.

A partir da metade do álbum, a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato aparece com mais força, com a fusão de suas figuras como autor, editor e mesmo como empresário gráfico. Em entrevistas, ele afirma como também renovava, a cada nova edição, a linguagem de suas próprias obras, pois, para ele, os brasileiros precisavam de “livros fáceis”¹¹⁴, apesar de muitas vezes ser considerado um escritor de elite que ao mesmo tempo ficou popular.

Um recorte muito interessante desse período data 1925: uma entrevista concedida ao jornalista Britto Broem, na *Gazeta de São Paulo*, onde o editor descreve o que seria um bom livro, colocando *A Moreninha* como um caso exemplar, que sempre continua saindo nas livrarias. Nessa e em outras entrevistas, fica evidente a sua relação com a reedição de autores mortos, que, para além da intervenção dos textos, compõem o fundo de catálogo da editora, pois, em suas palavras, o sucesso dos “livros escandalosos” dura pouco e não é capaz de sustentar a empresa.

¹¹⁴ Recorte do vol. 1 dos álbuns, manchete: *Vida Literária*.

NUMERO COMMEMORATIVO

A GAZETA - S. PAU

MONTEIRO LOBATO

fala sobre o problema editorial no Brasil

"E' preciso divertir o leitor..." "O brasileiro gosta mais de livro em branco",
conclue o creador do "Geca".



O gabinete de diretor é luxuoso. De um lado, tres armarios estofados de livros e revistas. A' frente, a secretaria, transbordando de papéis, e mais uma pequena estante, sobre qual, um lindo "cashérol". De la parede, forrada de verde escuro, varios quadros, paisagens e retratos com affectivas dedicatorias. Perto da mesa de trabalho uma photographia de Henry Ford, o famoso industrial americano, e o busto de Billar. Pelas janelas entra-nos o humido calor da urbe. Monteiro Lobato acalava de escrever uma carta que não parecia ser commercial e, voltando-se para mim, como a sua caracteristica e affavel bonhomia interroga:

— Quer então v. que eu lhe diga alguma coisa sobre o problema do livro nacional?

Era agora ao editor que eu ia ouvir, mas ao editor "doubts" de um finissimo espirito.

— Reparo. O Brasil é país quasi analfabeto. Noventa por cento do nosso povo não sabe ler. Dos dez por cento restantes a porcentagem dos que compram livros é ainda muito diminuta. Ah! está a grande difficuldade que nos assobrega — combater o rachitismo intellectual do meio. Eu continuo a lançar volumes por toda a parte, realizando intensa propaganda e si relativamente tenho colhido as melhores resultados vou constatando cada vez mais a nossa precaria cultura. Fria isso: o problema editorial no Brasil baseia-se acima de tudo numa questão de cultura.

— Qual tem sido a tiragem das suas maiores edições?

— Um verdadeiro successo de venda para o livro no Brasil cifra-se na tiragem de trinta mil exemplares. Pouquissimos têm alcançado essa victoria. Da literatura passada "A Moreninha" de Macedo foi dos mais estupendos triumphos literarios.

Nessa altura em que Lobato se refe-

ra ao seradíssimo romance do escriptor luminoso não posso evitar um sorriso. Mas elle continua.

— Sim. Porém, ha a distincção a respeito de exito. O verdadeiro exito é o do livro que attira grande tiragem e continua sempre a sahir. Põe-se de parte o successo de escandalo; esse é apenas a febre eruptiva do momento. No anno passado a nossa maior edição foi a do livro de Abilio de Noreña que vinha numa vibrante oportunidade. Hoje a chamamos apagou-se. "Narrando a verdade" já não tem sahir. Pôra d'isso contarei varias obras que se podem gabar de ter obtido boa venda, com seis mil exemplares e outras, para as quaes tres mil representam algum titulo de honra. Das primeiras devo citar as produções de Menotti Del Picchia, Vicente de Carvalho e Guilherme de Almeida...

— E que acha sobre a qualidade do livro que mais agrada? — pergunto eu, aborçando o ponto curiosissimo da questão. Lobato encalhou os serrados supercilios e depois de pensar um instante dispõe-se a explicar.

— O genero melhor para a venda é indiscutivelmente o romance. Agora o "buslies" está em fazer a obra. Ora, como se sabe, a elite aqui no Brasil é restricta e, ao demais, os seus elementos são os que menos compram livros. Os literatos, os senhores de maior cultura ou raçaqueras procuram em primeiro logar o que vem do estrangeiro e quasi sempre parasitam a biblioteka dos amigos. A filiação de livros é escandalosa. Quem se mettesse a editar para as elites morreria de fome. O forte da venda está nas massas. Essas só aceitam a leitura como um divertimento. Daí tem v. estabelecido o principio: é preciso divertir o leitor. Como consegue tal coisa? Chegou a vez de responder rigorosamente a sua pergunta. O escriptor, para obter boa venda deve escolher assumpto ameno e palpitante, com todo sentimentalismo e acrisolada facilidade romantica. Nada de estheticismo e funambulescas innovações. Idealismo a toda a linha; ingredientes lyricos, fazendo o possível para mover personagens destinadas por sua natureza a entusiasmar a burguezia. Quanto ao estilo toda simplicidade e

forma intuitiva; linguagem clara e desataviada que o grosso do publico comsiga perceber sem esforço. Orthographia tambem ao sabor corrente do leitor. Nada de phoneticas que lhe causão mau effeito. Observe o literato, essas indicações e tenha talento, que fatalmente o successo lhe ha de bater palmas. Eis ahi... Quando alludi a "Moreninha" de Macedo v. sorriu. Compreendo e seu desdém pela obra do popular escriptor; pois sabia que esse romance tem vencido os annos e encontrará sempre franqueada a sahida nas livrarias, graças ao melodioso sentimentalismo que reguma. Vivemos todos sem proposito, em nosso pedantismo artistico, a verberar as formas romanticas. Tolice! A humanidade em geral nunca deixará de ser visceralmente romantica. O burocrata ou o empregado de escriptorio que tira as horas de folga para ler quer distrahir-se do ramerrão da vida. Cae-lhe ás mãos um romance realista. Logo de inicio elle bem depressa se aborrece, porque naquellas paginas, com todas as suas aretas chocantes e colorido violento, a vida apparece tal qual ella lhe fatiga e lhe pesa. Ao contrario, si tomar de uma historia de Eschirich, por exemplo, ver-se-a transportado para um terreno inedito e curioso de phantasia que o enleva. O romanticismo, sempre o romanticismo com a sua seducção! Qual o segredo de venda dos livros de Menotti? Esse talentoso artista, que vive a precocisar o futurismo, não quer saber da nova orientação quando escreve para o publico. "Juca Mulato" e "Mascaras" são obras essencialmente vendaveis, porque exprimem nitidos expoentes das tonalidades romanticas que o proprio autor despreza, como passadismo. Nestes dias estamos com um romance que val longe. E' a "Marquiza de Santos", de Paulo Setubal, fadada a plena e continua accelleração. Esse livro talvez chegue a trinta mil exemplares, consagrado até hoje obtida pelo meu "Urupês", pois trata-se de leitura com todos os attributos que enunciei. Entrejanto, poucos satisfazem tão facil psychologia.

— E as obras de escandalo?

— São exitos passageiros como já lhe disse. As produções escabrosas sem-

pre encontraram publico em todos os tempos. Nunca porém ultrapassaram a duradoura existencia das obras sentimentaes, bem concebidas.

Lobato levantou-se pondo-se a passear pela gabinete. Do escriptorio vizinho chegava-nos o bater de teclas das machinas de escrever no serviço da grande empresa.

— ... Por isso estou editando os romances de capa e espada de Dumas e outros escriptores francezes passelous, cujas traducções o mundo em peso lê e aprecia.

— Uma pergunta sobre outra parte da questão: Portugal prejudica realmente a industria do livro brasileiro?

— Demais, meu amigo, demais! E' colossal, esmagadora, revoltante, a sombra que os mercados lusos nos fazem. O assumpto é de summa relevancia e merece mesmo ser tratado com especialidade em outra occasião. V. não imagina o aberto que o nosso Parlamento deixou passar — uma lei feita para a protecção da industria portugueza, eximindo de impostos alfandegarios os volumes que ella nos manda, emquanto nos curvamos sobrecarregados de absurdas taxas. Desfavorecidos de tal maneira, não nos restam meios de abrir concorrência aos editores lusos, unicoa donos e acambarcadores do mercado brasileiro... E Lobato prosegue, com argumentos de notavel precuciença, sobre a aberrante situação.

Magnifica palestra, longo tempo mantivemos, até despadir-me do editor-escriptor, que arramata espirosamente:

— Na minha industria ha tambem fabricação de livros em branco e assim, pôde dizer aos leitores de seu jornal, que essas são as mais vendaveis, cuja sahida nunca esmorece. O brasileiro gosta muito do papel em branco. Para ella todo o mal do livro é vir escripto...

Nesta conclusão humoristica o creador do "Geca Tatu" definiu em dots traco caricaturescas de mestre, o nosso nivel intellectual...

Brito Brock.

Figura 56: Recorte de vol.1, 1925.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Outrossim, nos recortes é notável sua aproximação com o público leitor e o impacto de suas viagens e visitas às escolas do país. O alcance internacional de sua obra também pode ser dimensionado, uma vez que foram encontrados recortes em árabe, russo, japonês, além do inglês e espanhol.

No segundo álbum, são predominantes os recortes que datam a partir de 1937¹¹⁵. Ele prossegue pela Argentina, e parte considerável é um conjunto de sete publicações de adaptações de clássicos para crianças que Lobato escreveu para o jornal *La Prensa*. A publicação funciona como um folhetim infantil, porém com várias páginas ilustradas em complexas litografias. É interessante notar o protagonismo do autor na adaptação de obras clássicas da língua espanhola, mesmo em países *hispanohablantes*, demonstrando sua capacidade de narração.

Essas publicações acontecem até 1939, com diversos contos, onde ele adapta até mesmo sua própria obra para o formato do periódico. No caso dos contos de sua autoria, o formato da publicação no jornal é levado também para a URSS.

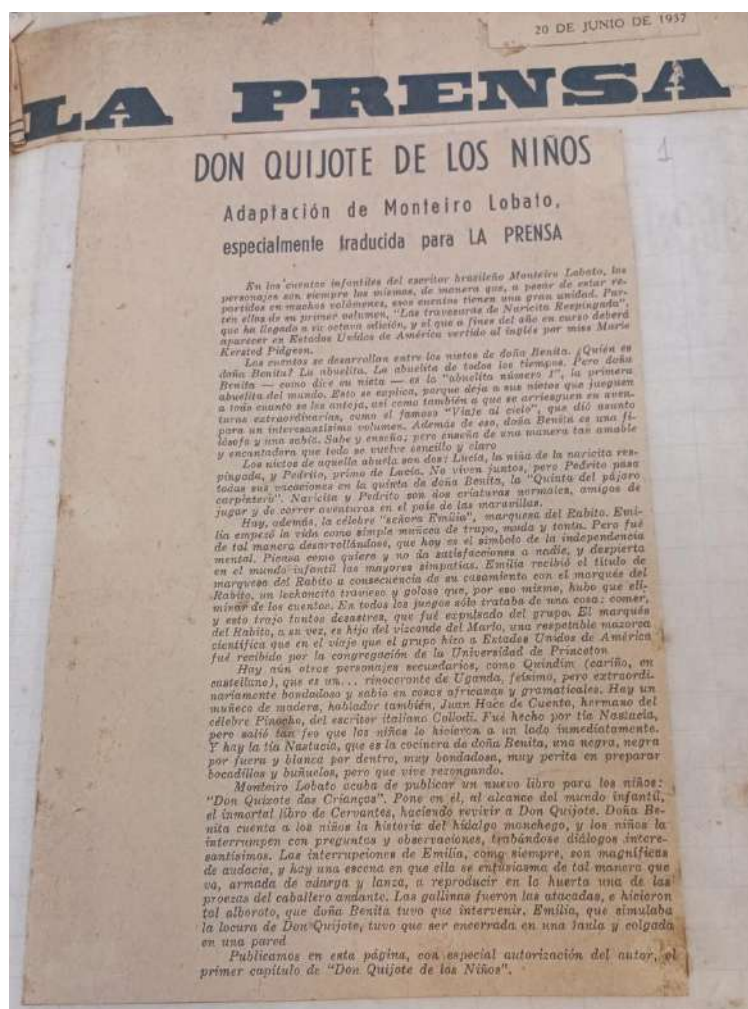


Figura 57: Vol. 2, 1937, *La Prensa*, Argentina. Começo da publicação de “Don Quixote de Los Niños”.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

¹¹⁵ Há recortes esparsos a partir de 1921, porém a ordem é retomada a partir de 1937.

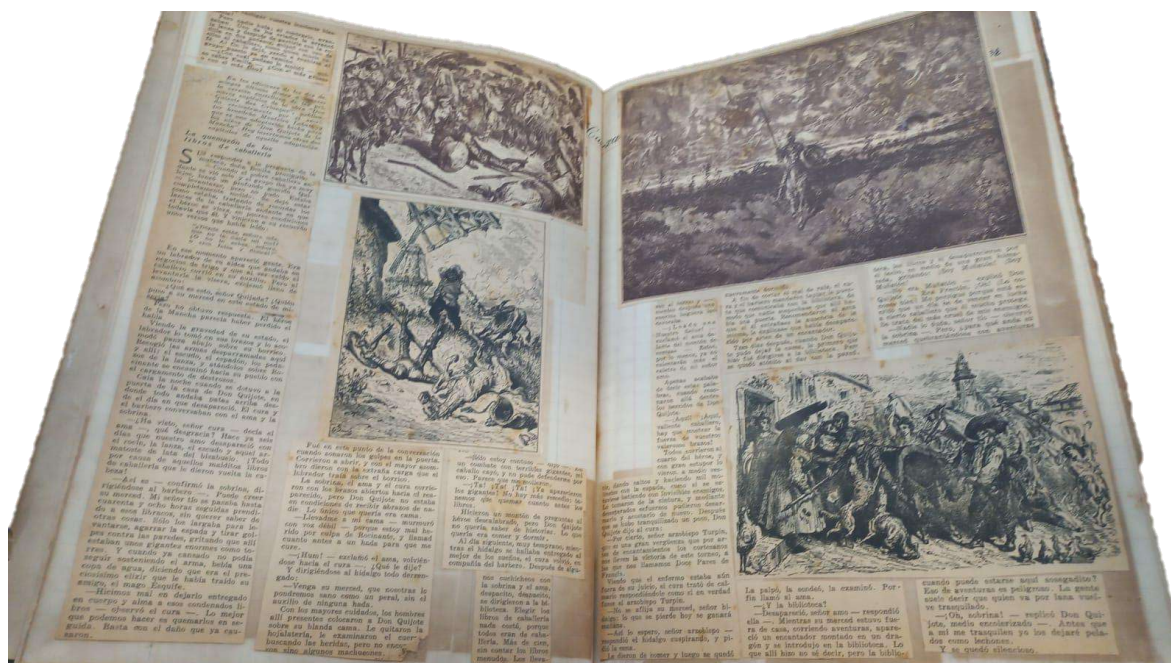


Figura 58: Vol. 2 do álbum, 1937, *La Prensa*, Argentina. Reconstrução da diagramação de *Don Quixote de Los Niños*.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

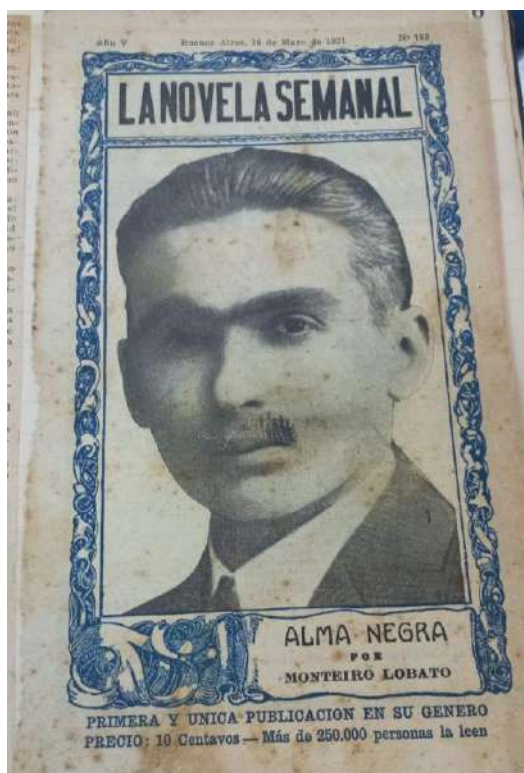


Figura 59: Vol. 2 do álbum, 1921, Argentina. Anúncio das adaptações de contos lobatianos em *Alma Negra*.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

NEGRITA era una pobre huérfana de siete años. Negra, muy molata oscura, de cabellos rojizos y ojos asustadizos.

Nació en pieza de servicio, de madre esclava, y sus primeros años transcurrieron entre los rincones oscuros de la cocina, entre amojamos de estera y pabos inmundos. Siempre escondida, porque a la patrona no le agradaban las criaturas.

Excelente señora, la patrona. Gordita, rica, dueña del mundo, mimada de sus padres, con reclinatorio en la Iglesia y camarote de lujo en el cielo.

Incrustadas sus carnes en el trono (un sillón del comedor), allí bordaba, y recibía a las amigas y al vicario, dando audiencias y discutiendo sobre el tiempo. En suma: una virtuosa señora. «Dama de grandes virtudes apostólicas, nupcial de la religión y de la moral», decía el vicario.

«¿Y cómo era doña Ignacia?»

Pero no admitía llanto de niño.

¡Ah! Punzábale los nervios en carne viva. Vinda sin hijos, nunca sintió el llanto de la carne de su carne, y por eso no soportaba el llanto de la carne esclava. Así, en cuanto gemía, allá lejos, en la cocina, la triste criatura, gritaba en seguida, nerviosa:

—¿Quién es la peste que está llorando ahí?

¿Quién iba a ser? ¿La pileta de lavar platos? ¿El mortero? La madre de la criminal le tapaba la boquita y corría con ella al fondo de la quinta, aplicándole, en el camino, pellizcos desesperados.

—Cállate la boca, peste del diablo.

Sin embargo, aquel llanto nunca venía sin motivo. Hambre casi siempre, o frío, de esos fríos que entumescen pies y manos y nos los hacen doler.

Así creció Negríta: flaca, atrofiada, con sus ojos constantemente asustadizos. Huérfana a los cuatro años, andaba por allí, como gato sin dueño, tratada a montapiés. No comprendía las leas de los grandes. Pegábanle empuje, por acción u omisión. La misma cosa, el mismo acto provocaba ya risas, ya castigos. Aprendió a caminar, pero apenas minaba. Con el pretexto de que estaba, se adueñaba de la quinta, tagando las plantas, la buena hora colocábala en la sala, a sus pies, en un rincón de la pieza.

—¡Quietita ahí, callarse, eh!

Negríta inmovilizábase horas y horas en el rincón.

—Brazos cruzados, pronto, diablo!

Cruzaba los bracitos, temblando y siempre con el susto en los

ojos. El tiempo corría. El marcaba una, dos, tres, cinco horas, ¡un cuco tan cioso! Su diversión consistía en contemplarlo al abrir la puerta y cantar las horas con

bermeja, moviendo las reias, entonces, feliz pensamiento.

Pusieronla después a chet, y las horas se mueren, puntos interminables.

¿Qué idea tendría de tura que nunca había una palabra de cariño?

Pestecilla, diablo, caracha, bruja, pata

Figura 60: Vol. 2, 1921, Argentina. Tradução para jornal de *Negrinha*.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

O terceiro álbum começa com as notícias sobre a morte de Monteiro Lobato e sua repercussão, apesar de também possuir alguns recortes fora da ordem cronológica. Os jornais não costumam lembrar-se da sua falida ação como editor, o tema mais comum é a sua obra infantil. Há diversas homenagens ao “Mestre Lobato” e também algumas críticas à sua atuação política e à sua obra literária adulta.



Figura 61: Vol. 3 do álbum, sem identificação, anúncio da morte de Lobato.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Nesse álbum, também começam a aparecer as reportagens de Edgar Cavalheiro, que terão continuidade no quarto volume, com o anúncio da biografia *Monteiro Lobato: Vida e Obra* (Companhia Nacional, 1955). O autor também publica um artigo ímpar e revelador sobre o mundo editorial, denominado “Monteiro Lobato Tradutor”¹¹⁶, onde acusa-o de “Reescrever a obra em português”.

¹¹⁶ Edgar Cavalheiro, “Monteiro Lobato Tradutor”, *O Estado de S. Paulo*, 24 de fevereiro de 1953.

MONTEIRO LOBATO TRADUTOR

"O ESTADO DE S. PAULO"

24.2.1953

EDGARD CAVALHEIRO

CURIOSO lembrar que os primeiros cobres ganhos por Monteiro Lobato, em atividades intelectuais, foram provenientes de traduções. Residia então em Arriais, e a fim de encher o tempo vertia artigos do "Weekly Times", que enviava ao "Estado", e que este lhe pagava a razão de dez mil réis por matéria. "Acho estranho isto, dizia Lobato em 1907 — de ganhar um dinheiro qualquer com o que nos sai da cabeça. Vender pensamentos próprios ou alheios..." Por essa época andou com a idéia de pôr em português o "Príncipe", de Maquiavel. Não levou adiante o plano, mas traduziu lenta e pacientemente "O Anti-Cristo" e "O Crepúsculo dos Idolos", de Nietzsche. Ainda na mocidade vertera literatura de seu especial agrado, como alguns contos de Kipling. Ao se transformar em editor ocorreram-lhe diversos projetos, mas por falta de tempo não pôde concretizá-los. No entanto, apenas fechada a empresa, pôe em português dois livros de Henry Ford, e faz versões livres da viagem de Jean de Lery e das aventuras de Hans Staden.

Só ao regressar dos Estados Unidos, em 1931, dá realmente início às atividades de tradutor como meio de vida. Atira-se ao trabalho com todo o entusiasmo, e diante da sua espantosa produção, alguns corretores de escândalo lançaram de público dúvidas sobre a autenticidade da autoria de muitos volumes que correm sob a sua responsabilidade. "Posso ensinar o meu método a todos esses moços. A questão toda é ir para a máquina e escrever logo que chega o leitor e não parar até a hora do almoço. Eles que experimentem..." Era como respondia, meio ofendido, a tais calúnias.

Monteiro Lobato verteu para a nossa língua mais de uma centena de obras, trinta mil e tantas páginas, especialmente de literatura inglesa e norte-americana. Autores como Kipling, Jack London, Mark Twain, Lin Yutang, Herman Melville, Conan Doyle, Saint-Exupéry, André Maurois, Ilya Erenborgh, Richard Wright, Ernest Hemingway, Will Durant, Bertrand Russell, Sholem Asch, Maurice Maeterlinck, Thornton Wilder, Wells, e dezenas de outros mais foram, em primeira mão, postos ao alcance dos nossos leitores por ele. Pode-se, ainda afirmar, ter sido Monteiro Lobato o primeiro escritor brasileiro de nomeada a reabilitar esse gênero de trabalho intelectual, até então acobertado pelo anonimato, ou discretamente velado por pudicas iniciais.

No passado, escritores como Ma-

se à máquina e traduzir vinte páginas diariamente, inclusive domingos e feriados. Dois a três volumes, no mínimo, por mês. O trabalho servia-lhe não só de ganho, mas, já acentuamos, como válvula de escape às suas angústias. Vinte páginas de um Roger Burlingame por dia é tarefa pesada, mas Lobato precisa esquecer o filho em agonia. E o tal Burlingame não era autor fácil. "Embrulha o pensamento, como se seu objetivo fosse evitar a clareza. Tenho de ir tirando aquelas faixas e pondo nuas as idéias." Às vezes, ao lembrar-se do que é a média do público, revolta-se de tanto dar tratos à bola em certos trechos de difícil versão, mas, escreve a Godofredo Rangel, "sou visceralmente honesto na minha literatura. Duvido quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido. Nem você."

Muitos duvidaram, e realmente, à primeira vista, o escritor-tradutor é passível de censuras. Agripino Grieco passou em revista a "Historia da Literatura Mundial", de John Macy, apontando-lhe diversos deslizos. Embora reconheça que a maior parte dos erros cabe ao original, acentua que qualquer tradutor mais cuidadoso teria evitado grande parte, ou a maioria das informações erradas, transmitidas pelo historiador, e por ele endossadas. Versiani Velloso, por sua vez, aponta deficiências no texto brasileiro da "Historia da Filosofia", de Will Durant.

Seria impossível, humanamente impossível, que trabalhando em ritmo tão acelerado, pudesse Monteiro Lobato atentar para todos os detalhes. Os erros passavam; alguns serios, outros sem importância. E alguns autores, caso confrontassem seus originais, com certeza estranhariam certas liberdades tomadas pelo tradutor. Mas Monteiro Lobato possuía do "metier" uma concepção própria, e em mais de um artigo, ou carta, expendeu idéias a respeito. Para ele, traduzir "é a tarefa mais delicada e difícil que existe, embora realizável quando se trata da passagem de obra em língua da mesma origem que a nossa, como a francesa ou a espanhola". Mas traduzir do inglês, do alemão, ou do russo, equivale de fato a quase absurdo. Fatalmente ocorre uma desnaturação. Se a tradução é literal, o sentido chega a desaparecer; a obra torna-se ininteligível e asnática, sem pé nem cabeça, o que não se dá quando o original é francês ou espanhol". A tradução tem de ser um transplante. O tradutor necessita compreender a fundo a

de tudo assumindo a paternidade, não suportando suspeição quanto à autenticidade de todos os trabalhos que assinou. Ninguém lhe qualifica, fidelidade, ou o que quer que seja. Mas negar-lhe honestidade, eu julgá-lo capaz de apor o nome numa tradução alheia, é injustiça ao possível pelo conhecimento superficial do seu caráter. Monteiro Lobato dividia suas funções em dois setores distintos: tradução e revisão. No primeiro caso, assumia completa responsabilidade; no segundo, limitava-se, na maioria das vezes, à leitura e correção de versões alheias, procurando, de preferência, dar-lhe linguagem corrente e agradável. Sómente quando algum trecho lhe parecia ilegível, ou absurdo, ia ao original confrontar, corrigindo então o erro grosseiro. Quando a tradução a revisar se lhe afigurava muito penosa, tantas as falhas encontradas, punha-a fora, preferindo fazer outra. Assim aconteceu com "Por quem os sinos dobram", de Hemingway, "Kim", de Kipling, e algumas obras de Maeterlinck que Diáulas Riedel tencionava reeditar. "Folhei a tradução ('A Sabedoria e o Destino'), li aqui e ali, e li com atenção os dois primeiros capítulos. Helas! É tradução ao tipo de quase todas por aí, que seguem o texto literalmente e matam toda a clareza da obra. Duvido que um leitor qualquer leia e entenda o que Maeterlinck quis dizer no capítulo I, em português, e no entanto está traduzido fielmente. Eis o erro. A tradução da fidelidade literal, isto é, de fidelidade à forma literária em que, dentro da sua língua, o autor expressou o seu pensamento, trai e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve zer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro sua língua, dentro da sua foi literária". E para demonstrar ponto de vista, Lobato bate máquina duas laudas da tradução incriminada — mais atente que Maeterlinck diz do que modo como, lá em sua língua em sua maneira de escrever diz. E pede a Diáulas Riedel compare e veja se é possível simples revisão. Apesar de herbado de serviço, prefere tudo de novo, a aproveitar tente.

Da vida de tradutor recebia, com especial agrado, em que, para encher os ócios, traduzira "O Livro Gal" e "Kim". Realizou, não apenas traduções com mas trabalho de artista,

Figura 62: Vol. 3 do álbum, recorte de *O Estado de S. Paulo*, 1953.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Os dois últimos álbuns são mais curtos e apresentam algumas notícias posteriores à própria Purezinha. De modo geral, eles se dedicam à fama que foi sendo construída após sua morte e contam com registros do próprio enterro. Com certeza, o grande destaque das homenagens são os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* e os diversos lugares que surgem com o seu nome: condomínios, edifícios, institutos, além de selos e monumentos.



Figuras 63 e 64: Vol. 5, recorte de capa de Maurício de Souza na *Folhinha de São Paulo*, s.d., com anúncio sobre, e selos em homenagem ao autor, sem identificação.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Com a análise desses álbuns, foi possível observar a inserção do editor na mídia e no debate público, bem como dimensionar sua grande fama internacional. Apesar de seu lado editor não ser o protagonista, esses recortes colaboraram para compreender melhor a postura perante a edição que Lobato defendeu, uma postura ativa, focada, muitas vezes, no entretenimento do leitor, encarando o livro como um objeto de consumo, em que o editor tem carta branca para intervir.

5. Reeditar, Escoimar e Atualizar: A Collecção Popular

Ao lado da pequena clientela culta, a enorme clientela popular. Junto ao livro bizarro que los raros escrevem e los raros lêem, imprimi-se os romances-folhetins, as narrações que são gulosas e insasiáveis as grandes massas.

MONTEIRO LOBATO¹¹⁷

O presente capítulo discutirá a coleção na qual *A Moreninha* foi publicada pela Companhia, a fim de entender sua colocação no catálogo, características editoriais e materiais. Para isso, foram analisados outros títulos da coleção, bem como levantado o comportamento da editora perante a edição de coleções.

Segundo Marisa Lajolo, a ideia de coleções esteve presente na obra de Monteiro Lobato desde o início, como autor, o que acabou se refletindo em sua ação como editor. A partir de 1921, com o começo das publicações do *Sítio do Picapau Amarelo*, Lobato começou a colher os frutos da identificação que o leitor infantil teve com suas personagens e passou a se mostrar cada vez mais consciente desse processo de *série*, o que fica evidente na escolha dos títulos que entrariam em sua *Obra Completa* (1945-1946), da qual foram excluídos livros infantis que não tinham os personagens do *Sítio*¹¹⁸. Também é evidente sua preocupação com a criação de coleções desde o primeiro catálogo da editora, o que pode ser entendido, nas palavras de Gérard Genette, como “à necessidade que têm os grandes editores de expressar e dominar a diversificação de suas atividades”¹¹⁹.

A definição de *coleção*, por sua vez, no contexto editorial, não se mostra ainda como algo resolvido no campo de pesquisa. No *Dicionário do Livro*, o verbete dedicado a Coleção é singelo: “grupo de publicações distintas, ligadas entre si por um título comum, cada um com seu título próprio e seu responsável expresso ou não”¹²⁰. As autoras do dicionário também tecem uma importante distinção entre coleção editorial (ou do editor), que corresponderia a uma série de publicações com as mesmas características, e coleção no sentido pessoal ou arquivístico, que corresponderia aos acervos pessoais ou institucionais. Além disso, a obra dedica algumas páginas para várias tipologias de coleções, onde também se encontra a

¹¹⁷ Monteiro Lobato, “A Crise do Livro”, recorte de jornal no álbum de D. Purezinha. Data e periódico não identificados.

¹¹⁸ Marisa Lajolo, *Monteiro Lobato, Um Brasileiro sob Medida*, São Paulo, Moderna, 2000, pp. 58-64.

¹¹⁹ Gérard Genette, *Paratextos Editoriais*, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2018, p. 26.

¹²⁰ Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *Dicionário do Livro*, São Paulo, Edusp, 2008, p. 175.

definição de coleção popular: uma “coleção constituída por obras de baixo custo que são difundidas em quiosques ou bancas de jornal”¹²¹.

Isabelle Olivero, em *L’Invention de la Collection*, demonstra que, na Europa, a prática de agrupar as publicações de livros em *bibliothèques* já era comum, e reconhecida por dicionários e enciclopédias, desde o século XVI. O uso do termo *collection* para designar esse conjunto de publicações em série teria se tornado popular na França apenas no século XIX, com o surgimento de múltiplos significados para a palavra *bibliothèque*¹²². A pesquisadora francesa define três conjuntos de coleções para o momento de consolidação da prática no século XIX: autores clássicos; “coleções que traduzem [...] o ideal de educação popular”¹²³; e a propaganda política¹²⁴.

É interessante notar como a proposta da Collecção Popular da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato se insere entre os dois primeiros conjuntos, trazendo autores consagrados para um público definido como “popular”. Esse público viria definir as características da coleção, o que além de ser uma praxe de qualquer coleção, segundo a autora mencionada, reflete os valores do editor. Em carta a Washington Luís, no mesmo período, Lobato escreveria: “O livro barato, acessível ao povo, tem sido a nossa obsessão, de editores falidos e ressurgidos”¹²⁵.

Como observado nos catálogos, a Collecção Popular foi a última coleção a aparecer na editora. Não foi localizada nenhuma publicidade diretamente sobre a coleção, apenas títulos esparsos em quartas capas de livros publicados em 1925. No total, o catálogo anunciou dezoito títulos, todos em domínio público, vendidos a no máximo 7\$000, porém quatro deles muito provavelmente não tenham sido publicados. Devido à falta de documentação, também não foi possível identificar a ordem de publicação dos títulos. *Menina e Moça* e *A Moreninha* datam de 1924, enquanto os outros, de 1925. O registro mais antigo da coleção encontrado está na *Barca de Gleyre*, em carta de setembro de 1924, onde Lobato comenta um novo programa da editora para edições de obras em domínio público:

Sabe até o que quero? Verter a *Menina e Moça*, ou *Saudades* do velho Bernardim Ribeiro, em língua quase atual. Fiz uma parte, que já dei a imprimir. Depois te mostrarei. Aquilo está já muito recuado, muito antiquado; mas se o pusermos mais perto, em língua, não digo de hoje, mas de pouco antes de

¹²¹ *Idem*, p. 177.

¹²² Isabelle Olivero, *L’Invention de la Collection*, Paris, Éditions de L’Imec, 1999, pp. 14-15.

¹²³ No original, “Le deuxième ensemble regroupe des collections qui traduisent au plus près l’idéal d’éducation populaire”, p. 23. Tradução nossa.

¹²⁴ *Idem*.

¹²⁵ Monteiro Lobato, *Cartas Escolhidas*, São Paulo, Brasiliense, 1953. p. 194.

Herculano, fica uma delícia. O rouxinol que cantou, cantou e morreu – que lindo! É o melhor rouxinol que conheço. Os outros cantam e fazem cocô – o do Bernardim canta e morre...¹²⁶

Em *A Barca de Gleyre*, o processo da edição de *A Moreninha*, infelizmente, não é comentado. Não foi encontrado nenhum registro anterior a essa carta sobre a coleção, portanto, ainda nos restará a dúvida sobre qual foi o título que abriu a coleção, uma vez que a carta não deixa claro se nesse “programa” havia algum título já publicado. Ainda em setembro, o editor afirma ter concluído “a semidesarcação do Bernardim Ribeiro”¹²⁷, e em outubro o livro já estava a caminho de Godofredo¹²⁸.

Conforme assinalado anteriormente, foi entre 1924 e 1925 que o catálogo da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato direcionou seu trabalho para a edição de obras em domínio público, que, via de regra, eram submetidas a intensas intervenções nos textos. No caso da coleção, essas intervenções são explicitadas através de classificações: “Nova Edição”, “Edição Escoimada de Vícios de Forma” e até “Levemente Modernizada”. No caso de *Memórias de um Sargento de Milícias*, há também uma nota editorial que comenta o processo. Apesar disso, em títulos traduzidos não há nenhuma indicação de intervenções no texto, apesar de as encomendas de traduções por Monteiro Lobato a terceiros sempre envolverem recomendações para cortes no texto e para deixarem a linguagem “mais direta”¹²⁹. A maioria dos tradutores, bem como possíveis profissionais envolvidos, não são identificados nos livros, tendo o leitor acesso apenas ao nome de Monteiro Lobato, como editor responsável. Não é possível afirmar que ele tenha “canetado” diretamente todas as obras, uma vez que há registros de encomendas de serviços editoriais, mas foi ele quem assumiu a responsabilidade da publicação.

¹²⁶ Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, São Paulo, Editora Globo, 2010, pp. 482 e 483.

¹²⁷ *Idem*, p. 483.

¹²⁸ *Idem*, p. 485.

¹²⁹ Exemplos dessas encomendas são encontrados na *Barca de Gleyre*, por exemplo, na carta de 07 de outubro de 1924, onde Lobato comenta sobre *Plaidoyer*, de Flaubert: “Acho ótimo esse livro, apesar de meio grande. Podemos reduzi-lo com o corte da introdução. E se puseres pedra-ume na tinta, ainda poderás na tradução encurtar umas cinquenta páginas” (p. 484).

COLLECÇÃO POPULAR	
1 — CONDE DE MONTE CRISTO, <i>A. Dumas.</i> Br. 7\$000	10 — MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, <i>M. de Almeida.</i> Br. 2\$500
2 — OS TRÊS MOSQUETEIROS, <i>idem.</i> Br. 7\$000	11 — NACHA REGULES, <i>Manuel Galvez.</i> 3\$000
3 — A CRUZ DE CEDRO, <i>A. J. da Rosa.</i> Br. 1\$000	12 — JUAN MOREIRA, <i>Eduardo Gutierrez.</i> 3\$500
4 — A ASSASSINA, <i>idem.</i> Br. 1\$200	13 — VINGANÇA DE UMA LOUCA, <i>C. Invernizio.</i> 2\$000
5 — UBIRAJARA, <i>J. de Alencar.</i> 1\$500	14 — A ROSA DO ADRO, <i>J. M. Rodrigues.</i> Br. 1\$500
6 — O TRONCO DO IPE, <i>idem.</i> 2\$000	15 — O DOUTOR RAMEAU, <i>G. Ohnet.</i> Br. 3\$000
7 — HISTÓRIA DE UM CORAÇÃO, <i>E. Castellar.</i> 2\$000	16 — A MÃO DO FINADO, <i>A. Dumas.</i>
8 — MENINA E MOÇA, <i>Bernardim Ribeiro.</i> Br. 1\$500; Enc. 4\$000	17 — O MARTYR DO GOLGOTHA, <i>Eschrich.</i>
9 — A MORENINHA, <i>J. M. Macedo.</i>	18 — A MÁSCARA DA MORTE, <i>Hoffmann.</i>

Figura 65: Aparição da Coleção no catálogo de 1925.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Para a pesquisa, foi possível consultar diretamente exemplares dos seguintes livros: *Os Três Mosqueteiros*, *Ubirajara*, *História de um Coração*, *Menina e Moça*, *A Moreninha*, *Memórias de um Sargento de Milícias*, *O Doutor Rameau*, *Juan Moreira* e *A Mão do Finado*. Somando-se a isso, a partir do índice disponível no livro *Monteiro Lobato Editor*, de Cláudio Giordano, foram coletados metadados de outros títulos faltantes, porém é importante ressaltar que a extração desses dados não foi realizada a partir de uma fonte primária. Os títulos *A Cruz de Cedro*, *A Rosa do Adro*, *Nacha Regules* e *A Máscara da Morte* não foram citados pelo autor, nem encontrados em bibliotecas volumes ou documentos que comprovem suas publicações. As informações coletadas foram sistematizadas na tabela a seguir:

OBRA	AUTOR	IDENTIFICAÇÃO	TRADUÇÃO	EDITORA	ANO	FORMATO	PÁGINAS	CAPA	FÓLIOS	PARATEXTOS	PREÇO	LOCALIZAÇÃO
Menina e Moça	Bernardim Ribeiro	Edição levemente modernizada	não	Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato	1924	12x16.5x1	180	2 cores, não assinado	autor-obra, centralizado, versalete	olho, frontispício, índice no final	Br. 1\$500 / Enc. 4\$000	Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato
A Moreninha	J. M. de Macedo	Edição cuidadosamente expurgada de defeitos	não	Cia. Graph. Editora. Monteiro. Lobato	1924	12x16.5x1,5	242	2 cores, Assinado por Kicac	autor-obra, alinhado à direita, itálico, caixa alta e baixa	olho, frontispício, índice no final	Br. 2\$000 / Enc. 4\$000	Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato
Memórias de um sargento de Milícias	M.A. de Almeida	Edição escoimada de vícios de forma	não	Cia. Gráfico-editora Monteiro Lobato	1925	14x19x1,7	240	2 cores, não assinado	somente numeração	olho, frontispício, nota dos editores, índice no final, edições da mesma empresa	Br. 2\$500	Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato
Os três mosqueteiros	Alexandre Dumas	não possui	sim, porém o tradutor não é identificado	Cia. Gráfico-editora Monteiro Lobato	1925	14x19x4	614	4 cores, por J. Prado	somente numeração	olho, frontispício, índice no final, edições da mesma empresa	Br. 7\$000	Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato
Ubirajara	José de Alencar	Lenda Tupy, Nova Edição	não	Cia. Gráfico-editora Monteiro Lobato	1925	14x19x1	160	2 cores, por J. Prado	somente numeração	olho, frontispício, índice no final, edições da mesma empresa	1\$500	Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato
O tronco do ipê	José de Alencar		não	Graf. Ed. Monteiro Lobato	1925	14x19x	199				2\$000	Biblioteca Nacional
História de um coração			sim, porém o tradutor não é identificado	Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato	1925	13x18x1,5	206	por J. Prado, porém o exemplar consultado sem capa original	somente numeração	olho, frontispício, índice no final, edições da mesma empresa	2\$000	Compra em sebo
A cruz de cedro	E. Castellar	não possui									Br. 1\$000	
A assassina	A. J. da Rosa		não	Cia. Graf. Ed. M. Lobato	1925	12x16.5	128	por J. Prado		olho, frontispício, índice no final, edições da mesma empresa	Br. 1\$200	Citado em Giordano
A Rosa do adro											Br. 1\$500	
Conde de Monte Christo	Alexandre Dumas		sim, porém o tradutor não é identificado		1925						Br. 7\$000	Citado na imprensa
A mão do finado	Alexandra Dumas	Continuação d' O Conde de Monte Christo	sim, porém o tradutor não é identificado	Cia. Gráfico-editora Monteiro Lobato	1925	14x19x2	360	exemplar consultado sem capa original	somente numeração	olho, frontispício, índice no final	-	FFLCH/USP
Doutor Romeau	G. Ohnet	não possui	sim, porém o tradutor não é identificado	Comp. Gráfico-Editora Monteiro Lobato	1925	14x19x1,5	230	3 cores, por J. Prado	somente numeração	olho, frontispício	Br. 3\$000	Biblioteca Mario de Andrade
Nacha Regules											3\$000	
Juan Moreira	Eduardo Gutierrez	não possui	sim, de Carlos Maul	Cia. Gráfico-editora Monteiro Lobato	1925	14x19	308	por J. Prado, exemplar consultado sem capa original	somente numeração	olho, frontispício, índice no final, edições da mesma empresa	3\$500	BORJ Unicamp/Giordano
A Vingança de uma Louca	Carolina Invernizio		sim, porém o tradutor não é identificado	C. G. E. M. Lobato	1925	13x18	168			olho, frontispício, índice no final, edições da mesma empresa	2\$000	Citado em Giordano
O mártir de Golgota			sim, porém o tradutor não é identificado	Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato	1925						-	
A máscara da morte	Eschrich										-	IEL/Unicamp

Tabela 04: Características gerais e metadados da Collecção Popular.

As células em branco são os dados que não foram encontrados. As cinzas se referem aos livros dos quais não há certeza sobre a publicação, uma vez que há apenas a menção dos mesmos no catálogo da editora. Os títulos dos livros, nomes de autores e a própria identificação da editora seguiram a grafia de como aparecem nos volumes, justamente para demonstrar as variações.

Do ponto de vista gráfico e editorial, é interessante notar que nenhum livro possui uma identificação que pertence a uma coleção. A ideia de coleção, nesse caso, nasce diretamente no catálogo da editora e na escolha dos títulos. Sobre a produção gráfica, há muitas variações, porém é notável a noção de unidade alcançada quando o leitor olha para o conjunto de livros.



Figura 66: Livros da Collecção Popular juntos.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

As capas de *Os Três Mosqueteiros*, *Ubirajara*, *História de um Coração*, *A Assassina*, *O Doutor Rameau* e de *Juan Moreira* são assinadas por J. Prado. Das consultadas, apenas *Os Três Mosqueteiros* e *O Doutor Rameau* possuem quatro e três cores na impressão, respectivamente, enquanto os demais livros possuem apenas duas cores. No caso de *Dr. Rameau*, há a sobreposição do ciano e do amarelo, formando uma área verde na ilustração, o que também acontece na capa de *A Moreninha*, com o vermelho e o ciano.

Mesmo não sendo possível identificar o ilustrador da capa de *A Moreninha* e de outros títulos, o nome de J. Prado merece destaque na produção da coleção. Juvenal Prado (1895-1980) foi um artista gráfico e pintor que nasceu em Mogi Mirim e viveu desde a juventude em São Paulo. Ele foi estudante da Escola de Belas Artes e ingressou na profissão fazendo cartazes e letreiros. O artista foi descoberto por Monteiro Lobato ainda na época da *Revista do Brasil*. Durante a sociedade, Olegário Ribeiro ilustrou mais de quinze capas, além de ter desenhado vinhetas e cabeçalhos junto a Ruy Martins Ferreira. Yone Soares de Lima, em *A Ilustração na Página Literária, São Paulo – Década de Vinte*, afirma que J. Prado teria sido o ilustrador predileto do grupo de editoras de Monteiro Lobato. Além disso, a empresa teria representado um grande marco na vida profissional de J. Prado, uma vez que fixou sua posição como ilustrador de brochuras literárias.



Figuras 67 e 68: Capas de *O Doutor Rameau* e *A Moreninha*, esta com destaque no conta-fios.

Acervo: Biblioteca Mário de Andrade e Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Apesar das convergências materiais entre os livros da coleção, o traço da ilustração, a hierarquia entre autor e título, o papel e a encadernação (mesmo em títulos que apresentam duas versões, em brochura e encadernado) colaboram com a unidade criada entre as capas. Em complemento, observa-se também o uso de molduras, o que Yone Soares de Lima identificou como uma tendência entre as coleções dos anos 1920¹³⁰.

Outra variação notada é a forma como o nome da editora é colocada na capa dos volumes. Apesar de sempre se apresentar no rodapé das capas, o nome da editora é abreviado de formas diferentes, além de ser composto em diversas tipografias para harmonizar com a arte da capa. O logotipo da editora é aplicado apenas em alguns frontispícios e quartas capas, com duas variações:



Figura 69: Versões de monogramas impressas nas quartas capas, sendo a primeira mais antiga.

Acerca da composição dos miolos, nota-se que eles são compostos na mesma tipografia e com mancha de tamanhos próximos, apesar dos dois diferentes formatos. Com exceção dos títulos publicados em 1924, os demais têm apenas o fôlio nos cabeços. O papel usado não foi identificado, mas todos os livros estavam danificados, o que retoma não só às constantes reclamações do editor acerca da qualidade do papel, como também às práticas de leitura em que esses livros serviam, como romances de banca, não necessariamente para posteridade, o que implicou também em sua difícil conservação, mesmo nos exemplares que foram reencadernados pelas bibliotecas.

Os frontispícios, de modo geral, possuem variações tipográficas, embora mantenham a mesma hierarquia nas informações. Eles são o único lugar onde se encontram as divertidas classificações da coleção.

¹³⁰ Yone Soares de Lima, *A Ilustração na Página Literária, São Paulo – Década de Vinte*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1985, p. 156.

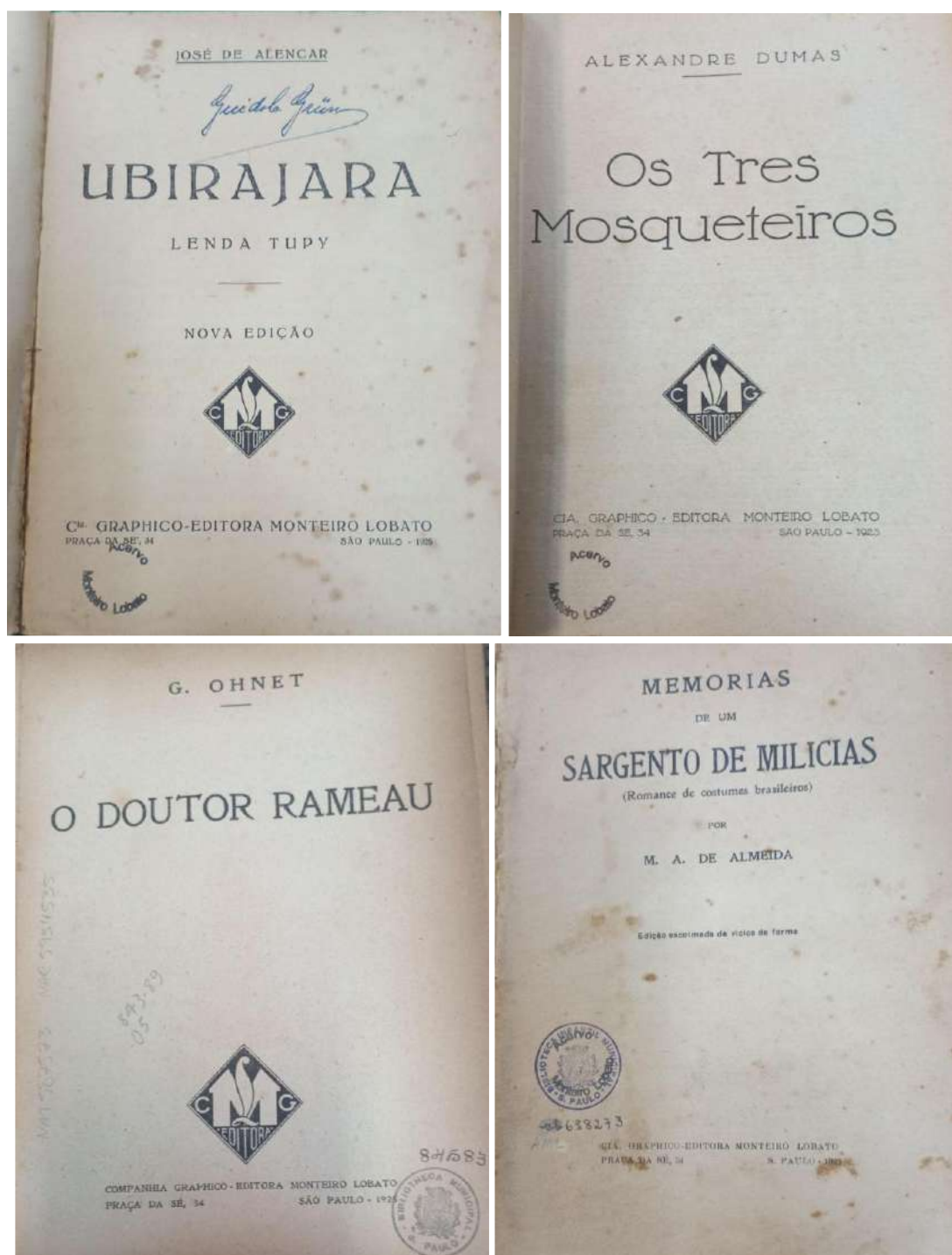


Figura 70: Frontispícios da coleção.

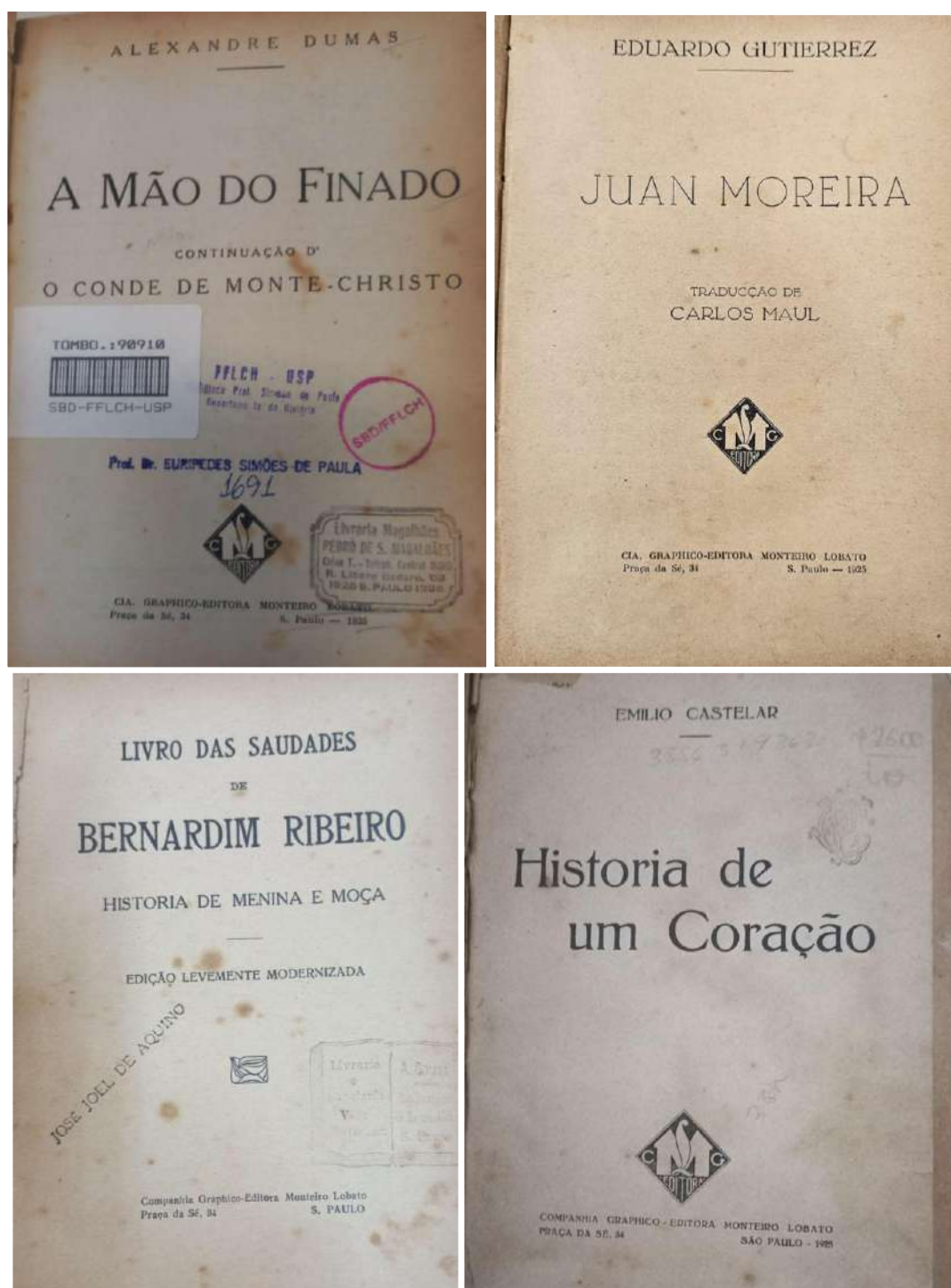


Figura 71: Frontispícios da coleção.

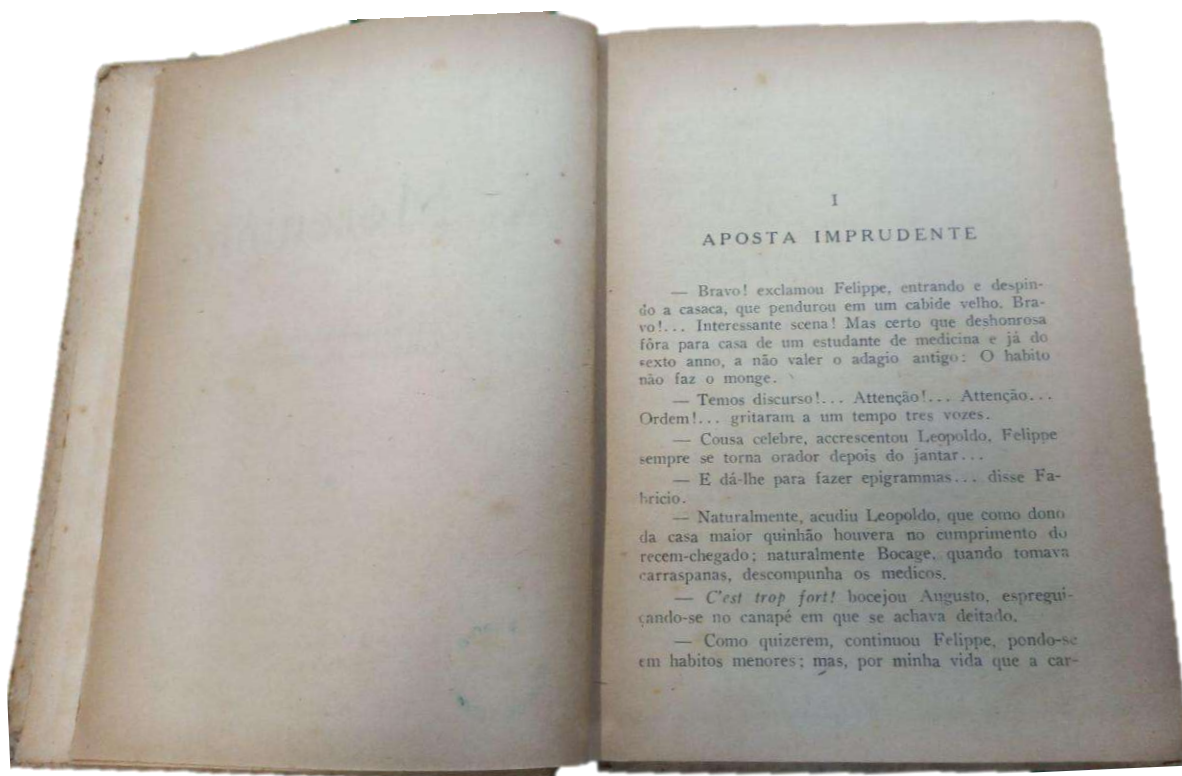


Figura 72: Exemplo de abertura de capítulo de *A Moreninha*.

Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

A partir dessas análises, juntamente com as informações coletadas na bibliografia, é possível compreender o projeto editorial no qual a edição lobatiana de *A Moreninha* esteve inserida. Trata-se de uma coleção de livros de grandes nomes da literatura mundial, todos em domínio público, e que, de alguma forma, fizeram muito sucesso na época em que foram publicados. Desse modo, apesar do *status* de clássicos, o editor resgata a essência “popular” dessas obras, dentre as quais algumas foram publicadas inicialmente nos próprios folhetins do século XIX.

Não se pode deixar de destacar o cuidado gráfico com o qual a editora tratava suas publicações. Mesmo com o baixo custo dos livros, há uma mancha confortável para a leitura (que se mantém padronizada na coleção, com exceção aos grandes textos de Alexandre Dumas), além do investimento em capas com ilustrações atrativas, sempre com a representação das personagens, que tanto conquistaram o público. Outra característica notável é como a coleção dialoga não só com o catálogo da editora, mas também com seus padrões gráficos e editoriais, como por exemplo com o uso de índice dos capítulos ao fim do livro.

Outro fator a ser considerado é que a tradição das edições de clássicos adaptados é anterior a Lobato no mercado brasileiro e estrangeiro. Essa tradição possivelmente tem suas raízes na coleção *ad usum delphini*, do século XIV, e esteve ligada com a edição de obras para o ensino em que passagens violentas ou de cunho sexual eram “expurgadas”. Para além do ensino, também é necessário considerar os diversos momentos de censura durante a história do livro, gerando exclusão ou adaptação de trechos.

No Brasil, a pesquisa de Patricia Tavares Raffaini, intitulada *Livros para Morar (História dos Livros para Crianças e Jovens no Brasil (1860-1920))*¹³¹, nos mostra que no momento entre séculos muitas obras estrangeiras foram adaptadas durante a tradução para o público infantil, como é o caso das edições de Carlos Jansen pela Editora Laemmert de *Viagens de Gulliver*, *Robinson Crusuê* e *1001 Noites*. Além de Carlos Jansen, outro autor que esteve presente nesse cenário foi Figueiredo Pimental, responsável pelas traduções e adaptações da Livraria do Povo, de Pedro Quaresma, de obras como *Histórias de um Bocadinho de Pão*, *Histórias da Avozinha* e *Histórias da Baratinha*.

Apesar dessas obras adaptadas (ou expurgadas) circularem no cenário brasileiro, há algumas particularidades notadas no projeto da Collecção Popular, a começar pelo seu público. A coleção não era voltada para crianças e jovens, o que implica em tipologia de intervenções diferentes daquela proposta por edições escolares ou infantis. Observa-se que a preocupação com a forma e com a linguagem é mais evidente, em prejuízo da amenização de certos conteúdos. O editor coloca-se em posição de autoridade para “melhorar” as obras para que elas voltem a alcançar um público amplo, como na época em que foram lançadas. Além disso, a coleção é pioneira em questionar a possibilidade de adaptação ou reescrita de obras nacionais.

Os resultados desse projeto são difíceis de dimensionar, uma vez que a editora entrou em falência em 1925 e não temos dados sobre as tiragens, vendas e distribuição desses livros. Em sua entrevista, já citada aqui algumas vezes, *O Romance Brasileiro*, Lobato declara que a expectativa de vendas para *A Moreninha* era “em nada menos de 50 mil exemplares”, o que valeria seu investimento e trabalho para a revisão do texto de Macedo. Na entrevista, ele também comenta o processo de edição do *Memórias de um Sargento de Milícias*, chamando a atenção para diversos erros que acompanharam as edições do romance, em suas palavras, tudo “graças à ignorância de editores afoitos”.

¹³¹ No prelo pela Editora Com-Arte.

6. *A Moreninha*, por Lobato: Cotejo das Edições de 1872 e 1924

Ora, eu também sou capilé — mas um capilezinho que se convenceu disso a tempo e procurava avinagrar-se. Está claro que não o conseguirei nunca. Serei sempre, no fundo, um capilé com farofa.

MONTEIRO LOBATO¹³²

O objetivo principal desta pesquisa é a análise da edição lobatiana de *A Moreninha*. Para isso, após entender a trajetória desse romance e da editora que o reeditou, foi realizado e analisado o cotejo completo entre a edição lobatiana e a edição de 1872 do romance, que, como dito no capítulo 02, é a edição correspondente à última vontade do autor. Para além desse fato, essa edição também foi escolhida para cotejo pela ausência de um exemplar anotado pelo editor, ou documento que comprove qual edição foi usada como base. Antes dessa adoção, foi buscado no fundo da Unicamp, na Câmara Municipal, no Museu Monteiro Lobato, na Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, além dos contatos com estudiosos da área, algum exemplar que haveria pertencido a Monteiro Lobato, porém não foi localizado nenhum.

Para ter acesso à edição de 1872, foi contratado, com uso da reserva técnica, o serviço de digitalização de obras da Biblioteca Nacional. A edição de 1924 foi digitalizada pela autora na Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

O cotejo tem o objetivo de registrar todas as alterações sofridas pelo texto. Trata-se de uma atividade comum no campo da filologia e crítica textual, porém comumente feita com todos os testemunhos do texto a fim de definir sua tradição. Dentro das limitações dessa pesquisa, o cotejo foi feito apenas com duas edições, que, como demonstrado, são importantes tradições que marcaram a fortuna editorial do romance. Além disso, para cumprimento do cronograma e da proposta do projeto, alguns métodos foram adaptados, o que será descrito a seguir.

¹³² Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, Editora Globo, São Paulo, 2010, p. 414.

6.1 Metodologia

O cotejo foi realizado a partir da adaptação do método do filólogo alemão Karl Lachmann, sistematizado por Segismundo Spina em *Introdução à Ecdótica*. Originalmente, o método consiste nas etapas: *recensio*, *collatio*, *emendatio*, *archetypum* e *originem detegere*¹³³. Resumidamente, o *recensio* corresponde à reunião dos registros do texto em vida do autor, o *collatio* é justamente a comparação e o cotejo entre os registros, o *emendatio* equivale à escolha de um original de trabalho para elaboração de edições fidedignas e o *archetypum* é a transcrição diplomática do texto escolhido na etapa anterior. Com todos esses passos, o filólogo chegaria ao *originem detegere*.

Desse modo, após o levantamento do *recensio*, foi estabelecido o *estema* da obra desde sua publicação até 1924, porém, de maneira sumária, sem necessariamente se atentar sobre qual edição derivou de qual. Com isso foi possível identificar a edição do texto base, que serviria de *archetypum* no momento do *collatio* com a versão lobatiana.

A princípio foi feita a transcrição diplomática da edição de 1872, original de trabalho. Faz-se necessário lembrar também que o exemplar consultado dessa edição da Garnier estava sem as páginas 292 e 293. O texto referente a essas páginas foi substituído pelo correspondente da edição de 1889 da mesma editora, a qual não nos parece ter grandes divergências no texto.

Com o texto transcrito, em corpo 12 e espaçamento duplo, foi necessário organizar um arquivo para o cotejo, o que foi feito com base no trabalho da pesquisadora Laura Cruz, em seu mestrado intitulado *O Cortiço, de Aluísio Azevedo: Estabelecimento de Textos em Edição Crítica e Parte da Fortuna Crítica*. Sua solução consiste em deixar o texto base no corpo do arquivo, enquanto por meio de notas de rodapé e símbolos são registradas as variações. Portanto, deve-se entender todas as notas de rodapé correspondentes como as alterações da edição lobatiana, uma vez que foram cotejadas apenas duas edições.

Para simplificação do texto em nota de rodapé, em corpo 10, e para deixar claro a intervenção, também foram adotados alguns símbolos para identificar intervenções editoriais padrão:

- ~~Tachado~~, para simples supressão de elementos;
- {entre chaves}, para acréscimos ou substituições dentro do período;

¹³³ Segismundo Spina, *Introdução à Ecdótica*, São Paulo, Edusp, Ars Poética, 1977, p. 66.

- |entre barras|, para atualização ortográfica da palavra;
- * para supressão de partes, capítulos, ou paratextos inteiros

Junto a isso, a simples substituição de palavras ou pontuação isoladamente levam apenas a versão lobatiana em nota correspondente ao caractere com número sobreescrito. Trocas de caixa alta em baixa, ou vice-versa, também estão registradas nos rodapés. Há também anotações em *itálico*, para informar reconfiguração de frases nos parágrafos.

Até o quarto capítulo do romance, as intervenções foram mais discretas, sendo anotados muitas palavras e sinais de pontuação isolados no rodapé. A partir do quinto capítulo, as intervenções foram estruturais e mais invasivas no texto. Para facilitar esse registro, muitas notas correspondem a parágrafos inteiros, como, por exemplo:

Os velhos lembrarão-se do passado; os moços aproveitarão o presente; ninguém cuidou do futuro. Os solteiros fizeram por lembrarem-se do casamento; os casados trabalharão por esquecer-se delle. Os homens jogarão, fallarão em politica, e requestarão as moças; as senhoras ouvirão finezas, traltarão de modas, e criticarão desapiedadamente umas das outras. As filhas derão carreirinhas ao som da musica; as mãis já idosas receberão cumprimentos por amor d'aquellas : as avós, por não ter que fazer, nem que ouvir, levirão todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doce. Tudo esteve debaixo d'estas regras geraes: só resta dar conta das seguintes particularidades.²⁰⁵⁹

Transcrição com notas, p. 203.

²⁰⁵⁹ Os velhos |lembraram-se| do passado; os moços |aproveitaram| o presente; ninguém cuidou do futuro. Os solteiros |fizeram| por lembrarem-se do casamento; os casados |trabalharam| por ~~esquecer-se delle~~ {esquecel-o}. Os homens |jogaram|, |falaram| em politica; e |requestaram| as moças; as senhoras |ouviram| finezas, |trataram| de modas, e ~~criticarão~~ {criticaram-se} desapiedadamente umas ~~das~~ {ás} outras. As filhas |deram| carreirinhas ao som da musica; as |mães|{,} já idosas{,} |receberam| cumprimentos por amor ~~d'aquellas~~ {dellas; } as avós, por não ~~ter~~ {terem} que fazer, nem {o} que ouvir, |levaram| todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doce {s}. Tudo esteve ~~debaixo~~ {dentro} |destas| regras geraes: {,} só resta dar conta das seguintes {Mais algumas} particularidades: {,} *Corte de parágrafo*

Mesmo parágrafo com símbolos aplicados.

Os velhos lembraram-se do passado; os moços aproveitaram o presente; ninguém cuidou do futuro. Os solteiros fizeram por lembrarem do casamento; os casados trabalharam por esquecê-lo. Os homens jogaram, falaram em política, e requestaram as moças; as senhoras ouviram finezas, trataram de modas, e criticaram-se desapiedadamente umas às outras. As filhas deram carreirinhas ao som da música; as mães, já idosas, receberam cumprimentos por amor delas; as avós, por não terem que fazer, nem o que ouvir, levaram todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doces. Tudo esteve dentro destas regras geraes.

Mais algumas particularidades:

Leitura pressuposta.

O resultado completo desse cotejo encontra-se no Anexo II deste trabalho. A seguir, encontra-se a análise feita com base nesse documento, o qual pode servir como exemplo de um original de trabalho do editor, ou mesmo uma base para uma edição genética¹³⁴ do romance, confrontando duas tradições marcantes da história do texto.

¹³⁴ César Nardelli Cambraia, *Introdução à Crítica Textual*, São Paulo, Martins Fontes, 2005, pp. 104-105.

6.2 Análise Numérica

Antes de adentrar na qualificação das alterações do editor, é interessante notar alguns números que dimensionam o seu trabalho sobre o texto. Do mesmo modo que Lilian Escorel verificou em *Memórias de um Sargento de Milícias*, a edição lobatiana é mais enxuta. No caso de Manuel Antônio de Almeida, o texto editado por Lobato é 15% menor do que as edições autorizadas pelo autor. No caso de *A Moreninha*, a redução é de 10%, sendo o número aproximado de caracteres:

	Garnier	Lobato	Diferença
Caracteres com espaço	297836	268665	29171

Tabela 05: Quantidade de caracteres de cada edição.

No total, o arquivo do cotejo conta com 2657 notas, entre rodapé e fim¹³⁵, porém, como dito, essas notas não correspondem a intervenções isoladas. Também é importante lembrar que a atualização da ortografia e da pontuação foi registrada, porém isso já é uma operação esperada em edições atualizadas. Apesar disso, houve intervenções na pontuação que interferem na interpretação do texto, como em orações subordinadas adjetivas, marcações de frases exclamativas que se tornaram perguntas e supressões e acréscimos de travessões.

INTERVENÇÕES	QUANTIDADE APROXIMADA
Total de notas	2657 (fim e rodapé)
Ortografia	2119 palavras
Supressões	31200 caracteres
Substituições e acréscimos	2029 ocorrências
Estrutura de parágrafos	65 ocorrências

Tabela 06: Quantidade de cada tipo de intervenção registrada.

¹³⁵ A nota de fim foi utilizada para marcação das diferenças entre as notas de rodapé que já estavam nas edições.

Entre as supressões do editor, destaca-se o prefácio ficcional denominado “Duas Palavras” e a própria notícia no *Minerva Brasiliense*, paratextos que eram uma tradição nas edições brasileiras, mas também foram suprimidos nas edições portuguesas.

Apesar dos números serem interessantes, eles não abrangem toda a complexidade das intervenções registradas, nas quais é notável a preocupação com a adaptação para um público leitor de oitenta anos depois da publicação original.

6.3 A Pena do Editor

*Se a lua brilha
Que bem nos dá
Amar na Ilha de Paquetá*

FREIRE JÚNIOR¹³⁶

Na tipologia de intervenções do romance, é possível observar uma mesma postura editorial em relação àquela registrada por Lilian Escorel na reedição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, que “focaliza questões da norma gramatical e de estilo, tal como evitar repetições lexicais ou locuções”¹³⁷. Além disso, também há, com muita força, intervenções que preconizam uma linguagem mais simplificada.

Partindo da microestrutura do texto, sobre a mudança ortográfica, é importante lembrar que o Brasil não participava de nenhum acordo ortográfico oficial até 1931¹³⁸. Portanto, ambas as edições foram realizadas a partir de usos e costumes de cada época e ambas possuem algumas imprecisões e palavras que aparecem grafadas de mais de uma maneira no texto. Apesar disso, na época da edição de Lobato já havia uma tendência à simplificação dos critérios etimológicos, o que reduz o número de consoantes duplas, consoantes mudas e o uso de h no meio das sílabas. Outra mudança notável na ortografia são as conjugações dos verbos. Na versão de 1872, não há a diferença de “-am” e “-ão” na terceira pessoa do plural para o pretérito perfeito e o futuro, o que é notado na edição de 1924.

Na pontuação, apesar das interferências que adulteram o sentido do texto, observa-se a presença maior de critérios sintáticos em detrimento dos fonológicos. O editor também evita frases com muitas intercalações e opta pela ordem direta e frases mais curtas, o que também acontece com a estrutura de parágrafos:

¹⁷⁵⁴ Todos |olharam|. {Fabricio,} com effeito{,} ~~Fabricio~~ tinha encontrado um |companheiro| na desgraça{.}|: Augusto estava de calças brancas; e a maior {bôa} porção de {do} café entornado havia ~~caído~~ {espirrado} |nellas|. ¹⁷⁵⁵ |Continuaram| as risadas; {,}|redobraram| os molejos.
~~Duas erão as~~ {Eram duas, agora, as} victimas. *Quebra em dois parágrafos*

¹³⁶ Freire Júnior, *Luar de Paquetá*, Rio de Janeiro, 1922.

¹³⁷ Lilian Escorel, *Edição Lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo, Com-Arte, 2021, p. 134.

¹³⁸ Monalisa dos Reis Aguiar, “As Reformas Ortográficas da Língua Portuguesa”, *Filol. lingüíst. port.*, n. 9, p. 07, 2007.

Outra intervenção notável na pontuação é a eliminação de dupla pontuação, casos de — + , / , e (em listagens) / ,(…), como no exemplo:

⁷⁰⁰ ~~aos lados della~~ {junto a ella,} |dois| gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos |aromas| que exhala, espelhos que |brilham|, e um não sei |quê| {insinuante} ~~que insinua,~~ |está| dizendo que é {o} gabinete ~~de~~ {das} moças.

Do ponto de vista lexical, nota-se a adoção de palavras e expressões mais próximas dos anos 1920, o que fica em destaque com os pronomes de tratamento, que em grande parte são eliminados ou simplificados. No texto de Macedo, mesmo os personagens da mesma faixa etária chamam-se de “Sr.” e “Sra. D.”, o que Lobato retira do texto, priorizando o uso do “você” e apenas “D.” ou “Sra.” entre diferentes faixas etárias. Isso acontece em diálogos e na própria narração. Essa intervenção também ocorre no nome do autor, que não é precedido por “Sr.” ou “Dr.”, como ocorreu em edições brasileiras do século XIX.

¹³³⁵ ~~O estudante,~~ Depois de certificar-se {de} que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto {della,} ~~da Sra. D. Anna,~~ no banco de relva, {e} começou a historia dos seus |amores|.

Também há mudanças nos critérios para o uso de caixa-alta e baixa, onde, de modo geral, notam-se as ideias liberais de Lobato. “Guarda Nacional”, patentes militares, “Igreja”, os pronomes de tratamento, “Côrte”, são todos elementos que no texto de Macedo aparecem com o uso da caixa-alta e que o editor paulista transforma em caixa baixa, o que editorialmente tira o destaque de algumas dessas expressões, como também retira o valor de substantivo próprio dos mesmos.

Pode-se notar a preocupação do editor em “abrasileirar” o texto e suas referências. Outro traço presente no texto reeditado pela Companhia, que dialoga com a figura de autor de Monteiro Lobato, é a inserção de neologismos, especialmente para evitar locuções adjetivas:

¹⁰⁵⁰ — Augusto quiz provocar os {t}iros de d. Clementina contra aquella{e} ~~menina~~ impertinente {diabrete}, que tão pouco lhe agradava.

¹⁰⁵¹ É {E}l que pensa ~~na~~ |desta| ~~maneira~~ ~~que está de frente de pé?~~ {perguntou { } ella em voz

¹⁷⁰² Mas ella não pára: {;} o movimento é a sua vida; ~~esteve~~ {está} no jardim; {e} em toda parte; cantou sobre o rochedo; e eil-a outra vez no jardim! Infatigavel, apenas suas faces se |coraram| com o rubor da agitação:—{.} Travessa menina! ~~porém ella~~ Tempera {, porém,} ~~todas~~ as travessuras com tanta {viveza} ~~viveza~~, graça e espirito, que menos |valera|; |se não| fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma e não {se} |tenham| |esvahido| as idéas desfavoraveis que {,} |á| primeira vista {,} produziu o genio ~~inquieta~~ {irriquieta} de ~~D.~~ Carolina. O mesmo Augusto não ~~pode~~ {poude} resistir á vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, ~~disserão~~ {trocaram} duas palavras sobre ella.

¹⁷⁰³ E { }l

Analisando a macroestrutura do texto, vê-se que o enredo do romance não sofreu grandes alterações, como ocorreu com o *Memórias de um Sargento de Milícias*, onde o editor corrigiu incoerências do romance folhetinesco, como o ressurgimento de personagens que morreram¹³⁹. Apesar disso, quando se observa frases e diálogos, é possível notar como o texto lobatiano não possui grandes marcações de sentimentalismo, o que pode vir a interferir na visão que o leitor construirá das personagens. A própria exclusão do prefácio “Duas Palavras” colabora para o clímax do romance, uma vez que só ficará claro a metalinguagem, ou seja, que o pseudoautor do romance é a personagem Augusto, ao termo da leitura.

¹⁷⁶⁶ ~~Ora~~ O nosso estudante estava, {pois, em vista de} ~~por~~ sua esdruxula figura, incapaz de apparecer [a] [pessoa] alguma; em [ceroulas], e [nu] da [cintura] para cima, faria recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei {mais} que ~~mais~~, ao bello povinho que acabava de entrar ~~em casa~~, e que {se o} ~~certamente, se assim~~ encontrasse {assim}, teria de cobrir o rosto [com as] mãos; ~~e portanto~~ {,} O pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio [á] mente : ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a; e {,} com ella em baixo do braço {,} escondeu-se atraz de uma linda cama, ~~que se achava no~~ {ao} fundo do gabinete, cuidando que cedo se veria livre de tão intempestiva visita; mas, ~~ainda outra vez, pobre estudante!~~ ... teve logo de agachar-se; e [expremer-se] ~~para~~ {em} baixo da cama; {,} pois {eram} quatro {as} moças {que entravam} ~~entrarão no quarto~~.

¹⁷⁶⁷ ~~E, erão~~ ellas D. Joanninha, d. |Quinquinha|, d. Clementina; e uma outra; por nome Gabriella, muito adocicada, muito espartilhada, muito estufada; e que seria tudo quanto ~~tivesse vontade de ser~~ {quizessem}, menos o que mais acreditava ~~que eras~~ {ser}, ~~isto é~~, bonita.

Além disso, nota-se a alteração de algumas referências culturais mobilizadas no romance, como, por exemplo, no capítulo V, onde a personagem Fabricio cita o músico francês Daniel François Esprit Auber, “Auber”, e na edição lobatiana Mozart o substitui na frase. Outro exemplo está no capítulo XX, onde Macedo cita Alcides, e Lobato atualiza o nome para Hercules. Ambos os nomes podem ser atribuídos a mesma personagem mitológico, porém a escolha de Lobato é mais precisa, uma vez que Alcides é um antropônimo para referenciar toda a descendência do personagem, e não é tão comum nas publicações brasileiras.

Mesmo com as constantes correções e adequações no texto, ambas as edições apresentam erros tipográficos distintos. Junto a isso, há um deslize no texto que Lobato deixou passar em sua edição: a própria idade da Moreninha. No primeiro capítulo, é falado que ela tem catorze anos. Já nos capítulos XIII, XIV e XV ela tem quinze, e ainda no XIX é dito “nem 15 anos ainda”. A edição do centenário do romance, de Zélio Valverde, foi a única

¹³⁹ Lilian Escorel, *Edição Lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo, Com-Arte, 2021, pp. 131-148.

localizada durante a pesquisa que corrige a questão, atualizando todas as idades para quinze anos e anotando algumas variações que aparecem em notas de rodapé.

Outro fato curioso sobre a trajetória do romance é o seu cenário. Como dito anteriormente, em nenhuma edição em vida de Macedo a Ilha de/do Paquetá é citada, a maior parte dos topônimos são marcados com “...”. Mesmo assim, até hoje a ilha é conhecida como “A Ilha da Moreninha”, e conta com pontos turísticos como a Casa da Moreninha e a Pedra da Moreninha. Há até questões de vestibulares sobre o romance que citam a ilha fluminense.



Figura 73: A Pedra da Moreninha, por Júlio Pereira.

Disponível em: ilhadepaqueta.com.br.

Parte dessa fama contemporânea pode ser atribuída à teledramaturgia. Em 1965, a Globo fez uma novela com o enredo do romance, onde as cenas externas foram gravadas na Ilha, que preservou da época, sobretudo, a charmosa casa rosa que hoje é um ponto turístico.



Figura 74: Elenco da novela *A Moreninha* – 1ª versão, 1965.

Acervo/Globo. — Foto: Globo.



Figura 75: A Casa da Moreninha.

Disponível em: ilhadepaqueta.com.br.

A edição lobatiana do romance, quarenta e um anos antes da novela, também insere o nome da Ilha no texto de Macedo, o que faz perceptível que essa fama já era, minimamente, anterior à novela. A única aparição oficial do nome da Ilha enquanto Macedo estava vivo encontrada durante a pesquisa foi um anúncio no *Jornal do Commercio* sobre a sua primeira versão em peça de teatro, em 1848, onde se diz que toda a ação “tem princípio, e termina na Ilha de Paquetá, dia de Santa Anna”.

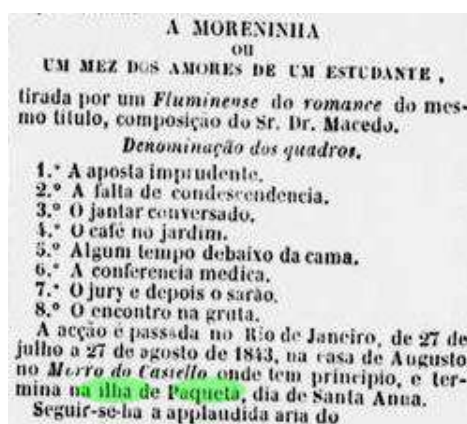


Figura 76: Anúncio de peça de teatro no *Jornal do Commercio*, 1848.

Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Tendo em vista esse cenário, uma hipótese plausível é que a relação com a ilha tenha já se popularizado no teatro do século XIX, sendo citada também na crítica teatral da época¹⁴⁰, fama que chegaria à década de 1920. Também é possível que a edição lobatiana tenha influenciado outras, colaborando com a manutenção dessa informação.

Tendo em vista esse levantamento, fica evidente a preocupação editorial em deixar o texto mais próximo do público da época, preservando a estrutura da narrativa, mas aperfeiçoando a linguagem, e deixando menos informações repetitivas. Também é notável a noção comercial sobre os livros, uma vez que era previsto uma coleção para as grandes massas, com altas tiragens, de histórias que já possuíam uma longa trajetória e precisariam reconquistar o público. Nas palavras do editor: “Editar é fazer psicologia comercial”¹⁴¹, portanto, essa arte envolve projeções e planejamentos minuciosos, levando em consideração o público leitor a que se pretende atingir.

¹⁴⁰ Conferir anúncio de jornal da página 27.

¹⁴¹ Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre*, São Paulo, Editora Globo, 2010, p. 503.

CONCLUSÃO: A Elite dos Clássicos Populares

Isto é romantico; queira ser romantica; vamos ao meu futuro.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO¹⁴²

A literatura do nosso romântico século XIX foi marcada por romances de entretenimento e pela própria tradição folhetinesca, a qual previa a paixão do público pelos seus caricatos personagens. Muitas dessas obras, hoje, acabam por constituir o chamado *cânone literário* e são acompanhadas pelas mais diversas edições que, muitas vezes, elevam os seus *status* e perdem de vista o caráter divertido desses romances.

Ao analisarmos a edição lobatiana de *A Moreninha*, porém, vemos uma resistência a esse pensamento e comportamento de elevação das obras. O editor paulista defendia que um autor não pode esquecer que uma de suas funções é entreter o leitor e propunha, dentro da *Collecção Popular*, um resgate dessa característica originária dos chamados grandes autores, que, para ele, eram “uma elite”, como Alexandre Dumas e José de Alencar.

A Moreninha, por sua vez, não representava pouca coisa nesse cenário. Como demonstrado, o romance de estreia de Joaquim Manuel de Macedo rendeu, de 1844 a 1924, mais de vinte edições com grandes vendas, o que é muito significativo para os números do mercado editorial brasileiro do século XIX, ainda em fase de consolidação.

Embora a colocação de *A Moreninha* no catálogo tenha se mostrado uma questão complexa e bem planejada, a edição lobatiana não se resume aos paratextos. Monteiro Lobato entra no texto de Macedo sem pedir licença, entendendo que o “popular” de 1844 não é o mesmo que o de 1924. Essa intervenção, apesar de suas justificativas comerciais e editoriais, torna-se um objeto de estudo filológico. O trabalho de cotejo, peça-chave da pesquisa, gera um registro de duas diferentes tradições que marcaram a trajetória do romance.

Futuramente, um trabalho interessante a ser feito seria o levantamento das edições posteriores da Companhia, a fim de registrar como essas duas tradições adversas (1872 e 1924) estão presentes na fortuna editorial contemporânea do romance, uma vez que já notamos traços de sua interferência na leitura e fama dessa obra.

¹⁴² Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, Rio de Janeiro, Garnier, 1872, p. 223.

Por fim, para além de registrar um caso anedótico na história do livro, essa pesquisa exemplificou como a ação e mediação editorial tornam-se necessárias para que os textos continuem se tornando livros, e para que estes sobrevivam através dos séculos, continuando acessíveis aos leitores. Relembramos aqui que um livro

[...] nunca é só um objeto *admirável* [...] ele é invariavelmente um produto da agência humana em contextos altamente voláteis, que o estudo acadêmico responsável deve procurar recuperar se quisermos melhor entender a criação e comunicação de significado como as características definidoras das sociedades humanas¹⁴³.

Obrigada pela leitura!

¹⁴³ Donald Francis McKenzie, *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*, São Paulo, Edusp, 2018, p. 15.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Monalisa dos Reis. “As Reformas Ortográficas da Língua Portuguesa: Uma Análise Linguística, Histórica e Ideológica”. *Filologia Lingüística Portuguesa*, n. 9, p. 11-26, Mogi das Cruzes, 2007.

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *Trajetórias da Recepção Crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. Dissertação de Mestrado (Teoria e História Literária), Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

AREZIO, Arthur. *Dicionário de Termos Gráficos*. São Paulo, Com-Arte, 2017. Primeira edição: 1936.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; MASCARENHAS, Marcia & SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Editora Senac, 1997.

BERG, Andrew Scott. *Max Perkins: Editor of Genius*. New York, Thomas Congdon Books, 1978.

BERLIN, Isaiah. *As Raízes do Romantismo*. Trad. Isa Maria Lando. São Paulo, Editora Fósforo, 2022.

BESON, Richard. *The Printed Picture*. New York, The Museum of Modern Art, s.d.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas Perspectivas sobre as Práticas Editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese de Doutorado (Literatura Brasileira), Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

_____. *Figuras de Autor, Figuras de Editor: As Práticas Editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo, Editora Unesp, 2018.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50 ed. São Paulo, Cultrix, 2015.

BRASIL. Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1998. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm>. Acesso em: 30 de abril de 2024.

BRASIL, Decreto de 12 de julho de 1821. Desenvolve e determina os princípios que sobre a liberdade de imprensa se acham estabelecidos nos artigos 8º, 9º e 10 das Bases da Constituição. Rio de Janeiro, RJ, 1821. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/dim/1821/dim-12-7-1821.htm> Acesso em: 30 de abril de 2024.

BRASIL, Lei Nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, RJ, 1916. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm#art1806>. Acesso em 30 de abril de 2024.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Ouro sobre Azul, 2014.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora Italaia Limitada, 2000.

CARVALHO, Lilian Escorel de. *Edição Lobatiana das Memórias de um Sargento de Milícias: Um Caso de Coautoria na História do Livro e da Literatura no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.

CASTRO, Maria Pureza da Natividade de Souza. *Álbuns de Recortes*. vols. 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo, s.d. Acervo: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

CATÁLOGO das Edições Monteiro Lobato & Companhia. São Paulo, 1923.

CATÁLOGO de Livros da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato. São Paulo, 1924.

CATÁLOGO Geral da Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato. São Paulo, 1925.

CHARTIER, Roger. *A Mão do Autor e A Mente do Editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo, Editora Unesp, 2014.

CHAUVIN, Jean Pierre. “Joaquim Manuel de Macedo sob as Lentes da Crítica”. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Luneta Mágica*. 2 ed. São Paulo, Martin Claret, 2017.

CRAWFORD, Willian. *The Keepers of Light*. New York, Morgan & Morgan, 1979.

CRUZ, Laura Camilo dos Santos. *O Cortiço, de Aluísio Azevedo: Estabelecimento de Textos em Edição Crítica e Parte da Fortuna Crítica*. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

GUIMARÃES, Hélio. *Os Leitores de Machado de Assis: O Romance Machadiano e o Público de Literatura no Século XIX*. São Paulo, Edusp, 2004.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Trad. Sérgio Millet. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2016.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo, Edusp, 2ª ed. 2019.

ESCOREL, Lilian. *Edição Lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo, Com-Arte, 2021.

FARIA, João Roberto (ed.). *História do Teatro Brasileiro*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2012, vol. 1.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de & PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro*. São Paulo, Edusp, 2008.

FREIRE, Francisco José Júnior. *Luar de Paquetá*. Rio de Janeiro. 1922.

GASCOIGNE, Bamber. *How to Identify Prints*. 2 ed. New York, Thames & Hudson, 1986.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. 2 ed. Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2018.

GIORDANO, Cláudio. *Monteiro Lobato Editor*. São Paulo, ABER/Editora Giordano, 1996.

GLOBO. Memória das novelas. Disponível em:

<<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-moreninha-2a-versao/noticia/bastidores.ghtml>>. Acesso em 27 de julho de 2024.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3 ed. São Paulo, Edusp, 2017.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor*. 2 ed. São Paulo, Edusp e Com-Arte, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: Um Brasileiro sob Medida*. São Paulo, Editora Moderna, 2000.

_____ & ZILBERMAN, Regina. *Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996.

“LEITURA, Crítica e Informação Bibliográfica”. *Monteiro Lobato: Editor Revolucionário*. Rio de Janeiro, 1942, vol.10. pp. 13-32.

LIMA, Israel de Souza. *Biobibliografia dos Patronos: Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2008.

LIMA, Yone Soares de. *A Ilustração na Página Literária, São Paulo – Década de Vinte*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1985.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo, Editora Globo, 2010.

_____. *Cartas Escolhidas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1953.

_____. “O Romance Brasileiro”. *Revista do Brasil*, São Paulo, vol. XXVIII, jan. de 1925. Acervo: Biblioteca Unesp Digital.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Anno Biographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Typographia e Litophia do Imperial Instituto Artístico, 1876. Exemplar: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (PRCEU/USP).

_____. *Theatro*. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro, Editora Garnier, 1863. Exemplar: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (PRCEU/USP).

MARTINS FILHO, Plínio. *A Arte Invisível*. 2 ed. Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2008.

MC. KENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo, Edusp, 2018.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1996.

OLIVERO, Isabelle. *L'Invention de la Collection, De la Diffusion de la Littérature et des Savoirs à la Formation du Citoyen au XIX e Siede*. Paris, Éditions de L'Imec, 1999.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. *Livros para Morar: Uma História dos Livros para Crianças e Jovens no Brasil. 1860-1920*. Relatório Científico (Pós-Doutorado) FFLCH/USP, 2019. No prelo por Editora Com-Arte.

SIMONATO, Juliana Siani. *Monteiro Lobato & Cia. Uma Experiência Editorial*. São Paulo, Com-Arte, 2010.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Ecdótica (Crítica Textual)*. São Paulo, Edusp, Ars Poética, 1977.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1915. Disponível em:
<<https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=131813>>.

Edições de *A Moreninha* consultadas:

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1844. Exemplar: Biblioteca Brasileira e José Mindlin.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Typographia Americana de I. P da Costa, 1845. Exemplar: Biblioteca Brasileira e José Mindlin.

_____. *A Moreninha, Romance Brasileiro*. Porto, Typographia de José Lourenço de Sousa, 1854. Exemplar: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Brandão e Irmão, 1860. Exemplar: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

_____. *A Moreninha: Romance Brasileiro*. Porto, Imprensa Popular, 1867. Exemplar: Biblioteca Brasileira e José Mindlin.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Editora Garnier, 1872. Exemplares: Biblioteca Nacional.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Garnier, 1889.

Exemplar: Biblioteca Brasileira e José Mindlin.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Livraria Azevedo, 1904

Exemplar: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1913.

Exemplar: O Buquineiro Livros Raros.

_____. *A Moreninha*. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, Collecção de Autores Celebres da Literatura Brasileira. 1921.

Exemplar: O Buquineiro Livros Raros.

LEAL, Arlindo. *A Moreninha, Opereta em Tres Actos*. São Paulo, Theatro Nacional, c. 1922.

Exemplar: Centro Cultural São Paulo.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha* (Edição cuidadosamente expurgada de defeitos).

São Paulo, Companhia Graphico Editora Monteiro Lobato, 1924.

Exemplar: Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

_____. *A Moreninha* (Edição do centenário). Rio de Janeiro, Editora Zélio Valverde, 1945.

Exemplar: Biblioteca Brasileira e José Mindlin.

Breve levantamento da produção acadêmica que envolve o romance *A Moreninha*

- Afirma a publicação em folhetim:

BOSISIO, R. A. D. *Entre o Escritor e o Historiador: A História do Brasil Imperial na Pena de Joaquim Manuel de Macedo*. Dissertação de Mestrado (História) – Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007

BORGES, Valdeci Rezende. “‘O Romance Brasileiro’ de José de Alencar nas Páginas da Imprensa Fluminense de seu Tempo”. *Anais do SILEL*. Vol. 3, n. 1. Uberlândia, EDUFU, 2013.

DE LIMA, Bárbara Gonçalves. *Romances-folhetim na Imprensa Brasileira do Século XIX Análise do Romance D. Narcisa de Villar, de Ana Luísa de Azevedo*. Monografia (Jornalismo) Porto Alegre – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro & DE SOUZA, Fernanda Roberto. “A Adaptação de Romances para a Televisão: Uma Reflexão Acerca do Imaginário Feminino”. *Cadernos da Escola de Comunicação*, v. 1, n. 6, 2008.

MOREIRA, Fernanda Maffei. *A Miséria Inconfessa em Cada um de Nós: Uma Análise das Relações entre os Folhetins de Nelson Rodrigues com o Suporte Jornalístico*. Dissertação de

Mestrado – (Literatura e Crítica Literária). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

- Nega a publicação em folhetim:

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *Trajetórias da Recepção Crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. Dissertação de Mestrado (Teoria e História Literária), Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

KARAM, Bianca. *A Escrita de uma Tradição: Macedinho ou Macedo? Dissertação de Mestrado* (Literatura Brasileira), Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

HEINEBERG, Ilana. *La Suite au Prochain Numéro: Formation du Roman-feuilleton Brésilien à Partir des Quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. Tese de Doutorado (Literatura Brasileira), Paris, Université de La Sorbonne Nouvelle, 2004.

ACERVOS CONSULTADOS

Biblioteca Florestan Fernandes

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Biblioteca Nacional (catálogo, Hemeroteca, e serviço de digitalização para pesquisadores)

Biblioteca Mário de Andrade

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato

Biblioteca Digital Unesp

Biblioteca Luso-Brasileira Digital

Fundo Monteiro Lobato, Unicamp, digital

Centro Cultural São Paulo

Sebo: O Buquineiro Livros Raros

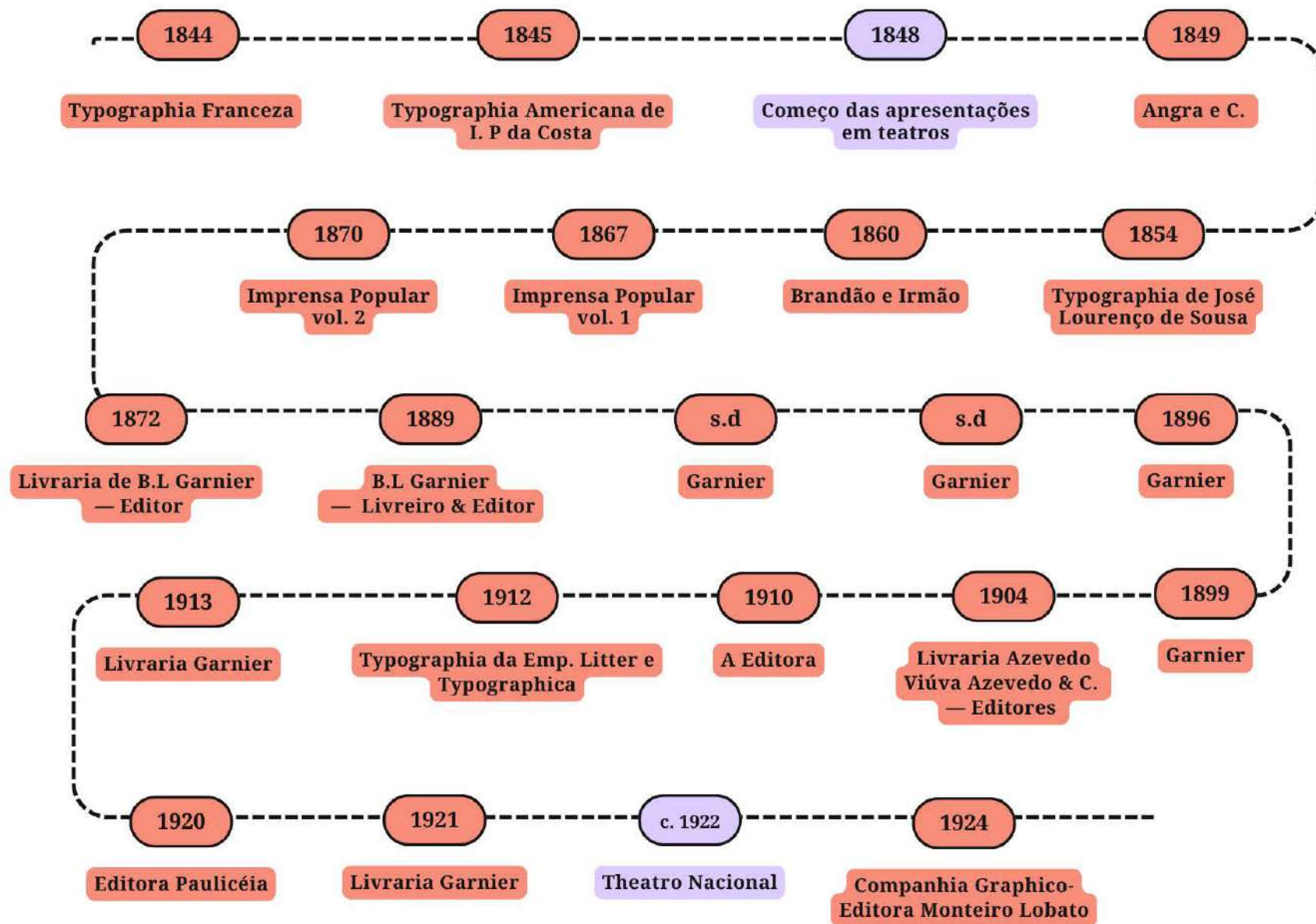
ANEXO I: CATÁLOGO DE EDIÇÕES A *MORENINHA*, 1844-1924

Catálogo de Edições

A Moreninha

1844 - 1924

Anexo da pesquisa de Iniciação Científica “Um Clássico ‘Expurgado de Defeitos’: análise da edição lobatiana de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo”, de Gabriela Ferreira Fernandes, desenvolvida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), sob orientação da Prof^a Dr^a Marisa Midori Deaecto, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)



1844

Identificação:

A Moreninha

Joaquim Manuel de Macedo

Typographia Franceza

Rio de Janeiro, Rua de S. José, N. 64

Aspectos Materiais:

13,5 cm x 9 cm

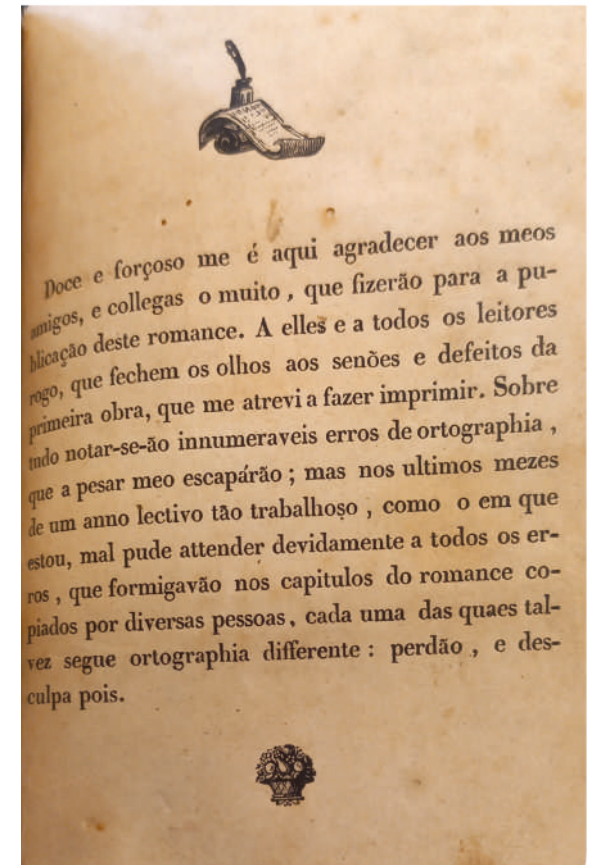
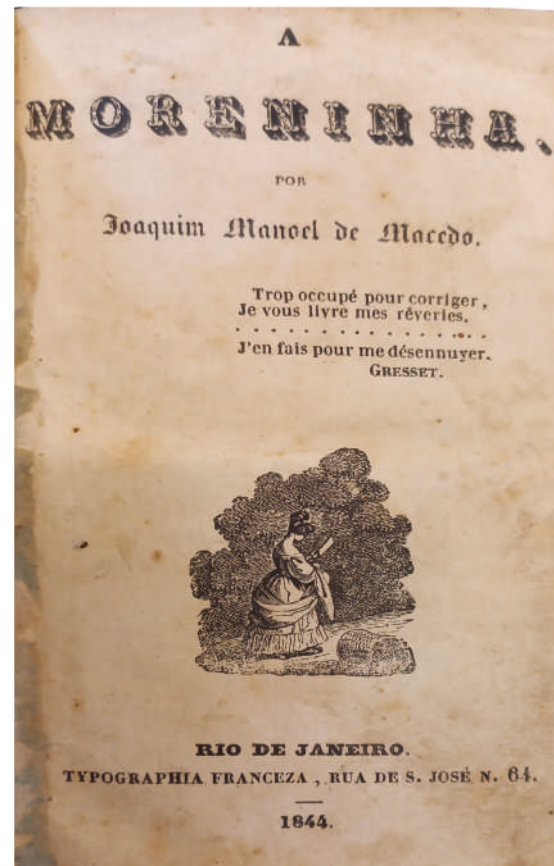
254 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia com vinhetas em gravura ao fim dos capítulos

Paratextos: olho, frontispício com epígrafe, “duas palavras”, epílogo, agradecimentos

Exemplar: BBM/USP



1845

Identificação:

A Moreninha

Joaquim Manuel de Macedo

“Segunda edição com cinco estampas”

Typ. Americana de I.P da Costa

Editor: Hermano Dutra e Mello

Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, N. 43

Aspectos Materiais:

14,5 cm x 9,5 cm

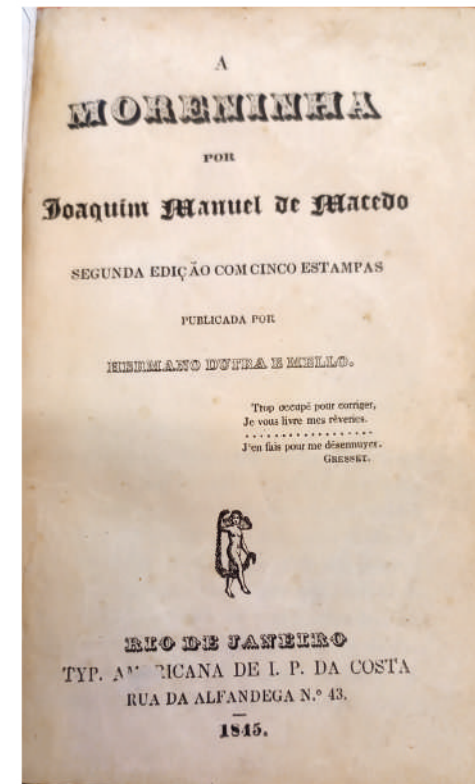
232 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia com cinco ilustrações
em litografia e aquarela

Paratextos: olho, frontispício com epígrafe,
“duas palavras”, epílogo

Exemplar: BBM/USP



1854

Identificação:

A Moreninha, Romance Brasileiro

J. Macedo

Typographia de José Lourenço de Sousa

Coleção: Bibliotheca das Damas

Porto, Rua do Bomjardim N. 07

Aspectos Materiais:

15,5 cm x 10 cm

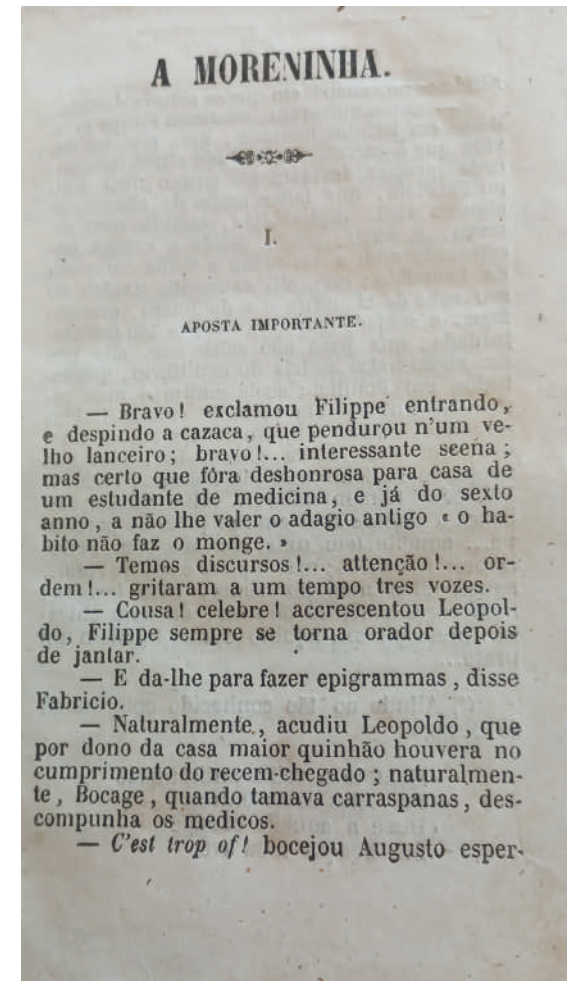
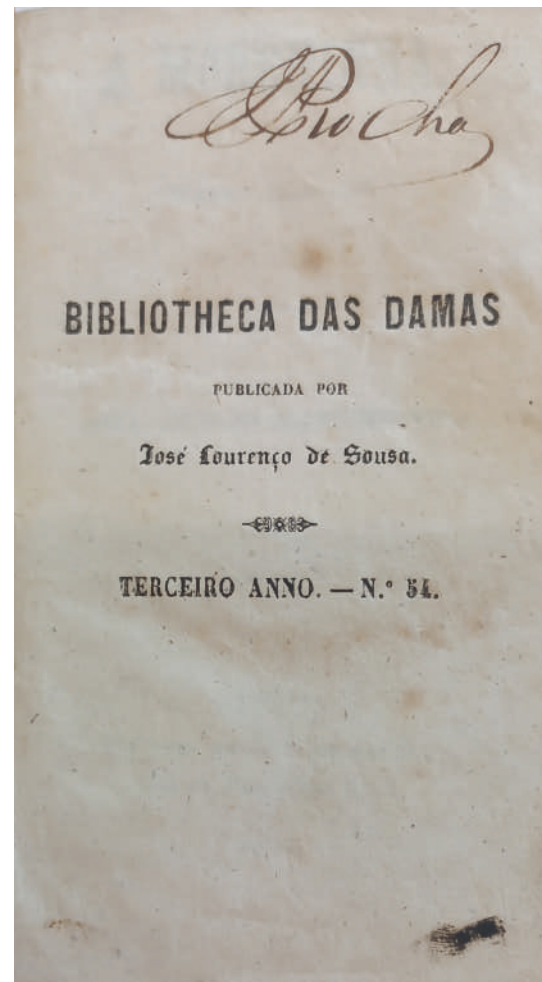
2 volumes, 235 pp. no total

23 capítulos, 14 no primeiro volume

Impresso em tipografia, com corte azul e sem ilustrações

Paratextos: olho, frontispício, abertura da coleção e epílogo

Exemplar: BBM/USP



1860

Identificação:

A Moreninha

Joaquim Manuel de Macedo

“Quarta edição”

Typ. Americana de I.P da Costa, Brandão e
Irmão

Editor: Domingos José Gomes Brandão

Rio de Janeiro, Rua Carioca, N. 34

Aspectos Materiais:

16,5 cm x 9,5 cm

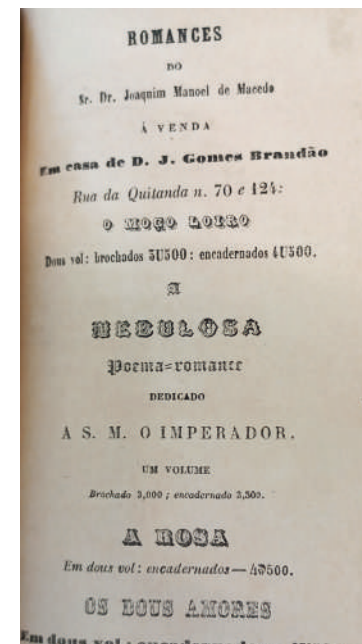
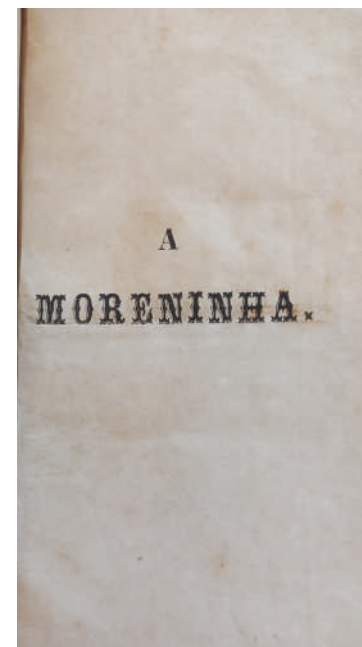
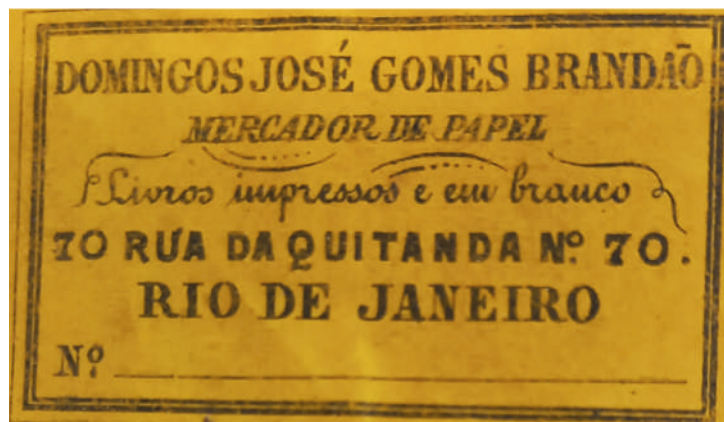
288 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia com cinco ilustrações
em litografia, copiadas da segunda edição

Paratextos: olho, frontispício com epígrafe,
notícia do *Minerva Brasiliense*, anúncios das
obras do autor “duas palavras”, epílogo

Exemplar: BBM/USP



1867 - 1870

Identificação:

A Moreninha, Romance Brasileiro

J. Macedo

“Segunda Edição”

Imprensa Popular

Editor: José Lourenço de Souza

Coleção: Bibliotheca das Damas

Porto, Rua do Bomjardim N. 69

Aspectos Materiais:

15,5 cm x 10 cm

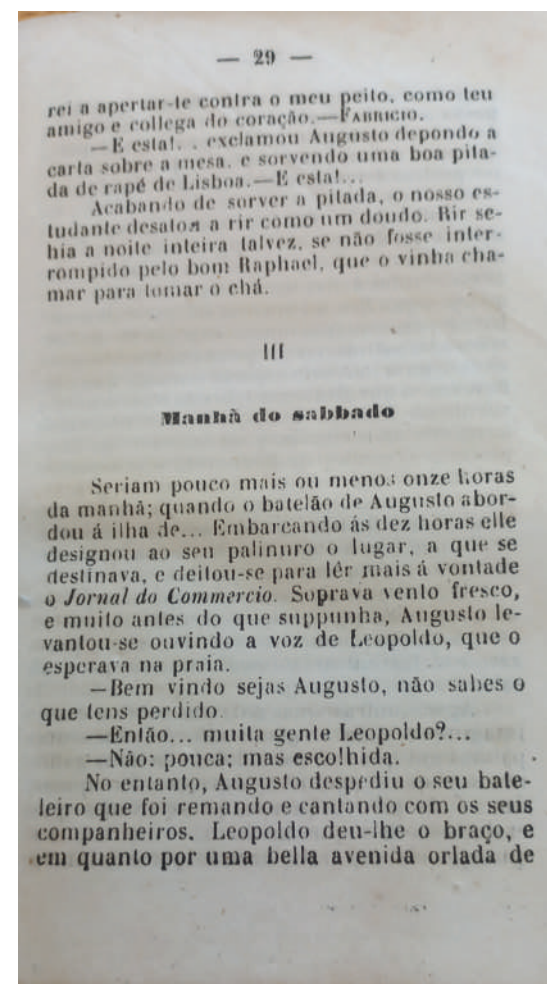
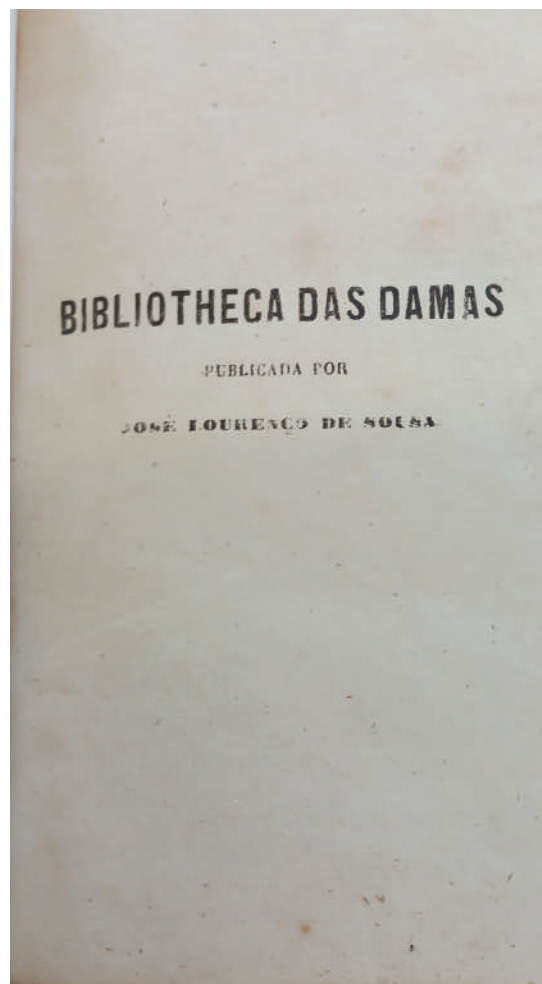
2 volumes (partes), 233 pp. no total

23 capítulos, 14 no primeiro volume

Impresso em tipografia, sem ilustrações

Paratextos: olho, frontispício, abertura da coleção e epílogo

Exemplar: BBM/USP



1872

Identificação:

A Moreninha

Dr. Joaquim Manuel de Macedo

“Quinta edição”

Livraria de B. L Garnier, Editor / E. Belhatte,
livreiro

Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, N. 69 / Paris,
Rua de L' Abbaye, N. 14

Aspectos Materiais:

22 cm x 18 cm

299 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia e sem ilustrações

Paratextos: olho, obras à venda na mesma casa (verso do olho), frontispício com epígrafe, notícia do *Minerva Brasiliense* “duas palavras” e epílogo

Exemplar: Fundação Biblioteca Nacional

OBRAS QUE SE ACHÃO EM VENDA NAS MESMAS CASAS

A LUNETA MAGICA, romance. 2 v. in-8, br.	4 \$ 000
— — — — — enc.	5 \$ 000
As VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br.	5 \$ 000
A NEBULOSA. 1 v. enc.	3 \$ 000
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.	3 \$ 000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU Tio. 2 v. enc.	5 \$ 000
Moço LOCO. 2 v. enc.	5 \$ 000
O DOUS AMORES. 2 v. enc.	5 \$ 000
ROMANCES DA SEMANA. 1 v. enc.	5 \$ 000
ROSA. 2 v. enc.	5 \$ 000
VICENTINA. 3ª edição. 3 v. br.	5 \$ 000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.	9 \$ 000
LUCO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedips. 1 vol. in-8, br.	2 \$ 000
LUSABELLA, comedia. 1 v. in-8, br.	1 \$ 800
FANTASMA BRANCO, comedia, 1 v. in-8.	1 \$ 800
NOVO OTHELLO, comedia. 1 vol. in-8, br.	800
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8, br.	1 \$ 000
NINA. 2 v., br.	4 \$ 000
— — — — — enc.	5 \$ 000
As MULHERES DE MANUELA, romance historico. 2 v. br.	4 \$ 000
— — — — — enc.	5 \$ 000
A NAMORADEIRA. 3 v. br.	6 \$ 000
— — — — — enc.	8 \$ 000

PARIZ. — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUE D'ERFURTH, 1.

A

MORENINHA

I

APOSTA IMPRUDENTE

— Bravo ! exclamou Fellippe entrando, e despiando a casaca, que pendurou em um cabide velho ; bravo !... interessante scena ! mas certo que deshonorosa fôra para casa de um estudante de medicina, e já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo : O habito não faz o monge.

— Temos discurso !... attenção !... ordem !... gritarão a um tempo trez vozes.

— Cousa celebre ! accrescentou Leopoldo, Fellippe sempre setorna orador depois de jantar.

1

1904

Identificação:

A Moreninha

Dr. Joaquim Manuel de Macedo

Livraria Azevedo

Viuva Azevedo & C. — Editores

Rio de Janeiro, Rua Uruguayana, N. 33

Aspectos Materiais:

18 cm x 11,5 cm

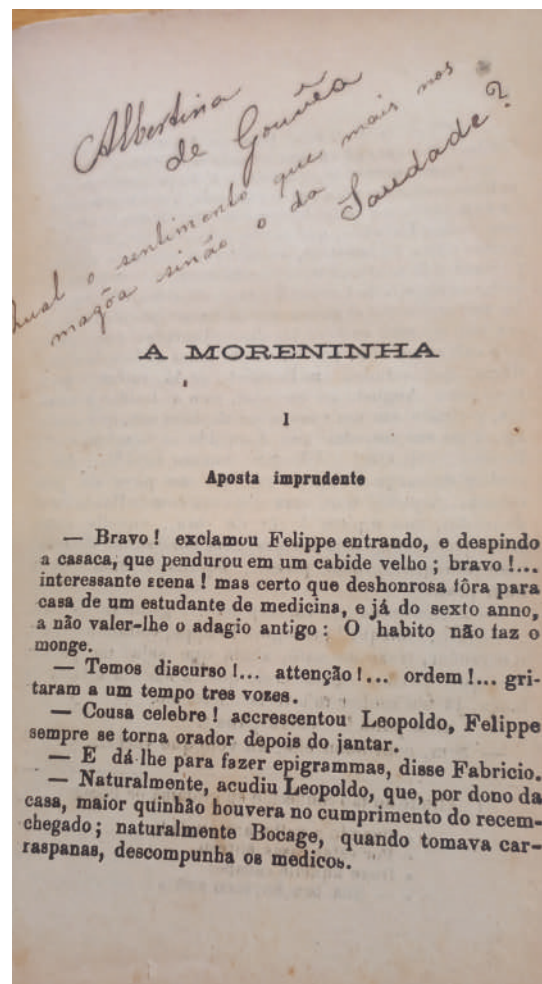
188 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia e sem ilustrações

Paratextos: olho, frontispício com epígrafe, “duas palavras”, epílogo e índice

Exemplar: BBM/USP



INDICE	
CAPS.	PAGS.
I—Aposta imprudente.....	9
II—Fabricio em apuros.....	18
III—Manhã de sabbado.....	29
IV—Falta de condescendencia.....	37
V—Jantar conversado.....	43
VI—Augusto com seus amores.....	56
VII—Os dois breves, branco e verde.....	60
VIII—Augusto proseguindo.....	70
IX—A Sra. D. Anna com suas historias.....	80
X—A balada no rochedo.....	85
XI—Travesuras de D. Carolina.....	90
XII—Meia hora em baixo da cama.....	95
XIII—Os quatro em conferencia.....	105
XIV—Pediluvio sentimental.....	112
XV—Um dia em quatro palavras.....	118
XVI—O sarau.....	125
XVII—Foram buscar lã e sahiram tosquiadas.....	132
XVIII—Achou quem o tosquiassse.....	141
XIX—Entremos nos corações.....	147
XX—Primeiro domingo: elle marca.....	156
XXI—Segundo domingo: brincando com bonecas...	163
XXII—Mau tempo.....	171
XXIII—A esmeralda e o camafeu.....	178
Epilogo.....	187

1913

Identificação:

A Moreninha

Dr. Joaquim Manuel de Macedo

Livraria Garnier

Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, N. 109 / Paris,

Rue de Sanints-Pêres, N. 06

Aspectos Materiais:

16,6 cm x 10 cm

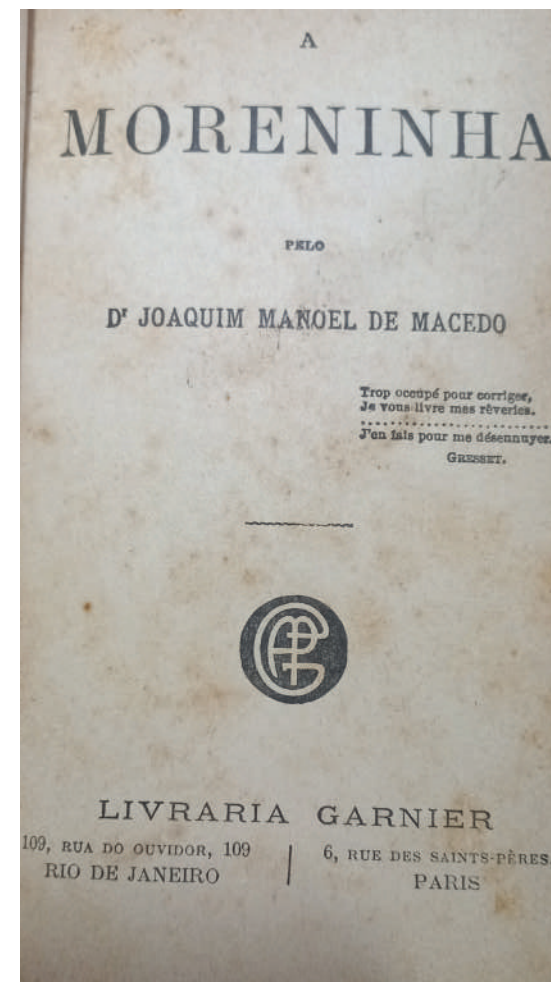
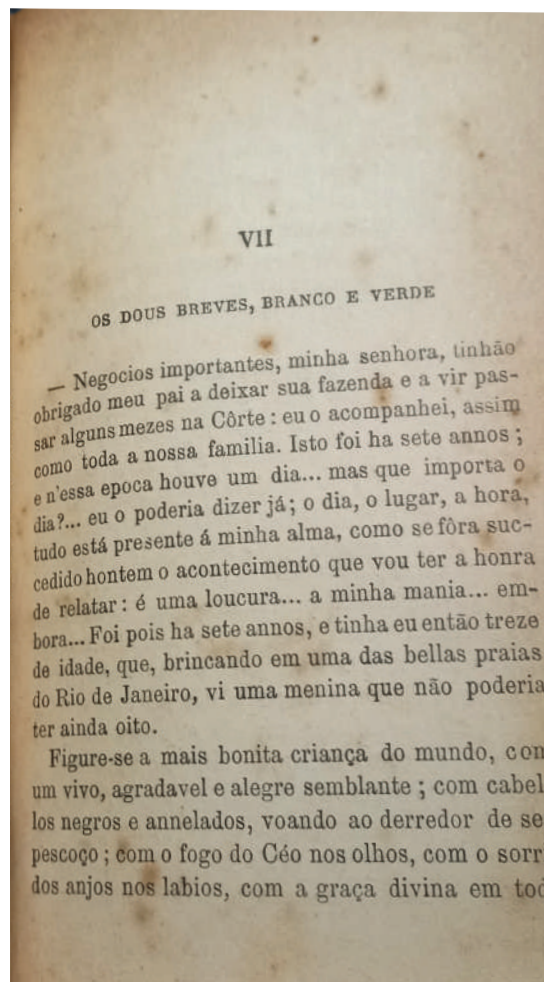
248 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia e sem ilustrações

Paratextos: olho, frontispício com epígrafe, notícia do *Minerva Brasiliense*, “duas palavras” e epílogo

Exemplar: O Buquineiro, Livros Raros



1921

Identificação:

A Moreninha

Dr. Joaquim Manuel de Macedo

Livraria Garnier

Collecção de Autores Celebres da Literatura
Brazileira

Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor, N. 109 / Paris,
Rue de Sanints-Pêres, N. 06

Aspectos Materiais:

17,6 cm x 11 cm

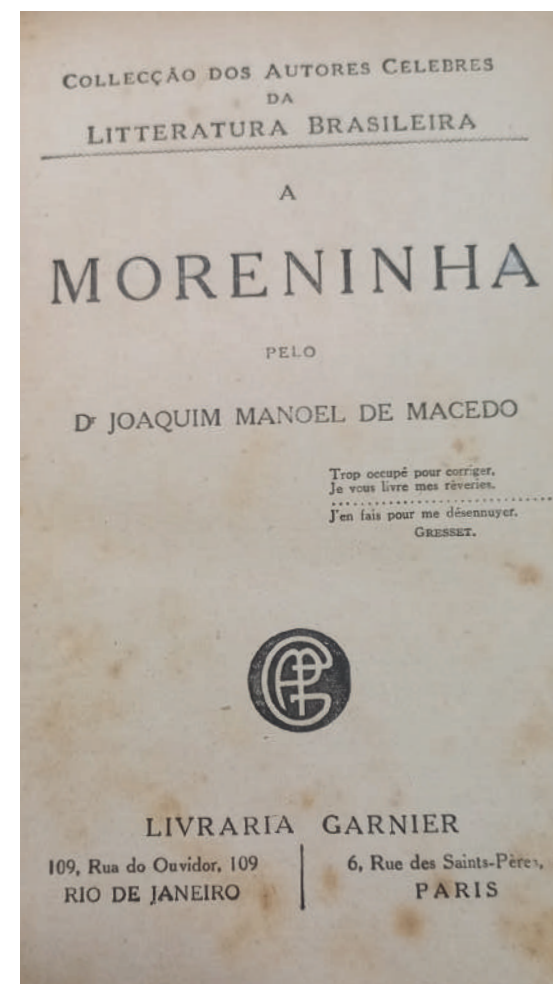
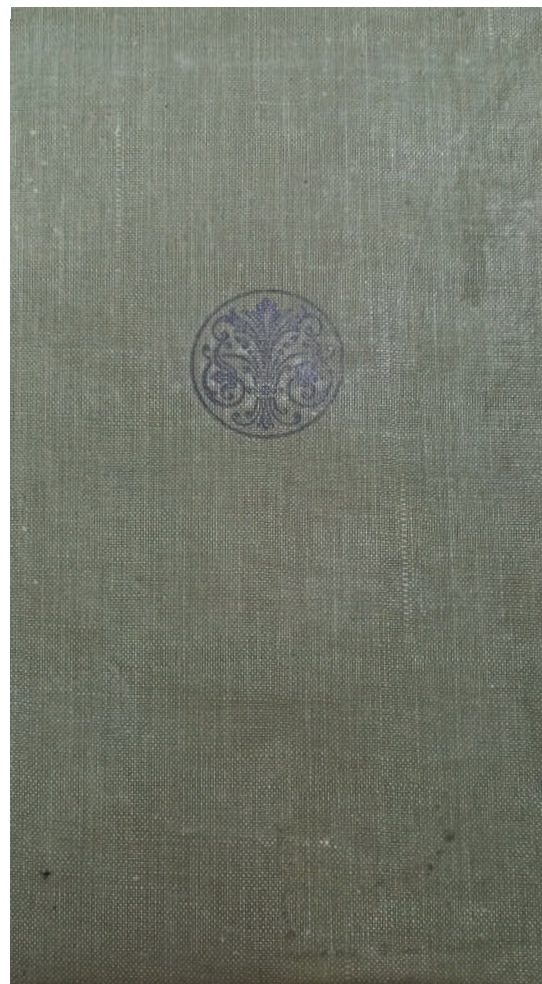
248 pp.

23 capítulos

Impresso em tipografia e sem ilustrações

Paratextos: olho, frontispício com epígrafe
e marca da coleção, notícia do *Minerva
Brasiliense*, “duas palavras” e epílogo

Exemplar: O Buquineiro, Livros Raros



c. 1922

Identificação:

A Moreninha

Arlindo Leal (autor) e Pedro Camin (maestro e compositor)

“Opereta em tres actos”

Theatro Nacional

São Paulo, Rua Liberdade, 135

Aspectos Materiais:

18,5 cm x 12,5 cm

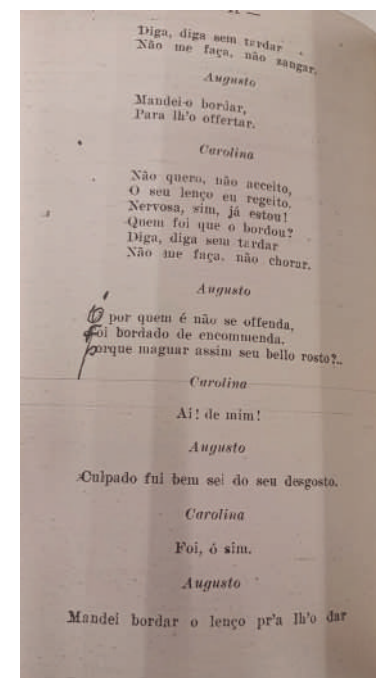
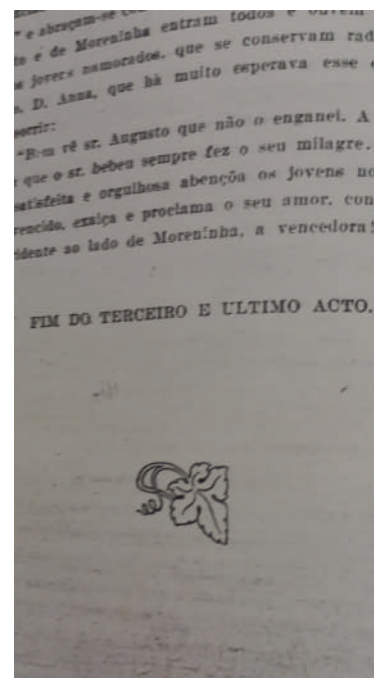
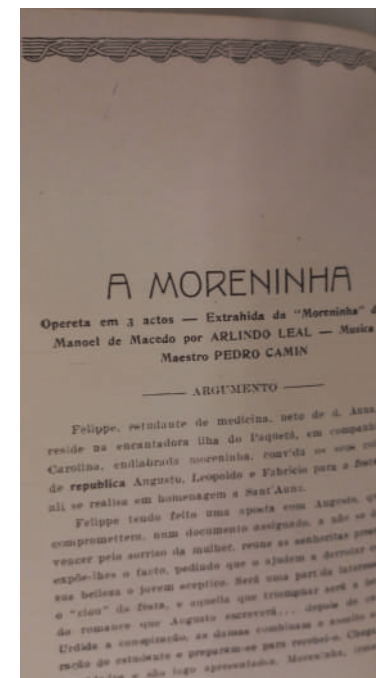
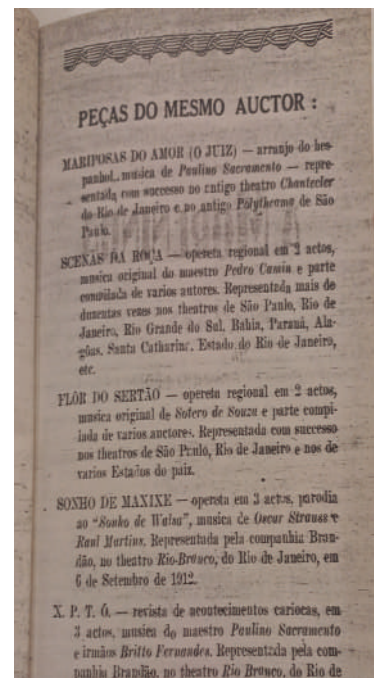
48 pp.

3 atos

Exemplar de trabalho para atores, com
vinhetas e anotações

Paratextos: frontispício e peças do mesmo
autor

Exemplar: Centro Cultural São Paulo,
Discoteca Oneyda Alvarenga



1924

Identificação:

A Moreninha

J. M. Macedo

“Edição cuidadosamente expurgada de defeitos”

Cia. Graph. Editora Monteiro Lobato

São Paulo, Praça da Sé, N. 24

Aspectos Materiais:

16,5 cm x 12 cm

242 pp.

23 capítulos

Sem ilustrações no miolo, disponível
encadernado em lombada arredondada e
brochura

Paratextos: olho, frontispício, epílogo e
índice

Exemplar: Biblioteca Infantojuvenil
Monteiro Lobato



ANEXO II
COTEJO COMPLETO DAS EDIÇÕES DE 1872 E 1924

NOTA PRÉVIA

O presente trabalho de cotejo se deterá em comparar o texto da edição com a última vontade do autor de *A Moreninha*, ou seja, a edição de 1872, da Garnier, com a edição lobatiana, “Cuidadosamente Expurgada de Defeitos”, de 1924, objeto dessa pesquisa.

Como descrito na monografia, a metodologia do cotejo é baseada em uma adaptação do método Lachmann, onde o texto no corpo desse documento representa o *archetypum*, ou seja, a transcrição diplomática da última vontade autoral, enquanto a anotação corresponde ao *collatio* do método — os registros de variação. Todas as notas são referentes às alterações da Companhia Graphico Editora Monteiro Lobato, e o texto base com as chamadas corresponde à edição de 1872. Essa configuração, por sua vez, se inspirou na dissertação de mestrado de Laura Cruz, porém foi aplicada de forma simplificada, por se tratar de apenas duas edições.

Além disso, deve-se entender que os excertos representados por [...] da transcrição diplomática são partes que se encontram danificadas no exemplar consultado, o que impossibilitou a cópia completa dessas poucas palavras. Também, como descrito na monografia, o texto das páginas faltantes no exemplar foi reconstituído com a edição de 1889, da mesma editora.

Para simplificação do texto em nota de rodapé, e para deixar clara a intervenção, também foram adotados alguns símbolos para identificar intervenções editoriais padrão:

- —~~Tachado~~, para simples supressão de elementos;
- {Entre chaves}, para acréscimos ou substituições dentro do período;
- |Entre barras|, para atualização ortográfica da(s) palavra(s) entre barras;
- * para supressão de partes, capítulos, ou paratextos inteiros.

Junto a isso, a simples substituição de palavras ou pontuação de forma isolada levam apenas a versão lobatiana em nota correspondente ao caractere com número sobrescrito. Trocas de caixa-alta em baixa, ou vice-versa, também estão registradas nos rodapés. Há também anotações em *itálico*, para informar reconfiguração de frases nos parágrafos.

A

MORENINHA

OBRAS QUE ACHÃO EM VENDA NAS MESMAS CASAS¹

A LUNETTA MÁGICA, romance. 2v. in-8, br.. 4 \$ 000

enc. . 5 \$ 000

AS VICTIMAS ALGOES, quadros de escravidão. 2 v. br. 5 \$ 000

A NEBULOSA. 1 v. enc. 3 \$ 000

CULTO DO DEVER. 1 v. enc. 3 \$ 000

MEMORIAS DE UM SOBRINHO DO MEU TIO. 2 v. enc. 5 \$ 000

MOÇO LOURO. 2 v. enc. 5 \$ 000

O DOUS AMORES. 2 v. enc. 5 \$ 000

ROMANCES DA SEMANA. 1v. enc. 3 \$ 000

ROSA. 2 v. enc. 5 \$ 000

VICENTINA. 3ª edição. 3v. br.. 5 \$ 000

THEATRO COMPLETO. 3 v. enc. 9 \$ 000

LUXO & VAIDADE. PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias. 1 v.
in-8, br. 2 \$ 000

LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8, br. 1 \$ 800

FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8. 1 \$ 800

NOVO OTHELLO, comedia. 1 vol. in-8, br. 800

O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8, br. 1 \$ 000

NINA. 2 v., br. 4 \$ 000

enc. 5 \$ 000

AS MULHERES DE M[.]HA, romance historico. 2 v. br. 4 \$ 000

enc. 5 \$ 000

¹ *

A NAMORADEIRA. 3 v. br.. 6 \$ 000

enc. 8 \$ 000

Pariz — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RGA D' ERFURTU, 1.

A MORENINHA²

pelo

D® JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Trop occupé pour corriger,

Je vous' livre mês rêverieis.

.....

J'en fais pour me désennuyer.

GRESSET

QUINTA EDIÇÃO

<Gabte Portuguez de Leitura

Rio de Janeiro>

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B.— L. GARNIER, EDITOR

9, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO, RUA DE L'ABBAYE, 14

1872

Ficarão reservados todos os direitos de propriedade.

² * J.M. de Macedo/ A Moreninha/ EDIÇÃO CUIDADOSAMENTE EXPURGADA DE DEFEITOS/
SÃO PAULO/ 1924

NOTICIA DA MORENINHA PELO SR. ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO

(Extrahida do nº 24 da *Minerva Brasiliense*)³

O ROMANCE, essa nova fôrma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Allemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de idéas do seculo actual. He incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou asceticas, mas com frequencia dotadas de um verniz brilhante, d'hum colorido fogoso, que a improvisação enthusiasmada pela mania d'hum mundo de leitores arranca do berço horaciano onde hum novennio de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui é ali hum publico insaciavel as abraça, devora-as com avidez, deixa-as com indifferença, calca, roia na poeira e esquece para sempre.

Não foi conhecido o romance pela antiguidade; a fôrma épica centralizando n'hum só homem raios de luz dispersos, personificando n'huma figura hum seculo e annexando e fazendo entrar no Seu vasto molde a gloria efeitos de huma e mais gerações; à tragedia, medindo O alcance de huma situação, extraindo à força de genio e reflexão tudo o que ella offerece, Jevantando-se às grandes idéas religiosas, politicas e philosophicas, não podiam ser coévos do espirituoso e vivo narrador das scenas domesticas, do apreciador das qualidades parcines, da vida objectiva, dos caractéres isolados meio-comicos. O drama, e tão somente o drama, podia raiar no horizonte quasi nos fogos da aurora do romance — Shakespeare e Cervantes deviam brilhar no mesmo seculo.

O Romance he pois nascido em tempos mais recentes; e se o consideramos no pé em que está hoje, elle he genuino filho deste seculo. Sentio huma necessidade que se pronunciava; votou-se à preencher-a e fez-se huma potencia. Esposando a imprensa jornalistica tornou-se hum colosso; mas com dólo ou sem elle, ambos sc enganaram : o

jornalismo veio a ser exigente; O romance para satisfazê-lo “esenvolveu fertilidade espantosa — e o aborto .“séomeçou. Tendo de satisfazer hum gosto que se depravava elle se depravou tambem; esqueceu-se que devia fazer à educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestígio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigencia, no aposento no do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guial-o; o deslembrou-se de levar a toda parte à imagem da virtude, a consolação mitigadora, à esperança e o horror do vicio. Demais, multiplicando-se e invadindo terminos sagrados elle apregoou às mais exaggeradas pretensões; subdividiu em classes numerosas, que cada huma abrange populações inteiras; tornou-se Protco sem lembrar-se que — *La force c’est Jupiter; ce n’est pas Protce*. Ile bem de crer que meditando sériamente na sua mocidade, elle se arrependa hum pouco da quadra propicia que terá perdido. Aveliantado pelas suas devassidões, lançando os olhos para essa prole immensa de invalidas, monstruosas e cynicas rhapsodias, achará para alivio de sua dôr, aqui, alli apenas hum filho vigoroso, hum Quentin Durward, hum Werther, hum Cinq-Mars, hum Notre-Dame de Paris, e poucos outros; e quando em todos ao demais achar verificado o —*urceus exit* do Venusino, abraçando a pedra do sepulchro, cahirá exanime e tremendo da hora do juizo final da posterilade. À arte revelando-se pela bocca de huma critica posfhumana e severa, vendo surgir das catacumbas columnares de olvidados Jornaes esse numero sem fim de Quasi modos dir-lhes-ha voltando a face — *Nescio vos*.

Como quer que seja, o romance tem percorrido huma esphera de gloria na Europa; o seu imperio tornou-se exclusivo. Digamos porém, em abono da verdade, que se as lucas pretensões do romance philosophico tem mangrado em geral, o romance historico nos tem dado primores, e muitas pennas se crearam reputações continentaes neste genero, e à frente dellas Walter Scott. Em Portugal tem clle prosperado con vigor: — e naturalmente hum povo que se mergulha com saudade na recordação de suas passadas glorias; hum paiz onde varões que emularam com a fortaleza das grandes personagens da antiguidade, imprimiram na

historia quadros sublimes de dedicação e valor; onde a cavallaria, os Mouros e os Arabes deixaram vestígios indeleveis, onde huma turina de litteratos fortes nos sentimentos que dicta o amor da patria empunha agora a penna : este paiz, dizemos, não podia deixar de entrever no romance historico a fórma congenita e adaptada às idéas que nutre. Elle nos tem dado pois algumas paginas tocantes e grandiosas : elle tem sabido interpretar e revelar essas grandes acções, e temos para nós que ainda nos não deu quanto poderá darnos. O Sr. Alexandre Ilerculano he talvez o que mais se tem distinguido na série desses escriptores, e nós lhe votamos em nossa humilde intelligencia os louvores que por certo merece, mas outorgados por outra bocca. Somos demasiadamente microscopicos para ousarmos tecer-lhe encomios.

Entre nós começa o romance apenas a despontar : temos tido esboços tenues, ensaios ligeiros que já muito promettem; mas ainda ninguem imanejou, que o saibamos, o romance historico nem tão pouco o philosophico; quanto a este, porém, leve he a perda a serem tomados por modelo - os delirios da escola franceza : hum Louis Lambert, por exemplo. E com tudo o romance historico póde achar voga entre nós; tem huma actualidade que não deve desprezar. As investigações historicas a que deve proceder, quiçá trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados à historia do paiz buscam hoje elucidar; póde tornar-se de envolta moralizador e poetico, e bem cahir no preceito — *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*. Se a vida prosaica e positiva que o principio eterno da contradicção entre os gostos e as circumstancias do homem nos obriga a ir vivendo, a deixar-nos alguma vaga para recolhermos e ordenarmos algumas idéas sobre esta materia, esperamos cedo voltar ainda à questão.

Quanto ao mais, authores de merecimento, poetas distinctos se tem occupado do romance sentimental e bellas paginas hão produzido: outros generos vão sendo cultivados, e contamos cedo ver-nos indecisos no preferir em fronte de numerosos rivaes igualmente aquilatados em merito. E pois! realizem-se ao menos estas esperanças! pleitei-se hum pouco,

debelles-se a indifferença que nos géla, e as fixas córes de lium clima poetico venham collocar-se na palheta do artista!

Por ventura nossa podemos annunciar ao publico que hum novo romance acaba de sahir dos prélos. No meio da tempestade eleitoral em que o positivismo egoista sacia os olhos inda, huma voz d'harmonia ousa espraia-se. Huma vagabunda e feiticeira imaginação desdobra suas azas d'ouro e nacar nessazatmosphera carregada de vapóres. Às impressões furibundas que a orgia da politica faz retumbar de toda parte parecem querer suffocar-lhe os sons. Pensar na belleza, meditar na virtude, enthusiasinar-se no casto amor das letras, são crimes para elles. Porém almas há que inda nesta quadra não se desmentem da humanidade: a chamma sagrada arde ein silencio em muitos corações, e queira Deos breve tornada em raio não desça a exterminal-os.

O Sr. Joaquim Manoel de Macedo he felizmente hum daquelles que repelle c contacto desse germen terrivel, desse gorgulho que espedaça o fructo de tantos desvelos; e como para consolar-nos da época triste em que lidamos, elle nos outorga hum mimo, apresenta-nos a — *Moreninha* —, a viva, a espirituosa filha da sua rica fantasia, ingenua e bella, innocente e jovial. Em huma hora de enfado nos appareceu esta interessante creatura, e ao vêl-a tão risonha transpirando ainda o beijo de adeos final que nas faces lhe imprimira o author, nós a tomamos nos braços, e despin-do as rugas do semblante, lhe ouvimos as palavras de ternura, de amor € sentimento que nos murmurava no ouvido. Resta-nos agora agradecer ao author as horas de gosto que nos facultára, e em nome dos amantes das letras, o novo protesto que acaba de lançar contra a indifferença. Para comprirmos hum dever daremos ao publico huma noticia da sua engenhosa producção — e seja esta a minima recompensa da adhesão e amor que nutre pelo ideal.

Podesse ou não o author, lançando mão de huma grande verdade moral, circumdal-a de factos envolvendo-a u'huma acção qualquer e fazel-a sobresahir da luta e successio desses factos; ou inversamente, attentando hum facto e as consequencias ethiologicas nelle

englobadas, desenvolvê-las no correr d'hum plano; podesse ou não tomar huma grande figura historica, huma paixão transcendente, ou na escalla do amor hum grão de maior vulto, dedicação e nobreza, huma abnegação sublime, e tratá-la com toda a expansibilidade do talento que possue: isso nos não diz respeito, he questão fóra de ultra-critica. Devem aceitar à sua producção tal qual, collocarmo-nos no ponto de vista para que a destinára, e compararmos a idéa que possuia é a maneira porque nol-o traduziu. Tal he o nosso dever, e gostoso nos he dizer que o author desempenhou completamente o fim que se propoz.

Hum desses amores de infancia que a sympathia gera, que hum não-sei-que vigora, e que o tempo consolida; hum amor abençoado pela voz moribunda d'hum ancião, nascido e embalado com à caridade em dous tenros corações; esse amor de hum joven de treze annos e d'hum anjo de oito, fórma o centro de todo o movimento. Scenas da vida cscholastica cujo quadrar exacto com a verdade nenhum estudante negará, huma inconstancia ingualificavel, mas fundada, quadros da vida amatoria da juventude inconsiderada, episodios bem combinados, se engrupam, se harmonisam e realçam com bellica o toldo.

O romance estreia interessante; — o primeiro capitulo he d'hum acabado inquestionavel: tudo o que se passa nelle he tão natural, tão expressivo que a imaginação nol-o apresenta ainda como se viramos. O dialogo he rapido, insinuente, e cheio de vida; os caractéres bem annunciados e o contraste entre a figura molle, graciosa e romantica de Augusto e a indole positiva, secca e egoista dos seus collegas, faz hum bello effeito. Os ataques que soffre e a defeza que lhes oppõe o campeio da volubilidade, tem por vezes muita agudeza e pico. — Para nós, que desejamos no dialogo tanta energia como anciedade no enredo, he este hum dos principaes titulos do nosso author à justos louvores.

A carta de Fabricio, aprendiz sem vocação, que sahindo do seu elemento suffoca-se n'huma atmosphaera mais subtil, he cheia de pedaços comicos, e d'algumas observações cobre o character das nossas bellas que lhes devem desagradar sobremodo. Us principios cynicos do pertido estudante são detestaveis; e huma vimos nós seriamente agastada contra elle saciar

vingança ao vel-os em taes apuros. Em confidencia diremos ao author que huma senhora de muita perspicacia o accusa altamente de haver tratado com leveza a paixão predilecta-do seu sexo; de ter calumniado o coração feminino, e de ter feito tão aprazivel hum episodio que tanto as ofiende (pensa ella).

Transporlemo-nos agora ao fóco da acção, a essa ilha encantada de cuja descripção dispensou-nos o bom gosto do author: dizemos bom gosto, porque o elemento descriptivo, (pedra de toque alias do merito poctico) he hoje: tão insulsamente empregado que menos interessa do que fatiga. Aqui bem longe de traçarnos huma topographia exacta de salio, de desenrolar-nos brilhantes hypotypósis ou de espraiar-se em longas observações pathologico-moraes sobre toda a companhia, o autor define as senhoras em duas palavras, e chegando aos homens diz : — Quanto aos homens... não vale a pena. — Vamos adiante. Isto nos agrada muito e em verdade parece-nos muito melhor deixar transluzir e manifestar-se pelos factos o character de huma personagem, do que fatigar-se ao principio em descrevel-o. A synthese neste caso per-tence ao leitor, e nisto se baseia a fórmula dramatica. De mais os factos bem produzidos poupam longas preparações ao author e fazem nascer no espirito huma série de reflexões.

A Sra. D. Violante he o typo de huma classe nutfierosa entre nós, que o author sentiu e desenhou com justeza. Tão comico nos pareceu este lanço, tão fulminador o contraste em que o inisero Augusto se vê a respeito de seus collegas, a tal impertinencia da bruxa que o persegue, etão bem cabida a escapulla e vingança obtida pelo diagnostico tremendo do estudante, que não podemos suster por muito tempo o riso. À nobreza com que Augusto declina de si o papel odioso de que Fabricio o busca incumbir, lhe attrahe hum duello curioso; a mesa he o campo de batalha em que os dois campeões vão pugnar, e a interessante Moreninha que apenas deixou-se entrever deve apparecer em toda a luz.

Travessa como o filho de Erycina, voluvel como o beija-flor, inquieta como a borboleta, innocente como hum anjo, ella he romanticamente bella. Iluma viveza graciosa, huma

agitação continua, huma sagacidade e tino talvez sobremaneira em tal idade, mas à par de tudo hum fundo de bondade, de simpleza e ternura, taes são alguns dos attributos dessa linda criação. Porém que terrivel talento na satyra?! Que malicia, que ironia, que promptidão de respostas?! Como desmascâra, como fere, como retalha?! Que gettas de fôgo não crava ella aqui na sonsa D. Quinquina, alh na vaidosa D. Clementina, e mais longe no desastrado Fabricio?! A luta dos estudantes não nos foi tão saborosa como os remoques satyricos da Moreninha. Este character tem para nós bastante originalidade e rivalisa com muitas figuras traçadas por grandes pinceis.

A conversação de Augusto com a Sra. D. Anna vem lançar os primeiros clarões sobre o fio da historia. Mas (pela simplicidade do enredo) assim como facilmente previmos no principio o que veio a realisar-se na scena do jantar, assim bem se antevê quem seja a bella menina que Augusto commemora com tanta saudade e ternura. Entendamo-nos: não fazemos disto motivo de censura se não louvamos o author por nos ter poupado a hum labyrintho de factos. Simples ou não seu plano foi bem executado, o que já he não pouco merito. Com franqueza o dizemos, — o trecho seguinte fez-nos tal impressão que successivamente o lemos por mais de tres vezes.

Quandoa formosa menina, que Augusto observava, lança-se à concha porque suspirava; escorrega na arêia, cahe e vendo nova onda correr a ella, volta-se e atira-se nos braços de Augusto, o author exprime-se assim:

« — Ah!... eu hia morrer afogada!

Depois vendo-se com o vestido cheio de arêia começou a rir-se muito, sacudindo-o e dizendo ao mesmo tempo :

— Eu cahi! eu cahi!...

E como se não bastasse essa passagem rapida do susto para o prazer, ella olhou de novo para o mar e tornando-se levemente melancolica, balbuciou com voz pesarosa apontando para a concha:

— Mas... a minha concha!...»

Que verdade, que harmonia, que graça em tão poucas palavras! A sympathia desses dous meninos he maravilhosa, mas o sentimento que vem reforçal-a, a scena dolorosa de que são testemunhas, essa mão carilativa que estendem sobre a indigencia, essa benção que os cobre, tudo he pathetico. Paragraphos ha neste episodio em que o author quasi attinge o sublime. Verdade seja que nos contentariamos só com a benção prophetica do misicro ancião; que a idéa do consorcio dessas duas almas puras, por si só, como que inspirada, fazia mais effeito que os dous breves. O entusiasmo esfria com isso e tudo parece manar d'um delirio : o author o declara; mas vindo a cumprir-se, nós a quizeramos assim.

As lagrimas de amor — são para nós o mais bello episodio do romance. Ahy, formosa e joven Tamoya, louca de amores por hum joven caçador que frequenta em suas excursões a ilha em que ella habita, Ahy deixou-nos n'alma impressões suaves. O cruel mancebo vem dar todos os dias huma punhalada nesse coração abrasado. Indifferente à belleza d'hum rosto dourado pelo sol, cheio de fôgo e vida; insensivel às graças de huma flor desabrochada apenas, ingrato a huma ternura que o segue em toda a parte; paixão, serviços, lagrimas, nada amolda o coração do barbaro. Ahy pena e suspira, Ahy canta (e como he bello esse canto!) Ahy ameiga a rocha em que se collocava para ver o seu amante; vence-a com a sua voz d'harmonia, traspasa-a com as lagrimas de dôr. Emfim o ingrato adormece na gruta: duas lagrimas cahem-lhe nos olhos, e depois já vencido elle exclama — Linda moça! — Outras duas lhe tocam os ouvidos — Voz sonora! — clama elle. — Finalmente sentindo no coração o baque de outras quas — Sinto amar-te — diz, e são felizes.

Em quanto o joven Augusto se embebece neste engenhoso conto com a Sra. D. Anna, à travessa Moreninha os escuta e por tres vezes tem sido sentida por Augusto. Ella se escapa sempre; e tres bellos hicroglvphicos se apresentam ao mancebo, Fallando sobre a jinda menina e as reciprocas promessas, elle divisa a Moreninha reclinada sobre à estatua da esperanza ; trata da sua inconstancia, ella persegue humá borboleta; narra-se a aventura de

Ahy, ella galga o rochedo e já de cima repete a ballada que Ahy cantava em sua dôr, e que começa assim :

Eu tenho quinze annos
E sou morena e linda:
Mas amo e não me amam,
E tenho amor ainda
E por tão triste amar
Aqui venho chorar.

O riso de meus labios
Ha muito que murchou;
Aquelle que eu adoro
Ah! foi quem o matou,
Ao riso que morreu Do
O pranto succedeu.

O fogo de meus olhos
Dc todo se acabou;
Aquelle que eu adoro
Ah! foi que o apagou ;'
Onde houve fogo tanto
Agora corre o pranto.

Furtamo-nos ao gosto de reproduzir por inteiro esta primorosa pagina de poesia onde brilha hum sentimento e colorido delicioso, para não anteciparmos o gosto que o leitor terá lendo-a em seu lugar.

Porém... levados pelo prazer de admirar temos abusado hum pouco da permissão que se nos outorga. Longo vai este artigo, e, o que mais he, despido de interesse. Que diremos ainda ao leitor? — O romance prosegue e vòa ao fim com rapidez, tudo se liga e se esclarece. Na scena do jardim a desapiedada Moreninha vibra ainda a sua arma favorita: Augusto, victima de huma de suas travessuras, vê-se pouco depois em critica posição. À passagem a que nos referimos, (hum pouco romanesca) faz rir por certo, é levada mais longe faria fechar olivro a muita gente; felizmente he cosrctada, mas parece hum tanto livre.

Fazem-se notaveis ainda (huma pela graça, outra pelo; sentimentalismo) a conferencia dos quatro escolasticos e a o scena do pediluvio sentimental. O author dispara algumas settas contra os charlatães e curandeiros que muito nos agradáram. O resto do romance corre a mesma esteira e por toda a parte ha muito que louvar, sobre tudo o character de D. Gabriella. Entre tanto parece-nos extrema a condescendencia das 'tres jovens que huma a huma se deixam confundir por Augusto, depois da derrota da sua companheira. A hora deste *rendez-vous* e o tom da sociedade entre nós tornam pouco verosimil tal passagem — Vá feito— Le vra peut quelquefois n être pas vraisemblable. — Recapitulemos. — A Moreninha, producção que em verdade honra à seu author, he huma aurora que nos promette hum bello dia, huma flor que desabrocha radiosa donde vingarão pomos saborosos; huma esperança com todos os laivos de certeza. O desenho he simples e regular; não se vê perplexo o espirito, nem se agita com anciedade pelo exito; as explicações fazem-se pouco esperar. O disforme, o horroroso são alheios ao plano; a ausencia de grandes paixões, de rasgos sublimes parece derivar-se da linha estricta que o author se traçãra, não dando ao seu romance huma côr philosophica. Toques sombrios, posições arriscadas não derramam nelle o terror: reinam em toda a parte jovialidade, abandono e harmonia.

O estilo he fino, ironico e singelo — Ordem, luz, graça e ligação o tornam de buma transparencia crystallina, dão-lhe hum polido, huma lisúra nunca desmentidos. Porém do meio desta serenidade, deste négligé escapam-se faiscas brilhantes. Respostas energicas, ditos

agudos, imagens vivas matizam-lhe a contestura. O colorido he por vezes ardente, e quasi sempre animado, proprio e gracioso. Mas feriu-nos sobretudo, a profundez de observação que por aqui por ali se nota, à finura de tacto na apreciação dos costumes, e o particular e frisante da cor. O author retrata bem o seu paiz no que descreve — sabe ver, sabe exprimir. Tudo se diz de passagem, rapidamente ; tudo se pinta n'hum traço; — nada ha de carregado.

Le style c'est l'homme, dice Buffon; e na verdade se as idéas constituem o fundo do estylo, se a sua ligação e clareza decidem da essencialidade delle, e se o moral e o intellectual do homem são o que as idéas o fazem ser, o homem deve retratar-se no estylo. Vê-se que huma facilidade, huma simpleza, hum não-sei-que de franco, de interessante, de desempeido, são os dotes principacs do estylo em que he manejada a *Moreninha*; e tal julgamos nós ser o character do author. Longe a affecção, os campanudos vocabulos, longe o umaneirado archaismo e o assustador neologismo. — Linguagem casta e sévera, acção viva e seguida, rigida moral, cor appropriada — eis o que nos cumpre.

Poderíamos agora lembrar ao author hum ou outro pequeno defeito, algum traço pouco firme, alguma leve antilogia, huma ou outra expressão menos feliz : — mas com que fim? Não será elle com a modestia e bom senso que lhe conhecemos, o primeiro a censural-os? *Deixemos áquelles que tem olhos de prisma que ludo decompoem* o gosto pedantesco de se encarniçarem nessas bagatellas. — Toda a luz tem sombras, todo o character defeitos, toda obra incorrecções. — O physico, o moral eo intellectual resentem-se igualmente da contingencia mundana. Não somos partidarios dessa critica esmiuçadora, que alguem já chamou.— maledicencia. À grande critica das bellezas, tal qual diz o author dos Martyres, he essa a que nos importa. Tudo o que he diminuto e acanhado lhe escapa: o silencio, e a indifferença eis o seu juizo em casos taes ; e assim pensamos nós. Fórma-se muito melhor o gosto dizendo-se —Faze como isto, do que — Nao faças como aquillo — A educação moral levará a misanthropia e suicidio, se em vez de apresentar-nos o quadro edificante da virtude nos mostrasse o pavoroso aspecto do crime. O bello e o bom teem por si sós bastante força

para attrahir as almas bem formadas, sem que mister seja o desgosto e horror pelo disforme e pelo mau para determiná-las a isso.

Pedimos agora ao nosso collega e amigo depois de tão bem fadado ensejo algumas paginas em prol da verdade. Lance ainda o seu pincel novas cores sobre a tela, e venha algum lenitivo a tantas intelligencias magoadas pelo materialismo, torpeza e libertinagem que transudam quasi todos os romances modernos : — venha hum alimento para alguns homens obscuros que vivem de meditação e de esperança, que se nutrem do ideal sentimento, que ainda vem com a fé, que ainda vivem pela humanidade, que ainda marcham para Deus.

Taes são as reflexões que nos tem suggerido a leitura da interessante *Moreninha*, livro que nos ministrou suave passatempo, livro a que o publico tem feito justiça, e de que seu author deve dar-se os parabens. — Conscios da nossa fraqueza, e do melindroso desta tarefa nós nos submettemos .com docilidade ao criterio da redacção da MINERVA BRASILIENSE e à imparcialidade do author.

DUAS PALAVRAS⁴

Eis ahi vão algumas paginas escriptas, ás quaes me atrevi a dar o nome de — ROMANCE— Não foi elle movido por nenhuma dessas tres poderosas inspirações , que tantas vezes soem aparar as pennas dos authores : — gloria, amor, e interesse : — deste ultimo estou eu bem a coberto com meus vinte e tres annos de idade ; que não é na juventude que póde elle dirigir o homem: a gloria, só se andasse ella cahida de suas alturas, rojando-as azas quebradas, me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhal-a : a respeito do amor não fallemos; pois, se me estivesse o buisçoso a fazer cocegas no coração, bem sabia eu que mais proveitoso me seria gastar meia duzia de semanas aprendendo n'uma sala de dança, do que velar trinta noites garatujando o que por ahi vai. Este pequeno romance deve sua existencia sómente aos dias de desenfado e folga, que passei no bello Itaborahi, durante as férias do anno passado. Longe do holicio da Corte, e quasi em ocio, 2 minha imaginação assentou lá comsigo que bom enscojo era esse de fazer travessuras, e em resultado d'ellas sahio — a Moreninha. —

Dir-me-hão que o ser a minha imaginação traquinas não é um motivo plausivel para vir eu maçar a paciencia dos leitores com uma composição balda de merecimento, e cheia de irregularidades e defeitos; mas o que querem? Quem escreve olhaa sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe queo pai acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem áito concluir-se-ha que a Moreninha é minha filha: exactamente assim penso eu. Póde ser que me accusem por não tel -a conservado debaixo de minhas vistas por mais tempo, para corrigir suas imperfeições: esse era o meu primeiro intento: a Moreninha não é a unica filha que possuo; tem tres irmãos, que pretendo educar com esmero; o mesmo faria a ella; poém esta menina sahio tão travessa, tão impertinente, que não pude mais soffrel-

a no seu berço de carteira, e para ver-me livre d'ella venho deposital-a nas mãos do Publico, de cuja benignidade e paciencia tenho ouvido grandes elogios.

Eu pois conto que, não esquecendo a fama antiga, o Publico a receba, e lhe perdôe seus senões, mãos modos, e leviandades. É uma criança, que terá, quando muito, seis mezes de idade; merece a compaixão que por ella imploro: mas, se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenhão da ignorancia do pai, rogo que não os deixem passar por alto, accusem-os; que d'ahi tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãosinhos, que a Moreninha tem cá.

E tu, filha minha, vai com a benção paterna, e queira o Céu que ditosa sejas: nem por seres traquinas te estimo menos: e como prova vou em despedida dar-te um precioso conselho: — Recebe, filha, com gratidão a critica do homem instruido; não chores, se com a unha marcarem o lugar cm que tiveres mais notavel senão; e quando te dicerem que por este erro ou aquela falta não és bôa menina, jamais te arreples, antes agradece, e anima-te sempre com às palavras do velho poeta :

« Deixa-te reprehender de quem bem te ama,

« Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te. »

A MORENINHA⁵

I

APOSTA IMPRUDENTE

— Bravo! exclamou Fellippe⁶ entrando, e despiando a casaca, que pendurou em um cabide velho; bravo !... interessante scena! mas certo que deshonrosa fóra para casa de um estudante de medicina, e já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo : O habito não faz o monge.⁷

— Temos discurso !...atenção !... ordem!... gritarão a um tempo trez vozes.⁸

— Cousa celebre!⁹ accrescentou Leopoldo, Fellippe sempre se torna orador depois de¹⁰ jantar.

— E dá-lhe para fazer epigrammas,¹¹ disse Fabricio.

— Naturalmente, acudiu Leopoldo, que,¹² por¹³ dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente:¹⁴ Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os medicos.

⁵ A MORENINHA

⁶ Bravo! exclamou [Fellippe] {,} entrando ;

⁷ Bravo!... Interessante scena! Mas certo que deshonrosa [fôra] para casa de um estudante de medicina ; e já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo : O habito não faz o monge.

⁸ — Temos discurso! ... Attenção! { ... Attenção! } ... Ordem! ... gritaram a um tempo [tres] vozes.

⁹ ,

¹⁰ do

¹¹ ...

¹² que,

¹³ por como

¹⁴ ;

— *C'est trop fort!* bocejou Augusto¹⁵ espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quizerem, continuou Fellippe¹⁶ pondo-se em habitos menores; mas¹⁷ por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede¹⁸ apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomatica, vestido com esmero e alinhado, porém tendo a cabeça;¹⁹ encapuzada²⁰ com a vermelha e velha carapuça de²¹ Leopoldo; este alli o escondido dentro de seu robe de chambre côr de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada, que, para não cahir com ella, põe em acção todas as leis de equilibrio, que estudou em Pouillet;²² acolá enfim, meu romantico Augusto²³ em ceroulas, com as fraldas à²⁴ mostra, estirado em um canapé em tão bom uso²⁵, que ainda agora mesmo fez com²⁶ que Leopoldo se lembrasse de Bocage,²⁷ i Oh!... VV. SS.^{as} tomão café ?!... Alli senhor descança à chicara azul em um pires de porcelana...²⁸ aquelle tem uma chávana com bellos lavôres²⁹ dourados, mas o pires é côr de rosa... aquelle outro nem porcelana³⁰, nem lavôres³¹, nem côr azul ou de roza, nem chicara³².... nem pires...;³³ aquillo é uma tigella num prato...

¹⁵ {,}

¹⁶ |Felippe|{,}

¹⁷ {,}

¹⁸ permite

¹⁹ ÷

²⁰ |encapuçada|

²¹ do

²² este |ali| e escondido dentro de seu *robe-de-chambre* côr de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada, que, para não cahir com ella, {o faz} põe pôr em acção todas as leis de equilibrio; que estudou em Pouillet;

²³ {,}

²⁴ á

²⁵ estado

²⁶ ~~como~~

²⁷ .

²⁸ Oh!... vv. ss.as tomão café ?!... |Ali| {o} senhor descança à a chicara azul em um pires de |porcellana|...

²⁹ |lavoires|

³⁰ |porcellana|

³¹ |lavoires|

³² {s}

³³ ÷

— Carraspana! ... carraspana! ... gritarão os tres.³⁴

— Oh³⁵ moleque! proseguio Fellippe³⁶ voltando-se para o corredor,³⁷ traze-me café, ainda que seja no pucaro em que o côas; pois creio que, a não ser a falta de louça, já teu senhor m'o tera³⁸ offerecido.

— Carraspana! ... carraspana! ...³⁹

— Sim, continuou elle, eu vejo que vocês...

— Carraspanal... carraspana! ...⁴⁰

— Não sei de nós quem mostra...⁴¹

— Carraspana!...carraspana...⁴²

Seguirão-se⁴³ alguns momentos de silencio: ficarão⁴⁴ os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogão⁴⁵ o siso. Fellippe⁴⁶ não falava, por conhecer o proposito em que estavam⁴⁷ os tres de lhe não deixar concluir uma só proposição; e estes, porque esperavão⁴⁸ vel-o abrir a boca⁴⁹ para gritar-lhe : carraspana!⁵⁰

Emfim, foi ainda Fellippe⁵¹ o primeiro que fallou,⁵² exclamando de repente:

— Paz! Paz! ...

— Ah! já?...⁵³ disse Leopoldo, que era o mais influido.

³⁴ — Carraspana! Carraspana! gritaram os tres.

³⁵ O'

³⁶ ||Felippe|{,}

³⁷ ;

³⁸ teria

³⁹ — Carraspana! Carraspana!...

⁴⁰ — Carraspana! Carraspana!...

⁴¹ — Não sei de nós quem {se} mostra {mais}... {mais...}

⁴² — Carraspana! Carraspana!...

⁴³ Seguiram-se

⁴⁴ ficaram

⁴⁵ jogam

⁴⁶ ||Felippe|

⁴⁷ estavam

⁴⁸ esperavam

⁴⁹ |bocca|

⁵⁰ Carraspana! {...}

⁵¹ |Felippe|

⁵² ;

⁵³ — Ah! Já?...

— Fellippe é como o galego⁵⁴, disse um outro; perderia tudo para não guardar silencio uma hora.

— Está bem,⁵⁵ o passado, passado:⁵⁶ protesto não fallar⁵⁷ mais nunca .na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça de Leopoldo...Estão no caso...⁵⁸

— Em?⁵⁹... olha a carraspana...

— Basta:⁶⁰ vamos à negocio mais sério⁶¹. Onde vão vocês passar o dia de S. Anna? ...⁶²

— Porque⁶³ ?... temos patuscada ?... acudio! Leopoldo.

— Minha avó⁶⁴ chama-se Anna.⁶⁵

— Ergo? ...⁶⁶

— Estou habilitado para convidal-os a vir passar a vespera e dia de S. Anna comnosco na. ilha de...⁶⁷

— Eu vou, disse promptamente Leopoldo.

— E dous,⁶⁸ acudio logo Fabricio.

Augusto só⁶⁹ guardou silencio.

— E tu, Augusto? ...⁷⁰ perguntou Fellippe⁷¹.

— Eu?... eu⁷² não conheço tua avó.⁷³

⁵⁴ — |Felippe| é como o |gallego|,

⁵⁵ ;

⁵⁶ ;

⁵⁷ |falar|

⁵⁸ nunca mais na carapuça, nem nas cadeiras, ~~nem no canapé~~, nem na louça de Leopoldo...Estão no caso...{sim...}

⁵⁹ Hein?

⁶⁰ !

⁶¹ Vamos à a negocio mais serio.

⁶² Sant' Anna?

⁶³ Por que

⁶⁴ avô

⁶⁵ ...

⁶⁶ — Ergo...

⁶⁷ — {...} estou habilitado para convidal-os a virem passar a vespera e {o} dia de Sant'. Anna comnosco na. ilha de---{Paquetá.}

⁶⁸ Dois!

⁶⁹ só

⁷⁰ ...

⁷¹ |Felippe|

— Ora⁷⁴ sou⁷⁵ seu criado;⁷⁶ tambem⁷⁷ eu não a conheço, disse Fabricio.

— Neme eu, accrescentou Leopoldo.

— Não conhecem a avó;⁷⁸ mas conhecem o neto, disse Fellippe⁷⁹.

— E⁸⁰ demais, tornou Fabricio, palavra de honra, que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.⁸¹

— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.⁸²

— Sim? ... que⁸³ idade tem?

— Sessenta annos.

— Está fresquinha ainda Ora...⁸⁴ se um de nós a enfeitiça e sé faz avô de Fellippe!...

— E ella que⁸⁵ possui talvez seus duzentos mil cruzados, não é assim, Fellippe⁸⁶? ... Olha, se é assim, e⁸⁷ tua avó se lembrasse de querer⁸⁸ casar comigo⁸⁹, disse Fabricio, juro que mais depressadara daria o meu « Recebo a vós »⁹⁰ aos cobres da velha, do quea⁹¹ qualquer das nossas « toma-larguras »⁹² da moda.⁹³

⁷² Eu

⁷³ ...

⁷⁴ {,}

⁷⁵ {um}

⁷⁶ !

⁷⁷ Tambem

⁷⁸ ,

⁷⁹ concluiu |Felippe|

⁸⁰ {,}

⁸¹ ...

⁸² !

⁸³ Que

⁸⁴ ... Ora ... Imaginem

⁸⁵ que

⁸⁶ |Felippe|

⁸⁷ Olha se é assim, {se}

⁸⁸ ~~querer~~

⁸⁹ |commigo|

⁹⁰ “recebo a vós”

⁹¹ que a

⁹² “toma-larguras”

⁹³ !...

— Por quem são, deixem minha avó,⁹⁴ e tratemos da patuscada. Então tu vás, Augusto?⁹⁵

— Não.⁹⁶

— É uma bonita ilha.⁹⁷

— Não duvido.⁹⁸

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa, mas bem escolhida.

— Melhor para vocês.

— No domingo⁹⁹ à noite teremos um¹⁰⁰ baile.

— Estimo que se divirtão¹⁰¹

— Minhas primas vão.

— Não as conheço.

— São bonitas.

— Que me importa? ... Deixem-me.¹⁰² Vocês sabem o meu fraco, e cahem-me logo com elle: moças !... moças!... Confesso que . dou o caváco¹⁰³ por ellas; mas as moças me tem posto velho.¹⁰⁴

— É porque¹⁰⁵ elle não conhece tuas primas,¹⁰⁶ disse Fabrico.

— Ora¹⁰⁷ ... o que¹⁰⁸ poderão ser senão demoninhas, como são¹⁰⁹ todas as outras moças bonitas?

⁹⁴ ; em paz

⁹⁵ Vaes então, Augusto?

⁹⁶ !

⁹⁷ ...

⁹⁸ — Acredito.

⁹⁹ — ~~No~~ Domingo

¹⁰⁰ ~~um~~

¹⁰¹ divirtam.

¹⁰² !

¹⁰³ |cavaco|

¹⁰⁴ ...

¹⁰⁵ que

¹⁰⁶ !

¹⁰⁷ {!}

¹⁰⁸ ~~e~~-Que

¹⁰⁹ ~~são~~

— Então tuas primas são gentis?...¹¹⁰ perguntou Leopoldo a Fellippe.

— A mais velha, respondeu este, tem dezesete annos, chama-se Joanna, tem cabellos negros, bellos olhos da mesma côr, e é pallida.¹¹¹

— Em ?¹¹²... exclamou Augusto, pondo-se de um¹¹³ pulo duas braças longe do canapé onde estava deitado : então¹¹⁴ ella é pallida?...¹¹⁵

— A mais moça tem um anno de menos: loura, de olhos azues, faces côr de rosa...¹¹⁵ seio de alabastro... dentes...

— Como se chama?

—¹¹⁶ Joaquina.

— Ai meos¹¹⁷ peccados !... disse¹¹⁸ Augusto.

— Vejão¹¹⁹ como Augusto¹²⁰ já está enternecido...

— Mas, Fellippe¹²¹, tu já me disseste que tinhas uma irmã.¹²²

— Sim..¹²³ é¹²⁴ uma moreninha de quatorze annos.

— Moreninha!¹²⁵ diabo!¹²⁶... exclamou outra vez Augusto, dando novo pulo.

— Está sabido...¹²⁷ Augusto não relaxa¹²⁸ a patuscada.

¹¹⁰ — Então são gentis tuas primas?...

¹¹¹ — A mais velha, respondeu este, tem dezesete annos, { respondeu este, } chama-se Joanna, tem cabellos negros, bellos olhos da mesma côr, e é pallida...

¹¹² Hein?

¹¹³ um

¹¹⁴ . Então

¹¹⁵ ,

¹¹⁶ —

¹¹⁷ — Ai, |meus|

¹¹⁸ exclamou

¹¹⁹ Vejam

¹²⁰ Augusto

¹²¹ |Fellippe|

¹²² ...

¹²³ ,

¹²⁴ é

¹²⁵ ?

¹²⁶ Diabo!

¹²⁷ .

¹²⁸ relaxava

— É que este anno já tenho pagodeado meo¹²⁹ *quantum satis*; e, assim como vocês, também,¹³⁰ eu quero andar em dia com alguns senhores com quem nos é muito preciso¹³¹ estar¹³² de contas justas no mez de novembro.¹³³

— Mas a pallida? ... a loura? ... a moreninha? ...¹³⁴

— Que interessante terceto! exclamou com tom theatral Augusto ; que¹³⁵ collecção de bellos typos! ... uma¹³⁶ joven¹³⁷ de dezesete annos, pallida... romantica, e portanto sublime; uma outra loura... de olhos azues... faces côm derosa¹³⁸... e... não...¹³⁹ sei que¹⁴⁰ mais; enfim, classica,¹⁴¹ e por isso bella. —¹⁴² Por ultimo, uma terceira de quatorze annos... moreninha, que, ou seja¹⁴³ romantica ou classica, prosaica ou poetica, ingenua ou mysteriosa, ha-de¹⁴⁴ por força ser interessante, travessa e engraçada ; e¹⁴⁵ por consequencia¹⁴⁶ qualquer das tres, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma petéca, de meo¹⁴⁷ coração pelorra¹⁴⁸ !... —¹⁴⁹ Está tratado... não há¹⁵⁰ remedio... Fellippe, vou visitar tua avó.¹⁵¹ Sim, é melhor passar os dous¹⁵² dias estudando alegremente nesses tres interessantes volumes da grande obra da natureza, do que gastar as horas¹⁵³, por exemplo, sobre um¹⁵⁴

¹²⁹ |meu|

¹³⁰ ,

¹³¹ precioso

¹³² andar

¹³³ ...

¹³⁴ — Mas a pallida? ---A loura? ---A moreninha? ...

¹³⁵ . Que

¹³⁶ Uma

¹³⁷ |jovem|

¹³⁸ de rosa

¹³⁹ ---

¹⁴⁰ quê

¹⁴¹ classica, enfim,

¹⁴² —

¹⁴³ seja

¹⁴⁴ ha de

¹⁴⁵ {,}

¹⁴⁶ {,}

¹⁴⁷ |meu|

¹⁴⁸ pitorra

¹⁴⁹ —

¹⁵⁰ ha

¹⁵¹ |Felippe|: vou visitar sua avó!

¹⁵² os |dois|

¹⁵³ do que gastar horas,

¹⁵⁴ sobre um {no}

celebre Velpeau, que só elle¹⁵⁵ faz por sua conta e risco mais citações em cada pagina do que todos os meirinhos reunidos fizerão, fazem e hão de fazer pelo mundo¹⁵⁶.

— Bella consequencia! É raciocinio o teu que faria inveja a um caloiro,¹⁵⁷ disse Fabricio.

— Bem raciocinado... não tem duvida,¹⁵⁸ acudio Fellippe; então¹⁵⁹ conto comtigo, Augusto.¹⁶⁰

— Dou-te palavra... e mesmo porque eu devo visitar tua avó.¹⁶¹

— Sim... já sei... isso dirás tu a ella.¹⁶²

— Mas vocês não tem¹⁶³ reparado que Fabricio tornou-se amuado¹⁶⁴ e ¹⁶⁵pensativo, desde que se fallou¹⁶⁶ nas primas de Fellippe?...

— Disserão¹⁶⁷ -me que elle anda enrabixado¹⁶⁸ com¹⁶⁹ minha prima Joanninha.

— A pallida?... pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé de alfêres com a loura.¹⁷⁰

— E tu, Augusto, quererás por ventura requestar minha irmã?...

— É possível.

— E de qual gostarás mais, da pallida, da loura ou da moreninha? ...

¹⁵⁵ só elle

¹⁵⁶ faz por sua conta e risco mais citações em cada pagina {mais citações} do que todos os meirinhos reunidos {o} fizeram, fazem e hão de fazer pelo mundo

¹⁵⁷ ...

¹⁵⁸ — Bem dicto, não tem dúvida!

¹⁵⁹ |Felippe|. Então

¹⁶⁰ ?

¹⁶¹ ...

¹⁶² — Sim, já sei, isso o dirás tu a ella...

¹⁶³ têm

¹⁶⁴ tornou-se amuado amuou

¹⁶⁵ {está}

¹⁶⁶ se fallou falámos

¹⁶⁷ — Diserram

¹⁶⁸ cahido

¹⁶⁹ pela

¹⁷⁰ Pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé de alfêres com a looura.

— Creio que gostarei¹⁷¹ principalmente¹⁷² de todas.¹⁷³

— Eil-o ahi com sua mania.¹⁷⁴

— Augusto é incorrigivel.¹⁷⁵

— Não; é romantico.¹⁷⁶

— Nem uma cousa nem outra;¹⁷⁷ é um grandissimo velhaco.¹⁷⁸

— Não diz o que sente.¹⁷⁹

— Não sente o que diz.¹⁸⁰

— Faz mais do que isso, pois diz o que não sente.

— O que quizerem; serei incorrigivel, romantico ou velhaco;¹⁸¹ não digo o que sinto, não sinto o que digo,¹⁸² ou mesmo digo o que não sinto:¹⁸³ sou emfim mão e perigoso, e vocês Innocentes e anjinhos.¹⁸⁴ Todavia, eu¹⁸⁵ a ninguem escondo os sentimentos que ainda ha pouco mostrei: em toda a parte confesso que sou voluvel, inconstante e incapaz de amar tres dias um mesmo objecto;¹⁸⁶ verdade¹⁸⁷ seja que nada ha¹⁸⁸ mais facil do que me ouvirem um « Eu vos amo »;¹⁸⁹ » mas¹⁹⁰ tambem¹⁹¹ nenhuma pedí ainda que me dêsse fé; pelo contrario, digo a todas o¹⁹² como sou; e se, apesar de tal, sua vaidade é tanta que se supponhão inesqueciveis,

171 {,}

172 {,}

173 ...

174 !

175 — incorrigivel o Augusto!

176 !

177 :

178 !

179 ...

180 ...

181 ,

182 ,

183 ;

184 sou {,} enfim {,} |máu| e perigoso, e |vocês| innocentes e anjinhos.

185 eu

186 .

187 Verdade

188 ha

189 « Eu vos amo; Amo-te! »

190 Mas

191 {a}

192 e

a culpa certo que não é minha,¹⁹³ Eis o que faço; e vós, meus caros amigos, que blasonais¹⁹⁴ de firmeza de rochedo, vós jurais amor eterno cem vezes por anno à¹⁹⁵ cem diversas bellezas¹⁹⁶... vós¹⁹⁷ sois tanto ou ainda¹⁹⁸ mais inconstantes que eu ; mas entre nós ha sempre uma grande differença :—¹⁹⁹ vós enganais,²⁰⁰ e eu desengano ; eu digo a verdade ;²⁰¹ e vós, meus senhores, mentis...

— Está romantico !... está romantico !... exclamarão os tres rindo às gargalhadas.²⁰²

— A alma que Deos me deu, continuou Augusto, é sensivel de mais²⁰³ para reter por muito tempo uma mesma impressão. Sou inconstante,²⁰⁴ mas sou feliz na minha inconstancia, porque, apaixonando-me tantas vezes, não chego nunca a amar uma²⁰⁵ vez.²⁰⁶

— Oh!... oh!... que horror!... que horror!²⁰⁷

— Sim! esse²⁰⁸ sentimento que voto às vezes²⁰⁹ a dez jovens n'um²¹⁰ só dia, às vezes n'uma²¹¹ mesma hora, não é amor²¹² certamente. Por minha vida, interessantes senhores, meus pensamentos nunca têm dama;²¹³ porque sempre têm damas;²¹⁴ eu²¹⁵ nunca amei... eu não amo ainda... eu não amarei jamais.

— Ah!...ah!...ah!...e como elle diz aquillo!²¹⁶

¹⁹³ e |si|, apesar de tal disso, ~~sua~~ a vaidade {dellas} é tanta que se suppõe inesqueciveis, a culpa certo que não é minha.

¹⁹⁴ |blasonaes|

¹⁹⁵ a

¹⁹⁶ {!}

¹⁹⁷ Vós

¹⁹⁸ ainda

¹⁹⁹ —

²⁰⁰ |enganaes| ;

²⁰¹ ;

²⁰² — {Como} está romantico!... ~~está romantico !...~~ exclamarão os tres {,} rindo às gargalhadas.

²⁰³ |demais|

²⁰⁴ ;

²⁰⁵ {só}

²⁰⁶ ...

²⁰⁷ — Oh!... oh!... que horror!... que horror!

²⁰⁸ Esse

²⁰⁹ às vezes

²¹⁰ |num|

²¹¹ |numa|

²¹² {,}

²¹³ {s}!

²¹⁴ porque sempre têm damas;

²¹⁵ Eu

²¹⁶ — Ah!...ah!...ah!...e Oh! como elle diz aquillo! {...}

— Ou, se²¹⁷ querem, precisarei melhor o meo²¹⁸ programma sentimental, lá vai:²¹⁹

Affirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se occupou, não se occupa, nem se ha-
²²⁰de occupar de uma mesma moça²²¹ quinze dias.

— E eu affirmo:²²² que segunda feira²²³ voltarás da ilha de...²²⁴ loucamente apaixonado
de alguma de minhas primas.²²⁵

— Pode bem succeder que de ambas.

— E quetodo resto do anno lectivo passarás pela rua de... duas e tres vezes por dia,
sómente com o fim de vêl-a.

— Assevero que não.

— Assevero que sim.

— Quem?... eu?... eu mesmo²²⁶ passar duas e tres vezes por dia por uma só²²⁷ rua por
causa de uma²²⁸ moça?... e para que?...²²⁹ para²³⁰ vêl-a lançar-me olhos de ternura, ou sorrir-
se brandamente:²³¹ quando eu para ella²³² olhar,²³³ e depois fázer-me²³⁴ carêtas ao lhe dar as
costas?... para²³⁵ que ella²³⁶ chame as visinhas²³⁷ que lhe devem ajudar a chamar-me²³⁸
tolo²³⁹, pateta, basbaque e namorador?...²⁴⁰ Não, minhas bellas senhoras da moda! eu²⁴¹ vos

²¹⁷ |si|

²¹⁸ |meu|

²¹⁹ ~~lá vai:~~

²²⁰ há de

²²¹ {durante}

²²² ÷

²²³ |segunda-feira|

²²⁴ ilha do Paquetá

²²⁵ ...

²²⁶ — Quem?... Eu?... Eu ~~mesmo~~

²²⁷ ~~só~~

²²⁸ {certa}

²²⁹ ~~e para que?...~~

²³⁰ Para

²³¹ ÷

²³² ~~para ella~~

²³³ ,

²³⁴ |fazer-me|

²³⁵ Para

²³⁶ ~~ella~~

²³⁷ |vizinhas|

²³⁸ ~~que lhe devem ajudar a chamar-me~~ {para verem o}

²³⁹ |tôlo|

²⁴⁰ , {o} pateta, {o} basbaque, e {o} namorador?...

²⁴¹ Eu

conheço :²⁴² amante²⁴³ apaixonado quando vos vejo,²⁴⁴ esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos²⁴⁵. Fôra disto, só queimarei o incenso da ironia no altar de vossa vaidade; fingirei obedecer a vossos caprichos,²⁴⁶ e sómente zombarei d'elles²⁴⁷. Ah!...²⁴⁸ muitas²⁴⁹ vezes alguma de vós, quando me ouve dizer : « Sois encantadora, »²⁵⁰ está dizendo comsigo : « Elle 'me adora, »²⁵¹ enquanto eu digo tambem comigo : « Que vaidosa! »²⁵²

— Que vaidoso!...²⁵³ te digo eu,²⁵⁴ exclamou Fellippe²⁵⁵.

— Ora esta não é má!... Então vocês querem governar o meu coração?...

— Não; porém eu²⁵⁶ torno a affirmar que tu amarás uma de minhas primas todo o tempo que fôr da vontade della.

— Que mimos de amor que²⁵⁷ são as primas deste senhor²⁵⁸!...

— Eu te mostrarei.²⁵⁹

— Juro que não.²⁶⁰

— Aposto que sim.

— Aposto que não.

— Papel e tinta: escreva-se a aposta.²⁶¹

— Mas tu me dás muita vantagem, e eu rejeitarei .a menor.²⁶² tens apenas duas primas:

²⁴² !

²⁴³ Amante

²⁴⁴ ~~quando vos vejo,~~ {na presença,}

²⁴⁵ ~~de deixar-vos~~

²⁴⁶ ,

²⁴⁷ |delles|

²⁴⁸ Ah!...

²⁴⁹ Muitas

²⁵⁰ “Sois encantadora!”

²⁵¹ “Elle me adora!”

²⁵² “Que vaidosa!”

²⁵³ !...{,}

²⁵⁴ !

²⁵⁵ |Fellippe|

²⁵⁶ eu

²⁵⁷ que

²⁵⁸ homem

²⁵⁹ — ~~Eu te mostrarei,~~ {Verás!}

²⁶⁰ — ~~Juro que não,~~ {Não tem perigo!}

²⁶¹ !

²⁶² ~~e eu rejeitarei a menor,~~ {pois}

é um numero de feiticeiras muito limitado. Não sejam²⁶³ só ellas as unicas²⁶⁴ magas que em teu favor²⁶⁵ invoques para me encantar :²⁶⁶ meus sentimentos offendem talvez a vaidade de todas as bellas²⁶⁷; todas as bellas²⁶⁸ pois tenham²⁶⁹ o²⁶⁹ direito de te fazer ganhar a aposta, meu valente campeão do amor constante!

— Como quizeres; mas escreve...

— E quem perder?²⁷⁰...

— Pagará a todos nós um almoço no Pharoux, disse Fabricio.

— Qual²⁷¹ almoço! acudio Leopoldo:²⁷² pagará²⁷³ um camarote no primeiro drama novo que representar o nosso João Caetano.

— Nem almoço, nem camarote, concluiu²⁷⁴ Fellippe²⁷⁵; se²⁷⁶ perderes, escreverás a historia da tua derrota; se ganhares, escreverei o triumpho da tua inconstancia.

— Bem,²⁷⁷ escrever-se-ha²⁷⁸ um romance; e um de nós dous²⁷⁹, o infeliz, será o author²⁸⁰.

Augusto escreveu primeira, segunda e terceira vez o termo da aposta;²⁸¹ mas,²⁸² depois de longa e vigorosa discussão, em que qualquer dos quatro fallou²⁸³ duas vezes sobre a materia, uma para responder,²⁸⁴ e dez ou doze pela ordem; depois de se offerecerem quinze

²⁶³ |sejam|

²⁶⁴ ~~unicas~~

²⁶⁵ ~~em teu favor~~

²⁶⁶ ;

²⁶⁷ ~~as bellas~~

²⁶⁸ {,}

²⁶⁹ |tenham| -ø

²⁷⁰ ?

²⁷¹ {,}

²⁷² .

²⁷³ Pagara

²⁷⁴ rematou

²⁷⁵ |Felippe|

²⁷⁶ . Se

²⁷⁷ — {Muito} bem!

²⁷⁸ Escrever-se-á

²⁷⁹ |dous|

²⁸⁰ |autor|

²⁸¹ Augusto escreveu uma, duas e tres vezes ~~primeira, segunda e terceira vez~~ o termo da aposta;

²⁸² ,

²⁸³ |falou|

²⁸⁴ ,

emendas e vinte artigos additivos, cahio²⁸⁵ tudo por grande maioria; e, entre bravos, apoiados e applausos, foi aprovado, salva a redacção, o seguinte termo:

«No dia 20 de julho de 18...²⁸⁶ na sala parla-
 « mentar da casa n^o²⁸⁷ ... da rua de... sendo tes-"
 « temunhas os estudantes Fabricio e Leopoldo,
 « acordarão²⁸⁸ Fellippe²⁸⁹ e Augusto, tambem estu-
 « dantes, que se,²⁹⁰ até o dia 20 de agosto do cor-
 « rente anno, o segundo acordante²⁹¹ tiver amado
 « a uma só mulher durante quinze dias,²⁹² ou
 « mais, será obrigado a escrever um romance,²⁹³
 « em que tal acontecimento confesse; e²⁹⁴ no caso
 « contrario, igual pena sofrerá²⁹⁵ o primeiro acor-
 « dante²⁹⁶. Sala parlamentar, 20 de julho de 18...
 « Salva a redacção. »

Como testemunhas —²⁹⁷ Fabricio e Leopoldo.

Acordantes — Felliplpe²⁹⁸ e Augusto.

E erão²⁹⁹ oito horas da noite quando se levantou a sessão.

²⁸⁵ |cahiu|

²⁸⁶ {,}

²⁸⁷ n.

²⁸⁸ |accordaram|

²⁸⁹ |Felippe|

²⁹⁰ que {,} |si|¬

²⁹¹ |accordante|

²⁹² ¬

²⁹³ ¬

²⁹⁴ {,}

²⁹⁵ |soffrerá|

²⁹⁶ |accordante|

²⁹⁷ :

²⁹⁸ |Accordantes|: |Felippe|

²⁹⁹ eram|

II

FABRICIO EM APUROS

A scena que se passou teve lugar n’uma segunda feira³⁰⁰. Já lá se fôrão³⁰¹ quatro dias:³⁰² hoje é sexta-feira; amanhã³⁰³ sera³⁰⁴ sabbado, não um sabbado³⁰⁵ como outro qualquer, mas um sabbado vespera de S³⁰⁶. Anna.

São dez horas da noite; os sinos tocárão³⁰⁷ a recolher. Augusto está só, sentado junto de sua mesa, tendo diante de³⁰⁸ seus olhos seis ou sete livros, papeis, pennas, e toda essa séric de cousas que compoem a familia do estudante³⁰⁹.

É inutil descrever o quarto de um estudante:³¹⁰ ahi³¹¹ nada se encontra³¹² de novo³¹³. Ao muito acharão uma estante onde elle guarda os seus livros³¹⁴, um cabide onde pendura a casaca; o moringue,o castical, a cama; uma até duas canastras de roupa; o chapco, a bengala, e a-bacia; a meza onde escreve, e que só apresenta de recommendavel a gavêta cheia de papeis, de cartas de familia, de flores e fitinhas mysteriosas :³¹⁵ é pouco³¹⁶ mais ou menos assim³¹⁷ o quarto de Augusto.

300 A scena {descripta} que se passou teve lugar |numa| |segunda-feira|
301 |foram|
302 ;
303 {não}
304 |será|
305 sabbado,não um sabbado
306 Sant'
307 |tocaram|
308 dos
309 e toda essa séric de {essas} cousas {de} que {se} |compõe| a familia do estudante
310 ,
311 pois
312 {ahi}
313 notavel
314 Ao-Quando muito acharão uma estante onde elle guarda os seus {de} livros
315 um cabide{,} onde pendura a casaca; o moringue, o castical, a cama; uma {,} até duas canastras de
roupa; {,} o |chapéo|, a bengala; e a bacia; a |mesa| onde escreve; e que só apresenta de recommendavel a
|gaveta| cheia de papeis, de cartas de familia, de flores e fitinhas mysteriosas{.} ÷
316 é Pouco
317 {é}

Agora elle está só:³¹⁸ às sete horas, desse quarto sahirão trez amigos, Felipe, Leopoldo e Fabricio.³¹⁹ Tratarão da viagem para a ilha de... no dia seguinte,³²⁰ e retirárão-se³²¹ descontentes, porque Augusto não se quiz³²² convencer de que deveria³²³ dar um ponto na Clinica para ir com elles ao amanhecer. Augusto tinha respondido:³²⁴ Ora vivão³²⁵! bem basta³²⁶ que eu faça gazêta³²⁷ na aula de Partos:³²⁸ não³²⁹ vou senão às dez horas do dia³³⁰.

E³³¹ pois³³² despedirão-se³³³ amuados. Fabricio queria ainda demorar-se,³³⁴ e mesmo ficar com Augusto; mas Leopoldo e Fellippç³³⁵ o levárão³³⁶ comsigo³³⁷ à força. Fabricio fez-se acompanhar do moleque que servia Augusto, porque, dizia elle;³³⁸ tinha um papel de importancia a mandar.

Erão³³⁹ dez horas da noite, e nada de moleque. Augusto via-se atormentado pela fême; e Raphael, o seo querido moleque, não apparecia: o bom Raphael, que era ao mesmo tempo o seu cozinheiro, limpa botas, cabellereiro, moço de recados e... e tudo mais, que as urgencias mandavão que elle fosse.³⁴⁰

³¹⁸ ~~Agora elle~~ Está elle só{, agora}÷{.}

³¹⁹ |A's| sete horas, ~~desse quarto~~ |sahiram| {do quarto} trez amigos;: Felipe, Leopoldo e Fabricio.

³²⁰ |Trataram| da viagem para a ilha de... {do Paquetá,} no dia seguinte,

³²¹ |retiraram-se|

³²² deixou

³²³ ~~que deveria~~

³²⁴ ~~Augusto tinha respondido:~~ {Respondera apenas:}

³²⁵ |vivam|

³²⁶ ~~bem~~ Basta

³²⁷ |gazeta|

³²⁸ partos.

³²⁹ Não

³³⁰ ~~do dia~~

³³¹ {,}

³³² {,}

³³³ |despediram-se|

³³⁴ ,

³³⁵ |Felippe|

³³⁶ |levaram|

³³⁷ {,}

³³⁸ ~~dizia elle;~~ {explicava,}

³³⁹ |Eram|

³⁴⁰ Augusto via-se atormentado pela |fome|; e ~~Raphael, o seo querido moleque, não apparecia: o bom Raphael,~~ {nada de Raphael,} que era ao mesmo tempo o seu cozinheiro, limpa botas, |cabeillereiro|, moço de recados e... e tudo {que fosse mistér.} ~~mais, que as urgencias mandavão que elle fosse.~~

Com justa razão³⁴¹ portanto³⁴² estava cuidadoso Augusto, que de momento a momento exclamava: Vejão isto!... já tocou a recolher, e Raphael está ainda na rua! Se cahe nas unhas de algum belliguim, não é de certo o Sr. Fabricio quem ha-de pagar as despesas da Casa de Correção... Pobre do Raphael! que' caváco não dará, quando lhe raparem os cabellos!³⁴³

Mas neste momento ouvio-se tropel na escada... —³⁴⁴ Era Raphael, que trazia uma carta de Fabricio, e que foi apromptar o chá enquanto Augusto lia a carta. Fila aqui:³⁴⁵ «³⁴⁶ Augusto. Demorei o Raphael, porque era longo o que tenho de escrever-te. Melhor seria que eu³⁴⁷ te fallasse; porém³⁴⁸ bem viste as impertinencias de Fellippe e Leopoldo³⁴⁹. Felizmente, acabão³⁵⁰ de deixar-me. Que macistas³⁵¹!... Principio por dizer-te que te vou pedir um favor do qual dependerá o meu prazer e socego na ilha de...³⁵² Conto com a³⁵³ tua amizade, tanto mais que fôrão³⁵⁴ os teus principios que me levárão³⁵⁵ aos apuros em que ora me vejo; els o caso:³⁵⁶

«³⁵⁷ Tu sabes, Augusto, que concordando com algumas de³⁵⁸ tuas opiniões a respeito desamor³⁵⁹, sempre entendi que uma namorada é traste tão essencial ao estudante como o chapéo com que se cobre,³⁶⁰ ou o livro em que estuda. Concordei mesmo algumas vezes³⁶¹ em

³⁴¹ {,}

³⁴² {,}

³⁴³ estava cuidadoso Augusto, que {exclamando} de momento a momento exclamava:

—[Vejam] isto!... Já tocou a recolher, e {o} Raphael está ainda na rua! Se cahe nas unhas de algum [beleguim], não é de certo o [Senhor] Fabricio quem ha-de {vae} pagar as [despezas] da Casa de Correção... Pobre do Raphael! Que [cavaco] não dará, quando lhe raparem os cabellos! {...}

³⁴⁴ {.}

³⁴⁵ Era Raphael, que trazia {com} uma carta de Fabricio {. Foi immediatamente} , e que foi apromptar o chá {,} enquanto Augusto lia a carta. Fila aqui: {a missiva.} *fim de parágrafo*

³⁴⁶ “

³⁴⁷ eu

³⁴⁸ mas

³⁴⁹ [Felippe] e {do} Leopoldo.

³⁵⁰ [acabam]

³⁵¹ maçante

³⁵² ilha do Paquetá

³⁵³ a

³⁵⁴ [foram]

³⁵⁵ [levaram]

³⁵⁶ aos apuros em que ora me vejo.

Eis o caso:

³⁵⁷ “

³⁵⁸ das

³⁵⁹ do amor

³⁶⁰ ,

dar batalha a dous e tres castellos a um tempo; porém tu não ignoras que à semelhante³⁶² respeito estamos discordes no mais³⁶³: tu es — ultra-romantico — e eu — ultra-classico.

« O meu systema era este.³⁶⁴

1.º Não namorar moça de sobrado. D'aqui³⁶⁵ tirava eu³⁶⁶ dous proveitos; a saber: não pagava o moleque para me³⁶⁷ levar recados,³⁶⁸ e dava socegradamente, e a³⁶⁹ mercê dastrevas, meus beijos por entre os postigos das janellas.

2.º Não requestar moça endinheirada. Àssim eu³⁷⁰ não hia³⁷¹ ao theatro para vel-a³⁷², nem aos bailes para com ella dançar, e poupava meus cobres.³⁷³

5³⁷⁴.º Fingir ciumes e ficar mal com a namorada em tempos de festas e barracas no campo. E por tal modo livrava-me de pagar doces, festas, e outras impertinencias.³⁷⁵

« Estas erão³⁷⁶ as bases fundamentaes do meu systema.

« Ora tu te lembrarás que bradavas contra o meu proceder³⁷⁷, como indigno da minha cathegoria³⁷⁸ de estudante; e³⁷⁹ apesar de me ajudares à³⁸⁰ comer saborosas³⁸¹ empadas,³⁸² quitutes apimentados e³⁸³ finos doces, com que as bellas pagavão por vezes minha assiduidade amantetica, tu exclamavas:³⁸⁴

³⁶¹ Concordei {,} mesmo {,} algumas vezes {,}

³⁶² ~~à semelhante~~-a este

³⁶³ ~~no mais~~

³⁶⁴ : tu |és| ultra-romantico — e eu, ultra-classico. O meu systema ~~era~~ {é} este:

³⁶⁵ |Daqui|

³⁶⁶ ~~eu~~

³⁶⁷ ~~me~~

³⁶⁸ ,

³⁶⁹ |à|

³⁷⁰ ~~eu~~

³⁷¹ |ia|

³⁷² |vêl-a|

³⁷³ nem aos bailes para ~~com ella~~ dançar {com ella}; e poupava meus cobres.

³⁷⁴ 3º

³⁷⁵ ~~E por tal modo livrava-me~~ {Com isso me livrava} de pagar doces, ~~festas~~ {fructas}, e outras impertinencias.

³⁷⁶ « Estas {Eram estas} ~~erão~~

³⁷⁷ « Ora {,} tu te lembrarás ~~que~~ bradavas contra o meu proceder

³⁷⁸ |categoria|

³⁷⁹ {,}

³⁸⁰ a

³⁸¹ {as}

³⁸² {os}

³⁸³ {os}

³⁸⁴ ,com que as bellas |pagavam| por vezes minha assiduidade amantetica, ~~tu~~ exclamavas:

« — Fabricio! não convém taes amôres ao joven de letras e de espirito.³⁸⁵ O estudante deve considerar o amor como um excitante,³⁸⁶ que desperte e atêe³⁸⁷ as faculdades de sua³⁸⁸ alma: póde mesmo amar uma moça feia e estúpida, comtanto que sua imaginação lh'a represente bella e espirituosa³⁸⁹. Em amor a imaginação é tudo: é ardendo em chammas, é elevado nas azas³⁹⁰ de seus delirios que o mancebo se faz poeta por amor.

« Eu então te respondia:³⁹¹

«³⁹² — Mas quando as chammas se apagão³⁹³, e as azas³⁹⁴ dos delirios se desfazem, o poeta por amor³⁹⁵ não tem, como eu, nem quitutes nem empadas.³⁹⁶

«E tu me tornavas:³⁹⁷

«— É porque ainda não experimentaste o que nos prepara o que se chama — amor platonico — paixão romantica! —³⁹⁸ Ainda não sentiste como é bello derramar-se a alma toda³⁹⁹ inteira de um joven na carta abrasadora⁴⁰⁰ que escreve à sua adorada, e receber em troco uma alma de moça derramada toda⁴⁰¹ inteira em suas⁴⁰² letras,⁴⁰³ que tantas mil vezes se beijão⁴⁰⁴.

³⁸⁵ « — Fabricio, não convém taes |amores| ao joven de letras e de espirito!

³⁸⁶ ,

³⁸⁷ |ateie|

³⁸⁸ ~~de sua~~ {da}

³⁸⁹ alma. Póde {,} mesmo {,} amar ~~uma~~ {as} moça{s} feia{s} e estúpida{s}, comtanto que ~~sua~~ {a} imaginação{as} ~~lh'a~~ represente bella{s} e espirituosa{s}

³⁹⁰ |asas|

³⁹¹ « Eu ~~então~~ te respondia:

³⁹² «

³⁹³ |apagam|

³⁹⁴ |asas|

³⁹⁵ ~~por amor~~

³⁹⁶ ...

³⁹⁷ «E tu me tornavas:

³⁹⁸ «— É porque ainda não experimentaste o que ~~nos prepara o que~~ se chama — amor platonico, paixão romantica! —

³⁹⁹ ~~toda~~

⁴⁰⁰ |abrasadora|

⁴⁰¹ ~~toda~~

⁴⁰² ~~suas~~

⁴⁰³ ,

⁴⁰⁴ |beijam|

« Ora⁴⁰⁵ esses derramamentos de alma bastante me assustavão;⁴⁰⁶ porque eu⁴⁰⁷ me lembro que em Pathologia⁴⁰⁸ se trata mui seriamente⁴⁰⁹ dos derramamentos.

«⁴¹⁰ Mas tu proseguias:

« — E⁴¹¹ depois, como é sublime deitar-se o estudante no solitario leito, e ver-se acompanhado pela imagem da bella que lhe véla no⁴¹² pensamento,⁴¹³ ou despertar ao momento de ver-se⁴¹⁴ em sonhos⁴¹⁵ sorvendo-lhe nos labios voluptuosos beijos.⁴¹⁶

«⁴¹⁷ Ainda estes argumentos me não convencião⁴¹⁸ sufficientemente, porque eu pensava: 1.^o⁴¹⁹ que essa imagem, que véla no pensamento não será a melhor companhia possivel para um estudante, principalmente quando ella lhe velasse na vespera de alguma sabatina⁴²⁰; 2.^o porque eu⁴²¹ sempre acho muito mais apreciavel sorver os beijos voluptuosos por entre postigos de uma janella, do que sorvel-os em sonhos e acordar com agoa⁴²² na bocca:⁴²³ beijos por beijos, antes os reaes que os sonhados.

«⁴²⁴ Além disto, no teu systema nunca se falla⁴²⁵ em empadas, doces, petiscos, etc⁴²⁶; no meu elles apparecem ; e tu, apesar de romantico, nunca viraste as costas, nem fizeste mã cara a esses despojos de minhas batalhas⁴²⁷.

⁴⁰⁵ « Ora {,}

⁴⁰⁶ |assustavam|,

⁴⁰⁷ ~~eu~~

⁴⁰⁸ pathologia

⁴⁰⁹ |seriamente|

⁴¹⁰ «

⁴¹¹ « — E {,}

⁴¹² occupa o

⁴¹³ ;

⁴¹⁴ |vêr-se|

⁴¹⁵ {,}

⁴¹⁶ !

⁴¹⁷ «

⁴¹⁸ |convenciam|

⁴¹⁹ {,}

⁴²⁰ que essa imagem, ~~que véla no~~ {da bella que occupa o} pensamento não será a melhor companhia possivel para um estudante, principalmente ~~quando ella lhe velasse~~ na vespera de alguma sabatina

⁴²¹ ~~eu~~

⁴²² |agua|

⁴²³ ;

⁴²⁴ «

⁴²⁵ |fala|

⁴²⁶ { . }

⁴²⁷ no meu {,} ~~elles apparecem~~ ; {sempre} e tu, apesar de romantico, nunca viraste as costas, nem fizeste |mã| cara a esses despojos ~~de~~ {das} minhas batalhas

« Mas emfim, ⁴²⁸ maldita curiosidade de rapaz! ⁴²⁹ eu quiz experimentar — ⁴³⁰ o amor platónico — ⁴³¹ ; e dirigindo-me certa noite ao theatro de ⁴³² S. Pedro de Alcantara, disse entre mim : esta noite hei-de entabolar un namoro romantico ⁴³³.

« ⁴³⁴ Entabolei-o, Sr. ⁴³⁵ Augusto de uma figa; ⁴³⁶ entabolei-o; ⁴³⁷ e quer saber como?... ⁴³⁸ Sahi fóra do meu elemento, ⁴³⁹ e espichei-me completamente. Estou em apuros. ⁴⁴⁰

« ⁴⁴¹ Eis o caso:

« Nessa noite fui para a superior; eu entabolar um namoro romantico; ⁴⁴² não podia ser de outro modo. Para ser tudo à ⁴⁴³ romantica, consegui entrar antes de todos ⁴⁴⁴; fui o primeiro a sentar-me; ainda o lustre monstro não estava acceso; vi-o descer, ⁴⁴⁵ e subir depois brilhante: de luzes, ⁴⁴⁶ vi se-irem ⁴⁴⁷ enchendo os camarotes; finalmente, eu, ⁴⁴⁸ que tinha estado no vacho, achei-me no mundo: o theatro estava cheio: ⁴⁴⁹ Consultei com meus botões ⁴⁵⁰ como devia principiar, ⁴⁵¹ conclui que, para portar-me romanticamente, deveria namorar alguma ⁴⁵² moça que estivesse na quarta ordem. Levantei os olhos, vi uma que olhava para o meu lado, e

⁴²⁸ « Mas{,} emfim —

⁴²⁹ {—}

⁴³⁰ —

⁴³¹ —

⁴³² de

⁴³³ Disse {com os meus botões} entre mim : esta noite hei-de {vou} entabolar un namoro romantico

⁴³⁴ «

⁴³⁵ senhor

⁴³⁶ ,

⁴³⁷ ,

⁴³⁸ ...

⁴³⁹ ,

⁴⁴⁰ ...

⁴⁴¹ «

⁴⁴² « Nessa noite fui para a {“} superior {“}; eu entabolar um namoro romantico;

⁴⁴³ |á|

⁴⁴⁴ dos outros

⁴⁴⁵ ,

⁴⁴⁶ e subir depois brilhante: de {de accesas as} luzes,{;}

⁴⁴⁷ irem-se

⁴⁴⁸ ,

⁴⁴⁹ .

⁴⁵⁰ com meus botões {commigo}

⁴⁵¹ {e}

⁴⁵² alguma

então⁴⁵³ pensei comigo mesmo: Seja⁴⁵⁴ aquella; não sei se⁴⁵⁵ é bonita ou feia; mas que importa? Um romantico não cura dessas futilidades.

⁴⁵⁶Tirei pois⁴⁵⁷ da casaca o meu lenço branco⁴⁵⁸ para fingir que enxugava o suor, abanar-me, e enfim fazer⁴⁵⁹ todas essas macaquices,⁴⁶⁰ que eu ainda ignorava que estavam condemnadas pelo romantismo⁴⁶¹. Porem⁴⁶², oh infortunio! quando de novo olhei para o camarote, a moça se tinha⁴⁶³ voltado completamente para a tribuna: tussi⁴⁶⁴, tomei tabaco, assoei-me, espirrei, e a pequena...⁴⁶⁵ nem caso; parecia que o negocio com ella não era⁴⁶⁶. Começou a ouvertura... nada;⁴⁶⁷ levantou-se⁴⁶⁸ o panno;⁴⁶⁹ ella voltou os olhos para a scena⁴⁷⁰ sem olhar para o meu lado. —⁴⁷¹ Representou-se o primeiro acto...⁴⁷² tempo⁴⁷³ perdido. Veio o panno finalmente⁴⁷⁴ a baixo.

«⁴⁷⁵ Agora⁴⁷⁶ sim, começará o nosso telegrapho a trabalhar, disse (⁴⁷⁷eu comigo⁴⁷⁸ mesmo, erguendo-me para tornar-me⁴⁷⁹ mais saliente.

⁴⁵³ então

⁴⁵⁴ seja

⁴⁵⁵ |si|

⁴⁵⁶ *Continua no mesmo parágrafo*

⁴⁵⁷ Tirei {,} pois {,}

⁴⁵⁸ {,}

⁴⁵⁹ abanar-me {e fazer} , e enfim ~~fazer~~

⁴⁶⁰ ,

⁴⁶¹ que eu ainda ignorava ~~que estavam~~ {estarem} condemnadas pelo romantismo

⁴⁶² |Porém|

⁴⁶³ tinha-se

⁴⁶⁴ para a tribuna. |Tossi| {,}

⁴⁶⁵ ,

⁴⁶⁶ não era com ella

⁴⁶⁷ Começou a |ouverture|... {e} nada. *fim de parágrafo*

⁴⁶⁸ Levantou-se

⁴⁶⁹ ÷ {e}

⁴⁷⁰ {,}

⁴⁷¹ —

⁴⁷² .

⁴⁷³ Tempo

⁴⁷⁴ panno {,} finalmente {,}

⁴⁷⁵ —

⁴⁷⁶ {,}

⁴⁷⁷ (

⁴⁷⁸ |commigo|

⁴⁷⁹ me tornar

« Porém, nova desgraça!⁴⁸⁰ Mal me tinha levantado, quando⁴⁸¹ a moça ergueu-se⁴⁸² por sua vez,⁴⁸³ e retirou-se para dentro do camarote⁴⁸⁴ sem dizer por que, nem por que não.⁴⁸⁵

« == Isto só pelo diabo! » exclamei eu involuntariamente, batendo com o pé com toda a força.⁴⁸⁶

«⁴⁸⁷ — O senhor está doudo?... — disse-me,⁴⁸⁸ gemendo e fazendo uma carêta horrível, o meu companheiro da esquerda.

«⁴⁸⁹ — Não tenho que lhe dar satisfações,⁴⁹⁰ respondi-lhe amuado.

«⁴⁹¹ — Tem sim, senhor,⁴⁹² retorquiu-me o sujeito empinando-se.

« — Pois que lhe fiz eu então?... acudi eu alterando-me⁴⁹³

« — Acaba de pisar-me com a maior força no, melhor cálo do meu pé direito.⁴⁹⁴

« — Oh! senhor: queira perdoar !...⁴⁹⁵

«⁴⁹⁶ E dando mil desculpas ao homem,⁴⁹⁷ sahi para, fóra do theatro⁴⁹⁸ pensando no meu amor.

«⁴⁹⁹ Confesso que deveria ter notado que a minha paixão começava⁵⁰⁰ debaixo de

⁴⁸⁰ « Porém, Nova desgraça, {porém}

⁴⁸¹ eis que

⁴⁸² se ergueu

⁴⁸³ ;

⁴⁸⁴ {,}

⁴⁸⁵ sem dizer |porque|, nem |porque| não...

⁴⁸⁶ «== — Isto só pelo diabo! » exclamei eu involuntariamente, batendo com o pé com toda a força.

⁴⁸⁷ «

⁴⁸⁸ — disse-me ,

⁴⁸⁹ «

⁴⁹⁰ !

⁴⁹¹ «

⁴⁹² Tem{,} sim, senhor!

⁴⁹³ « — Pois que {é que} lhe fiz eu {, homem} então?... acudi {,} eu alterando-me {.}

⁴⁹⁴ « — Acaba de {esmagar} pisar-me com {os pés} a maior força no, {o meu} melhor |callo|{!} do meu pé direito.

⁴⁹⁵ « — Oh! {,} senhor: {,} queira perdoar{-me} !...

⁴⁹⁶ «

⁴⁹⁷ ao homem

⁴⁹⁸ sahi para, fóra do theatro-{a rua,}

⁴⁹⁹ «

⁵⁰⁰ começara

mãos⁵⁰¹ auspícios;⁵⁰² mas à⁵⁰³ minha má fortuna, ou melhor⁵⁰⁴ os teu mãos⁵⁰⁵ conselhos⁵⁰⁶ me empurrarão para diante com força do gigante⁵⁰⁷.

«⁵⁰⁸ Sem pensar no que fazia, subi para os camarotes⁵⁰⁹, e fui dar comigo⁵¹⁰ no corredor da quarta ordem; passei junto do camarote de minhas atenções; era o n.º 5⁵¹¹ (numero symbolico, cabalistico e fatal! repara⁵¹² que em tudo segui o romantismo). A porta estava cerrada; fui ao fim do corredor,⁵¹³ e voltei de novo:⁵¹⁴ um pensamento exquisito e singular acabava de me brilhar na mente; abrace-me com elle.⁵¹⁵

« Eu tinhá visto junto à porta n.º 5 um moleque con:⁵¹⁶ todas as apparencias de ser bellissimo — cravo da India —⁵¹⁷. Ora lembrava-me que nesse camarote a minha querida era a única que se achava vestida de branco,⁵¹⁸ e pois eu podia muito bem mandar-lhe um recado pelo qual me fizesse conhecido⁵¹⁹. E pois⁵²⁰ avancei para o moleque.

« Ah ! maldito crioulo ; estava-lhe⁵²¹ o todo dizendo o para⁵²² que servia! ... Pinta na tua imaginação, Augusto, um crioulinho⁵²³ de 16 annos, todo vestido de branco, com uma

501 maus

502 ,

503 |a|

504 ou {,} melhor {,}

505 maus

506 {,}

507 ~~com força do gigante~~

508 «

509 |camarotes|

510 |commigo|

511 era o numero 3

512 Repara

513 ,

514 ;

515 um pensamento ~~exquisito~~ e singular acabava de me brilhar na mente; : abrace{i}-me com elle.

516 « Eu |tinha| visto junto |á| porta {do 3} n.º 5 um moleque {,} ~~con-~~{com}

517 — cravo da India —

518 Ora {,} ~~lembrava-me que~~ nesse camarote {era} a minha querida ~~era~~ a única que se achava vestida de branco,

519 e {,} pois {,} eu podia muito bem mandar-lhe um recado pelo qual me fizesse conhecido

520 E {,} pois {,}

521 « Ah {,} † maldito crioulo {!} ; Estava-lhe

522 {o}

523 crioulo

cara mais negra e mais lustrosa do⁵²⁴ que um botim envernizado, tendo dous⁵²⁵ olhos bellos, grandes, vivissimes, e cuja esclerotica era branca como o papel em que te escrevo, com⁵²⁶ labios grossos e de nacar, occultando duas ordens de finos e claros dentes, que farião⁵²⁷ inveja a uma Bahiana⁵²⁸ ; dá-lhe a ligeireza, a inquietação e⁵²⁹ rapidez de movimentos de um macáco⁵³⁰, e terás feito idéa desse diabo de azeviche, que se chama⁵³¹ Tobias.

«⁵³² Não me foi preciso chamal-o: bastou um movimento de olhos para que o Tobias viesse a mim⁵³³ rindo-se desavergonhadamente. Levei-o para um canto.

«⁵³⁴ — Tu pertences áquellas senhoras que estão no camarote⁵³⁵ a cuja porta te encostavas⁵³⁶?... perguntei.

« — Sim, senhor, me respondeu elle, e ellas morão na rua de... n.º... ao ládo esquerdo de quem vai para cima.⁵³⁷

« — E quem são?...⁵³⁸

« — São duas filhas de uma senhora viuva, que tambem ahi está e que se chama a Ilma. Sra. D. Luiza.⁵³⁹ O meu defunto senhor era negociante, e o pai⁵⁴⁰ de minha senhora é padre.

« — Como se chama a senhora que está vestida de branco?...⁵⁴¹

« — A Sra. D. Joanna : tem 17 annos, e morre por casar.⁵⁴²

⁵²⁴ ~~de~~

⁵²⁵ |dous|

⁵²⁶ ~~e cuja~~ {de} esclerotica ~~era~~ branca como o papel em que te escrevo, ~~com~~ {,}

⁵²⁷ |fariam|

⁵²⁸ bahiana

⁵²⁹ {a}

⁵³⁰ |macaco|

⁵³¹ chamava

⁵³² «

⁵³³ {,}

⁵³⁴ «

⁵³⁵ {,}

⁵³⁶ estavas encostado

⁵³⁷ « — Sim, senhor, me respondeu elle, e ellas |moram| na rua ~~de~~... n.º... ~~ao~~ |lado| esquerdo de quem |vae| para cima.

⁵³⁸ « — E quem são? ---

⁵³⁹ « — São duas filhas de uma senhora viuva, que tambem ~~ahi~~ está {ahi} e ~~que~~ se chama a ~~Ilma. Sra. D.~~ {dona} Luiza.

⁵⁴⁰ , e o |pae|

⁵⁴¹ « — Como se chama {aquella moça} ~~a senhora~~ que está vestida de branco? ---

«⁵⁴³ — Quem te disse isso? ...

«⁵⁴⁴ — Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, meu senhor.⁵⁴⁵

«⁵⁴⁶ — Como te chamas?...

«⁵⁴⁷ — Tobias, escravo de⁵⁴⁸ meu Senhor⁵⁴⁹, crioulo:⁵⁵⁰ de qualidades, fiel como um cão,⁵⁵¹ e vivo como um gato.

O maldito do crioulo era um classico a fallar portuguez! — Eu continuei.⁵⁵²

« — Has de levar um recado à Sra. D. Joanna.⁵⁵³

«⁵⁵⁴ — Prompto, lesto e agudo,⁵⁵⁵ respondeu-me o moleque.

«⁵⁵⁶ — Pois toma sentido.

«⁵⁵⁷ — Não precisa dizer duas vezes.

« — Ouve. Das duas uma: ou poderás fallar com ella hoje, ou só amanhã...⁵⁵⁸

« — Hoje... agora mesmo.⁵⁵⁹ Nestas coisas Tobias não cochila:⁵⁶⁰ com licença de meu senhor, eu cá sou doutor nisto:⁵⁶¹ meus parceiros me chamão⁵⁶² orêlha⁵⁶³ de cesto⁵⁶⁴, pé de coelho e bocca de taramêla⁵⁶⁵. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha

542 « — ~~A Sra. D.~~ {Dona} Joanna{.} ÷ tem 17 annos; e morre por {se} casar...

543 «

544 «

545 ...

546 «

547 «

548 do

549 senhor

550 ÷

551 ,

552 |falar| {o} portuguez! — ~~Eu~~ Continuei:

553 « — Has de {me} levar um recado |a| ~~Sra. D.~~ {dona}Joanna.

554 «

555 !

556 «

557 «

558 « — Ouve. Das{e} duas {,} uma: ou poderás |falar| com ella hoje; ou só amanhã...

559 « — Hoje... agora mesmo!

560 ;

561 ;

562 |chamam|

563 |orelha|

564 cervo

565 |taramela|

senhora sabe tudo.⁵⁶⁶ o recado de meu senhor é uma carambóla⁵⁶⁷ que, batendo no meu ouvido, vai⁵⁶⁸ logo bater no da senhora D.⁵⁶⁹ Joanninha.

« — Pois dize-lhe que o moço que se sentar na ultima cadeira da 4º columna da superior,⁵⁷⁰ que assoar-se com um lenço de seda⁵⁷¹ verde quando ella para elle⁵⁷² olhar⁵⁷³, se acha loucamente apaixonado de sua belleza, etc., etc. etc.

«⁵⁷⁴ — Sim, senhor; eu já sei o que se diz nessas occasiões: O⁵⁷⁵ discurso fica por minha conta.

«⁵⁷⁶ — E amanhã ao anoitecer espera-me na porta de tua casa.

« — Prompto, lesto e agudo,⁵⁷⁷ repetio⁵⁷⁸ de novo o crioulo.

« — Eu recompensar-te-hei, se fores fiel.⁵⁷⁹

« — Mais prompto, mais lesto e mais agudo.⁵⁸⁰

«⁵⁸¹ — Por agora toma estes cobres.

«⁵⁸² — Oh, meu senhor! promptissimo, lestissimo e agudissimo.⁵⁸³

«⁵⁸⁴ Ignoro de que meios se servio⁵⁸⁵ o Tobias para executar a⁵⁸⁶ sua commissão⁵⁸⁷; O⁵⁸⁸ que sei é que antes de começar o 2º⁵⁸⁹ acto⁵⁹⁰ já eu havia feito o signal; e então comecei a

566 ;

567 |carambola|

568 |vae|

569 dona

570 « — Pois dize-lhe que o moço que se sentar na ultima cadeira da 4º columna da superior, {e}

571 |sêda|

572 para elle

573 {para elle}

574 «

575 o

576 «

577 « — Prompto, lesto e agudo!

578 |repetiu|

579 « — Eu Recompensar-te-hei, |si| fores fiel.

580 « — Mais prompto, mais lesto e mais agudo!...

581 «

582 «

583 !...

584 «

585 |serviu|

586 a

587 missão

588 o

589 segundo

590 {,}

pôr em acção toda a mimica amantetica que me lembrou : o⁵⁹¹ namoro estava entabulado:⁵⁹²
 embora a moça não correspondesse aos signaes do meu telegrapho, concedendo-me apenas
 amiudados e curiosos olhares;⁵⁹³ isso era já muito para quem a via pela primeira vez...⁵⁹⁴

« Finalmente, Sr. Augusto dos meus: peccados, o negocio adiantou-se, e hoje tardé me
 arrependo, e não sei como me livre de semelhante entaladella: pois o Tobias não me sahe da
 pórtia.⁵⁹⁵ Já não tenho tempo de exercer o meu classismo; ha tres mezes que não como
 empadas,⁵⁹⁶ e, a pesar,⁵⁹⁷ de minhas economias⁵⁹⁸, ando sempre com as algibeiras a tocar
 matinas. Para maior martyrio, a minha querida é a Sra. D. Joanna... prima de Felipe!⁵⁹⁹

« Para comprehenderes bem o quanto soffro,⁶⁰⁰ aqui te escrevo algumas das principaes
 exigencias da minha amada romantica.

« 1^{o601} Devo passar por⁶⁰² defronte de sua casa duas vezes de manhã e duas de⁶⁰³ tarde.
 Aqui⁶⁰⁴ vês bem, principia a minha vergonha;⁶⁰⁵ pois não há⁶⁰⁶ pela visinhança gordurento
 caixeirinho, que se não ria⁶⁰⁷ nas minhas barbas quatro vezes por dia.

« 2^{o608} Devo escrever-lhe, pelo menos, quatro cartas por semana, em papel bordado, de
 custo de⁶⁰⁹ 400 rs.⁶¹⁰ a folha. Ora⁶¹¹ isto é detestavel, porque eu não sei onde vá buscar mais
 cruzados para comprar papel, nem mais asneiras para lhe escrever⁶¹².

⁵⁹¹ . O

⁵⁹² , {e,}

⁵⁹³ ,

⁵⁹⁴ .

⁵⁹⁵ « Finalmente, ~~Sr.~~ senhor Augusto dos meus; peccados; { . } o negocio adiantou-se, e |hoje| |tarde| me
 arrependo, e não sei como me livre de semelhante |entaladella|- { , } pois ~~o~~ Tobias não me sahe da |pórtia|.

⁵⁹⁶ ,

⁵⁹⁷ apesar ;

⁵⁹⁸ |economias|

⁵⁹⁹ é a ~~Sra. D.~~ { senhora dona } Joanna~~---~~ { , } prima de Felipe!

⁶⁰⁰ « Para { bem } comprehenderes ~~bem~~ o quanto |soffro|,

⁶⁰¹ « 1.º

⁶⁰² ~~por~~

⁶⁰³ á

⁶⁰⁴ { , }

⁶⁰⁵ ,

⁶⁰⁶ |ha|

⁶⁰⁷ , que se não ria

⁶⁰⁸ « 2.º

⁶⁰⁹ ~~custo de~~

⁶¹⁰ réis

⁶¹¹ { , }

⁶¹² , nem ~~mais~~ asneiras para ~~lhe~~ escrever

« 3^{o613} Devo tratá-la por « minha linda prima » e ella a mim por: « querido primo. »

⁶¹⁴ D'aqui concluo que a Sra. D. Joanna leu o *Faublas*. Boa recommendação!...⁶¹⁵

« 4^{o616} Devo ir ao theatro sempre que ella fôr, o que succede quatro vezes no mez; o mesmo⁶¹⁷ respeito de bailes. Esta despeza arraza-me a mezada⁶¹⁸ terrivelmente.

« 5^o Ao theatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da côr da fita que ella porá em seu vestido, ou no cabello: o que com antecedencia me é participado.⁶¹⁹ Isto é um despotismo detestavel!...

« Finalmente, ella quer governar os meus cabellos, as minhas barbas, a côr de meus lenços, a minha casaca, a minha bengala, os botins que calço, e, por ultimo, ordenou-me que não fumasse charutos de Havana nem de Manilha, porque era isso falta de patriotismo.⁶²⁰

«⁶²¹ Para bem rematar o quadro das desgraças que me sobrevierão⁶²² com a tal paixão romantica⁶²³ que me aconselhaste, D. Joanna,⁶²⁴ dir-te-hei⁶²⁵, mostra amar-me com extremo⁶²⁶, e, no meio de⁶²⁷ seus caprichos de menina, dá-me⁶²⁸ provas do mais constante e desvelado amor; mas qu'importa⁶²⁹ isso, Se⁶³⁰ eu não posso pagar-lhe com gratidão?... Vocês, com seu romantismo a que me não posso accommodar⁶³¹, a chamarião « pallida. »⁶³²

⁶¹³ «3.º

⁶¹⁴ Devo tratá-la por “ minha linda prima “ {,} e ella a mim por: “querido primo”.

⁶¹⁵ D'aqui concluo que a ~~Sra. D.~~ {senhora dona} Joanna leu o *Faublas*. |Boa| recommendação!...

⁶¹⁶ «4.º

⁶¹⁷ {a}

⁶¹⁸ |mesada|

⁶¹⁹ «5.º Ao theatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da côr da fita que ella porá em seu vestido, ou no cabelo: {,} o que com antecedencia me é participado.

⁶²⁰ «Finalmente, ella quer governar os meus {lenços, a minha bengala, os botins que calço} ~~cabellos, as minhas barbas, a côr de meus lenços, a minha casaca, a minha bengala, os botins que calço~~, e, por ultimo, ordenou-me que não fumasse charutos de Havana {,} nem de Manilha, porque era isso falta de patriotismo.

⁶²¹ «

⁶²² |sobrevieram|

⁶²³ {,}

⁶²⁴ ~~D. Joanna,~~

⁶²⁵ ei {que ella}

⁶²⁶ {s}

⁶²⁷ dos

⁶²⁸ |dá-me|

⁶²⁹ que importa

⁶³⁰ se

⁶³¹ |accommodar|

⁶³² a |chamariam| “pallida”.

Eu, que sou classico em corpo e alma; e que por tanto dou ás cousas o seu verdadeiro nome, a chamarei sempre « amarella. »⁶³³

« Malditos romanticos, que teem chrismado tudo,⁶³⁴ e trocado em seu chrismar os nomes que melhor exprimem as⁶³⁵ idéas!... O que outr'ora se chamava em bom portuguez — moça feia— os reformadores dizem — menina sympathicá. —⁶³⁶ O que n'uma moça era antigamente — desenxavimento — hoje é ao contrario — sublime languidez. —⁶³⁷ Já não ha mais — meninas im portunas e vaidosas. — As que o fórão chamão-se agora — espirituosas. —⁶³⁸ A escola dos romanticos reformou tudo isso⁶³⁹ em consideração ao bello sexo.

« E eu, apesar dos tratos que dou à minha imaginação,⁶⁴⁰ não posso deixar de convencer-me que a minha — linda prima —⁶⁴¹ é (aqui para nós) amarella e feia como uma convalescente de febres perniciosas.⁶⁴²

« O que porém se torna sobretudo insofrível,⁶⁴³ é o despotismo que exerce sobre mim o brejeiro⁶⁴⁴ do Tobias!...⁶⁴⁵

« Entende que todos os dias lhe devo dar dinheiro, e persegue-me de maneira tal que, para ver-me livre delle, escorrego-lhe — cum quibus — a despeito da minha má vontade.⁶⁴⁶

⁶³³ Eu, que sou classico em corpo e alma; {,} e que {,} ~~por~~ potanto dou ás cousas o ~~seu~~ verdadeiro nome, a {lhe} chamarei sempre “amarella”.

⁶³⁴ « Malditos romanticos, que |têm| chrismado tudo,

⁶³⁵ suas

⁶³⁶ |sympathica|. =

⁶³⁷ O que |numa| moça era antigamente — |desenxabimento| = {, é} hoje é ao contrario — sublime languidez. —

⁶³⁸ Já não ha mais = meninas ~~im~~ {im}portunas e vaidosas. — As que o |forem| |chamam-se| agora — espirituosas. =

⁶³⁹ {,}

⁶⁴⁰ « E eu, apesar dos tratos que dou à ~~minha~~ imaginação,

⁶⁴¹ linda prima

⁶⁴² de febres perniciosas.

⁶⁴³ « O que {,} porém {,} se torna {de todo} ~~sobretudo~~ |insoffrível|,

⁶⁴⁴ |brejeiro|

⁶⁴⁵ ...

⁶⁴⁶ « Entende que ~~todos os dias~~ lhe devo dar dinheiro {todos os dias}; e persegue-me de maneira tal que, para ver-me livre ~~delle~~, escorrego-lhe = {o} cum quibus — a despeito da minha má vontade.

«O Tobias está no caso de muitos, que, grandes e ercellentes parladores, são pessimos financeiros na pratica.⁶⁴⁷ Como elles fazem ao paiz, faz⁶⁴⁸ Tobias comigo⁶⁴⁹, que sempre depois de longo discurso me apresenta um — deficit — e pede-me um credito suplementar.⁶⁵⁰

«⁶⁵¹ Eis-aqui, meu Augusto, o lamentavel estado em que me acho. Lembra-te que fórão⁶⁵² os teus conselhos que me obrigarão⁶⁵³ a experimentar uma paixão romantica; portanto, não só⁶⁵⁴ por amizade, como por dever, conto que me ajudarás no que te⁶⁵⁵ vou propôr.

« Eu preciso de um pretexto⁶⁵⁶ mais ou menos razoavel para descartar-me da tal — pallida.—⁶⁵⁷

« Ella vai passar connosco dous dias na ilha de...⁶⁵⁸ Ahi podemos levar a effeito, e com facilidade, o meu plano: elle é de⁶⁵⁹ simples comprehensão e de facil execução.

« Tu deveras requestar, principalmente à minha vista, a tal minha querida.⁶⁶⁰ Ainda que ella não te corresponda, persegue-a. Não te custará muito isso⁶⁶¹, pois que é o teu costume. Nisto, se limita o teu trabalho,⁶⁶² e começará então o meu, que é mais importante.

« Ver-me-has enfadado; talvez que te, trate: com rispidez, e que te dirija alguma — graça pesada. — Não farás caso, e continuarás com a requesta para diante.⁶⁶³

⁶⁴⁷ «O Tobias está no caso de muitos,—que, grandes e |excellentes| parladores, são pessimos financeiros na pratica.

⁶⁴⁸ {o}

⁶⁴⁹ |commigo|

⁶⁵⁰ ~~, que sempre~~ {,} Depois de longo discurso {,} ~~me~~ apresenta um == deficit == e pede-me um credito suplementar.

⁶⁵¹ «

⁶⁵² |foram|

⁶⁵³ |obligaram|

⁶⁵⁴ ~~portanto, não só~~

⁶⁵⁵ ~~te~~

⁶⁵⁶ « Eu preciso de um pretexto {,}

⁶⁵⁷ da tal pallida.

⁶⁵⁸ « Ella vai passar connosco dous dias na ilha ~~de...~~ {do Paquetá.}

⁶⁵⁹ ÷ {, que} ~~elle~~ é de

⁶⁶⁰ « Tu |deverás| requestar, principalmente {,} |a| minha ~~vista, a tal minha~~ querida.

⁶⁶¹ ~~isso~~

⁶⁶² Nisto, se limita{rá} o teu trabalho,

⁶⁶³ «~~|Ver-me-ás| enfadado; talvez que te, trate: com rispidez, e que te dirija alguma == graça pesada. ==~~ Não farás caso, e continuarás com a{o} requesta{o} para diante.

« Eu então irei às nuvens... Desesperado... ciumento e delirante, aproveitarei o primeiro instante em que estiver a sós com D. Joanninha, farei um discurso forte e eloquente contra a inconstancia e volubildade das mulheres.⁶⁶⁴ No meio de meus transportes⁶⁶⁵ dou-me por despedido de meus amôres⁶⁶⁶ com ella, e⁶⁶⁷ pulando fóra da⁶⁶⁸ tal paixão romantica, correrei a apertar-te contra meu peito, como teu amigo e collega do coração. — FABRICIO.»⁶⁶⁹

— E esta!... exclamou Augusto⁶⁷⁰ depondo a carta sobre a mesa, e sorvendo uma bôa pitada de rapé de Lisboa. — E esta! ...⁶⁷¹

Acabando de sorver a pitada, o nosso estudante desatou a rir como um doudo⁶⁷² Rir-se-ia a noite inteira⁶⁷³ talvez, se⁶⁷⁴ não fosse interrompido pelo Raphael, que o vinha chamar para tomar chá⁶⁷⁵.

⁶⁶⁴ « Eu então irei às nuvens... Desesperado... {,} ciumento e delirante, aproveitarei o primeiro ~~instante~~ {momento} em que estiver a sós com ~~D.~~ {dona} Joanninha, farei um discurso forte e eloquente contra a inconstancia e volubildade das mulheres.

⁶⁶⁵ {,}

⁶⁶⁶ dos meus |amores|

⁶⁶⁷ {,}

⁶⁶⁸ |fora| de

⁶⁶⁹ *Fabricio.* »

⁶⁷⁰ {,}

⁶⁷¹ depondo a carta sobre a mesa, e sorvendo uma |boa| pitada de rapé de |Lisboa|. == E esta! ...

⁶⁷² |doido|{.}

⁶⁷³ {,}

⁶⁷⁴ |si|

⁶⁷⁵ para ~~tomar~~ {o} chá

III

MANHÃ DO SABBADO⁶⁷⁶

Serião pouco mais ou menos onze horas da manhã quando o batelão de Augusto abordou à ilha de...⁶⁷⁷ Embarcando às dez horas, elle designou ao seu palinúro⁶⁷⁸ o lugar a que se destinava,⁶⁷⁹ e deitou-se para ler mais à vontade o *Jornal do Commercio*. Soprava vento fresco, e⁶⁸⁰ muito antes do que suppunha, Augusto ergueu-se⁶⁸¹ ouvindo a voz de Leopoldo que o esperava na praia.

— Bem vindo sejas, Augusto.⁶⁸² Não sabes o que tens perdido.⁶⁸³

— Então... muita gente, Leopoldo? ...⁶⁸⁴

— Não: pouca; mas escolhida.⁶⁸⁵

No entanto Augusto pagou, despediu o seu bateleiro, que se foi remando e cantando com seus companheiros.⁶⁸⁶ Leopoldo deu-lhe o braço; e⁶⁸⁷ enquanto por uma bella avenida orlada de coqueiros se dirigião⁶⁸⁸ à⁶⁸⁹ elegante casa, que lhes ficava a trinta braças do mar, o curioso estudante, recém-chegado, examinava o lindo quadro que a seus olhos tinha, e de que, para não ser prolixo, daremos idéa em duas palavras.⁶⁹⁰

⁶⁷⁶ MANHÃS DE SABBADO

⁶⁷⁷ ~~Serião~~ {Seria} pouco mais ou menos onze horas da manhã {,} quando o batelão de Augusto abordou à ilha de... {a ilha do Paquetá}

⁶⁷⁸ ~~elle~~ designou {ele} ao seu |palinuro|

⁶⁷⁹ ,

⁶⁸⁰ {,}

⁶⁸¹ {,}

⁶⁸² !

⁶⁸³ !...

⁶⁸⁴ — Então... {,} muita gente, Leopoldo? ...

⁶⁸⁵ — {Muita,} não: pouca; {,} mas escolhida.

⁶⁸⁶ ~~No entanto~~ Augusto pagou, {e} despediu o{s} seu bateleiro{s}, que se foi {foram} remando e cantando com seus companheiros.

⁶⁸⁷ {,}

⁶⁸⁸ |dirigiam|

⁶⁸⁹ |a| {uma}

⁶⁹⁰ , que ~~lhes~~ ficava a trinta braças do mar, o curioso estudante, recém-chegado, examinava {, curioso,} o lindo quadro que a seus olhos tinha {deante dos olhos}; e de que, para não ser prolixo{s}, daremos idéa em duas palavras.

A ilha de... é tão pittoresca como pequena. A casa da avó de Fellippe occupa exactamente o centro della.⁶⁹¹ A avenida, por onde ião os estudantes, a divide em duas ametades, das quaes a que fica à esquerda: de quem desembarca está symetricamente coberta de bellos arvoredos estimaveis ou pelos fructos de que se carregão, ou pelo aspecto curioso que offerecem; a que fica à mão direita é mais notavel ainda: fexada do lado do mar por uma longa fila de rochedos, e no inferior da ilha por negras grades de ferro, está adornada de mil flores sempre brilhantes e viçosas, graças à eterna primavera desta nossa bôa terra de Santa Cruz. ⁶⁹²De tudo isto se conclue que a avó de Fellippe⁶⁹³ tem no lado direito de sua casa um pomar e do esquerdo⁶⁹⁴ um jardim.

E fizemos muito bem em concluir depressa, porque Fellippe⁶⁹⁵ acaba de receber Augusto com todas as demonstrações de sincero prazer,⁶⁹⁶ e o faz entrar immediatamente⁶⁹⁷ para a sala.

Agora, outras duas palavras sobre a casa: imagine-se uma elegante sala de cincoenta palmos em quadro;⁶⁹⁸ aos lados della dous gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos arômas que exbala, espelhos que brilhão, e um não sei que, que insinua, estão dizendo que é gabinete de moças.⁶⁹⁹ Imagine-se mais, fazendo frente para o mar,⁷⁰⁰ e em toda a extensão da sala e dos gabinetes, uma varanda terminada em arcos; no

⁶⁹¹ *Ainda no mesmo parágrafo*

A ilha ~~de...~~ {do Paquetá} é tão ~~pittoresca como~~ pequena {quanto pitoresca}- {, e} a casa da avó de [Felippe] ocupa{va} exactamente o centro ~~della~~.

⁶⁹² A avenida, por onde [iam] os estudantes, ~~a~~ divide {-a} em duas ~~ametades~~, das quaes a que fica à esquerda: de quem desembarca ~~está symetricamente~~ {é} coberta de ~~bellos arvoredos~~ {bellas arvores,} estimaveis ou pelos fructos de que se [carregam]; ou pelo aspecto curioso que offerecem; {,} A que fica à mão direita é mais notavel ainda: [fechada] do lado do mar por uma longa fila de rochedos, e {,} no interior{,} ~~da ilha~~ por negras grades de ferro, está adornada de mil flores{,} sempre brilhantes e viçosas, graças à eterna primavera desta ~~nossa~~ bôa terra de Santa Cruz.

⁶⁹³ [Felippe]

⁶⁹⁴ à esquerda

⁶⁹⁵ [Felippe]

⁶⁹⁶ ,

⁶⁹⁷ ~~imediatamente~~

⁶⁹⁸ Agora, ~~outras~~ {mais} duas palavras sobre a casa: {,} Imagine-se uma elegante sala de cincoenta palmos em quadro;

⁶⁹⁹ ~~aos lados della~~ {junto a ella,} [dous] gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos [aromas] que exhala, espelhos que [brilham]; e um não sei [quê] {insinuante} ~~, que insinua,~~ [está] dizendo que é {o} gabinete ~~de~~ {das} moças.

⁷⁰⁰ ,

interior⁷⁰¹ meia duzia de quartos; depois⁷⁰² uma alegre e longa⁷⁰³ sala de jantar, com janellas e portas para o pomar e jardim, e ter-se-ha feito da casa a idéa que precisamos dar.⁷⁰⁴

Pois bem; Augusto apresentou-se. A sala estáva ornada com bôa duzia de Jovens interessantes: pareceu ao estudante um jardim cheio de flores, ou o Céu semeado de estrellas.⁷⁰⁵ Verdade seja que, en're esses — orgulhos — da idade presente, havia tambem algumas rugosas representantes do tempo passado ;⁷⁰⁶ porém isso⁷⁰⁷ ainda mais lhe sancciona a propriedade da comparação; porque ha muitas rosas murchas nos jardins, e estrellas quasi obscuras no firmamento.⁷⁰⁸

Fellippe apresentou o seu amigo a sua digna avó, e a todas as outras pessoas que ahi se achavão. Não ha remedio senão dizer alguma cousa sobre ellas.⁷⁰⁹ A Sra. D. Anna, este o nome da avó de Fellippe, é uma senhora de espirito e alguma instrucção.⁷¹⁰ Em consideração a⁷¹¹ seus sessenta annos, ella dispensa tudo quanto⁷¹² se poderia dizer sobre o seu physico. Em summa, cheia de bondade e de agrado, ella recebe a todos com o sorriso nos labios.⁷¹³ seu coração se póde talvez dizer o templo da amizade, cujo mais nobre altar é exclusivamente consagrado à querida neta, a irmã de Fellippe;⁷¹⁴ e⁷¹⁵ ainda mais, seu affecto para com essa

⁷⁰¹ {,}

⁷⁰² {,}

⁷⁰³ ampla

⁷⁰⁴ , com janellas e portas para o pomar e jardim, e |ter-se-á| feito da casa a {uma}idéa {precisa.} ~~que precisamos dar.~~

⁷⁰⁵ ~~Pois bem;~~ Augusto apresentou-se. A sala {,} estáva ornada {de uma} ~~com~~ bôa duzia de jovens interessantes; {,} pareceu ao {moço} ~~estudante~~ um jardim cheio de |flores|, ou {um} e céu semeado de estrellas.

⁷⁰⁶ Verdade seja que, |entre| ~~esses~~ — {aquelles} orgulhos — da idade presente, havia tambem algumas rugosas representantes do tempo passado;

⁷⁰⁷ isso{,} porém{,}

⁷⁰⁸ ainda mais ~~lhe~~ sancciona a propriedade da comparação; {,}porque ha muitas rosas murchas nos jardins, e {muitas} estrellas ~~quasi~~ obscuras no firmamento.

⁷⁰⁹ |Felippe| apresentou o seu amigo |à| sua digna avó, e a todas as outras pessoas que ahi se |achavam|. Não ha remedio senão dizer alguma cousa sobre ellas. *Fim de parágrafo*

⁷¹⁰ ~~A Sra. D.~~ {Don'} Anna, ~~este o nome da~~ avó de |Felippe|, é uma senhora de espirito e alguma {cultura.} ~~instrucção.~~

⁷¹¹ aos

⁷¹² que

⁷¹³ ~~Em summa,~~ Cheia de bondade e {amiga} de {agradar} ~~agrade~~, ella {recebia} ~~recebe~~ a todos com o sorriso nos labios;-{,}

⁷¹⁴ seu coração ~~se póde talvez dizer~~ {é um} e templo da {de}amizade, ~~cujo~~ {com o} mais nobre altar é ~~exclusivamente~~ consagrado {exclusivamente} à querida neta, a irmã de |Felippe|;-{.}

⁷¹⁵ E

menina não se limita á doçura da amizade;⁷¹⁶ vai⁷¹⁷ ao ardor da paixão...⁷¹⁸ Perdendo seus pais quando apenas contava oito annos, a innocente criança tinha, àssim como Fellippe, achado no seio da melhor das avós toda a ternura de sua extremosa mãe.⁷¹⁹

Ao lado da Sra.'D. Anna estavam duas jovens cujos nomes se adivinharão facilmente: uma é —a pallida, —a outra — a loura — : são as primas de Fellippe.⁷²⁰

Ambas são bonilinhas; mas,⁷²¹ para Augusto;⁷²² dona Quinquina tem as feições mais regulares, achou-lhe mesmo muita harmonia nos cabellos louros, olhos azues e faces coradas, confessando todavia que as negras madeixas e rosto romantico de dona Joanninha fizeram-lhe uma brecha terrivel no coração.⁷²³

Além destas, algumas outras senhoras ahi estavam, valendo bem a pena de se olhar para ellas meia hora sem pestanejar.⁷²⁴ Toda a difficulidade porém⁷²⁵ está em pintar aquella mocinha, que acaba de sentar-se pela sexta vez depois que Augusto entrou na sala : é⁷²⁶ a irmã de Fellippe⁷²⁷. Que beija-flor⁷²⁸! Ha cinco mininutos que Augusto entrou,⁷²⁹ e em tão curto espaço já ella sentou-se em diferentes⁷³⁰ cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéo, de Leopoldo mais de duas onças d'agoa⁷³¹ de Colonia de um⁷³² vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança,⁷³³ deu um beliscão em Fellippe,

⁷¹⁶ :

⁷¹⁷ |vae|

⁷¹⁸ .

⁷¹⁹ ~~Perdendo seus~~ {Perdidos os} |paes| quando apenas |contava| oito annos, a innocente |creança| tinha, |assim| como |Fellippe|, achado no seio da melhor das avós toda a ternura de sua extremosa |mãe|.

⁷²⁰ Ao lado da Sra.'D. {sra. don'} Anna |estavam| duas jovens{,} cujos nomes se adivinharão facilmente: uma é —a pallida, {;}—a outra — a loura {;} —: são as primas de |Fellippe|.

⁷²¹ ,

⁷²² ;

⁷²³ , ~~achou-lhe~~ {e} mesmo muita harmonia nos cabellos louros, olhos azues e faces coradas, ~~confessando~~ {,} Todavia{,} ~~que~~ as negras {medeixas} ~~madeixas~~ e rosto romantico de d{.} ~~ona~~ Joanninha |fizeram-lhe| uma |brécha| terrivel no coração.

⁷²⁴ Além destas, ~~algumas~~ outras senhoras ~~ahi~~ {ali} |estavam|, {bem} valendo ~~bem~~ a pena de se olhar{-se} para ellas meia hora sem pestanejar.

⁷²⁵ {,} porém {,}

⁷²⁶ é

⁷²⁷ |Fellippe|

⁷²⁸ |flôr|

⁷²⁹ ,

⁷³⁰ varias

⁷³¹ |de agua|

⁷³² dum

⁷³³ ~~um dos~~ {o} aparadores, fez chorar uma |creança|,

e Augusto a surprehendeu fazendo⁷³⁴ lhe caretas: travessa,⁷³⁵ inconsequente, e às vezes engraçada; viva, curiosa, e em algumas ocasiões impertinente.⁷³⁶ O nosso estudante não póde⁷³⁷ dizer com precisão,⁷³⁸ nem o que ella é, nem o que não é: acha-a estouvada, caprichosa, e⁷³⁹ mesmo feia, e pretende tratá-la com seriedade e estudo⁷⁴⁰ para nem desgostar à⁷⁴¹ dona da casa, nem se sujeitar a sofírer as impertinencias e travessuras que a todo⁷⁴² momento a vê praticar com os outros. Emfim, para acabar de uma vez esta já longa⁷⁴³ conta das senhoras que se achavão na sala⁷⁴⁴, diremos que ahi se notavão tambem duas velhas amigas da dona da casa⁷⁴⁵. Uma que só se entreteve, se entretém, e se ha-de entreter em admirar a graça e encantos de duas filhas, que comsigo troucera;⁷⁴⁶ e outra que pertence ao genero d'aquellas que nas sociedades agarrão n'um pobre homem,⁷⁴⁷ sentão-no ao pé de si, e, maçando-o duas e tres horas com enfadonhas e interminaveis dissertações, finalmente o largão suppondo que lhe tem feito grande honra, e dado o maior prazer.⁷⁴⁸

Quanto aos homens... Não⁷⁴⁹ vale a pena; vamos adiante.

Estas observações que aqui vamos offerecendo, fez tambem:⁷⁵⁰ Augusto comsigo mesmo⁷⁵¹ durante o tempo que gastou em⁷⁵² endereçar seus cumprimentos,⁷⁵³ e dizer todas essas cousas muito banaes, e já muito sedições; mas que se dizem sempre de parte a parte⁷⁵⁴

⁷³⁴ {-}

⁷³⁵ caretas; |travêssa|,

⁷³⁶ curiosa, e em algumas {certas} occasiões impertinente.

⁷³⁷ |pode|

⁷³⁸ ,

⁷³⁹ e

⁷⁴⁰ reserva{,}

⁷⁴¹ |a|

⁷⁴² {o}

⁷⁴³ já longa {comprida}

⁷⁴⁴ que se achavão na sala {presentes}

⁷⁴⁵ diremos que ahi {ainda} se |notavam| tambem duas velhas amigas da dona da casa

⁷⁴⁶ Uma{, apenas entrevista,} ~~que só se entreteve, se entretém{-se}, e {só} se ha-de entreter{-se}~~ em admirar a graça e {os} encantos de duas filhas, que comsigo |trouxera|;

⁷⁴⁷ e {a} outra ~~que~~ pertence ao genero |daquellas| que{,} nas sociedades-a |garram| n'um pobre homem,

⁷⁴⁸ |sentam-no| ao pé de si, e, maçando-o duas e tres horas com enfadonhas e interminaveis dissertações, finalmente o |largam| {,} suppondo ~~que lhe~~ tem {lhe} feito grande honra, e dado o maior {grande} prazer.

⁷⁴⁹ não

⁷⁵⁰ fez tambem: {-fel-as}

⁷⁵¹ {,}

⁷⁵² para

⁷⁵³ ,

⁷⁵⁴ muito banaes, e já muito sedições; mas que se dizem sempre de parte a parte{,}

com obrigado sorrir nos labios e indifferença no coração. Concluida essa verdadeira maçada, e reparando que todos tratavão⁷⁵⁵ de conversar⁷⁵⁶ para melhor passar as horas e esperar as do jantar, elle⁷⁵⁷ voltou o rosto⁷⁵⁸ com vistas de achar uma cadeira desoccupada junto d'alguma d'aquellas moças;⁷⁵⁹ porém, ó mofina do pobre estudante! ó intempestivo castigo dos seus maiores peccados!... a segunda das duas velhas de quem ha pouco se tratou, estendeu a mão, e chamou-o, mostrando com o ; dedo carregado de anneis um lugar livre junt della.⁷⁶⁰

Não havia remedio; era preciso soffrer com olhos enxutos e o prazer na face,⁷⁶¹ o martyrio que se lhe offerecia. Augusto sentou-se ao pé da Sra. D.⁷⁶² Violante.

Ella⁷⁶³ lançou-lhe um olhar de bondade e protecção, e elle⁷⁶⁴ abaixou os olhos, porque os de; D.⁷⁶⁵ Violante são terrivelmente feios,⁷⁶⁶ e os do estudante não se podem demorar por muito tempo sobre espelho de tal qualidade.⁷⁶⁷

— Adivinho, disse ella com certo ar de ironia, que lhe está pesando de mais o sacrificio de perder alguns momentos conversando com uma velha.⁷⁶⁸

— Oh⁷⁶⁹ minha senhora! respondeu o moço as palavras de V.S. fazem grande injustiça a si propria, e a mim tambem :⁷⁷⁰ a mim, por que⁷⁷¹ me faz bem⁷⁷² cheio de rudeza e máo gosto; e a si, porque se um cégo as ouvisse, certo que não faria idéa do vigor e da...

⁷⁵⁵ |tratavam|

⁷⁵⁶ {,}

⁷⁵⁷ para melhor passar as horas e esperar as do jantar, elle

⁷⁵⁸ {,}

⁷⁵⁹ junto |de alguma| d'aquellas {das} moças;

⁷⁶⁰ a segunda {ultima} das duas velhas {acima indicadas} de quem ha pouco se tratou, |estendeu| a mão, e chamou-o, mostrando com o ; dedo carregado de anneis um lugar livre junt{o de si} della.

⁷⁶¹ com olhos enxutos e o {ar} prazer na {cara} face,

⁷⁶² sra. d.

⁷⁶³ A velha

⁷⁶⁴ e elle {Augusto}

⁷⁶⁵ de ; d.

⁷⁶⁶ ,

⁷⁶⁷ e os do estudante {seus} não {sabiam} se podem demorar por muito tempo sobre espelho de tal qualidade.

⁷⁶⁸ ...

⁷⁶⁹ {,}

⁷⁷⁰ respondeu o moço as {suas} palavras de V.S. fazem grande injustiça a si propria, e a mim tambem :

⁷⁷¹ |porque|

⁷⁷² bem

— Olhem como elle é lisongeiro⁷⁷³!... exclamou a velha, batendo levemente com o leque no hombro do estudante, acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura,⁷⁷⁴ rindo-se com tão particular estudo, que mostrava dous unicos dentes que lhe restavam.⁷⁷⁵

Augusto olhou fixamente para ella,⁷⁷⁶ e conheceu que na verdade⁷⁷⁷ se havia adiantado muito. D. Violante era horivelmente horrenda,⁷⁷⁸ e, com sessenta annos de idade, apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperrada criança⁷⁷⁹.

A conversação continuou por uma bôa hora; O tédio do. estudante chegou a ponto de fazel-o arrepender-se de ter vindo à ilha de...⁷⁸⁰ Tres vezes tentou levantar-se; mas D. Violante⁷⁸¹ sempre tinha novas cousas a dizer: fallou-lhe sobre a sua mocidade...⁷⁸² seus pais⁷⁸³, seus amôres⁷⁸⁴, seu tempo, seu finado marido, sua esterilidade, seus rendimentos, seu papagaio, e até suas gallinhas. Ah! fallou⁷⁸⁵ mais que um deputado da opposição, quando se⁷⁸⁶ discute o voto de graças. Finalmente, parou um instante, talvez para respirar, começar novo ataque de maçada:⁷⁸⁷ Augusto quiz aproveitar-se da intermitencia⁷⁸⁸; estava desesperado,⁷⁸⁹ e pela quarta vez ergueu-se.

— Com licença de V. S⁷⁹⁰

⁷⁷³ |lisonjeiro|

⁷⁷⁴ ~~acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura,~~ {e}

⁷⁷⁵ rindo-se {de modo tão estudado} ~~com tão particular estudo,~~ que mostrava {os seus} dous unicos dentes {restantes} ~~que lhe restavam.~~

⁷⁷⁶ Para ella fixamente ;

⁷⁷⁷ {,} na verdade{,}

⁷⁷⁸ ,

⁷⁷⁹ |creança|

⁷⁸⁰ A conversação continuou por uma bôa hora;-Θ {e o} tédio do. estudante chegou a ponto de fazel-o arrepender-se de ter vindo à ilha ~~de...~~ {.}

⁷⁸¹ ; {,} mas d. Violante

⁷⁸² ,

⁷⁸³ |paes|

⁷⁸⁴ |amores|

⁷⁸⁵ |falou|

⁷⁸⁶ se

⁷⁸⁷ talvez para respirar {e preparar}, ~~começar~~ novo ataque de maçada-{:}

⁷⁸⁸ |intermitencia|

⁷⁸⁹ ,

⁷⁹⁰ Vossa Excellencia

— Nada ! disse a velha⁷⁹¹ detendo-o e apertando-lhe a mão;⁷⁹² eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

— Muito que dizer ?... balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cahir sobre a cadeira como fulminado por um raio.⁷⁹³

— O Senhor⁷⁹⁴ está incommodado?... perguntou D. Violante⁷⁹⁵ com toda a ingenuidade.

— Eu... eu estou às ordens de V. S.⁷⁹⁶

— Ah! vê-se que a sua delicadeza iguala a sua bondade, continuou ella com um accento. meio⁷⁹⁷ assucarado e terno.

— Oh⁷⁹⁸ castigo de meus peccados! ... pensou,⁷⁹⁹ Augusto comsigo ; querem ver que a velha está; namorada,⁸⁰⁰ de mim?!! e recuou sua cadeira meio palmo para longe da della.⁸⁰¹

— Não fuja... proseguiu D. Violante arrastando por sua vez sua cadeira até encostál-a à do estudante; não fuja... eu quero dizer-lhe: cousas que não é preciso que os outros oução.⁸⁰²

— E então? pensou de novo Augusto, fiz ou não uma galante conquista !... — E suava suores frios.⁸⁰³

— O senhor está no quinto anno de medicina? ...⁸⁰⁴

— Sim, minha senhora.

— Já cura?

⁷⁹¹ {,}

⁷⁹² |apertando-lhe| a mão-; :

⁷⁹³ balbuciou o estudante ~~automaticamente, e deixando-se cahir sobre a cadeira~~ como fulminado por um raio.

⁷⁹⁴ senhor

⁷⁹⁵ d. Violante

⁷⁹⁶ V. Excia.

⁷⁹⁷ meio

⁷⁹⁸ {,}

⁷⁹⁹ ,

⁸⁰⁰ ; namorada, {enamorada}

⁸⁰¹ para longe da della

⁸⁰² proseguiu d. Violante ~~arrastando por sua vez~~ {aproximando} sua cadeira até encostál-a à do estudante; {;} não fuja... eu quero dizer-lhe: cousas que não é preciso que os outros |ouçam|.

⁸⁰³ — E então? pensou de novo Augusto, {,} Fiz ou não uma galante conquista{;} !... — E suava suores frios{...}

⁸⁰⁴ ...

— Não, minha senhora.

— Pois eu desejava referir-lhe certos incommodos que soffro, para que o senhor me dissesse ⁸⁰⁵que molestia padeço, ⁸⁰⁶e que tratamento me convem ⁸⁰⁷.

— Mas ⁸⁰⁸minha senhora, eu ainda não sou medico, ⁸⁰⁹e só no caso de urgente necessidade me atreveria ...

Eu tenho ⁸¹⁰inteira confiança no senhor: ⁸¹¹me parece ⁸¹²que é o unico capaz de acertar com a minha enfermidade.

— Mas alli está um estudante do sexto anno...

— Eu quero o senhor mesmo. ⁸¹³

— Pois, minha senhora, eu ⁸¹⁴estou prompto para ouvil-a; porém julgo ⁸¹⁵que o tempo e o lugar são pouco opportunos ⁸¹⁶...

— Nada... ha-de ser agora mesmo. ⁸¹⁷

— Ah!... A bôa da velha fallou e tornou a fallar: erão duas horas da tarde, e ella ainda dava conta de todos os seus costumes, de sua vida inteira; emfim foi uma relação de commemorativos, como nunca mais ouvirá o nosso estudante. ⁸¹⁸ As vezes ⁸¹⁹ Augusto olhava para seus companheiros, ⁸²⁰e os via alegremente ⁸²¹ praticando com as bellas senhoras que abrilhantavão a sala, emquanto elle se via obrigado a ouvir a mais insupportavel de todas as

⁸⁰⁵ {de}

⁸⁰⁶ ,

⁸⁰⁷ |convém|

⁸⁰⁸ {,}

⁸⁰⁹ ,

⁸¹⁰ {—} Eu-Tenho

⁸¹¹ ;

⁸¹² parece-me

⁸¹³ !

⁸¹⁴ -eu

⁸¹⁵ julgo, porém,

⁸¹⁶ pouco oportunos {inoportunos}

⁸¹⁷ — Nada{!} ... |Ha de| ser agora mesmo{...}

⁸¹⁸ — Ah!... {E} a |boa| da velha |falou| e tornou a |falar| -erão {bateu as} duas horas da tarde, e ella ainda dava conta de todos os seus {permenores} costumes, de sua vida inteira; emfim foi uma {, numa} relação de commemorativos, como nunca mais ouvirá o nosso estudante.

⁸¹⁹ As vezes

⁸²⁰ ,

⁸²¹ alegres {,}

historias.⁸²² D' aqui, e de certos phenomenos que accusava a macista, nasceu-lhe o desejo de tomar uma vingançazinha.⁸²³ Firme neste proposito, esperou com paciencia que D.⁸²⁴ Violante fizesse ponto final, bem a⁸²⁵ determinado a esmagal-a com o peso do seu diagnostico,⁸²⁶ e ainda mais com o tratamento que tencionava prescrever⁸²⁷ lhe.

Às⁸²⁸ duas horas e meia a oradora terminou o seu discurso, dizendo:

— Agora quero que, com toda sinceridade,⁸²⁹ me diga se conhece a minha enfermidade e o que devo fazer.

— Então V. S. dá-me licença para-fallar com toda sinceridade?...⁸³⁰

— Eu o exijo.⁸³¹

— Pois⁸³² minha senhora, attendendo⁸³³ tudo quanto ouvi, e principalmente a esses ultimos incommodos,⁸³⁴ que tão a miudo soffre, e de que ma's⁸³⁵ se queixa, como — *tonteiras* — *dôres no ventre* — *calefrios* — *certas difficuldades* — *esse peso dos lombos, etc.,*⁸³⁶ concludo, e todo⁸³⁷ munndo medico concluirá comigo, que V. S. padece...⁸³⁸

— Diga... não tenha medo.⁸³⁹

—⁸⁴⁰ Hemorrhoidas.

⁸²² praticando com as bellas senhoras que |abrillantavam| a sala,—enquanto {; só} ele {ali,} se-via obrigado a ouvir a mais insupportavel de todas as historias-{...}

⁸²³ ~~D' aqui,~~ {Disso} e de certos ~~phenomenos que accusava a macista,~~ {sympntomas que a maçadora acusava,} nasceu-lhe o desejo de tomar uma vingançazinha.

⁸²⁴ d.

⁸²⁵ a

⁸²⁶ ,

⁸²⁷ {-}

⁸²⁸ A's

⁸²⁹ — ~~Agora quero que~~ {Quero agora}, com toda sinceridade,

⁸³⁰ — ~~Então V.~~ {Excia.} S. dá-me licença para-|falar| com toda sinceridade?---

⁸³¹ — Exijo-o!

⁸³² {,}

⁸³³ {a}

⁸³⁴ ,

⁸³⁵ ~~e de que ma's~~ {e demais}

⁸³⁶ = tonteiras — |dores| no ventre — calefrios — certas difficuldades — esse peso ~~des~~ {no} lombos, etc.,

⁸³⁷ {o}

⁸³⁸ V. {Excia.} S. padece {de} ...

⁸³⁹ — Diga{!}... não tenha medo...

⁸⁴⁰ {De h}

D. Violante fez-se vermelha como um pimentão: horrivel⁸⁴¹ como a mais horrivel das fúrias, encarou o estudante com despeito⁸⁴², fixando nelle seus tristissimos olhos furtacores, perguntou:⁸⁴³

— O que foi que disse, senhor?...⁸⁴⁴

— Hemorrhoidas, minha senhora.

Ella soltou uma risada sarcastica.

— V. S.⁸⁴⁵ quer que lhe prescreva o tratamento conveniente?...

— Menino, respondeu com máo humôr⁸⁴⁶, tome o meu conselho;⁸⁴⁷ outro officio: o⁸⁴⁸ senhor não nasceu para medico.⁸⁴⁹

— Sinto ter desmerecido o⁸⁵⁰ agrado de V. S.⁸⁵¹ por tão insignificante motivo. Rogo-lhe que me desculpe ; mas eu julguei dever dizer o que entendia.⁸⁵²

Isto dizendo, o estudante ergueu-se;⁸⁵³ a velha já não fez o menor movimento para o demorar; e vendo-o deixal-a, disse em tom prophético: ⁸⁵⁴

— Este não nasceu para a medicina!⁸⁵⁵

Mas Augusto, afastando-se de D. Violante, dava graças ao poder de seu diagnostico, e augurava muito bem de seu futuro medico, pela grande victoria que acabava de alcançar.⁸⁵⁶

⁸⁴¹ pimentão. Horrivel

⁸⁴² {e}

⁸⁴³ |furta-côres|, perguntou-interrogou:

⁸⁴⁴ — O que foi que {Que é que} disse, senhor?...

⁸⁴⁵ Excia.

⁸⁴⁶ |humor|

⁸⁴⁷ :

⁸⁴⁸ . O

⁸⁴⁹ ...

⁸⁵⁰ no

⁸⁵¹ Excia.

⁸⁵² ...

⁸⁵³ ÷{e}

⁸⁵⁴ para o demorar; e vendo-o deixal-a, disse {reter, murmurando comsigo,} em tom prophético:

⁸⁵⁵ ...

⁸⁵⁶ Mas Augusto, afastando-se {afastou-se} de d. Violante, dava |dando| graças ao poder de seu diagnostico, e augura{ndo}va muito bem {da sua futura carreira} de seu futuro medico, pela grande victoria que acabava de alcançar.

— Agora sim, disse elle com os seus botões, vou recuperar o tempo perdido; e procurava uma cadeira cuja vizinhança lhe conviesse.⁸⁵⁷

A digna hospeda⁸⁵⁸ comprehendeu perfeitamente os desejos do estudante, pois, mostrando-lhe um lugar junto de sua neta, disse:

— Aquella menina lhe⁸⁵⁹ poderá divertir alguns instantes.

— Mas, minha avó, exclamou a menina com promptidão, até o dia de hoje ainda não me suppuz boneca.⁸⁶⁰

— Menina!...

— Comtudo eu serei bem feliz se poder fazer com que o senhor... o senhor...⁸⁶¹

— Augusto, minha senhora...⁸⁶²

— O Sr. Augusto passe junto a mim momentos tão agradaveis, como lhe fôrão as horas que gozou ao pé da Sra. D. Violante.⁸⁶³

Augusto gostou da ironia; e já se dispunha⁸⁶⁴ a travar conversação⁸⁶⁵ com a menina travessa⁸⁶⁶ quando Fabricio se chegou a elles, e disse à Augusto:⁸⁶⁷

— Tu me debes dar⁸⁶⁸ uma palavra.

— Creio que não é preciso que seja immediatamente.⁸⁶⁹

— Se a Sra. D. Carolina o permittisse, eu estimaria fallar-te já.⁸⁷⁰

— Por mim não seja... disse a menina⁸⁷¹ erguendo-se.

⁸⁵⁷ — {Tratemos} agora {de recuperar o tempo perdido, pensou} ~~sim, disse~~ elle com os seus botões, ~~vou recuperar o tempo perdido; e procurava~~ {procurando} uma cadeira cuja vizinhança lhe conviesse

⁸⁵⁸ A dona da casa

⁸⁵⁹ o

⁸⁶⁰ ...

⁸⁶¹ — {Serei} comtudo ~~eu serei bem~~ {muito} feliz |si puder| fazer ~~com~~ que o senhor... o senhor...

⁸⁶² .

⁸⁶³ — O Sr. {senhor} Augusto passe junto ~~a~~ {de} mim momentos tão agradaveis, como {os que} ~~lhe fôrão~~ as horas que |gosou| ao pé da Sra. D. {de d}. Violante. {...}

⁸⁶⁴ |dispunha|

⁸⁶⁵ conversa

⁸⁶⁶ {,}

⁸⁶⁷ elles, e disse à Augusto:

⁸⁶⁸ ~~dar~~

⁸⁶⁹ — ~~Creio que não é~~ {Será} preciso ~~que seja~~ immediatamente. {?}

⁸⁷⁰ — Se a Sra. D. {dona} Carolina o {permite,} ~~permittisse~~, eu estimaria fallar-te já.

⁸⁷¹ {,}

— Não, minha senhora, eu o ouvirei mais tarde, acudiu Augusto querendo retel-a.⁸⁷²

— Nada... não quero que o Sr.⁸⁷³ Fabricio me olhe com mãos⁸⁷⁴ olhos... Além de que, eu devo ir apressar o jantar;⁸⁷⁵ pois leio⁸⁷⁶ no seu rosto que a conversação⁸⁷⁷ que teve com a Sra. D.⁸⁷⁸ Violante, quando mais não dêsse, ao menos produziu-lhe muito appetite...⁸⁷⁹ mesmo um appetite de... de..⁸⁸⁰

— Acabe.⁸⁸¹

— De estudante.⁸⁸²

E, mal disse, a travessa moreninha correu para fóra da sala.⁸⁸³

⁸⁷² eu o ouvirei {ouvil-o-ei} mais tarde, acudiu Augusto{,} querendo retel-a.

⁸⁷³ sr.

⁸⁷⁴ maus

⁸⁷⁵ ,

⁸⁷⁶ li

⁸⁷⁷ palestra

⁸⁷⁸ sra.d.

⁸⁷⁹ {deu-lhe}

⁸⁸⁰ de...

⁸⁸¹ !

⁸⁸² !...

⁸⁸³ E, mal disse, a |travêssa| Moreninha correu para fóra da sala.

IV

FALTA DE CONDESCEDENCIA

Fabricio acaba de commetter um grave⁸⁸⁴ erro, que para elle será de más consequencias⁸⁸⁵. Quem pede, e quer ser servido deve medir bem o tempo, o lugar e as circumstancias,⁸⁸⁶ e Fabricio⁸⁸⁷ não soube conhecer que o tempo, o lugar e as circumstancias lhe erão⁸⁸⁸ completamente desfavoraveis. Vai⁸⁸⁹ exigir que Augusto o ajude a forjar cruel cilada contra uma joven de dezesete annos, cujo delicto é ter sabido amar o ingrato com exagerado extremo⁸⁹⁰. Ora, para conseguir semelhançoe torpeza, preciso seria que Fabricio aproveitasse um momento de loucura, um desses instantes; de capricho e de delirio, em que Augusto pensasse que ferir a fibra mais sensivel e vibrantes do coração da mulher⁸⁹¹, a fibra do amor, não é um crime, não é pelo menos louca e reprehensivel leviandade, e apenas perdoavel e interessante divertimento de rapazes; e nessa hora não podia Augusto raciocinar tão indignamente:⁸⁹² Ainda quando não houvesse nelle muita generosidade, estava para desarmar-o o poder⁸⁹³ indizivel da innocencia, o poderoso magnetismo de vinte olhos bellos como o planeta do dia,⁸⁹⁴ a influencia captivadora⁸⁹⁵ da formosura em botão, da belleza virgem ainda, de um⁸⁹⁶ anjo emfim; porque é symbolo de um anjo a virgindade de uma joven bella.

⁸⁸⁴ grande

⁸⁸⁵ que para elle {lhe} será de más consequencias

⁸⁸⁶ Quem pede, e quer ser {attendido} servido deve medir bem o tempo, o lugar e as circumstancias;

⁸⁸⁷ e Fabricio

⁸⁸⁸ |eram|

⁸⁸⁹ |Vae|

⁸⁹⁰ e {um} ingrato com exagerado{s} extremo{s}

⁸⁹¹ um desses instantes; de capricho e de delirio; em que Augusto {tivesse para si} pensasse que ferir a fibra mais sensivel e vibrantes do coração da mulher

⁸⁹² a fibra do amor, não {fosse} é um crime, não é pelo menos louca e {nem sequer} reprehensivel leviandade; e apenas perdoavel e interessante divertimento de rapazes; e {naquella} nessa hora não podia Augusto raciocinar tão indignamente: {.}

⁸⁹³ a força

⁸⁹⁴ -, {e}

⁸⁹⁵ captivante

⁸⁹⁶ ainda, de um

Mas Fabricio olvidou tudo, e mal sem duvida terá de sahir de seu empenho com tantas contrariedades; o⁸⁹⁷ tempo não lhe é propício, porque Augusto começa a sentir todos⁸⁹⁸ os symptomas de appetite devorador. Ora⁸⁹⁹ um rapaz, e principalmente um estudante, com fôrme⁹⁰⁰ se aborrece de tudo, principalmente do que lhe cheira a macada.⁹⁰¹ O lugar não menos lhe era desfavoravel, porque diante de um ranchinho de bellas moças, quem poderá tramar contra o socego dellas?...⁹⁰² Então Augusto, dos taes que por semelhante povo são como formiga por assucar, macáco por banana, criança por campainha... e elle tem razão!⁹⁰³ Por [...] ⁹⁰⁴as circumstancias tambem⁹⁰⁵ contrariavam Fabricio, pois a Sra. D.⁹⁰⁶ Violante havia tido o poder de esgotar toda a elastica pachorra do pobre estudante, que não acharia nem [...] uma só dóse homoeopathica desse tão necessario confortativo para despender com o novo macista.⁹⁰⁷

Fabricio tomou pois⁹⁰⁸ o braço de Augusto, e ambos sahirão da sala⁹⁰⁹: este com vivos signaes de impaciencia, e o primeiro⁹¹⁰ com ares de quem ja tratar importante negocio⁹¹¹.

A innocente D.⁹¹² Joanninha os acompanhou com os olhos, e riu-se brandamente encontrando os de Fabricio, que teve ainda bastante audacia para fingir um sorriso de gratidão.

⁸⁹⁷ Mas Fabricio olvidou tudo, e mal sem duvida terá de sahir de seu empenho com tantas contrariedades {terá de sahir-se mal do seu empenho}; O

⁸⁹⁸ todos

⁸⁹⁹ ; ora{,}

⁹⁰⁰ |fome|{,}

⁹⁰¹ se aborrece de tudo, principalmente de que lhe cheira a |maçada|.

⁹⁰² O lugar não menos lhe {é menos} era desfavoravel, porque {,} diante de um ranchinho de bellas moças, quem poderá tramar contra o socego dellas?---

⁹⁰³ Então {Muito menos} Augusto, {que é} dos taes que por semelhante {povinho} povo são como formiga por assucar, |macaco| por banana, |creança| por campainha--- e elle tem razão! *Fim de parágrafo*

⁹⁰⁴ ultimo,

⁹⁰⁵ tambem as circumstancias

⁹⁰⁶ Sra.D.-{dona}

⁹⁰⁷ havia tido o poder de esgotar toda {exgottado} a elastica{- paciencia} pachorra do pobre estudante, que não {tinha mais comsigo} acharia nem [...] uma só {gotta} dóse homoeopathica desse tão necessario confortativo para despender com o novo macista-{maçante.}

⁹⁰⁸ tomou{,} pois{,}

⁹⁰⁹ e |sahiram| ambos da |sala|

⁹¹⁰ o primeiro {aquelle}

⁹¹¹ com ares de quem ja {ia a} tratar {de} importante negocio

⁹¹² dona

Elles se dirigirão⁹¹³ ao gabinete do lado direito da sala⁹¹⁴, o qual fôra destinado para os homens, e entrando fechou Fabricio a porta sobre si,⁹¹⁵ para se achar em toda⁹¹⁶ liberdade. Emfim, estavam sós: voltados-um para o outro⁹¹⁷, guardarão⁹¹⁸ alguns momentos de silencio. Foi Augusto quem teve de rompe-lo.⁹¹⁹

— Então, ficamos⁹²⁰ a jogar o siso?...

— Espero a tua resposta, disse Fabricio.

— Ainda me não perguntaste nada, respondeu o outro.⁹²¹

— A minha carta?...

— Eu a li..., sim tive a paciencia de lel-a toda.⁹²²

— E então?...

— Então o que⁹²³, homem?...

— A resposta.⁹²⁴

— Aquillo não tem resposta.⁹²⁵

— Ora deixa-te disso; vamos mangar com a moça.⁹²⁶

— Tu estás doudo, Fabricio.⁹²⁷

— Por tua culpa, Augusto.

— Pois então?⁹²⁸ cuidas que o amor de uma senhora deva ser⁹²⁹ a petéca com que se divirtão dous⁹³⁰ estudantes ?...

⁹¹³ Elles se dirigirão {Dirigiram-se}

⁹¹⁴ da sala

⁹¹⁵ e entrando fechou Fabricio {fechou} a porta sobre si

⁹¹⁶ com toda {a}

⁹¹⁷ Emfim, {Estavam} sós {, emfim, e}÷voltados-um para o outro

⁹¹⁸ |guardaram|

⁹¹⁹ .Foi {,} Augusto {rompeu-o} quem teve de rompe-lo.

⁹²⁰ ? Ficamos

⁹²¹ ...respondeu o outro Augusto.

⁹²² — Eu a li..., {Li-a,} sim{,} tive a paciencia de |lêl-a| toda{...}

⁹²³ {,} e |quê|

⁹²⁴ {?...}

⁹²⁵ ...

⁹²⁶ — Ora{,} deixa-te disso; {!} Vamos mangar com a moça.

⁹²⁷ — Tu estás doudo, Fabricio- {?}

⁹²⁸ ?

⁹²⁹ deva ser {é}

⁹³⁰ |divirtam dois|

— Quem é que te falla em petéca?... Pelo⁹³¹ contrario⁹³² o que eu quero é desgrudar-me do fatal contrabando.

— Não; apesar teu deves⁹³³ respeitar e cultivar o nobre sentimento que te liga a D.⁹³⁴ Joanninha. Que se diria do teu procedimento, se depois de trazeres uma moça toda cheia de amor e fé na tua constancia por espaço de tres mezes, a desprezasses sem a menor apparencia de razão, sem a mais pequena desculpa?...

— Então tu, com o teu systema de...

— Eu desengano:⁹³⁵ previno a todas⁹³⁶ que minhas paixões teem⁹³⁷ apenas horas de vida; e tu, como os outros, juras amor eterno.

— Estou desconhecendo-te, Augusto.⁹³⁸ Sempre te achei com juizo e bom conceito,⁹³⁹ e agora temo muito⁹⁴⁰ que estejas com principios de alienação mental!⁹⁴¹ Explica-me, por quem és, que subito accesso de moralidade é esse que tanto te perturba.⁹⁴²

— Isto, Fabricio, chama-se⁹⁴³ inspiração dos bons costumes.

— Bravo! bravo! foi muito bem respondido; mas⁹⁴⁴ palavra de honra que tenho dó de ti! Vejo que, em materias da natureza da de que tratamos, estás tão atrasado como eu em fazer sonetos.⁹⁴⁵ Apesar⁹⁴⁶ de todo o teu romantismo, ou⁹⁴⁷ talvez principalmente⁹⁴⁸ por causa delle, não vês o que se passa a duas pollegadas do nariz. Pois, meu amigo, quero te dizer:⁹⁴⁹ a

⁹³¹ Ao

⁹³² {,}

⁹³³ — Não; {!} ~~apesar teu~~ {Embora contrariado,} deves

⁹³⁴ d.

⁹³⁵ ,

⁹³⁶ todos

⁹³⁷ |têm|

⁹³⁸ — Estou{-te} desconhecendo-te, Augusto-{|}

⁹³⁹ ,

⁹⁴⁰ receio ~~muito~~

⁹⁴¹ ...

⁹⁴² !...

⁹⁴³ {—}

⁹⁴⁴ — Bravo! ~~bravo! foi~~ Muito bem respondido;- {!} Mas{.}

⁹⁴⁵ Vejo que, ~~em {na} materias da natureza da de que tratamos,~~ estás tão atrasado como eu em fazer sonetos.

⁹⁴⁶ |Apesar|

⁹⁴⁷ {,}

⁹⁴⁸ principalmente

⁹⁴⁹ devo dizer-te:

theoria do amor do⁹⁵⁰ nosso tempo applaude e aconselha o meu procedimento; tu verás que eu⁹⁵¹ estou na regra, porque as moças teem⁹⁵² ultimamente tomado por móte de todos os seus apaixonados extremos, ternos affectos, e gratos requebros, estes tres infinitos de verbos — iscar — pescar — e casar.⁹⁵³ Ora bem vêes que,⁹⁵⁴ para contrabalançar tão parlamentares e viciosas disposições, nós⁹⁵⁵ os rapazes⁹⁵⁶ não podíamos deixar de inscrever por⁹⁵⁷ divisa em nossos escudos os infinitos destes tres outros verbos — fingir — rir — e fugir —. Portanto, segue-se que estou encadernado nos axiômas da sciencia.⁹⁵⁸

— Com effeito! | não⁹⁵⁹ te suppunha tão adiantado!

— Pois que duvida? Para viver-se vida bôa e livre, é preciso andar com olho aberto e pé ligeir : então as⁹⁶⁰ taes sujeitinhas, que,⁹⁶¹ com a facilidade e industria com que a aranha prende,⁹⁶² a mosca na têia⁹⁶³, são capazes de tecer⁹⁶⁴ de repente, com os olhares, sorrisos, palavrinhas doces, suspiros a tempo, me-deixes approximando-se⁹⁶⁵, zelos affectados e arrufos⁹⁶⁶ com sal e pimenta, uma armadilha tão emmaranhada, que⁹⁶⁷ se o papagaio é tolo e não vôa logo, mette por força o pé no laço e⁹⁶⁸ adeus minhas encommendas,⁹⁶⁹ fica de gaiola

950 em

951 eu

952 |têm|

953 ultimamente tomado por móte de todos os seus apaixonados extremos, ternos affectos, e gratos requebros, estes tres infinitos de verbos — iscar{,} — pescar — e casar.

954 Ora {,} bem vêes que,

955 {,}

956 {,}

957 como

958 divisa em nossos escudos os infinitos destes {de} tres outros verbos — fingir {,} — rir — e fugir —. Portanto, segue-se que estou encadernado nos |axiomas| da sciencia.

959 ! |—Não

960 é preciso andar com {o} olho aberto e {o} pé ligeir{o.} :—então As

961 que,

962 ,

963 |teia|

964 são capazes de tecer {tecem}

965 {“} me-deixes {“} approximando-se

966 |arrufos|

967 {,}

968 {,}

969 !

para todo o resto de⁹⁷⁰ seus dias... E por tanto, meu Augusto, deixa-te de insípidos escrupulos, e-ajuda-me a sahir dos apuros em que me vejo.⁹⁷¹

— Torno a dizer-te que estás doudo⁹⁷², Fabricio, pois⁹⁷³ que me acreditas capaz de servir de instrumento para um enredo...⁹⁷⁴ uma verdadeira traição. Então⁹⁷⁵ que pensas?... Eu requestaria D.⁹⁷⁶ Joanninha, não é assim?... tu a deixavas fingindo ciumes ; e depois, quem me livraria dos apertos em que necessariamente tinha de ficar?...⁹⁷⁷

— Ora isso não te custava cinco minutos de trabalho: tu... inconstante por indole e por systema.⁹⁷⁸

— Fabricio, deixa-te de asneiras; Já que te metteste n'isso, avante! além de que, D. Joanninha é um peixão.⁹⁷⁹

— Oh! oh! oh!... uma⁹⁸⁰ desenxabida...

— Que blasphemia!

— Além d'isso⁹⁸¹ é impossivel... não posso supportar o peso: escrever quatro cartas por semana...⁹⁸² isto só!⁹⁸³ o⁹⁸⁴ talento que é preciso para inventar asneiras e mentiras dezesseis vezes por mez! e depois o Tobias...⁹⁸⁵

— Puxa-lhe as orêlhas.⁹⁸⁶

⁹⁷⁰ dos

⁹⁷¹ ~~E por tanto~~ {Portanto}, meu Augusto, deixa-te de ~~insípidos~~-{tolos} escrupulos, e-ajuda-me a sahir dos apuros em que me vejo.

⁹⁷² |doido|

⁹⁷³ já

⁹⁷⁴ ,

⁹⁷⁵ {,}

⁹⁷⁶ d.

⁹⁷⁷ Tu a deixavas{,} fingindo ciumes {,} ; e depois, quem me livraria dos apertos em |qne| {,} necessariamente {me metteria?} ~~tinha de ficar?...~~

⁹⁷⁸ — Ora{,} isso não te custava cinco minutos de trabalho: ~~tu...~~ {, a ti,} inconstante por indole e por systema- {...}

⁹⁷⁹ — Fabricio, deixa-te de asneiras; já que te metteste |nisso|, avante! Além {do mais} ~~de que~~, d. Joanninha é um peixão{!...}

⁹⁸⁰ ~~oh!~~... Uma

⁹⁸¹ |disso| {,}

⁹⁸² ,

⁹⁸³ {...}

⁹⁸⁴ O

⁹⁸⁵ E{,} depois{,} o Tobias...

⁹⁸⁶ |orelhas|{!}

— Como... se elle é a cria de D. Joanninha, o alfinim da casa, o S. Benedicto da famihia!...⁹⁸⁷

— Não sei, meu amigo; atranja-te como podéres.⁹⁸⁸

— Lembra-te que foste a causa principal de tudo isso.⁹⁸⁹

— Quem? eu... eu apenas te disse que não sabias o gosto que tinha o amor à moderna.⁹⁹⁰

— Pois bem; sahi do meu elemento; fui experimentar a paixão romantica... ahi a tem!... a tal paixãozinha me esgotou já paciencia, juizo e dinheiro. Não a quero mais.⁹⁹¹

— Tu sempre foste um papa-empadas.⁹⁹²

— Sim; e ha dous mezes que nem sei o que é cheiro d'ellas. Anda, meu Augustozinho; ajuda-me!⁹⁹³

— Não posso,⁹⁹⁴ e não devo.

— Vê lá o que dizes!

— Tenho dito.

— Augusto!⁹⁹⁵

— Agora digo mais que não quero.⁹⁹⁶

— Olha que te has de arrepender!⁹⁹⁷

— Esta é melhor!... pretendes⁹⁹⁸ metter-me medo?...

— Eu⁹⁹⁹ sou capaz de vingar-me.

⁹⁸⁷ — Como... {,}se elle é {criado} a-cria de d. Joanninha, o alfinim da casa, o |São| Benedicto da famihia! {?}...

⁹⁸⁸ — Não sei, meu amigo; {,}arranja-te {lá} como |puderes|.

⁹⁸⁹ isto...

⁹⁹⁰ — Quem? Eu{?}... Eu apenas te disse que não sabias o gosto que tinha o {do} amor à moderna.

⁹⁹¹ — Pois {é isso.} bem; Sahi do meu elemento; {,}fui experimentar a paixão romantica... {e}ahi a tem! {tens}... A tal paixãozinha {já} me |exgottou| já {a} paciencia, {o} juizo e {o} dinheiro. Não a quero mais.

⁹⁹² ...

⁹⁹³ — Sim; e ha |dois| mezes que nem-{não} sei o que é {o} cheiro |dellas|. Anda, meu {Augustinho,} Augustozinho; ajuda-me!

⁹⁹⁴ ,

⁹⁹⁵ {...}

⁹⁹⁶ — {E} agora digo mais{:} que não quero-{|}

⁹⁹⁷ — Olha que te {vaes} has-de arrepender!{...}

⁹⁹⁸ Pretendes

— Desafio-te aisso.¹⁰⁰⁰

— Desacredito-te na opinião das moças.

— É um meio de tornar-me¹⁰⁰¹ objecto de suas atenções; peço-te que o faças.

— Descubro e analyso o teu systema de illudir a todas.

— Tornar-me-has¹⁰⁰² interessante a seus olhos.

— Direi que és um bandoleiro.

— Melhor;¹⁰⁰³ ellas farão por tornar-me constante.

— Mostrarei que a¹⁰⁰⁴ tua moral a respeito de amor é a peor¹⁰⁰⁵ possivel.

— Optimo!... ellas¹⁰⁰⁶ se esforçarão por fazel-a bôa.

— Hei de n'estes dous dias atrapalhar-te continuamente.¹⁰⁰⁷

— Bravo! não contava divertir-me tanto.¹⁰⁰⁸

— Então tu teimas no teu proposito?...¹⁰⁰⁹

— Pois se é precisamente agora que estou vendo os bons resultados que elle me promette!¹⁰¹⁰

— Portanto estes dous dias, guerra!¹⁰¹¹

— Bravissimo, meu Fabricio;¹⁰¹² guerra!

— Anticipo-té que meu primeiro ataque terá lugar durante o jantar.¹⁰¹³

— Oh! por milhares de razões tomára eu que chegasse a hora d'elle! ...¹⁰¹⁴

999 ~~Eu~~

1000 — Desafio-te {...} ~~aisso-~~

1001 ~~tornares-me~~

1002 |Tornar-me-às|

1003 ,

1004 a

1005 |peor|

1006 Ellas

1007 — Hei de n'estes dous dias atrapalhar-te continuamente {nestes dois dias}.

1008 — Bravo! {...} Não contava divertir-me tanto{!}-

1009 — Então{,} ~~tu~~ teimas no teu proposito?---

1010 {...}

1011 — {Guerra,} portanto{,} estes |dois| dias, ~~guerra-~~{...}

1012 :

1013 — |Anticipo-te| que meu primeiro ataque {será} ~~terá lugar~~ durante o jantar.

1014 — Oh! por milhares de razões |tomara| eu que chegasse {já} a hora |delle|! ...

— Augusto, até o¹⁰¹⁵ jantar!

— Fabricio, até o jantar!¹⁰¹⁶

N”este momento Fellippe abriu a porta do gbinete, e dirigindo-se aos dous disse:¹⁰¹⁷

— Vamos jantar. ¹⁰¹⁸

¹⁰¹⁵ ao

¹⁰¹⁶ — Até ao jantar, Fabricio!

¹⁰¹⁷ |Neste| momento |Fellippe| abriu a porta do gbinete; e {,} dirigindo-se aos |dous| disse{-lhes}:

¹⁰¹⁸ — Jantar!

V

JANTAR CONVERSADO

Ao escutar-se aquelle aviso animador, que, repetido pela boca de Fellippe,¹⁰¹⁹ tinha chegado até ao gabinete onde conversavam¹⁰²⁰ Augusto e Fabricio, raios de alegria brilhavam¹⁰²¹ em todos os semblantes. Cada cavalleiro deu o braço a uma senhora, e par a par se dirigirão para a sala de jantar. Erão, entre senhoras e homens, vinte e seis pessoas.¹⁰²²

Coube a Augusto a gloria de ficar entre D¹⁰²³. Quinquina, que-lhe dera a honra de aceitar seu braço direito, e uma joven de quinze annos, cuja cintura se podia¹⁰²⁴ abarcar¹⁰²⁵ completamente com as mãos.¹⁰²⁶ um velho allemão ficava à¹⁰²⁷ esquerda della, e sem vaidade podia Augusto aflirmar que D¹⁰²⁸. Clementina prestava¹⁰²⁹ mais attenção a elle que ao jagodes, que tambem, a fallar a verdade, por seu turno mais se importava com o copo que com a moça.¹⁰³⁰

D. Quinquina (como a chamão suas amigas) conversa soffrível e sentimentalmente: é meiga, terna, pudibunda, e mostra ser muito modesta:¹⁰³¹ seu moral é bello e languido como seu rosto; um apurado observador, por mais que contra ella se dispozesse¹⁰³², não passaria de classificala entre — as sonsas. —¹⁰³³ D. Clementina pertencia¹⁰³⁴ deciddidamente a outro

¹⁰¹⁹ Ao {ressoar} ~~escutar-se~~ |aquelle| aviso animador, que, repetido pela boca de |Felippe|,

¹⁰²⁰ |conversavam|

¹⁰²¹ brilharam

¹⁰²² Cada ~~cavalleiro~~ {cavalheiro} deu o braço a uma {dama} ~~senhora~~, e {,} par a par {,} se |dirigiram| para a sala de jantar. |Eram|, entre senhoras e homens, vinte e seis pessoas.

¹⁰²³ d.

¹⁰²⁴ ~~se~~-podia {ser}

¹⁰²⁵ abarcada

¹⁰²⁶ ;

¹⁰²⁷ à

¹⁰²⁸ d.

¹⁰²⁹ dava

¹⁰³⁰ , ~~que tambem, a fallar a verdade~~ {o qual,} por seu turno{,} mais se importava com o copo que com a moça.

¹⁰³¹ D. Quinquina (~~como a chamão suas amigas~~) conversa soffrível e sentimentalmente: {;} é meiga, terna, pudibunda; e mostra ser muito modesta: {;}|

¹⁰³² |dispuzesse|

¹⁰³³ Não {hesitaria em} ~~passaria de~~ classific{a}-a entre == as sonsas. ==

¹⁰³⁴ pertence

genero: o que ella é¹⁰³⁵ lhe estão dizendo dous olhos vivos e rerspicazes, e um sorriso que lhe está tão assiduo nos labios como o copo de vinho nos do allemão.¹⁰³⁶ D. Clementina é um epigramma interminavel; não poupa a melhor de suas camaradas.¹⁰³⁷ sua vivacidade e¹⁰³⁸ espirito se empregão¹⁰³⁹ sempre em descobrir e patentear nas outras as melhores brechas¹⁰⁴⁰ para abatel-as na opinião dos homens,¹⁰⁴¹ com quem pratica.

Durante as primeiras cobertas¹⁰⁴² ella dissertou maravilhosamente acerca¹⁰⁴³ de suas companheiras:¹⁰⁴⁴ maliciosa e picante, lançou sobre ellas o ridiculo que manejava,¹⁰⁴⁵ e os sorrisos de Augusto, que com destreza desafiava¹⁰⁴⁶. As unicas que lhe havião¹⁰⁴⁷ escapado erão D. Quinquina, provavelmente por ficar-lhe muito visinha; e a irmã de Fellippe, que estava defronte, óu como é moda dizer, — *vis-ú-vis*.¹⁰⁴⁸ — Augusto quiz provocar os liros de D. Clementina contra aquella menina impertinente, que tão pouco lhe agradava.¹⁰⁴⁹

— É que pensa V. S. d'esta joven senhora que está defronte de nós? (perguntou elle em voz baixa.)¹⁰⁵⁰

— Quem?... a¹⁰⁵¹ Moreninha?... (respondeu ella no mesmo tom.)¹⁰⁵²

— Fallo da irmã de Fellippe, minha senhora.¹⁰⁵³

¹⁰³⁵ {,}

¹⁰³⁶ ~~he~~ estão dizendo |dois| olhos vivos e r{p}erspicazes; e um sorriso ~~que lhe está~~ tão assiduo nos labios{,} como o copo de vinho nos do allemão.

¹⁰³⁷ ~~não poupa a melhor de suas camaradas;~~

¹⁰³⁸ {seu}

¹⁰³⁹ |empregam|

¹⁰⁴⁰ {,}

¹⁰⁴¹ ;

¹⁰⁴² Durante os primeiros pratos

¹⁰⁴³ |ácerca|

¹⁰⁴⁴ ;

¹⁰⁴⁵ lançou ~~sobre ellas~~ {as settas d}o ridiculo que manejava;

¹⁰⁴⁶ |dextreza| ~~desafiava~~ {provocava}

¹⁰⁴⁷ |haviã|

¹⁰⁴⁸ escapado |eram| d. Quinquina, provavelmente por {estar} ~~ficar-lhe~~ muito |vizinha| ; e a irmã de |Fellippe|, que {se sentou drefronte} ~~estava defronte~~, |ou| {,} como é moda dizer, — |vis-à-vis|. *Fim de Parágrafo*

¹⁰⁴⁹ — Augusto quiz provocar os l{t}iros de d. Clementina contra aquella{e} ~~menina~~ impertinente {diabrete}, que tão pouco lhe agradava.

¹⁰⁵⁰ — É {E} que pensa v.s. |desta| joven ~~senhora~~ que está defronte de nós? (perguntou {,} ~~elle~~ em voz baixa.)

¹⁰⁵¹ A

¹⁰⁵² {respondeu ella no mesmo tom.}

¹⁰⁵³ — |Falo| da irmã de |Fellippe|, minha senhora.

— Sim... todas¹⁰⁵⁴ nós gostamos de chamal-a — a Morenirha : — essa...¹⁰⁵⁵

— Acabe D. Clementina! (disse a irmã de Fellippe, que fingindo antes não prestar atenção ao que conversavão os dous, acabava de fixar de repente na terrivel chronista dous olhares penetrantes e irresistiveis.)¹⁰⁵⁶

Parecia que uma luta interessante ia ter lugar;¹⁰⁵⁷ as duas adversarias mostravão-se ambas fortes e decididas;¹⁰⁵⁸ porém D. Clementina para logo recuou, e como querendo não passar por vencida, sorrio-se maliciosamente, e apontando para a Moreninha, disse, aflectando um accentto gracejador :¹⁰⁵⁹

— Ella é travessa como o beija-flor, innocente como uma boneca¹⁰⁶⁰, faceira como o pavão, e curiosa como... uma¹⁰⁶¹ mulher.

— Sim! (tomoulhe D. Carolina.)¹⁰⁶² Preciso é que os ouvidos estejam¹⁰⁶³ bem abertos, e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina,¹⁰⁶⁴ que sempre têm¹⁰⁶⁵ cousas tão engraçadas e tão inhocentes para dizer!... Oh! minha camarada, juro-lhe que ninguem lhe iguala na habilidade de compor um mappa.¹⁰⁶⁶

— Mas... D. Carolina... vossê deu o cavaco?...¹⁰⁶⁷

— Oh! não, não... (continuou a menina com picante ironia) porém é facto que nenhuma de nós gosta de ser ofuscada com o esplendor de outra.¹⁰⁶⁸ Já basta de brilhar, D. Clementina;

¹⁰⁵⁴ todos

¹⁰⁵⁵ ÷ {,} — Essa...

¹⁰⁵⁶ — Acabe{,} d. Clementina! {disse a irmã de |Felippe|, que {,} fingindo antes não prestar atenção ao que conversavão os dous {à conversa|, acabava de fixar de repente na terrivel chronista |dous| olhares penetrantes e irresistiveis.}

¹⁰⁵⁷ ia travar-se;

¹⁰⁵⁸ as duas adversarias |mostravam-se| ambas fortes e decididas;

¹⁰⁵⁹ porém d. Clementina {porém,} para logo recuou, e {,} como querendo não passar por vencida, sorrio-se maliciosamente {e disse|, e apontando para a Moreninha, disse, {com| aflectando um accentto gracejador:

¹⁰⁶⁰ as bonecas

¹⁰⁶¹ a

¹⁰⁶² — Sim!-{ {,} tomou{-}|he d. Carolina.}

¹⁰⁶³ |estejam|

¹⁰⁶⁴ bem abertos, e a atenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como d. Clementina,

¹⁰⁶⁵ |tem|

¹⁰⁶⁶ ...

¹⁰⁶⁷ — Mas... D. {,} Carolina... {,} |você| deu o cavaco?...

¹⁰⁶⁸ — Oh! não, não...-{continuou a menina {,} com picante ironia} {,} Porém{,} é facto que nenhuma de nós gosta de ser offuscada com o esplendor de outra.

o Sr. Augusto deve estar tão enfeitado com o seu éspinito e talento,¹⁰⁶⁹ que de certo não poderá toda esta tarde e ¹⁰⁷⁰noite olhar para nós outras sem compaixão ou desgosto; portanto já¹⁰⁷¹ basta... senão por si, ao menos por nós.¹⁰⁷²

A chronista fez-se côr de nácar,¹⁰⁷³ e a sua ad-versaria¹⁰⁷⁴, imitando-a na malícia do sorriso e no accentto gracejador, proseguio¹⁰⁷⁵ ainda:

— Mas¹⁰⁷⁶ ninguém conclua d'aqui que¹⁰⁷⁷ por offuscada¹⁰⁷⁸ perco o amor que tinha ao astro que me offuscou : —¹⁰⁷⁹ bella rosa do jardim! teus espinhos ferirão¹⁰⁸⁰ a borboleta :¹⁰⁸¹ mas nem por isso deixari¹⁰⁸² de ser beijada por ella.

E¹⁰⁸³ assim dizendo, a Moreninha estendeu¹⁰⁸⁴ apinhou os dedos de sua mão direita, fez ¹⁰⁸⁵estala¹⁰⁸⁶ um beijo no centro do bello grupo que elles formãrão, e emfim executou com o braço um movimento, como se atirasse o beijo sobre D. Clementina.¹⁰⁸⁷

Oh! (disse. Augusto comsigo mesmo) a tal menina travessa não é tão tola como me pareceu ainda ha ponco.

¹⁰⁸⁸E desde então começou o nosso estudante a demorar seus olhares n'aquelle rosto, que com tanta injustiça taxára de irregular e feio.¹⁰⁸⁹ Prevenido contra D. Carolina¹⁰⁹⁰ por

¹⁰⁶⁹ Já basta de brilhar, d. Clementina; o sr. Augusto deve estar ~~tão~~ enfeitado com o seu [espírito] e talento,

¹⁰⁷⁰ {toda esta }

¹⁰⁷¹ portanto já-{,} basta

¹⁰⁷² ...

¹⁰⁷³ |nacar|;

¹⁰⁷⁴ |adversaria|

¹⁰⁷⁵ |proseguiu|

¹⁰⁷⁶ {,}

¹⁰⁷⁷ |daqui| que {,}

¹⁰⁷⁸ {,}

¹⁰⁷⁹ :—{...} Bella

¹⁰⁸⁰ |feriram|

¹⁰⁸¹ ,

¹⁰⁸² deixarás

¹⁰⁸³ {,}

¹⁰⁸⁴ ~~estendeu~~

¹⁰⁸⁵ {nelles}

¹⁰⁸⁶ estalar

¹⁰⁸⁷ um beijo{,} ~~no centro do bello grupo que elles formãrão, e emfim executou com o braço um movimento, como se atirasse o beijo sobre D.~~ {atirando-o a d}. Clementina.

¹⁰⁸⁸ Oh! (~~disse. Augusto comsigo mesmo~~) {exclamou Augusto comsigo mesmo, } a tal menina travessa não é ~~tão~~ tola como me pareceu ainda ha ponco. *Parágrafo continua*

¹⁰⁸⁹ E desde então começou ~~o nosso estudante~~ a demorar seus olhares |naquelle| rosto, que com tanta injustiça |taxara| de irregular e feio.

havel-a sorprendido fazendo-lhe uma carêta,¹⁰⁹¹ o tal Sr. Augusto, com toda a impáfia de um — sgmi-doutor —¹⁰⁹² decidiu magistralmente que a moça tinha todos os defeitos possiveis; coitadinho!¹⁰⁹³... espichou-se tão completamente, que agora mesino já está pensando com os seus botões — ella não será bonita...; porém feia?... isso é demais.¹⁰⁹⁴

— Chegou muito tarde à ilha... (balbuciou D. Quinquina, como quem desejava travar conversação com Augusto.)¹⁰⁹⁵

— Pensa devéras isso, minha senhora?!... (respondeu este, pregando n'ella um olhar de quem está pedindo um — sim. —)¹⁰⁹⁶

— Penso... (disse a moça enrubecendo.)¹⁰⁹⁷

— Pois é precisamente agora que eu reconheço ter chegado muito tarde, ou¹⁰⁹⁸ pelo contrario talvez cedo demais.

— Cedo de mais?¹⁰⁹⁹...

— Certamente : não se chegará sempre cedo: demais onde se corre algum risco ?...¹¹⁰⁰

— Aqui¹¹⁰¹ portanto...

— N'este lugar portanto, (continuou o estudante voltando os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para D. Quinquina) e aqui,¹¹⁰² principalmente, floresce e brilha o prazer ; mas perde-se tambem a liberdade de um mancebo!¹¹⁰³

¹⁰⁹⁰ d.Carolina {,}

¹⁰⁹¹ havel-a |surprehendido| ~~fazendo-lhe~~ {a lhe fazer} uma |careta|,

¹⁰⁹² o tal sr. Augusto, com toda a impáfia de um {semi-doutor,} — ~~sgmi-doutor~~ —

¹⁰⁹³ possiveis. Coitadinho!

¹⁰⁹⁴ Espichou-se tão {redondamente} ~~completamente~~, que agora |mesmo| já está pensando com os seus botões {;} — Ella não será bonita...; porém{,} feia {,} ?... isso é demais{!} *Fim de Parágrafo*

¹⁰⁹⁵ — Chegou muito tarde à ilha... {balbuciou d. |Quinquinha|, como ~~quem desejava~~ {desejando} travar conversação {conversa} com Augusto.)

¹⁰⁹⁶ ... {respondeu {elle, demorando} ~~este, pregando~~ |nella| um olhar de quem está pedindo um — sim. — }
}

¹⁰⁹⁷ — Penso... (~~disse~~ {confirmou} a moça {, corando.} ~~enrubecendo.~~)

¹⁰⁹⁸ {,}

¹⁰⁹⁹ |demais|?

¹¹⁰⁰ — Certamente: não {chegamos} ~~se chegará~~ sempre cedo: demais {corremos} ~~onde se corre~~ algum risco ?...
}

¹¹⁰¹ {,}

¹¹⁰² — |Neste| lugar{,} portanto, {continuou o estudante {correndo} ~~voltando~~ os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para d. |Quinquinha|}—{ } e aqui;

¹¹⁰³ principalmente, |floresce| e brilha o prazer{,} ; mas perde-se tambem a liberdade de um mancebo!

Os dous fôrião interrompidos¹¹⁰⁴ para corresponder a uma longa e interminavel collecção de brindes que o allemão principiou a desenrolar; e¹¹⁰⁵ e com tanta frequencia e tão pouca fertilidade¹¹⁰⁶, que só a Sra. D. Anna teve por sua saúde de vel-o beber seis vezes.¹¹⁰⁷

Emfim¹¹⁰⁸ cedeu um pouco a tormenta, e D. Quinquina,¹¹⁰⁹ que havia gostado do que lhe¹¹¹⁰ dissera o estudante, continuou:

— Não quiz vir com¹¹¹¹ seus collegas?

— Eu gosto deundar¹¹¹² só, minha senhora.

— Sempre, é má e triste a solidão.¹¹¹³

— Mas às vezes tambem a sociedade se torna insupportavel!... por exemplo depois de amanhã...¹¹¹⁴

— Depois de amanhã? (repetiu ella, sorrindo-se) depois de amanhã o que?¹¹¹⁵

— Minha senhora, ouvidos que escutarão accordes sons de harpa sonora, vibrada por ligeira mão de formosa donzella, dóem-se de ouvir o toque inqualificavel da viola desafinada da rude saloia.¹¹¹⁶

— Eu não o comprehendo bem...¹¹¹⁷

¹¹⁰⁴ Os dous fôrião {Foram} interrompidos

¹¹⁰⁵ , e

¹¹⁰⁶ variedade

¹¹⁰⁷ que só a Sra. d. Anna teve por sua saúde de vel-o beber {por sua saude tres} seis vezes.

¹¹⁰⁸ {,}

¹¹⁰⁹ d.|Quinquinha|

¹¹¹⁰ lhe

¹¹¹¹ {os}

¹¹¹² de andar

¹¹¹³ — Sempre, é má e triste a solidão-{...}

¹¹¹⁴ Por exemplo {,} depois |d'amanhã|...

¹¹¹⁵ — Depois |d'amanhã|? {repetiu ella, sorrindo-se}-d . Depois |d'amanhã| - {,por} que?

¹¹¹⁶ — Minha senhora, ouvidos que |escutaram| accordes {,} sons de harpa sonora, vibrada por ligeira mão de formosa donzella, |doem-se| de ouvir o ~~toque~~ {ruído} inqualificavel da viola desafinada ~~da~~ {de} rude {marmanjo...} ~~saloia~~.

¹¹¹⁷ — ~~Eu~~ Não ~~e~~ comprehendo bem...

— Quem respirou o ar embalsamado dos jardins, o arôma¹¹¹⁸ das rosas, os effluvios da angelica, se. Incommoda, se exaspera¹¹¹⁹, ao respirar logo depois a atmosphera grave e carregada¹¹²⁰ de miasmas de um hospital.

— Ainda o não entendi.

— Pois juro, minha senhora, que d'esta¹¹²¹ vez me ha-de comprehender perfeitamente.
¹¹²²Digo que, vendo eu hoje dous¹¹²³ olhos que por sua côr é¹¹²⁴ brilho se assemelham a dous¹¹²⁵ bellos astros de luz¹¹²⁶, scintillando em céos¹¹²⁷ do mais puro azul ; que, escutando uma voz tão doce¹¹²⁸ como serão as melodias dos anjos ; que¹¹²⁹ enfim, respirando junto de alguém cujo baffo¹¹³⁰ é um perfume de delicias, depois de amanhã preferirei não ver, não ouvir, e não cheirar cousa alguma, a ver os olhos pardos e encovados alli do meu amigo Leopoldo, a ouvir a voz de taboca rachada do meu collega Fellippe, e a respirar a fumaça dos charutos de meu companheiro Fabricio.¹¹³¹

— Ah!... (exclamou outra vez inexperadamente D. Carolina) eu creio que D. Quinquina terá finalmente comprehendido o que o Sr. Augusto tanto se empenha em lhe explicar.¹¹³²

— Minha prima, (atreveu-se a dizer a ingenua, modesta, medrosa e muito sonsa D. Quinquina) minha prima, vossê o teria comprehendido no primeiro instante ; não é assim?...¹¹³³

¹¹¹⁸ |aroma|

¹¹¹⁹ imcomoda-se, exaspera-se

¹¹²⁰ a-atmosphera {o ar} grave e carregada-{o}

¹¹²¹ |desta|

¹¹²² Há de comprehender {inteiramente} ~~perfeitamente~~.

¹¹²³ |dois|

¹¹²⁴ e

¹¹²⁵ |assemelham a dois|

¹¹²⁶ ~~de luz~~

¹¹²⁷ céo

¹¹²⁸ |dóce|

¹¹²⁹ {,}

¹¹³⁰ halito

¹¹³¹ depois |d'amanhã| preferirei não ver, não ouvir, e não cheirar cousa alguma, a ver os olhos pardos e encovados alli do meu amigo Leopoldo, a ouvir a voz de ~~taboca~~ {taquára} rachada do meu collega [Felippe], e a respirar a fumaça dos charutos ~~de~~ {do} meu companheiro Fabricio.

¹¹³² — Ah!... {exclamou outra vez {,}} inexperadamente d. Carolina} {.} Eu creio que d. |Quinquinha| terá finalmente comprehendido o que o sr. Augusto tanto se empenha em ~~lhe~~ explicar-{...}

¹¹³³ — Minha prima, {atreveu-se a dizer a ingenua, ~~modesta~~, medrosa e muito sonsa d. |Quinquinha|}-{:} ~~minha prima~~, {tel-o-ia} |você| ~~e-teria~~ comprehendido no primeiro instante {,} ; não é assim ?...

— Certamente, respondeu a mocinha, sem perturbar-se; o Sr.¹¹³⁴ Augusto, além de fallar com habilidade e fôgo, poz em acção tres sentidos; o¹¹³⁵ que poderia tambem succeder era que, como algumas costumão fater¹¹³⁶, eu fingisse não comprehendel-o logo, para dar lugar¹¹³⁷ a mais vivas finezas, até que elle, de¹¹³⁸ fatigado, ¹¹³⁹dissesse tudo, sem figuras e flores de eloquencia... Ora isso quase¹¹⁴⁰ que aconteceu; porque os olhos, os ouvidos eo nariz do Sr. Augusto hão de estar certamente cansados de tão excessivo trabalho!...¹¹⁴¹

— Minha senhora!...

— Por desdita delle não houve occasião de pôr em campo um outro sentido:¹¹⁴² o gosto¹¹⁴³ ficou em inacção, bem contra a sua vontade; não é assim Sr. Augusto?...¹¹⁴⁴

— Minha prima, todos olhão para nós...¹¹⁴⁵

— À respeito do taclo, não direi palavra; (continuou a terrivel Moreninha)¹¹⁴⁶ porque, se as mãos do Sr. Augusto conservárão-se em justa posição, quem sabe os transe por que passarião os pés de minha prima ?... Os Srs, estão tão juntinhos que com facilidade e sem risco se pódem tocar por baixo da mesa.¹¹⁴⁷

— Menina! (exclamou a Sra. D. Anna, com accento de reprehensão.)¹¹⁴⁸

¹¹³⁴ sr.

¹¹³⁵ além de |falar| com habilidade e |fogo|, |pôz| em acção tres sentidos; ~~o~~ { . O }

¹¹³⁶ |costumam fazer|

¹¹³⁷ |lugar|

¹¹³⁸ ~~elle, de~~

¹¹³⁹ { elle }

¹¹⁴⁰ Ora { , } isso |quasi|

¹¹⁴¹ que aconteceu; ~~porque~~ { e } os olhos, os ouvidos e { } o nariz do sr. Augusto hão de estar certamente cansados de tão excessivo trabalho!...

¹¹⁴² ;

¹¹⁴³ *gosto*

¹¹⁴⁴ Ficou { inactivo } ~~em inacção~~, bem contra a sua vontade; { , } não é assim sr. Augusto?...

¹¹⁴⁵ — ~~Minha~~ Prima, todos |olham| para nós...

¹¹⁴⁶ — À respeito do *tacto*, não direi palavra; ~~({ , } continuou a terrivel Moreninha)~~ { , }

¹¹⁴⁷ porque, se as mãos do sr. Augusto ~~conservárão-se~~ { se conservaram } em justa posição, quem { lá } sabe os transe por que ~~passarião~~ { passaram } os pés de minha prima ?... Os |senhores| ; estão tão juntinhos que com facilidade e sem risco se |podem| tocar por baixo da mesa

¹¹⁴⁸ — Menina! ~~(exclamou a Sra. d. Anna, com accento de reprehensão.)~~

— Minha senhora, consinta que ella continue a gracejar : (disse Augusto meio-aturdido) além de me dar a honra de tomar-me por objecto de seus gracejos, dá-me tambem o prazer de apreciar e admirar seu espirito e agudeza.¹¹⁴⁹

Agradecida ! muito agradecida! (tornou o diabinho da menina, rindo-se com a melhor vontade) eu cá não custo tanto a comprehendel-o como minha prima : já sei o que querem de mim os seus elogios... estou comprada, não fallo mais.¹¹⁵⁰

Uma risada geral applaudio as ultimas palavras de D.¹¹⁵¹ Carolina : não ha nada mais natural; ella era a neta da dona da casa, e, além de ser moça, é rica.¹¹⁵²

Começava então a servir-se a sobremesa.¹¹⁵³

— E eu apesar de amigo e collega de Augusto, (disse por fim Fabricio, endireitando-se) não posso deixar de lastimar a Sra. D. Joaquina pela triste conquista que acaba de fazer.¹¹⁵⁴

Augusto tonheceu que lhe era dado o signal do combate: Fabricio queria tomar vingança: de sua nenhuma condescendencia; e pois. preparou-se para sustentar a luta com todo o esforço;¹¹⁵⁵ e vendo que todos tinham: Os olhos fitos n'elle, como que esperando uma resposta, não hesitou.¹¹⁵⁶

¹¹⁴⁹ — Minha senhora, consinta que ella continue a gracejar {,} ÷ (disse Augusto |meio aturdido| {,}) Além de me dar a honra de tomar-me por objecto de seus gracejos, dá-me tambem o prazer de apreciar e admirar {sua agudeza de espirito} seu espirito e agudeza.

¹¹⁵⁰ {—} Agradecida {,} † muito agradecida! (tornou o diabinho da menina, rindo-se com a melhor vontade) {,} Eu cá não custo tanto a comprehendel-o {,} como minha prima{;} ÷ já sei o que querem de mim os seus elogios... estou comprada...não |falo| mais.

¹¹⁵¹ D.

¹¹⁵² ÷ não ha {,} Nada mais natural; {;} ella era a neta da dona da casa, e, além de ser moça, é rica.

¹¹⁵³ Começaram a servir a sobremesa.

¹¹⁵⁴ — E eu{,} |apesar| de amigo e collega de Augusto, (disse por fim Fabricio, endireitando-se) {,} não posso deixar de lastimar a Sra. d. Joaquina pela triste conquista que acaba de fazer.

¹¹⁵⁵ Augusto |conheceu| que lhe era dado o signal do combate; {, querendo} Fabricio queria tomar vingança: de {da} sua nenhuma condescendencia; e{,} pois, |preparou-se| para sustentar a |lucta| com todo o esforço; {toda a galhardia.}

¹¹⁵⁶ e {,} Vendo que todos |tinham| os olhos fitos |nelle|, como que esperando uma resposta, não hesitou.

— Obrigado; (disse) nem eu mesmo posso de mim formar outro conceito; devo todavia declarar que, se me fosse dado conhecer a ditosa mortal que conseguiu ganhar os pensamentos e o coração do meu collega, certo que lhe eu daria meus parabens em prosa e verso: porque Fabricio é sem contradição a mais alegre e apreciavel conquista!¹¹⁵⁷

A ironia o feriu: a interessante: Moreninha lançou sobre Augusto um olhar de aprovação, e sorriu-se brandamente : gostou de o ver manejar sua arma favorita.¹¹⁵⁸ Sem se explicar o porque, tambem o nosso estudante teve em muita conta aquelle sorriso da menina travessa. Fabricio continuou:¹¹⁵⁹

— Venha embora o ridiculo; que nem por isso poder-se-ha negar que para o nosso Augusto não houve, não ha, nem póde haver amor que dure mais de tres dias.¹¹⁶⁰

Todas as senhoras olhárão para o réo d'aquelle horrendo crime de lesa-formosura.
¹¹⁶¹Augusto respondeu:

— E o que há¹¹⁶² ahi de mais engraçado é que Fabricio tem culpa d'isso¹¹⁶³: porque emfim manda o meu destino que eu sempre tenha andado, ande, e haja de andar em companhia d'elle, que com a maior crueldade do mundo tira-me todos os lances, antes de tres dias de amor.¹¹⁶⁴

Novo olhar, novo sorriso de aprovação de D. Carolina : novo prazer de Augusto por merecel-os.¹¹⁶⁵

Fabricio torceu-se sobre a-cadeira e proseguiu:

¹¹⁵⁷ — Obrigado{,} ;-(disse) {,} ;nem eu mesmo posso de mim formar outro conceito; devo{,} ; todavia declarar que, se me fosse dado conhecer a ditosa mortal que conseguiu ~~ganhar~~ {prender} os pensamentos e o coração do meu collega, certo que lhe ~~eu~~ daria meus parabens em prosa e verso: {,} ;porque Fabricio é{,} ; sem contradição{,} ; a mais alegre e apreciavel conquista!

¹¹⁵⁸ A ironia o feriu {o alvo,} ; a interessante: Moreninha lançou sobre Augusto um olhar de aprovação, e ~~sorriu-se~~ {sorrindo-se} brandamente : ~~gostou de o ver~~ {de gosto, ao vel-o} manejar sua arma favorita.

¹¹⁵⁹ Sem ~~se~~ explicar{-se} o porque, tambem o nosso estudante {levou} ~~teve~~ em muita conta aquelle sorriso da menina travessa. Fabricio continuou:

¹¹⁶⁰ — Venha{,} ; embora{,} ; ~~o ridiculo~~; a ironia{,} ; ~~que~~ que nem por isso |poder-se-á| negar que para o nosso Augusto não houve, não ha, nem |pode| haver amor que dure mais de tres dias.

¹¹⁶¹ |olharam para o réo daquelle horrendo crime de lása-formosura|.

¹¹⁶² |ha|

¹¹⁶³ |disso|

¹¹⁶⁴ Porque{,} ; emfim{,} ; manda o meu destino que eu sempre tenha andado, ande, e haja de andar em companhia |delle|, que com a maior crueldade do mundo {tira-me} ~~tira-me~~ todos os lances, antes de tres dias de amor.

¹¹⁶⁵ de D. Carolina{,} ; :novo prazer de Augusto por merecel-os.

— Nada de fugir da questão... poder-se-hia¹¹⁶⁶ julgar fraqueza querer de algum modo occultar que, tanto em pralica como em¹¹⁶⁷ theoria, o meu collega é e¹¹⁶⁸ se preza de ser o prototypo da inconstancia.

— Eis oque elle não póde negar (acudirão Leopoldo e Fellippe, rindo-se.)¹¹⁶⁹

— E para que negar, se já o nossa collega afirmou que eu me prezava de ter essa qualidade?...¹¹⁷⁰

— Misericordia!... (exclamou uma das moças.)¹¹⁷¹

— É possivel?... (perguntou a avó de Fellippe, com seriedade.)¹¹⁷²

— É absolutamente verdade (respondeu o estudante.)¹¹⁷³ Lançou depois um olhar ao derredor da mesae todas-as senhoras lhe voltárão o rosto.¹¹⁷⁴ D. Quinquina tinha nos labios um sorriso: a Moreninha olhou-o com espanto, durante um curto momento; mas logo depois soltou uma soffrivel risada, e pareceu occupar-se exclusivamente de uma fatia de podim.¹¹⁷⁵

Reinou silencio por alguns instantes; Fabricio parecia victorioso; Augusto estava como em isolamento:¹¹⁷⁶ as senhoras olhavão¹¹⁷⁷ para elle com receio: mostravão¹¹⁷⁸ temer encontrar seus olhos dir-se-hia que receiavão que de uma troca de olhar nascesse para logo o sentimento que as devesse tornar desgraçadas.¹¹⁷⁹ Desde as fataes palavras de Fabricio,

¹¹⁶⁶ |Poder-se-ia|

¹¹⁶⁷ na

¹¹⁶⁸ é e

¹¹⁶⁹ — Eis oque elle não |pode| negar{!} <|acudiram| Leopoldo e |Felippe|, rindo-se>

¹¹⁷⁰ — E para que negar, se já o noss{o}a collega |affirmou| que eu me prezava de ter essa qualidade?<--

¹¹⁷¹ — Misericordia!<-- (exclamou uma das moças.)

¹¹⁷² — É possivel?<-- (perguntou a avó de |Felippe|, com seriedade.)

¹¹⁷³ — É absolutamente verdade{,} (respondeu o estudante.)<Fim de Parágrafo

¹¹⁷⁴ Lançou {em seguida} depois um olhar ~~ao~~ {em} derredor da mesa e todas as senhoras lhe |voltaram| o rosto.

¹¹⁷⁵ D. |Quinquina| tinha nos labios um {triste} sorriso: {;} a Moreninha olhou-o com espanto, durante um ~~curto~~ {certo} momento;<{,} mas logo depois soltou uma soffrivel risada, e pareceu occupar-se exclusivamente de uma fatia de |pudim|.

¹¹⁷⁶ ;

¹¹⁷⁷ |olhavam|

¹¹⁷⁸ , mostrando

¹¹⁷⁹ temer encontrar seus olhos |dir-se-ia| que |receavam| que de uma troca de ~~olhar~~ {olhares} nascesse ~~para~~ logo o sentimento que as devesse tornar desgraçadas.

Augusto era n'aquella mesa o que costumava ser um leproso na idade media: — o homem perigoso, cujo contacto podia fazer a desgraça de outro.¹¹⁸⁰

Fabricio comprehendeu em quão¹¹⁸¹ triste situação estava o seu adversario,¹¹⁸² e, inexperiente, se havia deixal-o debatendo-se em sua má posição, quiz ainda mais peioral-a, e foi talvez arrancal-o della,¹¹⁸³ Fabricio pois falla,¹¹⁸⁴ as senhoras embebem n'elle¹¹⁸⁵ os olhos,¹¹⁸⁶ e o applaudem, enquanto Augusto, servindo-se de um prato de grosso melado, affecta prestar pouca attenção ao seu accusador.

— Sim, rainhas¹¹⁸⁷ senhoras, é um joven inconstante, accessivel a todas as bellezas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atraz de outra, que será logo deixada pela vista de uma nova, como se elle fosse a inercia da materia, que conserva uma impressão, mas que não a guarda, senão o tempo que é gasto para um novo agente modifical-a!¹¹⁸⁸

— Muito bem! muito bem !... (disserão algumas vozes.)¹¹⁸⁹

— Seu coração é petrica¹¹⁹⁰ abobada de theatro, que não entende o dizer de Auber¹¹⁹¹, quando soluça a frauta¹¹⁹² ternos sons:¹¹⁹³ de musico discurso; pois aquella muda superficie reflecte a todos,¹¹⁹⁴ e a todos esquece com estúpida indifferença !¹¹⁹⁵..

¹¹⁸⁰ ~~Desde as~~ {Depois das} fataes palavras de Fabricio, Augusto ~~era~~ {tornou-se} |naquella| mesa{,} o que costumava ser um leproso na idade |média|: — o homem perigoso, cujo contacto podia fazer a desgraça ~~de~~ {dos} outro{s}.

¹¹⁸¹ que

¹¹⁸² ,

¹¹⁸³ e, inexperiente,{em vez de} ~~se havia~~ deixal-o debatendo-se em sua má posição, quiz ainda ~~mais~~ |peioral-a|, e foi talvez {o} arrancal-o della, {.}

¹¹⁸⁴ Fabricio {,} pois {,} falla;

¹¹⁸⁵ |nelle|

¹¹⁸⁶ ,

¹¹⁸⁷ minhas

¹¹⁸⁸ repudiando-as ao mesmo tempo {uma} para correr atraz de outra, que será logo deixada{por} ~~pela~~ vista de uma nova, como se elle fosse a inercia da materia, que ~~conserva uma~~ {recebe a }impressão, mas que não a guarda, ~~senão o tempo que é gasto para~~ {logo que}um novo agente modifical-a!

¹¹⁸⁹ — Muito bem! muito bem !...-(disseram| algumas vozes.)

¹¹⁹⁰ pétrea

¹¹⁹¹ Mozart

¹¹⁹² |flauta|

¹¹⁹³ ÷

¹¹⁹⁴ ,

¹¹⁹⁵ ↓

— Bravo!... Fabricio está hoje romantico (exclamou Leopoldo; apontando maliciosamente para uma garrafa que se achava defronte do orador, e quaside todo esgotada.)¹¹⁹⁶

Apoiadissimo!... (murmurou Augusto, apontando tambem para a garrafa).¹¹⁹⁷

— Mas elle viverá viver de lagrimas, suspiros e ancias de condemnado (concluiu Fabricio).¹¹⁹⁸

— Bravo!... muito bem! ... bravo!...¹¹⁹⁹

— Peço a palavra para responder (exclamou Augusto).¹²⁰⁰

— Tem a palavra; mas nada de maçada!

— Duas palavras, minhas senhoras; só duas,¹²⁰¹ palavras.

— Sim, defenda-se, defenda-se.¹²⁰²

— Defender-me?... certo: que o não farei; poderia ao contrario accusar ; mas tambem não quero: julgo apenas opportuno dar algumas explicações.¹²⁰³ Minhas senhoras, debaixo de certo ponto de vista o meu collega Fabricio disse a verdade; por que eu sou com effeito o mais inconstante dos homens em negocio de amor.

— Ainda repete?!¹²⁰⁴

— Mas tambem quem me conhece bastante, conclue que por fim de contas não ha amante algum. mais firme do que eu.¹²⁰⁵

— O Senhor está compondo enigmas.¹²⁰⁶

¹¹⁹⁶ — Bravo!... Fabricio está hoje romantico{!} {exclamou Leopoldo; {,} apontando maliciosamente para uma garrafa que se achava defronte do orador, e quaside todo |exgottada|.}

¹¹⁹⁷ {—} Apoiadissimo!... {murmurou Augusto, apontando tambem para a garrafa.

¹¹⁹⁸ — Mas elle ~~viverá~~ {deverá} viver de lagrimas, suspiros e ancias de condemnado{!} {concluiu Fabricio}.

¹¹⁹⁹ — Bravo!... Muito bem! ... Bravo!...

¹²⁰⁰ — Peço a palavra{!}. ~~para responder~~ {exclamou Augusto}.

¹²⁰¹ —

¹²⁰² !...

¹²⁰³ — Defender-me?... {,} certo: que o não farei; poderia ao contrario accusar; mas tambem não quero: julgo apenas {opportuno} ~~opportuno~~ dar algumas explicações.

¹²⁰⁴ !...

¹²⁰⁵ — Mas{,} tambem{,} quem me conhece bastante, |conclúe| que ~~por fim de contas~~ não ha amante algum: mais firme do que eu.

¹²⁰⁶ — O senhor está compondo enigmas!

— Não o interrompão; deixem-o apresentar o seu programma amoroso.¹²⁰⁷

— Sim, minhas senhoras; (continuou Augusto) vamos ao desenvolvimento da primeira proposição.¹²⁰⁸

— Oução! oução!¹²⁰⁹

— À minha inconstancia é natural, justa,¹²¹⁰ e sem duvida estimavel. Eu vejo uma senhora bella;¹²¹¹ amo-a, não porque ella é senhora... mas porque é bella;¹²¹² logo eu amo a belleza: ora¹²¹³ este attributo não foi exclusivamente dado a uma só senhora;¹²¹⁴ e quando o encontro em outra, fôra injustiça que eu desprezasse n'esta aquillo mesmo que tanto amei na primeira.¹²¹⁵

— Bravo! ... viva¹²¹⁶ o raciocinio!

— Mais ainda. Todo o mundo sabe que não há quem nasça perfeito:¹²¹⁷ supponhamos que eu estou na agradável companhia de tres jovens; todas são lindas; mas¹²¹⁸ a primeira vence a segunda na delicadeza do talhe; esta supéra aquella na ternura do olhar,¹²¹⁹ e-na graça dos sorrisos; e a terceira enfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas madeixas negras, coroando um rosto romanticamente pallido: ora¹²²⁰ bem se vê que seria commetter a mais detestavel injustiça,¹²²¹ se eu, por amar à¹²²² delicadeza do talhe da primeira, me

¹²⁰⁷ — Não o |interrompam|; deixem-{n}o apresentar o seu programma amoroso.

¹²⁰⁸ — Sim, minhas senhoras; ~~{(,} continuou Augusto) {, e permittam-me o } vamos ao~~ desenvolvimento da primeira proposição.

¹²⁰⁹ — |Ouçam! ouçam!|{...}

¹²¹⁰ ↗

¹²¹¹ ÷ {e}

¹²¹² senhora~~---~~ {,} mas porque é bella~~;~~{.}

¹²¹³ Logo{,} eu amo a belleza~~;~~ {!} Ora{,}

¹²¹⁴ só senhora ÷ {,}

¹²¹⁵ fôra injustiça ~~que eu desprezasse~~ {desprezar} |nesta| aquillo {o que} ~~mesmo que~~ tanto amei na primeira.

¹²¹⁶ Viva

¹²¹⁷ — Mais{,} ainda. Todo o mundo sabe que não |há| quem nasça perfeito:

¹²¹⁸ jovens~~;~~ {,} todas são lindas~~;~~ {,} Mas

¹²¹⁹ ↗

¹²²⁰ e a terceira {,}enfim{,} ganha ~~as duas~~ na sublime harmonia de umas bastas |madeiras| negras~~;~~{a coroarem} ~~coroando~~ um rosto romanticamente pallido~~;~~ {,} Ora{,}

¹²²¹ ↗

¹²²² |a|

esquecesse das ternuras dos olhares e da graça dos sorrisos da segunda ; assim como das bastas madeixas negras e do rosto romanticamente pallido da ultima.¹²²³

— Muito bem, Augusto; (exclamou Felipe) estou achando um não sei que tão aproveitavel no teu systema, que me vejo em termos de segui-lo¹²²⁴

— Eis aqui, pois; porque sou inconstante, minhas senhoras, é o respeito que tributo ao merecimento de todas, é talvez excesso a que levo as considerações que julgo devidas ao sexo amavel, que me faz ser voluvel. — Agora eu entro na segunda parte da minha explicação.¹²²⁵

Atenção!... elle vai provar que é-constante!...¹²²⁶

— Antes que ninguém,. minhas senhoras eu reprehendio meu coração pela sua volubidade; mais,¹²²⁷ vendo qué era vão trabalho querer extinguir por tal meio uma disposição que a natureza n'elle plantára, pretendi primeiro achar na mesma natureza um correctivo que o fizesse procurei uma joven bem encantadora para me lançar em captivo eterno; mas¹²²⁸ debalde o fiz porque eu sou tão sensivel ao poder da formosura,¹²²⁹ que sempre me succedia esquecer a bella de hontem pela que via hoje, a qual¹²³⁰ pela mesma razão era esquecida depois : quantas¹²³¹ vezes, minhas senhoras, nos meus passeios da¹²³² tarde euolvidei o amor da manhã desse mesmo dia por outro amor, que se extinguiu no baile d'essa mesma noite!¹²³³

¹²²³ ternuras dos olhares e da graça dos sorrisos da segunda{,} ; assim como das bastas |madeiras| negras e do rosto romanticamente |pallido| da ultima.

¹²²⁴ — Muito bem, Augusto;-({,} exclamou Felipe) {;} estou achando um não sei |quê| tão aproveitavel no teu systema, que me vejo em termos de segui-lo

¹²²⁵ — Eis aqui, pois{,} ; ~~porque sou~~ {a razão de ser} inconstante, minhas senhoras, {,} É o respeito que tributo ao merecimento de todas, é talvez {o} excesso a que levo as considerações que julgo devidas ao sexo amavel, que me faz ser voluvel. — {Entro} agora ~~eu entro~~ na segunda parte da minha explicação.

¹²²⁶ {—} Atenção!... Elle |vae| provar que é constante!...

¹²²⁷ — Antes que ninguém,- {,} minhas senhoras{,} eu ~~reprehendio~~ {repreendi} meu coração pela sua volubidade; ~~mais,-~~ {Mas}

¹²²⁸ vendo |que| era ~~vão~~ {inutil} trabalho querer extinguir por tal meio uma disposição que a natureza |nelle| plantára, ~~pretendi primeiro~~ {pretendi} achar na mesma natureza um correctivo que o fizesse {constante, e andei atrás de} ~~procurei~~ uma joven bem encantadora {que me lançasse} ~~para me lançar~~ em captivo eterno; {,} Mas

¹²²⁹ debalde o {tenho feito}, ~~fiz~~ porque ~~eu~~ sou tão sensivel ao poder da formosura,

¹²³⁰ {,}

¹²³¹ depois. Quantas

¹²³² |à|

¹²³³ Tarde{,} euolvidei o amor da manhã{,} ~~desse mesmo dia~~ por outro amor, que se extinguiu no baile |dessa| mesma noite!

— É exageração ! (disse uma senhora.)¹²³⁴

— É exactamente assim (acudiu Fabricio.)¹²³⁵

— Que folha d’alho!... (exclamou D. Quinquina.)¹²³⁶

— Então, minhas senhoras, (proseguiu Augusto) eu entendi que devia recorrer a mim proprio para tornar-me constante. Consegui-o ; sou firme amante de um só objecto... mas de um objecto que não tem existencia real, que não vive.¹²³⁷

— Como é isto !... então a quem ama ?¹²³⁸

— A sua sombra, como Narcisso?...¹²³⁹

— À bonéca que se vê na vidraça do Desmarais?...¹²⁴⁰

— Ao Cupido de Praxiteles, como Akidias de Rhodes?

— Alguma estatua da Academia das Bellas Arte¹²⁴¹?...

— Nada d’isso¹²⁴².

— Então¹²⁴³ a quem?

— A todas as senhoras, resumidas n’um¹²⁴⁴ só ente ideal. Á custa dos bellos olhos d’uma, das lindas madeixas d’outra, do collo de alabastro d’esta, do talhe elegante d’aquella, eu formei meu bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante.¹²⁴⁵ Reuno o que de melhor está repartido; e faço mais ainda, aperfeição a minha obra todos os dias: por exemplo, retirando-me d’esta: ilha, eu creio que vestirei o meu bello-ideal de novas fórmas!¹²⁴⁶

¹²³⁴ — É exageração ! {disse uma senhora.}

¹²³⁵ — É exactamente assim{!}{acudiu Fabricio.}

¹²³⁶ — Que folha {de alho}!... {exclamou d. Quinquina.}

¹²³⁷ — Então, minhas senhoras, {proseguiu Augusto} {,}eu entendi que ~~devia~~ {deveria} recorrer a mim proprio para tornar-me constante. Consegui-o; sou firme amante de um só objecto... ~~mas de um objecto~~ que não tem existencia real, que não vive.

¹²³⁸ — Como é isto !... Então a quem ama ?

¹²³⁹ — {Á} sua sombra, como {Narciso}?...

¹²⁴⁰ — À {boneca} que se vê na {vitrine} ~~vidraça~~ do Desmarais?...

¹²⁴¹ {s}

¹²⁴² {disso}

¹²⁴³ {,}

¹²⁴⁴ {num}

¹²⁴⁵ {Á} {custa dos bellos olhos {de uma}, das lindas madeixas {de outra}, do collo de alabastro {desta}, do talhe elegante {daquella}, eu formei {o} meu bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante.

¹²⁴⁶ {Reúno} o que de melhor {está} repartido; {,} e faço mais ainda; {;} {aperfeição} a minha obra todos os dias; ~~por~~ {,} {Exemplo, retirando-me {desta}; ilha, eu creio que vestirei o meu {bello ideal} de novas {formas}!

— Viva o cumprimento !....

— Foi assim, minhas senhoras, que me pude tornar constante, e, graças a¹²⁴⁷ meu proveitoso systema, posso amar à¹²⁴⁸ todas as senhoras a um tempo, sem ser infiel a nenhuma. Disse.

— Muito bem!...¹²⁴⁹ muito bem!...

— Augusto desempenhou-se¹²⁵⁰

O champagne estourava, n'aquelle momento;¹²⁵¹ Leopoldo tomou a palavra pela ordem.

— Eu vou (exclamou) propor um bello meio determinar esta discussão, convidando a todos os senhores para um brinde, no qual Augusto, por castigo de sua inconstancia, nos não podera acompanhar.¹²⁵² Não é novo que mancebos bebão no meio dos prazeres de um festim, um copo de vinho depois de pronurciar o nome d'aquella que é a dama de seus pensamentos : aqui não estamos só mancebos, e pois não faremos tanto: pronunciaremos com tudo a inicial do primeiro nome.¹²⁵³

Sim! sim ! (disse Fellippe) Augusto não beberá com nosco...¹²⁵⁴

— Não, maninho ; (acudiu a interessante Moreninha) elle ha-de beber tambem.¹²⁵⁵

— Ah minha senhora! no heber um copo de champagne não está a duvida; a difficuldade toda é poder entre tantos nomes escolher o mais amado: acode-me tal numero, dos que tem tocado o superiativo do amor...¹²⁵⁶

¹²⁴⁷ ao

¹²⁴⁸ |a|

¹²⁴⁹ ...

¹²⁵⁰ {!}

¹²⁵¹ Θ {A} champagne estourava, |naquelle| momento;

¹²⁵² — Eu vou {, disse} (~~exclamou~~) propor um bello meio de { } terminar esta{s discussões} ~~discussão~~, convidando a todos os {presentes} ~~senhores~~ para um brinde, ~~no~~ {do} qual Augusto, por castigo de sua inconstancia, {será arredado.} ~~nos não podera acompanhar.~~

¹²⁵³ Não é novo que mancebos |bebam|{,} no meio dos prazeres de um festim, um copo de vinho depois de pronurciar o nome d'aquella que é a {da} dama de {dos} seus pensamentos{;} :-aqui não estamos só mancebos, e{,} pois{,} não faremos tanto: {;} pronunciaremos{,} |comtudo| {,} a inicial do primeiro nome.

¹²⁵⁴ {—} Sim! sim ! (~~disse~~ Fellippe) {;} Augusto não beberá |comnosco|...

¹²⁵⁵ — Não, maninho {,} ;-(acudiu a interessante Moreninha) {,} elle há de beber tambem-{!}

¹²⁵⁶ — Ah {,} minha senhora! {,} no |beber| um copo de ~~champagne~~ {champanha} não está a duvida; a difficuldade toda é poder {,} entre tantos nomes {,} escolher o mais amado:-{.} Acode-me tal numero, dos que |têm| tocado o ~~superiativo~~ {superlativo} do amor...

— M... (disse Leopoldo, esvasiando seu copo.)¹²⁵⁷

— C... (pronunciou Fellippe, olhando para D. Clementina.)¹²⁵⁸

— J... (balbuciou Fabricio, exasperado com un accesso de tosse que atacára Augusto.)¹²⁵⁹

Os outros mancebos pronunciárão suas letras; só o inconstante faltava.¹²⁶⁰

— Eia! animo, Sr. Augusto (disse D. Carolina)¹²⁶¹

— Mas que letra, minha senhora?... se elles me dessem licença, eu faria o enorme sacrificio de reduzir as que me lembrão ao diminuto numero de vinte e tres.¹²⁶²

— Nada! nada! n'esta saúde não entra o numero plural.¹²⁶³

— Pois bem, Senhor Augusto; (continuou a menina) uma collecção não deixa de ser singular; beba o seu copo de champagne — ao alphabeto inteiro — !¹²⁶⁴

— Sim, minha senhora, ao alphábeto inteiro!¹²⁶⁵

Meia hora depois levantarão-se¹²⁶⁶ da mesa. Leopoldo approximou-se de Augusto.

— Então que dizes, Augusto...¹²⁶⁷

— Que passaremos a mais agradável noite¹²⁶⁸.

— E quem ganhará a aposta?

— De quaes d'estas¹²⁶⁹ meninas estás mais apaixonado?...

— Estou na minha regra; mas hoje tenho me apaixonado só de tres¹²⁷⁰ principalmente.

¹²⁵⁷ — M... (disse Leopoldo, esvasiando seu copo.)

¹²⁵⁸ — C... (pronunciou |Felippe|, olhando para ~~D.~~ Clementina.)

¹²⁵⁹ — J... (balbuciou Fabricio, exasperado com un accesso de tosse que atacára Augusto.)

¹²⁶⁰ Os outros mancebos |pronunciaram| suas letras; só ~~o inconstante~~ faltava {o inconstante}.

¹²⁶¹ — Eia! Animo, sr. Augusto{!} (~~disse D.~~ Carolina){.}

¹²⁶² Se elles me dessem licença, eu faria o enorme sacrificio de reduzir as que me |lembram| ao diminuto numero de vinte e tres-{...}

¹²⁶³ |Nesta saude| não entra o numero plural.

¹²⁶⁴ — Pois bem, ~~Senhor~~ {sr.} Augusto; (~~continuou a menina~~) {,} uma collecção não deixa de ser singular; beba o seu copo de {champanha} champagne — ao alphabeto inteiro — !

¹²⁶⁵ — {Bem achado,} ~~Sim~~, minha senhora, {! Bebo, pois} ao |alphabeto| inteiro+{.}

¹²⁶⁶ |levantaram-se|

¹²⁶⁷ — Então{,} que dizes, Augusto{?}...

¹²⁶⁸ {das} noite{s}

¹²⁶⁹ |destas|

¹²⁷⁰ {,}

— E o que pensas da irmã de Fellippe?¹²⁷¹

— A melhor resposta que te posso dar, é — não sei — ; porque ao meio dia a julgava travessa, importuna; e feia ; mas era-me completamente indilferente.¹²⁷²

— A uma hora?...¹²⁷³

— Eu a supuz estouvada e desagradavel.¹²⁷⁴

— Às duas horas?...¹²⁷⁵

— Má; e desejava vê-la longe de mim.¹²⁷⁶

— Durante o jantar?...¹²⁷⁷

— Fui achando-lhe algum espirito, e accusei-me por havel-a julgado feia.¹²⁷⁸

— E agora ?¹²⁷⁹

— Parece que me sinto muito inclinado a declaral-a engraçada e bonitinha.

— E d'aqui¹²⁸⁰ a pouco?

— Eu direi¹²⁸¹

¹²⁷¹ — E o que pensas da irmã de Felippe?

¹²⁷² — A melhor resposta que te posso dar, é — não sei — ; porque {!} Ao meio dia a julgava{-a} travessa, importuna; e feia ; mas {e} era-me{lhe} completamente indilferente.

¹²⁷³ — |A'| uma hora?...

¹²⁷⁴ — Eu a supuz {... Supul-a} estouvada e desagradavel.

¹²⁷⁵ — |À's| duas horas?...

¹²⁷⁶ — {...} má; e desejava{-desejei} vê-la longe de mim.

¹²⁷⁷ ?...

¹²⁷⁸ — {...} fui{-lhe} achando-lhe algum espirito; e accusei-me por havel-a {tel-a} julgado feia.

¹²⁷⁹ {...}

¹²⁸⁰ |daqui|

¹²⁸¹ — Eu {Depois o} direi {...}

VI

AUGUSTO COM SEUS AMÔRES¹²⁸²

Poucos momentos depois da scena antecedente, a sala de jantar ficou entregue unicamente ao insaciavel Keblere, que entendeu, não sabemos se mal ou bem, que era muito mais proveitoso ficar fazendo honras a meia duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, que se fôrão deslizar pelo jardim.¹²⁸³ Outro tanto não fizerão os rapazes, que de perto as acompanhárão, assim como pais, maridos, e irmãos, todos animados e cheios de prazer e harmonia, dispostos a acabar o dia e entrar pela noite com gosto.¹²⁸⁴

Mas dicemos que não sabiamos se Keblere havia feito bem ou mal em não imitar os outros.¹²⁸⁵ Sem duvida já fomos condemnados por homem de máo gosto; cumpre-nos dar algumas razões.¹²⁸⁶ Entendemos, cá para nós, que por diversos caminhos vão, tanto o Allemão¹²⁸⁷ como os, rapazes, a um mesmo fim.¹²⁸⁸ Em resultado, esgotadas as garrafas e terminado o passeio, haverá môna, não só na sala de jantar, mas tambem no jardim: a diferença é que uma será môna de vinho, e a outra de amor: esta ultima costuma sempre ser a mais perigosa.¹²⁸⁹ Pela nossa parte confessamos que não ha cachaça que embebede mais depressa, do que uma que se bebe nos olhos travessos de certas pessoas.¹²⁹⁰

¹²⁸² |AMORES|

¹²⁸³ ~~que era~~ {ser} muito mais proveitoso ficar fazendo honras a |meia| duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, ~~que se fôrão deslizar pelo~~ {ao} jardim.

¹²⁸⁴ Outro tanto não |fizeram| os rapazes, que ~~de perto~~ as |acompanharam| {de perto}, assim como {os} |paes|, maridos, e irmãos, todos animados e {contentes} ~~cheios de prazer e harmonia~~, dispostos a {bem} acabar o dia e entrar pela noite com {regalo} ~~gosto~~.

¹²⁸⁵ Mas |Dissemos| ~~que não sabiamos~~ {não saber} se Keblerc {fazia} ~~havia feito~~ bem ou mal em não imitar os outros.

¹²⁸⁶ Sem duvida já fomos condemnados ~~por~~ {como} homem de |mau| gosto; ~~e~~ cumpre-nos dar ~~algumas~~ razões.

¹²⁸⁷ allemão

¹²⁸⁸ como os, rapazes, ~~a~~ {para} um mesmo fim.

¹²⁸⁹ ~~Em resultado~~ {Porque}, |exgottadas| as garrafas e terminado o passeio, haverá |mona| {séria}, não só na sala de jantar, ~~mas~~ {como} tambem no jardim: {;} a |diferença| é que uma será |mona| de vinho; e a outra{,} de amor:—{, sendo de notar que} esta ultima costuma {ser} sempre ~~ser~~ a mais perigosa.

¹²⁹⁰ que ~~não ha~~—{nenhuma} cachaça ~~que embebede~~{a} mais depressa, do que ~~uma~~ {a} que se bebe nos olhos travessos de certas pessoas—{...}

Passeava-se: cada cavalheiro dava o braço a uma senhora: e divagando-se assim pelo jardim, O diccionario das flôres era lembrado a todo momento.¹²⁹¹ Menina havia que, apenas algum lhe dizia, apontando para a flor:¹²⁹²

— Acacia!

— Sonhei com vossé (respondia logo).¹²⁹³

— Amor perfeito!

— Existo para ti só (tornava immediatamente).¹²⁹⁴ E o mesmo fazia a respeito de todas as flores que lhe mostravão; era uma doutora dé borla e capello em todas as sciencias amatorias; e esta menina era, sem mais nem menos, aquella languida e sonsinha D. Quinquina. — Fiai-vos nas sonsas.¹²⁹⁵

Um moço e uma moça porém andavão, como se costuma dizer, solteiros: hem vezes de'lla se aproximava o sujeito, mas a hellá, quanto mais perto o via, saltava, corria, voava como um beija-flor, como uma abelha, ou, melhor, como uma doudinha : — erão elles D. Carolina, e Augusto.¹²⁹⁶

— Augusto passeava só, contra vontade; D. Carolina por assim o querer.¹²⁹⁷

Augusto viu de repente todos os braços *engajados*: duas senhoras, a quem sé dirigiu, fingirão não ouvil-o, ou se desculpárão.¹²⁹⁸ O inconstante não lhes fazia conta, ou antes querião, tornando-se difíceis, vel-o -requestando-as;¹²⁹⁹ porque, desde o programma de Augusto, cada uma d'ellas entendeu lá comsigo que seria : grande gloria para qualquer o

¹²⁹¹ ~~Passeava-se~~: {Passeavam.} Cada cavalheiro dava o braço {à sua dama;} ~~a uma senhora~~: e{,} divagando-se assim pelo jardim, o diccionario das {flores} era lembrado a todo {o} momento.

¹²⁹² algum lhe {disse} ~~dizia~~, apontando para {uma carolla:} ~~a flor~~:

¹²⁹³ — *Sonhei com* |você|{!} {respondia logo}.

¹²⁹⁴ — *Existo para ti só* {!} (~~tornava immediatamente~~). *Fim de Parágrafo*

¹²⁹⁵ E o mesmo ~~fazia~~ {faria} a respeito de todas as flores {do jardim.} ~~que lhe mostravão; era~~ Uma {perfeita} doutora |de| borla e capello em todas as sciencias amatorias; {,} e esta menina era, sem mais nem menos, ~~aquella~~ {a} languida e {sonsa} ~~sonsinha~~ D. |Quinquinha|. — ~~Fiai-vos nas~~ {Fiaevos das} sonsas-{!}

¹²⁹⁶ Um moço e uma moça {,} porém {,} |andavam|, como se costuma dizer, solteiros: ~~hem~~ {; cem} vezes |della| se aproximava o {moço;} ~~sujeito~~, mas a bella, ~~quanto mais~~ {quando} perto o via, saltava, corria, voava como um |beijaflor|, ~~como~~ uma abelha, ou, melhor, ~~como~~ uma doudinha : — ~~erão~~ { . Eram } elles D. Carolina, e Augusto.

¹²⁹⁷ — {E} Augusto passeava só, contra {a sua} vontade; D. Carolina {,} por assim o querer {Carolina}.

¹²⁹⁸ Augusto {Em certo momento} viu {elle} ~~de repente~~ todos os braços *engajados*: {;} duas senhoras, a quem |se| dirigiu, |fingiram| não ouvil-o; ou se |desculpam|.

¹²⁹⁹ , ou ~~antes~~ |queriam| {, ellas}, tornando-se |difficeis|, ~~vel-o -requestando-as~~: {ver-se requestadas.}

prender com inquebráveis cadeias aquella capoeira de amor, e que o melhor meio de o conseguir era fingir despezal-o, e mostrar não fazer conta com elle. Exactamente intentavão batel-o por meio d'essa tactica poderosa, com que quas! sempre se triumphava da mulher; isto é, — pouco à pouco. —¹³⁰⁰

D. Carolina pelo contrario havia rejeitado dez braços; queria passear só.¹³⁰¹ Um braço era uma prisão, e à engraçada Moreninha gosta sobretudo da liberdade.¹³⁰² Ella quer correr, saltar, e entender¹³⁰³ com as outras; agora adiante de todos, e daqui a pouco ser à ultima no passeio: viva, com seus olhos sempre brilhantes, agil, com seu pézinho sempre prompto para a carreira, innocente para não se envergonhar de suas travessuras, e criada com mimo demais para prestar attenção aos conselhos de seu irmão, ella está em toda a parte, vê, observa tudo, e de tudo tira partido para rir-se.¹³⁰⁴ em continua hostilidade com todas aquellas que passeiavam com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, de cada palavra, de cada acção que percebia, tirava motivo para seus epigrammas; e, inimigo invencível, porque não tinha fraco por onde fosse atacado, era por isso temido e acariciado:¹³⁰⁵ deixemol-a pois correr e saltar, apparecer e desaparecer ao mesmo tempo; nem à nossa penna é dado o poder acompanhá-la, que ella é tão rapida como o pensamento.¹³⁰⁶

¹³⁰⁰ Porque, desde {o discurso do moço,} ~~o programma de Augusto,~~ cada uma {dellas} entendeu lá comsigo que seria grande gloria ~~para qualquer~~ prender com inquebráveis cadeias aquella capoeira de {do} amor, e ~~que~~ {sendo} o melhor meio {para isso} ~~de o conseguir~~ era fingir despezal-o, e {ou} mostrar não fazer {nenhuma} conta {delle} ~~com elle.~~ Exactamente {Intentavam} batel-o por meio {dessa} tactica poderosa, ~~em~~ que {quasi} sempre {dá o triumpho à mulher:} ~~se triumphava da mulher; isto é,~~ — pouco {a} pouco. —

¹³⁰¹ D. Carolina {,} pelo contrario {,} havia rejeitado dez braços; {,} Queria passear só.

¹³⁰² Um braço {é} ~~era~~ uma prisão, e {a} engraçada Moreninha gosta sobretudo da liberdade.

¹³⁰³ entreter-se

¹³⁰⁴ {agora estar à frente de todos} ~~agora adiante de todos,~~ e daqui a pouco ser {a} ultima no passeio; {;} viva, com ~~seus~~ {os} olhos ~~sempre~~ brilhantes, {;} agil, com ~~seu pézinho~~ {os pézinhos} sempre prompto{s} para a carreira, {;} innocente{,} para não se envergonhar de suas travessuras, e criada com {demasiado} mimo ~~demais~~ para {attender} ~~prestar attenção~~ aos conselhos de seu irmão, {está} ella ~~está~~ em toda a parte, {vendo} ~~vê~~, observa{ndo} tudo; e de tudo tira{ndo} partido para rir-se; {,}.

¹³⁰⁵ Em continua hostilidade com todas ~~aquellas~~ {as} que {passeiavam} com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, ~~de cada palavra,~~ de cada acção que percebia, tirava motivo para seus epigrammas; {,} e, inimigo invencível, porque não tinha fraco por onde fosse atacado{a}, era por isso {mesmo temida.} ~~temido e acariciado:~~

¹³⁰⁶ Deixemol-a{,} pois{,} correr e saltar, apparecer e desaparecer {,visto que} ~~ao mesmo tempo;~~ nem à nossa penna é dado ~~o~~ poder acompanhá-la, {o} que ella é ~~tão~~ rapida{o} como o pensamento.

Finalmente o póbree Augusto encontrou-uma senhora, que teve piedade delle. Estão afastados do resto da companhia; conversão: vamos ouvil-os.¹³⁰⁷

— Com effeito (disse a Sra. D. Anna), devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo fôgo a inconstancia no amor.¹³⁰⁸

— Mas, minha senhora, não sei porque se quer espantar!... é uma opinião.¹³⁰⁹

— Um erro, senhor!... ou melhor ainda, à um systema perigoso, e capaz de produzir grandes males.¹³¹⁰

— Eis o que tambem me espanta!

— Não, senhor; nada ha aqui que exagerado seja: rogo-lhe que por um instante pense comigo: seo seu systema é bom, deve ser seguido por todos: e se assim acontecesse, onde iriamos assentar o socego das familias, a paz dos esposos, se lhe faltava a sua base, a constancia?...¹³¹¹

Augusto guardou silencio e ella continuou.

— Eu devo crer que o Sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa daquella pela qual se explicou: consintá que lhe diga; no seu pretendido systema, o que ha é muita velhacaria: finge não se curvar por muito tempo diante de belleza alguma, para plantar no amor-proprio das moças o desejo de triumphar de sua inconstancia.¹³¹²

¹³⁰⁷ Finalmente{,} o |pobre| Augusto encontrou-uma senhora, que teve piedade delle. {Lá} estão afastados do resto da companhia; {,} |Conversam| {,} ÷Vamos ouvil-os.

¹³⁰⁸ — Com effeito{,} ~~(disse a Sra. D.~~ {dizia d.} Anna), devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo {entusiasmo} ~~fôgo~~ a inconstancia no amor.

¹³⁰⁹ — Mas, minha senhora, não sei porque se ~~quer~~ espantar!... É' uma opinião-{...}

¹³¹⁰ — Um erro, senhor!...-{,} ou melhor ~~ainda~~, à um systema perigoso, e capaz de produzir grandes males.

¹³¹¹ — Não, senhor; nada ha ~~aqui que~~ {de exaggero no que digo.} ~~exagerado seja~~: Rogo-lhe que por um instante pense comigo: se o seu systema é bom, deve ser seguido por todos- {,} e se assim acontecesse, onde ~~iriamos~~ assentar o socego das familias, a paz dos esposos, ~~se lhe faltava~~ {?} A sua base {de tudo não é}, a constancia?...

¹³¹² — Eu devo |crêr| que o sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa daquella pela qual se ~~explicou~~: {expressiu.} |Consinta| que lhe diga; {;} no seu pretendido systema; o que ha é muita velhacaria: {;} finge não se curvar por muito tempo diante de belleza alguma, para plantar no |amor proprio| das moças o desejo de triumphar ~~de~~ {da} sua inconstancia-{...}

— Não, minha senhora; o unico partido que, eu procuro, e tenho conseguido tirar, é o socego que ha algum tempo gozo.¹³¹³

— Como?...¹³¹⁴

— É uma historia muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. Com effeito não sou tal qual me pinteí durante o jantar. Não tenho a louca mania de amar um bello-ideal, como pretendi fazer crer; porém o certo é que eu sou e quero ser inconstante com todas e conservar-me firme no amor de uma só.¹³¹⁵

— Então o senhor já ama? ...¹³¹⁶

— Julgo que sim.

— À¹³¹⁷ uma moça?

— Pois então a quem?...¹³¹⁸

— Sem duvida bella!...

— Creio que deve ser.¹³¹⁹

— Pois o senhor não sabe?...¹³²⁰

— Juro que não.

— O seu semblante?...¹³²¹

— Não me lembro d'elle.¹³²²

— Mora na Côrte?...¹³²³

— Ignoro-o

¹³¹³ — Não, minha senhora; o unico partido que, eu procuro, e tenho conseguido tirar, é o socego que ha algum tempo |gozo|.

¹³¹⁴ ...

¹³¹⁵ — |É'| uma historia muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. ~~Com effeito~~ {Realmente,} não sou tal {como} ~~qual~~ me pinteí durante o jantar. Não tenho a louca mania de amar um |bello ideal|, como pretendi fazer |crêr|; porém{,} o certo é que eu sou e quero ser inconstante com todas e {para} conservar-me firme no amor de uma só.

¹³¹⁶ — Então {,} o senhor já ama? ...

¹³¹⁷ A

¹³¹⁸ — ~~Pois então a quem?...~~ {Quem havia de ser?...}

¹³¹⁹ — ~~Creio que deve ser.~~ {Parece-me...}

¹³²⁰ — Pois o ~~senhor~~ não sabe {ainda}?...

¹³²¹ ...

¹³²² — ~~Não me~~ {Não me} lembro |delle|.

¹³²³ — |Móra| na côrte?...

— Vê-a muitas vezes?...¹³²⁴

— Nunca.

— Como se chama?...

— Desejo muito sabel-o.

— Que misterio¹³²⁵!... .

— Eu devo mostrar-me grato à bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo a curiosidade que vejo muito avivada no seu rosto; e pois a senhora vai ouvir o que ainda não ouvio, nenhum dos meus amigos, o que eu não lhes diria, porque elles provavelmente rir-se-hião de mim.¹³²⁶ Se deseja saber o mais interessante episodio de minha vida, entremos n'esta¹³²⁷ gruta, onde praticaremos livres de testemunhas,¹³²⁸ e mais em liberdade.

Elles entrarão.¹³²⁹

Era uma gruta pouco espaçosa, e cavada na base de um rochedo que¹³³⁰ dominava o mar. Entrava-se por uma abertura alta e larga, como qualquer porta ordinaria. Ao lado direito havia um banco de relva, em que poderião sentar-se a gosto tres pessoas¹³³¹; no fundo via-se uma pequena bacia de pedra, onde cahia gota à gota, limpida e fresca, agua que do alto do rochedo se distillava preso por uma corrente á bacia de pedra estava um copo de prata, para servir a quem quizesse provar da bôa agua do rochedo.¹³³²

Foi este lugar escolhido por Augusto para fazer suas revelações à digna-hospeda.¹³³³

¹³²⁴ ...

¹³²⁵ |mysterio|

¹³²⁶ — Eu devo mostrar-me grato à bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo |á| curiosidade que vejo muito avivada no seu rosto; e{,} pois{,} a senhora |vae| ouvir o que ainda não ouvio,—nenhum dos meus amigos, o que eu não lhes diria, porque elles provavelmente |rir-se-iam| de mim.

¹³²⁷ |nesta|

¹³²⁸ ,

¹³²⁹ Elles |Entraram|.

¹³³⁰ |que|

¹³³¹ , em que {no qual} |poderiam| sentar-se a gosto tres pessoas

¹³³² no {ao} fundo via-se uma pequena {lage concava} bacia de pedra, onde cahia{,} gota |a| gota, limpida e fresca, {a} agua que do alto do rochedo {estillava;} se-distillava preso por uma corrente á bacia de pedra estava um copo de prata, para servir a quem quizesse provar da |boa| agua do rochedo.

¹³³³ Foi este {o} lugar escolhido por Augusto para fazer suas revelações à {digna senhora} digna-hospeda.

O estudante, depois de certificar-se que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da Sra. D. Anna, no banco de relva, começou a historia dos seus amóres.¹³³⁴

¹³³⁴ ~~O estudante,~~ Depois de certificar-se {de} que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto {della,} da Sra. D. Anna, no banco de relva, {e} começou a historia dos seus |amores|.

VII

OS DOUS¹³³⁵ BREVES, BRANCO E VERDE

— Negocios importantes, minha senhora, tinham obrigado meu pai a deixar sua fazenda e a vir passar alguns mezes na Córte : eu o acompanhei, assim como toda a nossa familia.¹³³⁶ Isto foi ha sete annos ; e n'essa época houve um dia... mas queimporta o dia?... eu o poderia dizer já o dia, o lugar, a hora, tudo está presente à minha alma, como se fôra succedido hontem o acontecimento que vou ter à honra de relatat é uma loucura... à minha mania... embora...¹³³⁷ Foi pois ha sete annos, e, tinha eu então trezé de idade, que, brincando em uma das bellas praias do Rio de Janeiro, vi uma menina que não poderia ter ainda oito.¹³³⁸

Figure-se a mais bonita criança do mundo, com um vivo, agradável e alegre semblante; com cabellos negros e annelados, voando ao derredor de seu pescoço; com o fogo do Céu nos lhos, com o sorrir dos anjos nos labios, com a graça divina em toda ella, e far-se-ha ainda uma idéa incompleta d'essa menina.¹³³⁹

Ella estava à borda do mar, e seu rosto voltado para elle; aproximei-me devagarinho:
¹³⁴⁰uma criança¹³⁴¹ viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras, ou combina os¹³⁴² meios para executar alguma a que se põe obstaculos: eu sabia isto por

¹³³⁵ |DOIS|

¹³³⁶ — Negocios importantes, minha senhora, |tinham| obrigado meu |pae| a deixar sua fazenda e a vir passar alguns mezes na córte {,} ÷ eu o acompanhei, assim como toda a nossa familia.

¹³³⁷ Isto foi ha sete annos ÷ {,} E |nessa| época{,} houve um dia... ~~mas queimporta~~ {Que importa} o dia?... Eu e poderia dizer já o dia, o |logar|, a hora, {de tal modo} tudo está presente |á| minha alma, como se |fôra| ~~succedido~~ {de} hontem o acontecimento que vou ter |a| honra de relatat{,} |É'| uma loucura... {uma perfeita mania...} ~~à minha mania... embora...~~

¹³³⁸ ~~Foi pois ha sete annos, e,~~ Tinha eu então |treze| de idade, ~~que, brincando~~ {e brincava} em uma das bellas praias do Rio de Janeiro, {quando} vi uma menina que não ~~poderia ter~~ {teria} ainda oito.

¹³³⁹ Figure-se a mais bonita |creança| do mundo, com um vivo, agradável e alegre semblante; ~~com~~ {,} cabellos negros e annelados, voando {em torno ao} ~~ao derredor de seu~~ pescoço; ~~com~~ {,} o fogo do céu nos lhos, ~~com~~ o sorrir dos anjos nos labios, ~~com~~ a graça divina em toda ella, {—} e |far-se-á| ~~ainda~~ uma idéa incompleta {ainda} |dessa| menina.

¹³⁴⁰ Ella estava à borda do mar, {com o} ~~e seu~~ rosto voltado para elle; ~~{,}~~ Aproximei-me devagarinho: {,}

¹³⁴¹ |creança|

¹³⁴² ~~os~~

experiencia propria: cheguei-me pois, para saber em que pensava a menina: a pequena distancia d'ella parei, porque já tinha adivinhado seu pensamento.¹³⁴³

Na praia estava deposta uma concha: mas tão perto do mar, que quem a quizesse tomar, e não fosse ligeiro e experiente, se expunha a ser apanhado pelas ondas, que rebentavam com força então.¹³⁴⁴

Eu vi a travessa menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha, e o receio de ser molhada pelas vagas : depois pareceu haver tomado uma resolução ; o capricho de criança tinha vencido.¹³⁴⁵ Com suas lindas mãosinhas arregaçou o vestido até os joelhos... quando¹³⁴⁶ a onda recuou, ella fez um movimento; mas ficou ainda no mesmo lugar, inclinada para diante, e na ponta dos pés: segunda... terceira... quarta... quinta onda, e sempre a mesma scena de ataque, e receio do inimigo¹³⁴⁷. Finalmente, ao refluxo da sexta, ella¹³⁴⁸ precipitou-se sobre a concha; mas a arêa escorregou debaixo de seus pés, e a interessante menina cahiu na praia, semrisco: e com graça: erguendo-se logo, e espantada ao; ver perto de si a nova onda, que d'essa vez vinha; mansa e fraca como respeitosa, correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando:¹³⁴⁹

— Ah... eu ia morrer afogada!...¹³⁵⁰

¹³⁴³ obstaculos: { . } Eu sabia isto por experiencia propria: { . } Cheguei-me{ , } pois, para {indagar} ~~saber~~ em que pensava a menina:— { e } á| pequena distancia ~~d'ella~~ parei, porque já tinha adivinhado seu pensamento.

¹³⁴⁴ Na praia ~~estava deposta~~ { havia } uma concha: { , } mas tão perto do mar, que quem a quizesse {colher} ~~tomar~~, e não fosse ligeiro { , } ~~e experiente~~, se expunha a ser apanhado pelas ondas, que {rebentavam} ~~com força então~~ { fortes }.

¹³⁴⁵ ~~Eu~~ Vi a travessa menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha,—e o receio de ser molhada pelas {ondas;} ~~vagas~~: depois {me} pareceu haver tomado uma resolução{:} ; o capricho de {creança} {vencera} ~~tinha vencido~~.

¹³⁴⁶ {joelhos}|... Quando

¹³⁴⁷ ~~ella~~ Fez um movimento:— { , }mas ficou ainda no mesmo lugar, inclinada para diante, e na ponta dos pés: { ; } segunda... terceira... quarta... quinta onda, e sempre a mesma scena de ataque,—e receio do inimigo.

¹³⁴⁸ ~~ella~~

¹³⁴⁹ mas a {areia} escorregou debaixo de seus pés, e a ~~interessante~~ menina {cahiu} na praia, sem risco: e com graça: { ; } erguendo-se logo,—e espantada ao; ver perto de si a nova onda, que {dessa} vez vinha; mansa e fraca{ . } como respeitosa, correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando:

¹³⁵⁰ — Ah{ ! }... Eu ia ~~morrer~~ {morrendo} afogada!...

Depois, vendo-se com o vestido cheio de arêa, começou a rir se muito, sacudindo-o, e dizendo ao mesmo tempo:¹³⁵¹

— Eu cahi! Eu cahi!...

E como se não bastasse esta passagem rapida do susto para o prazer, ella olhou de novo paro o mar, e tornando-se levemente melancolica, e balbuciou com voz pezarosa, apontando para a concha.¹³⁵²

— Mas...a minha concha!...¹³⁵³

Ouvindo a sua voz harmoniosa e vibrante, eu não quiz Saber de fluxos nem refluxos de ondas; corri para celas com entusiasmo, e radiante de prazer e felicidade apresentei-me à linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada.¹³⁵⁴

Este acontecimento fez-nos logo — camaradas. — Corremos a brincar juntos com toda essa confiança infantil, que sô póde nascer da innocencia e que ainda em parte se dava em mim, postoque já a esse tempo fosse eu um pouco velhaquete e sonso, como um estudante de latim, que era, e por tal já procurava minhas blasphemias no diccionario.¹³⁵⁵

É sempre digna de observar-se esta tendencia que tem as calças para o vestido ! Desde a mais nova idade e no mais innocente brinquedo apparece o tal mutuo pendor dos sexos... e de mistura umas vergonhas muito engraçadas...¹³⁵⁶

¹³⁵¹ Depois, vendo-se com o vestido cheio de |areia|, começou a |rir-se| muito, sacudindo-o, e dizendo ao mesmo tempo:

¹³⁵² E{,} como se não {lhe} bastasse esta passagem rapida do susto para o prazer, ~~ella~~ olhou de novo |para| o mar {e}, e tornando-se levemente |meiancolica|, e balbuciou com voz |pesarosa|, apontando para a concha-{:}

¹³⁵³ — ~~Mas...~~A minha concha!...

¹³⁵⁴ Ouvindo a sua voz harmoniosa e vibrante, eu não quiz Saber de fluxos nem refluxos de ondas; corri para celas com entusiasmo, e radiante de prazer e felicidade apresentei-me à linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada.

¹³⁵⁵ Este acontecimento fez-nos logo — camaradas. — Corremos a brincar juntos com ~~toda~~ essa confiança infantil, que |só| |pode| nascer da innocencia {, o} e que ~~ainda~~ em parte {ainda} se dava {commigo} ~~em mim~~, postoque já a ~~esse~~ {nesse} tempo fosse eu um {tanto} ~~pouco~~ velhaquete e sonso, como ~~um~~ estudante de latim, ~~que era, e por tal já procurava~~ {e amigo de pocurar} minhas blasphemias no diccionario.

¹³⁵⁶ |É'| sempre ~~digna~~ {digno} de observar-se esta tendencia que |têm| as calças para o{s} vestido{s} ! Desde a mais {tenra} ~~nova~~ idade{,} e no mais innocente brinquedo{,} apparece o ~~tal~~-mutuo pendor dos sexos... e de mistura{,} umas vergonhas muito engraçadas...

Eu cá sempre fui assim; quando brincava o *tempo* será¹³⁵⁷, por exemplo, sempre¹³⁵⁸ preferia esconder-me atrás¹³⁵⁹ das portas com a menos bonita de minhas primas,¹³⁶⁰ do que com o mais formoso de meus amigos da¹³⁶¹ infância.

Mas, como ia dizendo, nós brincâmos juntos; corriamos e cahiamos na areia, e depois riamos amhos de nós mesmos.¹³⁶² Tinhamos esquecido todo o mundo, pensavamos sómente em nos divertir, como os melhores amigos¹³⁶³.

Depois de uma agradável hora, passada em mil diversas travessuras, que nossa imaginação e inconstancia de meninos modificava e inventava a cada momento, a minha interessante camarada voltou-se de repente para mim, e perguntou:¹³⁶⁴

— Sou bonita,¹³⁶⁵ ou feia?...

Eu quiz responder-lhe mil cousas... corei... e finalmente murmurei tremendo:¹³⁶⁶

—¹³⁶⁷ Tão bonita!...

— Pois então, (tornou-me ella) quando formos grandes, havemos de nos casar; sim ?¹³⁶⁸

—Oh!... pois bem! ...¹³⁶⁹

— Havemos, (continuou o lindo anjinho de sete annos) eu o quero... Olhe; o meu. Primo Juca me queria tambem; mas ainda hontem me quebrou a minha mais bonita bonéca... ora o marido não deve quebrar as bonécas de sua mulher: eu quero pois me casar com o

¹³⁵⁷ *será*

¹³⁵⁸ ~~sempre~~

¹³⁵⁹ |atrás|

¹³⁶⁰ ,

¹³⁶¹ de

¹³⁶² Mas, como ia dizendo, nós |brincâmos| juntos; corriamos e cahiamos na |areia|, e depois riamos amhos de nós mesmos.

¹³⁶³ amiguinhos.

¹³⁶⁴ Depois de uma agradável hora, passada em mil diversas travessuras, que nossa imaginação e inconstancia {infantil} ~~de meninos~~ modificava e inventava a cada momento, a minha interessante camarada voltou-se {para mim} de repente ~~para mim~~, e perguntou:

¹³⁶⁵ — Sou bonita,

¹³⁶⁶ ~~Eu~~ Quiz responder-lhe mil cousas... {, mas} corei... e{,} finalmente{,} murmurei{, tremulo} ~~tremendo~~:

¹³⁶⁷ —

¹³⁶⁸ — Pois então, ~~(tornou-me ella)~~ {,} quando formos grandes, havemos de nos casar; {,} sim ?

¹³⁶⁹ —Oh!... ~~pois bem!~~ {Sim}...

senhor, que ha-de apanhar bonitas conchinhas para mim... Além d'isso elle não tem, como o senhor, os, cabellos louros, nem a côr rosada... ¹³⁷⁰

— Porém eu gosto mais dos cabelos pretos... ¹³⁷¹

— Melhor ! melhor !... (exclamou a menina, saltando de prazer) olhe os meus são pretos!¹³⁷²

E n'isto ella puxou com a sua pequenã mãozinha um de seus bellos anneis de madeixa, para mostrar-m'o.; e largando-o depois, eu o vi cahir outra vez em seu pescoço, de novo torcido como um caracol. ¹³⁷³

Ainda corremos mais e continuímos a brincar juntos; e sem o pensar, nós nos esquecemos de procurar saber os nossos verdadeiros nomes; porque nos bastavão esses, com que já nos tratavamos, de — meu marido —minha mulher. ¹³⁷⁴

A viveza, à grata, e o espirito da encantadora menina tinhão feito desappareceér meu natural acanhamento: nós estavamos como dous antigos camaradas, quando fomos interrompidos em nossas travessuras por um outro menino, que para nós corria chorando. ¹³⁷⁵

— O que tem?... (perguntámos ambos.)¹³⁷⁶

— É meu-pai que morre ! (exclamou- elle, apontando para uma velha casinha, que avistámos algumas braças distante de nós.)¹³⁷⁷

¹³⁷⁰ — Havemos, (continuou o lindo anjinho de sete annos) {;} eu e quero... Olhe- {,} o meu- P{p}rimo Juca me queria tambem; mas ainda hontem me quebrou a ~~minha~~ mais bonita |boneca|--- Ora{,} o marido não deve quebrar as |bonecas| de sua mulher- {;} eu quero{,} pois{,} me casar com o senhor, que |ha de| apanhar bonitas conchinhas para mim... Além |disso|{,} elle não tem, ~~como o senhor, os, cabellos louros,~~ nem a côr rosada...

¹³⁷¹ — ~~Porém~~ {Mas} eu gosto mais dos |cabellos| pretos...

¹³⁷² — Melhor ! Melhor !... (exclamou a menina, saltando de prazer) {,} Olhe{:} os meus são pretos!

¹³⁷³ E |nisto| ~~ella~~ puxou com a sua ~~pequenã~~ mãozinha um ~~de seus~~ {dos} bellos anneis de |madeira|, para mostrar-m'o.; e{,} largando-o depois, ~~eu o vi~~ {vi-o} cahir outra vez em seu pescoço, de novo torcido como um caracol.

¹³⁷⁴ ~~Ainda~~-{Depois} corremos {outra vez} ~~mais~~ e |continuámos| a brincar juntos; ~~e sem o pensar, nós nos esquecemos de procurar~~ {,} Não curamos de} saber os nossos verdadeiros nomes; {,} porque nos |bastavam| esses, com que já nos tratavamos, ~~de~~ — meu marido {,} —minha mulher.

¹³⁷⁵ A viveza, |a| {graça} ~~grata~~, e o espirito da encantadora menina |tinham| feito |desapparecer| meu natural acanhamento- {,} ~~nós~~ Estavamos como |dous| ~~antigos~~ {velhos} camaradas, quando fomos interrompidos ~~em nossas travessuras~~ por um ~~outro~~ menino, que para nós corria chorando.

¹³⁷⁶ — ~~Θ~~ Que tem?... (perguntámos ambos.)

¹³⁷⁷ — |É'| meu |paē| que morre! (exclamou elle, apontando para uma ~~velha~~ casinha, ~~que avistámos~~ algumas braças distante de nós.)

Ficámos um momento tristemente sorprendidos; depois como dominados pelo mesmo pensamento, ella e eu dicemos a um tempo:¹³⁷⁸

— Vamos lá.

E corremos para a pequena casa.¹³⁷⁹

Entrámos. Era um quadro de dôr e luto, que tínhamos ido ver.¹³⁸⁰ Uma pobre velha, e tres meninos mal vestidos e magros, cercavão o leito em que jazia moribundo um ancião de cincoenta annos pouco mais ou menos. Pelo que agora posso concluir, uma syncope havia causado todo o movimento, pranto e desolação, que observámos. Quando chegámos ao pé de seu leito, elle tornava a si.¹³⁸¹

— Ainda não morri ! (balbuciou, olhando com ternura para seus filhos e deixando cahir dos olhos grossas lagrimas) depois, deparando connosco continuou:¹³⁸²

— Quem são estes dous¹³⁸³ meninos?...

Ninguém lhe respondeu ; porque todos choravão, sem exceptuar a minha bella camarada e eu.¹³⁸⁴

— Não chorem ao pé de mim! (exclamou o velho, suffocado em pranto, e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seus tres filhos e o quarto, que tínhamos ha pouco visto fóra, se atiravão sobre elle, no excesso da maior, da mais nobre e mais sublime das dôres.)¹³⁸⁵

A minha camarada dirigiu-se então à velha.¹³⁸⁶

¹³⁷⁸ |Ficámos| um momento ~~tristemente~~ {tristes e} |surprehendidos|; depois{,} como dominados ~~pelo mesmo pensamento~~ {pela mesma idéia}, {exclamámos ambos} ~~ella e eu dicemos~~ a um tempo:

¹³⁷⁹ E corremos para a {casinha} ~~pequena casa~~.

¹³⁸⁰ ~~Era~~ Um quadro de dôr e |lucto|, ~~que tínhamos ido ver~~ {se revelou aos nossos olhos}.

¹³⁸¹ Uma pobre velha; e tres meninos mal vestidos e magros; |cercavam| o leito em que jazia moribundo um {homem} ~~ancião~~ de cincoenta annos{,} pouco mais ou menos. Pelo que agora posso concluir, uma syncope ~~havia causado~~ {era causa de} todo o ~~movimento~~, pranto e desolação, ~~que observámos~~. Quando ~~chegámos ao pé de seu leito, elle tornava~~ {Logo depois o homem tornou} a si.

¹³⁸² — Ainda não morri ! {balbuciou, olhando com ternura para seus filhos e deixando cahir dos olhos grossas lagrimas} {.} Depois, ~~deparando~~ connosco{,} continuou:

¹³⁸³ ~~dous~~

¹³⁸⁴ Ninguém lhe respondeu{,} ; porque todos |choravam|, sem exceptuar a minha bella camarada e eu.

¹³⁸⁵ — Não chorem ao pé de mim! {exclamou o {homem} ~~velho~~, suffocado em pranto, e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seus tres filhos e o quarto, que tínhamos ha pouco visto fóra, se |atiravam| sobre elle, no excesso da maior, da mais nobre e {da} mais sublime das |dores|.}

¹³⁸⁶ A minha camarada dirigiu-se ~~então~~ |á| velha {e perguntou, com viva demonstração de interesse}.

— O que tem então elle?... (perguntou com viva demonstração de interesse.)¹³⁸⁷

— Oh meus meninos! (respondeu a afflicta velha) elle soffre uma enfermidade cruel, mas que poderia não ser mortal... ; porém é pobre!... e morre mais depressa pelo pezar de deixar seus filhos expostos à fome!... morre de miseria! ...morre de fome!...¹³⁸⁸

— Fome (exclamámos com espanto) fome! pois tambem morre-se de fome?...¹³⁸⁹

E instinctivamente a minha interessante companheira tirou do bolso de¹³⁹⁰ seu avental uma moéda de ouro, e dando-a a velha, disse:¹³⁹¹

— Foi meu padrinho que m'a deu hoje de manhã... eu não preciso d'ella... não tenho fome.¹³⁹²

E eu tirei de meu bolso uma nota, não me lembro de que valor, e por minha vez a entreguei, dizendo:¹³⁹³

— Foi minha mãe que m'a deu, e ella me dá um abraço, sempre que faço esmola aos pobres.¹³⁹⁴

Não é possível descrever o que se passou então n'aquella miseravel choupana. Minha linda nulher e eu tivemos de ser abraçados mil vezes, de ver de joéllhos a nossos pés a velha e os meninos... O ancião forcejava por fallar ha muito tempo... dava com as mãos chamando-nos... finalmente nós nos aproximámos d'elle, que nos apertou com enthusiasmo contra o coração.¹³⁹⁵

¹³⁸⁷ — O Que tem então elle?... (perguntou com viva demonstração de interesse.)

¹³⁸⁸ — Oh{,} meus meninos! {respondeu a afflicta {senhora.} ~~velha~~} elle soffre uma enfermidade cruel, mas que ~~poderia~~ não {seria} ~~ser~~ mortal... ; ~~porém é pobre!...~~ e {se não fôssemos pobres!...} ~~Morre mais depressa pelo pezar de deixar seus filhos expostos à fome!...~~ Morre de miseria! ...Morre de {fome}!...

¹³⁸⁹ — {Fome} {?} {exclamámos com espanto} {,} {Fome} ! {?} Pois tambem {se} morre-se de {fome}|? {!}...
¹³⁹⁰ do

¹³⁹¹ uma {moeda} de ouro, {que deu á velha, dizendo:} ~~e dando-a a velha, disse:~~

¹³⁹² eu Não preciso {della}|... {,} Não tenho {fome}|...{...}

¹³⁹³ E eu tirei de meu bolso uma nota, não me lembro de {quanto} ~~que valor,~~ e por minha vez {passei-a á velha.} ~~a entreguei, dizendo:~~

¹³⁹⁴ — Foi minha {mãe} que m'a deu, e ella me dá um abraço,~~sempre que faço esmola aos pobres.~~

¹³⁹⁵ Não é possível descrever o que se passou então {naquella} miseravel choupana. Minha linda nulher e eu ~~tivemos de ser~~ {fomos} abraçados mil vezes, {e vimos} ~~de ver~~ de {joelhos} a nossos pés a velha e os meninos... ~~O ancião forcejava por fallar ha muito tempo... dava com as mãos chamando nos...~~ Finalmente {,} ~~nós nos~~ {aproximamos}{-nos do doente,} ~~d'elle,~~ que nos apertou com enthusiasmo contra o coração.

- Quem sois? (pôde enfim dizer) quem sois ?¹³⁹⁶
- Duas crianças (foi a menina que respondeu.)¹³⁹⁷
- Dous anjos; (tornou o velho) e quem é este menino?...¹³⁹⁸
- É o meu camarada (disse ainda ella.)¹³⁹⁹
- Vosso irmão? ...
- Não, senhor; meu... marido.
- Marido?¹⁴⁰⁰ ...
- Sim; eu quero que elle seja neu¹⁴⁰¹ marido.
- Deus realize vossos desejos!...

Acabando de pronunciar estas palavras, o ancião guardou silencio por alguns instantes...bebeu com sofreguidão um pucaro cheio d'agua e olhando de novo para nós, e tendo no rosto um ar de inspiração, e em suas palavras um acento prophetico, exclamou:¹⁴⁰²

— Seja dado ao homem agonizante lançar seu¹⁴⁰³ ultimos pensamentos do leito da morte além dos annos que já não serão para elle, e penetrai com seus olhares atravez do véo do futuro!... Meus filhos, amai-vos, e amai-vos muito! a vir tude se deve ajuntar, assim como o vicio se procura: sim; amai-vos ! eu não vos illudo... vejo là... bem longe... a promessa realizada! São dous anjos que se unem... vêde !... os meninos que entrárão na casa do miseravel, que enxugárão o pranto e matárão a fome da indigencia, são abençoados por Deus, e unidos em nome d'elle !... Meus filhos, eu vos vejo casados lá no futuro!...¹⁴⁰⁴

¹³⁹⁶ — Quem sois? { |poude| {,} enfim {,} dizer } — { . } Quem sois ?

¹³⁹⁷ — Duas |creanças| {,} respondeu { ~~foi a menina que respondeu.~~ }

¹³⁹⁸ — |Dois| anjos; { {,} tornou o velho } { . } E quem é este menino? ---

¹³⁹⁹ — ~~É o m~~Meu camarada {,} {disse ainda ella.}

¹⁴⁰⁰ { ! }

¹⁴⁰¹ |meu|

¹⁴⁰² Acabando de pronunciar estas palavras, o {homem} ~~ancião~~ guardou silencio por alguns instantes --- {;} bebeu com sofreguidão um pucaro ~~cheio~~ d'agua e {,} olhando de novo para nós, e tendo no rosto um ar de inspiração, e ~~em suas~~ {nas} palavras um |accento| prophetico, exclamou:

¹⁴⁰³ seus

¹⁴⁰⁴ --- e penetrai {penetrar} com seus olhares atravez do véo do futuro! --- Meus filhos, |amae-vos|, e |amae-vos| muito! A |virtude| se deve ajuntar, assim como o vicio se procura: { . } Sim; {,} |amae-vos| ! Eu não vos illudo... Vejo là --- bem longe... a promessa realizada! São |dois| anjos que se unem... Vêde !... Os meninos que |entraram| na casa do miseravel, que |enxugaram| o pranto e |mataram| a |fome| da indigencia, são abençoados por Deus, e unidos em nome |delle| !... Meus filhos, eu vos vejo casados {,} lá no futuro!...

— Oh!...eis-ahi outra vez o delirio !... (disse a velha, vendo a exaltação e o semblante afogueado do enfermo.)¹⁴⁰⁵

— Não, minha mãe!... (continuou elle) não ! não é delirio!... Pois que!... não póde o Eterno abençoar a virtude pela minha boca ?... Oh meus meninos ! Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre !... ainda uma vez... lá no futuro... vós o sentireis...¹⁴⁰⁶

Nós estávamos espantados : o rosto do ancião se havia tornado rubro ; seus olhos flamejantes... seus labios tremião convulsivamente, e sua mão rugosa tinha tres vezes nos abençoado.¹⁴⁰⁷

Escutando suas palavras, eu acreditei que estávamos ouvindo uma prophesia infallivelmente realizavel, pronunciada por um inspirado do Senhor.¹⁴⁰⁸

Não parou ahi nossa admiração. O doente, cujas forças parecião haver reaparecido subitamente, apoiando-se sobre um dos cotovelos, abriu a gavêta de uma mesa, que estava junto de seu leito, e tirando de uma pequena e antiga caixa dous breves, os deu à velha, dizendo:¹⁴⁰⁹

— Minha mãe, descosa esses dous breves.¹⁴¹⁰

A velha obedecendo pontualmente, os descoseu com promptidão. Os breves erão dous; um verde, e outro branco.¹⁴¹¹

Depois o ancião,¹⁴¹² voltando-se para mim, disse:

¹⁴⁰⁵ — Oh!...~~eis-ahi~~ {,} outra vez o delirio !... (~~disse a velha, vendo a exaltação e o semblante afogueado do enfermo.~~)

¹⁴⁰⁶ — Não, minha |mãe| {,} !... (~~continuou elle~~) {;} não {,} ‡ não é delirio!... {,} Pois ~~que!~~ não póde o Eterno abençoar a virtude pela minha |bocca| ?... Oh {,} meus meninos {,} ‡ Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre!... Ainda uma vez... lá no futuro... vós ~~o sentireis~~...

¹⁴⁰⁷ Nós Estávamos espantados: o rosto do {homem} ~~ancião~~ se {tornou} ~~havia tornado~~ rubro {,} ; seus olhos flamejantes... {,} seus labios |tremiam| convulsivamente, e {,} Sua mão rugosa ~~tinha~~ tres vezes nos {abençoou} ~~abençoado~~ .

¹⁴⁰⁸ ~~Escutando~~ {Ouvindo} suas palavras, eu acreditei que estávamos {diante duma} ~~ouvindo uma~~ prophesia{,} infallivelmente realizavel, pronunciada por um inspirado do Senhor.

¹⁴⁰⁹ O doente, cujas forças |pareciam| ~~haver~~ {ter-se reerguido} ~~reaparecido~~ subitamente, apoiando-se sobre um dos |cotovellos|, abriu a |gaveta| de uma mesa, ~~que estava~~ junto de{o} seu leito, e {tirou} ~~tirando~~ de uma pequena e antiga caixa |dous| breves, os deu |á| velha, dizendo:

¹⁴¹⁰ — Minha |mãe|, descosa ~~esses~~ {estes} |dous| breves.

¹⁴¹¹ A velha {,} obedecendo pontualmente, ~~os~~ descoseu{-os} com promptidão. ~~Os breves erão dous;~~ Um verde, e outro branco.

¹⁴¹² ~~Depois o ancião~~ {O homem, em seguida},

— Menino! que trazeis comvosco, que possais offerecer a esta menina?...¹⁴¹³

Eu corri com os olhos tudo que em mim havia, e só achei para entregar ao admiravel homem, que me fallava, um lindo alfinete de camafeu, que-meu pai me tinha dado para trazer ao peito: machinalmente puz-lhe nas mãos o meu camafeu.¹⁴¹⁴

O velho quebrou o pé do alfinete, e dando-o a sua mãe, acrescentou:¹⁴¹⁵

— Minha mãe¹⁴¹⁶, cosa dentro do breve branco este camafeu.

E voltando-se para minha bella camarada; continuou:¹⁴¹⁷

— Menina! que trazeis comvosco que possais offerecer a este menino?...¹⁴¹⁸

A menina, atilada e viva, como que já esperando tal pergunta, entregou-lhe um botão de esmeralda, que trazia em sua camizinha.¹⁴¹⁹

O velho o deu a sua mãe¹⁴²⁰, dizendo:

— Minha mãe¹⁴²¹, cosa esta esmeralda dentro do breve verde.

Quando as ordens do ancião fôôrão completamente executadas, elle tomou os dous breves, e dando-me o de cór branca, disse-me:¹⁴²²

— Tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina; elle contém o vosso caimafeu : se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o, afim de que ella o guarde com desvelo.¹⁴²³

¹⁴¹³ — Menino! {,} que trazeis comvosco, que |possaes| offerecer a esta menina?...
~~com~~

¹⁴¹⁴ Eu corri ~~com~~ os olhos {sobre} tudo que {trazia} em mim ~~havia~~, e só achei para entregar ao ~~admiravel~~ homem, ~~que me fallava~~, {prophetico} um lindo alfinete de camafeu, que meu |pae| me {déra} ~~tinha dado~~ para trazer ao peito: {,} Machinalmente puz-lhe nas mãos o ~~meu~~ camafeu.

¹⁴¹⁵ O velho quebrou o ~~pé do~~ alfinete, e {,} dando-o |á| sua |mãe|, |acrescentou|:

¹⁴¹⁶ |mãe|

¹⁴¹⁷ E {,} voltando-se para minha bella camarada; ~~continuou~~; {, repetiu:}

¹⁴¹⁸ — Menina! {,} que trazeis comvosco que |possaes| offerecer a este menino?...
~~me~~

¹⁴¹⁹ esmeralda, que trazia em sua |camisinha|.

¹⁴²⁰ |mãe|

¹⁴²¹ |mãe|

¹⁴²² Quando as ordens do ~~ancião~~ {homem} |foram| ~~completamente~~ {inteiramente} executadas, ~~elle~~ tomou {elle} os ~~dous~~ breves, e {,} dando-me o de |côr| branca, disse-me:

¹⁴²³ — |Tomae| este breve, cuja côr exprime a candura da alma |daquella| menina; elle contém o vosso caimafeu {,}; ÷ se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bello anjo, |dae| ~~lh'o~~ {lhe}, afim de que ella o guarde com desvelo.

Eu mal compreendi o que o velho queria: ainda machinalmente entreguei o breve à linda menina, queo prendeu no cordão de ouro que trazia ao pescoço.¹⁴²⁴

Chegou a vez della. O nosso homem deu-lhe o outro breve, dizendo:¹⁴²⁵

— Tomai este breve, cuja côr exprime as esperanças do coração d'aquelle menino ; elle contém a vossa esmeralda ; se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bom anjo, dai-lh'o, afim de que elle o guarde com desvelo.¹⁴²⁶

Minha bella mulher executou a insinuação do velho com promptidão, e eu preendi o breve ao meu pescoço com uma fita que me derão.¹⁴²⁷

Quando tudo isto estava feito, o velho proseguiu ainda:¹⁴²⁸

— Ide, meus meninos; cresci e sêde felizes: vós olhastes para mim pobre e miseravel, e Deus olhará para vós... ah! recebei a benção de um moribundo... recebei-a e sahi para não vel-o expirar !...¹⁴²⁹

Isto dizendo, apertou nossas mãos com força: eu senti então que o velho ardia; senti que seu bafo era como vapor de agua fervendo, que sua mão era uma braza, que queimava... sintia; ainda sobre os meus dedos o calor abraçador dos seus, e agora compreendendo que com effeito elle delirava, quando assim praticou com duas crianças.¹⁴³⁰

¹⁴²⁴ Eu Mal compreendi o que o velho queria: ~~ainda machinalmente~~ {,} entreguei {machinalmente} o breve |á| linda menina, que { } o prendeu no {coração} ~~cordão~~ de ouro que trazia ao pescoço.

¹⁴²⁵ O ~~nosso~~ homem deu-lhe o outro breve, dizendo:

¹⁴²⁶ — |Tomae| este breve, cuja côr exprime as esperanças do coração |daquelle| menino ; elle contém a vossa esmeralda ; se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bom anjo, dai-lh'o, afim de que elle o guarde com desvelo.

¹⁴²⁷ Minha bella mulher executou {promptamente} a insinuação {do homem} ~~do velho com promptidão~~, e eu preendi o breve ao meu pescoço com uma fita que me |deram|.

¹⁴²⁸ Quando tudo {terminou} ~~isto estava feito~~, o velho proseguiu ~~ainda~~ :

¹⁴²⁹ — Ide, meus meninos; cresci e sêde felizes: {!} Vós olhastes para mim {,} pobre e miseravel, e Deus olhará para vós... ~~ah!~~ Recebei a benção de um moribundo: {,} recebei-a e sahi para {que} não {o vejas} ~~vel-o expirar~~ !...

¹⁴³⁰ Isto dizendo, apertou nossas |mãos| com força: eu {,} Senti ~~então~~ que o velho ardia; {,} senti que seu bafo era como {o do} vapor |d'agua| ~~fervendo~~, que sua mão era uma braza, ~~que queimava~~... ~~sintia~~; {Sinto} ainda ~~sobre os~~ {nos} meus dedos o calor abraçador dos seus, e agora compreendendo que ~~com effeito~~ elle delirava, quando assim praticou com duas |creanças|.

Emfim nós deixámos aquella morada aflíctos e admirados: sós, nós perisâmos no velho, e chorámos juntos; depois, nas crianças isto não merece repáro, nossa dôr se mitigou para cuidarmos em brincar outra vez.¹⁴³¹

De repente¹⁴³² a menina olhou para mim e disse:

— E quando minha mãe perguntar pela esmeralda?...¹⁴³³

Eu cuidei que lhe respondia, e fiz-lhe igual pergunta.¹⁴³⁴

— É quando meu pai perguntar pelo meu camafeu ?¹⁴³⁵

Ficámos olhando um para o outro: passados alguns instantes, minha linda mulher, que me parecera estar pensando, disse sorrindo-se:¹⁴³⁶

— Eu vou pregar uma mentira.

— E qual?...¹⁴³⁷

— Eu direi a minha mãe que perdi a minha esmeralda na praia.¹⁴³⁸

— E eu responderei a meu pai que perdi o meu¹⁴³⁹ camafeu nas pedras.

— Elles mandarão procurar¹⁴⁴⁰ sem duvida...

— E não o achando, esquecer-se-hão d'isso.¹⁴⁴¹

— E os breves?...¹⁴⁴²

— Nós os guardaremos?...¹⁴⁴³

— O velho disse que sim.

— Para que será isto?...

¹⁴³¹ Emfim{,} ~~nós~~ |deixamos| aquella morada{,} aflíctos e admirados: {. A} sós,~~nós~~ {muito} |pensávamos| no velho, e {muito}chorámos juntos; {.} Depois,~~nas crianças isto~~ {—} não merece |reparo|{—} ,nossa dôr se mitigou {e cuidámos de} ~~para cuidarmos em~~ brincar outra vez.

¹⁴³² Em certo momento

¹⁴³³ — E quando minha |mãe| perguntar pela esmeralda?...

¹⁴³⁴ Eu Cuidei que lhe respondia, {fazendo} e fiz-lhe igual pergunta-{:}

¹⁴³⁵ — |E| quando meu |pae| perguntar pelo ~~meu~~ camafeu?

¹⁴³⁶ Ficámos olhando um para o outro: {;} passados alguns instantes, minha linda mulher, que ~~me~~ ~~parecera estar~~ {estivera} pensando, disse sorrindo-se:

¹⁴³⁷ — ~~E~~ Qual?...

¹⁴³⁸ — ~~Eu~~ Direi |á| minha |mãe| que perdi a ~~minha~~ esmeralda na praia.

¹⁴³⁹ |pae| que perdi o ~~meu~~

¹⁴⁴⁰ {,}

¹⁴⁴¹ — E não o{s} achando, |esquecer-se-ão| |disso|.

¹⁴⁴² {Devemos guardal-os?}

¹⁴⁴³ — ~~Nós os guardaremos?...~~

— Diz que é¹⁴⁴⁴ para nos casarmos quando formos grandes.

— Pois então nós¹⁴⁴⁵ os guardaremos.

— Oh! eu o prometto.¹⁴⁴⁶

— Eu o juro.¹⁴⁴⁷

Neste momento soou Ave-Maria.¹⁴⁴⁸

— Tão tarde! (exclamou a menina) minha mãe ralhará comigo!¹⁴⁴⁹

E dizendo isto, correu, esquecendo-se até o de despedir-se de mim. Esse fatal descuido acabava de entristecer-me, quando ella já de longe voltou-se para onde eu estava, é mostrando-me o breve branco, gritou:¹⁴⁵⁰

— Eu o guardarei!

Pela minha parte entendi dever dar-lhe igual resposta; é pois mostrei-lhe o meu breve verde e gritei-lhe tambem:¹⁴⁵¹

— Eu o guardarei!¹⁴⁵²

Aqui parou Augusto para respirar; tão cansado estava com a longa narração: porém ergueu-se logo, ouvindo ruido à entrada da gruta.¹⁴⁵³

— Alguem nos escuta (disse elle).¹⁴⁵⁴

— Foi talvez uma illusão (respondeu a digna hospeda).¹⁴⁵⁵

¹⁴⁴⁴ — Disse que

¹⁴⁴⁵ ~~nós~~

¹⁴⁴⁶ — Oh! {,} eu o prometto{!} -

¹⁴⁴⁷ !

¹⁴⁴⁸ Neste momento soou {o toque das} Ave-Maria{s}.

¹⁴⁴⁹ — Tão tarde! {exclamou a menina} {;} minha |mãe| {vae} ralhará |commigo|{-{...}}

¹⁴⁵⁰ ~~E~~ Dizendo isto, correu, esquecendo-se até o de {se} despedir-se de mim. Esse fatal descuido ~~acabava de entristecer-me~~ {entristeceu-me;}, ~~quando ella já~~ {mas} de longe voltou-se para onde eu estava, |e| mostrando-me o breve branco, {a menina} gritou:

¹⁴⁵¹ ~~Pela~~ {Da} minha parte entendi dever dar-lhe igual resposta; ~~é pois~~ {, e} mostrei-lhe o ~~meu~~ breve verde {, gritando,} ~~e gritei-lhe tambem:~~

¹⁴⁵² {...}

¹⁴⁵³ Aqui parou Augusto para respirar; tão |cansado| estava ~~com a~~ {da} longa narração: ~~porém~~ {,} ergueu-se {, porém,} logo, ouvindo ruido |á| entrada da gruta.

¹⁴⁵⁴ — Alguem nos {espia!} ~~escuta~~ {disse elle}.

¹⁴⁵⁵ {,} respondeu a digna {senhora} ~~hospeda~~ .

— Não, minha senhora; eu ouvi distinctamente a bulha que faz uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se à entrada da gruta, e observando em derredor d'ella.)¹⁴⁵⁶

— Então?... (perguntou a Sra. D. Anna.)¹⁴⁵⁷

— Enganei-me na verdade.¹⁴⁵⁸

— Mas vê alguma pessoa?...¹⁴⁵⁹

— Apenas lá vejo sua bella neta, a Sra. D. Carolina, pensativa e recostada à effigie da Esperança.¹⁴⁶⁰

¹⁴⁵⁶ { {,} tornou Augusto, dirigindo-se |á| entrada da gruta, e observando em derredor |della|.}

¹⁴⁵⁷ — Então?... {,} ~~(perguntou a Sra. D.~~ {don'} Anna.)

¹⁴⁵⁸ ~~na verdade.~~

¹⁴⁵⁹ ...

¹⁴⁶⁰ — Apenas lá vejo {longe} sua bella neta, ~~a Sra. D.~~ {dona} Carolina, ~~pensativa e~~ recostada {pensativamente} |á| effigie da Esperança.

VIII

AUGUSTO PROSEGUINDO¹⁴⁶¹

A avó de Fellippe quiz tomar por sua vez a palavra; porém o estudante lhe fez ver que ainda muito faltava para o fim de suas historas, e voltando de novo ao seu lugar, continuou:¹⁴⁶²

— O acontecimento que acabo de relatar, minha senhora, produziu vivissima impressão no meu espirito; ajudado por minha memoria;¹⁴⁶³ de menino de treze annos, apenas entrei em casa, escrevi, palavra por palavra, quanto mc havia é acontecido: isto me tirou o trabalho de mentir porque adormecendo sobre o papel que acabava de escrever, meu pai o leu á sua vontade, e souhe o destino do camafeu sem precisar que lhe eu dicesse. Elle- ainda estava junto de mim quando despertei, exclamando — o meu brevel... o velho !... minha mulher!...¹⁴⁶⁴

— Anda, doudinho ; (disse-me meu pai com bondade) eu te perdôo tuas novas loucuras em louvor da acção que pralicaste socorrendo um velho enfermo ; agora, guarda, eu t’o peço, e mesmo t’o mando, guarda melhor esse breve do que gardaste o camafeu.¹⁴⁶⁵

E isto dizendo, deixou-me.¹⁴⁶⁶

Não se fallou mais n’este acontecimento, soube que o velho morrerá no dia seguinte, e que no momento da agonia abençoára de novo a minha camarada e a mim.¹⁴⁶⁷

¹⁴⁶¹ PROSEGUE

¹⁴⁶² A avó de |Felippe| quiz ~~tomar~~ por sua vez {tomar} a palavra; ~~porém~~ o estudante {, porém,} lhe fez ver que ainda muito faltava para o fim de suas historas, e {,} voltando de novo ao {banco de relva,} ~~seu lugar,~~ continuou:

¹⁴⁶³ ;

¹⁴⁶⁴ casa, escrevi, palavra por palavra, quanto |me| havia é acontecido:—{.} Isto me {poupou} ~~tirou~~ o trabalho de mentir{,} porque{,} adormecendo sobre o papel{,} ~~que acabava de escrever,~~ meu |pae| o leu á sua vontade, e |soube| o destino do camafeu{.} ~~sem precisar que lhe eu dicesse.~~

Elle ainda estava junto de mim quando despertei, exclamando{:} — O meu breve!... O velho!... Minha mulher!...

¹⁴⁶⁵ — Anda, doudinho{,} ; ~~(disse-me {elle} meu pai com bondade)~~ {:}eu te perdôo ~~tuas~~ {as} novas loucuras em louvor da acção que |praticaste|{,} socorrendo um velho enfermo; agora, guarda, {—}eu t’o peço, e mesmo t’o mando; {—}guarda ~~melhor~~ esse breve {melhor} do que gardaste o camafeu.

¹⁴⁶⁶ E{,} isto dizendo, deixou-me.

Meu pai fez todas as despesas do enterro do velho, e soccorreu sua desgraçada família.¹⁴⁶⁸

Eu nunca mais vi, nem soube notícia alguma de minha interessante camarada; mas nem por isso a esqueci, minha senhora; porque, ou seja que meu coração a tivesse amado devéras, ou que esse breve tivesse em si alguma cousa de encantador, o certo é que eu ainda hoje me lembro com saudades d'essa criança tão travessa, porém: tão bella.¹⁴⁶⁹ Sem saber seu nome, pois nem lh'o perguntei, nem ella m'o disse, quando quero falar a seu respeito, digo sempre — minha mulher ! — Riem-se... não me importa : eu não posso dizer de outro modo.¹⁴⁷⁰

Sempre com sua imagem na minh'alma, com seu engraçado sorriso diante de¹⁴⁷¹ meus olhos, com suas sonoras palavras soando a meus ouvidos, passei cinco annos pensando nella de dia, e com ella sonhando de noite: era uma loucura; mas que havia eu de fazer?... Cheguei assim aos meus dezoito annos.¹⁴⁷²

Eu já era pois mancebo : meus pais nada poupavam para meeducar convenientemente: aprendia quanto me vinha à cabeça: dizião que minha voz era sonora, e por tal convidavam-me para cantar em elegantes sociedades; julgavam que eu dançava com graça, e lá ia eu para os bailes; finalmente, como cheguei a fazer algumas quadras, pedião-me para recitar sonetos em dias de annos :¹⁴⁷³ assim introduzirão-me em mil reuniões, onde as bellezas formigavam, e os amôres eras dardejados por brilhantes olhos de todas as côres.¹⁴⁷⁴

¹⁴⁶⁷ Não se fallou mais ~~n'este~~ {nesse} acontecimento; { . } Soube que o velho |morrera| no dia seguinte, e que no momento da agonia abençoára de novo a minha camarada e a mim.

¹⁴⁶⁸ Meu |pae| fez todas as despesas do enterro ~~do velho~~, e soccorreu {a} ~~sua~~ desgraçada familia.

¹⁴⁶⁹ Eu nunca mais vi, nem ~~soube~~ {tive} noticia alguma de minha interessante camarada; mas nem por isso a esqueci, minha senhora; { , } porque, ou seja que meu coração a tivesse amado devéras, ou que esse breve tivesse {algun encantamento} ~~em si alguma cousa de encantador~~, o certo é que eu ainda hoje me lembro com saudades |dessa| |creança| tão travessa, ~~porém~~; {e} tão bella.

¹⁴⁷⁰ digo sempre — minha mulher ! — Riem-se... Não me importa: ~~eu~~ não posso dizer de outro modo.

¹⁴⁷¹ |deante| {dos} ~~de~~

¹⁴⁷² noite; { . } ~~Era~~ Uma loucura; { , } mas que ~~havia eu de~~ fazer?...

Cheguei assim aos meus dezoito annos. {Estava moço.}

¹⁴⁷³ ~~Eu já era pois mancebo~~; Meus |paes| nada |poupavam| para me{ }educar convenientemente; {e eu} aprendia ~~quanto me vinha à~~ {quanta cousa me dava na} cabeça: ~~dizião que~~ { . } Minha voz era sonora, e por tal |convidavam| ~~me~~ para cantar em {reuniões} elegantes ~~sociedades~~; ~~julgavam que eu~~ { . } Dançava com graça; e lá ia eu para os bailes; ~~finalmente, como~~ { . } Cheguei a fazer algumas quadras {e recitei}; ~~pedião-me para recitar~~ sonetos em dias de annos { . } :

¹⁴⁷⁴ Assim |introduziram-me| em mil reuniões, onde as bellezas |formigavam| ; e os |amores| ~~eras~~ {eram} dardejados por brilhantes olhos de todas as côres. *Parágrafo juntou com o próximo*

Além d'isto frequentava as casas de meus, companheiros dos estudos, e os ouvia contar proezas de paixões, triumphos e derrotas amorosas. Meu amor proprio se despertou; tive vontade de amar e ser amado.¹⁴⁷⁵

Julguei esta minha determinação ainda mais justa ; pois, tendo ido passar certas férias na roça e fallando mil vezes no meu breve e em minha mulher, ouvi a minha mãe dizer uma vez, em que me julgava longe :¹⁴⁷⁶

— Temo que esse breve tire o juizo áquelle menino: talvez que nos seja preciso casal-o cedo.¹⁴⁷⁷

Portanto, para não ouvir sómente, mas tambem para contar alguma victoria de amor ; para não endoudecer por causa do breve, e finalmente para não ser necessario à minha mãe casar-me cedo, determinei-me a amar.¹⁴⁷⁸

— Esqueceu-se por consequencia de sua mulher e do seu breve! (perguntou a Sra. D. Anna, interrompendo Augusto.)¹⁴⁷⁹

— Ao contrario, minha senhora ; (tornou este) foi essa minha resolução que me tornou mais firme, e mais amante de minha mulher.¹⁴⁸⁰

Não sei (continuou Augusto) que teve o amor comigo para entender que todas as moças devião rir-se de mim, e zombar de meus affectos! Pensa que brinco, minha senhora ?... pois foi isso mesmo o que me succedeu no decurso de minhas paixões : eu resumo algumas.¹⁴⁸¹

¹⁴⁷⁵ Além [disto] frequentava as casas de meus, companheiros ~~dos~~ {de} estudos, e os ouvia contar proezas de paixões, triumphos e derrotas amorosas. Meu amor proprio ~~se~~ despertou; ~~tive vontade~~ { . Veio-me o desejo } de amar e ser amado.

¹⁴⁷⁶ Julguei ~~esta~~ minha determinação { muito certa, } ~~ainda mais justa~~ ; pois, tendo { passado } ~~ido~~ ~~passar~~ ~~certas~~ { umas } férias na roça e fallando mil vezes no meu breve e em minha mulher, ouvi [á] minha [mãe] dizer {, julgando-me } ~~uma vez, em que me julgava~~ longe :

¹⁴⁷⁷ ~~—~~ { . } Talvez ~~que nos~~ seja preciso casal-o cedo- { ... }

¹⁴⁷⁸ ~~Portanto~~ { Em vista disso }, para não ~~ouvir~~ sómente { ouvir }, mas tambem para contar alguma victoria de amor ; {, e } para não [endoudecer] por causa do breve, e {, } finalmente {, } para não { forçar } ~~se~~ ~~necessario~~ à minha [mãe] { a } casar-me cedo, ~~determinei-me a~~ { resolvi } amar.

¹⁴⁷⁹ — Esqueceu-se {, } por consequencia {, } de sua mulher e do seu breve!- { (?) } perguntou ~~a Sra. D.~~ { don' } Anna, interrompendo Augusto.)

¹⁴⁸⁰ — Ao contrario, minha senhora {, } ~~;(tornou este)~~ { ; } foi essa ~~minha~~ resolução que me tornou mais firme, e mais amante de minha mulher. *Parágrafo juntou com o próximo*

¹⁴⁸¹ Não sei ~~(continuou Augusto)~~ que { implicancia } teve o amor comigo para entender que todas as moças [deviam] rir-se { e zombar } ~~de mim, e zombar~~ de meus [affectos]! Pensa que brinco, minha senhora?-- Pois foi isso ~~mesmo o~~ que me succedeu no decurso de { todas as } minhas paixões { . } ~~;- eu resumo algumas.~~

A primeira moça que amei era uma bella moreninha, de dezesseis annos de idade: fiz-
¹⁴⁸²lhe a minha declaração na carta mais pathetica que um pateta¹⁴⁸³ poderia conceber; no fim
 de tres dias recebi uma resposta abrazadora, e cheia de protestos de gratidão e ternura: meu
 coração se enthusiasmo com isso... ¹⁴⁸⁴Na primeira reunião de estudantes contei a minha
 victoria, li a minha, carta, e a resposta que havia recebido : fui vivamente applaudido ; porém
 oito dias depois os; mesmos estudantes quasi que me quebrarão a cabeça com cacholetas e
 gargalhadas; porque, oito dias bem contadinhos depois d'essa resposta, a minha terna amada
 casou-se com um velho de sessent'annos. Jurei nao amar a moça nenhuma que tivesse a côr
 morena.¹⁴⁸⁵

Apaixonei-me logo, e fui desgraçadamente correspondido por uma interessante joven,
 tão coradinha que parecia mesmo — uma rosa franceza. — Nós nos encontravamos nas noites
 dos sabbados em certa casa, onde se dava todas as semanas uma partida : era a mais agradável
 sabbatina que podia ter um estudante: porém o meu novo amor chegava a ser tocante de mais
 a minha querida levava o ciume até um ponto que me atormentava prodigiosamente :¹⁴⁸⁶ se
 passava algum dia em que a não visse, e lhe não mandasse uma flor, apparecia-me
 depoischorosa e abatida; se na tal partida eu me atrevia a dançar com aluuma outra moça
 bonita, era contar com um desmaio certo, e desmaio de que não accordava sem que eu mesmo
 lhe chegasse ao nariz o seu vidrinho de essencia de rosas; e tudo mais por este thcor e fôrma.

¹⁴⁸² idade. Fiz-

¹⁴⁸³ tolo

¹⁴⁸⁴ uma resposta abrazadora, e cheia de protestos de {amor} gratidão e ternura-,{ e } meu coração se
 enthusiasmo com isso-,{.}

¹⁴⁸⁵ Na primeira reunião de estudantes{,} contei a ~~minha~~ victoria, li a ~~minha~~, carta, e a resposta{, e } ~~que~~
~~havia recebido~~; fui vivamente applaudido ; ~~porém~~ {,} Oito dias depois{,} os; mesmos estudantes { ,às
 gargalhadas,} quasi que me {quebravam} ~~quebrarão~~ a cabeça com cacholetas {,} e ~~gargalhadas~~; porque,
 oito dias bem contadinhos depois |dessa| resposta, a minha terna amada {se} casou-se com um velho de
 |sessenta annos|.

Jurei |não| amar a moça nenhuma que tivesse a côr morena.

¹⁴⁸⁶ Apaixonei-me logo {depois}, e fui desgraçadamente correspondido{,} por uma interessante joven; tão
 coradinha{,} que parecia mesmo = uma rosa {de França.} ~~franceza~~. — ~~Nós nos~~ Encontravamos {-nos}
 nas noites dos sabbados{,} em certa casa, onde ~~se dava~~ todas as semanas {havia} uma partida {;} ÷ era a
 mais agradável sabbatina que podia ter um estudante; ~~porém~~ {,} O meu novo amor chegava a ser
 tocante{,} ~~de mais~~ — a Minha querida levava o ciume até um {a} ponto ~~que me atormentava~~ {de
 atormentar-me} prodigiosamente{,} ÷

Este amor já estava um pouco velho certamente, tinha tres mezes de idade. Um sabbado mandei-lhe prevenir que faltaria à partida; mas tendo terminado cedo meus trabalhos, não pude resistir aos desejos de vê-la, fui á reunião: crão onze horas da noite quarido entrei na sala: procurei-a com os olhos, e certo moço, com quem me dava, que me entendeu, apontou para um gabinete visinho : voei para elle.¹⁴⁸⁷

Ella estava sentada junto de um miancebo, e com as costas voltadas para a porta ; tomavão sorvetes. Cheguei-me de manso: conversavão os dous, sem vergonha nenhuma, em seus amôôres: fiquei espantado, e tanto mais que, pelo que ouvi, elles já se correspondião ha muito tempo: mas o meu espanto se tornou em furia quando ouvi o machacaz fallar no meu nome, fingindo-se zeloso, e receber cm resposta as seguintes palavras:¹⁴⁸⁸ — O Augustozinho *... Lamente-o antes : coitado! é um pobre menino, com quem me divirto nas horas vagas. — Soltei um surdos gemido; a traidora olhou para mim, e voltando-se depois para o seu querido, disse com o maior sangue frio: — Ora ahi tem! perdi por sua causa este divertimento.¹⁴⁸⁹

Jurei não amar moça nenhuma de côr rosada.

Sem emendar-me, aindatornei-me cego armantês de uma joven pallida ; e como das outras vezes, fui correspondido com ardor; mas d'esta tive eu provas de affecto mui sérias.¹⁴⁹⁰

¹⁴⁸⁷ Se passava algum dia {sem} ~~em~~ que a ~~não~~ visse, e {ou} lhe não mandasse uma flor, apparecia-me ~~depois~~ choreosa {choreosa} e abatida; se {em qualquer parte} ~~na tal partida eu~~ me atrevia a dançar com aluuma outra ~~moça bonita~~, era contar com um desmaio certo, e desmaio de que não accordava sem que eu mesmo lhe chegasse ao nariz o ~~seu~~ vidrinho de essencia de rosas; e tudo mais por {esta} ~~este teor e~~ [fórma] {e teor}. Este amor [já] estava um pouco velho ~~certamente~~, tinha tres mezes de idade {, quando num}. Um sabbado {a} mandei-lhe prevenir {de} que faltaria [á] partida; mas{,} tendo terminado cedo meus trabalhos, não pude resistir aos-desejos de [ve-la], {e} fui á reunião:~~crão~~ { . Eram} onze horas da noite {e ao entrar} ~~quarido entrei~~ na sala; procurei-a com os olhos, e { . } Certo moço, com quem me dava, {e} que me entendeu, apontou para um gabinete [vizinho] ÷ { . } Voei para elle.

¹⁴⁸⁸ Ella {Lá} estava {ella,} sentada junto de um [mancebo], ~~e com as~~ {de} costas voltadas para {mim.} a ~~porta~~; [Tomavam] sorvetes. Cheguei-me de manso: [conversavam] ~~os dous~~, sem vergonha nenhuma; em seus [amores] ÷ { . } Fiquei ~~espantado~~, {assombrado} e tanto mais {ao saber,} ~~que~~, pelo que ouvi, ~~elles~~ {que} já se [correspondiam] ha muito tempo; {;} mas o meu espanto se tornou em furia quando ~~ouvi~~ o machacaz ~~fallar no~~ {falou em} meu nome, fingindo-se zeloso; e ~~receber~~ {recebeu} [em] resposta as seguintes palavras:

¹⁴⁸⁹ — {“O Augustozinho {?} *... Lamente-o{,} antes{,} ÷ coitado! [E’] um pobre menino, com quem me divirto nas horas vagas.”} — Soltei um ~~surdos~~ gemido {surdo}; { . } A traidora olhou para mim, e{,} ~~voltando-se~~ depois{, voltando-se} para o seu querido, disse{,} com o maior sangue frio: — {“Ora ahi tem! Perdi por {tua} ~~sua~~ causa ~~este~~ {o meu} divertimento-...”}

¹⁴⁹⁰ Sem emendar-me, ~~aindatornei-me cego armantês~~ {apaixonei-me ainda} de uma joven pallida ; e{,} como das outras vezes, fui correspondido com ardor; { . } Mas [desta] tive eu provas de affecto mui sérias.

Antes de ver-me, ella amava um primo, e até escrevia-lhe a miudo:¹⁴⁹¹ eu exigi que a minha terceira amada continuasse a receber cartas delle, e que as respondesse : consentio n'isso, com a condição: de lhe redigir as respostas. — Bello! (disse eu comigo) vou tambem divertir-me por minha vez; à custade um amante infeliz ! — E o negocio; ficou assentado.¹⁴⁹²

Infelizmente eu não conhecia o primo da minha amada : mas essa era¹⁴⁹³ a infelicidade mais toleravel possivel.

Um dia tratámos de encontrar-nos em certa; Igreja, onde tinha de haver esplendida festa cheguei cedo; mas, logo depois da minha chegada rebentou uma tempestade, e choveu prodigiosamente :¹⁴⁹⁴ pouco durou o máo tempo ; porém as ruas deverião ter ficado alagadas, e a bella esperada não podia vir: apesar d'isso, eu olhava a todos os momentos para a porta, e, cousa notavel, sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se dirigião tambem para lá: acabada a festa, ambos nos approximámos.¹⁴⁹⁵

— Nós devemos ser amigos (disse elle).¹⁴⁹⁶

— Eu penso do mesmo modo (respondi).¹⁴⁹⁷

E apertámos as mãos.

— Sou capaz de jurar que adivinho a razão porque o senhor olhava tanto para aquella porta (continuou elle).¹⁴⁹⁸

— E eu tambem.

¹⁴⁹¹ Antes de ver-me, ~~ella~~ amava {ella} um primo, e até {lhe} escrevia-~~lhe~~ a miudo÷{.}

¹⁴⁹² ~~eu~~ Exigi que a minha terceira amada continuasse a receber cartas delle, ~~e~~ que as respondesse{;} ÷ consentio |nisso|, com a condição÷ de lhe redigir {eu} as respostas. — {“} Bello! {disse eu comigo} {;} vou ~~tambem~~ {por minha vez} divertir-me ~~por minha vez~~; |á| custa{ } de um amante infeliz !{“}

— E o negocio; ficou assentado.

¹⁴⁹³ amada ÷ {,} mas ~~essa~~ era {essa}

¹⁴⁹⁴ Um dia ~~tratámos~~ {combinámos} de {nos} encontrar-~~nos~~ em certa; igreja, onde ~~tinha de haver~~ esplendida {haveria} festa{;} cheguei cedo; {,} mas, logo depois da {de} minha chegada ~~reventou~~ {roncou} uma tempestade, {trovoada} e choveu prodigiosamente{;} ÷

¹⁴⁹⁵ pouco durou o |mau| tempo{,} ; porém as ruas ~~deverião ter ficado~~ {ficariam} alagadas, e a bella esperada não podia {poude} vir÷{;} |apesar| |disso|, eu olhava {constantemente} ~~a todos os momentos~~ para a porta; e, cousa notavel, sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se |dirigiam| tambem para lá÷ {;} acabada a festa, ambos nos |approximamos|.

¹⁴⁹⁶ — Nós devemos ser amigos{,} {disse elle}.

¹⁴⁹⁷ — Eu penso do mesmo modo {,} {respondi}.

¹⁴⁹⁸ porque o senhor {tanto} olhava ~~tanto~~ para aquella porta{,} {continuou elle}.

— Convenho: esperavamos ambos nossas amadas e a chuva mangou com nosco.¹⁴⁹⁹

— Exactamente.

— Mas nós vamos sem duvida vingar-nos, indo agora vêl-as à janella.¹⁵⁰⁰

— Eu queria propor a mesma vingança.¹⁵⁰¹

— Bravo! ... iremos juntos : onde mora a sua?...¹⁵⁰²

— Na rua de...

— Ainda melhor : a minha é na mesma rua.¹⁵⁰³

Sahimos da Igreja; abraçãmo-nos, e fômos: a minha amada morava perto: eu a avistei debruçada na janella, talvez me esperando, pois olhava para o lado d'onde eu vinha: abri a boca para dizer ao meu novo amigo — é aquella! quando elle me pronunciou com indizível prazer — é aquella! — Julgue, minha senhora, da minha exasperação ! pela terceira vez eu era a boneca de uma menina!...¹⁵⁰⁴

Não sei porque ainda tive animo de tirar o meu chapéo à tal pallida, que ao menos d'essa vez se fez côr derosa, talvez por ver-me de braço com o mêu novo amigo.¹⁵⁰⁵

Passando a maldita casa, Jorge, que assim se chamava o moço, disse-me com fôgo¹⁵⁰⁶:

— Aquella joven adorame¹⁵⁰⁷!

— Está certo disso, meu amigo?

— Tenho provas.

— Acredita muito n'ellas?¹⁵⁰⁸

¹⁴⁹⁹ — Convenho: { . } Esperavamos ambos nossas amadas e a chuva mangou |comnosco|.

¹⁵⁰⁰ — Mas ~~nós~~ vamos{ , } sem duvida{ , } vingar-nos, indo agora |vel-as| à janella.

¹⁵⁰¹ — Eu {ia} ~~queria~~ propor a mesma vingança- {...}

¹⁵⁰² ... Iremos juntos{ . } ÷ Onde mora a sua?...

¹⁵⁰³ — Ainda melhor ÷ {Tambem} a minha ~~é na mesma rua~~ {mora lá}.

¹⁵⁰⁴ Sahimos da igreja; { , } |abraçamo-nos|, e |fomos| ÷ { . } A minha amada morava perto{ ; } ~~eu a~~ avistei{-a} debruçada ~~na~~ {á} janella, talvez ~~me~~ esperando{-me}, pois |olháva| para o lado |donde| eu vinha: { . } Abri a |bocca| para dizer ao meu novo amigo — é aquella! quando elle me ~~pronunciou com indizível prazer~~ — é aquella! — {tirou essas palavras da bocca...}

Julgue, minha senhora, da minha exasperação! Pela terceira vez eu ~~era a~~ {servia de} boneca ~~de uma~~ {a uma} menina!...

¹⁵⁰⁵ Não sei porque ainda tive animo de tirar o ~~meu~~ chapéo |á| tal pallida, que{ , } ao menos |dessa| vez{ , } se fez côr de{ } rosa, talvez por ver-me de braço com o ~~mêu novo amigo~~ - {...}

¹⁵⁰⁶ |fogo|

¹⁵⁰⁷ |adora-me|

¹⁵⁰⁸ — Acredita ~~muito~~ |nellas|?

— Tenho as mais fortes; por ultimo recebi ainda a de maior confiança : eu lhe conto.

Um estudante a requestou, e escreveu-lhe: ella mandou-me a carta, e eu respondi em seu lugar: a correspondencia tem continuado por minha vontade, e sou eu quem sempre faço a norma das cartas que ella deve escrever: achará isto imprudencia, e eu acho um bello divertimento¹⁵⁰⁹

— Sim... um bello divertimento...

— Mas que é isso? está tão pallido!¹⁵¹⁰

— Não é cousa de cuidado... Eu... ora... o estudante...¹⁵¹¹

— É por certo um famoso pateta¹⁵¹²...

— Não é bom ir tão longe...

— Não tem duvida... é tolo rematado,¹⁵¹³

— Falle-me a verdade: eu acho aquella moça com cara de ser sua prima.

— Quem lhe disse?... é com effeito minha prima.¹⁵¹⁴

— Pois vamos à¹⁵¹⁵ minha casa.

— E a sua amada?...

— Não me falle mais n' ella.¹⁵¹⁶

Apenas chegámos à minha casa, abri a minha gavêta, e tirando d'ella todas as cartas que Jorge havia escripto à sua prima, e que ella me tinha mandado, assim como as normas que eu redigira para as que deverião ser enviadas ao meu amigo, accrescentando:¹⁵¹⁷

¹⁵⁰⁹ — Tenho as mais fortes; ~~por ultimo~~ {, e há pouco} recebi ~~ainda~~ a de maior confiança{.} ÷ Eu lhe conto. Um estudante a-requestou{-a}; e escreveu-lhe: {;} ella mandou-me a carta; e eu respondi em seu lugar: {;} a correspondencia tem continuado por minha vontade; e sou eu quem sempre faço a norma das cartas que ella deve escrever: {respostas.} Achará isto imprudencia, e {mas} eu acho um bello divertimento{.}

¹⁵¹⁰ Está tão pallido!{-...}

¹⁵¹¹ ... Eu... Ora... o estudante{!}...

¹⁵¹² {patéta}

¹⁵¹³ — Não tem duvida... {Como?} |E'| {um} tolo rematado,{-{.}}

¹⁵¹⁴ — Quem lhe {lh'o} disse?... |E'| com effeito minha prima.{.}

¹⁵¹⁵ |á|

¹⁵¹⁶ — Não me falle {fales} mais |nella|.

¹⁵¹⁷ Apenas chegámos |á| ~~minha~~ casa, abri a ~~minha~~ |gaveta|; e{,} tirando |della| todas as cartas que Jorge havia escripto |á| sua prima, {;} e que ella me {mandara} ~~tinha mandado~~, assim como as normas que eu redigira para as que |deveriam| ser enviadas ao meu amigo, ~~acrescentando~~ {acrescentei}:

— Concordemos ambos que, se o estudante foi um famoso pateta e um tolo rematado, não o foi menos o primo d'aquella senhora a quem cortejámos na rua de...¹⁵¹⁸

Jorge devorou todas as cartas e normas que lhe dei; depois desatou a rir, e abraçando-me exclamou:¹⁵¹⁹

—¹⁵²⁰ Concordemos também, caro estudante, que minha¹⁵²¹ prima tem bastante habilidade para se corresponder com meio mundo, sem se incomodar com o trabalho da redacção de suas cartas!...

O bom humôr de Jorge tornou-me alegre: jantámos juntos, rimo-nos todo o dia, e só de noite se retirou.¹⁵²²

Tratei de dormir; mas, antes de adormecer, fallei ainda comigo mesmo: — Juro que não hei-de amar a moça nenhuma de côr pallida.¹⁵²³

Desde então declarei guerra ao amor, minha senhora; tornei-me ao que era d'antes; isto é, occupei-me sómente em me lembrar de minha mulher, e em beijar o meu breve.¹⁵²⁴

Mas eu andava triste e abatido; e às vezes pensava assim : — Ora pois; jurei não amar à moça nenhuma que fosse morena, corada ou pallida: estas são as côres, estes são os typos da belleza... e portanto minha mulher terá, apesar meu, uma das taes côres; logo não caso com minha mulher, e em ultima conclusão serei celibatario; vou ser frade... frade!¹⁵²⁵

¹⁵¹⁸ — Concordemos ambos que, se o estudante foi um famoso |patéta| e um tolo rematado, não o foi menos o primo |daquella| senhora a quem cortejámos na rua{.} ~~de...~~

¹⁵¹⁹ rir, e {,} abraçando-me{,} exclamou:

¹⁵²⁰ —

¹⁵²¹ a

¹⁵²² O bom |humor| de Jorge tornou-me alegre: |jantámos| juntos, rimo-nos todo o dia, e só de noite se ~~retirou.~~ {nos separámos.}

¹⁵²³ Tratei de dormir; mas, antes de adormecer, ~~fallei~~ {disse} ainda |commigo| mesmo: — Juro ~~que não hei-de~~ {nunca mais} amar a moça nenhuma de côr pallida.

¹⁵²⁴ senhora; {,} Tornei-me ~~ao~~ {no} que era ~~d'~~antes; {,} isto é, occupei-me sómente em {recordar} ~~me lembrar de~~ minha mulher, e em beijar o meu breve.

¹⁵²⁵ Mas eu andava triste e abatido; e às vezes pensava assim : — Ora{,} pois; {,} jurei não amar |a| moça nenhuma que fosse morena, corada ou pallida: {;} estas são as côres, ~~estes são os typos da belleza...~~ {,} e portanto minha mulher terá, |a pesar| meu, uma das taes côres; logo{,} não {me} caso com minha mulher; e{,} em ultima conclusão{,} ~~serei celibatario;~~ vou ser frade... ~~frade!~~

Minha tristeza, meu abatimento deu nos olhos;¹⁵²⁶ da digna, jovial e espirituosa esposa de um de meus bons amigos: ella me pediu que lhe confiasse minhas penas, e eu não pude deixar de relatar estes tres factos à consorte de um caro amigo.¹⁵²⁷

À unica consolação que tive foi vêl-a correr para o piano, e ouvil-a cantar as seguintes e outras quadrinhas musicadas no gosto nacional.¹⁵²⁸

I¹⁵²⁹

Menina solteira

Que almeja casar¹⁵³⁰

Não caia¹⁵³¹ em amar

A homem algum;

Nem seja notavel

Por sua esquivança,

Não tire a esperança

De amante nenhum.

II¹⁵³²

Mereção-lhes¹⁵³³ todos

Olhares ardentes;

Suspiros ferventes

Bem póde soltar:¹⁵³⁴

Não negue a nenhum

¹⁵²⁶ ;

¹⁵²⁷ de {dos} meus bons amigos: ella me pediu que lhe confiasse minhas penas, e eu não pude deixar de relatar estes tres factos à consorte de um caro amigo .

¹⁵²⁸ |A| unica consolação que tive foi |vel-a| correr para o piano, e ouvil-a cantar as seguintes e outras quadrinhas musicadas ao {ao} gosto nacional.

¹⁵²⁹ I

¹⁵³⁰ {,}

¹⁵³¹ |cáia|

¹⁵³² II

¹⁵³³ |Mereçam-lhe|

¹⁵³⁴ ;

Protestos de amor;¹⁵³⁵

A qualquer que fôr

O póde jurar.

III¹⁵³⁶

Os velhos não devem

Formar excepção,

Porquanto elles são

Um grande partido;

Que,¹⁵³⁷ em falta de moço

Que fortuna faça,

Nunca foi desgraça

Um velho marido¹⁵³⁸

IV¹⁵³⁹

Ciumes e zelos,

Amor e ternura¹⁵⁴⁰

Não será loucura

Fingida estudar;

Assim ganhar tudo

Moças se-tem visto;¹⁵⁴¹

Serve muito isto

Antes de casar.

V¹⁵⁴²

¹⁵³⁵ ,

¹⁵³⁶ III

¹⁵³⁷ ,

¹⁵³⁸ {.,}

¹⁵³⁹ IV

¹⁵⁴⁰ {.,}

¹⁵⁴¹ Moças |se tem| visto{.,};

¹⁵⁴² V

Contra os ardilosos

Opponha seu brio;¹⁵⁴³

Tenho sangue frio

P'ra saber fugir;

Em todos os casos

Sempre deve estar

Prompta p'ra chorar,

Prompta para rir.

VI ¹⁵⁴⁴

Póde bem a moça,

Assim praticando,

Dos homens zombando,

À¹⁵⁴⁵ vida passar;

Mas, se apparecer

Algum toleirão,

Sem mais reflexão,

E¹⁵⁴⁶ logo casar.

— Então o negocio é âssim, minha senhora? (exclamei eu, ao vêl-a levantar-se do piano.)¹⁵⁴⁷

— Certamente, (me respondeu ella) é este, pouco mais ou menos, o breviario por onde resa a totalidade das moças.¹⁵⁴⁸

¹⁵⁴³ :

¹⁵⁴⁴ VI

¹⁵⁴⁵ |A|

¹⁵⁴⁶ |E'|

¹⁵⁴⁷ — Então{, minha senhora,} o negocio é |assim|, ~~minha senhora?~~ (exclamei eu, ao |vel-a| levantar-se do piano.)

¹⁵⁴⁸ — Certamente, (me respondeu ella) {;} é este, pouco mais ou menos, o breviario por onde |reza| a totalidade das moças.

— Fico-lhe extremamente agradecido pelo desengano.

— Estimo que lhe sirva de muito.

— Já serve, minha senhora; já tirei grande proveito d'elle¹⁵⁴⁹.

— E como? ...¹⁵⁵⁰

— Escute : abatido e desesperado com os meus infortúnios, eu tinha jurado não amar à a mais nenhuma moça que fosse morena, corada ou pallida : estavam pois esgotados os bellos typos... eu deveria morrer celibatario.¹⁵⁵¹

— E agora? ...

— Agora ?... graças ao seu lundú, juro que de hoje avante amarei a todas ellas... morenas, coradas, pallidas, magras e gordas, cortezãs ou roceiras, feias ou bonitas... tudo serve.

— E com effeito, minha senhora ; (continuou Augusto, dirigindo-se à Sra. D. Anna) fiz-me absolutamente um sêr novo, graças ao lundú; guardando e beijando com desvelo o meu querido breve, que sempre comigo trago, eu conservo a lembrança mais terna e constante de minha mulher : ella é o amor de meu coração, enquanto todas as outras são o divertimento é dos meus olhos, e o passa-tempo de minha vida.

Eis finalmente a historia de meus amôres e taes fôrão as razões que me tornarão borboleta de amor.¹⁵⁵²

Terminando assim, Augusto ia respirar um instante, quando pela segunda vez lhe pareceu ouvir ruido na porta da gruta.¹⁵⁵³

¹⁵⁴⁹ |delle|

¹⁵⁵⁰ — E Como? ...

¹⁵⁵¹ — ~~Escute~~ {Oiça}: abatido e desesperado com os meus |infortúnios, eu| tinha jurado não amar à a mais nenhuma moça que fosse morena, corada ou pallida{;} ÷ |estavam|{,} pois{,} |exgotados| os bellos typos... {e} eu deveria morrer celibatario.

¹⁵⁵² *Junção de três parágrafos*

— Agora ?... {Agora,} graças ao seu lundú, juro que de hoje {em diante} ~~avante~~ amarei a todas ellas... {,} morenas, {e} coradas, ~~pallidas~~, magras e gordas, |cortezãs| ou roceiras, feias ou bonitas... Tudo serve.
— E{,} com effeito, minha senhora{,} ÷ (continuou Augusto, dirigindo-se à ~~Sra. D.~~ {para don'} Anna{,}) |fiz-me| absolutamente um |ser| novo, graças |ao| lundú; {,} Guardando e beijando com desvelo o meu querido breve, que sempre |commigo| trago, ~~eu~~ conservo a lembrança mais terna e constante de minha mulher{;} ÷ ella é o amor ~~de~~ {do} meu coração, enquanto todas as outras ~~são~~ {não passam de} divertimento é dos meus olhos, e o passa-tempo de minha vida. Eis ~~finalmente~~ a historia ~~de~~ {dos} meus |amores| e ~~taes fôrão~~ as razões que me {transformaram} ~~tornarão~~ borboleta |de| amor.

— Alguem nos escuta (disse elle, como da outra vez).¹⁵⁵⁴

— É talvez uma nova illusão... (respondeu a digna hospeda).¹⁵⁵⁵

— Não, minha senhora ; eu ouvi dis! clamente a bulha de uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se à entrada da gruta, e observando ao derredor d'ella).¹⁵⁵⁶

— Então?... (perguntou a Sra. D. Anna).¹⁵⁵⁷

— Enganei-me na verdade.¹⁵⁵⁸

— Mas vê alguém?...

— Apenas lá vejo sua bella nela, à Sra. D. Carolina, que se precipita-com a maior graça do mundo sobre uma borboleta, que lhe foge, e que ella procura prender.¹⁵⁵⁹

— Uma borboleta...¹⁵⁶⁰

¹⁵⁵³ Terminando ~~assim~~, {ia} Augusto ~~ia~~ respirar um instante, quando pela segunda vez lhe pareceu ouvir ruido ~~na~~ {á} porta da gruta.

¹⁵⁵⁴ — Alguem nos {espia,} ~~escuta~~-(disse elle, como da outra vez).

¹⁵⁵⁵ — |E'| |talvéz| uma nova illusão... (respondeu a digna {velha} ~~hospeda~~).

¹⁵⁵⁶ — Não, minha senhora{,} ; eu ouvi ~~dis!~~ ~~clamente~~ {distinctamente} a bulha de uma |pessoa| que corre{,} (tornou Augusto, dirigindo-se |á| entrada da gruta, e observando {em} ~~ao~~ derredor |della|).

¹⁵⁵⁷ — Então?... (perguntou a ~~Sra. D.~~ {don'} Anna).

¹⁵⁵⁸ ~~na verdade.~~

¹⁵⁵⁹ — Apenas lá vejo sua ~~bella~~ nela, à ~~Sra. D. Carolina~~, que se |precipita com| a maior graça do mundo sobre uma borboleta, que lhe foge {...}, ~~e que ella procura prender.~~

¹⁵⁶⁰ — ~~Uma~~ {Duas} borboleta{s}...

IX

A SRA. D. ANNA COM SUAS HISTORIAS¹⁵⁶¹

Finalmente o bom do estudante, que quando lhe dava para fallar, era mais diffuso que alguns de nossos deputados novos na discussão do arligo 1.º dos orçamentos, julgou dever fazer pausa de suspensão, mas a Sra. D. Anna, que já tinha-o por vezes interrompido fóra de tempo e debalde, não quiz tomar a palavra para responder, sem, segurar-se, dirigindo-lhe estas palavras pela ordem:¹⁵⁶²

— Então, concluiu, Sr¹⁵⁶³. Augusto?...

— Sim, minha senhora; e peço-lhe perdão por me haver tornado incommodo, pois fui sem duvida tão minucioso em minha narração, que eu mesmo tanto me fatiguei que vou beber uma gota d'agua.¹⁵⁶⁴

E isto dizendo, foi ao fundo da gruta, e enchendo o cópo de prata na hacie de pedra, o esgotou até o fim: quando voltou os olhos, vio que a bôa hospeda estava rindo-se maliciosamente.¹⁵⁶⁵

— Sabe de que estou rindo ?... (disse ella).¹⁵⁶⁶

— Certamente que não o adivinho.

¹⁵⁶¹ A SRA. D. {DON'} ANNA COM {E} SUAS HISTORIAS

¹⁵⁶² Finalmente o bom do {O nosso} estudante, que quando lhe dava para |falar|, era mais diffuso que alguns de nossos deputados novos na discussão do |artigo| {primeiro} 1.º dos orçamentos, julgou {finalmente} dever fazer {abrir} pausa de suspensão, {;} mas a Sra. D. {don'} Anna, que já {o} tinha-o por vezes interrompido fóra de tempo e debalde, não quiz tomar a palavra para responder, sem, segurar-se {assegurar-se}, dirigindo-lhe estas palavras{,} pela ordem:

¹⁵⁶³ sr.

¹⁵⁶⁴ tão minucioso {demais} em minha narração, {narrativa;} que eu mesmo tanto me fatiguei{,} que vou beber uma |gotta| d'agua.

¹⁵⁶⁵ E Isto dizendo, foi ao fundo da gruta; e {,} enchendo o |copo| de prata na |bacia| de pedra, o |exgottou| até {a}o fim: {,} Quando voltou os olhos,—vio que a |boa| hospeda {senhora} estava {a rir-se} rindo-se maliciosamente.

¹⁵⁶⁶ — Sabe de que estou rindo ? --- (disse ella).

— Pois estava n'estemomento lembrando-me de uma tradição muito antiga, seguramente fabulosa, mas bem a propósito, dessa fonte, e que tem muita relação com a historia de seus amôres e o cópo d'agua que acaba de beber.¹⁵⁶⁷

— V.S. põe em tributo a minha curiosidade...¹⁵⁶⁸

— Eu o satisfação com todo prazer.¹⁵⁶⁹

A Sra. D. Anna principiou.¹⁵⁷⁰

AS LAGRIMAS DE¹⁵⁷¹ AMOR

Eu lhe vou contar a historia das lagrimas de amor, tal qual a ouvi à minha avó, que em pequena a aprendeu de um velho gentio que nesta ilha habitava.¹⁵⁷²

Era no tempo em que ainda os Portuguezes não havião sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz: esta pequena â ilha abundava de bellas aves, e em derredor pescava-se excellente peixe.¹⁵⁷³ Uma joven Tamoya, cujo rosto moreno parecia tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração ; uma joven Tamoya linda e sensível tinha por habitação esta rude gruta; onde ainda então não se via a fonte que hoje vemos :¹⁵⁷⁴ ora, ella, que até aos quinze annos era inocente como a flor, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a fazer-se tímida, e depois

¹⁵⁶⁷ — ~~Pois~~—Estava |neste momento| ~~lembrando-me~~ {a lembrar-me} de uma tradição muito antiga, seguramente fabulosa, mas bem a propósito, ~~dessa~~ {desta} fonte, e que tem muita relação com a historia de seus |amores| e ~~o~~ {com o} |copo| d'agua que acaba de beber.

¹⁵⁶⁸ — V.S. {excia.} põe em tributo a minha curiosidade...

¹⁵⁶⁹ — Eu ~~o~~ ~~satisfaço~~ { a satisfarei} com todo {o} prazer.

¹⁵⁷⁰ A Sra. D. {E don'} Anna principiou-{:}

¹⁵⁷¹ DO

¹⁵⁷² Eu ~~lhe~~ vou contar a historia das lagrimas de amor, tal qual a ouvi |á| minha avó, que em pequena a ~~aprendeu~~ {aprendera} de um velho gentio{, morador desta ilha.} ~~que nesta ilha habitava.~~

¹⁵⁷³ Era no tempo em que ainda os |portuguezes| não {tinham sido empurrados} ~~havião sido~~ por uma tempestade ~~empurrados~~ para a terra de Santa Cruz: {..} Esta pequena â ilha abundava de bellas aves, e em derredor {se} pescava-se excellente peixe.

¹⁵⁷⁴ Uma joven |tamoya|, cujo rosto moreno parecia tostado pelo |fogo| em que {lhe} ardia-~~lhe~~ o coração{,}÷ uma joven |tamoya| {,} linda e sensível tinha por habitação esta ~~rude~~ gruta {rude,}; onde ainda ~~então~~ não se via a fonte que hoje vemos ÷{.}

tristecom o gemido da rôla;¹⁵⁷⁵ à causa estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar na ilha; e vinte vezes já o havia feito sem que uma só dêsse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça : o nome d'elleera Aoitin; o nome d'ella era Ahy. — A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que elle matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só signal de reconhecimento obtinha: quando no fim de seus trabalhos Aoitin ja adormecer na gruta, ella entrava de manso e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido: mas tantos extremos erão tão mal pagos, que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço, e fazer por esquecel-o; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.¹⁵⁷⁶

Desde então tomou outro partido; chorou. Ou porque sua dôr era lãõ grande que lhe podia espremer o amor em lagrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesma, ella já tinha comprehendido que a grande arma da mulher está no pranto. Ahy chorou.¹⁵⁷⁷

E porque tambem nas lagrimas de amor ha, como na saudade, uma doce amargura, que é veneno que não mata por vir sempre temperado com o reactivo da esperança, a inoça julgou dever separar da dôr, que a fazia chorar amargores, a

¹⁵⁷⁵ Ora, ella, que até aos quinze anos {fora} ~~era~~ inocente como a flor, e por isso alegre e {folgazã} ~~folgazona~~ como ~~uma~~ cabritinha nova, começou a fazer-se timida, e depois triste { } como o gemido da rôla; { . }

¹⁵⁷⁶ [A] causa estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar ~~na~~ {á} ilha; e vinte vezes já o havia feito{ , } sem que {n}uma só dêsse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça ÷ { . } O nome |dele era| Aoitin; o nome |della| { , } ~~era~~ Ahy. — A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora ~~lhe~~ apanhava as aves que elle matava, ora lhe buscava ~~as~~ flechas disparadas, e nunca um ~~só~~ signal {só} de reconhecimento obtinha; { . } Quando no fim de seus trabalhos {ia} Aoitin ~~ja~~ adormecer na gruta, ~~ella~~ entrava {ella} de manso e com um ramo de palmeira procurava, ~~movendo~~ {abanando} o ar, ~~refrescar~~ {arrefecer} a fronte do guerreiro adormecido; { ; } mas tantos extremos |eram| tão mal pagos, que Ahy, de cansada, procurou fugir ~~de~~ {ao} insensível moço; e fazer por esquecel-o; { . } ~~porém~~, Como era de esperar, {porém}, nem {lhe} fugiu-~~lhe~~ e { , } nem o esqueceu.

¹⁵⁷⁷ Desde então tomou outro partido; { : } chorou-~~Ou~~ { , ou } porque sua dôr era |tãõ| grande que lhe podia |expremer| o amor{ , } em lagrimas{ , do } ~~desde o~~ coração até {a}os olhos, ou porque, selvagem {mesmo} ~~mesma~~ , ella já tinha comprehendido que a grande arma da mulher está no pranto. Ahy chorou.

esperança que no pranto lhe adicionava a doçura; e tendo de exprimir a deçura, Ahy cantou.¹⁵⁷⁸

Seu canto era triste e selvagem; mas terno canto: dizem que um velho Frade Portugues, ouvindo-o por tradição ao depois de muitos annos, o traduziu para nossa lingua, e fez delle uma balada, a qual minha neta canta.¹⁵⁷⁹

Todos os dias, ao romper d'aurora, a pobre Ahy subia ao rochedo que serve de tecto a esta gruta, e esperava a piroga de Aoitin: mal a avistava ao longe, chorava e cantava horas inteiras sem descanso, até que se partia o barbaro, que nunca della dava fé nem mesmo quando, dormindo na gruta, o canto lhe soava sobre a cabeça.¹⁵⁸⁰

Mas Ahy era tão formosa, e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não póde vencer do insensível moço, póde do bruto rochedo: com effeito seu canto havia amolecido a rocha, e suas lagrimas a traspassarão.¹⁵⁸¹

E o mancebo vinha sempre, e sempre ella cantava e chorava, e nunca elle a attendia.¹⁵⁸²

Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem; uma vez veio Aoitin, e como das outras, não olhou para Ahy, em lhe escutou as sentidas cantigas; entregou-se a seus prazeres, e quando se sentio fatigado entrou na gruta, e adormeceu n'um leito de verde relva: mas ao tempo que em mais socego dormia, duas gotas das lagrimas de amor, que tinham passado atravez do

¹⁵⁷⁸ E ~~porque~~ também {porque} nas lagrimas de amor ha, como na saudade, uma doce amargura, que é veneno que não mata por vir sempre temperado com o |reactivo| da esperança, a ~~moça~~ {moça} julgou dever separar da dôr, que a fazia chorar ~~amargores~~, a esperança{,} que no pranto lhe adicionava a doçura; e tendo de exprimir a deçura, Ahy cantou.

¹⁵⁷⁹ Seu canto era triste e selvagem; {,} mas terno ~~canto~~: {doce;} dizem que um velho |frade portuguez|, ouvindo-o por tradição{,} ao depois de muitos annos, o traduziu para {a} nossa lingua, e fez delle uma balada, a qual minha neta canta.

¹⁵⁸⁰ Todos os dias, ao romper ~~d'~~ {da} aurora, a pobre Ahy subia ao rochedo que serve de tecto a esta gruta; e esperava a piroga de Aoitin: {,} Mal a avistava ao longe, chorava e cantava horas inteiras{,} sem descanso, até que se partia o barbaro, que nunca della ~~dava~~ {dera} fé{,} nem mesmo quando, dormindo na gruta, o canto ~~lhe~~ soava sobre a {sua} cabeça.

¹⁵⁸¹ Mas Ahy era tão formosa; e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não |poude| vencer do insensível moço, |poude| do bruto rochedo: {;} com effeito{,} seu canto havia |amolecido| a ~~rocha~~ {pedra}; e suas lagrimas a |traspassaram|.

¹⁵⁸² E o mancebo vinha sempre; e sempre{, e} ella cantava e chorava, e nunca elle a attendia.

rochedo, cahirão-lhe sobre as palpebras que lhe cerravão os olhos : Aoitin despertou, e tomando suas flechas, correu para o mar; mas saltando dentro de sua piroga, e afastando-se da ilha, elle viu sobre o rochedo a joven Ahy, e disse bem alto:¹⁵⁸³

— Linda moça!

No outro dia elle voltou, e já então olhou para a virgem selvagem; mas não ouviu ainda o canto della: depois de caçar veio, como sempre, adormecer na gruta; e d'essa vez a gota de lagrimas lhe veio cahir no ouvido; e na volia não só admirou a belleza da joven, como, ouvindo a terna cantiga, disse bem alto:¹⁵⁸⁴

— Voz sonora!

Terceiro dia amanheceu, e Aoitin viu e ouviu Ahy, caçou e cansou; veio repousar na gruta, e d'essa vez a gota de lagrimas lhe cahiu no lugar do coração; e quando voltava, disse bem alto:¹⁵⁸⁵

— Sinto amar-te!¹⁵⁸⁶

Ora, parece que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin, confessando tambem o seu amor tão antigo; mas a natureza da mulher é a mesma, tanto na selvagem, como na civilisada: a mulher deseja ser amada, fingindo não amar; deseja ser senhora do mesmo de quem é escrava: e pois Ahy nada respondeu; mas riu-se, e suas lagrimas seccárão: porém já a esse tempo as muitas que havia derramado tinham dado origem a esta fonte, que ainda hoje existe.

¹⁵⁸³ Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem; uma vez ~~veio~~ Aoitin {veio}; e{,} como das outras, não olhou para Ahy, em lhe escutou ~~as sentidas cantigas~~ {os sentidos cantares}; entregou-se a seus prazeres, e{,} quando se {sentiu} fatigado{,} entrou na gruta; e adormeceu {num} leito de verde relva: {;} mas{,} ao tempo que em mais socego dormia, duas gotas das lagrimas de amor, que {tinham} passado atravez do rochedo, {cahiram-lhe} sobre as palpebras que lhe {cerravam} os olhos{;} ÷ Aoitin despertou; e{,} tomando suas flechas, correu para o mar; mas{,} saltando dentro de sua {piróga}, e afastando-se da ilha, ~~elle~~ viu sobre o rochedo a {jovem} Ahy; e ~~disse~~ bem alto {disse.};÷

¹⁵⁸⁴ No outro dia ~~elle~~ voltou {ele}; e já então olhou para a virgem selvagem; {,} mas não ouviu ainda o canto della: {;} depois de caçar veio, como sempre, adormecer na gruta; e{,} {dessa}{,} vez a {gotta} de lagrimas lhe ~~veio cahir~~ {cahiu} no ouvido; e na {volta} não só admirou a belleza da {jovem}, como, ouvindo a terna cantiga, disse bem alto:

¹⁵⁸⁵ Terceiro dia amanheceu, e Aoitin viu e ouviu Ahy; {;} caçou e {cançou}; veio repousar na gruta; e {dessa} vez a {gotta} de lagrimas lhe cahiu no lugar do coração; e{,} quando voltava, disse bem alto:

¹⁵⁸⁶ — Sinto ~~amar-te~~ {que te amo}!

No dia seguinte veio Aoitin, e viu a sua amada, que já não cantava, nem chorava: mesmo antes de abicar à praia, foi clamando:

— Sinto amar-te!¹⁵⁸⁷

E Ahy não respondeu, e só sorriu-se.¹⁵⁸⁸

Nada de caça... nada de pesca... já o insensível era escravo, e não vivia longe do encanto que o prendia: correu pois para à gruta, deitou-se; mas não dormio. Quem ama não dorme; sentiu que em suas veias corria sangue ardente, que seu coração estava em fogo : — era a fébre do amor... Aoitin teve sêde; a dous passos viu: a fonte que manava; correu açodado para ao pé d'ella, e ajuntando suas duas mãos foi bebendo as lagrimas de amor. A cada trago que pai um raio de esperança lhe brilhava; quando a: cêde foi saciada, já estava feliz; à fonte era milagrosa.¹⁵⁸⁹

As lagrimas de amor, que havião tido o poder, de tornar amante o insensível mancebo, não pudêrão esconder a sua origem, e fizerão com que: Aoitin conhecesse que era amado.¹⁵⁹⁰

Então elle não mais buscou sua piroga; sahindo da gruta, fez um rodeio, e foi de manso, trepando pelo rochedo, até chegar junto de Ahys que, com os olhos na praia do lado opposto; esperava ver partir o seu amante, e ouvir seu bello grito:

— Sinto amar-te!¹⁵⁹¹

¹⁵⁸⁷ ~~Ora, parece que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin, confessando tambem o seu amor tão antigo; mas a natureza da mulher é a mesma, tanto na selvagem, como na civilisada: a mulher deseja ser amada, fingindo não amar; deseja ser senhora do mesmo de quem é escrava: e pois Ahy nada respondeu; mas riu-se, e suas lagrimas seccárão: porém já a esse tempo as muitas que havia derramado tinham dado origem a esta fonte, que ainda hoje existe.~~
~~No dia seguinte veio Aoitin, e viu a sua amada, que já não cantava, nem chorava: mesmo antes de abicar à praia, foi clamando:~~

~~— Sinto amar-te!~~

¹⁵⁸⁸ E Ahy não respondeu, e só {somente} sorriu-se.

¹⁵⁸⁹ Nada de caça... nada de pesca... já o insensível era escravo, e não vivia longe do encanto{:} ~~que o prendia~~; correu{,} pois{,} para |a| gruta, deitou-se; {,} mas não |dormiu|. Quem ama não dorme; sentiu que em suas veias corria sangue ardente, que seu coração estava em fogo ÷ — era a |febre| do amor... Aoitin teve sêde; a |dois| passos viu: a fonte que manava; |correu| açodado para ao pé |della|, e {,} ajuntando suas duas mãos{,} foi bebendo as lagrimas de {do} amor. A cada trago que pai {bebia,} um raio de esperança lhe brilhava {n'alma} ; quando a: |sede| foi saciada, já ~~estava~~ {se sentia} feliz; {:} |a| fonte era milagrosa.

¹⁵⁹⁰ As lagrimas de {do} amor, que |haviã| ~~tido o poder, de tornar~~ {tornado} amante o insensível mancebo, não |puderam| esconder a sua origem, e |fizeram| ~~com~~ que: Aoitin conhecesse que era amado.

Mas de repente ella estremeceu, porque uma mão estava sobre seu hombro; e quando olhou, viu Aoitin, que sorrindo-se lhe disse, de um tom seguro e terno:¹⁵⁹²

— Tu me amas.

Ahy não respondeu; mas tambem não fugiu dos braços de Aoitin, nem ficou devendo o beijo que n'esse¹⁵⁹³ instante lhe estalou na face.

Desde então fôrão felices ambos na vida, e foi n'uma mesma hora que morrerão ambos.¹⁵⁹⁴

A fonte nunca mais deixou de existir, e há ainda quem acredite que por desconhecido encanto conserva duas grandes yirtudes.¹⁵⁹⁵

Dizem pois que quem bebe d'esta agua não sae da nossa ilha sem amar alguem d'ella, e volta por força em demanda do objecto amado; e em segundo lugar, querem tambem alguns que algumas gotas bastão para fazer a quem bebe adivinhar os segredos de amor.¹⁵⁹⁶

— Terminei aqui a minha historia (disse a Sra. D. Anna, respirando).¹⁵⁹⁷

— E eu sou capaz de jurar (disse Augusto) que pela terceira vez sinto o ruido de alguem que se retira correndo.¹⁵⁹⁸

— Pois examine depressa.

Augusto correu à porta, e voltou logo depois.¹⁵⁹⁹

¹⁵⁹¹ Então elle não mais buscou sua |piróga|; sahindo da gruta, fez um rodeio; e foi{,} de manso, trepando pelo rochedo, até chegar junto de Ahys ~~que~~, {, a qual} com os olhos na praia do lado opposto; {,} esperava |vêr| partir o ~~seu~~ amante; e ouvir{o} seu bello grito: — Sinto ~~amar-te~~ {que te amo}!

Junção de parágrafos

¹⁵⁹² Mas{,} de repente{,} ~~ella~~ estremeceu; {;} ~~porque uma~~ mão {estranha lhe pesava} ~~estava~~ sobre seu hombro; e quando olhou, viu Aoitin; que{,} sorrindo-se ~~lhe disse~~ {,dizia}, ~~de um~~ {num} tom seguro e {e} terno:

¹⁵⁹³ |nesse|

¹⁵⁹⁴ Desde então |foram felizes| ~~ambos~~ na vida, e foi |numa| mesma hora que |morreram| ambos.

¹⁵⁹⁵ A fonte nunca mais deixou de existir; e |ha| ~~ainda~~ quem {ainda} acredite que{,} por desconhecido encanto{,} conserva ~~duas~~ {suas} grandes |virtudes|.

¹⁵⁹⁶ Dizem{,} pois{,} que{,} quem bebe |desta| agua não |sahe| da ~~nossa~~ ilha sem amar ~~alguem d'ella, e volta~~ {algun d'aqui e torna} por força{,} em demanda do objecto amado; e ~~em segundo lugar~~; querem tambem alguns que ~~algumas~~ {poucas} |gottas| ~~bastão~~ {bastem} para fazer a {que} quem bebe ~~adivinhar~~ {adivinhe} ~~os~~ segredos de amor.

¹⁵⁹⁷ — ~~Terminei aqui~~ {E está acabada} a minha historia{, concluiu dona} (~~disse a Sra. D. Anna~~, respirando).

¹⁵⁹⁸ — E eu sou capaz de jurar{,} (~~disse Augusto~~) {,} que pela terceira vez sinto o ruido de alguem que se retira correndo.

— E então?... (perguntou a Sra. D. Anna.)¹⁶⁰⁰

— Ninguém (respondeu o estudante).¹⁶⁰¹

— E vê alguém no jardim?...¹⁶⁰²

— Apenas a Sra. D. Carolina, que vai apressadamente para o rochedo.¹⁶⁰³

— Sempre¹⁶⁰⁴ minha neta!...

— E eu, minha senhora, tenho que pedir-lhe uma graça.¹⁶⁰⁵

— Diga.

— Rogo-lhe, que por sua intervenção, me facilite o prazer de ouvir sua linda neta cantar a balada de Ahy, que tanto me interessou com o seu amor.¹⁶⁰⁶

— Oh!... não carecé pedir : não a ouve cantar sobre o rochedo... É a balada.¹⁶⁰⁷

— Será possível ?!

— Adivinhou o seu pensamento.¹⁶⁰⁸

¹⁵⁹⁹ Augusto correu à porta, e voltou logo depois.

¹⁶⁰⁰ (perguntou a Sra. D. Anna.)

¹⁶⁰¹ — {Nada!} Ninguém (respondeu o estudante).

¹⁶⁰² ...

¹⁶⁰³ — Apenas a Sra. D. {dona} Carolina, que |vae| apressadamente para o rochedo.

¹⁶⁰⁴ {a}

¹⁶⁰⁵ tenho que {a} pedir-lhe uma graça.

¹⁶⁰⁶ — Rogo-lhe, que por sua intervenção, me facilite {facuite} o prazer de ouvir sua linda neta cantar a balada de Ahy, que tanto me interessou com o seu amor.

¹⁶⁰⁷ — Oh!... Não |carece| pedir ÷ {.} Não a ouve cantar sobre o rochedo... {?} É a balada: {...}

¹⁶⁰⁸ ...

X

A BALADA NO¹⁶⁰⁹ ROCHEDO

A hospeda e o estudante deixarão então a gruta, e tomando campo no jardim para vencer a altura do rochedo, virão a bella Moreninha em pé, e voltada para o mar, com seus cabellos negros divididos em duas tranças, que cahiam pelas espaldas, e cantando com terna voz o seguinte:¹⁶¹⁰

I¹⁶¹¹

Eu tenho quinze annos

E sou morena e linda!

Mas amo, e não me amão,¹⁶¹²

E tenho amor ainda.¹⁶¹³

E por tão triste amar¹⁶¹⁴

Aqui venho chorar.

II¹⁶¹⁵

O riso de meus labios

Ha muito que murchon¹⁶¹⁶;

Aquelle que eu adoro,

Ah! foi quem o matou :¹⁶¹⁷

¹⁶⁰⁹ DO

¹⁶¹⁰ A hospeda {velha} e o estudante |deixaram| então a gruta, e{,} tomando {o} campo no jardim{,} para vencer a altura do rochedo, |viram| a bella Moreninha {de} em pé, e voltada para o mar, com seus cabellos negros divididos em duas tranças, que cahiam pelas espaldas {as negras tranças cahidas pelas espaldas}, e cantando com terna voz o seguinte:

¹⁶¹¹ I

¹⁶¹² Mas amo, e não me |amam|,

¹⁶¹³ ;

¹⁶¹⁴ {.}

¹⁶¹⁵ II

¹⁶¹⁶ |murchou|

¹⁶¹⁷ Ah! {Ai!} foi quem o matou{;} ÷

Ão ¹⁶¹⁸riso, que morreu,

O pranto succedeu.

III¹⁶¹⁹

O fôgo¹⁶²⁰ de meus olhos

De todo se acabou;¹⁶²¹

Aquelle que eu adoro,¹⁶²²

Foi quem o apagou:¹⁶²³

Onde houve fôgo¹⁶²⁴ tanto

Agora corre o pranto.

IV¹⁶²⁵

A face côr de jamba¹⁶²⁶

Emfim se descorou;¹⁶²⁷

Aquele¹⁶²⁸ que eu adoro

Ah! foi que a desbotou,¹⁶²⁹

A face tão rosada

De pranto está lavada!

V¹⁶³⁰

O coração tão puro

Já sabe o que é amor;¹⁶³¹

¹⁶¹⁸ |Ao|

¹⁶¹⁹ III

¹⁶²⁰ |fogo|

¹⁶²¹ ,

¹⁶²² ;

¹⁶²³ ;

¹⁶²⁴ |fogo|

¹⁶²⁵ IV

¹⁶²⁶ A face côr de jamb{o}a

¹⁶²⁷ ,

¹⁶²⁸ |Aquelle|

¹⁶²⁹ ;

¹⁶³⁰ V

Aquelle que eu adoro

Ah ! só me dá rigor :¹⁶³²

O coração no entanto¹⁶³³

Desfaz o amor em pranto.

VI¹⁶³⁴

Diurno aqui se mostra

Aquelle que adoro;¹⁶³⁵

E nunca elle me vê,

E sempre o vejo e choro:¹⁶³⁶

Por paga a tal paixão

Só lagrimas me dão!

VII

Aquelle que eu adoro

É qual ¹⁶³⁷rio que corre,

Sem ver a flor¹⁶³⁸ pendente

Que á margem murcha e morre.¹⁶³⁹

Eu sou a pobre flor¹⁶⁴⁰

Que vou murchar de amor.

VIII¹⁶⁴¹

São horas de raiair

O sol dos olhos meus;¹⁶⁴²

¹⁶³¹ ,

¹⁶³² ;

¹⁶³³ O coração{,} no entanto{,}

¹⁶³⁴ ~~VI~~

¹⁶³⁵ Aquelle que {eu} adoro;

¹⁶³⁶ ;

¹⁶³⁷ {o}

¹⁶³⁸ [flôr]

¹⁶³⁹ ;

¹⁶⁴⁰ [flôr]

¹⁶⁴¹ ~~VIII~~

Mão¹⁶⁴³ sol! queima a florzinha

Que adora os raios seus:¹⁶⁴⁴

Tempo é do sol raiar

E é tempo de chorar.

IX¹⁶⁴⁵

Lá vem sua piroga

Cortando leve os mares;¹⁶⁴⁶

Lá vem uma esperança,¹⁶⁴⁷

Que sempre dá pezares -¹⁶⁴⁸

Lá vem o meu encanto,

Que sempre causa pranto.

X¹⁶⁴⁹

Emfim abica à praia;¹⁶⁵⁰

Emfim salta apressado,

Garboso como o cervo

Que salva¹⁶⁵¹ alto vallado :

Quando ha-de¹⁶⁵² elle cá vir

Só p'ra me ver sorrir?...

XI¹⁶⁵³

Lá corre em busca de aves

1642 ,
 1643 |Máu|
 1644 Que adora os ~~raios~~ {olhos} seus-{:}
 1645 ~~IX~~
 1646 ,
 1647 ,
 1648 |pesares| {:} =
 1649 ~~X~~
 1650 ,
 1651 ~~salva~~-{salta}
 1652 |ha de|
 1653 ~~XI~~

A¹⁶⁵⁴ selva que lhe é cára,
 Ligeiro como a setta
 Que do arco seu dispára:¹⁶⁵⁵
 Quando há-de¹⁶⁵⁶ elle correr
 Sómente para me vêr¹⁶⁵⁷?

XII¹⁶⁵⁸

Lá vem do feliz bosque
 Cansado de caçar;¹⁶⁵⁹
 Qual beija-flor¹⁶⁶⁰, que cansa
 De mil flores beijar:¹⁶⁶¹
 Quando ha de elle cansado
 Descansar¹⁶⁶² a meu lado? ...

XIII¹⁶⁶³

Lá entra para à¹⁶⁶⁴ gruta,
 E cae na rude cama,¹⁶⁶⁵
 Qual flor de bellas cúres,¹⁶⁶⁶
 Que cae do pé na grama:¹⁶⁶⁷
 Quando ha-de n'esse leito¹⁶⁶⁸

1654 |A'|
 1655 |dispara| {;} ÷
 1656 |ha de|
 1657 |ver|
 1658 ~~XII~~
 1659 ,
 1660 |beija-flôr|
 1661 |flôres| beijar ÷ {;}
 1662 |Descansar|
 1663 ~~XIII~~
 1664 |a|
 1665 E |cahe| na rude cama,
 1666 Qual |flôr| de bellas |côres|,
 1667 Que |cahe| do pé na grama÷ {;}
 1668 Quando |há de nesse| leito

Dormir junto a meu peito?

XIV¹⁶⁶⁹

Lá subito desperta,

E na piroga embarca,

Qual sol que, se occultando,

O fim do dia marca:¹⁶⁷⁰

Quando hei-de¹⁶⁷¹ este sol ver

Não [...] desaparecer?¹⁶⁷²

XV¹⁶⁷³

Lá vò na piroga,

Que o rasto deixa aos¹⁶⁷⁴ mares,

Qual sonho que se esvae¹⁶⁷⁵,

E deixa após pezares:¹⁶⁷⁶

Quando há-de¹⁶⁷⁷ elle cá vir

P'¹⁶⁷⁸nunca mais fugir? ...

XVI¹⁶⁷⁹

Oh barbaro! tu partes

E nem se quer¹⁶⁸⁰ me olhaste?

Amor tão delicado

Em outra já achaste?...¹⁶⁸¹

¹⁶⁶⁹ ~~XIV~~

¹⁶⁷⁰ ;

¹⁶⁷¹ |hei de|

¹⁶⁷² Não [...] {mais} |desapparecer|?

¹⁶⁷³ ~~XV~~

¹⁶⁷⁴ nos

¹⁶⁷⁵ |esváe|

¹⁶⁷⁶ |pesares| {;} =

¹⁶⁷⁷ |ha de|

¹⁶⁷⁸ P' {ra}

¹⁶⁷⁹ ~~XVI~~

¹⁶⁸⁰ |sequer|

Oh barbaro! responde

Amor como este, aonde?

XVII¹⁶⁸²

Sómente p'ra teus beijos

Te guardo a boca¹⁶⁸³ pura;

Em que labios, tu podes¹⁶⁸⁴

Achar maior doçura?...

Meus labios, murchareas¹⁶⁸⁵,

Seus beijos não tereis.

XVIII¹⁶⁸⁶

Meu collo alevantado

Não valem¹⁶⁸⁷ teus abraços?...

Que collo ha mais formoso,

Mais digno de teus braços?

Ingrato! morrerei...

E não te abraçarei.

XIX¹⁶⁸⁸

Meus seios entonados

Não podem¹⁶⁸⁹ ter valia?

Desprezas as delicias

Que n'elles te off recia ?¹⁶⁹⁰

Pois hão-de¹⁶⁹¹ os seios puros

¹⁶⁸¹ ...

¹⁶⁸² ~~XVII~~

¹⁶⁸³ |bocca|

¹⁶⁸⁴ Em que labios; tu |podes|

¹⁶⁸⁵ murchareis

¹⁶⁸⁶ ~~XVIII~~

¹⁶⁸⁷ vale

¹⁶⁸⁸ ~~XIX~~

¹⁶⁸⁹ |podem|

¹⁶⁹⁰ Que |nelles| te |off' recia| ?

Murcharem prematuros?

XX¹⁶⁹²

Não sabes que me chamão¹⁶⁹³

A bella do deserto?...

Empurras para longe

O bem que te está perto?...

Só pagas com rigor

As lagrimas de amor?...

XXI¹⁶⁹⁴

Ingrato ! ingrato ! fôge¹⁶⁹⁵...

E aqui não tornes mais;

Que, sempre que tornares,

Terás de ouvir meus ais;

E ouvir queixas de amor,

E ver pranto de dôr!...

XXII¹⁶⁹⁶

E¹⁶⁹⁷ se amanhã vieres,

Em pé na rocha dura

¹⁶⁹⁸Starei contando aos ares

A mal paga ternura...

Cantando me ouvirás,

Chorando me acharás!...

¹⁶⁹¹ |hão de|

¹⁶⁹² ~~XX~~

¹⁶⁹³ |chamam|

¹⁶⁹⁴ ~~XXI~~

¹⁶⁹⁵ |foge|

¹⁶⁹⁶ ~~XXII~~

¹⁶⁹⁷ {,}

¹⁶⁹⁸ {·}

X¹⁶⁹⁹TRAVERSURAS DE D.¹⁷⁰⁰ CAROLINA

Mas ella não pára: o movimento é a sua vida; esteve no jardim, em toda parte; cantou sobre o rochedo, e eil-a outra vez no jardim! infatigavel, apenas suas faces se corárão com o rubor da agitação: travessa menina !... porém ella tempera todas as travessuras com tanta vireza, graça e espirito, que menos valêra, senão fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma e não tenham esvaído as idéas desfavoraveis que à primeira vista produziu o genio inquieto de D. Carolina. O mesmo Augusto não póde resistir á vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, disserão duas palavras sobre ella.¹⁷⁰¹

— Então como a achas agora?... (disse Leopoldo, apontando para a irmã de Felhppe).¹⁷⁰²

— Interessante, espirituosa, e capaz de levar à gloria ao mais destro casuista. Olha; Fabricio vê-se doudo com ella.¹⁷⁰³

— Sô isto?...¹⁷⁰⁴

— Acho-a bonita.

— Nada mais? ...¹⁷⁰⁵

— Tem voz muito agradável.

¹⁶⁹⁹ XI

¹⁷⁰⁰ D.

¹⁷⁰¹ Mas ella não pára; {;} o movimento é a sua vida; ~~esteve~~ {está} no jardim; {e} em toda parte; cantou sobre o rochedo; e eil-a outra vez no jardim! Infatigavel, apenas suas faces se |coraram| com o rubor da agitação;—{.} Travessa menina! ~~... porém ella~~ Tempera {, porém,} ~~todas~~ as travessuras com tanta {viveza} ~~vireza~~, graça e espirito, que menos |valera|; |se não| fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma e não {se} |tenham| |esvahido| as idéas desfavoraveis que{,} |á| primeira vista{,} produziu o genio ~~inquieto~~ {irriquieto} de D. Carolina. O mesmo Augusto não ~~póde~~ {poude} resistir á vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, ~~disserão~~ {trocaram} duas palavras sobre ella.

¹⁷⁰² — Então{,} como a achas agora?... (disse Leopoldo, apontando para a irmã de |Felippe|).

¹⁷⁰³ — Interessante, espirituosa; e capaz de levar |á| gloria ~~ao~~ mais |dextro| casuista. ~~Olha;~~ {O} Fabricio vê-se |doido| com ella.

¹⁷⁰⁴ — |Só| ~~isto~~ {isso}?—

¹⁷⁰⁵ —

— É tudo o que pensas?...¹⁷⁰⁶

— Tem a boca mais engraçada que se póde imaginar.

— Só?...¹⁷⁰⁷

— Muito esbelta.

— Que mais?

— É tão ligeira como um juramento de mulher,¹⁷⁰⁸

— Dize tudo de uma vez.

— Pois que queres mais que eu¹⁷⁰⁹ diga?

— Que a amas, que dás o caváco¹⁷¹⁰ por ella.

— Amal-a?! não faltava mais nada : amo-a como amo as outras... isso sim.¹⁷¹¹

— Pois, meu amigo, todos nós estamos derrotados; o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos: se de novo se fizer a saúde que hoje fizemos, todos, à excepção de Fellippe, pronunciarão a letra C...¹⁷¹²

— Tambem Fabricio?

— Ora! esse está doente... perdido... doudo emfim!¹⁷¹³

— E ella?

— Zomba de todos nós; cada cumprimento que lhe endereçamos paga ella com uma resposta que não tem troco, e que nos racha de meio a meio. Tu ainda lhe não diceste nada?¹⁷¹⁴

— Cousas vãs... e palavras da tarifa,¹⁷¹⁵

¹⁷⁰⁶ ...

¹⁷⁰⁷ ...

¹⁷⁰⁸ .

¹⁷⁰⁹ eu

¹⁷¹⁰ |cavaco|

¹⁷¹¹ — Amal-a?! Não faltava mais nada{!} ÷ Amo-a como amo |ás| outras... Isso{,} sim.

¹⁷¹² — Pois, meu amigo, todos nós estamos derrotados;{:}o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos: {.} Se de novo se fizer {um brinde, como o de} a ~~saúde que~~ hoje fizemos , todos, |á| excepção de |Felippe|, pronunciarão a letra C...

¹⁷¹³ — Ora! Esse |está| doente... perdido... |doido|{,} emfim+{.}

¹⁷¹⁴ — Zomba de todos nós; cada |cumprimento| que lhe endereçamos paga ~~ella~~ com uma resposta que não tem troco; e que nos racha de meio a meio. Tu ainda lhe não |diséste| nada?

¹⁷¹⁵ — Cousas |vãs|... e palavras da tarifa,-{.}

— E ella?...¹⁷¹⁶

— Palavras da tarifa... e cousas vãs¹⁷¹⁷.

— Pois é opinião geral que ella te prefere a todos nós.¹⁷¹⁸

— Tanto melhor para mim.

— E peor para ella: mas... adeos!¹⁷¹⁹ o meu lindo par se levanta do banco de relva, em que descansava ; vou tomar-lhe o braço: tenho-me singularmente divertido: a bella senhora é philosopha... faze idéa! ... já leu Mary de Wollstonecraft; e como esta defende os direitos das mulheres, agastou-se comigo porque lhe pedi uma cormmenda, para quando fosse Ministra de Estado, e a patente de Cirurgião de exercito, no caso de chegar a ser General; mas emfim fez as pazes; pois lhe prometli que apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembléa Provincial, e lá, em lugar das maçadas de pontes, estradas e canaes, promoveria a discussão de uma mensagem do Governo Geral em prol dos taes direitos das mulheres; além de que... Mas... tu bem vês que ella me está chamando : adeos... adeos...¹⁷²⁰

¹⁷¹⁶ ...

¹⁷¹⁷ |vãs|

¹⁷¹⁸ — Pois é-{a}opinião geral {é} que ~~ella~~ te prefere a todos ~~nós~~.

¹⁷¹⁹ — E peor para ella: {.} Mas... {,} |adeus|!

¹⁷²⁰ ~~em que descansava~~; {, e} vou tomar-lhe o braço: {.} Tenho-me ~~singularmente~~ divertido {singularmente};- {.} A bella ~~senhora~~ é philosopha... {,} faze idéa! ... Já leu Mary de Wollstonecraft; e{,} como esta defende os direitos das mulheres, agastou-se |commigo|{,} porque lhe pedi uma |commenda|, para quando fosse ministra de Estado, e a patente de cirurgião de exercito, no caso de chegar a ~~ser General~~ {general}; mas{,} emfim{.} fez as pazes; {,} pois lhe |prometti| que{,} apenas me formasse; {.} trabalharia para encartar-me na Assembléa Provincial, e lá, ~~em lugar das~~ {em vez da} maçadas de pontes, estradas e canaes, promoveria a discussão de uma mensagem ~~do~~ {ao} governo ~~Geral~~ em prol dos taes direitos das mulheres; ~~além de que~~... Mas... tu bem vês que ella me está chamando{.} : |Adeus|... {,} |adeus|...

No entanto D. Carolina continuava a captivar todos os olhares e atenções : tinham notado, é verdade, que ella estivera alguns momentos recostada à effigie da Esperança, triste e pensativa: Fabricio jurava mesmo que à vira enxugar uma, lagrima ; mas logo depois desapareceu completamente a menor apparencia de tristeza, tornou a brilhar o prazer em ebulição.¹⁷²¹

Todos tinham tido seu quinhão maior ou menor, segundo os merecimentos de cada um, nas graças máliciosas da menina. Ninguem havia escapado: Fabricio era a victima predilecta; porque tambem foi elle o unico que se atreveu a travar luta com ella.¹⁷²²

Finalmente D. Carolina acabava -de entrar outra vez no jardim, depois de ter cantado sua, balada. De todos os lados soávão-lhe os parabens: mas ella escapou a elles, correndo para junto de uma roseira, toda coroadada por suas bellas e rubras flores.¹⁷²³

Fabricio, que ainda não estava sufficientemente castigado, e que além d'isso começava a gostar seu *tantum* da Moreninha, se dirigiu com D. Joanninha para o lado em que ella se achava,¹⁷²⁴

— É decididamente o que eu pensava; (disse Fabricio, quando se viu ao pé de D. Carolina, e dirigindo-se a D. Joanninha) sim... sua bella prima ama as rosas, exclusivamente.¹⁷²⁵

— Conforme as occasiões e circumstancias (respondeu a menina).¹⁷²⁶

¹⁷²¹ ~~No entanto~~ D. Carolina continuava {, no entanto,} a captivar todos os olhares e atenções{.} : [Tinham] notado, é verdade, que ella estivera alguns momentos recostada [à] effigie da Esperança, triste e [pensativa]; {;} Fabricio jurava mesmo que [a] vira enxugar uma, lagrima ; mas logo depois [lhe] desapareceu completamente a menor apparencia {a sombra} de tristeza, {e} tornou a brilhar o prazer em [ebulição].

¹⁷²² Todos [tinham] tido seu quinhão maior ou menor, segundo os merecimentos de cada um, nas graças [maliciosas] da menina. Ninguem havia escapado: {e era} Fabricio ~~era~~ a victima predilecta; {,} porque ~~tambem~~ foi elle o unico que se atreveu a travar [luta] com ella.

¹⁷²³ ~~Finalmente D. Carolina acabava de entrar outra vez no jardim,~~ Depois de ter cantado sua, balada{, Carolina voltou ao jardim}. De todos os lados soávão-lhe os {soavam} parabens: {,} mas ~~ella~~ {a menina} escapou a elles, correndo para junto de uma roseira, toda coroadada ~~por~~ {de} suas bellas e rubras [flôres].

¹⁷²⁴ Fabricio, ~~que~~ ainda não estava sufficientemente castigado, e {,} ~~que~~ além [disso] começava a gostar {, já} seu *tantum* {cahido pela sereia, dirigiu-se com d.} ~~da Moreninha, se dirigiu com D.~~ Joanninha para o lado em que ella se achava,{.}

¹⁷²⁵ — É decididamente o que eu pensava; {,} {disse {elle} ~~Fabricio, quando se viu ao pé de D. Carolina,~~ e dirigindo-se a d. Joanninha} {, quando se viu ao pé de Carolina;}sim--- {,}sua bella prima ama [ás] rosas, exclusivamente.

¹⁷²⁶ — Conforme as occasiões e circumstancias {,} {respondeu a menina}.

— Poderia eu merecer a honra de uma explicação? (perguntou Fabricio).¹⁷²⁷

— Com toda a justiça, e (continuou D. Carolina, rindo-se) tanto mais que foi a V. S. que me dirigi.¹⁷²⁸ Eu queria dizer que entre um beijo de frade, ou um cravo defunto e uma rosa, não hesito em preferir a ultima.

Fabricio fingiu não entender a allusão,¹⁷²⁹ e continuou:

— Todavia não é sempre bem pensada semelhante preferencia: a rosa é como a belleza : encanta, mas espinha : V. S. o sabe ; não é assim ?¹⁷³⁰

— Perfeitamente; mas tambem não ignora que a rosa só espinha, quando se defende de alguma mão impertinente, que vem perturbar à paz de que goza : V. S. o sabe ; não é assim ?

— Oh! entãoa Sra. D. Carolina foi bem imprudente em quebrar o pé dessa rosa com que brinca, expondo assim seus delicados dedos ; e bem cruel tambem em fazel-a murchar de inveja, tendo-a defronte de seu formoso semblante.¹⁷³¹

— Pela minha vida, meu caro senhor! nunca vi pedir uma rosa com tanta graça: quer servir-se d'ella?...¹⁷³²

— Seria a mais appetecivel gloria...

— Pois aqui a tem... Querida prima, nada de ciumes.

E Fabricio, recebendo o bello presente, em vez de olhar para a mão que o dava, altenlava em extase O rosto moreno, e o sorrir malicioso de D. Carolina. Ao momento de se encontrar à mão que dava e a que recebia, Fabricio sentiu quê lhe apertavão os dedos : seu primeiro pensamento foi crer que era amado ; mas logo se lhe apagou esse

¹⁷²⁷ {,} perguntou Fabricio).

¹⁷²⁸ — Com {todo o prazer,} ~~toda a justiça, e (continuou D. Carolina, rindo-se)~~ tanto mais que foi a |v. s.| que me dirigi.

¹⁷²⁹ ,

¹⁷³⁰ — Todavia{,} não é ~~sempre~~ bem pensada semelhante preferencia: {;}a rosa é como a belleza{,} : encanta, mas espinha{;} ÷ |v. s.| o sabe{,} ÷ não é assim ?

¹⁷³¹ — Oh! |Então|{,} ~~Sra. D.~~ {d.}Carolina foi bem imprudente em quebrar ~~o pé dessa~~ {o caule da} rosa com que brinca, expondo assim seus delicados dedos ; e bem cruel tambem em fazel-a murchar de inveja, ~~tendo-a defronte~~ {em face} de seu formoso semblante.

¹⁷³² — Pela minha vida, meu caro senhor! {,} nunca vi pedir uma rosa com tanta graça: quer servir-se |della|?---

raio de vaidade ; pois que elle relirou vivamente a mão, exclamando involuntariamente
 ;.¹⁷³³

— Ai!¹⁷³⁴ feri-me! ...

Era que a travessa lhe havia apertado os dedos contra os espinhos da rosa. Mas a flor linha cahido na relva : Fabricio, já menos desconcertado, a levantou com presteza, e encarando a irmã de Fellippe, disse-lhe em tom meio vingativo :¹⁷³⁵

— Foi um combate sanguinolento;¹⁷³⁶ mas ganhei o premio da victoria.

— Pois feriu-se ?... (perguntou D. Carolina, chegando-se com fingido cuidado para elle).¹⁷³⁷

Nada foi, minha senhora: comprei uma rosa por algumas gotas de sangue... valeu a pena.¹⁷³⁸

— Maldita rosa ! (exclamou a Moreninha theatralmente) maldita rosa ! eu te amaldição !...¹⁷³⁹

E dando um piparote na innocente flor, a desfolhou completamente: não ficou na mão de Fabricio mais que o verde calix. D. Carolina correu para junto de sua digna avó: o pobre estudante ficou desconcertado.¹⁷⁴⁰

— E esta! (murmurou elle emfim).¹⁷⁴¹

¹⁷³³ ~~atten-lava em~~ {attentou com} extase {no} ~~o~~ rosto moreno, ~~e o~~ {e no} sorrir malicioso de D. Carolina. Ao momento de se ~~encontrar~~ à {encontrarem a} mão que dava e a que recebia, Fabricio sentiu |que| lhe |apertavam| os dedos{;} ÷ seu primeiro pensamento foi |crêr|{-se} ~~que era~~ amado ; mas logo se lhe apagou esse raio de vaidade{,} ÷ pois que ~~elle~~ |retirou| vivamente a mão, exclamando involuntariamente :

¹⁷³⁴ ,

¹⁷³⁵ Era que a travessa lhe havia apertado os dedos contra os espinhos ~~da rosa~~. Mas a flor |tinha| cahido na relva{;} ÷ Fabricio, já menos desconcertado, a levantou com presteza, e {,} encarando a irmã de |Felippe|, disse-lhe {,} em tom meio vingativo :

¹⁷³⁶ ,

¹⁷³⁷ — Pois feriu-se ?... {perguntou D. Carolina, chegando-se {para elle} com fingido cuidado ~~para elle~~).

¹⁷³⁸ {—} Nada foi, minha senhora: comprei uma rosa por algumas |gottas| de sangue... Valeu a pena.

¹⁷³⁹ — Maldita rosa ! {exclamou a Moreninha{,} theatralmente} ~~maldita rosa ! eu te~~ {,} Amaldição {-te} !...

¹⁷⁴⁰ E {,} dando um piparote na innocente |flôr|, ~~a~~ desfolhou{-a} completamente{-;} não ficou na mão de Fabricio mais que o verde |calice|. D. Carolina correu para junto de sua ~~digna~~ avó: {e} o pobre estudante ficou desconcertado.

¹⁷⁴¹ — E esta! {murmurou elle ~~emfim~~}.

— Foi muito bem feito (disse D. Joanninha, cheia de zelos, e dando-lhe um beliscão, que o fez ir ás nuvens).¹⁷⁴²

— Perdão, minha senhora; seja pelo amor de Deos! (exclamou Fabricio, que se via batido por todos os lados).¹⁷⁴³

No entanto começava a declinar a tarde: uma voz reuniu todas as senhoras e senhores em um só ponto: servia-se o café n'um bello caramanchão; mas, como fosse elle pouco espaçoso para conter tão numerosa sociedade, ahi só se abrigarão as senhoras, enquanto os homens se conservavão da parte de fóra.¹⁷⁴⁴

Escravas decentemente vestidas offerecião chãcanas de café fóra do caramanchão, e apesar d'isso D. Carolina se dirigiu com uma para Fabrício, que praticava com Augusto.¹⁷⁴⁵

— Eu quero fazer as pazes, Sr. Fabricio; vejo que deve estar muito agastado comigo, e venho trazer-lhe uma chávana de café temperado pela minha mão.¹⁷⁴⁶

Fabricio recuou um passo, e colloceu-se à ilharga de Augusto: elle desconfiava das tenções da menina; sua primeira idéa foi esta — O café não tem assucar.¹⁷⁴⁷

Então começou entre os dous um duello de ceremonias, que durou alguns instantes; finalmente o homeim teve de ceder à mulher. Fabricio ia receber a chávana, quando esta estremecei no pires... D. Carolina, temendo que sobre elle se entornasse o café, recuou um pouco... Fabricio fez outro tanto: a chávana, inda mal tomada, tombou; o café derramou-se inopinadamente: Fabricio recuou ainda mais com vivacidade : mas

¹⁷⁴² — Foi muito bem feito{!} {disse d. Joanninha, cheia de zelos, e-dando-lhe um beliscão; que o fez ir ás nuvens}.

¹⁷⁴³ — Perdão, minha senhora; {, e} seja {tudo} pelo amor de Deos! {exclamou Fabricio, que se via batido por {de} todos os lados}.

¹⁷⁴⁴ No entanto {,} começava a declinar a tarde: {,} Uma voz reuniu todas as {damas e cavalheiros} ~~senhoras e senhores~~ em um só {mesmo} ponto: servia-se o café {num} bello caramanchão; {,} Mas, como fosse elle pouco espaçoso para conter tão numerosa sociedade, ~~ahi~~ {alli} só se {abrigaram} as senhoras, enquanto os homens se {conservavam da parte de fóra}.

¹⁷⁴⁵ Escravas decentemente vestidas ~~offerecião chãcanas de~~ {serviam o} café fóra do caramanchão, e{,} {apesar} {disso} {,} d. Carolina se dirigiu com uma {chicara} para Fabrício, que praticava com Augusto.

¹⁷⁴⁶ — Eu quero fazer as pazes, sr. Fabricio; vejo que deve estar muito agastado {commigo}; e venho trazer-lhe uma chávana de café{,} temperado pela minha mão.

¹⁷⁴⁷ Fabricio recuou um passo; e {collocou-se} {á} ilharga de Augusto{; } ÷ elle desconfiava das tenções da menina ; sua primeira idéa foi ~~esta~~ — O {que o} café não {tinha} ~~tem~~ assucar.

encontrando a raiz de um chorão que sombreava o caramanchão, perdeu o equilíbrio, e cahiu redondamente na relva.¹⁷⁴⁸

Uma gargalhada geral applaudiu o successo.¹⁷⁴⁹

— Fabricio espichou-se completamente !... (exclamou Fellippe).¹⁷⁵⁰

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade corrido do que acabava de sobrevir-lhe: as risadas continuavão, as lerriveis consolações o atormentavão; todas as senhoras tinham saldo do caramanchão, e rião-se por sua vez desapiedadamente: Fabricio daria muito para se livrar dos apuros em que se achava, quando de repente soltou tambem a sua risada e exclamou :¹⁷⁵¹

— Vivão as calças de Augusto !!!¹⁷⁵²

Todos olhárão. Com effeito Fabricio tinha encontrado um coinpanheiro na desgraça: Augusto estava de calças brancas, e a maior porção de café entornado havia cahido n'ellas.¹⁷⁵³

Continuárão as risadas; redobráão os molejos. Duas erão as victimas.¹⁷⁵⁴

¹⁷⁴⁸ Então Começou {, então,} entre os |dois| um duello de ceremonias, que durou alguns instantes; finalmente{,} o homeim teve de ceder |á| mulher. Fabricio ~~ia receber~~ {tomava} a chávana, quando esta |estremeceu| no pires...{.} D. Carolina, temendo que sobre elle se entornasse o café, recuou{.} ~~um pouco...~~ Fabricio fez outro tanto: {;} a chávana, ~~inda~~ mal ~~tomada~~ {segura}, tombou:—{e} o café derramou-se inopinadamente: {.} Fabricio recuou{,} ~~ainda mais~~ com vivacidade :—~~mas encontrando a~~ {e topando numa} raiz de ~~um~~ chorão ~~que sombreava o caramanchão~~, perdeu o equilibrio; e cahiu redondamente na relva.

¹⁷⁴⁹ Uma gargalhada geral ~~applaudiu o successo~~ {estrondeou}.

¹⁷⁵⁰ — Fabricio espichou-se completamente!... (exclamou |Fellippe|).

¹⁷⁵¹ ÷ {;}as risadas |continuavam|, ~~as~~ |terriveis| consolações o |atormentavam|; todas as senhoras ~~tinham~~ saldo {sahiram} do {caramanchel} ~~caramanchão~~, e |riram-se|{,} por sua vez{,} desapiedadamente:—{. Muito daria} Fabricio ~~daria muito~~ para se livrar{-se} dos apuros em que se achava, quando de repente{,} soltou tambem a sua risada e exclamou {, exclamando}:

¹⁷⁵² — |Vivam| as calças de {do} Augusto! !!

¹⁷⁵³ Todos |olharam|. {Fabricio,} com effeito{,} ~~Fabricio~~ tinha encontrado um |companheiro| na desgraça{.}: Augusto estava de calças brancas; e a ~~maior~~ {bôa} porção de {do} café entornado havia ~~cahido~~ {espirrado} |nellas|.

¹⁷⁵⁴ |Continuaram| as risadas; {,}|redobram| os molejos.

~~Duas erão as~~ {Eram duas, agora, as} victimas. *Quebra em dois parágrafos*

XII

MEIA HORA EM BAIXO DA CAMA

Não tardou que Fellippe¹⁷⁵⁵, como bom amigo e hospede, viesse em auxilio de Augusto. Em verdade que era impossivel passar o resto da tarde e a noite inteira com aquella calça, manchada pelo café; e portanto os dous estudantes voarão à casa. Augusto entrando no gabinete destinado aos homens, ia tratar de despir-se, quando foi por Fellippe interrompido.¹⁷⁵⁶

— Augusto, uma idéa feliz! vai vestir-te no gabinete das moças.¹⁷⁵⁷

— Mas que especie de felicidade achas tu n'isso ?¹⁷⁵⁸

— Ora! pois tu deixas passar uma tão bella oscasião de te mirares no mesmo espelho em que se ellas mirão?... de te aproveitares das mil commodidades, e das mil superfluidades que formigão no toucador de uma moça... Vai... sou eu que t'o digo : alli acharás banhas e pomadas, naturaes de todos os paizes ; oleos aromaticos, essencias de formosura, e de todas as qualidades ; aguas cheirosas, pós vermelhos para as faces e para os labios, baêta fina para esfregar o rosto e enrubecer as pallidas ; escovas e escovinhas, flores murchas e outras viçosas...¹⁷⁵⁹

— Basta, basta; eu vou : mas lembra-te que és tu quem me fazes ir, e que o meu coração adivinha...¹⁷⁶⁰

¹⁷⁵⁵ [Felippe]

¹⁷⁵⁶ ~~Em verdade que~~ Era{-lhe} impossivel passar o resto da tarde e a noite inteira com aquella calça, manchada pelo {de} café; ~~e portanto~~ {, e} os [dous] estudantes [voaram] à {para a} casa. Augusto Entrando no gabinete destinado aos homens, ~~ia~~ {,} ~~tratar~~ {tratava} de despir-se, quando foi {interrompido} por [Felippe] ~~interrompido~~.

¹⁷⁵⁷ — {Uma idéa feliz,} Augusto, ~~uma idéa feliz!~~ [vae] vestir-te no gabinete das moças{!...}-

¹⁷⁵⁸ — ~~Mas~~ Que especie de felicidade achas tu [nisso]?

¹⁷⁵⁹ — Ora! {,} pois tu deixas passar ~~uma~~ tão bella [ocasião] de te mirares no mesmo espelho em que se ellas {se} [miram]?... De te aproveitares das mil commodidades, e das mil superfluidades que [formigam] no toucador de uma moça... {?}[Vae]{,}... sou eu que t'o digo{,} ÷ alli acharás {crêmes} ~~banhas~~ e pomadas, ~~naturaes~~ de todos os paizes{,} ÷ oleos aromaticos, essencias de formosura, ~~e~~ de todas as qualidades ÷ {,} aguas cheirosas, pós vermelhos para as faces e ~~para os~~ labios, [baeta] fina para esfregar o rosto e [enrubescer] as pallidas ; escovas e escovinhas, [flôres] {frescas e} murchas ~~e outras viçosas~~...

¹⁷⁶⁰ — Basta, basta; eu {!} Vou{,} ÷ mas lembra-te que és tu quem me fazes {rir} ~~ir~~, e que o meu coração adivinha...

— Anda.¹⁷⁶¹ que o teu coração sempre foi um pedaço d'asno.

E isto dizendo, Fellippe empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi reunir ao rancho d'ellas.¹⁷⁶²

Ai do pobre Augusto!... mal tinha acabado de tirar as calças e a camisa, que tambem se achava manchada, sentiu rumor, que fazião algumas pessoas que entravão na sala.¹⁷⁶³

Augusto conheceu logo que erão moças, porque estes anjinhos, quando se ajuntão, fazem conversando matinada tal que a um quarto de legua se deixão adivinhar: se é sedição e mesm insolito comparal-os a um bando de lindas maitacas, não ha remedio senão dizer que muito se assemelhão a uma orchestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.¹⁷⁶⁴

Ora o nosso estudante estava, por sua esdruxula figura, incapaz de apparecer à pessoa alguma: em seroulas, e nú da cintura para cima, faria recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei que mais, ao bello povinho que acabava de entrar em casa, e que certamente, se assim encontrasse, teria de cobrir o rosto com'as mãos; e portanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio à mente : ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e com ella em baixo do braço escondeu-se atraz de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete, cuidando que cedo se veria livre de tão intempestiva visita; mas, ainda outra vez, pobre estudante! ... teve logo de agachar-se, e

¹⁷⁶¹ ,

¹⁷⁶² E Isto dizendo, {empurrou} |Felippe| {a} empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi reunir ao rancho d'ellas.

¹⁷⁶³ Ai{!} do Pobre Augusto!... Mal tinha acabado de tirar as calças e a camisa, que tambem se achava manchada, sentiu rumor {de alguém a entrar} , que fazião algumas pessoas que entravão na sala.

¹⁷⁶⁴ Augusto conheceu logo que |eram| moças, porque estes anjinhos, quando se ajuntão {juntam}; fazem conversando matinada tal {matinada,} que a um quarto de legua se |deixam| adivinhar: {;} se é sedição e mesm insolito comparal-os{as} a um bando de lindas maitacas {maiticas}, não ha remedio senão dizer que muito se |assemelham| a uma orchestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.

espremer-se para baixo da cama; pois quatro moças entrãrão no quarto.¹⁷⁶⁵ E, erão ellas D. Joanninha, D. Quinquina, D. Clementina, e uma outra, por nome Gabriella, muito adocicada, muito espartilhada, muito estufada, e que seria tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que mais acreditava que eras, isto é, bonita.¹⁷⁶⁶

Depois que todas quatro se mirãrão, composerão cabellos, enfeites, e mil outros objectos, que estavam todos muito em ordem, mas que as mãoszinhas d'estas quatro *demoiselles* não puderão resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjar : fôrão, por mal dos peccados de Augusto, sentar-se da maneira seguinte: — D. Clementina e D. Joanninha na cama, em baixo da qual estava elle; D. Quinquina de um lado, em uma cadeira ; e D. Gabriella exactamente de frente do espelho, do qual não tirava os olhos , em outra cadeira, que, apesar de ser de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incommodo toca a collecção de sáias. saiótes, vestidos de baixo, e enorme variedade de enchimentos, que lhe fazião de supplemento à natureza, que com D. Gabriella, segundo suas proprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinha a certos respeitos.¹⁷⁶⁷

Depois de respirar um momento, as meninas, julgando-se sós, começãrão a conversar livremente, em quanto Augusto, com sua roupa em baixo do braço, coberto de

¹⁷⁶⁵ Ora O nosso estudante estava, {pois, em vista de} ~~por~~ sua esdruxula figura, incapaz de apparecer |a| |pessoa| alguma: em |ceroulas|, e |nu| da |cintura| para cima, faria recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei {mais} que ~~mais~~, ao bello povinho que acabava de entrar ~~em casa~~, e que {se o} ~~certamente, se assim~~ encontrasse {assim}, teria de cobrir o rosto |com as| mãos; ~~e portanto~~ {..} O pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio |á| mente : ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e{,} com ella em baixo do braço{,} escondeu-se atraz de uma linda cama, ~~que se achava no~~ {ao} fundo do gabinete, cuidando que cedo se veria livre de tão intempestiva visita; mas, ~~ainda outra vez, pobre estudante!~~ ... teve logo de agachar-se; e |expremar-se| ~~para~~ {em} baixo da cama; {,} pois {eram} quatro {as} moças {que entravam} ~~entrãrão no quarto~~ .

¹⁷⁶⁶ E, erão ellas D. Joanninha, d. |Quinquinha|, d. Clementina, e uma outra, por nome Gabriella, muito adocicada, muito espartilhada, muito estufada; e que seria tudo quanto ~~tivesse vontade de ser~~ {quizessem}, menos o que mais acreditava ~~que eras~~ {ser}, ~~isto é~~, bonita.

¹⁷⁶⁷ Depois que todas quatro se |miraram|, |compuzeram| {os} cabellos, {os} enfeites, e mil ~~outros~~ objectos, {outras cousas} que |estavam| ~~todos~~ muito em ordem, mas que as mãoszinhas d'estas {das} quatro *demoiselles* não |puderam| resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjar{,} ÷ |foram|, por mal dos peccados de |Augusto|, sentar-se da maneira seguinte: — d. Clementina e d. Joanninha na cama, em baixo da qual estava elle; d. |Quinquinha| {,} de um lado, em uma cadeira ; e d. Gabriella exactamente de frente do espelho, do qual não tirava os olhos , em outra cadeira, que, |apesar| de ser de braços e larga, {era} pequena era para {receber} ~~lhe caber sem incommodo~~ |toda| a collecção de |saias|: {,} |saiotes|, vestidos de baixo, e enorme variedade de enchimentos, ~~que lhe~~ |faziam| de supplemento |á| natureza, {um pouco mesquinha a certos respeitos para} ~~que~~ com d. Gabriella, ~~segundo~~ {ao parecer de} suas proprias camaradas, ~~tinha sido um pouco mesquinha a certos respeitos~~ .

têas de aranha, e suôres frios, comprimia a respiração, e conservava-se mudo e quedo, medroso de que o mais pequeno ruido o podesse descobrir: para seu mór infortunio, à barra da cama era incompleta, e havia seguramente dous palmos e meio de altura descobertos, por onde se alguma das moças olhasse, seria elle impreterivelmente visto. A posição do estudante era penosa certamente; por ultimo saltou-lhe uma pulga à ponta do nariz, e por mais que o infeliz a soprassc, a teimosa continuou a chuchal-o com à mais descarada impunidade.¹⁷⁶⁸

— Antes mil vezes cinco sabbatinas seguidas em tempo de barracas no Campo!... (dizia elle com sigo).¹⁷⁶⁹

Mas as moças fallão já na cinco minutos: façamos por colher algumas bellezas; o que é na verdade um pouco diffícil; pois, segundo o antigo costume, fallão todas quatro ao mesma tempo. Todavia alguma cousa se aproveitará.¹⁷⁷⁰

— Que calôr!... (exclamou D. Gabriella, affectando, no abanar de seu leque, todo o donairi de uma Hespanhola) oh ! não parece que estamos no mez de julho ; mas, por minha vida, vale bem o incommodo que soffremos o regalo que tem tido nossos olhos.¹⁷⁷¹

— Bravo, D. Gabriella!... então seus olhos...¹⁷⁷²

¹⁷⁶⁸ |começaram| a conversar livremente, |emquanto| Augusto, com ~~sua~~ {a} roupa ~~em baixo~~ {debaixo} do braço, coberto de |teias| de aranha; e |suores| frios, comprimia a respiração; e conservava-se mudo e |quêdo|, medroso de que o mais pequeno ruido o |pudesse| ~~descobrir~~ {denunciar} para seu ~~mór~~ {maior} infortunio, |a| barra da cama era incompleta; e havia {uma fenda de} ~~seguramente~~ |dois| palmos e meio ~~de altura descobertos~~ , por onde{,} se alguma das moças olhasse, seria elle ~~impreterivelmente~~ {infallivelmente} visto. ~~A posição do estudante era penosa certamente; por ultimo~~ Saltou-lhe uma pulga |á| ponta do nariz; e{,} por mais que o infeliz a |soprasse|, a teimosa continuou a chuchal-o com |a| mais descarada impunidade.

¹⁷⁶⁹ campo!... (dizia elle |comsigo|).

¹⁷⁷⁰ Mas as moças ~~fallão~~ {falavam} já ~~na~~ {há} cinco minutos; {,} |Façamos| por colher algumas bellezas; {,} o que é{,} na verdade{,} um pouco diffícil; {,} pois, segundo o antigo costume, |falam| todas quatro ao |mesmo| tempo. ~~Todavia~~ Alguma cousa {todavia} se aproveitará.

¹⁷⁷¹ — Que |calor|!... (exclamou d. Gabriella, affectando; no abanar ~~de seu~~ {do} leque, ~~tudo~~ o |donaire| de uma hespanhola) {,} ~~oh!~~ Não parece que estamos no mez de julho{;}; mas, por minha vida, vale bem o incommodo que soffremos o regalo que |têm| tido nossos olhos.

¹⁷⁷² — Bravo, ~~D.~~ Gabriella!... Então{,} seus olhos...

— Tem visto muita cousa bôa: olhe, não por fallar; mas, por exemplo, ha objecto mais interessante do que D. Luiza mostrar-se gorda, esbelta, bem feita?...¹⁷⁷³

— É um sacco!

— E como é feia!...

— É horrenda!¹⁷⁷⁴

— É um bicho!...¹⁷⁷⁵

— E não vimos a filha do Capitão com sua dentadura postica?... Agora não faz senão rir!...¹⁷⁷⁶

— Coitadinha! aperta¹⁷⁷⁷ tanto os olhos!...

— Se ella pudesse arranjar tambem um postico para o queixo!¹⁷⁷⁸

— Ora, D.¹⁷⁷⁹ Clementina, não me obrigue a rir!..

— D. Joanninha, vossê reparou no vestido de chalim de D. Carlota?... Quanto a mim, está absolutamente fóra da moda.¹⁷⁸⁰

— Ainda que estivesse na moda, não ha nada que n'ella¹⁷⁸¹ assente bem.

— Ora... é um pão vestido!... tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço.¹⁷⁸²

— Um nariz com tal cavallete, que parece o morro do Corcovado !...

— E a boca? ah!ah?ah!¹⁷⁸³

— Parece que anda sempre pedindo boquinhos.

¹⁷⁷³ — Tem visto muita cousa bôa: {;} olhe, não{é} por {falar}; {,} mas, ~~por exemplo~~, ha objecto {mais} ~~mais~~ interessante{, por exemplo} do que d. Luiza mostrar-se gorda, esbelta, {e} bem feita?---

¹⁷⁷⁴ — ~~É~~ Horrenda!

¹⁷⁷⁵ — ~~É~~ Um bicho!---

¹⁷⁷⁶ — E não vimos a filha do capitão com {a} sua dentadura postica?--- Agora não faz senão rir!...

¹⁷⁷⁷ Aperta

¹⁷⁷⁸ ...

¹⁷⁷⁹ ~~D.~~

¹⁷⁸⁰ — ~~D.~~ Joanninha, {você} reparou no vestido de chalim de d. Carlota?--- Quanto a mim, está absolutamente fóra da moda.

¹⁷⁸¹ {nella}

¹⁷⁸² — ~~Ora~~... {Pudera!} É um {páo} vestido!--- {, e} tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço- {!...}

¹⁷⁸³ — E a {bocca}? Ah! Ah{!}? ah!

— E que lingua ella tem !¹⁷⁸⁴

— É uma vibora !¹⁷⁸⁵

— Eu não sei porque as outras não hão-de ter como nós, que não dizemos mal de nenhuma d'ellas.¹⁷⁸⁶

— É verdade; porque, se eu quizesse falar...¹⁷⁸⁷

— Diga sempre, D.¹⁷⁸⁸ Quinquina.

— Não... não quero. Mas passando a outra cousa... D. Josefina applaude com razão a moda dos vestidos compridos.¹⁷⁸⁹

— Porque?...¹⁷⁹⁰

— Ora... porque tem pernas de canniço de sacristão.¹⁷⁹¹

— Pernas finas tambem é moda¹⁷⁹² presentemente.

— Deos me livre !... (acudiu D. Clementina); pelo menos para mim nunca deve ser; pois não. posso emendar a natureza, que me deu pernas grossas.¹⁷⁹³

— Não lhe fico atraz, juro-lhe eu (exclamou D. Quinquina).¹⁷⁹⁴

— Nem eu! nem eu! (disserão as outras duas).¹⁷⁹⁵

— Isso é bom de se dizer (tornou à primeira); mas felizmente podemos tirar as duvidas.¹⁷⁹⁶

— Como?...¹⁷⁹⁷

— Facilmente: vamos medir nossas pernas.

¹⁷⁸⁴ — E Que lingua ella tem ! {...}

¹⁷⁸⁵ — É Uma vibora !

¹⁷⁸⁶ — Eu Não sei porque as outras não hão {as outras} de ter {de ser} como nós, que não dizemos mal de nenhuma {dellas}.

¹⁷⁸⁷ — É verdade; {,} porque; se eu quizesse falar...

¹⁷⁸⁸ d.

¹⁷⁸⁹ — Não... Não quero. Mas{,} passando a outra cousa--- {,}d. {Josephina} applaude com razão {prazer} a moda dos vestidos compridos{!} :

¹⁷⁹⁰ — {Por que|?---

¹⁷⁹¹ — Ora... Porque tem pernas de {caniço} de sacristão.

¹⁷⁹² {,}

¹⁷⁹³ — Deos me livre !... {acudiu D. Clementina}; pelo menos para mim nunca deve ser; {,} pois não- posso emendar a natureza; que me deu pernas grossas.

¹⁷⁹⁴ — Não lhe fico atraz, juro-lhe eu{!} {exclamou d. {Quinquinha}}.

¹⁷⁹⁵ — Nem eu! Nem eu! {disseram} as outras duas.

¹⁷⁹⁶ — Isso é bom de se dizer{,} {tornou |a| primeira}; mas felizmente podemos tirar as duvidas.

¹⁷⁹⁷ ---

Ouvindo tal proposição, o nosso: estudante, apesar de se ver em apuros em baixo da cama, arregalou os olhos de maneira que lhe parecião querer saltar das orbitas; porém D. Gabriella, que não parecia contar comsigo, e que só por honra da firma dissera o seu — nem eu! — veio deixal-o com agua na boca.¹⁷⁹⁸

— Havia de ser engraçado! (disse ella) arregaçarmos aqui nossos vestidos.¹⁷⁹⁹

— Que tinha isso ?... (acudiu D. Quinquina) não somos todas moças?... dir-se-hia que não temos dormido juntas.¹⁸⁰⁰

— É verdade ; (acrescentou D. Clementina) e além de que não se veria demais, senão quatro ou cinco saías por baixo do segundo vestido.¹⁸⁰¹

— E tal vez algum saióte... vamos a isto !¹⁸⁰²

— Não... não... (disse por sua vez D. Joanninha).¹⁸⁰³

— Pois por mim não era a duvida (tornou D. Clementina, com ar de triumpho, recostando-se molle e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escorregar de proposito uma das pernas para fóra do leito, até tocar com o pé no chão, de modo que ficou à mostra até o joelho).¹⁸⁰⁴

— Quem me déra já casar!!! (suspirou ella).¹⁸⁰⁵

Pobre Augusto!... não te chamarei eu feliz?... elle vê a um palmo dos seus olhos a perna mais bem torneada que é possível imaginar !...¹⁸⁰⁶ atravez da finissima meia apreciava uma mistura de côr de leite com a côr de rosa, e rematando este interessante

¹⁷⁹⁸ Ouvindo tal proposição, o nosso: estudante, [apesar] de se [vêr] em apuros em baixo da cama, arregalou os olhos ~~de maneira que lhe parecião querer~~ {como a fazel-os} saltar {fóra} das orbitas; ~~porém~~ {;} D. Gabriella, {porém,} que não parecia ~~contar~~ {estar} comsigo; e que só por honra da firma dissera o seu — Nem eu! — veio deixal-o com agua na [bocca].

¹⁷⁹⁹ — Havia de ser engraçado! ~~(disse ella)~~ arregaçarmos {agora} ~~aqui~~ nossos vestidos {! Protestou ella}.

¹⁸⁰⁰ — Que tinha isso ?... (acudiu ~~D.~~ [Quinquinha] {;} não somos todas moças?... [Dir-se-ia] que não temos dormido juntas.

¹⁸⁰¹ — É verdade {;} ~~;(acrescentou D. Clementina)~~ e {,} além de que não se veria demais; senão quatro ou cinco [saías] por baixo do segundo vestido.

¹⁸⁰² — E tal vez algum [saiote]... Vamos a ~~isto~~ {isso}!

¹⁸⁰³ — Não {!}... Não {!}... ~~(disse por sua vez d. Joanninha)~~.

¹⁸⁰⁴ — Pois por mim não ~~era~~ {seja} a duvida {,} {tornou ~~D.~~ Clementina, com ar de triumpho, recostando-se molle e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escorregar de proposito uma das pernas para fóra do leito, até tocar com o pé no chão, ~~de modo que ficou à~~ {e} mostra até o {s} ~~joelho~~ {joelhos}.

¹⁸⁰⁵ — Quem me déra já casar!! ~~(suspirou ella)~~.

¹⁸⁰⁶ Pobre Augusto!... Não te chamarei eu feliz?... Elle vê a ~~um~~ {uns} palmo{s} dos ~~seus~~ olhos a perna mais bem torneada que é possível imaginar !...

painel um pézinho, que só se poderia medir a pollegadas, apertado em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pedindo um... dez... cem..., e mil beijos ; mas, quem o pensaria? não fôrão beijos, o que desejou o estudante outorgar áquelle precioso objecto ; veio-lhe ao pensamento o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada... Quasi que já se não podia suster... Já estava de boca aberta e para saltar...; porém, lembrando-se da exotica figura em que se via, metteu a roupa, que tinha enrolada, entre os dentes, e apertando-os com força contra ella, procurava illudir sua imaginação.¹⁸⁰⁷

— Quem me déra já casar ! (repetiu D. Clementina.)¹⁸⁰⁸

— Isso é facil, (disse D. Gabriella) principalmente se devemos dar credito aos que tanto nos perseguem com finezas. Olhem, eu vejo-me douda! mais de vinte me atormentão ! Querem saber o que me succedeu ultimamente ?... Eu confesso que me correspondo com cinco... isto é só para ver qual dos cinco quer casar primeiro : pois bem; hontem uma preta que vende empadas, e que sc encarrega das minhas cartas, recebeu da minha mão duas...¹⁸⁰⁹

— Logo duas?...

— Ora pois ; apesar de todas as minhas explicações, a maldita estava de môna: mesmo dizendo-lhe eu dez vezes — a de lacre azul é do Sr. Joãozinho; e a de verde é do Sr. Juca, — sabem o que fez !... Trocou as cartas.¹⁸¹⁰

¹⁸⁰⁷ Atravez da {meia} finissima ~~meia~~ apreciava uma mistura de côr de leite com a côr de rosa; e{,} rematando este interessante painel{,} um pézinho; que só se poderia medir a pollegadas, apertado em um sapatinho de setim; e que estava mesmo pedindo um... dez... cem... ~~e~~ mil beijos ; {,} Mas, quem o ~~pensaria~~{diria}? não {foram} beijos; o que desejou o estudante outorgar áquelle precioso objecto ; veio-lhe ao pensamento o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada... Quasi que ~~já-se~~ não podia ~~suster~~... {conter-se,} já estava de {bocca} aberta e para saltar... ; ~~porém~~ {mas}, lembrando-se da exotica figura em que se via, metteu a roupa, ~~que tinha~~ enrolada; entre os dentes; e{,} apertando-os com força ~~contra ella~~ , procurava illudir ~~sua~~ {a} imaginação.

¹⁸⁰⁸ — Quem me déra já casar ! {repetiu d. Clementina.}

¹⁸⁰⁹ — Isso é facil, {disse d. Gabriella{,}} }principalmente se ~~devemos dar~~ {dermos} credito aos que tanto nos perseguem com finezas. Olhem, eu vejo-me {douda}! Mais de vinte me {atormentam}! Querem saber o que me succedeu ultimamente?... ~~Eu~~ Confesso que me correspondo com cinco... isto ~~é~~ só para ver qual dos cinco quer casar primeiro{.} ÷ Pois bem; {;} hontem{,} uma preta que vende empadas; e ~~que~~ se encarrega das minhas cartas, recebeu da minha mão duas...

¹⁸¹⁰ — Ora{,} pois{,} ÷ {apesar} de todas as minhas explicações, a maldita estava de {mona}; {;} mesmo dizendo-lhe eu dez vezes — A de lacre azul é do sr. Joãozinho; e a de verde é do sr. Juca; — sabem o que {ella} fez {;} ~~!...~~ Trocou as cartas-{...}

— E o resultado?...¹⁸¹¹

— Eilo aqui; (respondeu D. Gabriella, tirando um papel do seio) ao vir embarcar, e quando descia a escada, a tal preta, com a destreza precisa, entregou -me este escripto do Sr. Joãozinho : — Ingrata! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delicto da tua perfidia ! Escreves a outro?! Compareces por tão horrivel crime perante o jury do meu coração ; e bem, que tenhas n'esse tribunal a tua belleza poradvogada, o meu ciume e justo ressentimento, que são os juizes, te condemnão às perpetuas galés do desprezo ; e só te poderás livrar d'ellas, se appellares d'essa sentença para o poder moderador de minha cega paixão.¹⁸¹²

— Bravo, D. Gabriella! o Sr. Joaozinho é sem duvida estudante de jurisprudencia?¹⁸¹³

— Não; é Doutor.¹⁸¹⁴

— Bem mostra¹⁸¹⁵ pelo bem que escreve.

— Mas eu sou bem tola! [...]to tudo o que me succede, e ninguem me confia nada!¹⁸¹⁶

— Isso é razoavel: (disse D. Clementina) nós devemos pagar com gratidão a confiança de D. Gabriella. Eu começo declarando que estou compromettida com O Sr. Felipe a deixar esta noite, embaixo da quarta roseira da rua do jardim que vai direita ao caramanchão, um embrulhozinho com uma trança de meu: cabellos.¹⁸¹⁷

¹⁸¹¹ ...

¹⁸¹² — |Eil-o| aqui;-({,}respondeu d. Gabriella, tirando um papel do seio) {.} Ao vir embarcar, e quando descia{,} a-escada, a tal preta, com a destreza precisa, entregou -me este escripto do ~~Sr.~~ Joãozinho : — {“} Ingrata! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delicto da tua perfidia! Escreves a outro?|{...} Compareces por tão horrivel crime perante o jury do meu coração;-{;}e{,} bem, que tenhas |nesse| tribunal a tua belleza |por advogada{o}|, e meu ciume e justo ressentimento, que são os juizes, te |condemnam| às ~~perpetuas~~ galés {perpetuas} do desprezo ; e só te poderás livrar |dellas|, se appellares |dessa| sentença para o poder moderador de minha |cega| paixão. {“}

¹⁸¹³ — Bravo, ~~D.~~ Gabriella! O {tal} ~~Sr.~~ |Joãozinho| é sem duvida estudante de jurisprudencia {!}?

¹⁸¹⁴ — Não;- {,} é doutor.

¹⁸¹⁵ {,}

¹⁸¹⁶ — Mas eu sou bem tola! [...] {Com}to tudo o que me succede, e ninguem me confia nada!

¹⁸¹⁷ — Isso {não} é razoavel;-({,}disse d. Clementina) {;}nós devemos pagar com gratidão a confiança de ~~D.~~ Gabriella. Eu começo declarando que estou compromettida com ~~O-Sr.~~ {o} Felipe a deixar esta noite, |em baixo| da quarta roseira da rua do jardim que |vae| direita ao caramanchão, um embrulhozinho com uma ~~trança~~ {medeixa} de meu: cabellos.

— Que asneira !... por que não lhe entrega ou não lh'o manda entregar?...¹⁸¹⁸

— Ora!... eu tenho muita vergonha... antes quero assim ; até parece romantico.¹⁸¹⁹

— São caprichos de: namorados! (fallou D. Quinquina) havia tanto tempo para isso mas enfim, de futilidades é que amor se alimenta. Queremver uma d'essas? ...¹⁸²⁰o meu predilecto; está de luto, e por isso exige que eu vá à festa de... com uma fita preta no cabello, em signal de sentimento ; exige ainda que eu não valsê, mais, que eu não tome sorvetes para não constipar, que não dê *dominus tecum* a moço nenhum que espirrar ao pé de mim, e que jamais me ria quando elle estiver sério: e a tudo isso julga elle ter muito direito por ser Tenente da Guarda Nacional! pois por isso mesmo ando agora de fita branca no cabello, valso todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou *dominus fecum* aos moços, mesmo quando elles não espirrão, e não posso ver o Sr. Tenente Gusmão serio sem soltar uma gargalhada.¹⁸²¹

— Olhem lá o diabinho da sonsa!... (murmurou com sigio mesmo Augusto embaixo da cama).¹⁸²²

— E você, mana, não diz nada?... (perguntou ainda ella a D. Joanninha.)¹⁸²³

— Eu... o que hei de dizer?... (respondeu esta) digo que ainda não amo.¹⁸²⁴

¹⁸¹⁸ — Que asneira !... [Porque] não-lhe entrega {de uma vez} ou não lh'o manda entregar?...

¹⁸¹⁹ — Ora!... Eu tenho muita vergonha... antes {,} quero {antes} assim{,} ; até parece romantico {...}:-

¹⁸²⁰ — São caprichos de: namorados! (fallou {explicou} d. [Quinquinha]) {.} Havia tanto tempo para isso{!} Mas{,} enfim, de futilidades é que {o} amor se alimenta. Queremver {Querem ouvir} uma d'essas? ...

¹⁸²¹ O meu predilecto; está de [lucto], e por isso exige que eu vá |a| {uma} festa de... com uma fita preta no cabello, em signal de sentimento; exige ainda que eu não [valse], mais, que eu não tome sorvetes para não {me} constipar, que não dê *Dominus tecum* a moço nenhum que espirrar ao pé de mim, e que [jamais] me ria quando elle estiver sério; {;} e a tudo isso julga elle ter muito direito{,} por ser tenente da guarda nacional! Pois{,} por isso mesmo{,} ando agora de fita branca no cabello, valso todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou *Dominus tecum* aos moços, mesmo {que} quando elles não [espirram], e não posso [vêr] o sr. tenente Gusmão [sário] sem soltar uma gargalhada.

¹⁸²² (murmurou [comsigio] mesmo Augusto{,} [em baixo] da cama).

¹⁸²³ ... (perguntou ainda ella [á] d. Joanninha.)

¹⁸²⁴ — Eu{?} ... e Que hei de dizer?... (respondeu esta) Digo {apenas} que ainda não amo.

— É a unica que ama devéras (pensou o estudante, a quem já -doião as cadeiras de tanto agachar-se.)¹⁸²⁵

— Eo Sr. Fabricio?... e o Sr. Fabricio... (exclamarão as tres).¹⁸²⁶

— Pois bem ; (tornou D. Joanninha) é o unico de quem gosto.¹⁸²⁷

— Mas que temos nós feito hoje n'esta ilha?... que triumphos havemos conseguido?... vaidade para o lado, moças bonitas como somos, devemos ter conquistado alguns corações !¹⁸²⁸

— Juro que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do Sr. Leopoldo (disse D. Quinquina); mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir com paciencia quanta frivolidade vem à cabeça — não direi à cabeça, por que parece que os tolos como que não a tem — porém aos labios de um desexxabido namorado. O tal Sr. Leopoldo... não é graça; eu ainda não vi estudante mais desestudavel.¹⁸²⁹

— Vossê, D. Joanninha, (acudiu D. Clementina) tem-se regalado hoje com o incomparavel Fabricio: não lhe gaho o gosto... só as perninhas que elle tem!...¹⁸³⁰

— Ora, (respondeu aquella) ainda não tive tempo de olhar para as pernas... mas tambem vossê parece que não se arripia muito com a corcova de nariz de meu primo; confessemos, minha amiga, todas nós gostamos de ser conquistadoras.¹⁸³¹

— Pois confessemos...¹⁸³² isso é verdade.

¹⁸²⁵ — É a unica que ama devéras{!} (pensou o estudante, a quem já -doião as cadeiras de tanto agachar-se.)

¹⁸²⁶ — E{ }o sr. Fabricio?... ~~e o Sr. Fabricio...~~ (exclamaram| as tres).

¹⁸²⁷ — Pois bem{,} ;(~~tornou d. Joanninha~~){;}é o unico de quem gosto.

¹⁸²⁸ — Mas que temos nós {hoje} feito ~~hoje~~ |nesta| ilha?... Que triumphos havemos conseguido?...Vaidade {de} ~~para o lado~~, {;} moças bonitas como somos, devemos ter conquistado alguns corações!

¹⁸²⁹ sr. Leopoldo{,} (disse d. |Quinquinha|); mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir com paciencia quanta frivolidade vem |á| cabeça — não direi |á| cabeça, |porque| parece que os tolos ~~como que~~ não a |têm| — ~~porém~~ {mas} aos labios de um ~~desexxabido~~ namorado {desexxabido}. O tal sr. Leopoldo... não é graça; {, mas} eu ainda não vi estudante mais desestudavel.

¹⁸³⁰ — |Você|, d. Joanninha, (~~acudiu d. Clementina~~)-{,} tem-se regalado hoje com o incomparavel Fabricio: {,} Não lhe |gabo| o gosto... Só as perninhas que elle tem!...

¹⁸³¹ — Ora, (~~respondeu aquella~~)-{,} ainda não tive tempo de {lhe} olhar para as pernas... Mas tambem |você| parece que não se |arrepia| muito com a corcova ~~de~~ {do} nariz ~~de~~ {do} meu primo; confessemos, minha amiga, {que} todas nós gostamos de ser conquistadoras.

¹⁸³² ,

— Pela minha parte não digo nada: (assobiou D. Gabriella, mirando-se no espelho) mas enfim... eu não sei se sou bonita ; mas, onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores: hoje, por exemplo, tenho-me visto douda... perseguirão-me constantemente seis... era impossível ter tempo de mangar com todos a preceito.¹⁸³³

— Mas, D. Gabriella, onde está o seu talento ?...¹⁸³⁴

— Pois bem, que se ponha outra no meu lugar.¹⁸³⁵

— Alguns homens zombariam de doze de nós outras a um tempo... houve já um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel :¹⁸³⁶

N'um dia, n'uma hora,¹⁸³⁷

No mesmo lugar,

Eu gosto de amar

Quarenta,

Cincoenta,

Sessenta:

Se mil fôrem¹⁸³⁸ bellas,

Amo a todas ellas.

— Que patéta¹⁸³⁹!...

— Que tolo!...

¹⁸³³ — Pela minha parte não digo nada: {,} {assobiou d. Gabriella, mirando-se no espelho} {;} mas{,} enfim--- {,} eu não sei se sou bonita ; ~~mas~~, onde quer que {eu} esteja, {porém,} vejo-me sempre cercada de ~~adoradores~~: {admiradores.} Hoje, por exemplo, tenho-me visto |doida|{!}... |Perseguiram-me| constantemente seis... Era impossível ter tempo de mangar com todos a preceito.

¹⁸³⁴ — Mas, d. Gabriella, onde |está| o seu talento?...

¹⁸³⁵ — ~~Pois bem~~, Que se ponha outra no meu lugar.

¹⁸³⁶ — Alguns homens |zombariam| de doze de nós outras a um tempo... Houve ~~já um~~, que não teve vergonha de escrever isto ~~em um papel~~ :

¹⁸³⁷ |Num| dia, |numa| hora,

¹⁸³⁸ |forem|

¹⁸³⁹ |pateta|

— Que vaidoso!... ¹⁸⁴⁰

— Essa opinião segue também o Augusto!

— Oh!... e esse papelão?! ¹⁸⁴¹

— Eil-as comigo (murmurou entre dentes o nosso estudante, estendendo o pescoço a modo de kágado). ¹⁸⁴²

— Como lhe fica mal aquella cabelleira!... assemelha-se muito a uma preguiça.

— Tem as pernas tortas... ¹⁸⁴³

— Eu creio que elle é carcunda ¹⁸⁴⁴.

— Não; ¹⁸⁴⁵ aquillo é magreza.

— Forte impertinente! fallando, ¹⁸⁴⁶ é um Lucas...

— Ha de ser interessante dançando!... ¹⁸⁴⁷

— Vamos nós tomal-o a nossa conta? ¹⁸⁴⁸

— Vamos: pensemos nos meios de zombar delle cruelmente.... ¹⁸⁴⁹

— Pois pensemos....

Mas ellas não tiveram tempo de pensar, porque n'esse momento ouviu-se um grito de 'dôr, ao qual seguiu-se viva agitação no interior d'aquella casa, onde inda ha pouco só se respirava prazer e delicias. As quatro moças levantarão-se espantadas. ¹⁸⁵⁰

— Pareceu-me a voz da minha prima Carolina! (exclamou D. Joanninha). ¹⁸⁵¹

— Coitada ! que ¹⁸⁵² lhe succederia ?...

¹⁸⁴⁰ ...

¹⁸⁴¹ — Oh!... e Esse papelão {paspalhão}?!
¹⁸⁴² — Eil-as |commigo|{!} {murmurou entre {os} dentes o nosso estudante, |extendendo| o pescoço a modo de kágado}.

¹⁸⁴³ .
¹⁸⁴⁴ |carcunda|
¹⁸⁴⁵ ,
¹⁸⁴⁶ |Falando| ;
¹⁸⁴⁷ ...

¹⁸⁴⁸ — Vamos nós tomal-o |á| nossa conta?

¹⁸⁴⁹ — ~~Vamos:~~ Pensemos nos meios de zombar delle cruelmente....{.}

¹⁸⁵⁰ Mas ~~ellas~~ não |tiveram| tempo de pensar, porque |nesse| momento {se} ouviu-se um grito de 'dôr, ao qual seguiu-se viva agitação no interior |daquella| casa, onde ~~inda~~ {até} ha pouco só se respirava prazer e delicias. As quatro moças |levantaram-se| espantadas.

¹⁸⁵¹ — Pareceu-me a voz da {Moreninha!} ~~minha prima Carolina!~~ (exclamou d. Joanninha).

¹⁸⁵² Que

Vamos ver.¹⁸⁵³

As quatro moças correrão precipitadamente para fóra do quarto.¹⁸⁵⁴ Augusto, que não estava menos assustado, sahiu de seu escondrijo, vestiu-se apressadamente, e ia por sua vez deixar aquelle lugar, em que se vira em tantos apuros, quando deu com os olhos na carta do Sr. Joãozinho, que com a pressa e agitação havia D. Gabriella deixado cahir.¹⁸⁵⁵

O estudante apanhou e guardou aquelle interessante papel: e com promplidão e cuidado pôde, sem ser visto, escapar-Se do gabinete.¹⁸⁵⁶

Um instante depois foi cuidadoso de procurar caber a causa do rumor que ouvira.¹⁸⁵⁷

O grito de dôr tinha sido com effeito soltado por D. Carolina.¹⁸⁵⁸

¹⁸⁵³ {—} Vamos |vêr|{...}.

¹⁸⁵⁴ As quatro moças |correram| precipitadamente para fóra do quarto. *Fim de parágrafo*

¹⁸⁵⁵ Augusto, ~~que não estava~~ menos assustado, sahiu ~~de~~ {do} seu escondrijo, vestiu-se apressadamente, e ia{,} por sua vez{,} deixar {o refugio onde} ~~aquelle lugar, em que se vira em tantos apuros, quando deu com os olhos na carta do sr. Joãozinho, que com a pressa e agitação havia~~ d. Gabriella {havia} deixado cahir.

¹⁸⁵⁶ ÷ {;} e{,} com ~~promplidão~~ {rapidez} e cuidado |poude|, sem ser visto, escapar-se do gabinete.

¹⁸⁵⁷ Um instante depois foi {indagar} ~~cuidadoso de procurar caber~~ a causa {do grito} ~~do rumor~~ que ouvira.

¹⁸⁵⁸ ⦿ {Esse} grito de dôr tinha sido{,} com effeito soltado{,} ~~por D. Carolina~~ {pela Moreninha}.

XIII

OS QUATRO EM CONFERENCIA

Ninguém se arreceie pela nossa travessa:¹⁸⁵⁹ o grito de dôr foi na verdade seu; mas, se alguém corre perigo, não é certamente ella. O caso é simples.

Morava com a Sra. D. Anna uma pobre mulher, por nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da despotazinha d'aquella ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de arma. Os desvelos e incommodos, que tivera na criação da menina, lhe erão sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.¹⁸⁶⁰

Ora, todos se tinham ido para o jardim logo depois do jantar; mas o nosso amigo Keblerc achára justo e prudente deixar-se ficar fazendo honras ameia duzia de lindas garrafas, das quaes se achava ternamente enamorado: comtudo elle pensava que seria mais feliz, se deparasse com um companheiro que o ajudasse a requestar aquellas bellezas; era um amante sem zelos. Por infelicidade de Paula, o Allemão a lorigou ao entrar n'um quarto; chamou-a, obrigou-a a sentar-se junto de si, mostrou por ella o mais vivo interesse, e depois convidou-a a beber à saude de seu pai, e sua mãe e sua familia.¹⁸⁶¹

Não havia remedio, senão corresponder a brindes tão obrigativos. Depois não houve ninguém no mundo, a quem Keblerc não julgasse dever com a sua meia lingua dirigir uma saúde; e como já estivesse um pouco impertinente, forçava Paula a virar

¹⁸⁵⁹ ;

¹⁸⁶⁰ Morava com a Sra. D. {don'} Anna uma pobre mulher, por {de} nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da {pertencia á} despotazinha d'aquella {da} ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de |ama|. Os desvelos e incommodos, que tivera na criação da menina, lhe |eram| sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.

¹⁸⁶¹ Ora, todos se |tinham| ido para o jardim logo depois do jantar; mas o nosso amigo Keblerc achára justo e prudente deixar-se ficar fazendo honras |a meia| duzia de lindas garrafas, das quaes se achava ternamente enamorado: {;} comtudo {pensava} elle pensava que seria mais feliz; {se} se {encontrasse} deparasse com um companheiro que o ajudasse a requestar aquellas bellezas; era um amante sem zelos. Por infelicidade de Paula, o allemão a lorigou a entrar |num| quarto; {,} chamou-a, obrigou-a a sentar-se junto de si, mostrou por ella o mais vivo interesse; e depois convidou-a a beber |á| saude de seu |pae| e sua |mãe| e sua familia.

cópos cheios. Passado algum tempo, e muito naturalmente, Paula se foi tornando alegrezinha, e por sua vez desafiava Keblerc a fazer novos brindes: em resultado as seis garrafas fôrão--se. Paula deixou-se ficar sentada, risonha e immove, junto à meza, enquanto o Álleão, rubicundo e reluzente, se dirigiu para a sala.¹⁸⁶²

Quando d'ahi a pouco a ama de D. Carolina quiz levantar-se, pareceu-lhe que estava uma nuvem diante de seus olhos; que os cópos dançavão, que havião duas mesas, duas salas, e tudo em dobro : ergueu-se e sentiu que as parêdes andavão-lhe á roda, que o assoalho abaixava-se e levantava-se debaixo dos pés : depois... Não pôde dar mais que dous passos; cambaleou, e acreditando sentar-se n uma cadeira, cahiu com estrondo contra uma porta. Logo confusão e movimento... Ninguém ousou pensar que pia sempre sobria e inimiga de espiritos, se tivesse deixado embriagar; e por isso corrêão alguns? escravos para o jardim, gritando que Paula acabava de ter um ataque.¹⁸⁶³

A primeira .pessoa que entrou er casa foi D. Carolina, que, vendo a infeliz mulher estirada no assoalho, cahiu sobre ella, exclamando com força : — Oh minha mãi !... — Foi este o seu grito de dôr.¹⁸⁶⁴

Momentos depois Paula se achava deitada n'uma bôa cama, e rodeada por toda a familias; porém havia algazarra tal, que mal se entendia uma palavra.¹⁸⁶⁵

¹⁸⁶² Não havia remedio; senão corresponder a brindes tão obrigativos. Depois{,} não houve ninguém no mundo; a quem Keblerc não julgasse dever com a sua meia lingua dirigir uma |saude|; e como já estivesse um pouco impertinente, forçava Paula a virar |copos| cheios. Passado algum tempo, e muito naturalmente, Paula se foi tornando alegrezinha, e por sua vez desafiava Keblerc a ~~fazer~~ novos brindes {e suas garrafas se foram}; ~~em resultado as seis garrafas fôrão--se~~. Paula deixou-se ficar sentada, risonha e immove; junto |á| |mesa|, enquanto o allemão, rubicundo e reluzente, se dirigiu para a sala.

¹⁸⁶³ Quando |dahi|, a pouco a ama de ~~D.~~ Carolina quiz levantar-se, pareceu-lhe que {tinha um} ~~estava uma~~ nuvem |deante| ~~de seus~~ {dos} olhos; {, e} que os cópos |dançavam|, {e} que {havia} ~~havião~~ duas mesas, duas salas; e tudo em dobro{;} ÷ ergueu-se e sentiu que as |paredes| {lhe andavam} ~~andavão-lhe~~ á roda, que o assoalho {se} abaixava-se e {se} levantava-se debaixo dos pés{.} ÷ Depois-- não |poude| dar mais que |dois| passos; {,} cambaleou; e{,} acreditando sentar-se |numa| cadeira, cahiu com estrondo {de encontro a} ~~contra~~ uma porta. Logo {Grande} confusão e {barulho} ~~movimento~~. Ninguém ousou pensar que ~~pia~~ {Paula,} sempre sobria e inimiga de {bebidas} ~~espiritos~~, se tivesse deixado embriagar; e por isso |correram| alguns? escravos para o jardim, gritando que Paula acabava de ter um ataque.

¹⁸⁶⁴ A primeira ~~er~~ |pessoa| que entrou ~~er~~ {em} casa foi ~~D.~~ Carolina, que, vendo a infeliz mulher estirada no assoalho, cahiu sobre ella, exclamando com {desespero} ~~força~~ :

— Oh {,} minha |mãe| !...

— Foi este o seu grito de dôr {ouvido}. *Corte de parágrafo*

¹⁸⁶⁵ Momentos depois{,} Paula se achava deitada |numa| |boa| cama; e rodeada por toda a familias; ~~porém~~ {; mas era} ~~havia~~ {tal a} algazarra ~~tal~~, que mal se entendia uma palavra.

— Isto foi o jantar que lhe deu na fraqueza; (gritou uma avelhentada matrona, que se suppunha com muito geito para a medicina) é fraqueza complicada com o tempo frio... não vale nada... venha um cópo de vinho!¹⁸⁶⁶

E dizendo isto, foi despejando meia garrafa de vinho na boca da pobre Paula, que, por mais que lepida e risonha o fosse engulindo a largos tragos, não pôde livrar-se de que a interessante Esculapia lhe entornasse bôa porção pelos vestidos.¹⁸⁶⁷

— São maleitas ! (exclamava D. Violante, com toda a. força de seus pulmões) são maleitas! quem lhe olha para o nariz diz logo que são maleitas ! Eu já vi curar-se uma mulher, que teve o mesmo mal, com cauda de cobra moida torrada, e depois desfeita n'um cópo d'agua tirada do póte velho com um côco novo e com a mão esquerda pelo lado da parêde. É fazer isto já.¹⁸⁶⁸

— São lombrigas! (gritava uma terceira).¹⁸⁶⁹

— É ataque de estupôr ! (bradava a quarta senhora).¹⁸⁷⁰

— É espirito maligno ! (acudiu outra, que foi mais ouvida que as primeiras) é espirito maligno, que lhe entrou no corpo ! venha quanto antes um pádre com agua benta e seu breviario.¹⁸⁷¹

— Ora, para que estão com tal azafama?.. (disse uma senhora que acabava de entrar no quarto) não se vê logo que isto não passa de uma môna, que a bôa da Paula tomou? Olhem; até tem o vestido cheio de vinho.¹⁸⁷²

¹⁸⁶⁶ — Isto foi o jantar que lhe deu na fraqueza; (gritou uma avelhentada matrona, que se suppunha com muito geito para a medicina) {;} é fraqueza complicada com o tempo frio {,} --- não vale nada... Venha um |copo| de vinho!

¹⁸⁶⁷ E{,} dizendo isto, foi despejando meia garrafa de vinho na |bocca| da pobre Paula, que, por mais ~~que~~ |lépida| e risonha {que} ~~e fosse~~ engulindo a largos tragos, não |poude| livrar-se de que a interessante Esculapia lhe entornasse bôa porção pelos vestidos.

¹⁸⁶⁸ — São maleitas! {exclamava d. Violante, com toda a- força ~~de~~ {dos} seus pulmões} {,} São maleitas! Quem lhe olha para o nariz diz logo que são maleitas! Eu já vi curar-se uma mulher, que teve o mesmo mal, com cauda de cobra moida{,} torrada, e depois desfeita |num| |copo| d'agua tirada ~~de~~ {de} |pote| velho com um côco novo e com a mão esquerda ~~pelo~~ {do} lado da |parede|. E{'} fazer isto já.

¹⁸⁶⁹ {gritava uma terceira}.

¹⁸⁷⁰ — ~~É~~ Ataque de |estupor| ! {bradava a quarta senhora}.

¹⁸⁷¹ {acudiu outra, que foi mais ouvida que as primeiras}-{};é espirito maligno; que lhe entrou no corpo! Venha quanto antes um |padre| com agua benta e seu breviario.

¹⁸⁷² ?--{...} disse uma senhora{,} que acabava de entrar ~~no quarto~~ {,} Não se vê logo que {isso} ~~isto~~ não passa de uma |mona|, que a |boa| ~~da~~ Paula tomou? Olhem; {, tem} até ~~tem~~ o vestido cheio de vinho.

— Mõna, não senhora ! (acudiu D. Carolina) a minha Paula nunca teve tão feio costume ; e se está molhada com vinho, a culpa é d'esta senhora, que à pouco lhe despejou meia garrafa por cima. Oh! é bem cruel que, mesmo vendo-se a minha dôr, digão semelhantes cousas !..¹⁸⁷³

No meio de toda esta balburdia era de ver-se o zelo e a solicitude da menina travessa!... observava-se aquella Moreninha de quinze annos, que parecêra sómente capaz de brincar e ser estouvada, correndo de uma para outra parte, prevenindo tudo, e apparecendo sempre onde se precisava apressar um serviço ou acudir aum reclamo. Só cuidava de si quando devia enxugar as lagrimas.¹⁸⁷⁴

Junto do leito apparecêrão os quatro estudantes. Curto foi o exame. O rosto e o bafo da doente bastarão para denunciar-lhes com evidencia a natureza da molestia.¹⁸⁷⁵

— Isto não vale a pena; (disse Felipe, em tom baixo a seus collegas) é uma mõna de primeira ordem.¹⁸⁷⁶

— Está claro:¹⁸⁷⁷ vamos socegar estas senhoras.

— Não; (tornou Felipe, sempre em voz baixa) aturdidias pelo caso repentino, e preoccupadas pela sobriedade d'esta mulher, nenhuma d'ellas quer ver o que está diante de seus olhos, nem sentir o cheiro que lhes está entrando pelo nariz: minha irmã ficaria inconsolavel, brigaria com nosco, e não nos acreditaria se lhe dicessemos que sua ama

¹⁸⁷³ — [Mona], não senhora! {acudiu D. Carolina} {;} a minha Paula nunca teve tão feio costume ; e {,} se está molhada ~~em~~ {de} vinho, a culpa é |desta| senhora, que {há} à-pouco lhe despejou meia garrafa {em} ~~por~~ cima. Oh! {,} é bem cruel ~~que~~ , mesmo ~~vendo-se a~~ {deante da} minha dôr, {que se} |digam| semelhantes cousas !..

¹⁸⁷⁴ No meio de toda esta balburdia era de |vêr-se| o zelo e a solicitude da menina travessa!... ~~observava-se~~ Aquella moreninha de quinze annos, que ~~parecêra~~ {parecia} |samente| capaz de brincar e ser estouvada {brincadeiras e estouvamentos}, ~~correndo~~ {corria} de uma para ~~outra~~ {outro} parte, prevenindo tudo, e apparecendo sempre onde se precisava apressar um serviço ou acudir |a um| reclamo. Só cuidava de si quando ~~devia enxugar~~ {enxugava} as lagrimas.

¹⁸⁷⁵ Junto do leito |appareceram| os quatro estudantes.

Curto foi o exame. O rosto e o bafo da doente |bastaram| para denunciar-lhes com evidencia a natureza da molestia. *Corte de parágrafo*

¹⁸⁷⁶ — Isto não vale a pena; {,} {disse Felipe,—em tom baixo a seus collegas} {;} é uma |mona| de primeira ordem.

¹⁸⁷⁷ ,

se embebedou; e portanto podemos aproveitar as circunstancias, zombar de todas ellas, e divertir-nos fazendo uma conferencia.¹⁸⁷⁸

— Oh diabo!... isso é do catechismo dos charlatães!¹⁸⁷⁹

— Ora não sejas tolo ; não pareces estudante: levemos lançar mão de tudo o que nos possa dar prazer, e não offenda os outros.¹⁸⁸⁰

— Mas que iremos dizer n'esta conferencia, senão que ella está espirituosa demais? (perguntou Augusto).¹⁸⁸¹

— Diremos tudo o que nos vier à cabeça, ficando entendido que as honras perlencerão ao que maior numero de asneiras produzir : o caso é que nos não entendão, ainda que tambem nos não entendamos.¹⁸⁸²

— Ha de ser bonito (tornou Augusto) à¹⁸⁸³ vista de tanta gente, que por força conhecerá esta patacoada.

— Qual conhecer? aqui ninguem nos entende (tornou Felhppe, que voltando-se para os circunstantes, disse com voz theatralmente solemne:

— « Meus senhores, rogamos breves momentos: de attenção; queremos conferenciar). »¹⁸⁸⁴

Movimento de curiosidade.

¹⁸⁷⁸ — Não;—({!} tornou |Felippe|, sempre em voz baixa) {.} Aturdidas pelo caso repentino, e preocupadas pela {conhecedoras da} sobriedade |desta| mulher, nenhuma d'ellas quer |vêr| o que está diante de seus {dos} olhos, nem sentir o cheiro que lhes está entrando pelo nariz; {;} minha irmã ficaria inconsolavel, brigaria |comnosco|, e não nos acreditaria se lhe |dissessemos| que sua ama se embebedou; e{,} portanto{,} podemos {o melhor é} aproveitar as circunstancias, zombar de todas |ellas|; e divertir-nos fazendo uma conferencia.

¹⁸⁷⁹ — Oh{,} diabo!... Isso é do |catecismo| dos charlatães!

¹⁸⁸⁰ — Ora Não sejas tolo{;} ; não pareces estudante: levemos {;} devemos {;} lançar mão de tudo o que nos possa dar prazer, e não offenda os outros.

¹⁸⁸¹ — Mas que iremos dizer |nesta| conferencia, senão que ella está espirituosa demais? {perguntou Augusto}.

¹⁸⁸² |á| cabeça, ficando entendido que as honras |pertenceram| ao que maior numero de asneiras produzir {;} ÷o caso é que nos não |entendam|, ainda que tambem nos não entendamos.

¹⁸⁸³ — Ha de ser bonito{,} {tornou Augusto} {,} |á|

¹⁸⁸⁴ — Qual{,} conhecer? {!} Aqui ninguem nos entende{,} {tornou |Felippe|; {;} e,} que voltando-se para os circunstantes, disse com voz theatralmente {theatral e} solemne: — « Meus senhores, rogamos breves momentos; de attenção; queremos conferenciar». »Parágrafos unificados.

Seguiu-se novo exame da enferma, no qual os quatro estudantes fingirão observar o pulso? a lingua, o rosto, e os olhos da enferma ; auscul tãrão e percutirão-lhe o peito, e fizerão todas as outras pesquisas do costume.¹⁸⁸⁵

Depois elles se collocárão em um dos angulos do quarto; Fellippe teve a palavra.
— Profundo silencio.¹⁸⁸⁶

— Acabastes, senhores, de fazer-me observar uma enfermidade que não nos deixa de pedir sérias atenções, e sobre a qual eu vou respeitosa e submeter o meu juizo. Poucas palavras bastão. A molestia de que nos vamos occupar, não é nova para nós ; creio mesmo, senhores, que qualquer de vós já a tem padecido muitas vezes...¹⁸⁸⁷

— Está enganado.¹⁸⁸⁸

— Não respondo aos apartes. Eu diagnostico uma bacchites. Concebe-se perfeitamente que as esesias desenvolvidas pela decomposição dos étheres espamodicos e engendrados no alambique intestinal, uma vez que a compressão do diaphragma lhes cause vibrações sympathicas, que os fação caminhar pelo canal colledoco até o periostio dos pulmões...¹⁸⁸⁹

— *C'est trop fort !...*

— D'ahi passando à gorge, perturbem a chimificação da hematose, que por isso se tornando em lymph a hemostatica, vá de um jacto causar um tricocephalo no esphenoide, podendo mesmo produzir uma proctorrhagia nas glandulas de Meyer, até que, penetrando pelas camaras opticas, no sphintter do cerebello, cause um retrocesso

¹⁸⁸⁵ os ~~quatro~~ estudantes [fingiram] observar o pulso? {,} a lingua, o rosto; e os olhos da enferma; [auscultaram] e [percutiram-lhe] o peito; e [fizeram] todas as outras pesquisas do costume.

¹⁸⁸⁶ Depois ~~elles se~~ [collocaram]{-se} em um dos angulos do quarto; {e} [Felippe] teve a palavra. — Profundo silencio. *Quebra de parágrafo.*

¹⁸⁸⁷ ~~atenções~~ {reflexões}; e {,} sobre a qual {,} ~~eu~~ vou respeitosa e submeter{-vos} o meu juizo. Poucas palavras [bastam]. A molestia de que nos vamos occupar; não é nova para nós; creio{,} mesmo, senhores, que qualquer de vós já a tem padecido muitas vezes...

¹⁸⁸⁸ !

¹⁸⁸⁹ Eu diagnostico uma bacchites. Concebe-se perfeitamente que as [ethesias] desenvolvidas pela decomposição dos [etheres] {espasmodicos} ~~espanmodicos~~ e engendrados no alambique intestinal, uma vez que a compressão do diaphragma lhes {causa} ~~cause~~ vibrações sympathicas, que os [façam] caminhar {pela} ~~pelo~~ canal colledoco até o periostio dos pulmões...

prostatico, como pensão os modernos authores, e promovão uma rebellião entre os individuos cerebraes: por consequencia isto é nervoso.¹⁸⁹⁰

— Muito bem concluido.

— - O tratamento que proponho é concludente: algumas gotas de ether sulfurico numa taça de liquido fontaneo assucarado; o cozimento dos fructos do cofea arabica torrados, ou mesmo o thea sinensis: e quando isto não baste, o que julgo impossivel, as nossas lancetas estão bem afiadas, e duas libras de sangue de menos não farão falta à doente: disse.¹⁸⁹¹

— Como elle falla bem (murmurou uma das moças).¹⁸⁹²

Fabricio tomou a palavra.

— Sangue ! sempre sangue ! eis a medicina romantica do insignificante Broussais mas eu detesto tanto a medicina sanguinaria, como a estercoraria, herbaria, sudoraria, e todas as que acabão em aria.¹⁸⁹³ Desde Ilippocrates, que foi o maior charlatão de seu tempo, até os nossos dias, tem triumphado a ignorancia: mais já em fim brilhou o sol da sabedoria... Hahnemann !... ah !... quebrai vossas lancetas, senhores; para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homeopathica com o Amazonas ao pé!... queimar todos os vossos livros; porque a verdade está? só exclusivamente no alcorão de nosso Mafôma no Organon do grande homem! Ah ! se depois; do divino systema morre por acaso alguém, é por se não ter ainda descoberto o meio de dividir em um milhão de partes cada simples átomo da materia ! Senhores, eu concordo com o diagnostico de

¹⁸⁹⁰ — {... e} d'ahi passando à ~~gorge~~ {garganta}, ~~pertubem~~ {pertubam} a chimificação da hematose, que por isso se ~~tornando~~ {torna} em lymphæ hemostatica, vá de um jacto causar um tricocephalo no esphenoide, podendo mesmo produzir uma ~~proctorrhagia~~ {prostorrhagia} nas glandulas de Meyer, até que, penetrando pelas camaras opticas, no ~~sphinter~~ de cerebello, cause um retrocesso prostatico, como |pensam| os modernos |auctores|, e |promovam| uma rebellião entre os individuos cerebraes: por consequencia isto {,} é nervoso.

¹⁸⁹¹ — - O tratamento que proponho é concludente: algumas |gottas| de ether sulfurico numa taça {do} ~~de~~ liquido fontaneo assucarado; o cozimento dos fructos do *cofea arabica* torrados, ou mesmo o *thea sinensis*{,}; e quando isto não baste, o que julgo impossivel, as nossas lancetas estão bem afiadas; e duas libras de sangue de menos não farão falta à doente: {,} Disse.

¹⁸⁹² — Como ~~elle~~ |fala| bem{!} ~~(murmurou uma das moças)~~.

¹⁸⁹³ — Sangue! Sempre sangue! Eis a medicina romantica do insignificante Broussais{!} Mas eu detesto tanto a medicina sanguinaria, como a estercoraria, herbaria, sudoraria; e todas as que |acabam| em aria.

meu collega; mas devo combater o tratamento por elle offerecido. Uma taça de liquido fontaneo assucarado, e acidulado com algumas gotas de ether sulfurico, é em minha opinião capaz de envenenar a todos os habitantes da China ! O mesmo direi do cozimento do cofea arabica...¹⁸⁹⁴

— Mas porque não tem morrido envenenados os que por vezes o tem tomado?...¹⁸⁹⁵

— Eis ahi a consideração que os leva ao erro! Senhor meu collega, é porque a acção malefica d'esses medicamentos não se faz sentir logo... às vezes só apparece depois de cem, duzentos, e mais annos: eis a grande verdade!... Mas eu tenho observações de molestias de natureza da que nos occupa, e que vão mostrar a superiuridade do meu systema : oução-me. Uma mulher padecia este mesmo raal: já tinha soffrido trinta sangrias, havião-lhe mandado applicar mais de tresentas bichas, purgantes sem conta, vomitorios às duzias, e tisanas aos milheiros: quiz o seu bom genio que ella recorresse a um homeopatha, que com tres dóses; das quaes cada uma continha apenas-a trimillionesima parte de um quarto de grão de nihilitas nibilitatis, a poz completamente restabelecida; e quem quizer póde ir vel-a na rua... É certo que não me

¹⁸⁹⁴ Desde [Hippocrates], que foi o maior charlatão de {do} seu tempo, [ate] os nossos dias, tem triumphado a ignorancia; {;} mais já em fim brilhou{, emfim,} o sol da sabedoria--- {;} Hahnemann !... Ah{.} !--- [quebrae] vossas lancetas, senhores; para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homeopathica com o Amazonas ao pé!... ~~queimar~~ {Queimae} todos os vossos livros; {,} porque a verdade está² só exclusivamente no alcorão de {do} nosso [Mafoma]{,} no [Organum] do grande homem! Ah! Se depois; do divino systema morre por acaso alguém, é por se não ter ainda descoberto o meio de dividir em um milhão de partes cada simples [atomo] da materia! Senhores, eu concordo com o diagnostico {do} de meu collega; mas devo combater o tratamento por elle offerecido. Uma taça de liquido fontaneo assucarado, e acidulado com algumas [gottas] de ether sulfurico; é{,} em minha opinião{,} capaz de envenenar a todos os habitantes da China! O mesmo direi do cozimento do [cofea arabica]...

¹⁸⁹⁵ — Mas [por que] não tem morrido envenenados os que por vezes o tem tomado? ---

lembro agora onde; mas posso affirmar que ella mora em uma casa, e que hoje está nédia, gorda, com bôas cores, e até remoçou, e ficou mais bonita. — Outro facto.¹⁸⁹⁶

— Basta! basta !...

— Pois bem, basta; e propondo a applicação da nihilitas nihilitatis na dóse da trimillionesima parte de um quarto de grão, dou por terminado o meu discurso.¹⁸⁹⁷

— O Sr.¹⁸⁹⁸ Leopoldo tem a palavra.

— Senhores, eu devo confessar, que restão-me muitas duvidas a respeito do diagnostico, e portanto julgo util recorrermos ao magnetismo animal, para vermos se a enferma, levada ao somnambulismo, nos aclara sua enfermidade, Além d'isto eu tenho fé, de que não ha molestia' alguma que possa resistir à maravilhosa appllicação dos passes, que tanto abismarão Paracelso e Kisker. Ainda mais : se o diagnostico do collega, que fallou em primeiro lugar, é exacto; dobrada razão acho para sustentar o meu parecer; porque emfim, *se similia similibus curantur*, necessariamente o magnetismo tem de curar a bacchites. Voto pois para qué comecemos já a applicar-lhe os passes.¹⁸⁹⁹

Seguiu-se o discurso de Augusto, que por longo de mais parece prudente omitir.

Em resumo basta dizer que elle combateu as raras theorias de Fellippe ; mas concordou

¹⁸⁹⁶ Senhor{,} meu collega, é porque a acção malefica |desses| medicamentos não se faz sentir logo--- {,} |A's| vezes só apparece depois de cem, duzentos, e mais annos: {,} eis a grande verdade!... Mas eu tenho observações de molestias de natureza da que nos occupa, e ~~que vão~~ {vou} mostrar a |superioridade| do meu systema ÷ {,} |Ouçam-me|: {,} uma mulher padecia este mesmo ~~mal~~: {mal;} já tinha |soffrido| trinta sangrias, |haviam-lhe| mandado applicar mais de |trezentas| bichas, purgantes sem conta, vomitorios |ás| duzias, e |tizanas| aos ~~milheiros~~: {centos;} quiz o seu bom genio que ella recorresse a um homeopatha, que com tres dóses; {,} das quaes cada uma continha apenas-a |tri-millionesima| parte de um quarto de grão de *nihilitas nihilitatis*, a poz completamente restabelecida; e quem quizer póde ir vel-a na rua... |E'| certo que não me lembro agora onde; {,} mas posso affirmar que ella mora em uma casa, e que hoje está nédia, gorda, com |boas| |côres|, e até remoçou, e ficou mais bonita.

— Outro facto. *Quebra de parágrafo.*

¹⁸⁹⁷ da{s} *nihilitas nihilitatis* na dóse da |tri-millionesima| parte de um ~~quarto de~~ grão, dou por terminado o meu discurso.

¹⁸⁹⁸ sr.

¹⁸⁹⁹ — Senhores, eu devo confessar, que |restam-me| ~~muitas~~ duvidas a respeito do diagnostico, e {,} portanto{,} julgo util recorrermos ao magnetismo animal, para vermos se a enferma, levada ao somnambulismo, nos aclara sua enfermidade, Além |disto|{,} eu tenho fé, de que não ha molestia' alguma que possa resistir |á| maravilhosa appllicação dos passes, que tanto |abysmaram| Paracelso e Kisker. Ainda mais: se o diagnostico do collega, que fallou em primeiro lugar, é exacto; {,} dobrada razão acho para sustentar o meu parecer; porque{,} emfim, se *similia similibus curantur*, necessariamente o magnetismo tem de curar a bacchites. Voto{,} pois{,} ~~para~~ |que| comecemos já a applicar-lhe os passes.

com o tratamento por elle proposto, e fallou com arte tal, que D. Carolina o escolheu para assistente de sua ama.¹⁹⁰⁰

Augusto determinou as applicações convenientes ao caso; mas, não tendo entrado no numero d'ellas¹⁹⁰¹ a essencial lembrança de um escaldapés¹⁹⁰², cahiu a tropa das mezinheiras sobre o desgraçado estudante, que se vio quasi doudo com a balburdia de novo alevantada no quarto.¹⁹⁰³

— Menos ruido, minhas senhoras: (dizia o rapaz) isto póde ser fatal à doente.¹⁹⁰⁴

— (Ora... eu nunca vi negar-se um escaldapés!¹⁹⁰⁵

— Ainda em cima de não lhe. mandar applicar uma ajuda, esquece-se tambem do escaldapés !...¹⁹⁰⁶

— Se não lhe derem um escaldapés¹⁹⁰⁷, eu não respondo pelo resultado !...

— Olhem como a doente está risonha, só por ouvir fallar em escaldapés!...¹⁹⁰⁸

— Aquillo é pressentimento!

— Sr. Doutor, um escaldapés!...¹⁹⁰⁹

— Pois bem, minhas senhoras; (disse Augusto para se ver livre d'ellas) dem-lhe o preconisado escaldapés !¹⁹¹⁰

¹⁹⁰⁰ Seguio-s{e}a o discurso de Augusto, que{,} por longo de mais{,} parece prudente omittir. ~~Em resumo~~ Basta dizer{, em resumo,} que elle combateu as raras theorias de |Felippe| {,} ; mas concordou com o tratamento ~~por elle~~ proposto, e |falou| com arte tal, que d. Carolina o escolheu para assistente de sua ama.

¹⁹⁰¹ |dellas|

¹⁹⁰² |escalda-pés|

¹⁹⁰³ que se |viu| quasi |doido| com a balburdia de novo ~~alevantada~~ {levantada} no quarto.

¹⁹⁰⁴ — Menos ruido, minhas senhoras;-({,} dizia o rapaz) { . } Isto póde ser fatal |á| doente.

¹⁹⁰⁵ — (Ora{!})... Eu nunca vi negar-se um |escalda-pés|!

¹⁹⁰⁶ — Ainda ~~em~~ {por} cima de não lhe. mandar applicar uma ajuda, esquece-se tambem ~~de~~ {de} |escalda-pés| !...

¹⁹⁰⁷ |escalda-pés|

¹⁹⁰⁸ — Olhem como a doente |está| risonha, só por ouvir |falar| em |escalda-pés|!...

¹⁹⁰⁹ — Sr. doutor, um |escalda-pés|!---

¹⁹¹⁰ — Pois bem, minhas senhoras;-({,} disse Augusto para se ver livre |dellas}) {;} dem-lhe o preconisado |escalda-pés|!

E fugindo logo do quarto, foi pensando com sigo mesmo que as cousas que mais contrarião o medico são — primeiro, à saúde alheia ; segundo, um mão enfermeiro; e por ultimo emfim, as senhoras mezinheiras.¹⁹¹¹

¹⁹¹¹ E{,} fugindo ~~logo do quarto~~{dalli}, foi pensando |comsigo| mesmo que as cousas que mais |contrariam| o medico são{:} — primeiro; {—} à saúde alheia ; segundo; {—} um |mão| enfermeiro; e por ultimo ~~emfim~~, {—} as senhoras mezinheiras.

XIV

PEDILUVIO SENTIMENTAL

Ria-se, jogava-se, brincava-se: todos se haviam já esquecido da pobre Paula. Na verdade também que, por ter a ama de D. Carolina tomado seu cópo de vinho demais, não era justo que tantas moças e moços em bôa disposição de brincar, e umas poucas de velhas determinadas a maçar meio mundo, ficassem a noite inteira pensando na carraspana da rapariga. E além d'isso quatro semi-doutores já haviam pronunciado favoravel prognostico; como pois se arrojaria Paula a morrer, contra à ordem expressa dos quatro hippocratissimos senhores?¹⁹¹²

Era por isso que todos brincavam alegremente, menos o Sr. Keblerc, que diante de meia duzia de garrafas vazias roncava prodigiosamente: grande Allemão para roncar!... era uma escala inteira que elle solfejava, com bemóes, bequadros e sustenidos!... dir-se-hia que entoava um hymno... a Baccho.¹⁹¹³

Os rapazes estavam nos seus geraes; a principio, como é seu velho costume, haviam festejado, cumprimentado, e applaudido as senhoras idosas que se achavam na sala, principalmente aquellas que tinham trazido comsigo moças; mas, passada meia hora, adeos etiquetas e ceremonias !...¹⁹¹⁴ Estabeleceu-se um cordão sanitario entre a velhice e a mocidade; a Sra. D. Anna achou occasião opportuna para ir dar ordens ao chá: D. Violante occupou-se em desenvolver a um velho roceiro os meios mais

¹⁹¹² ÷ {;} todos {já} se |haviã| já esquecido da pobre Paula. Na verdade{,} ~~tambem-que~~, por ter a ama de d. Carolina tomado seu |copo| de vinho ~~demais~~ {a mais}, não era justo que tantas moças e moços{,} em |boa| disposição de brincar, e umas poucas ~~de~~ velhas determinadas a maçar meio mundo, ficassem a noite inteira pensando na carraspana da rapariga. E{,} além |disso|{,} quatro semi-doutores já |haviã| pronunciado {prognostico} favoravel{;} ~~prognostico~~; como{,} pois{,} se arrojaria {a} Paula a morrer, contra |a| ordem expressa dos quatro |hipocratissimos| senhores?

¹⁹¹³ Era por isso que todos |brincavam| alegremente, menos o sr. Keblerc, que{,} diante de meia duzia de garrafas vazias{,} roncava prodigiosamente: {,} Grande allemão para roncar!... Era uma escala inteira que ~~elle~~ solfejava, com bemóes, bequadros e sustenidos!...{,} |Dir-se-ia| que entoava um hymno--- a Baccho.

¹⁹¹⁴ Os rapazes |estavam| nos seus geraes; a principio;{,} como é seu velho costume, |haviã| festejado, |cumprimentado|; e applaudido as senhoras idosas que se |achavam| na sala, principalmente aquellas que |tinham| trazido comsigo moças; mas, passada meia hora, |adeus| etiquetas e ceremonias !...

adequados para se preencher o deficit provavel do Brasil para o anno financeiro de 44a 45, sem augmentar os direitos de importação, nem crear impostos, abolindo-se pelo contrario a decima urbana. Já se vê que D. Violante tinha casas na cidade. Restavão quatro senhoras, que julgárão a proposito jogar o embarque, que na verdade as divertia muito com o episodio do az gallar o sete: havia emfim outra mesa, que alguns senhores, viuvos, casados, e velhos pais perdião ou ganhavão dinheiro no ecartê, jôgo muito bonito e muito variado, que nos vierão ensinar os senhores francezes, — grandes inventores sem duvida...¹⁹¹⁵

A rapazia empregava melhor o seu tempo: tambem jogava, mas na sua roda não havia nem mesa, nem cartas, nem dados. O seu jôgo tinha um director, que, excepção de regra entre os mais, não podia ter menos de cincoenta annos: era um homem de estatura muito menos que ordinaria, tinha o rosto muito vermelho, cabellos e barbas ruivas ; gordo, de pernas arqueadas, ajuntava ao ridiculo de sua figura muito espirito : não estava bem senão entre rapazes ; por felicidade d’elles sempre se encontra desses. Tal o director da roda dos moços. O Sr. Baptista (este o seu nome) era fertil em jôgos; quando um aborrecia, vinha logo outro melhor. Já se havia jogado o do toucador, e o do enfermo. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodecima vez com applauso geral, principalmente das moças: era sem mais nem menos o jôgo da palhinha.¹⁹¹⁶

¹⁹¹⁵ Estabeleceu-se um cordão sanitario entre a velhice e a mocidade; a sra. d. Anna achou occasião opportuna para ir dar ordens ao chá: {;} d. Violante occupou-se em desenvolver a um velho roceiro os meios mais adequados para se preencher o *deficit* provavel do Brasil para o anno financeiro de 44{ }a 45, sem augmentar os direitos de importação, nem crear impostos, abolindo-se{,} pelo contrario{,} a decima urbana. Já se vê que d. Violante tinha casas na cidade. |Restavam| quatro senhoras, que |julgaram| a proposito jogar o {“}embarque{“}, que na verdade as divertia muito com o episodio do az gallar o sete: {;} havia{,} emfim{,} outra mesa, que alguns senhores, viuvos, casados, e velhos |paes| |perdiam| ou |ganhavam| dinheiro no |ecartê|, |jogo| muito bonito e muito variado, que nos |vieram| ensinar os senhores francezes, — grandes inventores {,} sem duvida{!}...

¹⁹¹⁶ O seu |jogo| tinha um director, que, excepção de regra entre os mais, não podia ter menos de cincoenta annos: era um homem de estatura muito menos que ordinaria, ~~tinha o~~ {de} rosto muito vermelho, {barba e} cabellos {ruivos,} e ~~barbas ruivas~~; gordo, de pernas arqueadas, ~~ajuntava~~ {ajuntando} ao ridiculo de sua figura muito espirito{.} : Não estava bem senão entre Rapazes{,} ; por felicidade d’elles sempre {os} se encontra desses. Tal o director da roda dos moços. O sr. Baptista (~~este o seu nome~~) era fertil em |jogos|; quando um aborrecia, vinha logo {com} outro melhor. Já se havia jogado o do {“}toucador{“}, e o do {“}enfermo{“}. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodecima vez{,} com applauso geral, principalmente das moças: {.} Era sem mais nem menos o |jogo| da palhinha.

Caso celebre!... já se viu que coincidência!.. ora expliquem, se são capazes. Tem-se jogado a palhinha doze vezes, e em todas as doze tem a sorte feito com que Fellippe abraça D. Clementina, e Fabricio D. Joanninha! e sempre no fim de cada jôgo qualquer das duas recúa um à passo, como se pouca vontade houvesse n'ellas de dar o abraço: e fazendo-se coradinha exclama:¹⁹¹⁷

— Quantos abraços!... pois outra vez?...

— Eu já não dei ainda agora! ... ora isto!...¹⁹¹⁸

Entre os rapazes pórem ha um, que não está absolutamente satisfeito: é Augusto. Será por que no tal jôgo da palhinha tem por vezes ficado viuvo?... não; elle esperava isso como castigo da sua *inconstancia*. A causa é outra: à alma: da ilha de... não está na sala: Augusto vê o jôgo ir indo seu caminho muito em ordem, não se rasgou ainda nenhum lenço, Fellipe ainda não gritou com a dôr de nenhum beliscão, tudo se faz em regra e muito direito ; a travessa; a inquieta, a buliçosa, a tentaçãozinha não esta ahi : D. Carolina está ausente.¹⁹¹⁹

Com effeito Augusto, sem amar D. Carolina; (elle assim o pensa) já faz della idéa absolutamente diversa da que fazia ainda a poucas horas agora, segundo elle, a interessante Moreninha é na verdade travessa; mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdôa, D. Carolina é o prazer em ebulição: se é inquieta e buliçosa, está em sel-o a sua maior graça: aquelle rosto moreno, vivo e delicado ; aquelle corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale, se não estivesse em continua

¹⁹¹⁷ Já se viu que coincidência!{?...}.. Ora expliquem, se são capazes. Tem-se jogado a palhinha doze vezes, e em todas as doze tem a sorte {mandado} ~~feito com~~ que |Felippe| abraça d. Clementina, e Fabricio d. Joanninha! E sempre no fim de cada |jogo| qualquer ~~das duas~~ {dellas} |recua| um à passo, como se pouca vontade {tivessem} ~~houvesse n'ellas~~ de dar o abraço: {.} E{,} fazendo-se coradinha{s} exclama{m}:

¹⁹¹⁸ — {“}Quantos abraços!... Pois outra vez?...{“} — {“}Eu já não dei ainda agora! {“}... Ora isto!...{“} *Junção de parágrafos*

¹⁹¹⁹ Entre os rapazes{,} pórem{,} ha um, que não está absolutamente satisfeito: é Augusto. Será |porque| no tal |jogo| da palhinha tem por vezes ficado viuvo?... Não; elle esperava isso como castigo da sua inconstancia. A causa é outra: |a| alma: da ilha ~~de...~~ não está na sala: {!} Augusto vê o |jogo| ir indo {o} seu caminho muito em ordem, ; não se rasgou ainda nenhum lenço, |Felipe| ainda não gritou com a dôr de nenhum beliscão, tudo se faz em regra e muito direito; a travessa; {,} a inquieta, a buliçosa, a tentaçãozinha ~~não esta ahi : D. Carolina~~ está ausente.

agitação. O beija-flor nunca se mostra tão bello, como quando se pendura na mais tenue flor, é voeja nos ares: D. Carolina é um beija-flor completo.¹⁹²⁰

N'este momento a Sra. D. Anna entrou na sala, e depois, dirigindo-se à grande varanda da frente, sentou-se defronte do jardim. Baptista acabava de dar fim ao jôgo da palhinha, e começava novo: Augusto pediu que o dispensassem, e foi ter com a dona da casa.¹⁹²¹

— Não joga mais, Sr. Augusto? (disse ella).¹⁹²²

— Por ora não, minha senhora.

— Parece-me pouco alegre.¹⁹²³

— Ao contrario...¹⁹²⁴ estou satisfeitissimo.

— Oh! seu rosto mostra não sentir o que dizem seus labios : se aqui lhe falta alguma cousa...¹⁹²⁵

— Na verdade que aqui não está tudo, minha senhora.

— Então que falta ?...¹⁹²⁶

— A Sra. D. Carolina.¹⁹²⁷

A bôa senhora riu-se com satisfação; seu orgulho de avó acabava de ser incensado: era tocar-lhe no fraco.¹⁹²⁸

¹⁹²⁰ Com effeito{,} Augusto, sem amar ~~D. Carolina;~~ (elle assim o pensa{va}) já faz della idéa absolutamente diversa da que fazia ainda ~~a poucas horas~~ {há pouco} Agora, {para} ~~segundo~~ elle, a interessante Moreninha é na verdade travessa; mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdôa, ~~D. {.~~ Carolina é o prazer em ebulição: {;} se é inquieta e buliçosa, está ~~em-se-o~~ {nisso} a sua maior graça: {;} aquelle rosto moreno, vivo e delicado{,} ; aquelle corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale, se não estivesse em continua agitação. O beija-flor nunca se mostra tão bello, como quando se pendura na mais tenue flor, ~~é {e}~~ voeja nos ares: ~~D. {.~~ Carolina é um beija-flor completo.

¹⁹²¹ [Neste] momento ~~a Sra. D.~~ {d.} Anna entrou na sala, e{,} ~~depois,~~ dirigindo-se |á| grande varanda da frente, sentou-se ~~defronte~~ {em face} do jardim. Baptista acabava de {por termo} ~~dar fim~~ ao |jogo| da palhinha, e começava {um} novo: {. Augusto pediu que o dispensassem, e foi ter com a dona da casa.

¹⁹²² — Não joga mais, sr. Augusto? {disse ella}.

¹⁹²³ {!...}

¹⁹²⁴ ,

¹⁹²⁵ ~~seus~~ {os} labios ~~÷ se~~ {. Aqui lhe falta alguma cousa...

¹⁹²⁶ — ~~Então~~ Que falta ?...

¹⁹²⁷ — A sra. d. Carolina.

¹⁹²⁸ A |boa| senhora riu-se com satisfação; seu orgulho de avó acabava de ser incensado: ~~era tocar-lhe~~ {, pois tocara-lhe} no fraco.

— Gosta de minha neta, Sr.¹⁹²⁹ Augusto?

— É a delicada borboleta deste jardim (respondeu elle, mostrando as flores).¹⁹³⁰

— Vá buscal-a (disse a Sra. D. Anna apontando para dentro).¹⁹³¹

— Minha senhora, tanta honra!...

— O amigo de meu neto deve merecer minha confiança: esta casa é dos meus amigos e tambem dos d'elle. Carolina está sem duvida no quarto de Paula; vá vel-a, e consiga arranal-a junto da sua ama.¹⁹³²

A Sra. D. Anna levou Augusto pela mão até ao corredor, e depois o empurrou brandamente!¹⁹³³

— Vá (disse ella) e receba: isso¹⁹³⁴ como a mais fraca prova de minha estima para com o amigo de meu neto.

Augusto não esperou ouvir nova ordem: endireitou para o quarto de Paula com presteza e alegria. À porta estava cerrada, abriu sem ruido, e parou no limiar.¹⁹³⁵

Tres pessoas havia n'esse quarto: Paula deitada, e abatida sob o peso de sua soffrivel môna, era um objecto triste, e talvez ridiculo, senão padecesse: a segunda era uma escrava, que acabava de depôr junto do leito a bacia em que Paula deveria tomar o pediluvio recommendado: objecto indifferente: a terceira era uma menina de quinze annos, que desprezava a sala em que borbilhava o prazer, pelo quarto em que padecia uma pobre mulher: este objecto era nobre!...¹⁹³⁶

¹⁹²⁹ sr.

¹⁹³⁰ jardim {(.),respondeu elle, mostrando as flores}.

¹⁹³¹ — Vá buscal-a-{(.), disse a Sra. D. {d.} Anna{(.), apontando para dentro}.

¹⁹³² ÷ {(.); esta casa é dos meus amigos e tambem dos [delle]. Carolina [está] sem duvida no quarto de Paula; vá vel-a; e consiga {procure} [arrancal-a] junto da sua ama.

¹⁹³³ A Sra. D. {D.} Anna levou Augusto pela mão até ao corredor, e depois o empurrou brandamente!-{(.)}

¹⁹³⁴ — Vá{(.), (disse ella) {(.), e receba: isso

¹⁹³⁵ Augusto não esperou ouvir nova ordem: {(.); endireitou para o quarto de Paula{(.), com presteza e alegria. À porta estava cerrada {a porta;}, abriu{-a} sem ruido; e parou no limiar.

¹⁹³⁶ Tres [pessoas] havia [nesse] quarto: {(.)}Paula{(.), deitada; e abatida sob o peso de-{da}sua soffrivel [mona], era um objecto triste; e talvez ridiculo, [se não] padecesse: {soffresse;}, a segunda era uma escrava, que acabava {vinha} de [depôr] junto {ao pé} do leito a bacia em {o pediluvio} que Paula deveria tomar{(.); e} o pediluvio recommendado: objecto indifferente: a terceira era uma menina de quinze annos, que desprezava a sala em que {onde} borbilhava o prazer; pelo quarto em que padecia uma pobre mulher: {(.)} este objecto era nobre!...-

D. Carolina e a escrava tinham as costas voltadas para a porta, e por isso não vião

Augusto: Paula olhava, mas não via, ou antes não sabia o que via.¹⁹³⁷

— Anda, Thomazia, dá-lhe o escaldapés (disse D. Carolina).¹⁹³⁸

Pela sua voz conhecia-se que tinha chorado.

A escrava abaixou-se; puxou os pés da pobre Paula: depois, pondo a mão n'água, tirou-a de repente, e sacudindo-a.¹⁹³⁹

— Está fervendo!... (disse.)¹⁹⁴⁰

— Não está fervendo ; (respondeu a menina) deve ser bem quente; assim dicerão os moços.¹⁹⁴¹

A escrava tornou a pôr a mão, e de novo retirou-a com presteza tal, que bateu com os pés de Paula contra a bacia.¹⁹⁴²

— Estonteada!... sahe... afasta-te (exclamou D. Carolina, arregaçando as mangas de seu lindo vestido).¹⁹⁴³

A escrava não obedeceu.

— Afasta-te d'ahi (disse à menina com tom imperioso) e depois abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito chorando, e começou à banhal-os.¹⁹⁴⁴

Bello espectáculo era o ver essa menina delicada curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com socego; mergulhando suas mãos, à tão finas, tão lindas, nessa mesma agua que fizera lançar um grito de dôr à escrava, quando ahi tocára de leve com

¹⁹³⁷ D. Carolina e a escrava [tinham] as costas voltadas para a porta, e{,} por isso{,} não [viam] Augusto: {;} Paula olhava, mas não via, ou{,} antes{,} não sabia o que via.

¹⁹³⁸ — Anda, Thomazia, [dá-lhe] o [escalda-pés] (disse D. Carolina).

¹⁹³⁹ A escrava abaixou-se; {e} puxou os pés da pobre Paula: {;}depois, pondo a mão n'água, tirou-a de repente, e{,} sacudindo-a-,{,}

¹⁹⁴⁰ (disse.)

¹⁹⁴¹ — Não está fervendo{,} ; {respondeu a menina} {;}deve ser bem quente; {,} assim [disseram] os moços.

¹⁹⁴² ; e de novo retirou-a com presteza tal, que bateu com os [pés] de Paula contra a bacia.

¹⁹⁴³ — Estonteada!... Sahe-... {,} afasta-te{,} (exclamou D. Carolina, arregaçando as mangas de seu lindo vestido).

¹⁹⁴⁴ — Afasta-te [dahi] {!} (disse [a] menina ~~em~~ {em} tom imperioso)-e {;} depois abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito{,} chorando, e começou [a] banhal-os.

às suas, tão grosseiras e calejadas!... Os ultimos vislumbres das impressões desagradáveis, que ella causára a Augusto, de todo se esvairão. Acabou-se a criança estoucada... ficou em seu lugar o anjo de candura.¹⁹⁴⁵

Mas o sensível estudante viu as mãoszinhas tão delicadas da piedosa menina já roxas e adivinhou que ella estava engulindo suas dôres para não gemer; por isso não pôde suster-se; e adiantando-se, disse:¹⁹⁴⁶

— Perdõe, minha senhora.¹⁹⁴⁷

— Oh!... o¹⁹⁴⁸ senhor estava ahi?

— E tenho testemunhado tudo!

A menina abaixou os olhos confusa, e apontando para a doente, disse:¹⁹⁴⁹

— Ella me deu de mamar.¹⁹⁵⁰

— Mas nem por isso deve a senhora condemnar suas lindas mãos a serem queimadas, quando algum dos muitos escravos, que a cercão poderia encarregar-se do trabalho, em que a vi tão piedosamente occupada.¹⁹⁵¹

— Nenhum o fará com jeito¹⁹⁵².

— Experimente.

—¹⁹⁵³ Mas a quem encarregarei?

— A mim, minha senhora.

¹⁹⁴⁵ Bello espectáculo era o ver essa {delicada} menina ~~delicada-curvada~~ {, curva} aos pés de uma ~~rude~~ mulher {rude}, banhando-os com socego; {,} mergulhando suas mãos, à tão finas, tão lindas, nessa mesma agua que fizera lançar um grito de dôr |á| escrava, quando ~~ahi-tocára~~ {nella molhára} de leve ~~com~~ |as| suas, tão grosseiras e calejadas!... Os ultimos vislumbres das impressões desagradáveis, que ella ~~causára~~ {havia causado} a Augusto, de todo se |esvairam|. Acabou-se a |creança| ~~estoucada~~ {estouvada, e} ficou em seu lugar o anjo de {da} candura.

¹⁹⁴⁶ ~~tão~~ delicadas da piedosa menina já roxas e adivinhou que ella ~~estava engulindo~~ {engulia} suas |dores| para não gemer; ~~por isso~~ {,} Não |poude| {mais conter-se} ~~suster-se~~; e {,} adiantando-se, disse:

¹⁹⁴⁷ — |Perdõe|, minha senhora-{|...}

¹⁹⁴⁸ O

¹⁹⁴⁹ A menina abaixou os olhos{,} confusa, e{,} apontando para a doente, disse:

¹⁹⁵⁰ ...

¹⁹⁵¹ — Mas nem por isso deve a ~~senhora~~ condemnar suas lindas mãos a serem queimadas, quando algum dos muitos escravos; que a |cercam| poderia encarregar-se do trabalho; em que a vi tão piedosamente occupada.

¹⁹⁵² |jeito|

¹⁹⁵³ —

— O senhor fallava¹⁹⁵⁴ de meus escravos...

— Pois nem para escravo eu presto?

— Senhor!...

— Veja se eu sei dar um pediluvio...

E n'isto o estudante abaixou-se e tomou os pés de Paula, emquanto D. Carolina junto d'elle, o olhava com ternura.¹⁹⁵⁵

Quando Augusto julgou que era tempo de terminar, a jovenzinha recebeu os pés de sua ama,¹⁹⁵⁶ e os envolveu na toalha que tinha nos braços.

— Agora deixemol-a descansar (disse o moço).¹⁹⁵⁷

— Ella corre algum risco?... (perguntou a menina).¹⁹⁵⁸

— Affirmo que acordará amanhã perfeitamente bôa.

— Obrigada!

— Quer dar-me a honra de acompanhál-a até à sala? (disse Augusto, offerecendo sua mão direita à bella Moreninha).¹⁹⁵⁹

Ella não respondeu, mas olhou-o com gratidão : e aceitando o braço do mancebo, deixou o quarto de Paula.¹⁹⁶⁰

¹⁹⁵⁴ |falava|

¹⁹⁵⁵ E n'isto o estudante abaixou-se e {abaixando-se,} tomou os pés de Paula, emquanto D. Carolina{,} junto |delle|, o olhava com ternura.

¹⁹⁵⁶ —

¹⁹⁵⁷ descansar{,} (disse o moço).

¹⁹⁵⁸ ?... (perguntou a menina).

¹⁹⁵⁹ — Quer dar-me a honra de acompanhál-a até |a| sala? {disse Augusto, offerecendo sua mão direita |á| bella Moreninha}.

¹⁹⁶⁰ gratidão ÷ {,}e{,} aceitando{-lhe} o braço de mancebo, deixou o quarto de Paula.

XV

UM DIA EM QUATRO PALAVRAS

Ao romper do dia de Sant'Anna estavam todos na ilha de... descansando nos braços do somno: era isso muito natural,¹⁹⁶¹ depois de uma noite como a da vespera, em que tanto se havia brincado.

Com effeito os jógos de prendas tinham-se prolongado excessivamente: a chegada de D. Carolina ec Augusto lhes deu ainda dobrada viveza e fogo. A bonita Moreninha tornou-se mais travessa do que nunca: mil vezes bulhenta, perturbava a ordem dos jógos, de modo que era preciso começar de novo o que já estava no fim: outras tantas rebelde, não cumpria certos castigos que lhe impunhão; não deu um só beijo, e aquelle que atreveu se a abraçal-a teve em recompensa um beliscão.¹⁹⁶²

Finalmente ouviu-se a voz de — vamos dormir, — e cada qual tratou de fazer por conseguil-o. O ultimo que se deitou foi Augusto, e; ignora-se o porque sahiu de luz na mão a pasecar pelo jardim, quando todos se achavão accomodados: de volta de seu passeio nocturno, atirou-se entre Fabricio e Leopoldo , e immediatamente adormeceu. Os estudantes dormirão juntos.¹⁹⁶³

São seis horas da manhã, e todos dormem ainda a somno solto. Um author póde entra: em toda parte, e pois... Não, não; alto lá! no gabinete das moças , não senhor: no dos rapázes ainda bem. A porta está aberta. Eis os quatro estudantes estirados n'uma

¹⁹⁶¹ estavam| todos na ilha de... descansando nos braços do somno: {;} era isso {isto} muito natural,

¹⁹⁶² Com effeito{,} os |jogos| de prendas |tinham-se| prolongado excessivamente: {;} a chegada de D. Carolina ee Augusto {deu-}lhes ~~deu~~ ainda dobrada viveza e fogo. A bonita Moreninha tornou-se mais travessa do que nunca: {;} mil vezes bulhenta, perturbava a ordem dos |jogos|, de modo que era preciso {re}começar de novo o que já estava no fim: {;} outras tantas rebelde, não cumpria certos castigos ~~que lhe impunhão;~~ {impostos,} não deu um só beijo, ~~e aquelle que~~ {e quem se} atreveu se a abraçal-a teve {como}~~em~~ recompensa um beliscão.

¹⁹⁶³ Finalmente{,} ouviu-se a voz de — vamos dormir, — e cada qual tratou de {o} fazer ~~por conseguil-o.~~

O ultimo que se deitou foi Augusto, e; ignora-se ~~e~~ porque sahiu de luz na mão{,} a |passeear| pelo jardim, quando {já} todos se |achavam| |accommodados|~~:-f.~~ De volta ~~de~~ {do} seu passeio nocturno, atirou-se entre Fabricio e Leopoldo , e immediatamente adormeceu. ~~Os estudantes dormirão juntos.~~
Divisão de parágrafo

larga esteira : e como roncão ?! Mas que faz o nosso Augusto? Ri-se, murmura phrases imperceptíveis : suspira... Então que é isso lá!... dá um beijo em Fabricio; acorda espantado, e ainda em cima, empurra cruelmente o mesmo a quem acaba de beijar...¹⁹⁶⁴

Oh belleza! oh inexplicavel poder de um rosto bonito, que não contente com as zombarias que faz ao homem, que véla, o illude e ainda zomba d'elle dormindo!¹⁹⁶⁵

Estava o nosso estudante sonhando que certa pessoa, de quem elle teve até aborrecimento, e que agora começa com os olhos travessos a fazer-lhe coegas no coração, vinha terna e amorosamente despertá-lo; que elle fingira continuar-a dormir e ella se sentára à sua cabecera; que, traquinas como sempre, em vez de chamá-lo, queria rir-se acordando-o pouco a pouco ; que para isso approximava seu rosto do d'elle, e assoprando-lhe os labios, ria-se ao ver as contracções, que produzia a titillação causada pelo sopro; que elle, ao sentir tão perio dos seus os lindos labios d'ella, estava ardentemente desejoso de furlar-lhe um beijo; mas que temia vel-a fugir ao menor movimento: que finalmente, não podendo mais resistir a seus fervidos desejos, assentára de, quando se approximasse o bello rosto, ir de um salto colher o volupluoso beijo n'aquella boquinha de botão de rosa; que o rosto chegou a distancia de meio palmo, e...

¹⁹⁶⁴ São seis horas da manhã; e todos dormem ainda a somno solto.

Um author |pode| ~~entra~~: {entrar} em toda parte, e{,} pois... Não, ~~não~~; alto lá! no gabinete das moças , não senhor: {!} No dos |rapazes| ainda bem. A porta está aberta. Eis os quatro ~~estudantes~~ estirados |numa| larga esteira ÷ {,} E como |roncam| ?! Mas que faz o nosso Augusto? Ri-se, murmura phrases imperceptíveis{,} ÷ suspira... Então{,} que é isso{?} ~~lá!~~... Dá um beijo em Fabricio; {,} acorda espantado; e ainda ~~em~~ {por} |cima|; empurra cruelmente o {pobre beijado...} ~~-mesmo a quem acaba de beijar...~~ *Divisão de parágrafo*

¹⁹⁶⁵ Oh {,} belleza! Oh{,} inexplicavel poder de um rosto bonito; que{,} não contente ~~com as~~ {das} zombarias que faz ao homem; que |véla|, o illude e ainda ~~zomba d'elle dormindo~~ {em sonhos}!

(Aqui parou o sonho, e principiou a realidade) e elle deu um salto, e, em lugar de pregar um terno beijo nos labios de D. Carolina, foi com toda força e estouvamento bater com os beiços e nariz contra a testa de Faahricio; e, como se o pobre collega tivesse culpa de tal infelicidade, deu-lhe dous empurrões, dizendo:¹⁹⁶⁶

— Sahe-te d’ahi, peste!... ora, quando eu sonhava com um anjo, acordo-me nos braços de satanaz!...¹⁹⁶⁷

Corra-se porém um véo sobre quanto se passou até que se levantárão do almoço. À sociedade se dividiu logo depois em grupos; uns conversavão, outros jogavão; dous velhos ferrárão-se no gamão ; as moças espalharão-se pelo jardim, e os quatro estudantes tiverão a pessima lembranca de forzar uma mesa de voltarete.¹⁹⁶⁸

E apesar do poder todo da cachaça do jôgo de cada vez que qualquer d’elles dava cartas ficava na mesa um lugar vasio, e junto do ar da varanda que olhava para o jardim collocavase uma sentinella.¹⁹⁶⁹ Já se vê que O voltarete não; podia seguir marcha muito regular. Augusto por exemplo, distrahia-se com frequencia tal que às vezes passava com basto e espadilha; era codilhado todas as mãos que jogava de feito.¹⁹⁷⁰ A Moreninha já

¹⁹⁶⁶ |pessoa|, de quem ~~elle teve~~ até{tivera} aborrecimento, e que agora começa com ~~os~~ olhos travessos a fazer-lhe coegas no coração, vinha{,} terna e amorosamente{,} desperta-o; que elle fingira |continuar a| dormir e ella se sentára |á| sua |cabeceira|; que, traquinas como sempre, em vez de chamal-o, queria rir-se{,} acordando-o pouco a pouco ; que para isso approximava seu rosto do |delle|, e ~~assoprando-lhe os~~ {nos} labios, ria-se ao ver as contracções, ~~que produzia a titillação causada~~ {produzidas} pelo sopro; que elle, ao sentir tão ~~perio~~ {perto} dos seus os lindos labios |della|, estava ardentemente desejoso de |furtar-lhe| um beijo; {,} mas ~~que~~ temia vel-a fugir ao menor movimento{:}; que{,} finalmente, não podendo mais resistir a{os} seus |férvidos| ~~desejos~~{beijos}, assentára de, quando se approximasse o bello rosto, ir de um salto colher o volupluoso beijo |naquella| boquinha de botão de rosa; ~~que-o~~ rosto chegou |á| distancia de meio palmo, e... (aqui parou o sonho; e principiou a realidade){...} e elle deu um salto, e, em lugar de ~~pregar um terno~~ {depor o} beijo nos labios de d. Carolina, foi{,} com toda {a} força e estouvamento{,} bater com os beiços e nariz contra a testa de |Fabricio|; e, como se o pobre collega tivesse culpa de tal infelicidade, deu-lhe |dois| empurrões, dizendo:

¹⁹⁶⁷ — Sahe-te |dahi|, peste!... ~~ora, quando~~ Eu {a sonhar} ~~sonhava~~ com um anjo, ~~acordo-me~~ {e a acordar} nos braços de Satanaz!...

¹⁹⁶⁸ Corra-se{,} porém{,} um véo sobre quanto se passou até que se |levantaram| do almoço. |A| sociedade se dividiu logo depois em grupos; {,} Uns |conversavam|, outros |jogavam|; {,} Dous velhos |ferraram-se| no gamão ; {,} As moças |espalharam-se| pelo jardim; e os quatro estudantes |tiveram| a pessima |lembrança| de ~~forzar~~ {formar} uma mesa de voltarete.

¹⁹⁶⁹ E{,} |apesar| do poder ~~tudo~~ da cachaça do |jogo|{,} de cada vez que qualquer |delles| dava cartas{,} ficava na mesa um lugar |vazio|, e {ao passo que,} junto do ar{co} da varanda que ~~olhava~~ {abria} para o jardim{,} O|collocava-se| uma sentinella. *Fim de parágrafo*

¹⁹⁷⁰ Já se vê que o voltarete não; podia seguir marcha muito regular. Augusto{,} por exemplo, distrahia-se com frequencia tal{,} que |ás| vezes passava com basto e espadilha; {,} e {e} era codilhado todas as mãos que jogava de feito. *Fim de parágrafo*

fazia travessuras muito especiaes no coração do estudante; e elle, que so accusava de haver sido injusto para com ella agora a observava com cuidado e prazer, para em compensação render-lhe toda a justica.¹⁹⁷¹ D. Carolina brilhava no jardim, e mais que as outras por graças e encantos, que todos sentião, e que ninguem poderia bem descrever : confessava-se que não era bella; mas jurava-se que era encantadora : alguem queria que ella tivesse maiores olhos : porém não havia quem resistisse à viveza de seus olhares; os que mais apaixonados fossem da doce melancolia de certos semblantes, em que a languidez dos olhos, e brandura de custosos risos estão exprimindo amor ardente e sentimentalismo, concordarião por força que no lindo rosto moreno de D. Carolina nada iria melhor, do que o prazer que n'elle transluz, e o sorriso engraçado e picante, que de ordinario enfeita seus labios ; além d' isto sempre em brincadora guerra com todos, e em interessante contradição com sigo mesma, ella a um tempo solta um ai e uma risada, graceja fazendo-se de grave, falla jurando não dizer palavra, apresenta-se escondendo-se, sempre quer jamais querendo.¹⁹⁷²

Nunca tambem se havia mostrado a Moreninha tão jovial e feiticeira ; mas para isso boas razões havia : esse era o dia dos annos da sua querida avó, e a pobre Paula, sua estimada ama, estava completamente restabelecida.¹⁹⁷³

Eis uma deliciosa invasão!... dez moças entrão de repente na varanda, e n'um momento tudo se confunde e amotina : D. Carolina atira no meio da mesa de voltarete

¹⁹⁷¹ A Moreninha já fazia travessuras muito especiaes no coração do estudante; e elle, que ~~so~~ {se} accusava de haver sido injusto para com ella{,} ~~agora a~~ observava{-a agora} com cuidado e prazer, para em compensação render-lhe toda a justica. *Fim de parágrafo*

¹⁹⁷² D. Carolina brilhava no jardim, e mais que as outras{,} por graças e encantos, que todos ~~sentião~~, {sentiram} e ~~que~~ ninguem poderia bem descrever ÷ {,} Confessava-se que não era bella; {,} mas jurava-se que era encantadora ÷ {,} Alguem ~~queria que ella tivesse~~ {lhe desejava} maiores olhos{,} ÷ porém não havia quem resistisse |á| viveza ~~de~~ {dos} seus olhares; {,} Os que mais apaixonados fossem da doce melancolia de certos semblantes, em que a languidez dos olhos, e brandura de ~~custosos~~ risos estão exprimindo amor ardente{,} e ~~sentimentalismo~~, |concordariam| por força que no lindo rosto moreno de d. Carolina nada iria melhor, do que o prazer que |nelle| transluz, e o sorriso engraçado e ~~picante~~, que de ordinario enfeita seus labios ÷ {,} Além |disto|{,} sempre em brincadora {de} guerra com todos, e em interessante |contradição| |comsigo| mesma, ~~ella a um tempo~~ solta {ella a um tempo} um ai e uma risada, {;} graceja fazendo-se de grave, {;} |fala|{,} jurando não dizer palavra, {;} apresenta-se escondendo-se{;} sempre quer{,} |jámais| querendo. *Fim de parágrafo*

¹⁹⁷³ Nunca ~~tambem~~ se havia mostrado a Moreninha tão jovial e feiticeira{,} ÷ Mas para isso |boas| razões havia : ~~esse~~ era o dia dos annos da sua ~~querida~~ {boa} avó, e a pobre Paula, sua estimada ama, estava completamente restabelecida.

uma mão cheia de flores; enquanto Fellippe faz tenção de dirigir-lhe um discurso admoestador, ella furta-lhe a espadilha, e vòa, para tornar a apparecer logo depois. É impossivel continuar assim: dá-se por acabado o jôgo, e a Moreninha, à custa de um unico sorriso, faz as pazes com o irmão.¹⁹⁷⁴

— Parabens, Sra. D. Joaquina (disse Augusto) já triumphou de uma de suas rivaes!¹⁹⁷⁵

— Como?... (perguntou ella).¹⁹⁷⁶

— Ora, que esta minha prima nunca entende, as figuras do Sr. Augusto ! (acudiu D. Carolina) explique-se Sr. Doutor!¹⁹⁷⁷

— Sua prima, minha senhora, a aurora e a rosa disputão sobre qual primára na viveza da côr; e eu vejo que ella já-tem presa no cabello uma das duas rivaes.¹⁹⁷⁸

— Eu o encarrego com prazer da guarda fiel d'esta minha compelidora... seja o seu carcereiro! (disse D. Quinquina, querendo tirar uma linda rosa do cabello, para offerecel--a a Augusto).¹⁹⁷⁹

— Oh! minha senhora ! seria um cruel castigo para ella, que se mostra tão vaidosa!¹⁹⁸⁰

— Pois rejeita?...¹⁹⁸¹

— Certo que não: aceito: mas rogo um outro obsequio.¹⁹⁸²

¹⁹⁷⁴ Dez moças [entram] de repente na varanda, e [num] momento {dado,} tudo se confunde e amotina{;} : d. Carolina atira no meio da mesa de {do} voltarete uma mão cheia de flores; {,} enquanto [Felippe] faz ~~tenção~~ {menção} de dirigir-lhe um discurso admoestador, ~~ella~~ furta-lhe {ella} a espadilha; e vòa, para tornar a apparecer logo depois. [E'] impossivel continuar assim: {;} dá-se por acabado o [jogo], e a Moreninha, [á] custa de um unico sorriso, faz as pazes com o irmão.

¹⁹⁷⁵ — Parabens, ~~Sra. D.~~ {d.} Joaquina{,} {disse Augusto} já triumphou de uma de suas rivaes!

¹⁹⁷⁶ {perguntou ella}.

¹⁹⁷⁷ — ~~Ora, que~~ Esta minha prima nunca entende, as figuras do sr. Augusto! (acudiu ~~D.~~ Carolina) {,} Explique-se{,} sr. Doutor!

¹⁹⁷⁸ — Sua prima, ~~minha senhora~~, a aurora e a rosa [disputam] sobre qual [primará] na viveza da côr; {;} e eu vejo que ella já-tem presa ~~no~~ {ao} cabello uma das duas rivaes.

¹⁹⁷⁹ — Eu o encarrego com prazer da guarda fiel [desta] minha [competidora]... seja o seu carcereiro! (disse d. [Quinquinha], querendo tirar uma linda rosa do cabello, para offerecel--a a Augusto).

¹⁹⁸⁰ — Oh! {,} minha senhora ! Seria um cruel castigo para ella, que se mostra tão vaidosa!

¹⁹⁸¹ ...

¹⁹⁸² — Certo que não: {;} aceito: {,} mas rogo um outro obsequio.

— Qual?...¹⁹⁸³

— Que por ora lhe conceda seus cabellos por homenagem.¹⁹⁸⁴

— Pois bem, será satisfeito; eu¹⁹⁸⁵ guardarei a sua rosa.

— Mas cuidado não haja quem liberte a bella captiva (disse Leopoldo).¹⁹⁸⁶

— Protesto que a hei de furtar (acrescentou D. Carolina).¹⁹⁸⁷

— Desafio-lhe a isso (respondeu-lhe a prima).¹⁹⁸⁸

Então começou uma luta de ardis e cuidados entre a Moreninha e D. Quinquina. Aquella já tinha debalde esgotado quantos estratagemas lhe pôde suggerir seu fertil espirito, e enfim, fingindo-se fatigada, veio socegradamente conversar junto de D. Quinquina, que não menos viva conservava-se na defensiva.¹⁹⁸⁹

Depois de meia hora de habil affectação, a menina travessa, com um rapido movimento, fez cahir o leque de sua adversaria; Leopoldo abaixou-se para levantá-lo, e D. Quinquina, um instante desapercibida, curvou-se tambem, e soltou logo um grito sentindo a mão da prima sobre a rosa: com a sua foi acudir a esta; houve um conflicto entre duas finas mãozinhas, que mutuamente se beliscarão; e em resultado desfolhou-se completamente a rosa.¹⁹⁹⁰

— Morreu a bella captiva!... morreu a pobre captiva!... (gritório as moças).¹⁹⁹¹

— D. Carolina está criminosa ! (disse D. Clementina).¹⁹⁹²

¹⁹⁸³ ...

¹⁹⁸⁴ — Que por ~~ora~~ {emquanto} lhe conceda seus cabellos por ~~homenagem~~.

¹⁹⁸⁵ ~~eu~~

¹⁹⁸⁶ — Mas{,} cuidado{,} não haja quem liberte a bella captiva{!} {disse Leopoldo}.

¹⁹⁸⁷ — Protesto que a hei de furtar{!} {acrescentou ~~D.~~ Carolina}.

¹⁹⁸⁸ — Desafio-~~lhe~~ {-te} ~~a isso~~ {respondeu-lhe a prima}.

¹⁹⁸⁹ ~~Então~~ Começou {então} uma luta de ardis e cuidados entre a Moreninha e d. [Quinquinha]. Aquella já tinha debalde [exgottado] quantos estratagemas lhe [poude] suggerir seu fertil espirito; e{, por fim} ~~enfim~~, fingindo-se fatigada, veio socegradamente conversar junto de d. [Quinquinha]; que{,} não menos viva{,} conservava-se na defensiva.

¹⁹⁹⁰ ~~com um~~ {num} rapido movimento, fez cahir o leque de sua adversaria; Leopoldo abaixou-se para levantá-lo; e d. [Quinquinha], um instante ~~desapercibida~~ {desattenta}, curvou-se tambem, ~~e~~ { . Mas} soltou logo um grito{,} sentindo a mão da prima sobre a rosa; {;} com a sua foi acudir a esta; houve um conflicto entre duas finas mãozinhas, que mutuamente se [beliscaram]; e{,} em resultado{,} desfolhou-se completamente a rosa.

¹⁹⁹¹ !... Morreu a pobre captiva!... (~~gritório~~ {gritaram} as moças).

¹⁹⁹² {disse ~~D. Clementina~~} {uma}.

— Vai¹⁹⁹³ ao jury, minha senhora!

— É verdade;¹⁹⁹⁴ vamos leval-a ao jury!

A idéia foi recebida com applauso geral: só Felipe se oppoz.¹⁹⁹⁵

— Não ! não! (disse elle) Carolina é muito rebelde; se fosse condemnada, não cumpriria a sentença.¹⁹⁹⁶

— Oh maninho! não diga isso.¹⁹⁹⁷

— Vossê¹⁹⁹⁸ jura obedecer?...

— Eu juro por vossê¹⁹⁹⁹.

— Tanto peor:²⁰⁰⁰ era mais um motivo para se tornar perjura.

— Pois bem; dou a minha palavra: não é sulticiente?²⁰⁰¹

— Basta! basta!²⁰⁰²

Organisou-se o jury: Fabricio foi encarregado da presidencia : um outro moço serviu de escrivão, e cinco moças sahirão por sôrte para juradas : D. Clementina terá de ser a relatora da sentença. À Augusto declararão suspeito na causa. Felipe foi escolhido para advogado da ré, e Leopoldo da authora.²⁰⁰³

A sessão começou.

Longo fôra enumerar tudo o que se passou em duas horas muito agradaveis, e por isso muito breves tambem. Toda a companhia veio tomar parte n'aquelle divertimento

¹⁹⁹³ |Vae|

¹⁹⁹⁴ ,

¹⁹⁹⁵ geral: {,} só {se oppondo} Felipe ~~se oppoz~~.

¹⁹⁹⁶ — Não ! não! {disse elle} {;} Carolina é muito rebelde; se fosse condemnada, não cumpriria a sentença.

¹⁹⁹⁷ — Oh{,} maninho! {,} não diga isso{!}-

¹⁹⁹⁸ |Você|

¹⁹⁹⁹ |você|

²⁰⁰⁰ ;

²⁰⁰¹ — Pois bem; {,}dou a minha palavra: {,}não é {o} |sufficiente|?

²⁰⁰² — Basta! Basta!

²⁰⁰³ Organisou-se o jury: {;} Fabricio foi encarregado da presidencia{;} ÷ um outro moço serviu de escrivão; e cinco moças |sahiram| por |sorte| para juradas{;} ÷ d. Clementina terá de ser a relatora da sentença.À {;} a| Augusto |declararam| suspeito na causa- {;} |Felipe| foi escolhido para advogado da ré, e Leopoldo da |auctora|.

improvisado, e até, quem o diria? os dous velhos deixarão o taboleiro do gamão. Resuma-se alguma cousa.²⁰⁰⁴

As testemunhas fôrão D. Gabriella e uma outra, que dêrão provas de bastante espirito: o interrogatorio de D. Carolina fez rir a quantos o ouvirão. O debate dos advogados esteve curioso.²⁰⁰⁵

Leopoldo accusou a ré, demonstrando que tinha havido a circunstancia aggravante da premeditação, e que o crime se tornava ainda mais feio por ser causado pelo ciume; procurou provar que D. Carolina, conscia de seus encantos e belleza, queria ser senhora absoluta de todos os corações, e até de todos os sêres; que ella se enchêra de zelos suppondo com razão que Augusto dêsse subido valor á rosa, por lhe ser dada por uma moça bella, como a authora; e emfim que o crime da ré era excessivo, que já da tarde antecedente jurára a perda d'aquella flor, por desconfiar que o Zephyro brincava mais com ella, do que com seus olhos.²⁰⁰⁶

Fellippe não se deixou ficar atraz. Argumentou dizendo que era impossivel decidir que mão tinha dado a morte à bella captiva; que não houvera premeditação, porque a ré não quizera matar, mas sim libertar; que, se havia crime, só o commettêra a authora por prender uma innocente flor ; e que por ultimo, ainda quando fosse a ré a que desfolhára a rosa, e mesmo dando-se o proposito de o fazer, dever-se-hia attribuir tal acção à

²⁰⁰⁴ Longo fôra enumerar tudo o que se passou em duas horas muito agradaveis, e {,} por isso{,} muito breves ~~tambem~~.

Toda a companhia veio tomar parte ~~n'aquelle~~ {no} divertimento improvisado, e até {os dous velhos—}, quem o diria{—}? ~~os dous velhos~~ |deixaram| o taboleiro do gamão. Resuma-se alguma cousa. *Corte de parágrafo.*

²⁰⁰⁵ As testemunhas |foram| d. Gabriella e uma outra, ~~que~~ {e ambas} |deram| provas de bastante espirito: {;} o interrogatorio de ~~D.~~ Carolina fez rir a quantos o |ouviram|. O debate dos advogados esteve curioso.

²⁰⁰⁶ Leopoldo accusou a ré, demonstrando que tinha havido a circunstancia aggravante da premeditação, e que o crime se tornava ainda mais feio por ser causado pelo ciume; procurou provar que d. Carolina, conscia de seus encantos e belleza, queria ser senhora absoluta de todos os corações, e até de todos os |seres; que ~~ella~~ se |enchera| de zelos suppondo{,} com razão{,} que Augusto dêsse subido valor á rosa, por lhe ser ~~dada~~ {offerecida} por uma moça bella, como a |auctora; e{,} emfim que o crime da ré era excessivo, {por}que já ~~da~~ {na} tarde antecedente jurára a perda |daquella| flor, ~~por desconfiar~~ {desconfiando} que o |zephyro| brincava mais com ella, do que com seus olhos.

piedade; poisque D. Quinquina a estava matando pouco a pouco com o veneno da inveja, collocando-a tão perto de suas faces; que tanto a vencião em rubor e viço.²⁰⁰⁷

As juradas recolherão-se ao toileite, e cinco minutos depois voltarão com a sentença, que foi lida por D. Clementina.²⁰⁰⁸

O jury declarou D. Carolina criminosa, e a condemnou a indemnisar o dono da rosa com um beijo.²⁰⁰⁹

— Para fazer tal, (disse a ré) não carecia eu da sentença do jury; tome um beijo, minha prima.²⁰¹⁰

— Não é a mim que o deve dar; (respondeu a authora) o dono da rosa é o Sr. Augusto.²⁰¹¹

— De rosa se fez o rosto de D.²⁰¹² Carolina.

— O beijo! o beijo ! (gritirão as juradas.) Vossê deu sua palavra !²⁰¹³

— Ella hesitou alguns momentos... depois, approximou-se de Augusto, e com seu sorriso feiticeiro e irresistivel nos labios, disse:²⁰¹⁴

— O senhor me perdôa !²⁰¹⁵...

— Não! não! não! (clamarão de todos os lados.)²⁰¹⁶

²⁰⁰⁷ [Felippe] não se deixou ficar atraz. Argumentou dizendo que era impossivel decidir {se a ré déra} ~~que não tinha dado a~~ morte |á| bella captiva; que não houvera premeditação, porque a ré não quizera matar, mas sim libertar; que, se havia crime, só o |committera| a |auctora|{, prendendo} ~~por prender~~ uma innocente flor ; e que{,} por ultimo, ainda quando fosse a ré a que ~~desfolhára~~ {desfolhasse} a rosa, e ~~mesmo dando-se~~ {com} o proposito de o fazer, |dever-se-ia| attribuir tal acção |á| piedade; {,} |pois que| d. |Quinquinha| a estava matando pouco a pouco com o veneno da inveja, collocando-a tão perto de suas faces; {,} que tanto a |venciam| em rubor e viço.

²⁰⁰⁸ As juradas |recolheram-se| ao *toileite*; e cinco minutos depois |voltaram| com a sentença, que foi lida por d. Clementina.

²⁰⁰⁹ O jury declarou ~~D.~~ Carolina criminosa; e a condemnou a indemnisar o dono da ~~rosa~~ {flor} com um beijo.

²⁰¹⁰ — Para {isso, exclamou} ~~fazer tal, (disse a ré)~~ {,} não carecia ~~eu da~~ sentença do jury; {;} tome um beijo, minha prima.

²⁰¹¹ — Não é a mim que o deve{s} dar; (respondeu a |auctora|) o dono da {flor} ~~rosa~~ é o sr. Augusto.

²⁰¹² ~~D.~~

²⁰¹³ — O beijo! o beijo ! (gritaram| as juradas.) |Você| deu ~~sua~~ {a} palavra!

²⁰¹⁴ — ~~Ella~~ {A Moreninha} hesitou ~~alguns~~ {uns} momentos... ~~depois~~; {; em seguida} approximou-se de Augusto; e{,} com ~~seu sorriso~~ feiticeiro e irresistivel {sorriso} nos labios, disse:

²⁰¹⁵ ?

²⁰¹⁶ — Não! não! ~~não!~~ (clamaram| de todos os lados.)

Mas a menina parecia contar com o poder de seus labios ; porque, sorrindo-se ainda do mesmo modo, tornou a perguntar com meiguice e ternura:²⁰¹⁷

— Me perdôa !...²⁰¹⁸

— Não! não!²⁰¹⁹

— Porém como resistir ao seu sorriso!... como dizer que não a quem pede como ella? (exclamou Augusto entusiasmado.)²⁰²⁰

D. Carolina estava pois perdoada.²⁰²¹

— Agradecida! (disse ella, comvivo accento de gratidão) e estendeu sua dextra para Augusto, que, não podendo ceder tudo com tão criminoso desinteresse, tomou entre as suas aquella mãozinha de Cherubim, e fez estalar sobre ella o beijo mais gostoso, que tinham até então dado seus labios.²⁰²²

A manhã d'este dia foi assim passada; e a tarde votou-se aos preparativos do saráo.²⁰²³

²⁰¹⁷ Mas a menina parecia contar {contava} com o poder de seus labios {e, sempre} ; ~~porque,~~ sorrindo-se ~~ainda do mesmo modo~~, tornou a perguntar com meiguice e ternura:

²⁰¹⁸ — Perdoa-me?...

²⁰¹⁹ {insistiram as vozes}

²⁰²⁰ — ~~Porém~~ Como resistir ao seu sorriso!{?}... Como dizer ~~que~~-não a quem pede como ella?{...} (~~exclamou~~ Augusto{,} entusiasmado.)

²⁰²¹ ~~D.~~ Carolina estava ~~pois~~-perdoada.

²⁰²² — Agradecida! (~~disse~~ ella, {com vivo} accento de gratidão) {,}e {extendeu} sua dextra para Augusto, ~~que,~~ não podendo ceder tudo com tão criminoso desinteresse, tomou entre as suas aquella mãozinha de cherubim,-e fez estalar sobre ella o beijo mais gostoso; que {tinham} ~~até-então~~ dado seus labios.

²⁰²³ A manhã {deste} dia {passou-se assim;} ~~foi assim passada;~~ e {á} tarde ~~votou-se aos~~ {cuidou-se dos} preparativos do {sarau}.

XVI

O SARÃO

Um sarão é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarão todo o mundo tem que fazer; o diplomata ajusta, com o cópo dé champagne na mão, os mais intrincados negocios; todos murmurão, e não ha quem deixe de ser murmurado: o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época: as moças são no sarão como as estrellas no Céu; estão no seu elemento : aqui uma cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos applausos, por entre os quaes surde às vezes um bravissimo inopinado, que solta de lá da sala do jôgo o parceiro que acaba de ganhar sua partida do écarté, mesmo na occasião em que a moça se espicha completamente desafinando um sustenido : d'ahi a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala, e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversão sempre sobre objectos innocentes, que movem olhaduras e risadinhas apreciaveis. Outras criticão de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de dôce que veio para o chá, e que ella leva aos pequenos que, diz, lhe ficarão em casa. Alli vê-se um atariado dandy, que dirige mil finezas à uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá que senta-se ao lado. Finalmente, no sarão não é essencial ter

cabeça nem boca ; porque para alguns é regra durante elle, pensar pelos pés e fallar pelos olhos...²⁰²⁴

E o mais é que nós estamos n'um sarão : innumerous bateis conduzirão da Côrte para a ilha de... senhoras e senhores recommendaveis por character e qualidade: alegre, numerosa e; escolhida sociedade enche a grande casa, que; brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.²⁰²⁵

Entre todas essas elegantes e agradaveis moças, que com aturado empenho se esforço por ver qual d'ellas vence em graças, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princeza d'aquella festa.²⁰²⁶

Habil menina é ella! nunca seu amor proprio produziu com tanto estudo seu toucador, e comtudo dir-se-hia que o genio da simplicidade a penteára e vestira. Enquanto as outras moças havião esgotado a paciencia de seus cabellereiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidor, e coberto seus collos com mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabellos em duas tranças, que deixou cahir pelas costas; não quiz ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem

²⁰²⁴ ~~Um sarão é~~ O bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo {, é um sarão}. Em um sarão todo o mundo tem que fazer; o diplomata ajusta, com o |copo| |de| {champanha} ~~champagne~~ na mão, os mais intrincados negocios; ~~todos murmurão, e não ha quem deixe de ser murmurado;~~ o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo; {;} e o moço |gosa| todos os regalos da sua época; {;} as moças ~~são no sarão~~ {sentem-se} como as estrellas no céu; {—} ~~estão~~ no seu elemento{;} ÷ aqui uma{,} cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos applausos, por entre os quaes surge |ás| vezes um {“}bravissimo{“} ~~inopinado, que solta de lá da~~ {na} sala do |jogo|{, pelo} o parceiro que acaba de ganhar sua partida do {no} *écarté*, mesmo {no momento preciso} ~~na ocasião~~ em que a moça se ~~espicha~~ {espichou} completamente{,} desafinando um sustenido{;} ÷ d'ahi a pouco vão outras, pelos braços de {dos} seus pares, ~~se deslisando pela sala;~~ e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer ~~de nossos batalhões~~ {batalhão} da guarda nacional, ao mesmo tempo que |conversam| ~~sempre~~ sobre {cousas} ~~objectos~~ innocentes, ~~que movem olhaduras e~~ {lançando olhares e desferindo} risadinhas ~~apreciaveis~~. Outras |criticam| de uma gorducha vovó, que |ensacca| nos bolsos meia bandeja de ~~doce que veio~~ {doces vindos} para o chá, e ~~que ella leva~~ {destinados} aos pequenos que, ~~diz, lhe~~ |ficaram| em casa. Alli ~~vê-se~~ {se vê} um |ataviado| *dandy*, que dirige mil finezas |a| uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá que senta-se ao lado. Finalmente, ~~no sarão~~ não é essencial{, no sarão,} ter cabeça{,} nem |bocca|{,} ÷ porque para alguns é regra ~~durante elle,~~ pensar pelos {com os} pés e |falar| pelos {com os} olhos...{.}

²⁰²⁵ E o mais é que ~~nós~~ estamos |num| sarão{;} ÷ innumerous bateis |conduziram| da côrte para a ilha {do Paquetá} ~~de...~~ senhoras e ~~senhores~~ {cavalheiros} recommendaveis ~~por~~ {pelo} character e {pelas} qualidade{s}; ÷ alegre, ~~numerosa~~ e; escolhida sociedade enche a grande casa, que; brilha e mostra ~~em~~ {por} toda a parte ~~borbulhar~~ o prazer e o bom gosto.

²⁰²⁶ Entre {as} ~~todas essas elegantes e agradaveis~~ moças, que com aturado empenho se |esforçam| por ver qual d'ellas vence em graças, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princeza |daquella| festa.

com seu lindo collar de esmeraldas ; vestiu um finissimo, mas símple vestido de garça, que até peccava contra a moda reinante por não ser sobejamente comprido; e vindo assim apparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções.²⁰²⁷

Porém,²⁰²⁸ se um attento observador a estudasse, descobriria que ella adrede se mostrava assim para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em bello contraste com a alvura ds seu vestido branco; para mostrar todo nú elevado collo de alabastro, que tanto a aformoseia ; e que seu peccado contra a moda reinante não era senão um meio subtil, de que se aproveitára para deixar ver o pézinho mais bem feito e mais pequeno, que se póde imaginar.²⁰²⁹

Sobre ella estão conversando agora mesmo Fabricio e Leopoldo; terminão sem duvida a sua pratica ; não importa ; vamos ouvil-os.²⁰³⁰

— Está na verdade encantadora!... (repetiu pela quarta vez aquelle.)²⁰³¹

— Danças com ella?... (perguntou Leopoldo).²⁰³²

— Não : já estava engajada para doze quadrilhas.²⁰³³

— Oh! lá vai ter com ella o nosso Augusto. Vamos aprecial-o.²⁰³⁴

²⁰²⁷ Nunca seu amor proprio ~~produziu com~~ {revelou} tanto estudo {em} seu toucador, e ~~contudo~~ {dir-se-ia} que o genio da simplicidade a penteára e vestira. Enquanto as outras ~~moças haviam esgotado~~ {exgottavam} a paciencia ~~de~~ {dos} seus |cabelleireiros|, ~~posto~~ {punham} em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidor, e ~~coberto~~ {cobriam} seus collos com {as} mais ricas e preciosas joias, ~~D.~~ Carolina ~~dividiu~~ {dividia} seus cabellos em duas tranças, ~~que deixou cair~~ {cahidas} pelas costas; {.} Não quiz ~~ornar~~ {adornar} o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com ~~seu~~ {o} lindo collar de esmeraldas{.} ; Vestiu um finissimo, mas símple vestido de garça, que até peccava contra a moda reinante por não ser sobejamente comprido; ~~e vindo assim~~ {. E ao} apparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções.

²⁰²⁸ Porém, Se

²⁰²⁹ ~~ds~~ {do} seu vestido branco; ~~para mostrar~~ {e revelar} todo |nu| ~~elevado~~ {o cheio} collo de alabastro; que tanto a aformoseia ; e {descobriria ainda} que ~~seu~~ {o} peccado contra a moda reinante não era senão um meio subtil, ~~de que se aproveitára~~ para deixar ver {entrever o mais bem feito e menor} o pézinho ~~mais bem feito e mais pequeno~~, que se |pode| imaginar.

²⁰³⁰ Sobre ella {A respeito della} estão conversando ~~agora mesmo~~ {neste momento} Fabricio e Leopoldo; ~~terminão sem duvida a sua pratica ; não importa ;~~ {.} Vamos ouvil-os.

²⁰³¹ (repetiu pela quarta vez aquelle.)

²⁰³² ?... (perguntou Leopoldo).

²⁰³³ — Não {;} : já estava {a encontrei} engajada para doze quadrilhas.

²⁰³⁴ — Oh! lá |vae| ter com ella o nosso Augusto: {!} Vamos ~~aprecial-o~~ {vel-o}.

Os dous estudantes approximarão-se de Augusto, que acabava do rogar à linda Moreninha a mercê da terceira quadrilha.²⁰³⁵

— Leva de taboa ; (disse Fabricio ao ouvido de Leopoldo) é a mesma que eu lhe havia pedido.²⁰³⁶

Mas a juvenzinha pensou um momento, antes: de responder ao pretendente : olhou para Fabricio, e com particular mover de labios pareceu mostrar-se descontente ; depois riu-se e respondeu a Augusto:²⁰³⁷

— Com muito prazer.

— Mas, minha senhora (disse Fabricio, vermelho de despeito, e aturdido com um beliscão que lhe déra Leopoldo) ha cinco minutos já estava engajada até a duodecima.²⁰³⁸

— É verdade; (toruou D. Carolina) e agora só acabo de ratificar uma promessa : o Sr. Augusto pódera dizer se hontem pediu-me, ou não, a terceira contradança.²⁰³⁹

— Juro.... (balbuciu Augusto.)²⁰⁴⁰

— Basta! (acudiu Fabricio, interrompendo-o)²⁰⁴¹ é inutil qualquer juramento de homem, depois das palavras de uma senhora.

Fabricio e Leopoldo retrarão-se; D. Carolina, que tinha illudido o primeiro, vendo brilhar o prazer na face de Augusto, e temendo que d'aquella occurrencia tirasse este

²⁰³⁵ Os [dous] estudantes [approximaram-se] de Augusto, que acabava do rogar [à] linda Moreninha a mercê da terceira quadrilha.

²⁰³⁶ — Leva de taboa ; (disse Fabricio ao ouvido de Leopoldo) {;} é a mesma que eu lhe havia pedido.

²⁰³⁷ Mas a juvenzinha pensou um momento, antes: de responder{, a menina} ao pretendente: olhou para Fabricio, {reflectiu um momento e disse por fim, sorrindo:} e com particular mover de labios pareceu mostrar-se descontente ; depois riu-se e respondeu a Augusto:

²⁰³⁸ ({,} disse Fabricio, vermelho de despeito, e aturdido com um {o} beliscão que lhe déra Leopoldo) {;} ha cinco minutos já estava engajada até a duodecima-{...}

²⁰³⁹ — [E'] verdade; (toruou {a Moreninha;} D. Carolina) e agora só acabo de ratificar uma promessa: o sr. Augusto [poderá] dizer se hontem {não me pediu} pediu-me, ou não, a terceira contradança.

²⁰⁴⁰ — Juro.... (balbuciu Augusto.)

²⁰⁴¹ — Basta! (acudiu Fabricio, interrompendo-o) {;}

alguma explicação lisongeira demais, quiz applicar um correctivo, e erguendo-se tomou o braço de Augusto aproveitando o passeio, disse:²⁰⁴²

— Agradeço-lhe a condescendencia com que ja tomar parte na minha mentira...

foi necessario ques, praticasse assim ; quero antes dançar com qualquer, do que com aquelle seu amigo.²⁰⁴³

— Offendeu-lhe, minha senhora?...²⁰⁴⁴

— Certo que não; mas diz-me cousas que não quero saber.

— Então... que²⁰⁴⁵ diz elle?...

— Falla tantas vezes em amor...

— Meu Deos! é um crime que eu tenho estado bem perto de commetter!²⁰⁴⁶

— Pois bem; foi esta a unica razão.²⁰⁴⁷

— Mas eu temo perder a minha contradança... alguns momentos mais, e serei réo como Fabricio.²⁰⁴⁸

— A culpa será de²⁰⁴⁹ seus labios.

— Antes dos seus olhos, minha senhora.²⁰⁵⁰

— Cuidado, Sr. Augusto! lembre-se da contradança!²⁰⁵¹

— Pois será preciso dizer que a detesto?...

— Basta não dizer que me ama.

— Ernão dizer o que sinto; eu não sei mentir.²⁰⁵²

²⁰⁴² Fabricio e Leopoldo {retiraram-se e a Moreninha, tendo} ~~retrairão-se; D. Carolina, que tinha~~ illudido o primeiro, {e} vendo brilhar o prazer na face de Augusto, ~~e temendo~~ {receiou} que {daquella} {occorrencia} tirasse ~~este~~ {elle} alguma explicação lisongeira demais, ~~quiz~~ {. Resolveu} applicar{-lhe} um correctivo, e {,} erguendo-se {,} tomou o braço de Augusto ~~aproveitando o passeio~~ {e, ao começar o passeio}, disse:

²⁰⁴³ — Agradeço-lhe a condescendencia com que ~~ja tomar~~ {tomou} parte na minha mentira... Foi necessario ~~ques,~~ {que eu} praticasse assim; quero antes dançar com qualquer, do que com aquelle seu amigo.

²⁰⁴⁴ ...

²⁰⁴⁵ Que

²⁰⁴⁶ — Meu |Deus!| |E'| um crime que eu tenho estado bem perto de commetter!

²⁰⁴⁷ — Pois ~~bem;~~ foi esta a unica razão.

²⁰⁴⁸ ... {,} Alguns momentos mais, e serei réo como Fabricio- {...}

²⁰⁴⁹ dos

²⁰⁵⁰ — ~~Antes~~ Dos seus olhos, minha senhora- {...}

²⁰⁵¹ — Cuidado, sr. Augusto! Lembre-se da contradança!

²⁰⁵² — ~~Ernao~~ { E' não} dizer o que sinto; ~~eu~~ não sei mentir- {...}

— Ainda ha pouco ia jurar falso....²⁰⁵³

— Nas palavras de um anjo, ou de uma....²⁰⁵⁴

— Acabe.

— Tentaçõzinha.²⁰⁵⁵

— Perdeu a terceira contradança.

— Misericordia! eu não fallei em amor!...²⁰⁵⁶

Neste momento a orchestra assignalou o começo do saráo. É preciso antecipar que nos não vamos dar ao trabalho de descrever este: é um saráo como todos os outros : basta dizer o seguinte.²⁰⁵⁷

Os velhos lembrárão-se.do passado; os moços aproveitarão o presente; ninguém cuidou do futuro. Os solteiros fizerão por lembrarem-se do casamento; os casados trabalhãrão por esquecer-se delle. Os homens jogárão, fallárão em politica, e requestárão as moças; as senhoras ouvirão finezas, traltárão de modas, e criticárão desapiedadamente umas das outras. As filhas derão carreirinhas ao som da musica; as mãis já idosas recebêrão cumprimentos por amor d'aquellas : as avós, por não ter que fazer, nem que ouvir, levárão todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doce. Tudo esteve debaixo d'estas regras geraes: só resta dar conta das seguintes particularidades.²⁰⁵⁸

²⁰⁵³ — ~~Ainda~~ {Inda} ha pouco ia ~~jurar~~ {jurando} falso....

²⁰⁵⁴ — ~~Nas~~ {Jurava sobre as} palavras de um anjo; ou de uma....

²⁰⁵⁵ ...

²⁰⁵⁶ ! Eu não {falei} em amor!...

²⁰⁵⁷ {E'} {preciso} antecipar que nos não vamos {nos} dar ao trabalho de {descreve-lo.} ~~descrever este:~~ {E'} um saráo como todos os outros: { }. Basta {que se diga} ~~dizer~~ o seguinte{:}-

²⁰⁵⁸ Os velhos {lembraram-se} do passado; os moços {aproveitaram} o presente; ninguém cuidou do futuro. Os solteiros {fizeram} por lembrarem-se do casamento; os casados {trabalharam} por ~~esquecer-se delle~~ {esquecel-o}. Os homens {jogaram}, {falaram} em politica; e {requestaram} as moças; as senhoras {ouviram} finezas, {tratarem} de modas, e ~~criticárão~~ {criticaram-se} desapiedadamente umas ~~das~~ {ás} outras. As filhas {deram} carreirinhas ao som da musica; as {mães}{,} já idosas{,} {receberam} cumprimentos por amor ~~d'aquellas~~ {dellas}; as avós, por não ~~ter~~ {terem} que fazer, nem {o} que ouvir, {levaram} todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doce{s}. Tudo esteve ~~debaixo~~ {dentro} {destas} regras geraes: { }.
só resta dar conta das seguintes {Mais algumas} particularidades-{:} Corte de parágrafo

D. Carolina sempre dançou a terceira contra-dança com Augusto : mas para isso foi preciso que a Sra. D. Anna empenhasse todo o seu valimento: a tyranna prmcezinha da festa esteve realmente desapiedada ; não quiz passear com o estudante.²⁰⁵⁹

A interessante D. Violante fez o diabo a quatro: tomou doze sorvetes, comeu pão-de-ló como nenhuma, tocou em todos os doces, obrigou alguns moços a tomal-a por par, e até dançou uma walsa de corrupio.²⁰⁶⁰

Augusto apaixonou-se por seis senhoras, com quem dançou: o rapaz é incorrigivel. É assim tudo mais.²⁰⁶¹

Agora são quatro horas da manhã; o saráo está terminado; os convidados vão retirandose; e nós, entrando no toilette, vamos ouvir quatro bellas conhecidas nossas, que conversão com ardor e fogo.²⁰⁶²

— É possivel?... (exclamou D. Quinquina, dirigindo-se a sua mana) pois é verdade que esse Sr. Augusto lhe fez uma declaração de amor?...²⁰⁶³

— Como quer que lhe diga, maninha!... Asseverou que meus olhos pretos davão à sua alma mais luz, do que a seus olhos todos os candelabros da sala n'esta noite, e mesmo do que o sol nos dias mais brilhantes... palavras delle.²⁰⁶⁴

²⁰⁵⁹ ~~D. Carolina~~ {A Moreninha} sempre dançou a terceira contra-dança com Augusto{;} :-mas para isso foi preciso que ~~a Sra. D.~~ {d.} Anna empenhasse todo o seu valimento: {;} a ~~tyranna~~ {tyrannica} |princezinha| da festa esteve realmente desapiedada ; {e} não quiz passear com o ~~estudante~~ {rapaz}.

²⁰⁶⁰ A interessante d. Violante fez o diabo a quatro: {;} tomou doze sorvetes, comeu pão-de-ló como nenhuma {outra}, tocou em todos os doces, obrigou alguns moços a tomal-a por par; e até dançou uma |walsa| de |corrupio|.

²⁰⁶¹ Augusto apaixonou-se {pelas} ~~por~~ seis senhoras,-com quem dançou-|. Era incorrigivel,} o rapaz{...} ~~é incorrigivel.~~

É assim ~~tudo mais~~ {por deante}. *Corte de parágrafo.*

²⁰⁶² {São agora} ~~Agora são~~ quatro horas da manhã; o saráo está terminado; os convidados vão{-se} retirandose; ~~e nós,~~ {.}

Entrando no *toilette*, ~~vamos~~ {a} ouvir quatro bellas {beldades nossas} conhecidas ~~nossas~~, que |conversam| com ardor e fogo. *Corte de parágrafo.*

²⁰⁶³ — |E'| possivel?... (~~exclamou D.~~ {exclama d.} |Quinquinha|, dirigindo-se |á| sua mana) {;} pois é verdade que esse sr. Augusto ~~lhe~~ {te} fez uma declaração de amor?...

²⁰⁶⁴ — Como ~~quer~~ {queres} que ~~lhe~~ {te} diga, maninha!{?}... Asseverou que meus olhos pretos |davam| |á| sua alma mais luz; do que a{os} seus olhos todos os candelabros da sala{,} ~~n'esta noite,~~ e mesmo ~~de~~ ~~que~~ o sol nos dias mais brilhantes--- {—}palavras delle.

— Que insolente !... (tornou. D. Quinquina). elle mesmo, que me jurou ser a mais bella a seus olhos, e a mais cara a seu coração; porque meus cabellos erão fios d'ouro, e a côr das minhas faces o rubor de um bello amanhecer!... palavras.d'elle.²⁰⁶⁵

— Que atrevido!... (bradou D. Clementina) o proprio que affirmou ser-lhe impossivel viver sem alentar-se com a esperança de possuir-me ; porque tu sabia ferir corações com minhas vistas, e curar profundas magoas com meus sorrisos!... palavras d'elle.²⁰⁶⁶

— Oh! que moço abominavel! (disse por sua vez D. Gabriella) e ousou dizer-me que me amava com tão subida paixão que, se fôra por mim amado, e pudesse desejar e pedir algum extremo, não me pediria, como a outras, para beijar-me a face; porque das virgens do Céu sómente se beijão os pés, e de joêlhos !... palavras d'elle.²⁰⁶⁷

— Mas isto é um insulto feito a todas nós!...²⁰⁶⁸

— Como se estará elle rindo !...

— Qual! se elle está apaixonado....²⁰⁶⁹

— Apaixonado ??... e por quem?...²⁰⁷⁰

— Por nós quatro... talvez por outras mais: elle pensa assim.²⁰⁷¹

— Que maldito Brasileiro com alma de Mouro!...²⁰⁷²

— E havemos de ficar assim?...²⁰⁷³

²⁰⁶⁵ — Que insolente !... (tornou. d. |Quinquinha|). ~~elle mesmo, que~~ {A mim} me jurou ser {eu} a mais bella a{os} seus olhos; e a mais cara a{o} seu coração; {,} porque meus cabellos |eram| fios |de ouro|, e a côr das minhas faces o rubor de um bello amanhecer!... —} palavras-~~d'elle~~ {suas...}.

²⁰⁶⁶ — Que atrevido!... (bradou d. Clementina) ~~e proprio~~ {E' o mesmo} que affirmou ser-lhe impossivel viver sem alentar-se com a esperança de possuir-me{,} ; porque ~~tu~~ {eu} sabia ferir {os} corações com ~~minhas vistas~~, {meus olhares} e curar profundas |magoas| com meus sorrisos!... palavras ~~d'elle~~ {do dicto.}

²⁰⁶⁷ — Oh! {,} que moço abominavel!{...} {disse por sua vez d. Gabriella}-e {,} Ousou dizer-me que me amava com tão subida paixão que, se fôra por mim amado; e |pudesse| desejar e pedir algum extremo, não ~~me~~ pediria, como a outras, para beijar-me a face; {,} porque das virgens do céu sómente se |beijam| os pés, e de |joelhos|!... palavras ~~d'elle~~ {do miseravel}.

²⁰⁶⁸ ...
²⁰⁶⁹ — Qual! ~~se elle~~ Está {mas é} apaixonado....

²⁰⁷⁰ — Apaixonado ??... E por quem?...

²⁰⁷¹ — Por nós quatro... {, e} talvez por outras mais; {;} elle pensa assim.

²⁰⁷² — Que maldito brasileiro com alma de mouro!...

²⁰⁷³ — E ~~havemos de ficar assim~~ {ficamos nisto}?...

— Não : (acudiu D. Joanninha) vamos ter com elle; desmascaremol-o....²⁰⁷⁴

— Isso é nada para quem não tem vergonha!²⁰⁷⁵

— Pois troquemos os papeis: finjamos que estavamos tratadas²⁰⁷⁶ para desafiar-lhe os requebros... ridicularisemol-o como fôr possível...²⁰⁷⁷

— Sim... obriguemol-o²⁰⁷⁸ a dizer qual de nós é a mais bonita; cada uma lhe pedirá um annel de seus cabellos.... uma prenda.... uma lembrança.... ponhamol-o doudo....²⁰⁷⁹

— Muito bem pensado ! vamos!...²⁰⁸⁰

— Deos nos livre! à vista de tanta gente ?...²⁰⁸¹

— Então quando, e aonde ?...²⁰⁸²

— Uma idéa !... seja a zombaria completa: escreva-se uma carta anonyma²⁰⁸³ convidando-o para estar ao romper do dia na gruta.

— Bravo! então escreva...²⁰⁸⁴

— Eu não ; escreva vossê....²⁰⁸⁵

— Deos me defenda! escreva D. Gabriella, que tem bôa letra....²⁰⁸⁶

— Então nenhuma escreve.²⁰⁸⁷

— Pois tiremos por sorte!²⁰⁸⁸

A idéa foi recebida com approvação ; e a sorte destinou para secretaria D. Clementina, que, tirando de seu album um lapis e uma tira de papel, escreveu sem

²⁰⁷⁴ — Não : {acudiu d. Joanninha } {;} vamos ter com elle; {e desmascaremol-o} desmascaremol-o....

²⁰⁷⁵ {...}

²⁰⁷⁶ combinadas

²⁰⁷⁷ Ridicularisemol-o como fôr possível...{.}

²⁰⁷⁸ Obriguemol-o

²⁰⁷⁹ {e ponhamol-o} ponhamol-o {doudo}....

²⁰⁸⁰ Vamos!...

²⁰⁸¹ — {Deus} nos livre! {...} {A'} vista de tanta gente ?...

²⁰⁸² — {Então} Quando, e aonde{, então} ?...

²⁰⁸³ Seja a zombaria completa: escreva-se uma carta anonyma{,}

²⁰⁸⁴ — Bravo! {Escreva tu,} então{.} escreva...

²⁰⁸⁵ — Eu{,} não{,} ; escreva {você}....

²⁰⁸⁶ — {Deus} me defenda! escreva d. Gabriella, que tem {boa} letra....

²⁰⁸⁷ — {Então} nenhuma {Ninguem} escreve{?};

²⁰⁸⁸ — Pois tiremos por {a} sorte!-{.}

hesitar: « Senhor : Uma joven que vos ama, e que de vós escutou palavras de ternura, tem um segredo a confiar vos : ao raiar da aurora a encontrareis no banco de relva da gruta : sêde circunspecto, e vereis a quem por meia hora ainda quer ser apenas — Uma incognita.²⁰⁸⁹

— Bem; (disse D. Quinquina) eu me encarrego de fazer-lhe receber a carta; saíamos.²⁰⁹⁰

As quatro moças ião sahir quando um suspiro as suspendeu : mais alguém estava no *toilette*. D. Joanninha, medrosa de que uma testemunha tivesse presenciado a scena que se acabava de passar, voltou-se para o fundo do gabinete, e o susto para logo se lhe dissipou.²⁰⁹¹

— Vejão como ella dorme !... (disse)²⁰⁹²

Com effeito, recostada em uma cadeira de braços, D. Carolina estava profundamente adormecida.²⁰⁹³

A Moreninha se mostrava na verdade encantadora no molle descuido de seu dormir: à mercê de um doce resfolegar, os desejos se agitavão entre seus seios; seu pézinho bem à mostra, suas tranças dobradas no collo... seus labios entre-abertos e como por costume amoldados áqueile sorrir, cheio de mahcia e de encanto, que já lhe conhecemos ; e finalmente suas palpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercilios, a tornavão mais feiticeira que nunca.²⁰⁹⁴

²⁰⁸⁹ A idéa foi recebida com approvação ; e a sorte destinou para secretaria d. Clementina, que, tirando de seu album um lapis e uma tira de papel, escreveu sem hesitar:

«{“} Senhor: {—} Uma joven{,} que vos ama, e que de vós escutou palavras de ternura, tem um segredo a |confiar-vos| : ao raiar da aurora a encontrareis no banco de relva da gruta: {;} sêde |circunspecto|, e vereis a quem{,} por meia hora ainda{,} quer ser apenas — *Uma incognita*.{“} Corte de parágrafo

²⁰⁹⁰ — Bem;{({,}disse d. |Quinquina|) eu me encarrego de ~~fazer-lhe~~ {fazel-o} receber a carta; saíamos.

²⁰⁹¹ As quatro moças ião sahir{,} quando um suspiro as ~~suspendeu~~ {deteve}: {alguem}mais ~~alguem~~ estava no *toilette*. D. Joanninha, medrosa de que uma testemunha tivesse presenciado a scena ~~que se acabava de passar~~, voltou-se para o fundo do gabinete,~~e~~ { . Mas } o {seu} susto para logo se ~~lhe~~ dissipou.

²⁰⁹² — |Vejam| como ella dorme!... {disse}

²⁰⁹³ {—} Com effeito, recostada em uma cadeira de braços, ~~D.~~ Carolina ~~estava~~ {dormia} profundamente ~~adormecida~~ .

²⁰⁹⁴ ~~na verdade~~ encantadora no molle descuido ~~de~~ {do} seu dormir:à {;} mercê de um doce resfolegar, os desejos se |agitavam| entre seus seios; ~~seu~~ {o} pézinho bem |á| mostra, {...} suas tranças dobradas no collo... seus labios |entreabertos| e{,} como ~~por~~ {de}costume amoldados |áquele| ~~sorrir~~, {sorriso} cheio

D. Clementina não pôde²⁰⁹⁵ resistir a tantas graças ; correu para ella... dous rostos angelicos se approximarão... quatro labios côr de rosa se tocãrão, e este toque fez acordar D.Carolina.²⁰⁹⁶

Um beijo tinha despertado um anjo; se é que o anjo realmente dormia.²⁰⁹⁷

de mahcia e de encanto, que já lhe conhecemos {...} ; e finalmente suas palpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercilios, {tudo} a {tornava} tornava mais feiticeira que nunca.

²⁰⁹⁵ |poude|

²⁰⁹⁶ ÷ {.} Correu para ella... |Dois| rostos angelicos se |approximaram|... Quatro labios côr de rosa se |tocaram|, e este toque fez acordar D.Carolina. {e a Moreninha acordou.}

²⁰⁹⁷ ÷ {—} se é que o anjo realmente dormia {...}:-

XVII

FÔRÃO BUSCAR LÃ, E SAHÍRÃO TOSQUIADAS²⁰⁹⁸

Se houve alguém que quizesse servir a D. Quinquina, ou se foi ella mesma quem poz a carta anonyma no bolso da jaqueta de Augusto, é cousa que pouco interesse dá: o certo é que o estudante, indo tirar o lenço para assoar-se, achou o interessante escriptinho: então correu logo para um lugar solitario, e só depois de devorar o convite sem assignatura foi que lembrou-se que ainda não se havia assoado, e que o pingo estava cae não cae na ponta do nariz: emfim, ainda com o lenço acudiu a tempo, e depois entendeu que, para melhor decidir o quê lhe cumpria fazer n'aquella conjunctura, deveria avivar o cerebro sorvendo uma bôa-pitada de rapé; portanto lançou a mão ao segundo bolso de sua jaqueta, eis que lhe sae com a caixa do bom princeza um outro escriptinho, como o primeiro.²⁰⁹⁹

— Bravo! (exclamou o nosso estudante) temiveis mãozinhas serião estas, sc se dessem ao exercicio, não de encher, mas de vasar as algibeiras da gente.²¹⁰⁰

E ²¹⁰¹sem mais dizer, abriu e leu o escripto.

« Senhor. Uma moça, que nem é bonita nem namorada, mas que quer interessar-se por vós entende dever prevenir-vos que no banco de relva da gruta não achareis ao amanhecer uma incognita ; porém sim conhecidas, que pretendem zombar de vós, porque esta mesma noite jurastes amar a cada uma dellas em particular. Não procureis

²⁰⁹⁸ FORAM BUSCAR LÃ, E SAHIRAM TOSQUIADAS

²⁰⁹⁹ Se houve alguém que quizesse servir a d. [Quinquinha], ou se foi ella mesma quem poz a carta anonyma no bolso da jaqueta de Augusto, é cousa ~~que {de} pouco interesse{;} dá;~~ o certo é que o estudante, indo tirar o lenço para assoar-se, achou o interessante ~~escriptinho: então {bilhetinho};~~ correu logo para um lugar solitario, e{,} só depois de devorar o convite sem assignatura{,} foi que {se} lembrou-se que ainda não se havia {tinha} assoado, e que o pingo estava |câe-não-câe| na ponta do nariz: ~~emfim, ainda com o lenço~~ { . Mas } acudiu{-o} a tempo, e ~~depois~~ entendeu que, para melhor decidir o |que| lhe cumpria fazer |naquella| conjunctura, ~~deveria-~~{era mister} avivar o cerebro{,} sorvendo uma |boa pitada| de rapé; ~~portanto lançou a mão ao~~ { . Metteu, pois, a mão no } segundo bolso ~~de sua {da} jaqueta,~~ eis que lhe |sae| com {o pacote do } ~~a caixa do bom Princeza~~ um outro ~~escriptinho, como o primeiro~~ {bilhetinho}.

²¹⁰⁰ — Bravo! ~~{exclamou o nosso estudante} {;} temiveis~~ mãozinhas |seriam| estas, |si| se |dése| ao exercicio, não de encher, mas de vasar as algibeiras da gente- {...}

²¹⁰¹ {,}

adivinhar quem vos escreve, porque, apesar de ser vossa amiga, serei por agora— Uma incognita.²¹⁰²

— Muito bonito! muito bonito !... (disse Augusto, beijando o bilhete) estou exactamente representando um papel de romance! mas que sabe se ainda acharei mais cartas!...²¹⁰³

E n'isto pensando, foi correndo um por um todos os bolsos de seus vestidos, sem esquecer do relógio; e até passou os dedos por sua vasta cabelleira, presumindo que talvez introduzissem algum escripto no enorme canudo de cabellos que lhe escondia as orêlhas.²¹⁰⁴

Porém nada mais havia, também duas cartas tão curiosas já erão de sobra em uma só noite. O estudante pensou no conteúdo de ambas, e ainda reflexionava se lhe cumpria fugir ou aceitar um certame com quatro moças, que elle adivinha quaes erão, quando a primeira rosa da aurora se desabriu no horizonte. Augusto correu para a gruta encantada.²¹⁰⁵

Chegando ao pé foi de mansinho se approximando; sentiu rumor, e ouviu que alguém dizia em tom baixo.²¹⁰⁶

— Oh! si elle vier !...²¹⁰⁷

²¹⁰² « {} Senhor{:—}; Uma moça, que nem é bonita nem ~~namorada~~ {namorada}, mas que quer interessar-se por vós{,} entende dever prevenir-vos que no banco de relva da gruta não achareis ao amanhecer uma *incognita* ; {,} porém ~~sim~~ {varias} *conhecidas*, que pretendem zombar de vós, porque esta mesma noite jurastes amar a cada uma dellas em particular. Não procureis adivinhar quem vos escreve, porque, [apesar] de ~~ser~~ vossa amiga, ~~serei~~ {será} por agora— *Uma incognita*. {}

²¹⁰³ — Muito bonito! ~~muito bonito !...~~ (disse {exclamou} Augusto, beijando o bilhete) {.} Estou exactamente representando um papel de romance! Mas ~~que~~ {quem} sabe se ~~ainda~~ {não} acharei mais cartas!...

²¹⁰⁴ E ~~n'isto pensando~~, foi correndo um por um todos os bolsos ~~de seus vestidos~~, sem esquecer {o} do relógio; e até passou os dedos ~~por sua~~ {pela} vasta cabelleira, presumindo que talvez {houvessem introduzido} ~~introduzissem~~ algum escripto no enorme canudo de cabellos que lhe escondia as [orelhas].

²¹⁰⁵ ~~Porém~~ Nada mais havia, {porém.} ~~tambem~~ Duas cartas tão curiosas{, entretanto,} já [eram] de sobra ~~em~~ {para} uma só noite.

O estudante pensou no [conteudo] de ambas, e ainda reflexionava [si] lhe cumpria fugir ou [aceitar] um ~~certame~~ {certame} com quatro moças, que ~~elle~~ adivinha quaes ~~erão~~ {fossem}, quando a primeira rosa da aurora se ~~desabriu~~ no [horizonte]. Augusto correu para a gruta encantada. *Corte de parágrafo*

²¹⁰⁶

²¹⁰⁷ — Oh! {,} si elle vier !...

— Eil-o aqui, minhas bellas senhoras; (exclamou o estudante, que entendeu não lhes dever nunca dar tempo a tomar a offensiva) eis me aqui!...²¹⁰⁸

As moças, que estavam todas sentadinhas no banco de relva, como quatro pombas rôlas enfiladas no mesmo galho, erguêrão-se sobresaltadas ao ver entrar inopinadamente o estudante: era isso mesmo o que elle queria; pois continuou:²¹⁰⁹

— Às senhoras veem que acudi de prompto ao honroso convite, e que me enthusiasmo vendo quatro auroras em lugar de uma só! Bello amanhecer é este, sem duvida... mas exposto ao fôgo abrazador de oito olhos brilhantes... eu me sinto arder... juro que tenho sêde... eis alli uma fonte... Mas, meu Deos, é a fonte encantada, que descobre os segredos de quem está com nosco !... Bem! bem! melhor! uma gota d'esta lymphá de fadas !...²¹¹⁰

— O que é que elle está dizendo, mana? (exclamou D. Quinquina apontando para Augusto, que tinha entre os labios o côpo de prata)²¹¹¹

É preciso decidir-nos a começar (disse D. Gabriella).²¹¹²

— Principie vossê (disse D. Joanninha).²¹¹³

— Eu não; comece vossê.²¹¹⁴

— Eu não, que sou a mais moça.²¹¹⁵

²¹⁰⁸ — Eil-o aqui, minhas bellas senhoras; (exclamou o estudante, que entendeu não lhes ~~dever nunca~~ dar tempo {para} a tomar a offensiva) {,} |Eis-me| aqui!...

²¹⁰⁹ As moças, ~~que estavam todas~~ sentadinhas no banco de relva, como quatro pombas |rôlas| ~~enfiladas~~ {enfileiradas} no mesmo galho, |ergueram-se| sobresaltadas ao |vêr| entrar inopinadamente o estudante: {,} Era isso mesmo o que elle queria; {, e ,} pois{,} continuou:

²¹¹⁰ — |As| senhoras |vêem| que acudi de prompto ao honroso convite, e que me enthusiasmo vendo quatro auroras em lugar de uma só! Bello amanhecer é este, sem duvida... Mas{,} exposto ao |fogo| |abrazador| de oito olhos brilhantes... ~~eu me~~ {,} sinto{-me} arder... Juro que tenho sêde... {—} eis |ali| uma fonte... Mas, meu |Deus|, é a fonte encantada, que descobre os segredos de quem está |comnosco|!... ~~Bem! bem!~~ Melhor! {Venha} uma |gotta| d'esta {dessa} lymphá de fadas !...

²¹¹¹ (exclamou d. |Quinquinha|{,} apontando para Augusto {já de copo de prata nos labios.}, ~~que tinha entre os labios o côpo de prata~~)

²¹¹² {—} |E'| preciso decidir-nos a começar{,} (disse d. Gabriella).

²¹¹³ — Principie |você|{,} (disse d. Joanninha).

²¹¹⁴ — Eu não; {!} Comece |você|{...}:-

²¹¹⁵ — Eu{,} não, que sou a mais moça-{:...}

Então o estudante, que tinha acabado de esgotar o seu cópo d'agua, voltou-se para ellas e dando a seu rosto uma expressão animada, e a suas palavras estudado accento:²¹¹⁶

— Começo eu minhas senhoras; (disse) e começo por dizer-vos que aquella fonte é realmente encantada: sim; eu tenho à mercê de sua agua, adivinhado bellos segredos: escutai vós... Perdoai e consenti que vos trate assim, enquanto vos fallar inspirado por um poder sobrenatural : vós viestes aqui para maltratar-me e zombar de mim por haver amado a todas vós n'uma só noite: que ingratidão!... eu vos poderia perguntar como o poeta :²¹¹⁷

Assim se paga um coração amante? !²¹¹⁸

mas desgraçadamente a fada que preside áquelle fonte quer mais alguma cousa ainda, e me dá uma cruel missão! ordena-me que eu diga a cada uma de vós em particular algum segredo do fundo de vossos corações, para melhor provar os seus encantamentos. Pois bem; é preciso obedecer : qual de vós quer ser a primeira?... Eu não ousa fallar alto, por que pelo jardim talvez estejam passeiando alguns profanos. Qual de vós quer ser a primeira?...²¹¹⁹

Nenhuma se moveu.

²¹¹⁶ |exgottar| o seu |copo| d'agua, voltou-se para ellas e{,} dando a{o} seu rosto uma expressão animada; e a {ás} suas palavras estudado accento:-{,}

²¹¹⁷ — Começo eu{,} minhas senhoras;-({,}disse) {,}e começo por dizer-vos que aquella fonte é realmente encantada: {,} Sim;-eu {,} tenho{,} à mercê de sua agua, adivinhado bellos segredos: {,} |Escutae| vós... Perdoai e consenti que vos trate assim, enquanto {, que} vos fallar {falo} inspirado por um poder sobrenatural : {,}

Vós viestes aqui para maltratar-me e zombar de mim{,} por haver amado a todas vós |numa| só noite:-{,} Que ingratidão!... Eu vos poderia perguntar como o poeta : *Corte de parágrafo.*

²¹¹⁸ Assim se paga um coração amante? !

²¹¹⁹ Mas{,} desgraçadamente{,} a fada que preside áquelle fonte quer mais alguma cousa ainda; e me dá uma cruel missão! Ordena-me que eu diga a cada uma de vós em particular algum segredo do fundo de vossos corações, para {assim} melhor provar os seus encantamentos. Pois bem; {;} é preciso obedecer-: {obedecer-a e pergunto-vos} qual de vós quer ser a primeira?... Eu Não ousa fallar alto, |porque| pelo jardim talvez |estejam| |passeiando| alguns profanos. Qual de vós quer ser a primeira?...

— Será preciso que eu escolha?... (conti nuou o tagarella) escolherei... Iluminai-me, bôa fada! Quem será?... será... a Sra D. Gabriella.²¹²⁰

— Eu?! (respondeu a menina, recuando).²¹²¹

— A senhora mesma; (disse Augusto, trazendo-a pela mão para junto da fonte) vinde, senhora, para bem perto do lugar encantado: agora silencio... ouvi.²¹²²

— Elle está mangando com nosco (murmurou D. Clementina).

Augusto já estava fallando em voz haixa a D. Gabriella.²¹²³

— Vós, senhora, ainda não amastes a pessoa alguma: para vós amor não existe, é um sonho apenas; só olhais como real a galanteria: vós quereis zombar de mim, porque vos protestei os mesmos sentimentos que havia protestado a mais tres companheiras vossas: e todavia²¹²⁴ estaes incursa em igual delicto, pois só por cartas vos correspondeis com cinco mancebos.

— Senhor!...

— Oh! não vos impacienteis : quereis provas ?... Ha quatro dias, uma vendedeira de empadas, que se encarrega de vossas cartas, enganou-se na entrega de duas ; trocou-as e deu, se bem me lembra a fada, a de lacre azul ao Sr Juca, e a de lacre verde ao Sr. Joãozinho.²¹²⁵

— Ora... ora, senhor ! quem²¹²⁶ lhe contou essas invenções?

²¹²⁰ — Será preciso que eu escolha?... (continuou o tagarella) { . Pois } escolherei... [Iluminae-me], [boa] fada! Quem será?... Será... a sra d. Gabriella.

²¹²¹ — Eu?! (respondeu a menina, recuando).

²¹²² — A senhora mesma; { {, } disse Augusto, trazendo-a pela mão para junto da fonte } { ; } vinde, senhora, para bem perto do lugar encantado: { . } Agora silencio... { e } ouvi.

²¹²³ — Elle está mangando |comnosco| { , } { murmurou d. Clementina } { , enquanto } Augusto { falava } já estava fallando em voz baixa a d. Gabriella { , dizendo: } — *Junção de parágrafos*

²¹²⁴ — Vós, senhora, ainda não amastes a pessoa alguma; { ; } para [vós] { o } amor não existe; { ; } é um sonho apenas; { . } Só [olhaes] como real a galanteria: vós { , } quereis zombar de mim, porque vos protestei os mesmos sentimentos que havia protestado a mais tres companheiras vossas: { , } e { , } todavia { , }

²¹²⁵ — Oh! { , } não vos impacienteis { ! } ÷ Quereis provas?... Ha quatro dias, uma vendedeira de empadas, que se encarrega de vossas cartas, enganou-se na entrega de duas; trocou-as e deu, [si] bem me lembra a fada, a de lacre azul ao sr Juca, e a de lacre verde ao sr. Joãozinho.

²¹²⁶ Quem

— A fada; e fez mais ainda. Vós não achareis em vosso album o escripto desesperado do Sr. Joãozinho, que vos foi entregue no momento de vossa partida para esta ilha; sou eu que o tenho, a fada m'o deu ha pouco com sua mão invisivel.²¹²⁷

— Impossivel ! (balbuciou D. Gabriella, recorrendo ao seu album).²¹²⁸

Ella não²¹²⁹ podia encontrar o escripto.

— Sr. Augusto, (disse então, toda vergonha e acanhamento) eu lhe rogo que me dê esse papel.²¹³⁰

— Pois não quereis ouvir mais nada?...

— Basta o que tenho ouvido, e que não posso bem comprehender: mas dê-me o que lhe pedi.²¹³¹

— D'aqui a pouco, senhora ; na hora de minha partida para a Côte: porem com uma condição.²¹³²

— Póde dizel-a.

— Sois sobremaneira delicada, senhora; este excesso vos deve ser nocivo; quereis fazer-me o obsequio de ir descansar, e dar-me à honra de aceitar a minha mão até a porta da gruta?...²¹³³

— Com muito prazer.

Então os dous se dirigirão para fóra; passando junto das tres companheiras, D. Gabriella pôde apenas dizer-lhes:²¹³⁴

²¹²⁷ sr. Joãozinho, que vos foi entregue no momento {da} ~~de~~ vossa partida para {a} ~~esta~~ ilha; sou eu que o tenho, a fada m'o deu ha pouco com sua mão invisivel.

²¹²⁸ — Impossivel! {balbuciou d. Gabriella, recorrendo ao seu album}.

²¹²⁹ {—} ~~Ella~~ Não

²¹³⁰ — Sr. Augusto, {disse então, ~~toda~~ {cheia de} vergonha e acanhamento} {;} eu lhe rogo que me dê esse papel{...}:-

²¹³¹ — Basta o que tenho ouvido, e que não posso bem comprehender: {;} mas dê-me o que lhe pedi{...}:-

²¹³² — |Daqui| a pouco, senhora {, no momento da} ; ~~na hora de~~ minha partida para a |côte|: ~~porem~~ {,} com uma condição{, porém}.

²¹³³ — Sois sobremaneira delicada, senhora; {e} este excesso vos ~~deve~~ {pode} ser nocivo; quereis fazer-me o obsequio de ir descansar; e dar-me |a| honra de |aceitar| a minha mão até |á| porta da gruta?...

²¹³⁴ Então os |dous| se |dirigiram| para fóra; passando junto das tres companheiras, d. Gabriella |pode| apenas dizer-lhes:

— Até logo.²¹³⁵

Chegando à porta, Augusto fallou²¹³⁶ já em outro tom:

— Minha senhora, espero que me faça a justiça de crer que fico extremamente penalizado por não poder dilatar por mais tempo a gloria de acompanhá-la ; mas sabe o que ainda. tenho de fazer.²¹³⁷

— Obrigada; (respondeu D. Gabriella) não poupe as outras.²¹³⁸

Não é possível bem descrever a admiração das tres.

Augusto chegou-se a D. Quinquina²¹³⁹, e tomando-lhe a mão, disse:

— Minha senhora, é chegada a vossa vez.

D. Quinquina deixou-se levar para junto da, fonte: as moças tinham perdido toda a força; o que diante d'ellas se passava pedia uma explicação que não estava ao seu alcance dar. Augusto começou:²¹⁴⁰

— Senhora, eu poderia dizer-vos, pelo que, me conta a bóa fada, que vós sois como as outras de vossa idade, tão volueis como eu: mas para tal saber não precisava eu beber da agúa, encantada; podia também gastar meia hora em fallar-vos do vosso galanteio com um Tenente, da Guarda Nacional, por nome Gusmão...²¹⁴¹

— Senhor !...

²¹³⁵ !

²¹³⁶ |falou|

²¹³⁷ |crêr| que fico extremamente penalizado por não poder dilatar por mais tempo a gloria de acompanhá-la ; mas sabe o que ainda: tenho de {a} fazer {...};

²¹³⁸ — Obrigada; {,} respondeu d. Gabriella) {, e} não poupe |ás| outras.

²¹³⁹ d. |Quinquinha|

²¹⁴⁰ D. |Quinquinha| deixou-se levar para junto da; fonte:-{.} As {outras} ~~moças~~ |tinham| perdido toda a força; {.} O que |deante| |dellas| se passava pedia uma explicação{, com a qual não conseguiam atinar.} ~~que não estava ao seu alcance dar.~~

Augusto começou:-{.} *Corte de parágrafo*

²¹⁴¹ , pelo que; me conta a bóa fada, que ~~vós~~ sois como as outras de vossa idade, tão volueis como eu: {.} Mas para tal saber não precisava {tomar} eu beber da |agua|; encantada; {e} podia ~~tambem~~ gastar meia hora em fallar-vos {falando-vos} do vosso galanteio com um tenente,-da guarda nacional, por nome Gusmão...

— Por nome Gusmão, que leva o seu despotismo amoroso ao ponto de exigir que não valseis, que não tomeis sorvetes, que não deis *dominus* tecum quando ao pé de vós espirrar algum moço, e que não vos riaís quando elle estiver sério.²¹⁴²

— Quem lhe disse isto, senhor?...

— A fada, senhora: e ainda me disse mais : por exemplo, contou-me que no baile d'esta noite, passeando com um velho militar, vós recebestes da mão d'elle um lindo cravo, e a seus olhos o cscondestes, com gesto apaixonado, no palpitante seio; mas d'ahi a um quarto de hora essa mesma flor, tão ternamente aceita, deveria ir parar ao bolso de um bello joven, chamado Lucio, se acaso não fosse roubada pela fada que preside esta fonte.²¹⁴³

— Eu não entendo nada do que o senhor está dizendo: isso não é comigo.²¹⁴⁴

— Eu me explico: o Sr. Lucio viu ser dado e recebido o presente, e fingindo-se zeloso, vos pediu esse cravo, muito notavel, porque, alem da flor aberta, havia sete flores em botão : ora dizei, não é verdade? Pois o Sr. Lucio queria esse cravo; mas vós lh'o não podieis dar. porque o velho militar não tirava os olhos de vós: ora conversando com o Sr. Lucio, accordastes ambos que elle iria esperar um instante no jardim, e que um pequeno escravo, por nome Tobias, lhe levaria a flôr ; e como o tal Tobias ainda não conhecia o Sr. Lucio, este lhe daria por senha as seguintes palavras — sete botões; — não foi assim?...²¹⁴⁵

²¹⁴² — {...}por nome Gusmão, que leva o seu despotismo amoroso ao ponto de exigir que não valseis, que não tomeis sorvetes, que não deis *Dominus tecum* quando ao pé de vós espirrar algum moço; e que não vos |riaes| quando elle estiver sério.

²¹⁴³ — A fada, senhora: {;} e ainda me disse mais : ~~por exemplo,~~ {;} Contou-me {, por exemplo,} que no baile |desta| noite, passeando com um velho militar, ~~vós~~ recebestes da mão |delle| um lindo cravo; e a seus olhos o |escondestes|; com gesto apaixonado, no palpitante seio; mas |dahi| a um quarto de hora essa mesma flor, tão ternamente |acceita|, ~~deveria ir~~ {teria ido} parar ~~ao~~ {no} bolso de um bello joven, chamado Lucio, |si| acaso não fosse roubada pela fada que preside esta fonte.

²¹⁴⁴ dizendo: {!} isso não é comigo. ~~!...~~

²¹⁴⁵ o sr. Lucio viu ser ~~dado~~ {offerecido} e recebido o presente, e{,} fingindo-se ~~zeloso~~ {zelos}, vos pediu esse cravo, muito notavel; porque, ~~alem~~ {em redor} da flor aberta, havia sete ~~flores~~ em botão{.} : Ora{,} dizei, não é verdade? Pois o sr. Lucio queria esse cravo; mas |vós| ~~lh'o~~ não {o} podieis dar- {,} porque o velho militar não tirava os olhos de vós: {;} e então,} ~~ora~~ conversando com o sr. Lucio, ~~accordastes ambos~~ {determinastes} que elle iria esperar ~~um instante~~ no jardim, e ~~que~~ um pequeno escravo, ~~por~~ {de} nome Tobias, lhe levaria a |flor|; e como ~~o tal~~ Tobias ainda não conhecia o sr. Lucio, este lhe daria por senha as seguintes palavras — Sete botões; ~~—~~ {;} Não foi assim? ~~---~~

D. Quinquina guardou silencio: tudo era verdade; ella estava côr de nacar :
Augusto proseguiu:²¹⁴⁶

— Isto se passou estando vós na grande varanda, sentados em um basco, e com as costas voltadas para uma janella da sala do jôgo: ora, a fada esteve recostada a essa janella, ouviu quanto dissestes, e como lhe é dado tomar todas as figuras, tomou a de moço, foi ao jardim, e quando viu o Tobias, disse — sete botões —; e o cravo foi logo da fada, e é agora meu ; eil-o aqui.²¹⁴⁷

— Isto é uma invenção; eu não conheço essa flor.²¹⁴⁸

— Bem: então consentireis que eu a traga esta manhã no meu peito?... Se não confessais, eu a mostrarei... O senhor Coronel ainda se não retirou, e...²¹⁴⁹

Perdôe-me, (balbuciou emfim D. Quinquina; deixando cahir uma lagrima na mão de Augusto) dê-me esse maldito cravo.²¹⁵⁰

— Eu vol-o darei na hora de²¹⁵¹ minha partida, senhora; porém ouvi mais.

— Basta.

— Pois bem, basta; mas eu vejo que vossa face está humedecida; seria uma lagrima, se o relento da noite não molhasse tambem a rosa: quereis descansar sem duvida; poderei gozar o prazer de conduzir-vos até a porta da gruta?...²¹⁵²

— Sim, senhor.

²¹⁴⁶ D. [Quinquinha] guardou silencio: {.} Tudo era verdade; {e suas faces queimavam} ~~ella estava côr de nacar:~~

Augusto proseguiu: *Corte de parágrafo*

²¹⁴⁷ — Isto se passou estando [vós] na grande varanda, ~~sentados~~ {sentada} em um basco, ~~e com as~~ {de} costas ~~voltadas~~ para {a} ~~uma~~ janella da sala ~~de~~ {de} jôgo: ~~ora,~~ {.} A fada esteve recostada a essa janella, ouviu quanto dissestes; e{,} como lhe é dado tomar todas as figuras, tomou a {apparencia do} ~~de~~ moço, foi ao jardim; e{,} quando viu o Tobias, disse — *Sete botões* {.}—; E o cravo foi logo {ás mãos } da fada; e é agora meu ; {.} Eil-o aqui.

²¹⁴⁸ — Isto é uma invenção; {!} eu não conheço essa flor—{...}

²¹⁴⁹ — Bem: ~~então~~ {;} consentireis {então} que eu a traga esta manhã ~~no meu~~ {ao} peito?... [Si] não [confessaes], eu a mostrarei... O senhor coronel ainda se não retirou, e...

²¹⁵⁰ Perdôe-me,—{!} balbuciou emfim{,} d. Quinquinha; deixando cahir uma lagrima na mão de Augusto{.} Dê-me esse maldito cravo{...}:

²¹⁵¹ da

²¹⁵² [está] humedecida; {.} Seria uma lagrima; se o relento da noite não molhasse tambem a rosa—{.} Quereis descansar{,} sem duvida; {.} Poderei [gozar] o prazer de conduzir-vos até a porta da gruta?...

Duas guerreiras tinham sido batidas; só a curiosidade retinha as outras : Augusto se chegou para ellas, e fallou a D. Clementina.²¹⁵³

— Agora nós, senhora.

Ella deixou-se levar pela mão até junto da fonte; o estudante começou :²¹⁵⁴

— Quereis factos de ante-hontem,²¹⁵⁵ ou da noite passada, senhora?

— Eu não entendo o que o senhor quer dizer.

— Pergunto, senhora, se vos dá gosto que eu vos repita o que com vosco se passou, quando tomaveis um sorvete ao lado de um joven de cabellos negros... o que com vosco conversou o meu collega Fellippe, quando tomaveis chá-²¹⁵⁶

— Eu não preciso saber nada d'isso²¹⁵⁷.

— Então dir-vos-hei o que mais vos interessa: socegarei mesmo os vossos cuidados e os do Sr. Felipe, a respeito da perda de certo objecto...²¹⁵⁸

— Sr. Augusto!...

— Senhora, foi a fada d'esta mysteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho, que continha uma trança de vossos cabellos, e quê deveria ser achado em baixo da quarta roseira da rua que vai ter ao caramanchão; e essa trança pára hoje em minhas mãos; eil-a aqui.²¹⁵⁹

— Oh! dêm'a.²¹⁶⁰

— Não preferis antes que eu a entregue ao feliz para quem a destinaveis ?

²¹⁵³ Duas guerreiras [tinham] sido batidas; só a curiosidade retinha as outras{.} ÷ Augusto se chegou para ellas, e fallou {disse} a d. Clementina.

²¹⁵⁴ Ella {D. Clementina} deixou-se levar pela mão até junto da fonte; {.} O estudante começou:

²¹⁵⁵ ,

²¹⁵⁶ com vosco se passou, quando tomaveis um sorvete ao lado de um joven de cabellos negros,-- {, ou} o que [comvosco] conversou o meu collega [Felippe], quando tomaveis chá--{?}

²¹⁵⁷ [disso]

²¹⁵⁸ — Então [dir-vos-ei] o que mais vos interessa: {,} socegarei mesmo os vossos cuidados e os do sr. Felipe, a respeito da perda de certo objecto...

²¹⁵⁹ — Senhora, foi a fada [desta] mysteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho; que continha uma trança de vossos cabellos; e [que] deveria ser achado em baixo da quarta roseira da rua que [vae] ter ao caramanchão; e essa trança pára hoje em minhas mãos; {,} eil-a aqui.

²¹⁶⁰ — Oh, dêm'a!

— Não; eu lhe peço que m'a dê.

— Eu estou prompto a obedecer-vos, senhora: mas só na hora de minha partida.

Vô quatro querieis zombar de mira; não concebo até onde iria vossa vingança: preciso de refen que segurem a paz entre nós; estes são os meus quereis saber mais alguma cousa?²¹⁶¹

— Eu já sei que o senhor sabe demais!

— Então...²¹⁶²

— Quer, como as duas primeiras, offerecer-me a mão e obrigar-me a desamparar o campo Venceu, senhor, e sou eu que lhe peço que me acompanhe até a porta da gruta.²¹⁶³

— Eu estou prompto, senhora, para servir-vos em tudo.

Só restava D. Joanninha: era a vez della.²¹⁶⁴

— Eu vos deixei para o fim, (disse Augusto) porque a vós é que eu mais admiro; porque vós sois exactamente a unica d'entre ellas que tem amado melhor, e que mais infeliz tem sido: eu vos explicarei isto. Sois todavia um pouco excessiva em exigencias...²¹⁶⁵

— Que quer dizer, Sr.²¹⁶⁶ Augusto?

— Que quereis muito, quando ordenais a um estudante que vos escreva quatro vezes por semana, pelo menos ; que passe por defronte de vossa casa quatro vezes por

²¹⁶¹ senhora: {,} mas só ~~na hora de~~ {no momwnto da} minha partida. ~~Vô~~ {Vós} quatro querieis zombar de ~~mira~~ {mim}; não concebo até onde {pudesse ir} ~~iria~~ vossa vingança: {e} preciso de refen{s} que {asseguem} ~~segurem~~ a paz entre nós; {,} Estes são os meus {,} Quereis saber mais alguma cousa?

²¹⁶² — Então...

²¹⁶³ — Quer, como as duas primeiras, offerecer-me a mão e obrigar-me a desamparar o campo{?}

{—} Venceu, senhor, e sou eu que lhe peço que me acompanhe até a porta da gruta. *Corte de parágrafo*

²¹⁶⁴ Só restava d. Joanninha: {,} Era a vez della.

²¹⁶⁵ — Eu vos deixei para o fim, (disse Augusto) porque a vós é que eu mais admiro; ~~porque vós sois exactamente~~ a unica |dentre| ellas que tem {melhor} amado ~~melhor~~, e que mais infeliz tem sido: {;} eu vos explicarei isto. Sois{,} todavia{,} um pouco excessiva ~~em~~ {nas} exigencias...

²¹⁶⁶ sr.

dia; que vá a miudo ao theatro e aos bailes que frequentais; e até que não fume charutos de Havana, nem de Manilha, por ser falta de patriotismo?²¹⁶⁷

— Quem lhe disse isso, senhor?

— A fada, senhora, que sabe que amais a um moço, a quem dais ²¹⁶⁸a honra de chamar querido primo.

— É²¹⁶⁹ uma vil traição!

— Exactamente diz o mesmo a nossa-bôa fada; e anda mais, senhora: quer que eu vos aconselhe que desprezeis esse joven infiel, que não sabe pagar o vosso amor: eu poderia dar-vos provas...²¹⁷⁰

— Não as tenho eu bastantes, (exclamou D. Joanninha com sentimento)²¹⁷¹ quando lhe ouço repetir o que deveria ser sabido delle e de mim sómente ?

Augusto ia fallar²¹⁷²; ella o interrompeu.

— Senhor, eu agradeço o benefício que recebi: o senhor quiz zombar de mim, como das outras; mas não o fez : ao contrario atalhou em principio uma grande enfermidade, que talvez fosse d'aqui a pouco tempo incuravel ! Eu galanteio tambem às vezes; porém sei amar até o extremo. Adeos, senhor! eu posso apenas agradecer-lhe dizendo que tenho tanta confiança sua discrição e no seu character, que nem mesmo lhe recommendo o cuidado do meu segredo.²¹⁷³

²¹⁶⁷ quando |ordenaes| a um estudante que vos escreva quatro vezes por semana, pelo menos ; que passe por defronte de vossa casa quatro vezes por dia; que vá a miudo ao theatro e aos bailes que |frequentaes|; e até que não fume charutos de Havana, nem de Manilha, por ser falta de patriotismo?-{.}

²¹⁶⁸ |amaes|a um moço, a quem |daes|

²¹⁶⁹ |E'|

²¹⁷⁰ — {Diz o mesmo} exactamente{,} ~~diz o mesmo~~ a |nossa boa| fada; e anda mais, senhora: quer que eu vos aconselhe {a} que desprezeis esse joven infiel, que não sabe pagar o vosso amor: {.} Eu poderia dar-vos provas...

²¹⁷¹ — Não as tenho eu bastantes, (exclamou d. Joanninha com sentimento) {,}

²¹⁷² |Falar|

²¹⁷³ — Senhor, eu agradeço o benefício que recebi: {;} o senhor quiz zombar de mim, como das outras{,}; mas não o fez{;} ÷ ao contrario{,} atalhou em principio uma grande enfermidade, que{,} talvez fosse d'aqui a pouco tempo {talvez se tornasse} incuravel! {.} Eu {tambem} galanteio ~~tambem~~ às vezes; porém sei amar até o {ao} extremo. |Adeus|, senhor! eu Posso apenas agradecer-lhe{,} dizendo que tenho tanta confiança {na} sua discrição e no seu character, que nem mesmo lhe recommendo o cuidado do meu segredo.

D. Joanninha ia deixar a gruta; Augusto lhe offereceu ²¹⁷⁴o braço.

— Agradecida; (disse ella) permitia que eu entre só em casa. ²¹⁷⁵

Augusto ficou só; esteve alguns momentos lembrando-se da scena que acabava de ter lugar ; finalmente disse, soltando uma risada: ²¹⁷⁶

— Vierão buscar lâ, e sahirão tosquiadas! ²¹⁷⁷

E já estava para pôr o pé fóra da gruta, quando uma vóz branda e sonora o suspendeu, dizendo: ²¹⁷⁸

— Agora, Sr. ²¹⁷⁹ Augusto, é chegada a sua vez...

²¹⁷⁴ offereceu-lhe

²¹⁷⁵ — Agradecida; ({} disse ella) {}; permitia {} permitta-me} que eu entre só em casa.

²¹⁷⁶ Augusto ficou só; {} sozinho.} Esteve alguns momentos lembrando-se da {} recordando a} scena que acabava de ter lugar ; {} passar, e} finalmente disse, soltando uma risada:

²¹⁷⁷ — |Vieram| buscar lâ,e |sahiram| tosquiadas!

²¹⁷⁸ |voz| branda e sonora o suspendeu, dizendo :

²¹⁷⁹ sr.

XVIII

ACHOU QUEM O TOSQUEASSE²¹⁸⁰

Escutando aquellas inesperadas palavras, que o chamavão para a mesma posição em que elle tinha collocado as quatro moças, Augusto voltou-se de repente, e viu no fundo da gruta a interessante Moreninha, que enchia o cópo de prata.²¹⁸¹

— Minha senhora!... (balbuciou o estudante confuso.)²¹⁸²

D. Carolina respondeu-lhe primeiro com o seu costumado sorriso, e depois assim.²¹⁸³

— Não se dirá que um homem zombou impunemente de quatro senhoras; uma outra toma o cuidado de vingal-as. Sr. estudante, eu tambem sou adepta ao culto d'esta fada, e vou invocal-a em meu auxilio.²¹⁸⁴

A menina travessa bebeu em seguida a estas palavras o seu cópo d'agua, e depois, imitando o estylo de Augusto, que se achava junto d'ella, disse :²¹⁸⁵

— Quereis que vos fallg do passado, do presente, ou do futuro!²¹⁸⁶

— De todas essas épocas... ao menos para ouvir por mais tempo os vaticinios e palavras de tão amavel Sibylla.²¹⁸⁷

²¹⁸⁰ [TOSQUIASSE]

²¹⁸¹ [chamavam] para a ~~mesma~~ posição em que ~~elle~~ tinha collocado as quatro moças, Augusto voltou-se ~~de repente~~, e viu no fundo da gruta a ~~interessante~~ Moreninha, que enchia {dagua} o {copo} de prata.

²¹⁸² {balbuciou o estudante{,} confuso.}

²¹⁸³ ~~D. Carolina~~ {A menina} respondeu-lhe primeiro com o seu costumado sorriso, e{,} depois{,} assim:

²¹⁸⁴ senhoras; {,} Uma outra toma o cuidado de vingal-as. Sr. estudante, eu tambem sou adepta ~~ao~~ {do} culto {desta} fada, e vou invocal-a em meu auxilio.

²¹⁸⁵ A ~~menina~~ travessa bebeu em seguida ~~a estas palavras~~ o seu {copo} {d'agua}; e depois, imitando o estylo de Augusto, ~~que se achava junto d'ella~~, disse:

²¹⁸⁶ — Quereis que vos {fale} do passado, do presente, ou do futuro!-{?}

²¹⁸⁷ — De todas {as} ~~essas~~ épocas... ~~ao menos~~ para ouvir por mais tempo os vaticinios e palavras {da mais} ~~de tão~~ amavel {das} Sibylla{s...};-

— Pois então principiemos pelo passado. Oh! que bellas revelações me fez a fada! sim, eu estou lendo no livro da vossa vida, estou vendo tudo! estou dentro do vosso espirito e de vosso coração!²¹⁸⁸

— Oh! sim, eu juro que isso é verdade (atalhou o estudante).²¹⁸⁹

A menina fingiu não entender a allusão,²¹⁹⁰ e continuou:

— Senhor, vós amastes muito cedo...creio... sim,²¹⁹¹ foi de idade de treze annos.

Augusto recuou um passo; ella ²¹⁹²proseguiu:

— Amastes, sim, a uma menina de sete annos, com quem brincastes à borda do mar.²¹⁹³

— E quem era ella? como se chamava? (perguntou Augusto com fogo, talvez pensando que D. Carolina estava com effeito adivinhando, e podia dizer-lhe o que elle mesmo ignorava).²¹⁹⁴

- Posso eu sabel-o? (respondeu a Moreninha) a fada só me diz o que se passou em vosso coração, e vós por certo que tambem não sabeis quem era essa menina, e só a conheceis pelo nome de minha mulher.²¹⁹⁵

— Prosiga, minha senhora!

— Poderia eu contar-vos uma longa historia de velho moribundo, esmeralda, camafeu; mas basta de vossa mulher: permitti que vos diga que mostrava ser uma criança doudinha, que cedo começava a fazer loucuras.²¹⁹⁶

²¹⁸⁸ Oh! {,} que bellas revelações me fez {faz} a fada! Sim, eu estou lendo no livro da vossa vida, {!} Estou vendo tudo! Estou dentro do vosso espirito e de {do} vosso coração!

²¹⁸⁹ — Oh! Sim, eu juro que isso é verdade{!} {atalhou o estudante}.

²¹⁹⁰ ;

²¹⁹¹ ...

²¹⁹² ;{,} Ella

²¹⁹³ — Amastes, ~~sim,~~ a uma menina de sete annos, com quem brincastes |á| borda do mar.

²¹⁹⁴ Como se chamava? {perguntou Augusto com fogo, talvez pensando que {a Moreninha estivesse} D. Carolina estava com effeito {a adivinhar e podendo} adivinhando, e podia dizer-lhe o que elle mesmo ignorava}.

²¹⁹⁵ = {—}Posso eu sabel-o? (~~respondeu a Moreninha~~) A fada só me diz o que se passou em vosso coração, e |vós|{,} por certo que tambem não sabeis quem era essa menina, e só a conheceis pelo nome de {—} minha mulher.

²¹⁹⁶ esmeralda{s}, camafeu; mas basta de {“}vossa mulher{“};: permitti que vos diga que mostrava ser uma |creança| doudinha, que {bem} cedo começava a fazer loucuras.

— Que cruel juízo?²¹⁹⁷

— Oh! não vos agasteis : eu a respeito tambem em attenção a vós; porém vamos acabar com o vosso passado. Houve um tempo em que quizestes figurar entre os amigos como galanteador de damas; por justo e bem merecido castigo fostes desgraçado! todas ellas zombárão de vós!²¹⁹⁸

E a menina interrompeu-se, para rir-se da cara que fazia Augusto.

— Ora por esta não esperava eu!... (disse o estudante).²¹⁹⁹

— A primeira joven que requestastes foi uma Moreninha de dezeseis annos, que jurouvos gratidão e ternura, e casou-se oito dias depois com um velho de sessenta annos não foi assim?²²⁰⁰

E a menina de novo desatou a rir.

— Minha senhora, de que gosta tanto?²²⁰¹

— Ora! é que.a fada está me dizendo que ainda em cima vossos amigos, quando souberão de tal, derão-vos uma roda de cacholetas!²²⁰²

— Então a Sra. D. Anna lhe contou tudo isso?²²⁰³

— Juro-vos, senhor, que minha avó não me falla em semelhantes objectos. Consenti que eu continúe. A segunda foi uma joven coradinha, a quem em úma noite

²¹⁹⁷ juízo cruel!

²¹⁹⁸ — Oh! {,} não vos agasteis{!} ÷ Eu a respeito tambem{,} em attenção a vós; porém{,} vamos acabar com o vosso passado. Houve um tempo em que quizestes figurar entre os amigos como galanteador de damas;{e} por justo e bem merecido castigo fostes desgraçado! {—} todas ~~ellas~~ zombaram de vós{...}!

²¹⁹⁹ — Ora{,} por esta não esperava eu!... (~~disse~~ {murmurou} o estudante).

²²⁰⁰ — A primeira joven que requestastes foi uma moreninha de dezeseis annos, que {vos jurou} ~~jurouvos~~ gratidão e ternura; {—}e casou-se oito dias depois com um velho de sessenta annos{,} não foi assim?

²²⁰¹ — Minha senhora, de que {se ri} ~~gosta~~ tanto?

²²⁰² — ~~Ora~~ |E'| que.a fada |está| me dizendo que ainda em cima {os} vossos amigos, quando |souberam| de tal, |deram|-vos uma roda de cacholetas! {...}

²²⁰³ — Então a sra. d. Anna lhe contou tudo isso?

ouvistes dizer n' um baile que ereis um pobre menino, com quem ella se divertia nas horas vagas : não foi assim?²²⁰⁴

— Prosiga, minha senhora.

— A terceira foi uma moça pallida, que zombou solemnemente, tanto de um primo que tinha, como de vós. Eis alguns de vossos principaes galanteios. Exasperado com o infeliz resultado d'elles²²⁰⁵, e vivamente tocado das lettras e da musica de certo lundú que se vos cantou, tomastes outro partido, e desde então vós pretendeis fazervos passar por borboleta de amor.²²⁰⁶

— Borboleta ?!... Sim... sim... lembro-me agora que a senhora passeava pelo jardim. Já sei de quem fórão certas carreirinhas, e portanto comprehendo que sabeis tudo a custa...²²⁰⁷

— A custa da fada, senhor; e escuso estender-me mais, porque vós estais bem certo de que eu devo saber ainda muito.²²⁰⁸

— Sim; mas diga sempre.

— Não; antes quero faliar-vos²²⁰⁹ do vosso presente.

— Pelo amor de seus bellos olhos, minha senhora, vamos antes ao que eu²²¹⁰ não sei, vamos ao meu futuro.

— Sois sobejamente soffrego! não vêdes como isso vai contra a bôa ordem da narração?²²¹¹

²²⁰⁴ — Juro-vos, senhor, que minha avó não me |fala| em semelhantes ~~objectos~~ {cousas}. Consenti que eu |continue|. A segunda foi uma joven coradinha, a quem em |uma| noite ouvistes dizer{,} |num| baile{,} que ereis um pobre menino, com quem ~~ella~~ se divertia nas horas vagas{,} ÷ não foi assim?

²²⁰⁵ |delles|

²²⁰⁶ |Indú| ~~que se vos cantou~~, tomastes outro partido; e desde então ~~vós~~ pretendeis ~~fazervos~~ passar por borboleta ~~de~~ {do} amor.

²²⁰⁷ — Borboleta ?!... Sim... Sim... Lembro-me agora que a {menina} ~~senhora~~ passeava pelo jardim- {...} Já sei ~~de~~ quem {deu} ~~fórão~~ certas carreirinhas, e portanto comprehendo que ~~sabeis tudo~~ {tudo saibais} |á| custa {de}...

²²⁰⁸ — |A'| custa da fada, senhor; e escuso |extender-me| mais, porque |vos| {vejo} ~~estais bem~~ certo de que eu devo saber ainda muito.

²²⁰⁹ |falar-vos|

²²¹⁰ ~~eu~~

²²¹¹ — Sois sobejamente |soffrego|! Não vêdes como isso |vae| contra a |boa| ordem da narração?

— Mas a desordem é hoje a moda! o²²¹² bello está no desconcerto; o sublime no que se não entende; o feio é só o que podemos comprehender : isto é romantico; queira ser romantica; vamos ao meu futuro.²²¹³

— Pois bem; vamos ao vosso futuro; principiarei, como pretendia fazer, se fallasse do presente de vossa vida, dizendo-vos que vós não sois inconstante como affectais.²²¹⁴

— Misericordia!

— Mas que estais a ponto de o ser : digo-vos que perdereis uma certa aposta que fizestes com tres estudantes.²²¹⁵

— Como é isso? Então a senhora sabe...

— A fada, que me revelou isso, leu o termo²²¹⁶ na carteira de quem o guardou.

— A fada? sim; a feiticeira o leu... Comprehando.²²¹⁷

— Vós não sois inconstante, porque tendes até hoje cultivado com religioso empenho o amor de vossa mulher; mas vós²²¹⁸ o ides ser, porque não longe está o dia em que a esqueceréis por outra.

— A culpa será dos olhos d'essa outra ; porém quem sabe?...²²¹⁹

— Desejo que não ; comtudo, eu já vos vejo em principio, e temo que vades ao fim: sereis perjuro, tereis de escrever um romance, é perdoai-me se vos desejo este mal, eu quizera que ao pé de meu irmão, que vos apresentará o termo da aposta, apparecesse a vossos olhos a mulher trahida. Do vosso futuro eis quanto me disse a fada.²²²⁰

²²¹² O

²²¹³ ÷ {,} isto é romantico; {,} Queira ser romantica; {;} vamos ao meu futuro.

²²¹⁴ ÷ {,} Principiarei, como pretendia fazer; |si| |falasse| do presente ~~de vossa vida~~, dizendo-vos que ~~vós~~ não sois inconstante como |affectaes|.

²²¹⁵ — Mas que |estaes| a ponto de o ser: digo-vos que perdereis uma ~~certa~~ aposta que fizestes com tres estudantes.

²²¹⁶ {da aposta}

²²¹⁷ — A fada? {...} Sim; {...} A feiticeira o leu... Comprehando {...};

²²¹⁸ ~~vós~~

²²¹⁹ — A culpa será dos olhos |dessa| outra ; ~~porém quem sabe?~~...

²²²⁰ — ~~Desejo~~ {Acho} que não; comtudo, eu já vos vejo em principio; e temo que vades ao fim: {;} sereis perjuro, tereis de escrever um romance; {,} E |perdoae-me| |si| vos desejo este mal, ~~eu~~ {;} quizera que ao

— E disse bastante para me confundir...²²²¹

— Quereis que vos falle²²²² agora de vosso presente?

— Oh se quero!²²²³ No presente está a minha gloria.

— Hontem no baile dissestes palavras de ternura, pelo menos a seis senhoras.²²²⁴

— Esta agora é melhor! E quem o pôde²²²⁵ notar?

— Provavelmente a fada vos observava.

— Entãoa fada, a feiticeira fazia isso?²²²⁶

— Depois do baile puzerão-vos²²²⁷ duas cartas no bolso.

— Que mãos delicadas...²²²⁸

— Não m'ó sabe dizer a fada; porem vós viestes para esta gruta acudindo a um convite, e fingistes adivinhar segredos de corações: não era verdade; a fada nada vos revelou: o que: dissestes sabieis antes, e a fada me disse como.²²²⁹

— Explique-me²²³⁰ pois, minha senhora.

— Quando involuntariamente fui causa de vos entornarem café nas calças, vós fostes mudar de roupa, e entrastes para o gabinete das senhoras; lá ouvistes tudo o que aflectastes adivinhar a pouco.²²³¹

— E quem me viu entrar ?

pé de meu irmão, que vos apresentará o termo da aposta, apparecesse a{os} vossos olhos a mulher trahida.

Do vosso futuro{,} eis quanto me disse a fada. *Corte de parágrafo*

2221 .

2222 |fale|

2223 — Oh{,} |si| quero!

2224 — Hontem{,} no baile{,} dissestes palavras de ternura; pelo menos a seis senhoras.

2225 |poude|

2226 — |Então a| fada; {...} a feiticeira fazia ~~isso~~{isto}?

2227 |puzaram-vos|

2228 — Que ~~mãos~~ delicadas {mãos o fizeram?}---

2229 — Não m'ó sabe dizer a fada; |porém|{,} ~~vós~~ viestes para ~~esta~~ {á} gruta acudindo a um convite; e fingistes adivinhar segredos de corações: {,} Não era verdade; a fada nada vos revelou: {;} o que: dissestes sabieis antes; e a fada me disse como.

2230 {,}

2231 ~~vós~~ fostes mudar de roupa; e entrastes para o gabinete das senhoras; lá ouvistes tudo o que |affectastes| adivinhar a {há} pouco.

— A fada, sem-duvida. O cravo de D. Quinquina, fostes vós que recebestes no jardim; na noite dos jógos de prendas, fostes vós ainda quem com uma luz na mão procurou e achou a trança de cabellos de D. Clementina embaixo da quarta roseira da rua que vai para o caramanchão²²³².

— Mas quem observou o que eu fiz ás escondidas,²²³³ e com tanto cuidado?

— A fada, que, segundo penso, vos tem sempre seguido com os olhos.

— À fada?!... a feiticeira me segue sempre com os olhos?!... Oh! como sou feliz!... a feiticeira é a senhora! .²²³⁴

— Senhor! sois pouco modesto : que me importarião vossos passos e vossas acções?...²²³⁵

— Perdão ! perdão !... eu sou um tresloucado... um incivil... um doudo... não sei o que faço, nem o que digo: mas continúe...²²³⁶

— Basta ! vós duvidastes da fada, e por isso eu termino aqui.²²³⁷

— Não! não, minha senhora! é preciso dizerme mais alguma cousa ainda!... por força a fada lhe deveria ter revelado! ella, que adivinha tudo o que está dentro do meu coração, diga o que ainda se passa n'elle.²²³⁸

— Nada mais me disse.

— Beba outro cópo²²³⁹ d'agua...

— Não julgo necessario.

— Pois²²⁴⁰ então...

²²³² O cravo de d. [Quinquinha], fostes vós que {o} recebestes no jardim; na noite dos [jogos] de prendas, {;} fostes vós ainda quem{,} com uma luz na mão{,} procurou e achou a trança de cabellos de d. Clementina{,} embaixo da quarta roseira da rua que [vae] para o caramanchão.

²²³³ 5

²²³⁴ — [A] fada?!... A feiticeira me segue sempre com os olhos?!... Oh! {,} como sou feliz!... A feiticeira {tem o nome Moreninha...} ~~é a senhora!~~

²²³⁵ — Senhor! Sois pouco modesto{.} : Que me [importariam] vossos passos e vossas acções?...

²²³⁶ — Perdão ! perdão !... ~~eu~~ Sou um tresloucado... um incivil... um [doido]... não sei o que faço; nem o que digo: ~~mas~~ {,} [Continue]---

²²³⁷ — Basta ! ~~vós~~ Duvidastes da fada; e por isso eu termino aqui.

²²³⁸ — ~~Não!~~ Não, minha senhora! [E'] preciso [dizer-me] mais alguma cousa ainda{,}!--- por força a fada lhe deveria ter revelado! Ella, que adivinha tudo o que está dentro do meu coração, {que} diga o que ainda se passa [nelle].

²²³⁹ [copo]

— Cumpre retirar-me.

— Não, por certo! perdõe-me, minha senhora: mais eu devo descobrir todos os meus segredos a quem conhece tão bôa parte d’elles.²²⁴¹

— Fu²²⁴² me contento com o pouco que sei.

— Ouça uma só palavra...

— Não sou curiosa.

— Pois a senhora...

— Sei que sou senhora; mas sou excepção de regra; não quero saber.

— Embóra; eu lhe direi ainda contra a vontade...²²⁴³

— E para isso toma-me à²²⁴⁴ sahida ?...

— É só para lhe dizer que eu amo...

— Já sei; a²²⁴⁵ sua mulher.

— Não é isso;²²⁴⁶ a uma bella moça...

— Ella o deve ser agora.²²⁴⁷

— Muito espirituosa...

— Já ella o era em criança²²⁴⁸.

— E que se chama...

— Ah!... espreitão-nos²²⁴⁹ da entrada da gruta!

Augusto correu a examinar quem era a indiscreta testemunha ; não apparecia pessoa alguma ; comprehendeu então que fôra ainda um meio de que se lembrára D.

²²⁴⁰ E

²²⁴¹ [Perdõe-me|, minha senhora: {; mas} ~~mais~~ eu devo descobrir todos os meus segredos a quem conhece tão |boa| parte |delles|.

²²⁴² Eu

²²⁴³ — [Embora|; eu ~~he~~ {lh’o} direi ainda contra a {sua} vontade...

²²⁴⁴ me toma a

²²⁴⁵ |á|

²²⁴⁶ .

²²⁴⁷ — Ella o deve ser ~~agora~~{, pois que a ama}.

²²⁴⁸ |creança|

²²⁴⁹ |Espreitam-nos|

Carolina para não deixal-o concluir sua declaração, e, disposto a lançar-se aos pés da menina, voltou-se já com o nome da bella nos labios, e...²²⁵⁰

D. Carolina tinha²²⁵¹desapparecido da gruta.

XIX

ENTREMOS NOS CORAÇÕES

O que é bom dura pouco: as festas estão acabadas; nossas bellas conhecidas bordão; nossos alegres estudantes estão de livro na mão.²²⁵²Mas, pelo que foca a estes, qual é, digão--me, qual é o estudante que, depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de comprehender a mais insignificante lição ? Isto succede assim: essa pobre gente vê por toda a parte, e misturando-se com todos os pensamentos, —no livro em que estuda, nas estampas que observa, na dissertação que escreve —, o baile, moças, e os prazeres que apreciou.²²⁵³ O nosso Aúggusto, por exemplo, está agora bronco para as lições, e impertinente com tudo. Raphael é quem paga o pato: se o innocente moleque lhe apronta o chá muito cedo, apanha meia duzia de bolos, porque quer ir vadiar pelas ruas; se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva dous pescoções para andar mais ligeiro; não ha emfim cousa alguma que possa contentar o Sr. Augusto; está aborrecido da medicina, tem feito duas gazetas na aula; de ministerial que era, passou-se para a

²²⁵⁰ ; { . } Não apparecia pessoa alguma; {havia ninguem e o moço} comprehendeu então que fôra ainda um meio de que se lembrára D. Carolina para não deixal-o {um estratagemma da menina para impedil-o de} concluir sua declaração; { . } E, disposto a lançar-se{-lhe} aos pés da menina, voltou-se já com o nome da bella {della} nos labios;e...

²²⁵¹ A Moreninha havia

²²⁵² O que é bom dura pouco; { . } As festas estão acabadas; { . } Nossas bellas conhecidas |bordam|;-nossos alegres estudantes estão de livro {trazem livros} na mão. *Fim de parágrafo*

²²⁵³ Mas, pelo que foca {toca} a estes, qual é, |digam-me|, qual é o estudante que, depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de comprehender a mais insignificante lição? Isto succede assim;-Essa pobre gente vê por toda a parte, e misturando-se {a tudo} com todos os pensamentos, —no {ao} livro em que estuda, nas {ás} estampas que observa, na {á} dissertação que escreve —, o baile, {as} moças, e os prazeres que apreciou {gosou}. *Fim de parágrafo*

oposição ; não quer mais ser assignante de periodicos, não ha para seus olhos lugar nenhum bonito no mundo: aborrece a côrte, detesta a roça, e só gosta das ilhas.²²⁵⁴

Deveremos fazer-lhe uma visita ; elle está em seu gabinete, e um pouco menos carrancudo; porque Leopoldo, o seu amigo do coração, o acompanha e tem a paciencia de lhe estar ouvindo pela duodecima vez a narração do que com elle se passou na ilha de...²²⁵⁵

Segundo parece, Augusto acaba de relatar o que ocorreu na gruta entre elle e a bella Moreninha ; porque Leopoldo lhe perguntou :²²⁵⁶

— É²²⁵⁷ por onde fugiria ella?...

— Por uma difficil sahida, que eu não havia observado, (respondeu Augusto) e que exaclamente se praticava no fundo da gruta.²²⁵⁸

— Que diabinho de menina!

— Quanto mais se tu notasses a graça e malicia com que ella, quando eu entrei na sala, me perguntou socegradamente: « Esteve dormindo na gruta, Sr. Augusto? »²²⁵⁹

— Então, ella gostou da tua semi-declaração?!...²²⁶⁰

— Não... não... se ella tivesse gostado, não me fugiria.²²⁶¹

— Ora é bôa! não ²²⁶²devia fazer outra cousa.

²²⁵⁴ O nosso Aúggusto, por exemplo, está agora bronco para as lições, e ~~impertinente com tudo~~ {impertinentissimo}. Raphael é quem paga o pato: {;} |si| o innocente moleque lhe |aprompta| o chá muito cedo, apanha meia duzia de ~~boles~~ {cascudos}, porque quer ir vadiar pelas ruas; se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva |dois| pescoções para andar mais ligeiro; ~~não ha emfim~~ {;} Causa alguma ~~que possa contentar~~ {contenta} o sr. Augusto; está aborrecido da medicina, {e} tem {gazetado a} ~~feito~~ ~~duas gazetas na aula~~; {;} De ministerial que era, passou-se para a opposição; não {lê mais as folhas;} ~~quer~~ ~~mais ser assignante de periodicos~~, não ha para seus olhos ~~lugar~~ nenhum {lugar} bonito no mundo{;} ÷ Aborrece a côrte, detesta a roça, e só gosta das ilhas. *Fim de parágrafo*

²²⁵⁵ ~~Deveremos fazer-lhe~~ {Façamos-lhe} uma visita ; ~~elle~~ {;} Está em seu gabinete, e um pouco menos carrancudo; porque Leopoldo, o seu amigo do coração, o acompanha e tem a paciencia de lhe estar ouvindo{,} pela duodecima vez{,} a narração do que ~~com elle~~ se passou na ilha {do Paquetá.} ~~de...~~

²²⁵⁶ ~~o que ocorreu~~ {o ocorrido} na gruta entre elle e a bella Moreninha{,} ; porque Leopoldo {pergunta:} ~~lhe perguntou~~ :

²²⁵⁷ E

²²⁵⁸ — Por uma difficil sahida, que eu não havia observado, {respondeu Augusto} {,} e que {depois encontrei} ~~exaclamente se praticava~~ no fundo da gruta.

²²⁵⁹ — ~~Quanto mais se tu notasses~~ {E si tu visses} a graça e malicia com que ella, quando {voltei para a} ~~eu entrei na sala~~, me perguntou socegradamente: « {“} Esteve dormindo na gruta, sr. Augusto? {...”} »

²²⁶⁰ — ~~Então, ella~~ Gostou {ella, pois,} da tua semi-declaração{.}?!...~~---~~

²²⁶¹ — Não... não {creio.} ~~---~~ |Si| ~~ella~~ tivesse gostado, não ~~me~~ fugiria.

— Se ella gostasse de mim !... mas porque! me não deu um só signal de ternura ?... Tambem eu, às vezes tão adiantado, fui d'esta um tolo, um basbaque! tremi diante de uma criança que não tem quinze annos, e não soube dizer, duas palavras.²²⁶³

— Estás doudo, Augusto, e doudo varrido à acredita que D. Carolina foi mais sensivel aos teus cumprimentos que aos de nenhum outro; e senão, dize porque se não deixou ella dormir, como as outras senhoras, e foi à hora de tua partida passear pela praia, e ver-te embarcar? ...porque ficou alli passeando até desaparecer o teu batelão?²²⁶⁴

— Isso não significa nada.²²⁶⁵

— Ora ature-se um namorado!... mas venha cà, Sr. Augusto; então como é isto?... estamos realmente apaixonado?...²²⁶⁶

— Quem te disse semelhante asneira?²²⁶⁷

— Ha tres dias que não fallas senão na irmã de Fellippe, e...²²⁶⁸

— Ora viva! quero divertir-me... digo-te que a acho feia; não é lá essas cousas ; parece ter máo genio. Realmente notei-lhe muitos defeitos... sim... mas às vezes... Olha, Leopoldo, quando ella falla, ou mesmo quando está calada, ainda melhor.; quando ella dança, ou mesmo quando está sentada... ah! ella rindo-se... e até mesmo séria... quando ella canta ou toca, ou brinca ou corre, com os cabellos à *négligé*, ou divididos

²²⁶² — Ora{,} é |boa|! Não

²²⁶³ — |Si| ella gostasse de mim{?} !... Mas porque! me não deu um só signal de ternura ?... Tambem eu, às vezes tão adiantado, fui |desta| um tolo, um basbaque! Tremi diante de uma |creança| que não tem quinze annos, e não ~~soube~~ {pude} dizer, duas palavras.

²²⁶⁴ — Estás |doido|, Augusto, e doudo varrido{! Convece-te} à ~~acredita~~ que d. Carolina foi mais sensivel aos teus |cumprimentos| que aos de nenhum outro; {,} e {tanto que não ficou a} ~~senão, dize porque se não deixou ella~~ dormir, como as outras ~~senhoras~~, e foi |á| hora de {da} tua partida passear pela praia, e |vêr-te| embarcar?---{.} |Por que| ficou alli ~~passeando~~ até desaparecer o teu batelão?

²²⁶⁵ — Isto não quer dizer nada ...

²²⁶⁶ Mas {,} venha cà, sr. Augusto; {,} então como é isto?... ~~estamos~~ {Estás} realmente apaixonado?---

²²⁶⁷ {...}

²²⁶⁸ — Ha tres dias que não |falas| senão na irmã de |Felippe|, e...

em bellas tranças ; quando... Para que dizer mais ? Sempre, Leopoldo, sempre ella é bella, formosa, encantadora, angelica !!²²⁶⁹

— Então que historia é essa?... Acabas divinizando a mesma pessoa, que, principiando, chamaste feia?...²²⁷⁰

— Pois eu disse que ella era feia? É verdade que eu... no principio... mas depois... Ora ! estou com dôres de cabeça: este maldito Velpeau!... Que lição temos amanhã?²²⁷¹

— Tratar-se-ha das apresentações de...²²⁷²

— Temos massada? Quem te perguntou por isso agora? Fallemos de D. Carolina, do baile, do...²²⁷³

— Eis ahi outra! Não acabaste de perguntar-me qual era a lição de amanhã?...²²⁷⁴

— Eu?... Póde ser... Esta minha cabeça! ...²²⁷⁵

— Não é a tua cabeça, Augusto;²²⁷⁶ é o teu coração.

Houve então um momento de silencio: Augusto abriu um livro, e fechou-o logo, depois tomou rapé, passeou pelo quarto duas ou tres, vezes, e finalmente veio de novo sentar-se junto de Leopoldo.²²⁷⁷

²²⁶⁹ — Ora{,} viva! Quero divertir-me... Digo-te que a acho feia; {,} não é lá essas cousas; {e que} parece ter |mau| genio. Realmente{,} notei-lhe muitos defeitos... sim... Mas{,} |ás| vezes... Olha, Leopoldo, quando ella |fala|, ou mesmo quando está calada, ~~ainda melhor;~~ quando ella dança, ou mesmo ~~quando está~~ sentada... Ah{,} quando ri-se!~~ella rindo-se...~~ e até mesmo seria... quando ella canta{,} ou |toca|, ou brinca{,} ou corre; com os cabellos {soltos} ~~à-négligé,~~ ou divididos em bellas tranças; quando... ~~Para que dizer mais?~~ Sempre, Leopoldo, {é} sempre ella é bella, ~~formosa,~~ encantadora{...}, ~~angelica !!~~

²²⁷⁰ ? ... Acabas divinizando a {quem começastes chamando} ~~mesma pessoa, que, principiando, chamaste~~ feia?...

²²⁷¹ — Pois eu disse que ~~ella~~ era feia? |E'| verdade que eu... ~~no principio... mas depois...~~ Ora ! Estou com |dores| de cabeça: {;}este maldito Velpeau!... Que lição temos amanhã?

²²⁷² — |Tratar-se-á| das {representações sensoriais.} ~~apresentações de...~~

²²⁷³ — Temos |maçada|?-{! Não fales nisso agora! Conversemos do baile da} ~~Quem te perguntou por isso agora? Fallemos de D. Carolina, do baile, do...~~

²²⁷⁴ ...

²²⁷⁵ — Eu?... |Pode| ser{.}... Esta minha cabeça! ...

²²⁷⁶ .

²²⁷⁷ Houve ~~então~~ um momento de silencio: {;} Augusto abriu um livro; e fechou-o logo; {;} depois tomou rapé, passeou pelo quarto duas ou tres; vezes; e{,} finalmente{,} veio de novo sentar-se junto de Leopoldo.

— É verdade, (disse) não é a minha cabeça; a causa está no coração. Leopoldo, tenho tido pejo de te confessar ; porém não posso mais esconder estes sentimentos, que eu penso que são segredos, e que todo o mundo m'os lê nos olhos! Leopoldo, aquella menina que aborreci no primeiro instante, que julguei insupportavel, e logo depois espirituosa, que d'ahi a alguns, horas comecei a achar bonita, no curto tracto de um dia, ou melhor ainda em alguns minutos de uma scena de amor e piedade, em que a vi de joelhos bailhando os pés de sua ama, plantou no meu coração um dominio forte, um sentimento filho da admiração talvez; mas sentimento que é novo para mim, que não sei como o chame; porque o amor é um nome muito frio, para que o pudesse exprimir!... Eu já me não conheço... não sei onde irá isto parar... Eu amo! ardo ! morro!²²⁷⁸

— Modera-te, Augusto; acalma-te; não é graça; olha que estás vermelho como um pimentão.

— Oh! tudo n'aquella ilha fatal se assanhou para enfeitiçar-me! tudo ! até a propria mentira!²²⁷⁹

— E tu acreditaste muito n'essa senhora?...²²⁸⁰

— Escuta, Leopoldo: uma vez que com a avó de Fellippe conversava na gruta, eu fatigado e sequioso, bebi um cópo d'agua da fonte do rochedo : então a nossa bôa hospeda contou-me uma fabulosa e singular tradição d'aquella fonte. A agua dizia-se milagrosa, e quem bebesse d'ella não sahiria da ilha sem amar algum de seus habitantes : eis aqui pois uma mentira! Mas uma mentira que excitou minha imaginação; uma mentira que me perseguiu lá dous dias, e que me persegue ainda hoje; uma mentira

²²⁷⁸ — [E'] verdade, {disse} {,} não é a minha cabeça; {;} a causa está no coração. Leopoldo, tenho tido pejo de te confessar{,} ; porém não posso mais esconder estes sentimentos, que {tenho em} ~~eu penso que~~ ~~são~~ segredos, e que todo o mundo m'os lê nos olhos! Leopoldo, aquella menina que aborreci no primeiro instante, que julguei insupportavel, e logo depois espirituosa, que |dahi| a |algumas|, horas comecei a achar bonita, {tudo isso} no curto |trato| de um dia, ou{,} melhor ainda{,} em alguns minutos de uma scena de amor e piedade, em que a vi de |joelhos| |banhando| os pés de sua ama, plantou no meu coração um dominio forte, ~~um~~ sentimento filho da admiração{,} talvez; mas{,} sentimento que é novo para mim, que não sei como ~~o~~ chame; porque ~~o~~ amor é um nome muito frio, para ~~que o pudesse~~ exprimir!... Eu já me não conheço--- {e} não sei onde {isto} irá ~~isto~~ parar... Eu amo! ardo ! morro! {...}

²²⁷⁹ — ~~Oh!~~ Tudo |naquella| ilha fatal se assanhou para enfeitiçar-me! Tudo{,} † até a propria mentira{...}†

²²⁸⁰ — E tu acreditaste ~~muito~~ |nessa| ~~senhora~~{megêra}?...

emfim que se transformou em verdade; porque eu bebi d'aquella agua e não pude deixar a ilha gem amar, e muito, um de seus habitantes...²²⁸¹

— Devéras que isso não deixa de ser interessante! Mas que effeito esperas tu que provenha de toda essa moxinifada?²²⁸²

— Que effeito?... O... amor.

— Amor? !... Amor não é effeito nem causa; nem principio nem fim, e é tudo isso ao mesmo tempo ! e uma cousa que... sim... finalmente, para encurtar razões, amor é o diabo... Dize-me: pois, sinceramente fallando, qual o resultado que pensas tirar de tuão isto que me contastes²²⁸³

— Que resultado?... O... amor.

— E elle a dar-me com ó maldito amor! Augusto, fallemos sério; essa tua exaltação: estava muito em ordem n'um moço que quizesé se desposar D. Carolina; porêr tu nem cuidas em casamento, nem, se em tal pensasses, te lembrarias, roceiro como és, de escolher para mulher uma menina que foi criada, educada e póde-se dizer que mora na côrte.²²⁸⁴

²²⁸¹ uma vez {em} que {conversava na gruta,} com a avó de |Felippe| ~~conversava na gruta~~, eu{,} fatigado e sequioso, bebi um |copo| d'agua ~~da fonte~~ do rochedo{;} ÷ então{,} a nossa |boa| hospeda{,} contou-me ~~uma~~ {a} fabulosa e singular tradição |daquella| fonte. A agua dizia-se milagrosa, e quem bebesse |della| não sahiria da ilha sem amar {a} algum de seus habitantes{;} ÷ eis aqui{,} pois{,} uma mentira! {,} mas uma mentira que excitou minha imaginação; uma mentira que {lá} me perseguiu lá |dois| dias; e que me persegue ainda hoje; uma mentira{,} emfim{,} que se transformou em verdade; {,} porque eu bebi d'aquella agua {da fonte} e não pude deixar a ilha |sem| amar, e muito, um de seus habitantes...

²²⁸² Mas{,} que effeito esperas ~~tu que provenha~~ de toda essa |muxinifada|?

²²⁸³ — Amor? !... Amor não é effeito{,} nem causa; {,} nem principio{,} nem fim; {;} e é tudo isso ao mesmo tempo{;} é ! e uma cousa que... sim... finalmente, Para encurtar razões, amor é o diabo... Dize-me; {,} pois, sinceramente |falando|, qual o resultado que pensas tirar de ~~tuão~~ {tudo} ~~isto~~ que me contastes{.}

²²⁸⁴ — E elle a dar-me com |o| maldito amor! Augusto, |falemos| sério; essa tua exaltação; estava muito em ordem |num| moço que |quizesse| se desposar d. Carolina; |porêr|{,} tu ~~nem~~ {não} cuidas em casamento; nem, |si| em tal pensasses, te lembrarias, roceiro como és, de escolher ~~para mulher~~ uma menina que foi |creada|, educada e {vive} ~~póde-se dizer que mora~~ na côrte.

— Esta agora não é má!... Devéras que ainda me não passou pela mente a idéa do casamento, nem chegará a tal ponto minha loucura mas supponhamos o contrario d'isso, que mal tu achas em que um roceiro se case com uma moça da cidade?...²²⁸⁵

— Que mal?... Ora escuta: devendo ir morar na roça, a moça tem necessariamente de mudar de costumes e de vida; comprehende pois quanto atormentará o coração do pobre marido a vista dos dissabores e contrariedades que solirerá na solidão e monotonia campestre a senhora amamentada no seio dos prazeres e festins da côrte ; quanto devem entristecer os suspiros e saudades de que será testemunha quando a amada companheira recordar-se de sua familia, de suas amigas, do theatro, do passeio, d'essa cadeia de delicias emfim que, apesar d'ella; a ligará ainda a seu passado.²²⁸⁶

— Oh! não, não, Leopoldo, seo marido fôr amado por ella ! Quando se ama devéras, e se está-com o objecto do amor, não se recorda, não se deseja, não se quer mais nada...²²⁸⁷

²²⁸⁵ Devéras que ainda {não} me ~~não~~ passou pela mente a idéa do casamento, nem chegará a tal ponto minha loucura{.} Mas supponhamos o contrario{:} ~~d'isso~~, que mal tu achas em que um roceiro se case com uma moça da cidade?...

²²⁸⁶ — Que mal?... Ora{,} escuta: devendo ir morar na roça, a moça tem necessariamente de mudar de costumes e de vida; comprehende{,} pois{,} quanto atormentará o coração do pobre marido a vista dos dissabores e contrariedades que |soffrerá| na solidão e monotonia campestre a {esposa creada} ~~senhora amamentada~~ no seio dos prazeres e festins da côrte ; quanto devem entristecer os suspiros e saudades de que será{s} testemunha{,} quando a amada companheira recordar-se de sua familia, de suas amigas, do theatro, do passeio, |dessa| cadeia ~~de delicias emfim~~ que, |apesar| {de tudo,} ~~d'ella~~; a ligará ainda a ~~seu~~ passado.

²²⁸⁷ — Oh! {,} não, ~~não~~, Leopoldo, {si houver amor.} ~~seo marido fôr amado por ella~~ ! Quando se {alguem} ama devéras, e se está-com-o {junto ao} objecto ~~do amor~~{amado}, não se recorda, não se deseja, não se quer mais {coisa nenhuma} ~~nada~~...

— Tu fallas em amor, Augusto ?... Ainda bem que somos ambos estudantes da roça, e posso dizer-te agora o que entendo, sem mêdo de offender a susceptibilidade de corteção algum. Pois ainda não observaste que o verdadeiro amor não se dá muito com os ares da cidade?... ²²⁸⁸que, por natureza e habito, as nossas roceiras são mais constantes que as cidadôas ?... Olha, aqui encontramos nas moças mais espirito, mais jovialidade, graça e prendas; porém n'ellas não acharemos nem mais belleza nem tanta constancia. Estudemos as duas vidas. A moça da côrte cresce e vive commovida sempre por sensações novas e brilhantes, por objectos que se multiplicão e se renovão a todo momento, por prazeres e distracções que se precipitão: ainda contra vontade, tudo a obriga a ser voluvel : se chega à janella em um instante só, que variedade de sensações ²²⁸⁹seus olhos tem de saltar da carruagem para é cavalleiro, da senhora que passa para o menino que brinca, do sequito do casamento para acompanhamento do enterro ! Sua alma tem de sentir ao mesmo tempo o grito de dôr, e a risada de prazer; os lamentos, os brados de alegria, e o ruido do povo : depois tem o baile com sua atmospha de lisonjas e mentiras, onde ella se acostuma a fingir o que não sente; a ouvir phrases de amor a todas as horas, a mudar de galanteador em cada contradança : depois tem o theatro, onde cem oculos fitos em seu rosto parecem estar dizendo — és bella e assim enchendo-a de orgulho, e muitas vezes de vaidade, finalmente, ella se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudavel como a moda dos vestidos. Quereis agora ver o que se passa com a moça da roça... ²²⁹⁰

²²⁸⁸ Ainda bem que somos ambos estudantes da roça; e posso dizer-te agora o que entendo, sem |medo| de offender a-susceptibilidade{s} de corteção algum. Pois ainda não observaste que o verdadeiro amor não se dá muito com os ares da cidade?---{.}

²²⁸⁹ Que, por natureza e habito, as nossas roceiras são mais constantes que as ~~ciadôas~~ {citadinas}?... Olha, aqui encontramos nas moças mais espirito, mais jovialidade, graça e prendas; ~~porém~~ |nellas| não acharemos{,porém,} nem mais belleza{,} nem tanta constancia. Estudemos as duas vidas. A moça da côrte ~~cresce~~ e vive commovida ~~sempre~~ por sensações novas e brilhantes, por objectos que se |multiplicam| e se |renovam| a todo momento, por prazeres e distracções que se |precipitam|÷ {;} ainda contra {a} vontade, tudo a obriga a ser voluvel{;} ÷ se chega |á| janella ~~em~~ um instante só, que variedade de sensações{!}

²²⁹⁰ Seus olhos |têm| de saltar da carruagem para é {o} ~~cavalleiro~~ {cavalheiro}, da senhora que passa para o menino que brinca, do |séquito| ~~de casamento~~ {de um casorio} para {o} acompanhamento ~~de~~ {de um} enterro{.} † Sua alma tem ~~de~~ {que} sentir ao mesmo tempo o grito de dôr; e a risada de prazer; {,} os

Alli está ella na solidão de seus campos talvez menos alegre, porém certamente mais livre: sua alma é todos os dias tocada dos mesmos objectos: ao romper d'alva, é sempre e só a aurora que bruxolêa no horisonte; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e arvores; de tarde, sempre o mesmo gado que se vem recolhendo ao curral; à noite, sempre a mesma lua que pratêa seus raios na lisa superficie do lago! Assim ella se acostuma a ver e amar um unico objecto; seu espirito quando concebe uma idéa, não a deixa mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ella; sua alma, quando chega a amar, é para nunca mais esquecer, é para viver e morrer por aquelle que ama. Isto é assim, Augusto; considera que é lá em nossos campos que-mais brilhão esses sentimentos, que são a mesma vida, e que não pódem acabar senão com ella!...²²⁹¹

— Como estás exagerado, Leopoldo! juraria que desejas casar com alguma moça da roça!²²⁹²

— Oh... se esse descjo me dominar, certamente que o satisfarei com uma das muitas cachopinhas da minha terra.²²⁹³

lamentos, os brados de alegria; e o ruido do povo{;} ÷ depois ~~tem~~ {há} o baile com sua atmospha de lisonjas e mentiras, onde ella se acostuma a fingir o que não sente; {,} a ouvir phrases de amor a {toda a} ~~toda as~~ horas, a mudar de galanteador em cada contradança{;} ÷ depois ~~tem~~ {há} o theatro, onde cem ~~culos~~ {binoculos} fitos em seu rosto parecem estar dizendo — és bella{!—} e ~~assim~~ enchendo-a {assim} de orgulho; e muitas vezes de vaidade; {;} finalmente, |ella| se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudavel como a moda dos vestidos. ~~Quereis~~ {Queres} agora ver o que se passa com a moça da roça{?}... *Junção com o próximo parágrafo*

²²⁹¹ *Junto ao parágrafo anterior.* |Ali|{, ella} está ~~ella~~ na solidão ~~de~~ {dos} seus campos{,} talvez menos alegre, porém certamente mais livre;-.{.} Sua alma é todos os dias tocada dos mesmos objectos: ao romper d'alva, é sempre e só a aurora que |bruxoleia| no |horizonte|; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e arvores; de tarde, sempre o mesmo gado que se ~~vem~~ {vae} recolhendo ao curral; |á| noite, sempre a mesma lua que |prateia| ~~seus raios na~~ {a} lisa superficie do lago! {.} Assim ~~ella se~~ acostuma{-se ella} a ver e amar um {objecto} unico ~~objecto~~; seu espirito quando concebe uma idéa, não a deixa mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ella; sua alma, quando chega a amar, é para nunca mais esquecer, é para viver e morrer ~~por aquelle que ama~~ {pelo escolhido}. |Isto| é assim, Augusto; considera que é lá em nossos campos |que mais| |brilham| esses sentimentos, que são a mesma vida; e que não |podem| acabar |sinão| com ella!...

²²⁹² ...

²²⁹³ — Oh... {!}|si| esse |desejo| me dominar; certamente que o satisfarei com uma das muitas cachopinhas da minha terra.

— Eu logo vi que nos teus raciocínios e observações andava o genio da prevenção; escuso-me porém de responder-te, poisque fallaste em geral, e d'esse modo concedes...²²⁹⁴

— Que ha muitas excepções, sem duvida.

— Bom! quando²²⁹⁵ não, tu me forçarias a tomar a palavra para defender a linda Moreninha²²⁹⁶ que tanto me captiva.

— Então, Augusto, teremos por ventura²²⁹⁷ um romance?

— Que romance?

— Perderás a aposta e ao completar-se mez...²²⁹⁸

— D'aqui até lá... se eu pudesse esquecela!... mas aquella menina não é como as outras: é uma tentação... um diabinho...²²⁹⁹

— Quando pois comesas a escrever!²³⁰⁰

— Estás tolo ? (respondeu Augusto, tomando por um momento seu antigo bom humor) eu ainda pretendo n'estes quinze dias mudar de amor tres vezes.²³⁰¹

Basta porém de cstudantes: já temos ouvido bastante o nosso Augusto; e demorar-nos mais tempo em seu gabinete fôra querer escutar ainda as mesmas cousas; porque o tal mocinho, que quer campar de beijaflor, parece que cahiu no visco dos olhos e graças da joven belleza da ilha de... e está sinceramente enamorado d'ella: ora todos sabem que os amantes têm um prazer indisivel em matraquear os ouvidos dos que os attendem com uma historia muito comprida e mil vezes repetida, que, reduzindo-se à expressão mais simples, ficaria em zero, ou quando muito nos seguintes termos : « eu

²²⁹⁴ — Eu logo vi que nos {em} teus raciocínios e observações andava o genio da prevenção; escuso-me {,} porém{,} de responder-te, {pois que} {falaste} em geral, e {desse} modo concedes...

²²⁹⁵ Quando

²²⁹⁶ {,}

²²⁹⁷ Teremos{,} {porventura} {,}

²²⁹⁸ — Perderás a aposta e ao completar-se {o} mez...

²²⁹⁹ — {Daqui} até lá... {si} eu pudesse {esquecel-a}!... Mas aquella menina não é como as outras: {;} é uma tentação... um diabinho...

²³⁰⁰ — Quando{,} {pois}{,} comesas a escrever!-{?}

²³⁰¹ {respondeu Augusto, tomando por um momento seu antigo bom humor} {;} eu ainda pretendo {nestes} quinze dias mudar de amor tres vezes.

olhei e ella olhou ; eu lhe disse, ella me disse — póde ser, não póde ser »; deixemos portanto o senhor Augusto entregue a seus cuidados de moço : e tanto mais que já conhecemos o estado em que se acha. Vamos agora entrar no coraçãozinho de um ente bem amavel, que não tem, como aquelle, uma pessoa a quem confie suas penas, e por isso soffre talvez mais. Faremos uma visita à nossa linda Moreninha.²³⁰²

Tambem suas modificações tem apparecido no character de D. Caro'ina, depois dos festejos de Sant'Anna. Antes d'elles, era essa interessante juvenzinha o prazer da ilha de... irreconciliavel inimiga da tristeza, ella ignorava o que era estar melancolica dez minutos, e praticava o despotismo de não consentir que alguém o estivesse: junto d'ella, por força ou vontade, tudo tinha de respirar alegria; sabia tirar partido de todas as circumstancias para fazer rir; e bôa, affavel e carinhosa para com todos, amoldava os corações à sua vontade : o idolo, o delirio de quantos a praticavão, era ella a vida d'aquelle lugar, e emhpunhava com suas graças o sceptro do prazer. Hoje suas maneiras são outras: e emquanto suas musicas se empoeirão, seu piano passa dias inteiros fechado, suas bonécas não mudão de vestido : ella vaga solitaria pela praia, perdendo seus bellos olhares na vastidão do mar, ou, sentado no banco de relva da gruta, descansa a cabeça em sua mão, e pensa... em que?... quaes serão os solitarios pensamentos de uma menina de menos de quinze annos?... E às vezes suspira... um suspiro fiz? Eis oque é já um pouco explicativo.²³⁰³

²³⁰² Basta{,} porém{,} de |estudantes|: já {os} temos ouvido ~~bastante o nosso Augusto;~~ {lonagemente} e demorar-nos mais tempo em seu gabinete fôra ~~querer~~ escutar ~~ainda~~ {sempre} as mesmas cousas; ~~porque~~ {,} O tal mocinho, que quer campar de |beija-flor|, parece que cahiu no |visgo| dos olhos e graças da joven belleza da ilha ~~de...~~ e |está| sinceramente enamorado |della|: {;} ora{,} todos sabem que os amantes |têm| um prazer |indizivel| em matraquear ~~os ouvidos dos que os attendem~~ com uma historia muito comprida e mil vezes repetida; que, reduzindo-se á| expressão mais simples, ficaria em zero; {,} ~~ou quando muito nos seguintes termos :~~ « eu olhei e ella olhou ; eu lhe disse, ella me disse — póde ser, não póde ser »; Deixemos{,} portanto{,} o ~~senhor~~ {sr.} Augusto entregue a{os} seus cuidados de moço{,} : e tanto mais que já conhecemos o estado em que se acha. Vamos agora entrar no coraçãozinho de um ente bem amavel, que não ~~tem~~ {possue}, como aquelle, uma |pessoa| a quem confie suas penas, e {talvez} por isso soffre ~~talvez~~ mais. ~~Faremos~~ {Façamos} uma visita á| nossa linda Moreninha.

²³⁰³ Tambem suas modificações |têm| apparecido no character de d. ~~Caro'ina~~ {Carolina}, depois dos festejos de Sant'Anna. Antes |delles|, era essa ~~interessante juvenzinha~~ {menina} o prazer da ilha{,} ~~de...~~ Irreconciliavel inimiga da tristeza, ~~ella~~ ignorava o que era estar melancolica dez minutos; e praticava o despotismo de não consentir que alguém o estivesse: {;} junto ~~d'ella~~ {de si}, por {bem ou por} força ~~ou vontade~~, tudo tinha ~~de~~ {que} respirar alegria; ~~sabia tirar~~ {tirava} partido de todas as circumstancias ~~para~~

Assim como o grito tem o écho, à flôr o aróma e a dôr o gemido, tem o amor o suspiro; ah ! o amor é um demoninho, que não pede para entrar no coração da gente, e, hospede quase sempre importuno, por peor tracto que se lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se collocando e deixando ficar, sem vergonha nenhuma, faz-se dono da casa alheia, toma conta: de todas as acções, leva seu dominio muito cedo aos olhos, e às vezes dá taes saltos no coração, que chega a ir encarapitar-se no juizo ; e então, adeos minhas encomendas!²³⁰⁴

Pois muito bem; parece que a tal tentação anda fazendo peloticas no peito da nossa cara menina: tambem não ha molestia de mais facil diagnostico. Uma mocinha que não tem cuidados, com quem a mamãi não é impertinente, que não sabe dizer onde lhe dóe, que não quer que se chame medico, que suspira sem ter flatos, que não vê 2 que olha, que acha todo o guisado mal temperado, é porque já ama; por tanto D. Carolina ama: mas a quem?!...²³⁰⁵

Ah! Sr. Augusto ! Sr. Augusto ! a culpa é toda sua, sem duvida. Esta bella menina, acostumada desde as faxas a exercer um poder absoluto sobre todos os que a cercão, não pôde ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda uma mulher que o captivasse devéras, sem sentir o mais vivo desejo de reduzil-o a obediente

~~fazer rir; e {,} bôa, affavel e carinhosa para com todos, amoldava os corações |á| sua vontade ÷ {,} Idolo, e delirio de quantos a praticavam, era ella {com ella privavam, fizera-se} a vida |daquelle| lugar, e empunhava com suas graças o sceptro do prazer.~~

Hoje suas maneiras são outras: {,} e enquanto suas musicas se |empoeiram|, seu piano passa dias ~~inteiro~~ fechado, suas |bonecas| não |mudam| de vestido {, vagueia} ÷ ~~ella vaga~~ solitaria {, ella,} ~~pela praia,~~ perdendo {os olhos} ~~seus bellos olhares~~ na vastidão do mar; {;} ou, sentado no banco ~~de relva~~ da gruta, descansa a cabeça ~~em sua~~ {na} mão; e pensa... Em que?... Quaes serão os ~~solitarios~~ {secretos} pensamentos de uma menina de menos de quinze annos?... ~~E às~~ {A's} vezes suspira... {Suspira?} ~~um suspiro fiz?~~ Eis |o que| é já {é} um pouco explicativo. *Corte de parágrafo*

²³⁰⁴ Assim como o grito tem o écho, |a| flôr o |aroma| e a dôr o gemido, tem o amor o suspiro; {,} Ah ! o amor é um demoninho, que não pede para entrar no coração ~~da gente,~~ e, hospede |quase| sempre importuno, por peor tracto que se lhe dê, não desconfia, não se despede, |vae-se| ~~collocando e~~ deixando ficar, sem vergonha nenhuma; {,} Faz-se dono da casa alheia, toma conta: de todas as {nossas} acções, leva {o} seu dominio muito cedo aos olhos, e |ás| vezes dá taes saltos no coração, que chega a ~~ir~~ encarapitar-se no juizo ÷ ~~e então,~~ {— e} |adeus| minhas encomendas!

²³⁰⁵ Pois ~~muito~~ bem; parece que a tal tentação anda fazendo ~~peloticas~~ {pelotiquices} no peito da nossa cara menina: {,}

Tambem não ha molestia de mais facil diagnostico. ~~Uma~~ Mocinha que não tem cuidados, com quem a |mamãe| não é impertinente, que não sabe dizer onde lhe dóe, que não quer que se chame {o} medico, que suspira sem ter flatos, que não vê 2 {o} que olha, que acha todo o guisado |mão| temperado, é porque já ama; {,} |Portanto| {,} ~~D.~~ Carolina ama; {,} Mas a quem?!... *Corte de parágrafo*

escravo de seus caprichos: ella poz então em acção todo o poder de suas graças, ideou mesmo um plano de ataque; estudou a natureza e os fracos do inimigo; observou; bateu-se: o combate foi fatal a ambos talvez; e no fim d'elle a orgulhosa guerreira apalpou o seu coração, e sentiu que n'elle havia penetrado um dardo ; consultou a sua consciencia, e ouviu que ella respondia — se venceste, tambem estás vencida.²³⁰⁶

Com effeito D. Carolina ama o feliz estudante; e uma mistura de saudades e de temôr da inconstancia do seu amado é provavelmente' a causa de sua tristeza: ajunte-se a isto a novidade e os cuidados de um amor nascente e primeiro, o incommodo de um

sentimento novo, inexplicavel, que lhe enchia o innocente coração, e ver-se-ha que ella tem suas razões para andar melancolica.²³⁰⁷

E portanto toda a familia está assaltada do mesmo mal : ha na ilha uma epidemia de mão humôr, que tem chegado a todos, desde a Sra D. Anna até a ultima escrava. Além de quanto se acaba de expôr, accresce que Fellippe se deixou ficar na cidade a semana inteira, ser querer dispensar uma só tarde para vir visitar sua querida avó, e a tão bonita maninha.²³⁰⁸

Eis porém o que se châma accusação injusta! diz o ditado que — fallai no mão, apromptai o páo — : Fellippe estava esperando pelo dia de sabbado para aproveitar o

²³⁰⁶ Ah! {,} sr. Augusto ! ~~Sr. Augusto!~~ A culpa é toda sua, sem duvida. Esta bella menina, acostumada desde as |faixas| a exercer um poder absoluto sobre todos os que a |cercam|, não |pode| ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda ~~uma~~ mulher que o captivasse devéras, sem {que sentisse} ~~sentir~~ o mais vivo desejo de reduzi-la a obediente escravo ~~de seus caprichos~~. {,} ~~ella~~ Poz então em ~~acção~~ {movimento} todo o poder ~~de~~ {das} suas graças, ideou mesmo um plano de ataque;—{,} |estudou| a natureza e os fracos do inimigo; ~~observou; bateu-se;~~ {e bateu-o.} O combate foi fatal a ambos{,} talvez; e ~~no fim d'elle~~ {ao terminar} a orgulhosa guerreira apalpou o ~~seu~~ coração, e sentiu que {nella penetrava} ~~n'elle havia penetrado~~ um dardo{,} ; Consultou a ~~sua~~ consciencia, e ouviu {como resposta;} ~~que ella respondia~~ — |si| venceste, tambem estás vencida.

²³⁰⁷ Com effeito{,} ~~D.~~ Carolina ama {a}o feliz estudante; e uma mistura de saudades e de |temor| da inconstancia do seu amado é provavelmente² a causa ~~de~~ {da}sua tristeza: {,} ~~Ajunte-se a isto~~ {isso} a novidade e os cuidados de um {nascente primeiro} amor ~~nascente e primeiro~~, o incommodo de um sentimento novo, inexplicavel, que lhe {enche o} ~~enchia o innocente~~ coração {virgem}, e |ver-se-á| que ella tem suas razões para andar melancolica.

²³⁰⁸ E{,} portanto{,} toda a familia está assaltada do mesmo mal : ha na ilha uma epidemia de |mau| |humor|, que tem chegado a todos, desde a sra d. Anna até |á| ultima escrava. Além de quanto se acaba de |expor|, accresce que |Felippe| se deixou ficar na cidade a semana inteira, ~~ser~~ {sem} querer dispensar uma só tarde para vir ~~visitar~~ {de visita á} sua querida avó; e |á| tão bonita maninha.

domingo todo no seio de sua familia; eil-o ahi, que recebe a benção de sua avó, e beija a fronte de sua irmã.²³⁰⁹

— Pensei (disse aquella) que não querias mais vêr-nos!²³¹⁰

— É quasi que deixei a viagem para amanhã, minha bôa avó.²³¹¹

— O ingrato ainda o diz; ouves, Carolina?... Então porque?...²³¹²

— Para vir na companhia de Augusto, que deve passar o dia com nosco.²³¹³

Estas palavras tiveram poder electrico: D. Carolina, para occultar a perturbação que a agitava, -correu a esconder-se em seu quarto.²³¹⁴

Lá... bem às escondidas... ella derramou uma lagrima: doce lagrima... era de prazer.²³¹⁵

²³⁰⁹ Eis{,} porém{,} o que se |chama| accusação injusta! ~~diz o ditado que — fallai no mão, apromptai o páo —~~ : |Felippe| {acaba de chegar.} ~~estava esperando pelo dia de sabbado para aproveitar o domingo todo no seio de sua familia;~~ Eil-o ahi, que recebe a benção de sua avó, e beija a fronte de sua irmã.

²³¹⁰ — Pensei{,} (disse aquella) {,} que não {queria} ~~querias mais~~ |ver-nos| {esta semana}!

²³¹¹ — |E| quasi que deixei a {vinda} ~~viagem~~ para amanhã, minha bôa avó.

²³¹² — O ingrato ainda o diz; ouves, Carolina?... {E} então |por que|?...
dia {de amanhã} |comnosco|.

²³¹³ Estas palavras |tiveram| poder electrico: ~~D.~~ {,} Carolina, para |occultar| a perturbação que a agitava, -
correu a esconder-se em seu quarto.

²³¹⁵ Lá... {,} bem às escondidas... ~~ella~~ {,} derramou uma lagrima{!}: ~~doce lagrima~~... Era de prazer.

XX

PRIMEIRO DOMINGO: ELLE MARCA

Augusto madrugou, e muito. quando a aurora começou a apparecer, já elle havia vencido meia viagem, e seu desejo era ir acordar na ilha de... uma pessoa que tinha o não costume de; dormir até alto dia ; por-isso instava com os remeiros para que forcejassem, e em quanto seu batelão se deslisava pelas aguas, rapido como uma flecha pelos ares, elle o accusava de pesado e vagaroso : linha ha muito descoberto a ilha de...; os objectos fôrão pouco à pouco sé tornando mais e mais distinctos: viu a casa, viu o rochedo em que outrora à Tamoya deveria ter cantado seus amôres, e de sobre o qual cantára a oito dias D. Carolina a sua balada; depois distinguiu sobre esse rochedo negro um ponto, um objecto branco, que foi crescendo, sempre crescendo, que emfim lhe pareceu uma figura de mulher, que ostentava a alvura de seus vestidos : depois, elle tinha desviado um pouco os olhos; quando os voltou de novo para o rochedo, a figura branca havia desaparecido como un sonho.²³¹⁶

Emfim o batelão abordou a ilha de....; Augusto correu à casa, de que tantas saudades soffrêra : todos já se tinham levantado; ninguem dormia ainda, D. Carolina estava vestida de branco.²³¹⁷

²³¹⁶ Augusto madrugou; e muito: {;} quando a aurora começou a apparecer, já elle ~~havia vencido~~ {vencera} meia viagem, ~~e seu~~ {com o} desejo {de} ~~era~~ ir acordar na ilha ~~de...~~ uma |pessoa| que tinha o |mau| costume de; dormir até alto dia ; {;} Por-isso instava com os ~~remeiros~~ {remadores} para que forcejassem, e {;} |emquanto| seu batelão ~~se~~ deslisava pelas aguas, rapido como uma flecha pelos ares, elle o accusava de ~~pesado e~~ vagaroso{. Já avistava a ilha. Pouco a pouco,} ~~: linha ha muito descoberto a ilha de...~~; os objectos ~~fôrão pouco à pouco sé~~ {iam-se} tornando mais ~~e mais~~ distinctos: {.} Viu a casa, viu o rochedo em que |outr'ora| |a| tamoya ~~deveria ter cantado~~ {os} seus |amores|, e ~~de~~ sobre o qual cantára a {ha} oito dias ~~D.~~ Carolina a sua balada; {.} Depois distinguiu sobre ~~esse~~ {o} rochedo negro um ponto, um objecto branco, que foi crescendo, ~~sempre crescendo~~, {até} que emfim lhe pareceu uma figura de mulher, ~~que ostentava~~ {ostentando} a alvura ~~de seus~~ {do seu} vestidos ~~: depois, elle tinha desviado um pouco os olhos;~~ {. Um momento desviou os olhos;} quando os voltou de novo {,} ~~para o rochedo~~, a figura branca havia desaparecido{,} como un sonho.

²³¹⁷ ~~Emfim~~ O batelão abordou |á| ilha{, emfim, e} ~~de...~~; Augusto correu |á| casa, ~~de~~ que tantas saudades {lhe deixara.} ~~soffrêra~~ : Todos já se |tinham| levantado{.} ; ~~ninguem dormia ainda, D.~~ Carolina estava vestida de branco.

— Eu lhe agradeço bem, Sr. Augusto (disse a Sra. D. Anna, depois dos primeiros cumprimentos) eu lhe agradeço sua boa visita: nós temos passado oito dias de nôjo; e foi preciso que Fellippe nos trouxesse a noticia de sua vinda para reviver nossa antiga alegria: Carolina, por exemplo, desde hontem à noite já tem estado sofrivelmente travêssa.²³¹⁸

— Eu, minha avó, sempre tive fama de desin quieta e prazenteira; e se hontem me adiantei, foi porque chegou-me um companheiro para traquinar comigo.²³¹⁹

— Não o negues, menina: tens estado melancolica e abatida toda esta semana: erão saudades da agradável companhia que tivemos. Que erão saudades conheci eu pelos suspiros que soltavas: e tambem não vai mal nenhum em confessal-o.²³²⁰

D. Carolina voltou o rosto : Augusto arregalou os olhos, e sentiu que a ventura lhe inundava o coração.²³²¹

— O mesmo por lá nos succedeu; (disse Fellippe, tomando a palavra) estivemos todos carrancudos; e, seja dito em amor da verdade Augusto, mais do que nenhum outro, gostou de nosso trato e nossa companhia; realmente foi elle o que mostrou soffrer maiores saudades.²³²²

— É verdade, Sr. Augusto ? (perguntou a boa hospeda.)²³²³

²³¹⁸ — Eu lhe agradeço bem, sr. Augusto{,} (disse a Sra. d. Anna, depois dos {após os} primeiros cumprimentos) {;} eu lhe agradeço sua |boa| visita: nós {,} Temos passado oito dias de |nojo|; {,} e foi preciso que |Felippe| nos trouxesse a noticia de sua vinda para ~~reviver~~ {que revivesse} nossa antiga alegria: {,} Carolina, por exemplo, desde hontem |á| noite já {se} tem estado {mostrado} sofrivelmente |travessa|.

²³¹⁹ de |desinquieta| e prazenteira; e{,} |si| hontem ~~me~~ adiantei, foi porque chegou-me um companheiro para traquinar |commigo|.

²³²⁰ — Não o negues, menina: {;} tens estado melancolica e abatida toda ~~esta~~ {a} semana: {;} |eram| saudades{,} da agradável companhia ~~que tivemos~~. Que |eram| saudades{,} conheci eu pelos suspiros que soltavas: {,} e ~~tambem~~ não |vae| mal nenhum em confessal-o.

²³²¹ D. Carolina voltou o rosto{,} ÷ Augusto arregalou os olhos, e sentiu que a ventura lhe inundava o coração.

²³²² — O mesmo por lá nos succedeu;—({,} disse |Felippe|, tomando a palavra) {;} estivemos todos carrancudos; e, seja dito em amor da verdade{,} Augusto, mais do que nenhum ~~outro~~, gostou de {do} nosso |tracto| e {da} nossa companhia; realmente foi elle {quem revelou} ~~o que mostrou soffrer~~ maiores saudades.

²³²³ — |E'| verdade; {;} sr. Augusto ?—(perguntou a |boa| hospeda.)

— Minha senhora, a visita que vim ter o gosto de fazer é a melhor resposta que lhe posso dar.²³²⁴

D. Carolina tinha os olhos em um livro de musica; mas seus ouvidos e sua attenção penadião dos labios de Augusto: ouyindo as ultimas palavras do estudante, ella se sorriu brandamente.²³²⁵

— De que estás rindo, Carolina? (perguntou Fellippe).²³²⁶

— De um engraçado pedacinho da cavatina do Figaro no Barbeiro de Sevilha²³²⁷.

Então elle examinou o livro e viu que havia mentido, porque o que tinha diante de seus olhos cera uma collecção de modinhas do Laforge.²³²⁸

Duas horas depois serviu-se o almoço. Mas durante essas duas horas, que se passarão²³²⁹ muito depressa, Augusto teve de agradecer as obsequiosas attenções da avó de Fellippe²³³⁰, que dizia ter por elle notavel predilecção ; e tambem de reparar com esmero e minuciosidade no objecto de seus recentes cultos. Em resultado de suas observações, concluiu que D. Carolina estava bonita como d'antes, porém mais languida ; que às vezes Feparava suas Indiscrições, e que outras, quando mais²³³¹ parecia occupar-se com seus alegres trabalhos, olhava-o a furto, com uma certa expressão de receio, pejo e ardor, que a embellecia ainda mais.

²³²⁴ — Minha senhora, a visita que vim ter {tenho} o gosto de fazer é a melhor resposta que lhe posso dar.

²³²⁵ D. Carolina tinha os olhos em um {album} livro de musica; {,} mas seus ouvidos e sua attenção |penadiam| dos labios de Augusto: ouyindo {. Ouvindo-lhe} as ultimas palavras do estudante, ella se sorriu brandamente.

²³²⁶ {perguntou |Felippe|}.

²³²⁷ Barbeiro de Sevilha

²³²⁸ Então elle examinou o livro {Felippe tomou o album} e viu que havia mentido, porque o que tinha diante de seus olhos cera {era} uma collecção de modinhas do Laforge {...}.

²³²⁹ |passaram|

²³³⁰ |Felippe|

²³³¹ Predilecção{,} ; e tambem {poude} de reparar com {attenção} esmero e minuciosidade no objecto de seus recentes cultos. Em resultado de suas observações, concluiu que D. Carolina estava bonita como |dantes|, porém mais languida ; que |ás|{,} vezes Feparava suas Indiscrições, e que outras, quando mais

Durante o almoço, a conversação divagou sobre innumerous objectos ; finalmente teve de ir bulir com um pobre lencinho que estava na mão de D. Carolina, e que, se ahi não estivesse, passaria despercebido.²³³²

— Eu julgo que elle está trabalhosa e perfeitamente marcado (disse Augusto).²³³³

— É ir muito longe : (respondeu a menina) ahi o tem, observe-o de perto ; repare que barafunda vai por aqui.²³³⁴

— Ora eu acho tudo o melhor possivel : ao muito, poder-se-hia dizer que este À foi marcado por mão de moça travêssa.²³³⁵

— Quer dizer que foi pela minha,²³³⁶ adivinhou.

— Tem uma bella prenda, minha senhora.²³³⁷

— Que é muito commum.

— É nem por isso merece menos.²³³⁸

— Eu não entendo assim; aprecio bem pouco o que todo o mundo póde ter. Quem não sabe marcar?²³³⁹

— Eu, minha senhora.

— É porque não quer.

— É porque não posso: eu não me poderia haver com uma agulha na mão.²³⁴⁰

— Um dia de paciencia lhe seria sufficiente²³⁴¹.

²³³² Durante o almoço, a conversação divagou sobre innumerous objectos {e} ; finalmente ~~teve de ir~~ {foi} bulir com um pobre lencinho que estava na mão de ~~D. Carolina~~ {da menina}; e que, se ahi não estivesse, passaria despercebido.

²³³³ — Eu Julgo que ~~elle~~ está trabalhosa e perfeitamente marcado {,} {disse Augusto}.

²³³⁴ — |E'| ir muito longe{,} ÷-(respondeu a menina) {;} ahi o tem, observe-o de perto; repare que barafunda |vae| ~~por aqui~~ {nelle}.

²³³⁵ — Ora{,} eu acho tudo o melhor possivel{;} ÷ ~~ao~~ {quando} muito, |poder-se-ia| dizer que este À {X} foi marcado por mão de moça |travessa|.

²³³⁶ ;

²³³⁷ — Tem uma ~~bella~~ {linda} prenda, minha senhora{!}.

²³³⁸ — É {Mas} nem por isso merece menos.

²³³⁹ — ~~Eu~~ Não entendo assim; aprecio bem pouco o que todo o mundo |póde| ter. Quem não sabe marcar?

²³⁴⁰ — É porque não posso÷ {;} eu |não| me |poderia| ~~haver~~ {ageitar} com uma agulha na mão.

²³⁴¹ o bastante

— Querem ver (acudiu Fellippe), que minha maninha reduz Augusto a aprender a marcar!²³⁴²

— Então²³⁴³ seria isso alguma asneira?

— Não, por certo; maninha pode²³⁴⁴ mesmo dar-te algumas lições²³⁴⁵.

— Nada, (respondeu a menina) sou muito raivosa, e a primeira linha que elle rebentasse, eu o chamaria a bôlos.²³⁴⁶

— Se é uma condição que offerece, eu a acceito, minha senhora; ensine-me com palmatoria.²³⁴⁷

— Veja o que diz!

— Repito-o.

— Pois bem; palmatoria não, porque emfim podia doer-lhe muito; mas, de cada vez que eu julgar necessario, dar-lhe-hei um puxão de orêlha²³⁴⁸.

— Menina! (disse a Sra. D. Anna.)²³⁴⁹

— Mas²³⁵⁰ minha.avó, eu não estou pedindo a elle que venha aprender comigo.

— Porém pódes ensinar-lhe com bons modos.

— É o que pretendo fazer.

— Elle ha de aproveitar muito.²³⁵¹

— Téra os meus elogios.

— E se²³⁵² por acaso errar alguma vez...

— Levará um puxão de orêlha²³⁵³.

²³⁴² — Querem ver{,} {acudiu |Felippe|}, que ~~minha~~{a} maninha ~~reduz~~ {resolve} Augusto a aprender a marcar!

²³⁴³ E

²³⁴⁴ |póde|

²³⁴⁵ |licções|

²³⁴⁶ — Nada, {respondeu a menina} {;} sou muito raivosa, e |á| primeira linha que elle rebentasse, eu o chamaria a |bolos|.

²³⁴⁷ — |Si| é ~~uma~~ {a} condição que offerece, eu a acceito, minha senhora; ensine-me com palmatoria.

²³⁴⁸ |dar-lhe-ei| um puxão de |orelha|

²³⁴⁹ — Menina! (~~disse a Sra. D.~~ {advertiu d. }Anna.)

²³⁵⁰ {,}

²³⁵¹ !

²³⁵² |si|

— Se me é permitido, (disse Augusto) aceito as condições.²³⁵⁴

— Pois bem; (respondeu D. Carolina) está o senhor matriculado na minha aula de marcar e daqui a uma hora principiaremos a nossa lição.²³⁵⁵

— E então elle não passeia comigo ? (perguntou Fellippe.)²³⁵⁶

— Depois da lição; (respondeu a mestra, fazendo-se de grave) antes não lhe dou licença.²³⁵⁷

Levantarão-se da mesa : algum tempo foi destatinado a descansar; Fellippe desafiou Augusto para uma partida de gamão, e em continente farão travar combate na varanda : Fellippe derrotou seu competidor em tres jôgos consecuti-vos ; estavam no começo do quarto, e tocou na sala uma campainha: os dous estudantes não dêrão attenção a isso, e continuarão : O jôgo tornou-se duvidoso ; qualquer dos dous podia dar ou levar gamão; Augusto acabava de lançar: uns dous e az, que desconcertarão seu antagonista, quando D. Carolina appareceu, e dirigindo-se ao seu discipulo, disse com engraçada seriedade:²³⁵⁸

— O senhor não ouviu tocar a campainha.²³⁵⁹

— Então isso era comigo?²³⁶⁰

— Sim, senhor; são horas de lição e espero que para outra vez não me seja preciso chamal-o.²³⁶¹

²³⁵³ |orelha|

²³⁵⁴ — |Si| me é permitido, {disse Augusto} {,} aceito as condições.

²³⁵⁵ — Pois bem; {,} respondeu D. Carolina) {,} está o senhor matriculado na minha aula de marcar e |d'aqui| a uma hora principiaremos a nossa |licção|.

²³⁵⁶ — E { elle,} então {,} ~~elle~~ não passeia |commigo| ? {perguntou |Fellippe|.}

²³⁵⁷ — Depois da ~~lição;~~ {aula,} respondeu a mestra, fazendo-se de grave) {;} antes {,} não lhe dou licença.

²³⁵⁸ |Levantaram-se| da mesa {e depois de breve pausa} : ~~algum tempo foi destatinado a descansar;~~ |Fellippe| desafiou Augusto para uma partida de gamão, e {incontinente foram}} ~~em continente farão~~ travar combate na varanda{.} ÷ {Em tres jogos consecutivos} |Fellippe| derrotou seu competidor ~~em tres jôgos consecuti-vos ;~~ {e} |estavam| no começo do quarto, e {quando} tocou ~~na sala~~ uma campainha: {,} Os ~~dous~~ estudantes não |deram| attenção {e proseguiram.} ~~a isso, e continuarão ÷~~ O |jogo| tornou-se duvidoso ; qualquer dos |dois| podia dar ou levar gamão; {,} Augusto acabava de lançar: ~~uns dous e~~ {um} az; que ~~desconcertarão~~ {desconcertara} seu antagonista, quando D. Carolina appareceu; e {,} dirigindo-se ao seu discipulo, disse com engraçada ~~seriedade~~ {severidade}:

²³⁵⁹ ?

²³⁶⁰ — Então ~~isso~~ era |commigo|? {!}

— Aceito a admoestação, minha bella mestra:²³⁶² mas rogo-lhe o obsequio de consentir quê²³⁶³ termine esta partida.

— Não, senhor.

— É uma mão de honra!²³⁶⁴

— Peor está essa!

— Ora é bôa! (acudiu Fellippe) então quer vossê...²³⁶⁵

— Não tenho a dizer-lhes o que quero, nem o que não quero; são horas da lição, vamos.²³⁶⁶

— É preciso obedecer (concluiu Augusto, levantando-se).²³⁶⁷

D'ahi a pouco estava tudo em-via de regra: Augusto, sentado em uma banquinha aos pés de sua bella mestra, escutava, com os olhos fitos no rosto d'ella, as explicações necessarias : às vezes D. Carolina não podia conservar imperturbavel sua affectada gravidade, e então os sorrisos da bella mestra e do aprendiz graciosamente se trocavão: ella se mostrava mais pacifica, e elle menos attento do que havião promettido; porque era já pela quarta vez que a bella mestra recomeçava suas explicações, e o aprendiz cada vez a entendia menos.²³⁶⁸

Fellippe appareceu na sala prompto para ir caçar, e convidou o seu amigo para com elle partilhar do mesmo prazer: todo o mundo adivinha que Augusto disse que não:

²³⁶¹ — Sim, senhor; são horas de {da} |licção| e espero que {de} ~~para~~ outra vez não me seja preciso chamal-o.

²³⁶² ;

²³⁶³ |que|

²³⁶⁴ — |E'| ~~uma mão~~ {um jogo} de honra!

²³⁶⁵ — ~~Ora~~ |E'| |boa!| {acudiu |Fellippe|}{.} Então{,} quer |você|...

²³⁶⁶ — Não tenho {que explicar} ~~a dizer-lhes~~ o que quero, nem o que não quero; são horas da |licção|, vamos.

²³⁶⁷ — |E'| preciso obedecer{,} {concluiu Augusto, levantando-se}.

²³⁶⁸ D'ahi a pouco estava ~~tudo em via de regra~~: Augusto, sentado em uma banquinha{,} aos pés de sua bella mestra, ~~escutava~~ {a escutar}, com os olhos fitos no rosto |della|, as explicações necessarias{.} ~~às vezes D.~~ Carolina {às vezes} não podia conservar imperturbavel sua affectada gravidade; e então os sorrisos da bella mestra e do aprendiz graciosamente |se| |trocavam|: {;} ella se mostrava ~~mais~~ pacifica; e elle menos attento do que ~~havião~~ {havia} promettido; ~~porque~~ {, pois que} era já pela quarta vez que a bella mestra recomeçava suas explicações, e o aprendiz cada vez a entendia menos.

elle poderia responder que não queria caçar; porque estava pescando ; mas contentou-se com dizer :²³⁶⁹

— Minha bella mestra não dá licença.

— Tome cuidado no modo de pegar n’essa agulha!... (gritou ella com mão modo, e sem se importar com Fellippe.)²³⁷⁰

— Está bem; (disse este, sahindo) eu não os posso aturar.²³⁷¹

E depois accrescentou, sorrindo-se:²³⁷²

— Fique-se ahi, Sr. Alcides, aos pés de sua, bella Omphale!²³⁷³

— Ouviu o que elle disse? (perguntou Augusto.)²³⁷⁴

— Já lhe tenho repetido tres vezes que não é assim que se pega²³⁷⁵ na agulha.

— Ora, minha senhora...

— Ora, minha senhora ! ora, minha senhora! eu não sou sua senhora; sou sua mestra.²³⁷⁶

— Minha bella mestra!

— Digo-lhe que já me vai faltando a paciencia: o senhor não attenta no que faz; já tem quatro vezes rebentado a linha, e é a decima segunda que lhe cahe o dedal.²³⁷⁷

— Não se exaspere, minha bella mestra; e o vou apanhar, e não cairá mais nunca.²³⁷⁸

Augusto curvou-se, e ficou quasi de joelhos, diante de D. Carolina: ora o dedal estava bem junto dos pés d’ella, e o aprendiz, ao apanhal-o, tocou, ninguem sabe se de

²³⁶⁹ [Felippe] appareceu na sala{,} prompto para ir caçar; e convidou o seu amigo{.} ~~para com elle partilhar do mesmo prazer.~~ Todo o mundo adivinha que Augusto disse que não{;} ; ~~e~~ elle poderia responder que não queria caçar; porque estava pescando{,} ; mas contentou-se com dizer :

²³⁷⁰ — Tome cuidado no modo de pegar [nessa] agulha!... (gritou ella{,} com [mau] modo, e sem se importar com [Felippe].)

²³⁷¹ — Está bem; {,} (disse este, sahindo) {;} eu não os posso aturar.

²³⁷² {—}E depois accrescentou, sorrindo-se:

²³⁷³ — Fique-se ahi, sr. Alcides {Hercules}, aos pés de {da} sua, bella Omphale!

²³⁷⁴ (perguntou Augusto.)

²³⁷⁵ [péga]

²³⁷⁶ — Ora, minha senhora ! Ora, minha senhora! Eu não sou sua senhora; {,} ~~sou~~ {sua} sua mestra.

²³⁷⁷ — Digo-lhe que já me [vae] faltando a paciencia; {;} o senhor não attenta no que faz; já tem quatro vezes rebentado a linha; e é a decima segunda que lhe cahe o dedal.

²³⁷⁸ — Não se exaspere, minha bella mestra; e o {eu} vou {apanhal-o} ~~apanhar~~, e não [cahirá] mais nunca.

proposito, com seus dedos em um d'aquelles delicados pészinhas: esse contacto fez mal; a menina estremeceu toda, Augusto olhou-a admirado : os olhos de ambos se encontráram, e os olhos de ambos tinham fôgo. Um momento se passou; o socego se restabeleceu.²³⁷⁹

— Já não posso mais! (exclamou a bella mestra)²³⁸⁰ rebentou o senhor pela quinta vez a linha; não dá um ponto que preste; não ha outro remedio....

E dizendo isto, lançou uma das mãos à orêlha do aprendiz, que de subito deu um grito, e acudiu com as suas: ora, essas mãos se encontráram, debaterão-se, e n'esse ensejo os dedos da bella mestra fôram docemente apertados pela mão do aprendiz: novo fôgo de olhares! Que aproveitavel lição !...²³⁸¹

— Menina, tenha modo: o Sr. Augusto não é criança (exclamou a Sra. D. Anna, que a dez passos cosia, e que só podia ver a exterioridade do que se passava entre a bella mestra e o aprendiz).²³⁸²

A lição se prolongou até o meio dia, e mais de-mil vezes se repetiu a mesma scena do encontro das mãos: D. Carolina não conseguiu puxar uma só vez a orêlha do estudante, e o aprendiz não perdeu uma só occasião de apertar os dedos da bella mestra. Augusto se comprometteu a apresentar na primeira lição um: nome marcado pela sua mão. Tudo foi ás mil maravilhas.²³⁸³

²³⁷⁹ Augusto curvou-se, e ficou quasi de joelhos, diante de D. Carolina: {;} ora{,} o dedal estava bem junto dos pés |della|, e o aprendiz, ao apanhar-o, tocou,{com seus deos,} ninguem sabe |si| de proposito, ~~com seus dedos em~~ um |daquelles| delicados |pezinhos|: {;}Esse contacto fez{-lhe} mal;~~a menina~~ {, pois a mestra} estremeceu ~~toda~~, {;} Augusto olhou-a admirado{,} ÷ os olhos de ambos se |encontraram|, e os olhos de ambos |tinham| |fogo|. Um momento se passou; {e}o socego se restabeleceu.

²³⁸⁰ {exclamou a bella mestra} {;}

²³⁸¹ E{,} dizendo isto, lançou uma das mãos |á| |orelha| do |apprendiz|, que ~~de subito~~ deu um grito, e acudiu com as suas{. As} ÷ ~~ora, essas~~ mãos se |encontraram|, ~~debaterão-se, e n'esse ensejo~~ {e} os dedos da bella mestra |foram| docemente {comprimidos} ~~apertados~~ pela mão do |apprendiz|: {;} Novo ~~fôgo~~ {incendio} de olhares! {;} Que aproveitavel |licção| !...

²³⁸² — Menina, tenha modo: {;}o sr. Augusto não é |creança|{,} {exclamou a sra. d. Anna, que a dez passos cosia,~~e que~~ só podia ver a {s} exterioridade{s} do que se passava entre a bella mestra e o |apprendiz|}.

²³⁸³ A |licção| se prolongou até {a}o meio dia, e mais de-mil vezes se repetiu a mesma scena do encontro das mãos: {. Não conseguiu} ~~D. Carolina não conseguiu~~ puxar uma só vez a |orelha| do estudante, e o |apprendiz| não perdeu uma só occasião de apertar os dedos da bella mestra. Augusto se comprometteu a apresentar na primeira ~~lição~~ {aula} um: nome marcado pela sua mão. ~~Tudo foi ás mil maravilhas.~~

O resto do dia se passou como se havia passado o seu principio para Augusto e D. Carolina.²³⁸⁴

Elles não se chamarão mais por seus només? propios ; amor lhes tinha easinado outros erão : « meu aprendiz, e minha bella mestra. »²³⁸⁵

A madrugada seguinte foi triste, porque presidiu ás despedidas do aprendiz e-sua bella mestra : mas, ainda assim, foi bem doce, porque ambos meigamente se dicerão:²³⁸⁶

²³⁸⁷ Até domingo!

²³⁸⁴ O resto do dia se passou como se ~~havia passado~~ {passa} o seu principio ~~para Augusto e D. Carolina.~~

²³⁸⁵ Elles não se |chamaram| mais ~~por~~ {pelos} seus |nomes|² propios; {o} amor lhes tinha |ensinado| outros {mais suaves:} ~~erão :-~~ {“} meu aprendiz {“} ~~;-e~~ {—} minha bella mestra {“...}: »

²³⁸⁶ A madrugada ~~seguinte~~ foi triste, porque presidiu ás despedidas do |apprendiz| e-sua bella mestra: {;} mas, ainda ~~assim~~, foi bem doce, porque ambos meigamente se |disseram|:

²³⁸⁷ {—}

XXI

SEGUNDO DOMINGO: BRINCANDO COM BONÉCAS²³⁸⁸

Raiou o bello dia, que seguiu a sete outros, passados entre sônhos, saudades, e esperanças. Augusto está viajando: já não é mais aquelle mancebo cheio de duvidas e temôres da semana passada ; é um amante que acredita ser amado e que vai, radiante de esperanças, levar á sua bella mestra a lição de marca que lhe foi passada. ²³⁸⁹O prognostico de D. Carolina na gruta encantada se vai verificando; Augusto está completamente esquecido da aposta que fez, e do camafeu que outr'ora deu á sua mulher : um bonito rosto moreninho fez olvidar todos esses episodios da vida do estudante: D. Carolina triumpha, e seu orgulho de despotazinha de quantos corações conhece deveria estar altaneiro, se ella não amasse tambem. ²³⁹⁰

Como da primeira vez, Augusto vê o dia amanhecer-lhe no mar ; e, como na passada viagem, avista sobre o rochedo o objecto branco, que vai crescendo mais e mais, à medida que seu batelão se aproxima, até que distinctamente conhece n'elle a elegante figura de uma mulher, bella por força ; mas d'esta vez, não como da outra, essa figura se demora sobre o rochedo, não desaparece como um sonho, é uma bonita realidade, é D. Carolina, que só desce d'elle para ir receber o feliz estudante, que acaba de desembarcar. ²³⁹¹

²³⁸⁸ |BONECAS|

²³⁸⁹ Raiou o bello dia, que seguiu a ~~sete~~ {seis} ~~outros~~, passados entre |sonhos|, saudades, e esperanças. Augusto ~~está viajando~~; já não é mais aquelle mancebo cheio de duvidas e |temores| da semana passada; é um amante que acredita ser amado e que |vae|, radiante de esperanças, levar á sua bella mestra a |licção| de marca que lhe foi passada. *Corte de parágrafo*

²³⁹⁰ O prognostico de ~~D.~~ Carolina{, feito} na gruta encantada ~~se~~ |vae|{-se} verificando; {;} Augusto está completamente esquecido da aposta que fez, e do camafeu ~~que~~ outr'ora ~~deu~~{-dado} á sua mulher{.} ÷ Um bonito rosto moreninho fez olvidar todos esses episodios da vida do estudante;~~D.~~ {.} Carolina triumpha, e seu orgulho de despotazinha de quantos corações conhece{,} deveria estar altaneiro, |si| ella não amasse tambem. *Fim do segundo parágrafo do corte*

²³⁹¹ Augusto {assiste ao amanhecer} ~~vê o dia amanhecer-lhe~~ no mar ; e, como na passada ~~viagem~~ {travessia sobre o rochedo}; avista ~~sobre o rochedo~~ o objecto branco, que |vae| crescendo mais{,} ~~e mais~~, à medida que {o bote} ~~seu batelão~~ se aproxima, até que distinctamente conhece |nelle| a elegante figura de uma mulher, bella por força ; mas |desta| vez, não como da outra, essa figura {permanece} ~~se demora~~ sobre

— Minha bella mestra!...

— Meu aprendiz! já sei que traz o nome bem marcado.²³⁹²

— Oh! sempre precisarei que me queira puxar as orêlhas.²³⁹³

— Não, eu não farei tal na lição de hoje.²³⁹⁴

— E se eu merecer?²³⁹⁵

— Talvez.²³⁹⁶

— Então errarei toda a lição.²³⁹⁷

Elles se sorrirão; mas Felipe acaba de chegar, e todos tres vão pela avenida se dirigindo à casa.²³⁹⁸

Ter a ventura de receber o braço de uma moça bonita e a quem se ama; apreciar sobre si o doce contacto de uma bem torneada mão, que tantas noites se tem sonhado beijar; roçar às vezes com o cotovêlo um lugar sagrado, voluptuoso, e palpitante; sentir sobre sua face o perfumado bafo que se esvaiu d'entre os labios virginaes e nacarados, cujo sorrir se considera um favôr do Céu: o apanhar o leque que escapa da mão que estremeceu : tudo isso... mas para que divagações? que mancebo ha ahi, de dezeseis annos por diante, que não tenha experimentado esses doces erleios, tão leves para a reflexão, e tão graves e apreciaveis para a imaginação de quem ama! Pois bem : Augusto os está gozando n'este momento : mas, porque só a elle é isto de grande entidade, e convém dizer apenas o que absolutamente se faz preciso, póde-se sem

o rochedo, não desaparece como um sonho, é uma bonita realidade; {:} é D. Carolina, que só desce d'elle para ir receber o feliz estudante, que acaba de desembarcar.

²³⁹² — Meu |apprendiz|! {...} Já sei que traz o nome bem marcado.

²³⁹³ — Oh! sempre precisarei que me ~~queira puxar~~ {puxe} as |orelhas|.

²³⁹⁴ — Não, ~~eu~~ não farei tal na |licção| de hoje.

²³⁹⁵ — E |si| eu {o} merecer?

²³⁹⁶ {...}

²³⁹⁷ — ~~Então errarei toda a lição.~~ {Errarei tudo, então!...}

²³⁹⁸ ~~Elles se~~ |Sorriram|; {.} Mas Felipe acaba de chegar, e {seguem} todos tres ~~vão~~ pela avenida {, em direção} se dirigindo à casa.

inconveniente abreviar toda a historia de duas boas horas dizendo-se : — Almoçáram. E chegou a hora da lição.²³⁹⁹

— Vamos (disse D. Carolina a Augusto, que estava já assentado a seus pés e em sua banquinha) vamos, meu aprendiz; o senhor comprometteu-se a trazer-me um nome marcado pela sua mão: que nome marcou?²⁴⁰⁰

— Entendi que devia ser o nome da minha bella mestra.

Ella não esperava outra resposta.²⁴⁰¹

— Vamos pois ver a sua obra, (continuou) e creia que estou pouco disposta a perdoar-lhe, como fiz-na lição passada. Venha a marca.²⁴⁰² Augusto apresentou então um finissimo lenço: aos olhos da sua bella mestra, que teve de lêr: em cada angulo d'elle o nome « Carolina », e no centro o distico « minha bella mestra »: tudo estava primorosamente trabalhado; preciso é confessar, o aprendiz havia marcado melhor do que nunca o tivéra feito D. Carolina.²⁴⁰³

Augusto esperava com anciedade ver brilhar nos olhos de sua bonita querida o prazer da gratidão ; fruia já de antemão o terno agradecimento com que contava, quando

²³⁹⁹ apreciar {sentir} sobre si o doce contacto de uma bem torneada mão, que tantas noites se tem sonhado beijar {beijada em sonhos}; roçar às vezes com o |cotovello| um {em} |logar| sagrado, voluptuoso, e palpitante; sentir sobre sua {sob a} face o perfumado bafo que se |esvahiui| d'entre {por entre} os labios virginaes e |macarados|, cujo sorrir {parece} se considera um |favor| do céu: o {;} apanhar o leque que escapa da mão que estremeceu ÷ {—} tudo isso... Mas para que divagações? Que mancebo ha ahi, de dezeseis annos por diante {para cima}, que não tenha experimentado esses doces |enleios|, tão leves para a reflexão, e tão graves e apreciaveis para a imaginação de quem ama! {? Mas como} Pois bem ÷ Augusto os está |gosando| |neste| momento{;} ÷ mas, porque só a {para} elle {vale esta intimidade} é isto de grande entidade, e convém dizer apenas o que absolutamente se faz preciso, {podemos,} pôde-se sem inconveniente abreviar toda a historia de duas boas horas dizendo-se : — |Almoçaram|; e chegou a hora da |licção|.

²⁴⁰⁰ — Vamos{,} {disse d. Carolina a Augusto, que estava já assentado a seus pés{,}} e em sua banquinha{;} } vamos, meu |apprendiz|; {,} o senhor comprometteu-se a trazer-me um nome marcado pela sua mão: que nome marcou?

²⁴⁰¹ .

²⁴⁰² — Vamos{,} pois{,} |vêr| a sua obra, {continuou} {;} e creia que estou pouco disposta a perdoar-lhe, como fiz-na |licção| passada. Venha a marca. *Corte de parágrafo*

²⁴⁰³ Augusto apresentou então {aos olhos de sua bella mestra,} um finissimo lenço: aos olhos da sua bella mestra, que teve de lêr: em cada angulo d'elle o nome « { em cujos cantos se lia o nome —} Carolina », e no centro{,} o distico {—} « Minha bella mestra »: {,} Tudo estava primorosamente trabalhado; {e} preciso é confessar, {;} o |apprendiz| havia marcado melhor do que nunca {o fizera a mestra.} e tivéra feito D. Carolina. *Fim do parágrafo cortado*

viu com espanto que sua bella mestra ia gradualmente corando, e por fim se fez vermelha de colera e de despeito.²⁴⁰⁴

— Nunca a mão grosseira de um homem poderia marcar assim! (disse ella a custo).²⁴⁰⁵

— Mas, minha bella mestra...

— Eu quero saber quem foi ! (exclamou com força).²⁴⁰⁶

— Eu não entendo...

— Foi uma mulher! isso não carece que me diga; uma moça que lhe marcou este lenço para o senhor vir zombar, e rir-se de mim, de minha credulidade, de tudo!²⁴⁰⁷

— Minha senhora...

— Vejão: já nem me quer chamar sua mestra!... agora só sabe dizer « minha senhora!.. » .²⁴⁰⁸

A interessante joven acabava de ser inesperadamente assaltada de um acesso de ciume: Augusto estava espantado ; e a Sra. D. Anna levantando os olhos ao escutar a ultima exclamação de sua neta, viu-a correndo para ella.²⁴⁰⁹

— Que é isto, menina? (perguntou).²⁴¹⁰

— Veja, minha querida avó; aqui está a marca que elle me traz! Eu queria um nome muito mal feito, uma barafunda que se não entendesse, o panno suado²⁴¹¹ e feio, tudo mão, tudo pessimo; eu: me riria com elle; sabe porém o que fez? foi para a córte tomar outra mestra, que não ha de ter a minha paciencia, nem o meu prazer; mas que

²⁴⁰⁴ Augusto esperava com anciedade ver brilhar nos olhos de sua ~~bonita~~-querida o prazer da gratidão; fruiu já ~~de antemão~~ o terno agradecimento com que contava, quando viu{,} com espanto{,} que sua bella mestra ia ~~gradualmente~~ [córando]; e por fim se fez vermelha de colera e ~~de~~ despeito.

²⁴⁰⁵ { {... } disse ella{,} a custo}.

²⁴⁰⁶ {exclamou ~~com força~~} {exaltada}.

²⁴⁰⁷ — Foi uma mulher! ~~isso~~ {disso} não carece que me diga; uma moça que lhe marcou este lenço para o senhor vir zombar; e rir-se de mim, de minha credulidade, de tudo{...}!

²⁴⁰⁸ — [Vejam]: já nem ~~me~~ quer chamar{-me} sua mestra!... Agora só sabe dizer « {“} minha senhora!.. » {“!...}.

²⁴⁰⁹ A ~~interessante joven~~ {travessa menina} acabava de ser inesperadamente assaltada de um acesso de ciume: {;} Augusto estava espantado ; e a ~~Sra. D.~~ {d.} Anna {erguendo} ~~levantando~~ os olhos ao escutar a ultima exclamação de sua neta; viu-a ~~correndo~~ {correr} para ella {si}.

²⁴¹⁰ {perguntou}.

²⁴¹¹ |suado|

marca melhor que eu, que é mais bonita!... veja, minha querida avó; elle tem outra mestra, outra bella mestra!²⁴¹²

E dizendo isto, occultou o rosto no seio da extremosa senhora, e começou a soluçar.²⁴¹³

— Que loucura é essa, menina? que tem que elle tomasse outra mestra? pois por isso choras assim?²⁴¹⁴

— Mas nem me quer dizer o nome d'ella!....

Que me importa que seja moça ou bonita? nada tenho com isso; porém quero saber-lhe o nome, só o nome!²⁴¹⁵

Então ella ergueu-se, e com os olhos ainda molhados, com a voz entrecortada, mas com toda a belleza da dôr e delirio do ciúme, voltou-se para Augusto e perguntou:²⁴¹⁶

— Como se chama ella?

— Juro que não sei.

— Não sabe!²⁴¹⁷

— Quiz trazer um lenço bem marcado para: ostentar meus progressos, e motivar alguns gracejos, e mandei-o encommendar a uma senhora muito idosa que vive destes trabalhos.²⁴¹⁸

— Muito idosa?...

— Everdade.²⁴¹⁹

²⁴¹² tudo |máu|, tudo pessimo; {—} eu; me riria com elle; { . Mas } sabe porém o que fez? Foi para a corte tomar outra mestra, que não ha de ter a minha paciencia; nem o meu prazer; { , } mas que marca melhor que eu, que é mais bonita!... Veja, minha querida avó; elle tem outra mestra, outra bella mestra! {...}

²⁴¹³ E { , } dizendo isto, occultou o rosto no seio da extremosa senhora, e começou { começando } a soluçar.

²⁴¹⁴ — Que loucura é essa, menina? Que tem que elle tomasse { elle } outra mestra? Pois por isso choras assim?

²⁴¹⁵ — Mas nem me quer dizer o nome |della|!....Que me importa que seja moça ou bonita? Nada tenho com isso; { , } porém quero saber-lhe o nome, só o nome! *Junção de parágrafos*

²⁴¹⁶ Então ella Ergueu-se, { então, } e com os olhos ainda molhados, { e } com a voz entrecortada, mas com toda a belleza da dôr e delirio { delirante } do ciúme, voltou-se para Augusto e perguntou:

²⁴¹⁷ ?

²⁴¹⁸ — Quiz trazer um lenço bem marcado para: |ostentar| meus progressos; e motivar alguns gracejos; e mandei-o encommendar a uma senhora muito idosa { , } que vive destes trabalhos.

— Não lhe derão²⁴²⁰ este lenço?

— Paguei²⁴²¹.

— Poiseu rasgo...²⁴²²

— Póde-o fazer.²⁴²³

— Eil-o em tiras.²⁴²⁴

— Que fazes, Carolina? (exclamou senhora D. Anna, querendo, já tarde, impedir que sua neta rasgasse o lenço).²⁴²⁵

— Fez o que cumpria, minha senhora, (acudiu Augusto) exterminou o mão genio que acabava de fazer-lhe chorar.²⁴²⁶

— E que importa que eu rasgasse um lenço?... Minha querida avô, peço-lhe licença para dar um dos meus ao Sr. Augusto.²⁴²⁷

A Sra. D. Anna, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra-e do aprendiz, julgou a proposito não dar resposta alguma; mas nem isso desnorleou a viva mocinha, que, tirando de sua cesta de costura um lenço recentemente por ella marcado, o offereceu a Augusto, dizendo:²⁴²⁸

— Eu não admitto uma só desculpa, não desejo ver a menor hesitação,²⁴²⁹ quero que aceite²⁴³⁰ este lenço.

²⁴¹⁹ — |E' verdade|.

²⁴²⁰ |deram|

²⁴²¹ {-o}

²⁴²² — |Pois eu| {o} rasgo...

²⁴²³ — Póde-o fazer {fazel-o}.

²⁴²⁴ — Eil-o {Aqui o tem} em tiras-{|...}

²⁴²⁵ — Que fazes, Carolina? (exclamou senhora D. {d.} Anna, querendo, já tarde, impedir que sua neta rasgasse o lenço).

²⁴²⁶ — Fez o que cumpria, minha senhora, (acudiu Augusto) {:} exterminou o |máu| genio que acabava de fazer-lhe {-a} chorar.

²⁴²⁷ Minha querida |avó|, peço-lhe licença para dar um dos meus ao sr. Augusto.

²⁴²⁸ A sra. d. Anna, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra-e do |apprendiz|, julgou a-proposito {apropositado} não dar resposta alguma; mas nem isso |desnorleou| a viva mocinha, que, tirando de {da} sua cesta de costura um lenço recentemente por ella marcado {recentemente}, e offereceu a Augusto, dizendo {com estas palavras}:

²⁴²⁹ ;

²⁴³⁰ |acceite|

Augusto olhou paraa Sra. D. ²⁴³¹Anna, como para ler-lhe n'alma o que ella pensava d'aquillo²⁴³².

— Pois rejeita um presente de minha neta? perguntou a amante avó.)²⁴³³

A resposta de Augusto foi um beijo na prenda de amor.

— Agora, que já estamos bem, (disse elle) vamos à minha lição.²⁴³⁴

— Não, não: (respondeu a bella mestra) basta de marcar; não me sahi bem do magisterio: chorei diante do meu aprendiz: não fallemos mais n'isto.²⁴³⁵

— Então fui julgado incapaz de adiantamento?²⁴³⁶

— Ao contrario, pelo trabalho que me trouxe, vi que o senhor estava adiantado de mais: porém sou eu quem tem outros cuidados.²⁴³⁷

— Já tem cuidados?...

— Quem é que d'elles não carece?... O pai de familia tem os filhos, o senhor os seus livros, e eu, que sou criança, tenho as minhas bonécas: quer vê-las.²⁴³⁸

— Com o maior prazer.

Um momento depois a sala estava invadida por uma enorme quantidade de bonécas²⁴³⁹, cada uma das quaes tinha seus parentes, seus vestidos, joias,²⁴⁴⁰ e um numero extraordinario de bugiarias, como qualquer moça da moda as tem no seu toucador.

²⁴³¹ |para a sra. d.|

²⁴³² |daquillo|

²⁴³³ — Pois rejeita um presente ~~de~~ {da} minha neta? perguntou a {bondosa} ~~amante~~-avó.)

²⁴³⁴ — Agora, que já estamos {de} bem, {disse elle} {,} vamos à ~~minha~~-{nossa} |licção|.

²⁴³⁵ — Não, não:-{,} respondeu a bella mestra) {;} basta de marcar; não me sahi bem do magisterio:- {;} chorei diante do meu |apprendiz:- {;} não |falemos| mais ~~n'isto~~ {nisso}.

²⁴³⁶ — ~~Então~~ Fui{, então,} julgado incapaz de adiantamento?

²⁴³⁷ pelo trabalho que ~~me~~ |trouxe|, vi que o senhor estava adiantado |demais:- ~~porém sou~~ {; mas} eu ~~quem~~ ~~tem~~ {tenho} outros cuidados.

²⁴³⁸ — Quem é que |delles| ~~não carece~~ {é livre}?... O |pae| de familia tem os filhos, o senhor os seus livros, e |eu|, que sou |creança|, tenho as minhas |bonecas|: quer vê-las{?}.

²⁴³⁹ |bonecas|

²⁴⁴⁰ 5

Ora, o tal bichinho chamado amor é capaz de amoldar seus escolhidos a todas as circumstancias,²⁴⁴¹ e de obrigar-os a fazer quanta parvoíce ha n'este²⁴⁴² mundo. O amor faz o velho criança, o sabio doudo, o rei humilde captivo; faz mesmo às vezes com que o feio pareça bonito, e o grão de arêia um gigante : o amor seria capaz de obrigar a um côxo a brincar o tempo szrá, a um surdo o *companheiro companhão*, e a um cêgo o procura quem te deu; o amor foi inventor das cabelleiras, dos dentes postiços que... Mas, alto lâ, que isto é bolir com muita gente : emfim, o amor está fazendo um estudante do quinto anno de medicina passar um dia inteiro brincando com bonécas.²⁴⁴³

Com effeito, Augusto já sabe de cór e saltcados todos os nomes dos membros d'aquella familia; conhece os diversos grãos de parentesco que existem entre elles; acalenta as bonécas pequenas, despe umas e veste outras, conversa com todas, examina o guarda-roupa, baptisa, casa; em uma palavra, dobra-se aos prazeres de sua bella mestra, como uma varinha ao vento.²⁴⁴⁴

No entanto-a Sra. D. Anna os observa cuidadosa; tem sympathisado muito com Augusto, mas nem por isso quer entregar todo o futuro do objecto que mais ama no mundo ao só abrigo do nobre character e sérias qualidades que tem reconhecido no mancebo.²⁴⁴⁵

Como de costume, a tarde teve de ser empregada em passeios á borda do mar e pelo jardim. O maior inimigo do amor é a civilidade; Augusto o sentio tendo de

²⁴⁴¹ ;

²⁴⁴² |neste|

²⁴⁴³ O amor faz o velho{,} |creança|, {;} o sabio{,} |doido|, {;} o rei{,} humilde captivo; faz mesmo às vezes ~~com~~ que o feio pareça bonito; e o grão de |areia| um gigante ÷ {;} O amor seria capaz de obrigar a um côxo a brincar o |tempo-será|, {;} a um surdo{;} o |companheiro-companhão|, {;} e a um cêgo{,} o procura quem te deu; {;} O amor foi inventor das cabelleiras, dos dentes postiços{.} ~~que~~ Mas, alto |lá|, que isto é |bulir| com muita gente{.} ÷ ~~emfim~~, O amor{, emfim,} está fazendo um estudante do quinto anno de medicina passar um dia inteiro brincando com |bonécas|{...}÷

²⁴⁴⁴ Com |effeito|, Augusto já sabe de cór e |salteado| todos os nomes dos membros |daquella| familia{,}; conhece os diversos |grãos| de parentesco que existem entre elles; {,} acalenta as |bonecas| pequenas, despe umas e veste outras, conversa com todas, examina o guarda-roupa, baptisa, casa; {—} em uma palavra, dobra-se aos prazeres de sua bella mestra, como uma varinha ao vento.

²⁴⁴⁵ No entanto-a sra. d. Anna os observa cuidadosa; {;} tem sympathisado muito com Augusto, mas nem por isso quer entregar ~~tudo~~ o futuro do objecto que mais ama no mundo ao só abrigo do nobre character e sérias qualidades que ~~tem reconhecido~~ {reconhece} no mancebo.

offerecer seu braço à Sra. D, Anna: mas esta lhe fez cahir a sôpa no mel, rogani.-lhe que o reservasse para sua neta.²⁴⁴⁶

Fellippe acompanhava sua avó, e na viva conversação que entretinhão, o nome de Augusto a foi mil vezes pronunciado.²⁴⁴⁷

Uma vez Augusto e Carolina, que ião adiante, e ficarão muito distantes do par que os seguia.²⁴⁴⁸

A mão da bella Moreninha tremia convulsamente no braço de Augusto, e este apertava às vezes contra seu peito, e como involuntariamente, essa delicada mão; alguns suspiros vinhão tambem perturbal-os mais, e a dez minutos elles se não tinham dito uma palavra.²⁴⁴⁹

Em uma das ruas do jardim, duas rolinhas mariscavão; mas, ao sentir passos, voarão, e, assentando-se não longe em um arbusto, começarão a beijar-se com ternura; e esta scena se passava aos olhos de Augusto e Carolina.²⁴⁵⁰

Igual pensamento talvêz brilhou em ambas aquellas almas; porque os olhares da menina e do moço se encontrão ao mesmo tempo, e os olhos da virgem modestamente se abaixarão, e em suas faces se accendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo apontando para as pombas, disse:²⁴⁵¹

²⁴⁴⁶ Como de costume, a tarde {foi} ~~teve de ser~~ empregada em passeios á borda do mar e pelo jardim. O maior inimigo do amor é a civilidade; {.} Augusto o sentio tendo de offerecer ~~seu~~ {o} braço |a| ~~Sra. D,~~ {d.} Anna; {.} mas esta lhe fez cahir a sôpa no mel, ~~rogani.-lhe~~ {rogando-lhe} que o reservasse para sua neta.

²⁴⁴⁷ |Felippe| acompanhava sua avó; e{,} na viva ~~conversação~~ {conversa} que |entretinham|, o nome de Augusto a foi mil vezes pronunciado.

²⁴⁴⁸ ~~Uma vez~~ {certo momento} Augusto e Carolina, que |iam| {á frente, distanciam-se} ~~adiante, e~~ ~~ficarão muito distantes~~ do par que os seguia.

²⁴⁴⁹ braço de Augusto; e este apertava ~~às vezes~~ contra ~~seu~~ {o} peito, e como involuntariamente, essa delicada mão;-{.} Alguns suspiros {tambem} |vinham| ~~tambem~~ perturbal-os ~~mais,~~ e {h}a dez minutos ~~elles se não tinham dito uma~~ {que não diziam} palavra.

²⁴⁵⁰ Em uma das ruas do jardim; duas rolinhas |mariscavam|; mas, ao sentir passos, |voaram|; e, assentando-se não longe{,} em ~~um~~ arbusto, |começaram| a beijar-se com ternura;-e {.} Esta scena se passava aos olhos de Augusto e Carolina.

²⁴⁵¹ Igual pensamento{,} |talvez|{,} brilhou em {ambos,} ~~ambas aquellas almas;~~ porque os olhares da menina e do moço se |encontraram| ~~ao mesmo tempo,~~ e os olhos da virgem modestamente se |abaixaram|; e {emquanto} em suas faces se ~~accendeu~~ {accendia} um fogo, que era o do pejo.

E o mancebo{,} apontando para {os pombos} ~~as pombas,~~ disse: *Corte de parágrafo*

— Ellas se amão²⁴⁵²!

E a menina murmurou apenas:

— São felizes!

— Pois²⁴⁵³ acredita que em amor possa haver felicidade?

— Às²⁴⁵⁴ vezes.

— Acaso já tem a senhora²⁴⁵⁵ amado?

— Eu?!... e o senhor?...²⁴⁵⁶

— Comecei a amar ha poucos dias.²⁴⁵⁷

A virgem guardou silencio; e o mancebo, depois de alguns instantes perguntou tremendo:²⁴⁵⁸

— E a senhora já ama tambem?²⁴⁵⁹

Novo silencio: ella pareceu não ouvir, mas suspirou: elle fallou menos baixo:²⁴⁶⁰

— Já ama tambem?...

Ella abaixou ainda mais os olhos, e com voz quasi extincta, disse:²⁴⁶¹

— Não sei... talvez.²⁴⁶²

— E a quem? ...

— Eu não perguntei a quem o senhor amava.²⁴⁶³

— Quer que lh'o diga? ...

— Eu não pergunto.²⁴⁶⁴

²⁴⁵² |amam|

²⁴⁵³ {,}

²⁴⁵⁴ |A's|

²⁴⁵⁵ a-senhora

²⁴⁵⁶ — Eu?!... E o senhor?...

²⁴⁵⁷ — Comecei a amar ha poucos dias-{...}

²⁴⁵⁸ A virgem guardou silencio; e o mancebo, depois de alguns instantes{,} perguntou tremendo {tremulo}:

²⁴⁵⁹ — E {...} a-senhora já ama tambem?

²⁴⁶⁰ Novo silencio; {; a menina} ella pareceu não ouvir, mas suspirou; {; o moço repetiu em voz que implora:}-elle fallou menos baixo:

²⁴⁶¹ Ella abaixou ainda mais os olhos; e{,} com voz quasi extincta, disse {balbuciou}:

²⁴⁶² — Não sei... {,}talvez{...}:

²⁴⁶³ ...

²⁴⁶⁴ — Eu Não pergunto {perguntei}.

— Posso eu²⁴⁶⁵ fazel-o?

— Não... não lh'o impeço.²⁴⁶⁶

— É a senhora.

D. Carolina fez-se côr de rosa, e só depois de alguns instantes pôde perguntar, forcejando um sorriso:²⁴⁶⁷

— Por quantos dias?

— Oh!... para sempre! ! (respondeu Augusto, apertando-lhe vivamente o braço).

Depois ainda continuou:²⁴⁶⁸

— E a senhora... não me revela o nome feliz? ...²⁴⁶⁹

— Eu não...²⁴⁷⁰ não posso...

— Mas porque não póde?²⁴⁷¹

— Porque não devo.

— E nunca o dirá?!...²⁴⁷²

— Talvez um dia.²⁴⁷³

— E quando?...²⁴⁷⁴

— Quando estiver certa que elle me não ilude.

— Então... elle é²⁴⁷⁵ voluvel?...

— Ostenta sêlco²⁴⁷⁶...

²⁴⁶⁵ eu

²⁴⁶⁶ — Não... não lh'o impeço {...};

²⁴⁶⁷ {Augusto pronunciou o nome da eleita.} D. Carolina fez-se côr de rosa, e só depois de alguns instantes |pode| perguntar {indagar}, forcejando um sorriso:

²⁴⁶⁸ — Oh!... para sempre! {...} !-(respondeu Augusto, apertando-lhe vivamente o braço).

Depois{,} ainda continuou: *Corte de parágrafo*

²⁴⁶⁹ — E a senhora... não me revela o nome feliz {do escolhido}? ...

²⁴⁷⁰ Eu Não...

²⁴⁷¹ — Mas {Porque?} Porque não póde?

²⁴⁷² — E nunca {não} o dirá {nunca}?!...

²⁴⁷³ — Talvez{,} um dia{...};

²⁴⁷⁴ — E Quando?...

²⁴⁷⁵ é elle

²⁴⁷⁶ |sel-o|

— Oh!... pelo Céu!... acabe de matar-mel... basta o nome pronunciado bem em segredo, bem no meu ouvido, para que ninguém o possa! ouvir, nem a brisa o leve... pelo Céu!...²⁴⁷⁷

— Senhor! ...

— Um só nome que peço! ...²⁴⁷⁸

— É impossível!... eu não posso!...²⁴⁷⁹

— Se eu perguntasse...²⁴⁸⁰

— Oh!... não! ...²⁴⁸¹

— Serei eu?...²⁴⁸²

A virgem tremeu toda, e não pôde responder; Augusto lhe perguntou ainda com fogo e ternura:²⁴⁸³

— Serei eu?...

A interessante Moreninha quiz fallar... não pôde; mas, sem o pensar, levou o braço do mancebo até o peito, e lhe fez sentir como o seu coração palpitava.²⁴⁸⁴

— Serei eu?... (perguntou uma terceira vez Augusto com requintada ternura.)²⁴⁸⁵

A jóvenzinha murmurou uma palavra, que pareceu mais um gemido que uma resposta; porém que fez trasbordar a gloria e entusiasmo na alma do seu amante: ella tinha dito sómente:²⁴⁸⁶

— Talvez²⁴⁸⁷.

²⁴⁷⁷ — Oh!... pelo céu!... Acabe de |matar-me|{!}--- Basta o nome pronunciado bem em segredo, bem ~~no~~ ~~meu ouvido~~ {baixinho}, para que ninguém o possa! ouvir, nem a brisa ~~o~~ leve {que passa}... ~~pelo Céu!...~~

²⁴⁷⁸ — Um só {letra desse} nome{, lhe} ~~que~~ peço! ...

²⁴⁷⁹ — |E'| impossível!... ~~eu~~ não posso!...

²⁴⁸⁰ — |Si| eu perguntasse{?}...

²⁴⁸¹ — ~~Oh~~{Não}!... Não! ...

²⁴⁸² — Serei{...} eu?---

²⁴⁸³ A virgem tremeu ~~toda~~, e não |pode| responder; Augusto {repetiu} ~~lhe perguntou~~ ainda{,} com fogo e ternura:

²⁴⁸⁴ A ~~interessante~~ Moreninha quiz |falar|--- {e} não |pode|; mas, sem o pensar, levou {a mão} ~~e braço~~ do mancebo até o peito, e lhe fez sentir como o ~~seu~~ coração {lhe} palpitava.

²⁴⁸⁵ — Serei eu?... {perguntou ~~uma~~ {pela} terceira vez Augusto{,} com requintada ternura.}

²⁴⁸⁶ A |jovenzinha| murmurou uma palavra, ~~que parecia~~ {parecia} mais um gemido que uma resposta; ~~porém~~ {mas} que fez trasbordar a {de} gloria e entusiasmo na alma do seu amante{.}; ~~ella tinha dito sómente~~:

²⁴⁸⁷ {!... havia ella dito, unicamente}

XXII

MÃO²⁴⁸⁸ TEMPO

Tristes dias tem-se arrastado. Augusto está desesperado. Voltando da ilha de..., depois d'aquelle bello dia da declaração de amor, achou; na côrte seu pai, e em poucos momentos teve à de concluir, da severidade com que era tratado, que já alguém o havia prevenido das suas loucuras, e dos muitos pontos que ultimamente tinha dado nas aulas. A mais bem merecida reprehensão, e um discurso cheio de conselhos e admoestações veio por fim dar-lhe a certeza de que o seu bom velho estava sciente de tudo.²⁴⁸⁹

Para coroar a obra, contra o costume do maior numero dos nossos agricultores, que, quando vem à cidade, estão no caso do — fogo viste linguiça? — e, ainda bem não pozerão os pés no Largo do Paço, já tem os olhos na Praia Grande, (que por estes bons cincoenta annos há de continuar a ser Praia Grande, apezar de a terem chrisnado Nictheroy) o pai de Augusto não fallava em voltar para a roça; e, a julgar-se pelo socego e vagar com que tratava os menos importantes negocios, parecia haver esquecido a moagem e a safra.²⁴⁹⁰

Chegou o sabbado. O nosso Augusto, depois de muitos rodeios e ceremonias, pediu finalmente licença para ir passar o dia de domingo na ilha de..., ²⁴⁹¹e obteve em resposta um — não — redondo;²⁴⁹² jurou que tinha dado sua palavra de honra de lá se

²⁴⁸⁸ [MAU]

²⁴⁸⁹ Tristes dias ~~tem-se arrastado~~ {já se arrastavam}. Augusto está desesperado. Voltando da ilha ~~de...~~, depois ~~d'aquelle bello dia~~ da declaração de amor, ~~achou~~; {encontrou} na côrte seu pai; e em poucos momentos ~~teve à de concluir~~ {concluiu}, da severidade com que era tratado, que já alguém o ~~havia prevenido~~ {previnia} das suas loucuras; e dos muitos pontos ~~que ultimamente~~ {dados} ~~tinha dado~~ nas aulas. A mais bem merecida reprehensão, ~~e um~~ {em} discurso cheio de conselhos e admoestações{, vieram} ~~veio~~ por fim dar-lhe a certeza de que o seu bom velho estava sciente de tudo.

²⁴⁹⁰ agricultores; que, quando {vêm} à cidade, ~~estão~~ {ficam} no caso do — fogo viste linguiça? — e, ainda bem não {puzeram} os pés no Largo do Paço, já {os} tem ~~os olhos~~ na Praia Grande; (que por estes bons cincoenta annos {há-de} continuar a ser Praia Grande, apezar de a terem chrisnado {de} Nictheroy){,} o {pae} de Augusto não {falava} em voltar para a roça; e; a julgar-se pelo socego e vagar com que tratava os menos importantes negocios, parecia haver esquecido a moagem e a safra.

²⁴⁹¹ ~~de...~~ ,

²⁴⁹² ~~em~~ {como} resposta um — não{,} — redondo;

achar n'esse dia; e o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse à honra, julgou muito conveniente trancar-o no seu quarto.²⁴⁹³

Mania antiga é essa de querer triumphar das paixões com fortes meios; erro palmar, principalmente no caso em que se acha o nosso estudante: amor²⁴⁹⁴ é um menino doudinho e mal criado, que, ²⁴⁹⁵quando alguém intenta refrear-o, chora, escarapela, esperneia, escabuja, morde, belisca, ²⁴⁹⁶e incommoda mais ²⁴⁹⁷que solto e livre; prudente é facilitar-lhe o que deseja, para que elle d'isso se desgoste; soltar-o no prado, para que não corra; limpar-lhe o caminho, para que não passe; acabar com as difficuldades e opposições, para que elle durma, e muitas vezes morra: amor é um anzol, que, quando se engole, agadanha-se logo no coração da gente, d'onde, se não é com geito destravado, por mais força que sefaça mais o maldito rasga, esburaca, e se profunda. Portanto muita industria deve ter quem o quêr pôr na rua; e para conseguil-o convem ir despedindo-o com bons modos, parlamentares offerecimentos, e nunca bater-lhe com a porta na cára; porém os homens, mal paixão de certa idade, só se lembrão do seu tempo para gritar contra o actual, e esquecem completamente os ardores da mocidade. O resultado d'isto é o mesmo que tirará o pai de Augusto da energia e violencia com que procura apagar a paixão do filho.²⁴⁹⁸

²⁴⁹³ achar |nesse| dia; e o |pae|, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse |á| honra, julgou muito ~~conveniente~~ {acertado} trancar-o no seu quarto.

²⁴⁹⁴ . Amor

²⁴⁹⁵ |malcriado|, que,

²⁴⁹⁶ ~~escarapela~~, esperneia, escabuja, morde, belisca;

²⁴⁹⁷ {do}

²⁴⁹⁸ que deseja; para que elle |disso| se desgoste; soltar-o no prado, para que não corra; limpar-lhe o caminho, para que não passe {por onde não deve}; acabar com as difficuldades e opposições, para que elle durma {em paz ou}, e muitas vezes morra: {.} Amor é um anzol, que, quando {esgulido} se engole, agadanha-se logo no coração{.} da gente, d'onde, |si| não é {tratado} com {muito} geito{.}, ~~destravado, por mais força que sefaça mais o maldito~~ rasga, esburaca, e se ~~profunda~~ {aprofunda}. Portanto{.}, muita industria deve ter quem o |quer| pôr na rua; {,} e para conseguil-o{,} |convêm| ir despedindo-o com bons ~~modos~~, {e} parlamentares offerecimentos, e {;} nunca bater-lhe com a porta na |cara|, ~~porém~~ {,} Os homens, {porém,} mal |passam| de certa idade, só se |lembram| do seu tempo para gritar contra o actual, e esquecem completamente os ardores da mocidade. ~~O resultado d'isto é o mesmo que tirará o pai de Augusto da~~ {Dahi a} energia e violencia com que { o pae de Augusto} procura apagar a paixão do filho.

Já era tarde.²⁴⁹⁹ Augusto amava devéras e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espirito, exercia n'elle um poder absoluto e invencível. Ora não ha idéas mais livres que as do preso; e pois o nosso encarcerado estudante soltou as vélas da barquinha de sua alma, que voou atrevida por esse mar immenso da imaginação: então começou a crear mil sublimes quadros, e em todos elles lá apparecia a encantadora Moreninha, toda cheia de encanto e graças; viu-a com seu vestido branco esperando-o de cima do rochedo; viu-a chorar por ver que elle não chegava, e suas lagrimas queimavão--lhe o coração: ouvio-a accusal-o de inconstante e ingrato : d'ali a pouco pareceu-lhe que ella soluçava; escutou um grito de dôr semelhante a esse que soltára no primeiro dia que elle tinha passado na ilha! Aqui foi o nosso estudante às nuvens, saltou exasperado fóra do leito em que se achava deitado, passeou a largos passos por seu quarto, accusou à crueldade dos pais, experimentou se podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, esbraveou, escabellou-se, e como nada d'isto lhe valesse, atirou com todos os seus livros para baixo da cama, e deitou-se de-novo jurando que não havia de estudar dous mezes. Carrancudo e teimoso, mandou voltar o almoço, o jantar e a cêa, que lhe troucerão, sem tocar n'um só prato; e sentindo que seu pai abria a porta do quarto, sem duvida para vir consolal-o, e dar-lhe salutaes conselhos, voltou o rosto para à parêde, e principiou a roncar como um endemoninhado.²⁵⁰⁰

²⁴⁹⁹ Já ~~era~~ {é} tarde{,porém}. *Corte de parágrafo*

²⁵⁰⁰ Augusto amava devéras{,} e pela primeira vez em sua vida; {,} e o amor, mais forte que seu espirito, exercia |nelle| um poder absoluto e invencível. Ora{,} não ha idéas mais livres que as do preso; ~~e~~ {,} pois{,} o nosso encarcerado ~~estudante~~ soltou as |velas| da barquinha de sua alma, ~~que~~ { a qual} voou{,} atrevida{,} por esse mar immenso da imaginação; ~~então~~ {,} E} começou a crear mil sublimes quadros, e em todos elles lá apparecia a encantadora Moreninha, ~~toda~~ cheia de encanto{s} e graças; viu-a com seu vestido branco{,} esperando-o ~~de~~ {em} cima do rochedo; viu-a chorar{,} ao conhecer} ~~por ver~~ que elle não chegava {iria}, e {com} suas lagrimas ~~queimavão--lhe~~ {a lhe queimar} o coração; {,} ouvio-a accusal-o de inconstante e ingrato ÷ {,} |Dahi| a pouco pareceu-lhe que ella soluçava; {,} escutou um grito de dôr semelhante ~~a esse~~ {ao} que soltára no primeiro dia ~~que elle tinha~~ passado na ilha! Aqui foi{,} o nosso estudante{,} |ás| nuvens; {;} saltou exasperado fóra do leito{,} ~~em que se achava deitado,~~ |passeiou| a largos passos ~~por seu quarto~~ {pelo aposento}, accusou |a| crueldade dos |paes|, experimentou |si| podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, |esbravejou|, ~~escabellou-se~~ {descabellou-se}, e{,} como nada ~~d'isto~~ {disso} lhe valesse, atirou com todos os ~~seus~~ livros para baixo da cama; e deitou-se |denovo|{,} jurando ~~que não havia de~~ {nada} estudar {durante} |dois| mezes. Carrancudo e teimoso, mandou voltar o almoço, o jantar e a |ceia|; que lhe |trouxeram|, sem tocar |num| só prato; {,} e{,} sentindo que seu |pae| abria a porta ~~do quarto~~, sem duvida para vir consolal-o; e dar-lhe salutaes

— Já dormes, Augusto? (perguntou o bom pai, abrindo as cortinas do leito.)²⁵⁰¹

A unica resposta que obteve foi um ronco, que mais assemelhou-se²⁵⁰² a um trovão.

O experimentado velho fingiu ter-se deixado enganar, e retirando-se trancou a porta ao pobre estudante.²⁵⁰³

Uma noite de amargor foi então a que se passou para este; na solidão e silencio das trevas, a alma do homem que padece é, mais que nunca, toda de sua dôr; concentra-se, mergulha-se inteira em seu soffrimento ; não concebe, não pensa, não vêla, e não se exalta senão por elle. Isto aconteceu a Augusto; de modo que, ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto, o pai veio enconral-o ainda acordado, com os olhos em fogo, e o rosto mais enrubicado que de ordinario.²⁵⁰⁴

Augusto quiz dar dous passos, e foi preciso que os braços paternaes o sustivessem para livral-o de cahir.²⁵⁰⁵

— Que fizeste, louco? (perguntou o pai cuidadoso.)²⁵⁰⁶

— Nada, meu pai; passei uma noite em claro: mas... eu não soffro nada.²⁵⁰⁷

Oh! elle queria dizer que soffria muito!²⁵⁰⁸

Immediatamente foi-se chamar um medico, que, contra o costume da classe, fez-se esperar pouco.²⁵⁰⁹

conselhos, voltou o rosto para |a| |paredel, e principiou a roncar como um endemoninhado. *Fim de parágrafo*

²⁵⁰¹ ? (perguntou o bom |pae|, abrindo as cortinas do leito.)

²⁵⁰² se assemelhou

²⁵⁰³ enganar, e {,} retirando-se trancou a porta ~~ao pobre estudante~~ {de novo}.

²⁵⁰⁴ ~~Uma~~ Noite de amargor foi ~~então~~ a que se passou {;} ~~para este~~; na solidão e silencio das trevas, a alma do homem que padece é; mais que nunca, toda de sua dôr; concentra-se, mergulha-se inteira em seu soffrimento {,} ; não concebe, não pensa, não |vela|; e não se exalta |sinão| por ~~elle~~ {ella}. Isto aconteceu a Augusto; {,} de modo que, ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto, o |pae| |veiu| enconral-o ainda |acordado|, com os olhos em fogo; e o rosto mais enrubicado que de ordinario.

²⁵⁰⁵ Augusto quiz dar |dois| passos; e foi preciso que {o pae}-~~os braços paternaes~~ o sustivessem para ~~lival-o~~ {impedil-o} de cahir.

²⁵⁰⁶ — Que fizeste; louco? (perguntou o |pae|{,} cuidadoso.)

²⁵⁰⁷ — Nada, meu |pae|; passei uma noite em claro: {,} Mas... eu não soffro nada.

²⁵⁰⁸ ~~Oh!~~ Elle queria dizer que soffria muito!

²⁵⁰⁹ Immediatamente ~~foi-se chamar~~ {chamou-se} um medico, que, contra o costume da classe, fez-se esperar pouco.

Augusto sujeitou-se com brandura ao exame necessario, e quando o medico lhe perguntou:

— O que sente?

Elle respondeu, com toda fria segurança do homem determinado:²⁵¹⁰

— Eu amo.

— E mais nada?...²⁵¹¹

— Oh Sr. Doutor, julga isso pouco? ...²⁵¹²

E além d'ezas palavras, não quiz pronunciar mais uma unica sobre o seu estado. E comtudo elle estava em violenta exacerbação. O medico deu por terminada a sua visita: algumas applicações se fizerão, e um dos collegas de Augusto que o tinha vindo procurar, fez-lhe o que chamou uma bella sangria de braço.²⁵¹³

A enfermidade de Augusto não cedeu porém com tanta facilidade, como a principio suppoz o medico: tres dias se passarão sem conseguir-se a mais insignificante melhora; uma mudança apenas se operou: a exacerbação foi seguida de um abatimento e prostração de forças notavel; sua paixão, que tambem se desenhava no ardor dos olhares, na viveza das expressões, e na audacia dos pensamentos tomou outro typo: Augusto tornou-se pallido, sombrio e melancolico; horas inteiras se passavão sem que uma só palavra fosse apenas murmurada por seus labios; prolongadas insomnias erão marcadas: minuto à minuto por dolorosos gemidos, e seus olhos amortecidos como que

²⁵¹⁰ Augusto |sujeitou-se| com brandura ao exame necessario; e quando o medico lhe perguntou: — o que {sentia,} ~~sente?~~ Elle respondeu, com toda fria {a} segurança do homem determinado: *Junção de parágrafos*

²⁵¹¹ ...

²⁵¹² — Oh{!} Sr. doutor{! Acha}, ~~julga isso pouco?~~ ...

²⁵¹³ E além |destas| palavras, não ~~quiz pronunciar~~ {pronunciou} mais uma unica sobre o seu estado. E{,} comtudo{,} ~~elle~~ estava em violenta exacerbação. O medico deu por terminada a sua visita: {,} algumas applicações se |fizeram|; e um dos collegas de Augusto{,} que o tinha vindo procurar, fez-lhe o que chamou uma bella sangria de braço.

obsequiavam a luz quando por acaso se entreabrião. Na visita do quarto dia o medico disse ao pai de Augusto:²⁵¹⁴

— Não vamos bem.

Uma idéa terrível appareceu então no pensamento do sensível velho: — a possibilidade de morrer seu filho, a flôr de suas esperanças — e tal idéa derramou em seu coração todo esse, fel, cujo amargor só póde sentir a alma de um pai: entrou apressado e tremulo no quarto do enfermo, e vendo-o prostrado no leito, como insensível, como meio morto, exclamou com lagrimas nos olhos:²⁵¹⁵

— Oh meu filho!... meu filho !... porque me queres matar?...²⁵¹⁶

Um brando favonio de vida passou pelo rosto de Augusto; seus olhos se abrirão, um leve, sorriso de gratidão lhe alisou os labios; tambem; duas lagrimas ficário penduradas em suas palpebras, e elle, tomando e beijando a mão paterna, murmurou com vez sumida e terna:²⁵¹⁷

— Meu pai²⁵¹⁸... tão bom!...

Doces phrases, que retumbárão com mais doçura ainda no coração do velho!²⁵¹⁹

— Querido louco!... (disse elle) tu me obrigas a fazer loucuras!²⁵²⁰

²⁵¹⁴ cedeu{,} porém{,} com tanta facilidade, como a principio |suppôz| o medico: tres dias se |passaram| sem ~~conseguir-se~~ a mais insignificante melhora; uma mudança apenas se operou: {;} a exacerbação foi seguida de ~~um abatimento~~ e {uma} prostração de forças notavel; sua paixão, que tambem se desenhava no ardor dos olhares, na viveza das expressões, e na audacia dos pensamentos{,} tomou outro typo: {.} Augusto ~~tomou-se~~ {fez-se} pallido, sombrio e melancolico; horas inteiras se |passavam| sem que uma só palavra fosse ~~apenas~~ murmurada por seus labios; prolongadas insomnias |eram| marcadas: minuto |a| minuto por dolorosos gemidos; {;}e seus olhos{,} amortecidos{,} como que {se esquiavam} ~~obsequiavam~~ |á| luz{,} quando ~~por~~ acaso se |entreabriam|.

Na visita do quarto dia {,} o medico disse ao |pae| de Augusto: *corte de parágrafo*
²⁵¹⁵ velho: ~~—~~ {;} a possibilidade de morrer seu filho, a flôr de suas esperanças — e tal idéa {lhe} derramou ~~em seu~~ {no} coração todo esse, fel, cujo amargor só póde sentir a alma de um |pae|: {.} Entrou{,} apressado e tremulo{,} no quarto do enfermo; e{,} vendo-o prostrado no leito, como insensível, ~~como meio~~ {semi-} morto, exclamou{,} com lagrimas nos olhos:

²⁵¹⁶ |por que| ~~me queres~~ {has-de querer} matar{-me}?---

²⁵¹⁷ Um brando favonio de vida ~~passou~~ {passeiou} pelo rosto de Augusto; seus olhos se |abriram|, um leve, sorriso de gratidão lhe alisou os labios; {e} tambem; duas lagrimas ~~ficário penduradas~~ {brilaharam} em suas palpebras, e ~~elle~~, {.} Tomando e beijando a mão paterna, murmurou com |vóz| sumida e terna:

²⁵¹⁸ |pae|

²⁵¹⁹ Doces phrases, que |retumbaram| com mais doçura ainda no coração do velho!

²⁵²⁰ — Querido louco!...-{,} disse elle) {;} tu me obrigas a fazer loucuras!-{.}

E sabiu do quarto, e logo depois de casa; mas, voltando passadas algumas horas, entrou de novo na camara do doente, fez retirar todas as pessoas que ahi se achavão, e ficando a sós com elle, deu-lhe provavelmente algum elixir tão admiravel, que as melhoras começarão a apparecer, como por encantamento, no mesmo instante. Que milagres não será capaz de fazer o amor dos pais!...²⁵²¹

Novidades do mesmo genero perturbavão a paz e os prazeres da ilha de... D. Carolina tambem padecia. Os nossos amantes acabavão de chegar ao sentimental, e com seu sentimentalismo estavam azedando a vida dos que lhes querião bem. Os namorados são semelhantes ás crianças: primeiro divertem-nos com suas momices, depois incommodão-nos choramigando.²⁵²²

A bella Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo no rochedo da gruta, e, tendo debalde esperado o seu estudante até alto dia, voltou para casa arrufada. No almoço não houve prato que não accusasse de mal temperado; faltava-lhe o tempero do amor: o chá não se podia tomar, o dia estava frio de enregelar, toda a gente de sua casa a olhava com mãos olhos; seu proprio irmão tinha um defeito imperdoavel, era estudante, pertencia a uma classe cujos membros erão, sem excepção, sem excepção nenhuma, (bradava ella, lindamente enraivecida) falsos, mãos, mentirosos, e até... feios. A tarde sentiu-se incommodaria, retirou-se, não ceou, e não dormiu.²⁵²³

²⁵²¹ casa; {,} Mas, voltando{,} passadas algumas horas, entrou de novo na camara do doente, fez retirar ~~todas as pessoas que ahi se achavão,~~ {a todos} e ficando a-sós {só} com elle, deu-lhe ~~provavelmente~~ algum elixir tão admiravel, que as melhoras |começaram| a apparecer {instantaneas}, como por ~~encantamento, no mesmo instante~~ {encanto}. Que milagres não será capaz de fazer o amor dos |paes|!...

²⁵²² Novidades do mesmo genero |perturbavam| a paz e os prazeres da ilha{,} ~~de... D.~~ Carolina tambem padecia. Os nossos amantes |acabavam| de chegar ao {apogêo} sentimental, e {,} com {essa crise de} seu sentimentalismo{,} |estavam| azedando a vida dos que lhes |queriam| bem. Os namorados são ~~semelhantes~~ {como} |as| |crianças|: primeiro divertem-{se} ~~nos~~ com suas momices, depois |incommodam-nos|{,} choramigando.

²⁵²³ A bella Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo{, do alto do} ~~no~~ rochedo da gruta, e, tendo debalde esperado o seu estudante até ~~alto~~ dia {velho}, voltou para casa arrufada. No almoço não houve prato que não accusasse de mal ~~temperado~~ {feito}; faltava-lhe o tempero do amor: {;} o chá não se podia tomar; {;} o dia estava frio de enregelar,{-}; toda a gente de sua casa a olhava com |maus| olhos; seu proprio irmão tinha um defeito imperdoavel; {—} era estudante, pertencia a uma classe cujos membros ~~erão~~, sem excepção, sem excepção nenhuma, (bradava ella, lindamente enraivecida){!... eram} falsos, |maus|, mentirosos, e até... feios. A{‘} tarde sentiu-se ~~incommodaria~~ {incommodada}, retirou-se, não |ceiou|, e não dormiu.

Tudo n'este²⁵²⁴ mundo é mais ou menos compensado; o amor não podia deixar de fazer parte da regra: elle, que de um nadazinho tira motivos para o prazer de dias inteiros, que de uma flôr já murcha engendra o mais vivo contentamento; que por um só cabello faz escarcêos à taes que nem mesmo a sôrte grande os causaria; que por uma cartinha de cinco linhas põe os labios de um pobre amante em inflammação aguda com o estalar de tantos beijos; se não produzisse tambem agastados arrufos, às vezes; algumas colicas, outras amargores de boca, palpitações, ataques de hypocondria, pruido de canellas, etc., seria tão completa felicidade cá em baixo, que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Céu.²⁵²⁵

Um exemplo d'essa regra está sendo a nossa cara menina. Coitadinha! vai passando uma semana de ciumes e amarguras: acordando-se ao primeiro trinar do canario, ella busca o rochedo, e, com os olhos embebidos no mar, canta muitas vezes a balada de Ahy, repetindo com fogo a estróphe que tanto lhe condiz, por principiar assim:²⁵²⁶

« Eu texho quinze annos,

E sou morena e-linda. »²⁵²⁷

E quando o sol começa a fazer-se quente, deixa o rochedo, para passar o dia inteiro no fundo do seu gabinete, ou ao lado de sua bôa avó, que mal pôde consolal-a;

²⁵²⁴ |neste|

²⁵²⁵ regra: { . } Elle, que de um nadazinho tira motivos para o prazer de dias inteiros; { ; } que de uma flôr já murcha engendra o mais vivo contentamento; que por um só cabello faz |escarcêos| à-taes que nem mesmo a |sorte| grande os causaria {taes}; que por uma cartinha de cinco linhas |põe| os labios de um pobre amante em inflammação aguda com o estalar de tantos beijos; { , } |si| não produzisse tambem agastados arrufos, às vezes; algumas colicas, outras {vezes} amargores de boca, palpitações, ataques de hypocondria, pruido de canellas, etc., seria tão completa {a} felicidade cá em baixo, que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do céu.

²⁵²⁶ Um exemplo |dessa| regra está sendo a nossa cara menina. Coitadinha! { : } |vae| passando uma semana de ciumes e amarguras; { ; } acordando-se ao primeiro trinar do canario, ella busca o rochedo, e, com os olhos embebidos no mar, canta muitas vezes a balada de Ahy, repetindo com fogo a |estrophe| que tanto lhe condiz, {ás circumtancias} por principiar assim :

²⁵²⁷ « Eu |tenho| quinze annos;
E sou morena e-linda. »

porque, conhecendo já a causa da tristeza da querida neta, teme vê-la fugir vermelha de pejo, se não fingir com finura que ignora o estado de seu coração.²⁵²⁸

O dia de sexta feira trouxe ainda algumas novidades à ilha de... A Sra. D. Anna recebeu cartas que a tornarão talvez menos triste, mas sem duvida muito pensativa: a presença da linda neta parecia alentar mais essas reflexões, que se prolongarão até a tarde do dia seguinte, em que um velho e particular amigo de sua familia veio da côrte visital-a, e com a respeitavel senhora ficou duas horas conferenciando a sós.²⁵²⁹

Esse homem despediu-se emfim da Sra. D. Anna, deixando-a cheia de prazer; e no momento, em que saltava dentro do seu batel, vendo a interessante Moreninha, que tristemente passeava á borda do mar, saudou-a com esta simples palavra, e apontando para o Céu.²⁵³⁰

— Esperança!

D. Carolina levantou a cabeça, e viu que já o batel cortava as ondas; mas, como para corresponder a tão animador comprimento, ella por sua vez apontou tambem: para o Céu, e pondo a outra mão no lugar do coração, disse:²⁵³¹

— Esperarei.²⁵³²

²⁵²⁸ E Quando o sol começa a fazer-se quente, deixa o rochedo, ~~para~~ {e passa} ~~passar~~ o dia inteiro no fundo do seu gabinete, ou ao lado de sua |boa| avó, que mal póde consolal-a; porque, conhecendo já-a causa da tristeza ~~da querida neta~~, teme vê-la fugir vermelha de pejo; |si| não {finge} ~~fingir~~ com finura que ignora o estado ~~de~~ {do} seu coração.

²⁵²⁹ O dia de |sexta-feira| trouxe ainda algumas novidades |à| ilha ~~de...~~ A Sra. D. { . D. } Anna recebeu cartas que a |tornaram| talvez menos triste, mas sem duvida muito pensativa: {;} a presença da linda neta parecia alentar mais {ainda} essas reflexões, que se |prolongaram| até a tarde do dia seguinte, {tarde} em que um velho e particular amigo de sua familia veio da côrte visital-a; e com a respeitavel senhora ficou ~~duas horas~~ {longo tempo} conferenciando a sós .

²⁵³⁰ Esse homem despediu-se{,} emfim{,} ~~da Sra. D. Anna,~~ deixando-a cheia de prazer; e{,} no momento, em que saltava {para} dentro do seu batel, vendo a interessante Moreninha, ~~que~~ tristemente {a passeiar} ~~passeava~~ á borda do ~~mar~~{oceano}, saudou-a com esta simples palavra, e apontando para o céu.

²⁵³¹ D. Carolina levantou a cabeça; e viu que já o batel cortava as ondas; mas, como para corresponder a tão animador |cumprimento|, ella por sua vez apontou ~~tambem:~~ para o céu; e{,} pondo a ~~outra~~ mão no ~~lugar do coração~~ {peito}, disse:

²⁵³² ...

XXIII

A ESMERALDA E O CAMAFEU²⁵³³

D. Carolina passou uma noite cheia de pena e cuidados, porém já menos ciumenta e despeitada; a boa avó livrou-a d'esses tormentos: na hora do chá, fazendo com habilidade e destreza cahir a conversação sobre o estudante amado, disse:²⁵³⁴

— Aquelle interessante moço, Carolina, parece pagar-nos bem a amizade que lhe temos; não entendes assim?...²⁵³⁵

— Minha avó... eu²⁵³⁶ não sei.

— Dize sempre: pensarás acaso de maneira diversa? A menina hesitou um instante, e depois respondeu:²⁵³⁷

— Se²⁵³⁸ elle pagasse bem, teria vindo domingo.

— Eis uma injustiça, Carolina; desde sabbado à noite que Augusto está na cama, prostrado por uma enfermidade cruel.²⁵³⁹

— Doente?! (exclamou a linda Moreninha extremamente commovida) doente?... em perigo?....²⁵⁴⁰

— Graças a Deos, ha dous dias ficou livre d'elle; hoje já pôde chegar à janella : assim me mandou dizer Felhppe.²⁵⁴¹

²⁵³³ |CAMAFÊU|

²⁵³⁴ ~~D.~~ Carolina passou uma noite |cheia| de pena e cuidados, porém já menos ~~ciumenta~~ {ciumosa} e despeitada; {.} A |boa| avó livrou-a |desses| tormentos; {;} na hora do chá, fazendo com habilidade e |dextreza| cahir a conversação sobre o estudante amado, disse:

²⁵³⁵ temos;-{,} não {acha} ~~entendes assim?~~---

²⁵³⁶ ~~eu~~

²⁵³⁷ — Dize sempre: pensarás acaso de maneira diversa?

A menina hesitou um instante, e depois respondeu: *Corte de parágrafo*

²⁵³⁸ |Si|

²⁵³⁹ — ~~Eis~~-{Que}~~uma~~ injustiça, Carolina;-{!} Desde sabbado |á| noite que Augusto está na cama, prostrado por uma enfermidade cruel.

²⁵⁴⁰ — Doente?! (exclamou a linda Moreninha{,} extremamente commovida) {.} Doente?... em perigo?....

²⁵⁴¹ — Graças a |Deus|, ha |dois| dias ficou livre |delle|; hoje já |pode| chegar |á| janella{, conforme} ÷ ~~assim~~ me mandou dizer |Felippe|.

— Oh!... pobre moço?... senão fosse isso, teria vindo ver-nos!...²⁵⁴²

E pois todos os antigos sentimentos de ciúme e temor da inconstancia do amante se trocarão por anciosas inquietações a respeito de sua molestia.²⁵⁴³

No dia seguinte, ao amanhecer, a amorosa menina despertou, e buscando o toucador, a uma semana esquecido, dividiu seus cabellos nas duas costumadas bellas tranças, que tanto gostava de fazer ondear - pelas espadods ; vestiu o estimado vestido branco, e correu para o rochedo.²⁵⁴⁴

— Eu me alinhei (pensava ella) porque emfim... hoje-é domingo, e talvez... como hontem já pôde chegar à janella, consiga com algum esforço vir vêr-me.²⁵⁴⁵

E quando o. sol começou a reflectir seus raios sobre o liso espelho do mar, ella principiou tambem a cantar sua balada:²⁵⁴⁶

« Eu tenho quinze annos,

E sou morena e linda. »²⁵⁴⁷

Mas, como por encantamento, no instante mesmo em que ella dizia no seu canto:²⁵⁴⁸

²⁵⁴² — Oh!... Pobre moço?(!)... |Si não| fosse isso, teria vindo |vêr-nos|!...

²⁵⁴³ E{,} pois{,} todos os antigos sentimentos de ciúme e temor ~~da~~ {pela} inconstancia do amante se |trocaram| por anciosas inquietações a respeito de sua ~~molestia~~ {doença}.

²⁵⁴⁴ No dia seguinte, ~~ao amanhecer~~, a amorosa menina despertou {ao amanhecer e}, e buscando o toucador, ~~a~~ {ha} uma semana esquecido, dividiu seus cabellos nas duas costumadas ~~bellas~~ tranças, que tanto gostava de fazer ondear ~~—~~ pelas |espaduas|{,} ; vestiu o ~~estimado~~ {lindo} vestido branco, e correu para o rochedo.

²⁵⁴⁵ — Eu me {alindei,} ~~alinhei~~ (pensava ella) {,} porque emfim... hoje-é domingo, e talvez... como hontem já |poude| chegar |à| janella, {talvez} consiga{,} com algum esforço {,} vir |ver-me|.

²⁵⁴⁶ E{,} quando o-sol começou a reflectir seus raios sobre o liso espelho do mar, ~~ella~~ principiou {ella} tambem a cantar sua balada:

²⁵⁴⁷ « Eu tenho quinze annos,

E sou morena e-linda. »

²⁵⁴⁸ Mas, como por ~~encantamento~~ {encanto}, no instante mesmo em que ~~ella dizia no seu canto~~ {cantava}:

« Lá vem sua piroga

Cortando leve os mares...»²⁵⁴⁹

um lindo batelão appareceu ao longe, voando com aza entumecida para a ilha.²⁵⁵⁰ Com força e commoção desusadas bateu o coração a D. Carolina, que citou-se, para só empregar no batel que vinha attentas vistas, cheias de amor e de esperança. Ah! era o batel suspirado.²⁵⁵¹

Quando 6 ligeiro barquinho se approximou sufficientemente, a bella Moreninha distinguuiu dentro delle Augusto, sentado janto de um respeitavel ancião, a quem não pôde conhecer; então ella, vendo que chegavão à praia, fingiu não têl.os sentido, e continuou sua balada :²⁵⁵²

« Emfim abica á praia,

Emfim salta apressado... »²⁵⁵³

Augusto com effeito saltava n'esse momento fóra do batel; depois deu a mão a seu pai para ajudal-o a desembarcar; e D. Carolina, que ainda não mostrava dar fé d'elles, proseguiu seu canto, até que, quando dizia:²⁵⁵⁴

²⁵⁴⁹ «Lá vem sua piroga

Cortando leve {bem} os mares...»

²⁵⁵⁰ um lindo batelão appareceu ao longe, voando com |asa| entumecida para a ilha. *Corte de parágrafo*

²⁵⁵¹ Com força e commoção desusadas bateu o coração {de} a D. Carolina, que {se calou} citou-se, para só empregar no batel que vinha {as} attentas vistas, cheias de amor e de esperança. Ah! Era o batel suspirado {...} *Fim do segundo parágrafo*

²⁵⁵² Quando 6 {o} ligeiro barquinho se approximou sufficientemente, a bella Moreninha distinguuiu dentro delle Augusto, sentado |junto| de {a} um respeitavel ancião, a quem não |poude| conhecer; então ella, { . } Vendo {-os se approximarem da} que chegavão à praia, fingiu não |tel-os| sentido; e continuou sua balada:

²⁵⁵³ « Emfim {,} abica á praia,

Emfim {,} salta apressado... »

²⁵⁵⁴ {Nesse momento,} Augusto{,} com effeito{,} saltava n'esse momento fóra do batel; depois deu {depois} a mão a seu |pae|{,} para ajudal-o a desembarcar; e D. { . } Carolina, que ainda não mostrava {ter dado} dar fé d'elles, proseguiu seu canto{ . }, até que, quando dizia:

« Quando ha de elle correr

Sómente p'ra me vêr... »²⁵⁵⁵

sentiu que Augusto corria para ella. Prazer immenso inundava à alma da menina, para que possa ser descripto: como todos prevêm, a balada foi n'essa estróphe interrompida, D. Carolina, aceitando o braço do estudante, desceu do rochedo, e foi cumprimentar o pai d'elle.²⁵⁵⁶

Ambos os amantes comprehendêrão o que queria dizer a pallidez de seus semblantes, e os vestigios de um padecer de oito dias: guardarão silencio; não tiverão uma palavra para pronunciar; tiverão só olhares para trocar, e suspiros a verter: e para que mais?...²⁵⁵⁷

A. Sra: D. Anna recebeu com sua costumada affabilidade o pai de Augusto, e abraçou a este com ternura. Ao servir-se o almoço ella lhe perguntou:²⁵⁵⁸

— Porque não veio meu neto?²⁵⁵⁹

— Ficou para vir mais tarde com nossos dous amigos Leopoldo e Fabricio.²⁵⁶⁰

— Então teremos um excelente dia.²⁵⁶¹

— Eu o espero.²⁵⁶²

²⁵⁵⁵ «Quando ha de elle correr
Sómente p'ra me vêr... »

²⁵⁵⁶ sentiu que Augusto corria para ella.

Prazer immenso inundava |a| alma da menina, para que possa ser descripto: {;} como todos |preveem|, a balada foi |nessa| estróphe interrompida, ~~D.~~ {e} Carolina, aceitando o braço do estudante, desceu do rochedo, e foi |cumprimentar|{-lhe} o |pae| ~~d'elle~~. *Corte de parágrafo*

²⁵⁵⁷ Ambos os amantes |comprehenderam| o que queria dizer a pallidez de seus semblantes, ~~e os vestigios de um padecer de oito dias: {;} |guardaram| silencio; não tiverão uma palavra para pronunciar; {só} |tiveram| só olhares para trocar, e suspiros a verter: e {.}~~ Para que mais?...

²⁵⁵⁸ ~~A. Sra:~~ D. Anna recebeu com sua costumada affabilidade o |pae| de Augusto, e abraçou a este com ternura. Ao servir-se o almoço ~~ella~~ ~~lhe~~ perguntou{-lhe}:

²⁵⁵⁹ — |Por que| não veio {o} meu neto?

²⁵⁶⁰ — ~~Ficou para vir~~ {Virá} mais tarde com nossos |dous| amigos Leopoldo e Fabricio.

²⁵⁶¹ |excellente| dia{!}.

²⁵⁶² ...

Uma hora depois, o pai de Augusto e a Sra. D. Anna conferenciavam a sós; e os dous namorados achavam-se defronte um do outro no vão de uma janella.

E elles continuavam no silencio; mas olhavam-se com fôgo.

Augusto parecia querer communicar alguma cousa bem extraordinaria à sua interessante amada; porém sempre estremecia ao entreabrir os labios.²⁵⁶³

E D. Carolina, conscia já de sua fraqueza, e como lembrando-se dos pezares que tinha soffrido, não sabia mais servir-se de seus sorrisos com a malicia do tempo da liberdade, e mostrava-se esquecida de seu viver de alegrias e travessuras.²⁵⁶⁴

Alguna grande resolução obrigava o moço: a estar silencioso, como tremendo pelo exito d'ella...²⁵⁶⁵

No fim de muito tempo, elles havião conseguido dizer-se:²⁵⁶⁶

— O mar está bem manso.²⁵⁶⁷

— O dia está sereno.²⁵⁶⁸

Felizmente para elles, a Sra. D. Anna os convidou a entrar no gabinete; Augusto para ahi se dirigiu tremendo, D. Carolina curiosa: quando elles se sentarão, o ancião fallou.²⁵⁶⁹

— Augusto, eu acabo de obter desta respeitavel senhora a honra de te julgar digno de pretenderes à ²⁵⁷⁰mão de sua linda neta; agora resta que alcances o sim da interessante pessoa que amas. Falla.²⁵⁷¹

²⁵⁶³ Uma hora depois; o |pae| de Augusto e a sra. d. Anna |conferenciavam| a sós; ~~e os~~ {, enquanto os} |dous| namorados {se} |achavam-se| defronte um do outro{,} no vão de uma janella. ~~E elles~~ |Continuavam| no silencio; {,} mas |olhavam-se| com |fogo|. Augusto parecia querer communicar alguma cousa bem extraordinaria |à| sua interessante amada; {,} porém{,} ~~sempre~~ {sempre} ao entreabrir os labios. *Junção de parágrafos*

²⁵⁶⁴ E ~~D.~~ Carolina, conscia já ~~de~~ {da} sua fraqueza; e como {a lembrar-se} ~~lembrando-se~~ dos pezares ~~que tinha soffrido~~ {soffridos}, não sabia ~~mais~~ servir-se ~~de~~ {dos} seus sorrisos com a malicia ~~do tempo da liberdade, e mostrava-se~~ {de outr'ora, já} esquecida de seu viver de alegrias e travessuras.

²⁵⁶⁵ moço; a estar silencioso, como tremendo pelo exito |della|...

²⁵⁶⁶ No fim {Ao fim} de muito tempo, elles |havião| {elles} conseguido dizer-se:

²⁵⁶⁷ ...

²⁵⁶⁸ — {E} o dia está sereno{...}:-

²⁵⁶⁹ Felizmente para elles, ~~a Sra. D.~~ {d.} Anna ~~os~~ convidou{-os} a entrar ~~no~~ {para o} gabinete; Augusto para ~~ahi~~ {lá} se dirigiu ~~tremendo, D.~~ {tremulo e} Carolina{,} curiosa; {;} quando {ambos} ~~elles-se~~ |sentaram|,-o ancião |falou|:

²⁵⁷⁰ de pretenderes à-{da}

Tanto D. Carolina, como o pobre estudante, ficarão côm de nacar; houve bons cinco minutos de silencio: o pai de Augusto instou para que elle fallasse, e o bom do rapaz não fez mais que olhar para a moça com ternura, abrir a boca, e fechou-a de novo, sem dizer palavra.²⁵⁷²

A Sra. D. Anna tomou então a palavra e disse sorrindo-se:²⁵⁷³

— Emfim, é necessario que os ajudemos: Carolina, o Sr. Augusto te ama, e te quer para sua esposa; tu que dizes...²⁵⁷⁴

Nem palavra.

Foi preciso que se repetisse pela terceira vez a pergunta, para que a menina, sem levantar a cabeça, murmurasse apenas:

— Minha avó... eu não sei.²⁵⁷⁵

— Pois creio que ninguem melhor que tu o poderá saber. Desejas que eu responda em teu nome?...

A bella Moreninha pensou um momento... não pôde²⁵⁷⁶ vencer-se, sorriu-se como se sorria d'antes,²⁵⁷⁷ e, erguendo a cabeça, disse:

— Eu rogo que d'aqui²⁵⁷⁸ a meia hora se vá receber a minha resposta na gruta do jardim.

— Quererás consultar a fonte? Pois bem²⁵⁷⁹ iremos.

D. Carolina sahio com ar meio acanhado e meio maligno. Passados alguns instantes, a Sra. D. Anna, como quem estava certa do resultado da meia hora de reflexão, e já por tal podia gracejar com os noivos, disse a Augusto :²⁵⁸⁰

²⁵⁷¹ ; ~~agora~~ resta {agora} que alcances o fim da interessante pessoa que amas. [Fala].

²⁵⁷² Tanto D. Carolina, como o pobre estudante, [ficaram] côm de nacar; houve bons cinco minutos de silencio: {;} o [pai] de Augusto instou para que elle fallasse, e o bom do rapaz não fez {além de} ~~mais~~ que olhar para a moça com ternura, abrir a [bocca], e fechou-a de novo, sem dizer palavra.

²⁵⁷³ A Sra. D. Anna tomou{,} então{,} a palavra e disse{,} sorrindo-se:

²⁵⁷⁴ — ~~Emfim~~, [E'] necessario que os ajudemos: {;} Carolina, o sr. Augusto te ama, e te quer para sua esposa; tu {,} Que dizes{?}...

²⁵⁷⁵ ...

²⁵⁷⁶ [pode]

²⁵⁷⁷ se sorria d'antes,

²⁵⁷⁸ [daqui]

²⁵⁷⁹ {, lá}

— O senhor não quer reflectir tambem no jardim?²⁵⁸¹

O estudante não esperou segundo conselho, e para logo dirigiu-se à gruta. D. Carolina estava sentada no banco de relva; seu rosto, sem poder occultar a commoção e o pejo que lhe produzia o objecto de que se tratava, tinha comtudo retomado o antigo verniz do prazer e malicia; vendo entrar o moço, disse :²⁵⁸²

— Eu creio que ainda se não passou meia hora.²⁵⁸³

— Ah! podia²⁵⁸⁴ eu esperar tanto tempo?...

— Acaso veio perguntar-me alguma cousa²⁵⁸⁵?...

— Não, minha senhora,²⁵⁸⁶ eu só venho ouvir a minha sentença.

— Então... pede-me para sua... esposa?²⁵⁸⁷

— A senhora o ouviu a²⁵⁸⁸ pouco.

— Pois bem, Sr.²⁵⁸⁹ Augusto; veja como verificou-se o prognostico que fiz do seu futuro! Não se lembra que aqui mesmo lhe disse « que não longe estava o dia em que o senhor havia de esquecer sua mulher? » .²⁵⁹⁰

— Mas eu nunca fui casado... (murmurou o estudante.)²⁵⁹¹

— Oh!²⁵⁹² isso é uma recommendação contra a sua constancia !...

— E quem tem culpa de tudo, senhora?...²⁵⁹³

²⁵⁸⁰ D. Carolina sahio com ar ~~meio~~ {entre} acanhado e ~~meio~~ maligno. Passados alguns instantes, a Sra. D. {d.} Anna, como ~~quem estava~~ certa do resultado da meia hora de reflexão, e já ~~por tal podia~~ {podendo} gracejar com os noivos, disse a Augusto :

²⁵⁸¹ — {Não quer} o {sr.} ~~senhor não quer reflectir~~ {reflectir} tambem {reflectir} no jardim?

²⁵⁸² O estudante não esperou segundo conselho; e para logo {se dirigiu} ~~dirigiu-se~~ lá gruta. D. Carolina estava sentada no banco de relva; seu rosto, sem poder occultar a commoção e o pejo que lhe produzia o objecto de que se tratava, tinha{,} comtudo{,} retomado o antigo verniz do prazer e malicia; vendo entrar o moço, disse:

²⁵⁸³ — ~~Eu~~ Creio que ainda ~~se não~~ {não se} passou meia hora{...};

²⁵⁸⁴ Podia

²⁵⁸⁵ |coisa|

²⁵⁸⁶ ,

²⁵⁸⁷ {...}

²⁵⁸⁸ ha

²⁵⁸⁹ sr.

²⁵⁹⁰ « {“} que não longe estava o dia em que ~~o senhor~~ havia de esquecer sua mulher? {“} ».

²⁵⁹¹ — Mas eu nunca fui casado{!}... {murmurou o estudante.}

²⁵⁹² ,

— Muito a tempo ainda me lança em rosto a parte que tenho na sua infidelidade; pois eu emendarei a mão agora. O senhor ha de cumprir a palavra que deu a²⁵⁹⁴ sete annos!

Augusto recuou dous²⁵⁹⁵ passos.

— O senhor é um moço honrado; (continuou a cruel Moreninha) e portanto cumprirá a palavra que deu, e só casará com sua desposada antiga.²⁵⁹⁶

— Oh!... agora já é impossivel!²⁵⁹⁷

— Ella deve ser uma bonita moça!... teria razão de queixar-se contra mim, se eu roubasse um coração que lhe pertence... até por direito de antiguidade : ora eu, apezar de ser travêssa, não sou má ; e portanto o senhor só será esposo d'essa menina.²⁵⁹⁸

— Jámais!...²⁵⁹⁹

— Juro-lhe que ha de sêl-o²⁶⁰⁰.

— E quem me poderá obrigar?...²⁶⁰¹

— Eu, pedindo²⁶⁰².

— A senhora?...²⁶⁰³

— E a honra, mandando²⁶⁰⁴.

— Para que pois animou o amor que pela senhora sinto?...²⁶⁰⁵

— Pará satisfazer a minha vaidade de moça; sómente para isso. Eu o ouvi gabar-se de que nenhuma mulher seria capaz de conserval-o em amoroso enleio por mais de

²⁵⁹³ ...

²⁵⁹⁴ ha

²⁵⁹⁵ |dois|

²⁵⁹⁶ — O senhor é um moço honrado;({,} continuou a cruel Moreninha) {;} e{,} portanto{,} cumprirá a palavra que deu, e só casará com sua desposada antiga.

²⁵⁹⁷ — Oh!... Agora já é impossivel! {...}

²⁵⁹⁸ — Ella deve ser uma bonita moça!... teria razão de queixar-se {de} ~~contra~~ mim, |si| eu roubasse um coração que lhe pertence... até por direito de antiguidade{;} ÷ ora{,} eu, apezar de ~~ser~~ |travessa|, não sou má ; e{,} portanto{,} o senhor só será esposo |dessa| menina.

²⁵⁹⁹ ...

²⁶⁰⁰ |sel-o|

²⁶⁰¹ ...

²⁶⁰² {-lhe}

²⁶⁰³ ...

²⁶⁰⁴ ordenando-lhe

²⁶⁰⁵ — Para que{,} pois{,} animou ~~o~~ {este} amor que pela senhora sinto?...

tres dias, e desejei vingar a injuria feita a meu sexo: trabalhei, confesso que trabalhei por prendel-o; fiz talvez mais do que devia, só para ter a gloria de perguntar-lhe uma vez, como agora o faço: « Então, senhor, quem venceu, o homem ou à mulher?... »²⁶⁰⁶

— Foi a belleza!²⁶⁰⁷

— Porém já passou o tempo do galanteio; e e eu devo lembrar lhe o dever, que com a paixão esquece. Escute: de idade de treze annos, o senhor amou uma linda e travessa menina, que contava apenas sete.²⁶⁰⁸

— Já a senhora em outra occasião me disse isso mesmo.²⁶⁰⁹

— Junto ao leito de um morinbundo jurou que havia de amal-a para sempre.

— Foi um juramento de criança.²⁶¹⁰

— Embora, foi um juramento; trocou com ella ahi mesmo prendas de amor: e quando a menina lhe apresentar a que recebeu e lhe pedir a que lhe offereceu, e o senhor aceitou?...²⁶¹¹

— Ah! Senhora!...²⁶¹²

— Quando o velho morinbundo, dando-lhe o breve de côr branca, disse — Tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina; elle contem o vosso camafeu: se tendes bsatante força para ser constante e amar para sempre aquella bello

²⁶⁰⁶ — [Para] satisfazer a{s} minha{s} vaidade{s} de moça; {,} |samente| para isso. Eu o ouvi gabar-se de que nenhuma mulher seria capaz de conserval-o em amoroso enleio por mais de tres dias; {;} e desejei {quis} vingar a injuria feita a meu sexo; {;} trabalhei, confesso que trabalhei ~~por~~ {para} prendel-o; fiz talvez mais do que devia, só para ter a gloria de perguntar-lhe uma vez, como agora o faço: « {“} Então, senhor, quem venceu; {;} o homem ou |a| mulher?... »

²⁶⁰⁷ {...}

²⁶⁰⁸ — ~~Porém~~ Já passou{, porém,} o tempo do galanteio; {,} e e eu devo lembrar lhe o dever, que com a paixão esquece. Escute: de {na} idade de treze annos, o senhor amou uma linda e travessa menina, que contava ~~apenas~~ sete.

²⁶⁰⁹ ...

²⁶¹⁰ |creança|{...};

²⁶¹¹ — Embora, foi um juramento; { . E} trocou com ella ~~ahi mesmo~~ prendas de amor; e { .} Quando a menina lhe apresentar a que recebeu e lhe pedir a que lhe offereceu, e o senhor |acceitou| {, que dirá}?...

²⁶¹² — Ah! {,} senhora!...

anjo, dai lho'o, para que ella o guarde com desvelo— porque deu o senhor o breve à menina?...²⁶¹³

— Porque eu era um louco! uma criança²⁶¹⁴!...

— E nem ao menos se lembra de que o velho disse com voz inspirada. «Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre!... lá no fundo vós o sentireis? » Não tem o senhor esperança de ver realizar-se essa bella prophesia? não se lembra de ouvi-la?... Pois ella soou bem docemente no meu coração, quando às escondidas a escutei repetida n'esta gruta por seus labios²⁶¹⁵.

— Oh! mas porque Deus não me prendeu a essa menina nos laços indissolueis, antes que eu visse o lindo anjo d'esta ilha?...²⁶¹⁶

— E como, senhor, posso eu acreditar nos seus protestos de ternura e constancia, se²⁶¹⁷ já o vejo faltar à fé a outra?... Senhor! senhor! o que foi que prometteu a sete annos passados!...²⁶¹⁸

— Então eu não pensava no que fazia.²⁶¹⁹

— E agora pensa no que quer fazer?

— Penso que sou um desgraçado, um louco! ... penso²⁶²⁰ que é uma barbaridade inqualificavel que, emquanto eu padeço, soffro mil torturas, deixe a senhora brincar nos seus labios o sorriso com que costuma encantar para matar; penso...²⁶²¹

— Acabe!

²⁶¹³ , disse{:} — {“} [Tomae] este breve, cuja côr exprime a candura da alma [daquella] menina; elle contem o vosso camafeu: [si] tendes bsatante força para ser constante e amar para sempre aquelle bello anjo, [dae lh'o], para que ella o guarde com desvelo{“} — porque deu o senhor o breve [á] menina?...

²⁶¹⁴ ‡ {,} uma [creança]

²⁶¹⁵ — E nem ao menos se lembra de que o velho disse com voz inspirada:— {“} Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre!... lá no fundo vós o sentireis? » {“} Não tem o senhor esperança de [vêr] [realizar-se] essa bella prophesia? ~~não se lembra de ouvi-la?...~~ Pois ella [sôou] bem docemente no meu coração, quando [ás] escondidas a escutei repetida [nesta] gruta por seus labios

²⁶¹⁶ — Oh! {,} mas [por que] Deus não me prendeu a essa menina nos laços indissolueis, antes que eu visse o lindo anjo [desta] ilha?---

²⁶¹⁷ [si]

²⁶¹⁸ fé a {de} outra?... Senhor! {,} senhor!-{,} e que foi que prometteu a sete annos passados! {?} ...

²⁶¹⁹ ...

²⁶²⁰ Penso

²⁶²¹ emquanto eu padeço; {e} soffro mil torturas, deixe a senhora brincar nos seus labios o sorriso com que costuma encantar para matar; pensø...

— Penso que devo fugir para sempre d'esta ilha fatal, deixar aquella cidade detestavel; abandonar esta terra de minha patria, onde posso ser outra vez feliz!... penso que a lembrança do meu passado faz a minha desgraça, que o presente me enlouquece e me mata, que o futuro... Oh! já haverá futuro para mim!... Adeos, senhora! ...²⁶²²

— Então parte?...

— E para sempre.²⁶²³

D. Carolina deixou cahir uma lagrima, e fallou ainda, mas já com voz fraca e tremula:²⁶²⁴

— Sim, deve partir... vá... talvez encontre aquella a quem jurou amor eterno...

Ah! senhor! nunca lhe²⁶²⁵ seja perjuro.

— Se²⁶²⁶ eu a encontrasse!...

— Então?... que faria?...²⁶²⁷

— Atirar-me-hia a seus pés, abraçar-me-hia com elles, e lhe diria: « Perdoai-me, perdoai-me, senhora; eu já não posso ser vosso esposo tomai a prenda que me destes... »²⁶²⁸

E o infeliz amante arrancou debaixo da camisa um breve, que convulsivamente apertou na mão.

— O breve verde !... (exclamou D. Carolina) o breve que contém a esmeralda!...²⁶²⁹

²⁶²² — Penso que devo fugir para sempre |desta| ilha fatal, deixar aquella cidade detestavel; {,} abandonar esta terra de minha patria, onde {não} posso ser outra vez feliz!... Penso que a lembrança do meu passado faz a minha desgraça, que o presente me enlouquece e me mata, {e} que o futuro... Oh! já {não} haverá futuro para mim!... |Adeus|, senhora! ...

²⁶²³ ...

²⁶²⁴ D. Carolina |deixou| cahir uma lagrima, e |falou| ainda, mas já com |voz| fraca e tremula:

²⁶²⁵ ~~lhe~~

²⁶²⁶ |Si|

²⁶²⁷ — ~~Então?... que faria?...~~

²⁶²⁸ — |Atirar-me-ia| a seus pés, |abraçar-me-ia| com elles, e lhe diria: « {“}|Perdoae-me|, |perdoae-me|, senhora; {;} eu já não posso ~~ser~~ {ver} vosso esposo {;} |tomae| a prenda que me |deste|... {“} »

²⁶²⁹ — O breve verde !... {exclamou D. Carolina} {;} O breve que contém a esmeralda!...

— Eu lhe diria (continuou Augusto) « recebei este breve, que já não devo conservar; porque eu amo outra, que não sois vós, queé mais bella e mais cruel do que vós !... »²⁶³⁰

À scena se estava tornando pathctica; ambos choravão, e só passados alguns instantes a inexplicavel Moreninha pôde fallar, e responder ao triste estudante.²⁶³¹

— Oh! pois bem; (disse) vá ter com sua antiga desposada, repita-lhe o que acaba de dizer; e se ella ceder, se perdoar, volte, que eu serei sua... esposa.²⁶³²

— Sim... eu corro!... Mas, meu Deus, onde poderei achar essa moça, a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer?... onde, meu Deus?... onde?...²⁶³³

E tornou a deixar correr o pranto, por um momento suspendido.²⁶³⁴

— Espere; (tornou D. Carolina) escute, senhor. Houve um dia, quando minha mãe era viva, em que eu tambem socorri um velho moribundo; como o senhor e sua camarada, matei a fome de sua familia, e cobri a nudez de seus filhos; em signal de reconhecimento, tambem esse velho me fez um presente, deu-me: uma reliquia milagrosa, que, asseverou--me elle, tem o podêr uma vez na vida de quem a possui, de dar o que se deseja: eu cosi essa reliquia dentro de um breve; ainda não lhe pedi cousa alguma, mas trago-a sempre comigo; eu lha cedo... tome o breve, descosa-o, tire a reliquia, e à mercê d'ella encontre sua antiga amada, obtenha o seu perdão, e me terá por esposa.²⁶³⁵

²⁶³⁰ — Eu lhe diria{,} (continuou Augusto{:}) « recebei este breve, que já não devo conservar; porque eu amo outra; que não sois vós, que é mais bella e mais cruel do que vós !... »{“”}

²⁶³¹ À {A} scena se {tornara} ~~estava tornando~~ pathctica; ambos |choravam|; e só passados alguns instantes a inexplicavel Moreninha |pode| |falar|; e responder ao triste estudante.

²⁶³² — Oh! Pois bem; ~~(disse)~~ {,} vá ter com sua ~~antiga~~ desposada, repita-lhe o que acaba de dizer; e |si| ella ceder, |si| perdoar, volte, que eu serei sua ~~—~~ esposa.

²⁶³³ — Sim...{,} eu corro!... Mas, meu Deus, onde poderei achar ~~essa~~ {esta} moça, a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer?... Onde, meu Deus? ~~—~~ {,} onde?...

²⁶³⁴ E tornou a deixar correr o pranto, por um momento ~~suspendido~~ {suspenso}.

²⁶³⁵ — Espere; ~~{,}~~ tornou D. Carolina) {;} escute, senhor. ~~Houve~~ Um dia {houve}, quando minha |mãe| era viva, em que eu tambem socorri um velho moribundo; ~~como~~ {do mesmo modo que} o senhor e sua camarada, matei{-lhe} a |fome| ~~de sua~~ {da} familia; e cobri a nudez {dos} ~~de seus~~ filhos; em signal de reconhecimento, ~~tambem esse~~ {este} velho me fez um presente; {;} deu-me: uma reliquia milagrosa; que, asseverou-me elle, tem o |poder| {de dar,} uma vez na vida de quem a possui, ~~de dar~~ o que se deseja; {;} eu cosi essa reliquia dentro de um breve; ainda não lhe pedi cousa alguma, mas trago-a sempre

— Isto tudo me parece um sonho; (respondeu Augusto) porém dê-me, dê-me esse breve!²⁶³⁶

A menina com effeito entregou o breve ao estudante, que começou a descosel-o precipitadamente. Aquella reliquia, que se dizia milagrosa, era sua ultima esperança; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra à mais leve taboa, elle se abraçava com ella. Só falta a derradeira capa do breve... eil-a que cede e se descose... salta uma pedra... e Augusto, enthusiasmado e como delirante, cahe aos pés de D. Carolina, exclamando:²⁶³⁷

— O meu camafeu!... o meu camafeu! ...²⁶³⁸

A Sra. D. Anna e o pai de Augusto entram n'esse instante na gruta, e encontram o feliz fervoroso amante de joelhos, e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que tambem por sua parte chorava de prazer.²⁶³⁹

— Que loucura é esta? (perguntou a Sra. D. Anna).²⁶⁴⁰

— Achei minha mulher!... (bradava Augusto) encontrei minha mulher!... encontrei minha mulher!...²⁶⁴¹

— Que quer dizer isto, Carolina?...

— Ahi! minha bôa avó! (respondeu a travessa Moreninha ingenuamente) nós eramos conhecidos antigos.²⁶⁴²

|commigo|; eu lh{|}a cedo... tome o breve, descosa-o, tire a reliquia, e à mercê |della| {talvez} encontre sua antiga amada, {|} Obtenha{|-lhe} o seu perdão, e me terá {ter-me-á} por esposa.

²⁶³⁶ — Isto tudo me parece um sonho{|}; (respondeu Augusto){|}; porém dê-me, dê-me esse breve+{|...}

²⁶³⁷ A menina{|,} com effeito{|,} entregou o breve ao estudante, que começou a descosel-o precipitadamente. Aquella reliquia, que se dizia milagrosa, era sua ultima esperança; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra |á| mais leve taboa, elle se abraçava com ella. Só ~~falta~~ {faltava} a derradeira capa do breve... eil-a que cede e se descose... Salta uma pedra... e Augusto, ~~enthusiasmado e como delirante~~ {delirante}, cahe aos pés de ~~D.~~ Carolina, exclamando:

²⁶³⁸ — O meu |camafêu|!... O meu |camafêu|! ...

²⁶³⁹ A {senhora d.} ~~Sra. D.~~ Anna e o |pae| de Augusto ~~entram~~ {entraram} |nesse| instante na gruta, e |encontram| o feliz fervoroso amante de |joelhos|, e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que tambem por sua parte chorava de prazer.

²⁶⁴⁰ (perguntou a ~~Sra. D.~~ {d.} Anna).

²⁶⁴¹ — Achei minha mulher!... {bradava Augusto} {|} encontrei minha mulher!... encontrei minha mulher!...

²⁶⁴² — Ahi! minha |boa| avó!{|...} (respondeu a |travessa| Moreninha{|,} ingenuamente) {|} nós eramos conhecidos antigos{|...}.

EPILOGO

A chegada de Fellippe, Fabricio e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer que reinava na gruta: o projecto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mysterio para elles, tendo sido, como foi, elaborado por Fellippe, de accordo com o pai do noivo, que fizera a proposta, e com o velho amigo que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a Sra. D. Anna; e portanto, o tempo que se gastaria em explicações passou-se em abraços.²⁶⁴³

— Muito bem! muito bem! (disse por fim Fellippe) quem poz o fogo ao pé da polvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sanct' Anna connosco.²⁶⁴⁴

— Então estás arrependido?...²⁶⁴⁵

— Não, por certo, apesar de me roubares minha irmã: finalmente para este thesouro sempre teria de haver um ladrão: ainda bem que foste tu que o ganhaste.²⁶⁴⁶

— Mas, meu maninho, elle perdeu ganhando...

— Como?...

— Estamos no dia 20 de Agosto: um mez!

— É verdade!... um mez!... (exclamou Fellippe).²⁶⁴⁷

— Um mez!... (gritaram Fabricio e Leopoldo).²⁶⁴⁸

— Eu não entendo isto! (disse a Sra. D. Anna).²⁶⁴⁹

²⁶⁴³ A chegada de [Felippe], Fabricio e Leopoldo {ainda} veio dar ~~ainda~~ mais viveza ao prazer {reinante} ~~que reinava~~ na gruta: {;} o projecto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mysterio para elles, tendo sido, como foi, elaborado por [Felippe], de accordo com o [pae] do noivo, ~~que fizera a proposta, e com o velho amigo que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a Sra. D. Anna;~~ e{,} portanto, o tempo que se gastaria em explicações{,} passou-se em abraços.

²⁶⁴⁴ — Muito bem! muito bem! {disse por fim [Felippe]} {;} Quem poz o fogo ao pé da polvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sanet' Anna connosco.

²⁶⁴⁵ — Estás, então, arrependido?...

²⁶⁴⁶ — Não, por certo, [apesar] de me roubares {a} ~~minha~~ irmã: {;} mas como} ~~finalmente~~ para este thesouro sempre teria de haver um ladrão: {,} ainda bem que ~~foste tu que~~ o ganhaste.

²⁶⁴⁷ — [E'] verdade!... Um mez!... {exclamou [Felippe]}.

²⁶⁴⁸ {gritaram} Fabricio e Leopoldo}.

²⁶⁴⁹ — Eu não entendo isto {nada}! {disse a ~~Sra. D.~~ {d.} Anna}.

— Minha bôa avó, (acudiu a noiva) isto quer dizer que finalmente está presa a borboleta.²⁶⁵⁰

— Minha bôa avó, (exclamou Fellippe) isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.²⁶⁵¹

— Já está prompto (respondeu o noivo.)²⁶⁵²

— Como se intitula²⁶⁵³?

— A MORENINHA²⁶⁵⁴

PARIS. — TIP. PORT. DE SIMÃO RAÇON E COMP. RUA D' EAFURT, 1.²⁶⁵⁵

²⁶⁵⁰ — Minha |boa| avó, {acudiu a noiva } isto quer dizer que{,} finalmente{,} está presa a borboleta.

²⁶⁵¹ — Minha |boa| avó, {exclamou |Felippe| }{:} isto quer dizer que Augusto ~~deve-me~~ {me deve} um romance.

²⁶⁵² {respondeu {, declarou} o noivo.)

²⁶⁵³ se chama

²⁶⁵⁴ {...}

²⁶⁵⁵ * Na próxima página impar, a edição lobatiana traz um índice.

ⁱ 1 Allude ao tão conhecido epigramma de Bocage:

« Quando a velha antiguidade

« Por estas casas entrou,

« Disse áquelle canapé:

« Sua benção, meu avó.

Na edição de Lobato:

(1) Allude ao conhecido epigramma de Bocage:

Quando a velha antiguidade

Por estas casas entrou,

Disse àquelle canapé:

— Sua benção, meu avô.